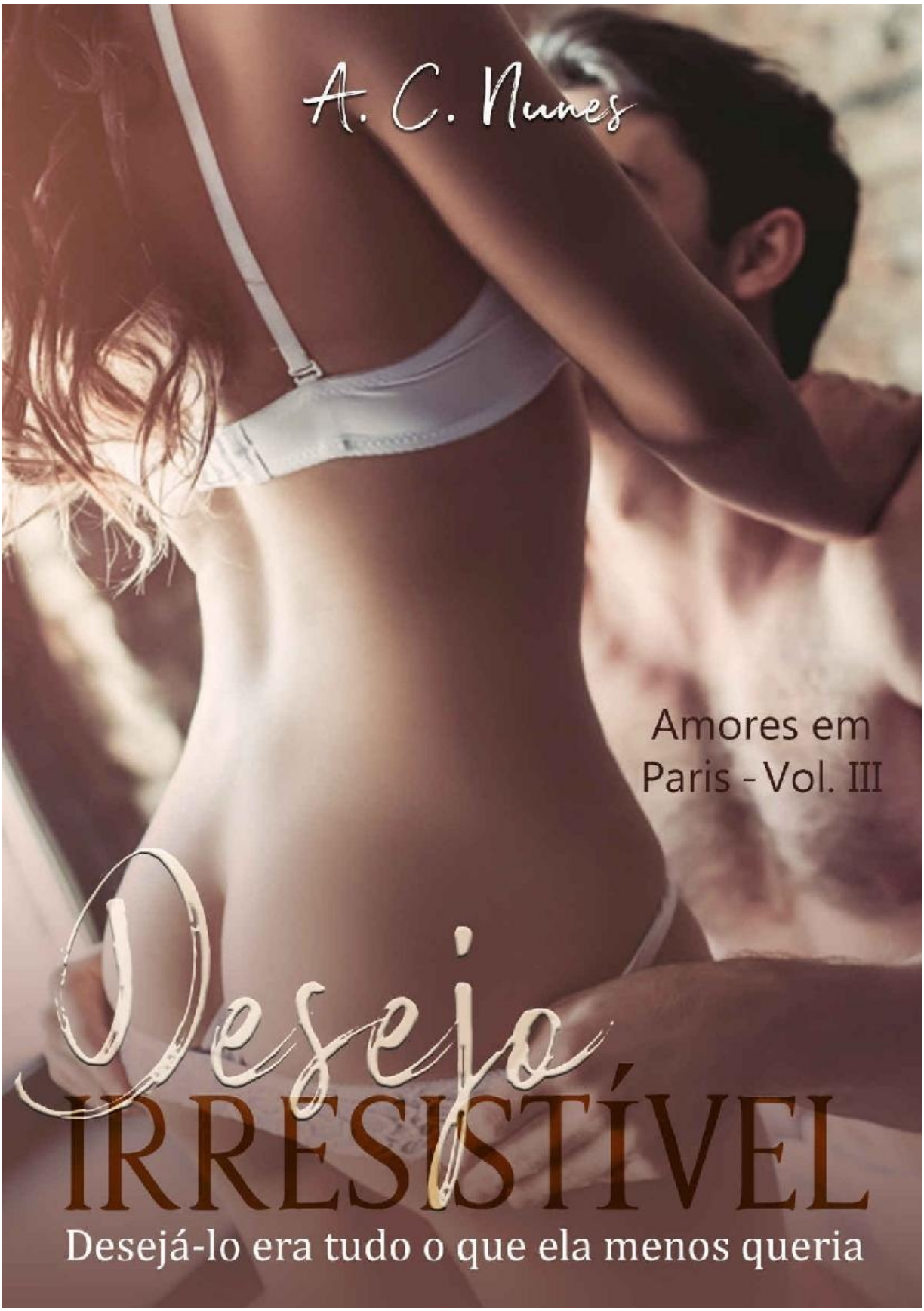

A. C. Nunes
Amores em Paris - Vol. III
Desejo
IRRESISTÍVEL
Desejá-lo era tudo o que ela menos queria

Copyright © 2019 A. C. Nunes

Capa: Ge Benjamim – Design Editorial

Diagramação: Amanda Nunes

Revisão: Amanda Nunes

Revisão final: Victória Gomes

Todos os direitos reservados.

Desejo Irresistível

1. Romance.

2. Literatura Brasileira.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610.

De Fevereiro de 1998 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra de ficção e toda e qualquer semelhança com pessoas ou situações reais terá sido mera coincidência.

ÍNDICE

ÍNDICE

PRÓLOGO

ERRO TERRÍVEL

OBSESSÃO

INSISTÊNCIA

A PACIENTE

SINAIS

DEPOIMENTO

PODERIO

INQUIETA AFLIÇÃO

“L’HABIT NE FAIT PAS LE MOINE”

VERDADEIRA FACE

IMPUNIDADE

DESPEDIDA

SEGUIR EM FRENTE

SITUAÇÃO DELICADA

ENTRE TÚMULOS E MAUSOLÉUS

CEDO DEMAIS

UM PRETEXTO PRA TE VER

CONFIE EM MIM

COMPROMETIDOS

BÔNUS – PLATÔNICO

MALES QUE VÊM PARA O BEM

MALDITOS IMPREVISTOS

BAILE A DOIS

DESEJO IRRESISTÍVEL

PRAZER CONDUZIDO

UNE SURPRISE

MUITAS FORMAS DE AMAR

MUITAS FORMAS DE PRAZER

PASSOS IMPORTANTES

FRATERNO

PERDAS

BOLHA DE AMOR

SÚBITA MUDANÇA

FANTASIA

MEDO IRRACIONAL

CIÚMES

REAÇÃO EXAGERADA

DECISÃO DIFÍCIL

AMEAÇA

ÀS CLARAS

TÉRMINO

AUSÊNCIA

CONSCIÊNCIA

ALGO EM TROCA

VALENTIN

O JOIO DO TRIGO

FAMÍLIA LAURENT

CONFRATERNIZAÇÃO

EPÍLOGO

PECADO IRRESISTÍVEL

PAIXÃO IRRESISTÍVEL

PRÓXIMO LANÇAMENTO

CONTATOS DA AUTORA

PRÓLOGO

PIERRE

Meu celular vibra dentro do meu bolso pela vigésima vez no dia, que mal começou. Forço um sorriso para a paciente — uma menina de dezessete anos, grávida — e prescrevo a medicação, tentando ignorar o maldito telefone. Mesmo se pudesse, não atenderia.

— Não sei como vou contar isso à minha mãe — a adolescente diz, enquanto assino a prescrição. — Quando ela chegar aqui, provavelmente serei uma adolescente morta. Por que teve que ligar para ela, *docteur* Laurent? — pergunta em tom magoado, como se o que fiz fosse o maior erro da face da Terra.

— Você chegou sozinha essa madrugada, com dores de parto aos seis meses de gestação, é menor de idade e seus pais não sabem da sua gravidez.

É o procedimento do hospital, Hellene — explico-me, arrancando a receita médica e a entregando. — Terá alta assim que sua mãe chegar. Uma enfermeira irá me avisar, e vamos conversar com ela, eu e você, juntos. Se for preciso, terão acompanhamento de uma assistente social. — Aproximo-me da menina, acariciando seus cabelos morenos. Sorrio e praguejo pelo celular que torna a tocar. — Vai ficar tudo bem.

Hellene acena em positivo, apesar da expressão contrariada.

Saco o celular do meu bolso, irritado de como vibra. O nome pisca insistentemente na tela. Suspiro e deslizo o dedo pelo botão vermelho, ignorando sua chamada. A última coisa de que preciso é de ser atazanado no meu plantão. Caminho rapidamente até as salas de descanso e agradeço por encontrar uma vazia. Preciso de um cochilo. Fecho a porta e me recosto na madeira, afagando o rosto. O maldito volta a tocar. Irado, arranco a bateria e o jogo na mesinha de cabeceira do beliche. No meio da escuridão, consigo ouvir meu coração descompassado, minha respiração ruidosa. O plantão que já está virando quarenta e oito horas cobra seu preço sobre meu corpo e

mente. Nunca mais prometo cobrir turnos que não são meus.

Só mais algumas horas, Pierre, penso comigo, *e poderá ir embora.*

Deito-me na cama debaixo, debruço, agradecendo o momento que posso fechar meus olhos. Meu cochilo não dura muito. O *bip* no meu bolso me chama ao dever. Levanto-me rapidamente e saio da salinha, encontrando-me com uma enfermeira.

— Emergência chegando, doutor Laurent — informa, andando rapidamente.

— Não estou cobrindo a emergência — rebato, meio mal-humorado.

— É Menard quem está lá.

— O plantão dela acabou há meia hora, mas o plantonista da vez ainda não chegou.

Tento me recordar quem está na escala. Morin. Sempre ele. Ainda não sei por que a administração não o afastou de suas funções. Sempre chega atrasado e deixa os plantões pela metade para trepar com enfermeiras ou internas.

— Qual o caso? — pergunto, querendo me esquecer do irresponsável.

A enfermeira olha a prancheta em suas mãos, enquanto paro no corredor para vestir luvas, máscara e vestimenta adequada.

— Juliette Gautier, vinte e oito anos. Foi encontrada espancada atrás de uma cafeteria. Os paramédicos encontraram entre os pertences dela um exame de farmácia. Positivo. Está grávida de oito semanas.

Olho imediatamente para a enfermeira, assustado com a informação.

Não tenho tempo de questionar se o que ouvi é realmente que uma mulher grávida foi espancada, pois os paramédicos que a socorreram entram correndo, empurrando-a na maca.

Decido esquecer isso por ora e vou em direção à paciente, recebendo todas as informações da moça: idade, gênero, pressão arterial, batimentos cardíacos, principais pontos onde foi machucada e sua situação de gestante, enquanto a minha equipe troca de lugar com os paramédicos.

Arrasto a maca, empregando certa velocidade, pois cada segundo é de extrema importância para salvarmos a paciente. A moça tem hematomas por

todo corpo, principalmente no rosto, que está bem inchado, em especial a face direita.

— Vamos para a ressonância magnética. Chamem o neurologista de plantão! — ordeno, virando a maca em uma curva à esquerda. Internos, médicos, residentes e enfermeiras vão abrindo caminho conforme avanço.

Ao olhar para baixo, vejo-a recobrando a consciência. Seus olhos machucados e castanhos estão abatidos e confusos. Muito provavelmente está perdida com tudo o que está acontecendo. Ela me olha fixamente, provocando algo inexplicável dentro de mim. Parece tentar dizer alguma coisa, mas os tubos que a auxiliam na respiração não permitem. Um movimento débil dos seus dedos chama minha atenção. A moça está tentando dizer alguma coisa. Por algum motivo, sorrio para ela e seguro sua mão, o que a faz olhar para meu toque.

— Está tudo bem — acalento-a e só então me dou conta de que posso simplesmente estar dando esperanças falsas a essa mulher. Ainda assim, entendo

o seu questionamento, a preocupação nos seus traços feridos. — Os paramédicos encontraram um exame de farmácia na sua bolsa — falo, para que saiba que faremos o possível por ela e pelo seu filho. — Vamos cuidar muito bem de você e do seu bebê. Tudo bem?

Com dificuldade, ela acena em positivo.

— Doutor Pierre, os batimentos cardíacos dela estão caindo — uma das enfermeiras diz.

Cravo meus olhos nela, que tornou a ficar inconsciente, enquanto ainda corremos loucamente pelos corredores até a ressonância magnética.

Pergunto-me o que justificaria uma ação tão bárbara contra uma mulher, uma mulher grávida. A enfermeira me chama de novo, informando-me o mesmo.

Passado o horror do momento, de atender uma paciente nessas condições, volto ao meu modo normal e ministro uma medicação para regular seus batimentos cardíacos.

ERRO TERRÍVEL

JULIETTE

Cometi um erro terrível.

Só me dou conta disso quando rolo na cama e sinto seu corpo masculino quente e nu roçar no meu. Abro os olhos e me deparo com ele já acordado, a cabeça apoiada na mão direita, olhando-me com um leve sorriso.

Seus cabelos curtos e volumosos estão bem bagunçados, os olhos ainda inchados de sono. Não posso negar que Antony Leclerc é um homem bonito, com uma beleza particular. Os fios pretos têm alguns brancos, denunciando que beira os quarenta anos.

Mas é um homem casado.

Meu Deus! Dormi com um homem casado.

Devo expressar algum tipo de arrependimento, porque ele franze as grossas

sobrancelhas e estica um indicador longo para me afagar a bochecha.

— Imagino o que está pensando — sussurra, sem deixar sua carícia no meu rosto.

Pisco algumas vezes, ainda absorvendo essa situação toda. Um sentimento insólito se instala no meu coração; não sei se é arrependimento ou repulsa de mim mesma. Deve ser repulsa. Eu me deixei ser seduzida por ele, pelo seu sorriso contagiante, pelas vezes em que apareceu na cafeteria, transtornado, cheio de olheiras e cansado, dizendo que não aguentava mais o casamento fracassado.

Eu o conheço já tem algum tempo. É um frequentador assíduo da *Avenue Coffee*, a cafeteria que gerencio. Nossa "relação" sempre foi estritamente profissional. Até alguns meses atrás, ainda o chamava pelo sobrenome. Depois, pegamos algum nível de intimidade, o que é natural quando se cria um vínculo de amizade com um cliente regular.

Certa noite, ele apareceu quando já estávamos fechando. Eu me desatentei da planilha do caixa e ergui os olhos para me deparar com um Antony abalado, de olhos abatidos, cabelos bagunçados e gravata desgrenhada. Não parecia bêbado, apenas… perturbado. Ele se debruçou sobre o balcão e me olhou com alguma súplica, como se estivesse pedindo desculpas pela sua situação.

— Precisa de alguma coisa, Antony? — perguntei, preocupada.

Com um suspiro agoniado, lançou um olhar a uma das funcionárias que fazia a higienização da máquina de expresso.

— Ficaria muito brava comigo se te pedisse um café? — E forçou um sorriso. — Preciso *mesmo* de uma dose de cafeína.

Virei-me para a menina e a dispensei, juntamente dos demais funcionários que ainda estavam ali. Quando saíram, fechei as portas duplas, tranquei-as e coloquei a plaquinha de "fechado". Voltei para atrás do balcão e preparei o café dele. Servi-o e o observei sorvar lentamente a bebida quente.

— O que aconteceu? — Quis saber.

Antony deu outro suspiro agoniado.

— Discuti com minha esposa. É meu casamento. — Sua voz tinha o tom de quem queria muito desabafar. — Estou infeliz nele, entende?

“Não, não entendo”, quis responder, “porque sou solteira”. Ao invés disso, aconselhei:

— Por que não pede o divórcio? — Parecia o mais óbvio.

O homem balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Não é tão simples. Por ora, não posso pedir o divórcio.

Pensei em perguntar o porquê, mas Antony não deixou. Continuou desabafando suas mágoas comigo, fazendo-me estender meu horário até mais do que realmente estava acostumada. Falou-me coisas terríveis sobre a esposa, sobre o ciúme exagerado dela, as histerias, as humilhações. Nem me dei conta de como fiquei horrorizada com a imagem ruim que ele pintou da mulher.

Ao final, tomou o resto do seu café, já frio, se levantou, pagou o

consumo e me deu vinte euros de gorjeta.

— Obrigado por ter me ouvido — disse, já na porta, virando-se para mim, que o acompanhei para destrancá-la. — E desculpe pelo desabafo.

Precisava falar com alguém e você é a única amiga que tenho.

Abri um pequeno sorriso, estranhamente feliz pela sua confiança em mim. É claro que Antony tem outros amigos. Ele vive vindo aqui com um político e um jovem investidor. Talvez só precisasse que outro tipo de pessoa o ouvisse. Foi o que fiz. Apenas ouvi, sem ousar aconselhá-lo novamente a se separar depois da sua primeira negativa. Era um homem adulto, sabia o que está fazendo. Além do mais, ainda não conhecia os motivos por não poder se separar dela. Então, apenas ofereci meu ombro amigo e disse a mentira universal que qualquer outra pessoa no meu lugar teria dito: “vai ficar tudo bem”. Provavelmente não ia ficar tudo bem, mas era tudo o que tinha a oferecer naquela noite.

Dias depois, Antony tornou a me procurar, trazendo-me um colar simples, mas muito bonito, em sinal de agradecimento por tê-lo ouvido algumas noites antes. Na hora, achei inadequado demais. Perguntei se tinha se acertado com a esposa;

ele me disse que não, que continuavam discutindo com frequência.

Os dias foram passando, e Antony e eu fazíamos contato frequente.

Ele me enviava mensagens simples — *bonjour, bonsoir,* ou perguntava como tinha sido meu dia. Por vezes, conversávamos sobre a situação do seu casamento, o homem cada vez mais infeliz por ter se submetido a uma relação que foi somente para agradar seu pai e seu sogro. Sem perceber, fui criando uma simpatia, uma empatia muito forte por ele. Com a mesma frequência, me enviava presentes singelos, principalmente depois que eu o ouvia e tentava lhe dar algum conselho.

Ontem à noite, ele disse que está apaixonado por mim. Eu já o vi sofrer tanto em um casamento falido, com uma mulher que, claramente, não dá o devido valor ao homem ao seu lado, que pensei que ele merece uma pessoa melhor. Movida por um sentimento incompreensível, eu o beijei.

E acabamos aqui.

Nossa primeira noite juntos.

Dormi com um homem casado.

— Você não está assustado com o que fizemos? — indago, puxando mais o lençol para cobrir meu corpo.

Ele move a cabeça em negativo.

— Não. O que fizemos não foi errado. Foi para você?

— Você é casado, Antony.

— Com uma mulher que nunca me amou — aponta. — Com uma mulher que já me magoou mais vezes do que sou capaz de contar.

Suspiro e viro na cama, pesando suas palavras. Se está tão infeliz, por que simplesmente não se divorcia? Mesmo que seu casamento esteja em crise, ainda assim não acho correto o que fizemos. Pretendo não repetir.

Pareço balbuciar na minha decisão quando ele sobe sua mão quente pela minha

pele e me acaricia entre os seios, em um movimento suave e delicado. Odeio admitir, mas me agrado com a carícia, ainda mais quando Antony move seus lábios na pele do meu pescoço subindo para o lóbulo da minha orelha e beijando-me num lugarzinho ali atrás que ele já sabe ser meu ponto mais fraco, o que me causa um arrepio na coluna.

— Tenho que ir trabalhar. — Tento dizer, mas mais gemo do que digo.

Carinhoso, ele roça seu nariz no meu pescoço e cola mais seu corpo no meu.

— Fica só mais cinco minutos comigo.

— Abro a cafeteria de Dousseau, Antony… — rebato, fazendo algum esforço para escapar da sua pegada. A verdade é que, por mais errado que seja, quero continuar enrolada nos lençóis com ele, talvez transarmos mais uma vez. Ele desperta algo bom em mim, diferente. É sempre todo gentil e carinhoso, algo que foi difícil encontrar nos meus relacionamentos passados.

Ele se afasta, parecendo contrariado, mas não bravo. Levanta-se, pega sua roupa jogada no chão e começa a se vestir. Faço o mesmo. Quando já estamos vestidos, ele vem até mim e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, sorrindo.

— Se eu deixasse minha mulher para ficar com você…

Não espero nem mesmo que termine sua frase; já estou assustada colocando um indicador nos seus lábios.

— Não, por favor. Isso não vai mais se repetir.

Uma sombra de tristeza trespassa seus olhos. Cabisbaixo, diz:

— Eu não a amo. Meu casamento está falido há muito tempo. —

Erguendo seus olhos em direção aos meus, completa: — Amo *você*, Juliette.

— A declaração me pega desprevenida. — Dê uma chance para nós — pede, colando sua boca delicadamente na minha. — Eu só quero… ser feliz, entende? Sei que posso ser com você ao meu lado.

— Antony… podemos conversar sobre isso *depois*? Estou atrasada para o meu

turno — desconverso. Não quero ter de pensar nisso agora. Não quero ter de lidar com ele nesse momento.

— Posso te ver hoje à noite, então? — indaga, seus olhos brilhando meio esperançosos. — Para conversarmos?

Droga! Não era para este rumo que eu queria levar nossa conversa.

— Tudo bem — cedo, repreendendo-me em pensamento logo em seguida.

Sorrindo, Antony deixa um beijo casto no canto da minha boca, se despede e volta para sua vida. Sua vida de casado.

Rapidamente, pego meu celular do bolso e envio uma mensagem para a única pessoa com quem posso confidenciar isso.

“Posso ver você no horário do almoço? Almoçamos no Le Procope.”

A resposta vem um minuto depois:

“Só se você pagar. Estou duro. E não no bom sentido.”



Dou uma risada enquanto respondo:

“Eu pago nossos almoços, não se preocupe. Te vejo às 14h.”

Ele não responde mais nada.

Confiro minha bolsa, meus pertences e rumo para o trabalho tentando esquecer a noite de ontem.

Sem sucesso.

Ele está de costas para mim quando adentro o Le Procope. Sentado em um canto

mais afastado, em uma mesa para dois, meu primo parece mexer no celular, introspectivo e distraído. Aproximo-me em silêncio e olho por cima do seu ombro. Está entretido em um comercial de perfume feminino, onde uma moça bem bonita, de cabelos e olhos castanhos, é a protagonista do vídeo de uns trinta segundos. Quando acaba, ele toca na tela e roda novamente.

— Paixão platônica — sussurro ao pé do seu ouvido, assustando-o. O

homem dá um salto na cadeira e quase derruba o telefone.

Rio e o contorno, sentando-me no lugar de frente a ele.

— *Mon Dieu* — exclama, a mão no lado esquerdo no peito. — Você sabe que sou taquicardíaco, não sabe?

— Dramático e exagerado, como sempre — digo, analisando-o de cima a baixo e abafando uma risadinha. — Estava aí, namorando essa modelo… Se nunca se arriscar, ficará a vida toda *apenas* olhando Adrien morde o lábio inferior e desvia o olhar lentamente, observando o ambiente no lado de fora pela janela de vidro.

— Ela é filha do meu patrão, Julie. Trabalho com o pai dela desde os meus dezoito anos, e convivo com eles desde os treze, e ela *nunca* reparou em mim. Sou completamente invisível para Marjorie. Pertencemos a

realidades diferentes; jamais teria uma oportunidade com ela.

Penso em dizer alguma coisa, encorajá-lo a dar um passo a mais, mas desisto, porque de nada vai adiantar. Adrien Bourdieu sustenta essa paixão platônica por Marjorie Chevalier desde os treze anos, logo quando minha tia conseguiu um trabalho de doméstica na casa de Fernand Chevalier. Um garoto de treze anos apaixonado pela filha do patrão da mãe, de vinte anos e, na época, noiva de outro homem. Nós dois sabíamos que era aquela típica paixão adolescente e que logo morreria. Mais de dez anos se passaram desde então, mas Adrien continua visivelmente apaixonado pela moça.

— Certo — decido mudar de assunto. Pego o menu e analiso um momento enquanto digo: — De qualquer maneira, não vim aqui para falar da sua paixonite.

A garçonete se aproxima antes que ele tenha tempo de me responder rudemente

e colhe nossos pedidos. Quando se afasta, meu primo diz:

— Diga logo o que quer conversar comigo antes que eu precise voltar para o meu trabalho — resmunga.

Mordo o lábio inferior, pensando em como contar isso. Adrien sempre me ouviu. Dos meus momentos calmos aos instantes mais surtados. Como temos praticamente a mesma idade, ele sendo três anos mais novo do que eu, crescemos juntos, ele tendo de ir para ficar lá em casa sempre que a mãe precisava trabalhar e não tinha com quem deixá-lo. Acabamos por nos tornarmos próximos. É como um irmão para mim.

— Dormi com um cara casado — revelo.

Espero pela sua reação, que não vai ser boa e já sei o porquê. Mas num primeiro momento, ele apenas vira o pescoço na minha direção, rápido, meio brusco. Seus olhos azuis levemente assustados.

— Por que está me contando isso? — pergunta, expirando devagar.

— Porque preciso de um conselho.

Adrien balança a cabeça de um lado a outro, como se já soubesse que tipos de conselhos quero ouvir dele.

— Eu gosto dele — tento me explicar.

— Mas ele é casado — rebate. — Tem um monte de homem solteiro

no mercado, Juliette, por que justamente um *comprometido*?

Eu me faço a mesma pergunta. Mas a verdade é que Antony me convenceu, de alguma maneira, que não foi errado o que fizemos. A esposa não o ama, o casamento em crise… Por algum motivo, acredito nele, na sua versão dos fatos.

— O caso é diferente — explico. — Antony não ama a mulher, da mesma maneira ela não o ama. Inclusive… ela é uma megera egoísta. Ele disse que se divorcia dela para ficarmos juntos. Isso é algo, não é?

— É — concorda, a contragosto. — É algo, sim. Algo muito ruim, Juliette.

Nossos pedidos chegam e, enquanto a garçonete nos entrega nossos pratos, analiso como foi uma estupidez ter vindo querer algum conselho dele nesse quesito. Adrien é filho bastardo. A mãe também foi amante de alguém.

A relação extraconjugal do pai o gerou. Ele e a mãe foram abandonados e sei que, por algum tempo, passaram necessidade por conta desse abandono.

Então meu primo tem pavor de traição e jamais concordaria com uma postura dessas.

— Por que exatamente quer meu conselho? — questiona ao notar que emudeci repentinamente, perdida nos meus pensamentos.

Inspiro fundo e respondo:

— Sei que repudia traição, mas e no caso dele? Que foi forçado a se casar sem amor, que ouve constantemente ofensas da mulher, uma mulher paranoica, ciumenta, possessiva. Eu já o vi com alguns arranhões no rosto e de uns tempos para cá ele vive abatido, totalmente infeliz. Uma mulher dessas merece ser traída, não merece?

Eu nem me dou conta da estupidez que escapa da minha boca. Estou sendo precipitada demais em julgar uma mulher que nem conheço.

— Supondo que tudo o que ele te disse sobre a esposa seja verdade —

Adrien diz depois de beber um pouco de água — e que você concorde que, por causa disso, ela mereça ser traída, precisa se questionar se *você* merece ser a outra.

Peso um segundo o seu questionamento.

— Por mais infeliz que esteja nesse casamento, Juliette, o mais correto é ele pedir o divórcio. Não vou aqui falar se é certo ou não o cara se divorciar da esposa só para ficar com você, nem vou pôr em dúvida o que sentem um pelo outro, mas sabe que eu não concordaria em serem amantes em nenhuma situação.

Por longos segundos fico pensando no que ele disse, olhando para meu prato pela metade. Vim procurá-lo em uma esperança tola de ele me dizer que estou

certa, de que se a esposa não o trata como deve, Antony não está errado em procurar alguém que o valorize. Contudo, Adrien me dá outra perspectiva.

Ter dormido com um homem casado continua sendo um erro, a esposa merecendo ou não. Digo isso mais por mim, que ainda tenho alguma dignidade e amor-próprio. Eu gosto de Antony. Ele é um bom homem e conseguiu me conquistar aos poucos, e se vamos ficar juntos, se ele realmente me ama como disse mais cedo, terá de fazer uma escolha.

— *Merci,* Adrien — agradeço, erguendo meus olhos em sua direção.

— Você está certo. — É tudo o que digo.

Terminamos de almoçar conversando esporadicamente. Ele mais interessado em assistir cinquenta vezes o comercial onde Marjorie aparece e eu pensando que vou mandar uma mensagem a Antony e dizer tudo o que precisa ser dito.

OBSESSÃO

PIERRE

O alarme soa no horário programado. Meio sonolento, giro na cama e pego o celular, desativando o programa. Na porta, ela aparece com uma xícara de café.

— Você tem plantão hoje? — pergunta, encostada no batente.

Coço os olhos e, com algum esforço, me levanto, deixando o telefone no criado-mudo.

— Tenho — respondo, me espreguiçando.

No banheiro, escovo os dentes e lavo o rosto. Quando retorno para o quarto, ela está com meu celular em mãos, conferindo minhas mensagens.

Não gosto dessa invasão, dessas desconfianças, mas se a questionar sobre isso, Francine vai achar que estou escondendo alguma coisa e, sinceramente, não tenho mais paciência para as paranoias dela.

— Quem vai cuidar de Édouard? Também estou de plantão hoje. O

menino não pode ficar sozinho, Pierre — informa, dando outro gole no seu café.

Como se eu não soubesse disso. Suspiro e caminho até o pequeno closet no quarto, escolhendo o que vestir. Opto pelo básico, jeans e camisa branca, e me visto.

— Vou falar com Étienne — respondo, me encaminhando até a cozinha.

Édouard está sentado à mesa tomando uma xícara de chocolate quente e comendo um pedaço de pão enquanto se distrai com um desenho animado passando na televisão. Ela me puxa pelo braço até um canto, olha para a criança e depois para mim.

— Não acho aconselhável. Vou ligar para minha mãe.

— Não, Francine. Na verdade, já está na hora…

Sou interrompido pelo menino que finalmente nota minha presença e vem até mim, me abraçando pela cintura. Pego-o no colo. O garoto está ficando pesado.

— Ei, cara… Como você dormiu?

— Não quero ir para a escola — reclama ao invés disso.

— Mas precisa ir , *mon bebé*. Termine seu café e vá se arrumar, ou vamos nos atrasar, *oui*? — Francine diz, pegando-o do meu colo e o levando de volta à mesa.

Ela me serve com café e um *croissant* e se senta de frente para mim.

Observo Édouard comer, quietinho e atento ao desenho. Sinto falta do garoto extrovertido, inquieto e falante.

— Quem é Marie? — Francine pergunta, me dispersando dos meus pensamentos. — Vi uma mensagem dela no seu celular.

— É uma paciente, Francine — respondo, com um suspiro.

— Você costuma dar seu telefone particular para suas pacientes? Para que serve então o telefone do consultório da clínica, *mon chéri*?

— Fran… já conversamos sobre isso, não conversamos? — falo, me referindo à sua possessividade. Nosso namoro anda tão desgastado por conta disso que tenho preferido dobrar meus plantões a ficar em casa com ela.

— Não me respondeu, Pierre.

— Não, não costumo, exceto quando é necessário. Sou um obstetra, por favor! Se uma paciente entra em trabalho de parto de madrugada e se eu sou o médico particular dela, para onde você espera que ela ligue?

Francine nada diz, continua passando geleia em um pedaço de torrada e me encarando com o semblante nada amigável.

— Essa Marie não me parecia uma mulher grávida.

— É minha paciente, mas também é minha amiga, não vejo mal nenhum em dar meu telefone particular para ela.



— Não vê? — indaga, erguendo a sobrancelha. — Você é ingênuo, Pierre. Uma pesquisa rápida no Facebook dela e descobri que cada dia está com um macho diferente. É uma vagabunda qualquer que não se dá o respeito. Não quero você sendo amiguinho dela.

Levanto-me do meu lugar, perdendo o apetite na mesma hora. O

movimento é brusco e faz o pé da cadeira arranhar contra o piso. Isso chama a atenção de Édouard que me encara com seus olhinhos verdes grandes e assustados. Engulo em seco, decidindo não discutir com Francine na frente dele. O garoto já passou por muito. A última coisa de que ele precisa é presenciar uma discussão de casal.

— Não se preocupe. Vou deixá-lo na escola e arrumar alguém para ficar com ele até o fim do meu plantão.

Pego-o rapidamente no meu colo e o levo para se arrumar, não dando chance nenhuma de a minha namorada me atazanar com seus ciúmes descabidos.

Mal entro no apartamento dele e tropeço em uma garrafa de uísque vazia. O cômodo está uma completa bagunça, com roupas e sapatos espalhados por todo canto; pratos com restos de comidas e latas de refrigerante por cima dos móveis. A televisão está ligada em um canal qualquer; sobre a mesa de centro, uma porção de fotos espalhadas de Jeaninne Laurent, faturas de cartão de crédito, extratos de contas em bancos, um mapa, um copo com resquício de uísque e uma bituca de cigarro.

Abaixo-me e vou pegando as roupas espalhadas pelo chão.

— Étienne — chamo-o. Ele está dormindo no sofá, ainda usando jeans e sapatos. Vou até a lavanderia e coloco toda a roupa no cesto. Volto e chacoalho meu irmão. — Étienne, acorde.

Ele resmunga e vira o corpo para cima. A barba grisalha, indicando seus quarenta anos, está grande e malcuidada. Além disso, ele cheira fortemente a bebida alcoólica.

— Cara, você precisa de um banho — falo, balançando-o mais.

Desisto por ora e me encaminho até sua cozinha, que está tão bagunçada quanto sua sala. Preparo um café forte e adoçado. Enquanto a cafeteira processa, procuro no quarto e no banheiro alguns comprimidos.

Torno a chamá-lo, agora já em posse da cafeína, um copo com água e aspirina.

Demora um pouco, mas finalmente ele desperta. Resmunga, massageia as têmporas, coça os olhos e se senta desajeitadamente no sofá.

Estico a água e a aspirina. Ele não recusa. Depois, ofereço o café. Étienne não é muito fã de café, e sabe que não vai curar a ressaca, mas sabe que precisa da cafeína para estimular e aliviar a sonolência.

Viro o olhar para a mesinha de centro.

— Passou a noite bebendo e fazendo um trabalho que não é seu, Étien?

Ele afaga o rosto, num ato desesperado e suspira.

— Não achei nada relevante — diz. — Nada.

— Tem que deixar isso para a polícia — aconselho, me sentando ao seu lado depois de afastar o edredom que usou durante a noite.

— Já se passaram seis meses, Pierre, e a porra da polícia não encontrou minha mulher. Nem sei se ela está viva.

Mordisco o lábio inferior, sem saber o que dizer ao meu irmão nesse momento. Entendo o desespero dele. A esposa saiu para ir ao mercado e não voltou mais para casa. Antes disso tudo ele era um bom pai para Édouard, mas desde o sumiço de Jeaninne, ele se tornou negligente, esquecendo-se do filho na escola, de alimentá-lo, dar banho, suprir o básico. A primeira semana ficou desesperado, virou noites procurando pela mulher, espalhando fotos dela por todo lugar, buscando informação. A segunda semana, veio a queda.

De noites procurando a mulher, passou-as bebendo. Étienne foi afastado do trabalho definitivamente porque não tinha condições psicológicas de estar em uma sala de cirurgia. A terceira semana, veio a obsessão de fazer o trabalho da polícia e encontrá-la. Analisou extratos de conta, fatura do cartão de crédito, câmeras de segurança, tudo que esteve ao seu alcance, mas não encontrou nada. Quando meu sobrinho quase colocou fogo no apartamento

porque estava tentando aquecer um pouco de leite, e o pai estava ocupado demais na sua busca, ele enfim percebeu que sua obsessão o tornou um péssimo pai. Ao invés de tentar ao menos tocar a vida enquanto as autoridades competentes faziam seu trabalho, preferiu me passar a guarda legítima do menino. Aceitei porque era isso ou deixar Édouard com o pai negligente.

— Eu entendo seu desespero, mas, ouça, Édouard sente sua falta.

Estou cuidando dele há pouco mais de cinco meses e você sabe que amo aquele garoto como se fosse meu próprio filho e não me incomodo de cuidar dele. Só que *você* é o pai dele e isso eu jamais poderei substituir. O menino já perdeu a mãe, Étienne, não deixe que ele te perca também.

Meu irmão me olha atentamente, seu semblante cansado, abatido, até envelhecido. Sua obsessão em encontrar a esposa está sugando toda sua

vitalidade e energia. E talvez seja apenas uma busca infrutífera.

— Ele está precisando de alguma coisa? — indaga com um sussurro quase inaudível.

Penso em dizer “sim, do pai dele”, mas engulo minhas palavras para mim. Étienne precisa de tudo nesse momento, menos de alguém o repreendendo a como ser pai do garoto.

— Estou de plantão hoje, e Francine também. Alguém terá de ficar com ele depois da escola. — Analiso um segundo inteiro, me perguntando se foi uma boa ideia vir até aqui. — Tenho minhas dúvidas se você é capaz de cuidar dele por algumas horas.

Étienne se levanta do seu lugar, mostrando-se irritado comigo, e se vira para mim, pronto a rebater. Mas então parece cair em si mesmo. Repara no estado que se encontra: roupas amassadas, cheirando fortemente a uísque, o apartamento revirado, impossível de receber qualquer pessoa, ainda mais uma criança.

— Vou chamar uma diarista — fala, cabisbaixo, parecendo envergonhado. — E vou buscá-lo na escola, não se preocupe.

Levanto-me e paro à sua frente, apoiando a mão em um gesto solidário.

— Está na hora de voltar a tocar a sua vida, Étienne. Deixar a polícia



fazer o trabalho dela.

Lágrimas grossas escorrem dos seus olhos para seu rosto de traços envelhecidos e cansados.

— Não consigo — cicia, secando as gotas que o molham. — É minha esposa, Pierre.

— E você tem um filho — rebato — que precisa do pai. Pense nisso só por um segundo.

Envolvo meu irmão em um abraço apertado e digo a ele para não se esquecer do garoto antes de me despedir e ir embora.

Estou me preparando na sala dos médicos quando a porta se abre.

Testo uma caneta *click* e a guardo no meu bolso. Francine se aproxima, o rabo de cavalo do seu cabelo castanho balançando de um lado a outro conforme avança cômodo adentro. Estou pensando em abrir a boca e dizer que Étienne prometeu ficar com o filho, mas ela é mais rápida e dispara:

— Onde esteve? — Seu tom é acusatório.

— Na casa de Étienne. Fui falar com ele sobre Édouard. Você sabe disso, Francine.

— Mentira — rebate, sacando o celular do bolso.

Ela mexe em alguma coisa e então vira a tela em minha direção. É

algum tipo de aplicativo rastreador. Mas que diabo é isso?

— Você saiu da casa do seu irmão — fala, apontando para um ponto no celular. Há um trajeto extenso mostrado no mapa, o ponto de partida, suponho, é da nossa casa até a moradia do meu irmão, e depois de lá até aqui.

— E não seguiu a rota comum para chegar aqui — explica, voz levemente alterada, apontando para a tela. — Pegou outra rua, fez uma parada de vinte minutos e levou mais quinze para chegar. Então eu te pergunto, Pierre, onde esteve?

Ergo meu olhar ao seu, inconformado de que ela tem mesmo um aplicativo para *me rastrear*.

— É horário de pico — informo, segurando minha impaciência. —

Tomei um atalho um pouco mais longo, mas com menos trânsito. Parei em um supermercado para comprar algumas coisas para o plantão.

Ela me olha atentamente, o semblante denunciando de que continua desconfiada. Com as mãos no bolso do seu jaleco, Francine olha ao redor, depois se volta para mim:

— Onde estão?

Confuso, respondo com outra pergunta:

— Onde estão *o quê*?

— As coisas que comprou no supermercado.

Inspiro fundo e tento não surtar. Fecho os olhos e aperto a ponte do nariz, me perguntando por qual razão espero alguma mudança dela. Já conversamos a respeito das suas desconfianças, das paranoias, dos ciúmes exagerados, das ligações infinitas a cada cinco minutos para saber onde estou, com quem estou e que estou fazendo, já conversamos sobre querer controlar minha vida, ter acesso ao meu celular e redes sociais. Eu cedi uma parte, porque um relacionamento é feito disto, de concessões, e porque nunca tive nada a esconder. Minhas redes sociais são conectas ao seu *smartphone*, ela sabe a combinação do meu bloqueio de tela e pode ler minhas conversas quando quiser e, mesmo assim, sempre há esses momentos de extrema desconfiança.

Nós já conversamos. Chegamos a ficar duas semanas separados porque se não há confiança em um relacionamento, então não há nada, mas ela veio até mim, me implorando para voltarmos, jurando que mudaria de comportamento e confiaria em mim como uma namorada deve fazer. O

primeiro mês, vi esta mudança. Mas depois, as coisas voltam a desandar, ela tornou essa pessoa paranoica e obsessiva, tentando controlar cada passo que dou porque simplesmente acha que serei igual os demais namorados dela.

— Deixei no refeitório. A grande maioria precisa ser refrigerado e só lá tem geladeira, Francine — respondo, suspirando. — Está lá, tudo com meu nome, e se quiser pode conferir no aplicativo do banco, que você também tem

a minha senha, e confirmar que fiz uma compra no supermercado cerca de meia hora atrás.

Penso que ela não fará isso porque já dei provas o bastante, nos últimos anos que

estamos juntos, de que não serei como os idiotas que namorou. Mas Francine se tornou tão desconfiada que mesmo com todas as demonstrações de fidelidade é capaz de checar se estou falando a verdade.

— Comprei inclusive *macarons* pra você — falo.

Ela me olha com a expressão mais suave e dá um passo à frente, findando a distância que nos separa, e me envolve em seus braços.

— Eu adoro *macarons* — sussurra, beijando minha bochecha. —

Merci, mon chéri.

— Sei que gosta, por isso comprei. — Afasto-a e toco seu rosto. —

Francine… quero ser sincero com você e dizer que estamos caindo em velhos hábitos de novo. Estou mentalmente cansado das suas desconfianças o tempo todo. E você me prometeu… prometeu que ia mudar.

— Pierre, não me culpe se estou cuidando do que é meu — murmura de volta, acariciando meu rosto. — Você é tão bonito e todo dia tem contato com diversas mulheres. Só… tenho medo de te perder. Se sinto ciúmes é porque me importo, porque te amo.

— Tudo em excesso faz mal, *chérie* — digo, abrindo um pequeno sorriso. — Precisa confiar em mim. Não vou ser como seus namorados, os que quebraram seu coração com traições e mentiras, te fazendo perder a confiança. Não sou eles, Fran… Tente entender isto.

— É tudo por amor, Pierre — insiste nessa resposta, tomando-me em um beijo rápido.

Forço outro sorriso, descontente com o rumo que nossa relação está tomando, Francine se negando a enxergar que seu excesso de ciúme e toda a sua necessidade de ser controladora comigo tem abalado nosso namoro, me afastado dela, tem desgastado o sentimento bonito que sempre senti. Quero dizer isto tudo a ela, mas não tenho tempo. O *bip* do *pager* da minha namorada ecoa por toda a sala, chamando-a.

Ela se vai para cumprir o seu dever de salvar vidas, enquanto, ao que

me parece, tenta destruir a minha.

INSISTÊNCIA

JULIETTE

Aproveito um pequeno intervalo no meu expediente para pegar no celular e pensar. Sim, pensar. Estou preocupada e curiosa. Quatro dias atrás, meu patrão chegou aqui com alguns hematomas no rosto, mas não explicou o que aconteceu, apenas que teve uma discussão com Antony no dia anterior, na festa de Emilien Dupont. É claro que fiquei assustada porque o conheço e sei que ele não é um homem violento. Muito pelo contrário. Bernardo é um homem que cativa com facilidade, bem-humorado, debochado em horas inoportunas, cínico e galante na mesma medida e um tanto quanto mulherengo.

Horas depois, Antony apareceu, com escoriações parecidas, como era de se esperar. Estava tenso, meio nervoso, com uma expressão sisuda. Trocou algumas palavras com meu patrão, mas senti uma grande tensão no ar. Os dois não estavam conversando, nem de longe. Parecia que um queria devorar o outro.

Tentei entender o que diabos poderia ter causado a desavença entre eles, que embora não sejam melhores amigos, mantêm uma amizade respeitável. Consegui compreender, quando me aproximei deles para entregar um pedido de Leclerc, apenas algumas palavras desconexas. Como tive de me afastar para continuar meu trabalho, fiquei sem compreender qual exatamente a relação entre meu chefe e a mulher do meu amante. Mas já suponho o que possa ter acontecido. Aposto que Dousseau a cortejou, e o marido não gostou nem um pouco. O que me leva a sentir um incômodo no coração. Se a esposa é uma megera que o atormenta, que nunca o amou, se seu casamento está falido e já se declarou para mim, por que sentiria ciúmes da mulher? A não ser que o cortejo tenha sido muito descarado (o que é bem a cara de Bernardo fazer) e Antony apenas tenha assumido o papel de marido ciumento, mas sem realmente se importar.

No auge da conversa, Dousseau deu algum tipo de resposta que não

agradou meu amante, porque ele se levantou furioso, jogou alguns euros sobre o balcão para pagar o consumo e foi embora sem nem mesmo olhar para trás. Ficou três dias sem aparecer por aqui e, sinceramente, achei que tínhamos perdido um cliente fiel. Contudo, logo ele entrou por aquelas portas, acompanhado como sempre de Emilien e alguns amigos políticos, fizeram o

mesmo pedido que estão habituados a fazer, consumiram e jogaram conversa fora.

Há três dias que aconteceu a pequena discussão entre os dois, mas continuo curiosa sobre os fatos que os levaram a sair no braço. Antony não fala comigo já tem bem uma semana, apesar de dar as caras por aqui. Ele entra, lança-me um olhar, um sorriso conciso, aproxima-se, faz o pedido, consome, despede-se e repete o ciclo. Ele não me liga, não manda uma mensagem, e eu tampouco tento fazer contato, porque ele já me pediu para não ligar em seu telefone pessoal por causa da esposa. Também não me atrevi a atravessar a rua e ir até o escritório em sua galeria, pois a última coisa de que precisamos é levantar algum tipo de suspeita.

Seu silêncio tem me causado uma aflição. E é por esse motivo que estou pensando se me arrisco a ligar em seu telefone. Ando de um lado a outro, olhando para a tela do meu celular, ponderando. Busco pelas horas.

Neste horário normalmente está trabalhando, então não corro risco de telefoná-lo e a mulher estar por perto.

Contrariando todo o bom senso, disco seu número e o aguardo atender, ouvindo os toques do outro lado da linha que me causam algum tipo de suspense.

— *Alô*. — Droga! A voz não é de Antony. É de uma mulher. É da *esposa* dele.

Meu coração dá uma acelerada violenta, pensando no erro que acabei de cometer. Nada digo por alguns segundos, buscando uma maneira rápida de não nos comprometer.

— *Pardon* — peço. — Liguei para o número errado. Desculpe o incômodo.

Não lhe dou tempo de responder, pois desligo rapidamente.

Acalmo as batidas do meu coração e inspiro fundo.

— Juliette! — minha subgerente me chama, colocando a cabeça por entre uma fresta da porta aberta. — Preciso da sua ajuda aqui.

— Estou indo, estou indo — digo, soltando o ar dos pulmões.

Guardo o celular no bolso da calça e volto lá para dentro. O local está um pouco movimentado e preciso liderar a equipe. Pouco mais de dez minutos depois, as portas duplas de vidro se abrem, trazendo para dentro um sorridente Antony acompanhado de seu amigo Emilien. Ele lança um rápido olhar para mim e sorri disfarçadamente. Diz algo ao amigo, que acena e se retira em direção a uma mesa. Leclerc caminha até o balcão e faz o pedido a uma das funcionárias. Discretamente seus olhos cravam nos meus.

— *Salut*, Juliette — cumprimenta-me.

— *Salut*, Antony. — Quando minha subalterna se retira para preparar o pedido dele, me inclino sobre o balcão e sussurro. — Senti sua falta.

A expressão dele muda bruscamente para algo menos ameno e mais severo. *Merde!* Não deveria ter dito nada disto, onde é que estou com a cabeça? Sua faceta sisuda, porém, vai dando lugar à calmaria de novo. Ele olha ao redor, por cima dos ombros, certificando-se de que não somos observados, para só então dizer:

— Também senti sua falta. Vou te ver hoje à noite — informa, fazendo meu coração dar um salto de alegria. Mal posso esperar.

— Vai me contar o que houve semana passada entre vocês? — Não preciso especificar mais do que isso, pois sabe perfeitamente do que estou falando.

Suas grossas sobrancelhas se vincam ligeiramente.

— Talvez — responde apenas com um sussurro. Ele se levanta e volta para junto do amigo.

Observo-o de longe pelos próximos minutos, sua interação com Emilien. Algum tempo depois, uma mulher adentra a cafeteria. Não a conheço, pois não se trata de uma cliente frequente. É bonita, aparentando ter uns trinta e poucos anos, cabelos na altura dos ombros, loiro-acobreados, olhos claros, elegante e discreta. A moça olha ao redor, como se à procura de alguém. Prontifico a ajudá-la com o que é que esteja procurando. Estou me

aproximando quando ela parece ter encontrado o que veio em busca, pois começa a caminhar em direção a algumas mesas.

— *Mademoiselle*, precisa de ajuda? — abordo-a. Ela se vira para mim, analisando-me um rápido segundo. Apresento-me: — *Je suis* Juliette, em que posso ajudar, *mademoiselle?*

— *Madame* — corrijo-me, de forma gentil. Aceno positivo, compreendendo. Trata-se de uma mulher casada. — Vim me encontrar com meu marido, Antony Leclerc.

A estas palavras, só por um segundo, perco minha postura. Meu sorriso receptivo vacila com a informação. Então é ela. Ann-Marie. Meu coração bate como o motor de um carro desgovernado. Estou cara a cara com a esposa do meu amante, o homem que amo. Recupero minha postura rapidamente, não podendo entregar em sua presença o desconforto e a surpresa que isso me causou.

— Claro — digo, esforçando-me para me manter calma. — Acredito que já o tenha localizado. Fique à vontade, *madame* Leclerc. Pedirei a alguém para vir retirar seu pedido.

Giro nos calcanhares sem esperar por uma resposta e volto para atrás do balcão. Ouço Antony exclamar:

— Ann-Marie? — Arrisco olhar por cima do ombro por um breve instante e quando o faço, o homem está perto da esposa, olhando-a atentamente, suas sobrancelhas vincadas, as mãos guardadas no bolso, os lábios apertados. — O que está fazendo aqui?

Ao passo que me distancio, não posso mais ouvir a conversa entre os dois, apenas observar, por esse motivo, não sei qual resposta dá ao marido.

— Christien — chamo um dos balconistas. — Retire o pedido da *madame* Leclerc, *oui*? — peço, lançando mais olhares em direção ao casal.

Agora ela está revirando a bolsa atrás de alguma coisa. *Oh, merde!* Já até sei o que veio lhe entregar. Ela ainda está procurando o que suponho ser o celular dele quando o marido a agarra pelo braço e a leva à mesa onde está acompanhado de Dupont. Ela o cumprimenta; Emilien responde erguendo a xícara de café em sua direção.

— *Oui* — Christien responde, me despertando para a realidade. Ele

pega comanda e uma caneta e se retira em seguida.

Me desloco até o caixa e, daqui, fingindo avaliar alguns papéis de mercadorias e fornecedores, continuo estudando meu amante e a interação com sua esposa. Ele arranja uma terceira cadeira para ela ao seu lado. Os três seguem conversando, Antony meio tenso e desconfortável perto dela. O

esposo faz o pedido em seu nome a Christien enquanto Ann-Marie retira o celular de dentro da bolsa e o arrasta na direção ao marido. Sabia! Ele deve ter esquecido em casa, por isso a esposa atendeu o telefone em seu lugar.

Quero dar um tapa na minha testa por tamanha falta de sorte.

Certamente foi por esse motivo que ela veio aqui. Não porque se preocupou que o marido poderia receber ligações importantes, mas com toda certeza para pressioná-lo a saber porque uma mulher ligou em seu telefone, supostamente por engano.

Curiosidade me corrói para saber o que eles conversam. Ele diz alguma coisa, conferindo a tela do telefone. Tenho a impressão de que é um elogio ou algo assim, porque a esposa sorri. Um amargor diferente se apossa da minha boca. É ciúme. Ciúme de um homem que não me pertence. Não por enquanto. Quando Ann-Marie diz alguma coisa, o rosto dele é marcado pelo franzir dos sobrolhos. Meu coração dispara, já imaginando do que se trata.

Ela deve ter comentado sobre a ligação “por engano”. Tenho uma enorme necessidade de querer ouvir a conversa com eles. A oportunidade surge quando Christien está se retirando para levar o pedido dela. Aproximo-me rapidamente e tomo a bandeja de suas mãos, dizendo:

— Deixa que eu levo.

Ao passo que me aproximo, observo a reação de Antony. Ele diz alguma coisa à mulher e embora não compreenda perfeitamente, noto traços de irritabilidade no seu tom de voz. Algo na atitude da esposa o desagradou.

Após a resposta dela, ele baixa o olhar e verifica a tela novamente. A tensão o rodeia, os olhos grudados no telefone. Com toda certeza reconheceu o meu número e agora vai querer me comer viva.

Rapidamente, ele guarda o celular no bolso do seu casaco.

— Conhece este número? — a esposa pergunta, meio desconfiada, no momento em que alcanço sua mesa trazendo na bandeja o seu café, um copinho de água gaseificada e uma barra pequena de chocolate amargo ao

lado da xícara sobre o pires.

— *Non*, *mon amour.* Como disse, foi apenas um engano.

— Deseja algo mais, *monsieur* Leclerc? — pergunto, tentando ler sua postura. Sinto o olhar de Ann-Marie sobre mim, como se estivesse me avaliando, desconfiada de alguma coisa. *Mon Dieu!* Terá ela sido capaz de reconhecer minha voz? Só agora esse pensamento me ocorre e, mais do que nunca, desejo não ter me aproximado e a abordado.

Um monte de sentimentos se mistura dentro de mim nesse momento.

Medo da reação de Antony, que agora sabe que tentei ligar no seu telefone quando ele claramente me pediu para não fazer isso, medo de sua esposa reconhecer minha voz e ligado os pontos. Ciúme pelo tratamento dele para ela, *mon amour*, como se ela fosse mesmo um amor de pessoa, mas compreendo que na frente de Emilien ou de qualquer outra pessoa, precisa manter as aparências.

— *Non*, Gautier. *Je vous remercie.* — Há tempos ele não me trata formalmente, mas entendo que a ocasião exige e que não pode dar indício de qualquer tipo de intimidade comigo ou despertará desconfianças.

Aceno em positivo e me afasto. Torno ao caixa e fico ali, observando-os por cima do computador ou de documentos. Antony fica mais relaxado conversando com Emilien enquanto a esposa lê um livro. Cerca de quinze minutos depois, eles se levantam da mesa, prontos a ir embora. Emilien vem até mim e paga seu consumo. Enquanto passo seu cartão de crédito, ele me pergunta se está tudo bem. Digo que sim e agradeço por perguntar. Por fim, Antony vem ao caixa. Seu semblante parece calmo quando seus olhos encontram os meus, mas noto um pequeno traço de advertência ao me entregar alguns euros. Confiro o pagamento, há troco. Minhas mãos tremeluzem levemente enquanto devolvo a diferença. Enfiando o dinheiro no bolso, diz à esposa que irá ao *toalete* antes. A mulher acena e se retira, talvez decidindo esperá-lo no lado de fora, voltando a se atentar ao livro em suas mãos, folheando as páginas. Na saída, ela esbarra em Bernardo,

que está entrando. Ele a ampara, porque a mulher perde o equilíbrio sobre os saltos com a colisão.

— Ann-Marie — diz, mas não consigo ouvi-lo claramente, apenas faço a leitura labial do nome dela. Sua expressão é de surpresa por vê-la. Um

sorriso galante brota em seus lábios, mostrando uma covinha charmosa que ele tem.

Bernardo a chamou de *Ann-Marie.* Pelo primeiro nome. Isso não é muito comum quando não temos intimidade uns com os outros.

Desconfianças de que eles estão se envolvendo se reforçam na minha mente.

— *Monsieur* Dousseau — responde, formalmente e em um tom pouco mais alto, empinando o nariz, achando-se muito superior, com toda certeza.

Bem que Antony me disse que ela é uma mulher nojenta e metida a besta. —

Desculpe… distraída. — Não me atento a resposta, pois um cliente se aproxima para pagar o consumo, por isso compreendo apenas palavras desconectadas da frase. Atendo-o rapidamente e, assim que gira nos calcanhares e vai embora, volto a me atentar a conversa deles, ainda ouvindo apenas parte dos diálogos.

— Entendo — murmura, em resposta a alguma coisa que ela disse antes. — … tem passado… última semana?

Última semana?

Talvez isso signifique que eles se viram em algum momento nos últimos sete dias? Ou talvez ele esteja se referindo à festividade de Dupont, quem sabe até está subentendido de que se viram depois desta ocasião. Ela o responde ainda mais baixo, por isso não compreendo uma palavra sequer, e começa a se retirar. Entendo apenas um *“Excusez-moi”*. Ann-Marie já está quase no lado de fora quando Bernardo diz, o tom mais alto e meio cínico.

— Volte sempre.

A mulher se vira para ele, pergunta algo que outra vez não entendo por causa do barulho intenso da máquina de expresso aquecendo o leite.

Bernardo dá um passo adiante, diminuindo a distância entre os dois.

Inclinando-se ligeiramente na direção dela, cochicha alguma coisa, deixando-a meio petrificada. Um segundo mais tarde, se distancia, gira nos calcanhares e adentra mais o estabelecimento, dizendo, desta vez bem alto e debochado:

— Espero que tenha apreciado nosso café, *madame* Leclerc.

A mulher deixa a cafeteria no mesmo instante, como se estivesse fugindo do diabo. Dousseau vem até mim, mantendo-se do outro lado do



balcão. Sorri e pergunta:

— Se importa em ficar até mais tarde hoje? Preciso de alguém para comandar a equipe no segundo turno até o fechamento. Não poderei ficar.

Oh, droga. Justo hoje, Bernardo?

— Tudo bem — assinto, não tendo muito o que fazer sobre isso.

— *Merci* — agradece, virando-se lentamente para frente. Os olhos fixam-se em Ann-Marie no lado de fora, a cabeça levemente jogada para trás, como se estivesse apreciado a brisa parisiense.

Ele parece se perder em seus próprios pensamentos, analisando-a. Do corredor dos toaletes, Antony ressurge. Ao notar meu patrão ali, parado, olhando para sua esposa, um traço meio selvagem se apossa da sua beleza.

Isso dura só dois segundos, e desconfio de que ele só suaviza a expressão por notar que estou o observando. Leclerc se aproxima, despedindo-se de Dousseau e deixando a cafeteria em seguida. Bernardo não o responde, parecendo voltar ao mundo real. De repente, ele gira nos calcanhares e vai se refugiar no escritório, onde passa a tarde toda trancafiado.

Tento me concentrar no meu trabalho até o fim do meu expediente ao invés de ficar remoendo conjecturas se Bernardo e Ann-Marie estão tendo ou não um caso. Confesso ser uma tentativa completamente inútil.

Ao abrir a porta para recebê-lo, a cara de Antony não é das melhores.

O episódio em que sua mulher apareceu na cafeteria já foi há três dias. Por eu ter precisado prolongar meu expediente, não nos vimos naquela ocasião, como combinamos antes. Não o avisei que não estaria em minha casa no horário combinado porque isso ia exigir ligação ou mensagem, e depois de a mulher dele ter atendido ao meu telefonema, preferi não arriscar. Ele próprio fez contato quando chegou e eu não estava lá. Expliquei a situação e marcamos para hoje.

— Por que ligou no meu telefone? — pergunta meio bravo, como se

fosse a questão mais importante dos últimos três dias.

Fecho a porta vagarosamente e me encosto a ela, encarando-o meio sem jeito.

— Estava preocupada. Você não falava comigo já tinhas alguns dias, apesar de aparecer lá na cafeteria, e tinha aquela briga com Bernardo na semana anterior que nunca compreendi direito o que foi que aconteceu.

— Essa sua estupidez me colocou em uma situação delicada, Juliette

— fala, quase sem separar os lábios. É realmente a primeira vez que o vejo um pouco mais alterado. Talvez seja a primeira vez inclusive que me trata com um pouco mais de rudez.

— Não fiz por mal, Tony… — Tento me explicar, dando um passo à frente. Ele permanece imóvel, com a mesma expressão rígida. — Me desculpe.

— Por conta disso não pude vir antes, depois que não pôde me encontrar — informa. — Eu já tinha dito a ela, com antecedência, de que naquela ocasião eu ficaria até mais tarde no trabalho. Voltei para casa e expliquei que consegui terminar meus trabalhos antes do previsto, mas se logo no dia seguinte eu dissesse novamente que precisaria exceder minhas horas na galeria, após menos de vinte e quatro horas que uma mulher ligou

“por engano” para mim, ela ia desconfiar e me perturbar. Se não fosse sua

ligação, poderia ter vindo antes. Deveria ter esperado que *eu* me comunicasse com você.

— Ter esperado pela *sua* boa vontade? — Ergo um pouco a voz. —

Tinha dias sem te ver direito, você se recusando a falar comigo! Só… tive medo de que tivesse mudado de ideia.

— Tive meus motivos para não falar com você, Juliette — explica, seus olhos transformando-se ligeiramente em traços de raiva que não reconheço.

— O que houve entre você e Bernardo? Por que brigaram? —

pressiono-o, mudando radicalmente de assunto.

— Isso não vem ao caso — responde, subitamente mais calmo. Com apenas três passos ele me prensa contra a porta, tomando minha boca em um beijo suave e carinhoso, seus dedos longos afagando minha bochecha. — Não

vou perder meu tempo te explicando uma desavença idiota entre nós dois que, aliás, já foi resolvida, quando tudo que quero é matar minha saudade de você e me enterrar na sua boceta.

Suas mãos fortes descem pela lateral do meu corpo, parando abaixo das coxas e me tocando na pele nua. Então ele sobe meu vestido, seu toque chegando até minha bunda e a apertando. Afasto-o delicadamente e cruzo os braços. Antony me olha com cara de indignado por tê-lo recusado.

— Quando pedirá o divórcio? — insisto. — Não quero mais esses encontros às escondidas nem te dividir com sua mulher.

— Não está me dividindo com ninguém. Há semanas que não transo com ela.

Como se isso aliviasse alguma coisa.

— Ainda assim, Antony, não quero mais continuar sendo a outra. Não importa quanto a sua esposa seja uma megera com você, a amante é quem sempre está errada. E sinceramente, não tenho nenhuma pretensão de sair manchada nessa história.

Vejo-o fechar os punhos com minha insistência. Ele já me explicou os motivos de ainda não ter se divorciado. Está trabalhando em alguma coisa com Emilien para poder abrir mão da galeria.

— Já te expliquei os motivos, mas continua me pressionando —

murmura entre os dentes.

— Desculpe se não gosto dessa situação — devolvo, meio debochada.

— Juliette, tenha um pouco mais de paciência. Toda minha renda provém da galeria. Não posso simplesmente me divorciar nesse momento porque isso implicaria em ter de dividir metade dos meus bens com ela e, por enquanto, não tenho condições de manter meu estilo de vida se meus lucros caírem pela metade. Estou trabalhando em um projeto de investimentos com Emilien que vai me dar muito mais retorno e faturamento, dessa maneira, posso ceder minha parte a Ann-Marie, manter minha renda e, de quebra, cortá-la de uma vez da minha vida.

Antony se aproxima de novo, a raiva parecendo se esvair dele. Ele me segura pelas mãos e completa:

— Quero abrir mão da galeria porque dividi-la com Ann-Marie significa continuar a aceitando na minha vida e me perturbando. Não quero isso, *mon amour*. Quero ficar livre dela e para isso terei de ceder a minha parte, mas não posso ceder sem antes ter outro negócio rentável. Você me entende?

Sinto-me uma estúpida por pressioná-lo dessa maneira. *Mon Dieu,* ele está coberto de razão. Abraço-o fortemente, murmurando pedidos de desculpas. Ele afaga meus cabelos e diz que está tudo bem, que compreende meus desejos e que me ama.

Agarro-me à esperança de que em breve Antony será meu, apenas meu. O pensamento nem me faz perceber que, aos poucos, perco minha roupa. Quando ele entra em mim com todo vigor, me esqueço de tudo e somente me entrego.

A PACIENTE

PIERRE

O bebê dela tem batimentos cardíacos.

Comprovei isso instantes antes de ela entrar na ressonância magnética após a estabilizarmos, utilizando-me de um sonar. O resultado da ressonância não indicou nenhum trauma sério na cabeça, apenas uma concussão e duas costelas quebradas.

Agora, estou aqui, por algum motivo que desconheço, velando seu sono, sentindo uma felicidade incomum dentro do peito. Sempre me sinto satisfeito, realizado e feliz quando cumpro meu dever, mas este caso despertou algo mais intenso em mim. Talvez porque quando ela me olhou, o fez com súplica. Prometi cuidar dela e do bebê, uma promessa que não deveria ter feito com tanta veemência. No máximo, deveria ter dito “faremos de tudo para salvarmos seu bebê”, mas jamais garantir coisa alguma.

Entretanto, aqui estamos. Ela, viva; seu bebê, bem. Quando acordar, poderei dar uma notícia boa em meio a este evento ruim. Seu rosto inchado e escoriado desperta em mim ainda mais curiosidade sobre seu caso. Continuo assustado e indignado com sua situação, com a covardia que cometeram contra ela.

Juliette Gautier está estabilizada e passa bem. Ainda assim, pego o estetoscópio e, delicadamente, apoio-o sobre o lado esquerdo do seu peito, conferindo os batimentos cardíacos. Devolvo o instrumento ao meu pescoço e enfio as mãos nos bolsos do jaleco, meus olhos fixando-se na paciente por longos segundos. Em um instinto quase indomável, uma atitude perigosa e ousada, levo minha mão direita até seu rosto, acariciando-o por um instante.

A porta do quarto se abre de repente, assustando-me e fazendo-me recuar um passo.

Uma enfermeira adentra o ambiente e sorri ao me ver.

— Doutor Laurent — cumprimenta-me, contornando a cama e ajustando o soro da paciente. — Não sabia que estava aqui.

Pigarreio antes de responder:

— Vim examiná-la de novo, ter certeza de que está bem.

A enfermeira mantém o sorriso e ajeita o lençol sobre Gautier.

— Informaram para alguém o estado dela, ou já vieram procurá-la?

— indago. — Familiares, namorado, marido…? — especulo.

— Não encontramos nenhum contato de emergência no celular dela, mas há um homem aí fora — informa. — Chegou junto com os paramédicos, ele quem a encontrou atrás da cafeteria. *Monsieur*… — Pausa para se recordar. — Dousseau. Não tem parentesco nenhum, mas me parece que é funcionária dele. Por isso não entramos em contato com qualquer um dos números no telefone dela.

Absorvo as informações por um segundo, tentando não criar teorias sem fundamentos. Contudo, não consigo não pensar em como é estranho ele tê-la encontrado, assim, parecendo tão por acaso atrás de uma cafeteria qualquer. Afasto meus pensamentos absurdos e me repreendo por querer dar uma de Étienne. Esse assunto não é de minha alçada; em breve, quando a moça acordar, poderá esclarecer tudo.

— Não diga nada ainda — instruo-a. — Estou esperando o neurologista de plantão analisar de novo as chapas da ressonância e me confirmar que houve apenas uma leve concussão. Quero ter certeza de que ela está realmente bem antes de qualquer coisa.

É um cuidado idiota, sei disso. Alan Baron já me garantiu de que não há nenhum trauma crítico, e os exames de reflexos que fiz nela foram bons, mas, ainda assim, pedi que analisasse novamente, só para termos certeza.

Entretanto, chegaram outros dois casos mais urgentes aos quais precisou dar atenção, então tenho de esperar.

— Sim, doutor Laurent — anui.

— Quando der notícias dela ao homem que está lá fora… — falo com cuidado, desviando meu olhar por um breve instante para Juliette. — Não diga nada sobre a gestação. Ainda não sabemos se ele sabe a respeito ou se a



paciente tinha pretensões de contar. Vamos esperá-la despertar e, ao receber visitas, ela mesma conta, se assim desejar.

— Como quiser — responde-me, terminando de

ajustar o soro.

Aceno em positivo e não tenho mais desculpas para ficar. Molho o lábio inferior, custando a dar um passo para trás e sair do quarto.

— Quando ela acordar… — peço, já próximo à porta. — Pode me chamar, por favor? Quero examiná-la de novo, fazer um ultrassom e preencher o relatório de atendimento.

— *Oui, docteur*.

Dando uma última olhada em Juliette, finalmente me afasto.

Adentro a sala da neurologia. As chapas com os resultados de Gautier continuam expostas, mas o médico responsável ainda não está aqui.

Aproximo-me e as observo com atenção, mãos nos bolsos, concentrado, à procura de algo que, graças a Deus, não existe. Ainda assim, estou preocupado e levemente paranoico.

— É só uma concussão, nada grave — a voz dela soa atrás de mim.

Assusto-me, mas não me viro. Eu a evitei o dia todo ontem e parte desta manhã, o que parece não ter valido de nada. Francine se põe ao meu lado e me olha; não faço o mesmo. Continuo atento aos resultados diante os meus olhos, ignorando-a.

— Pierre…

— Eu escutei, Francine — falo, dando um passo ao lado e passando a analisar a outra chapa. — Ainda assim, prefiro ouvir a opinião do Baron, se não se importa.

— Pois também sou neurologista. Deveria confiar em mim.

Com uma risada ácida, jogo um olhar para ela. Confiança é algo que

jamais existiu de sua parte na nossa relação, apesar de todos os meus esforços. Chega a ser irônico.

— Você, falando de confiança? — debocho, tornando a analisar as imagens em preto e branco à minha frente.

— Estou te pedindo para confiar em mim como profissional.

Ignoro-a de novo, pouco me importando com suas justificativas.

Droga, só queria ter ficado longe dela. Mas sabia que havia uma possibilidade de nos vermos ao vir para a área da neurologia.

— De qualquer maneira — falo, quando noto que não me deixará em paz. — Esse caso é do Baron. Agradeço a informação, mas…

— Na verdade — interrompe suavemente, recolhendo as chapas, uma por uma. — Esse caso agora é meu. *Nosso*, se assim preferir.

Pisco diversas vezes, assimilando a notícia que acaba de me dar. Não, não é possível.

— Do que está falando?

Francine dá de ombros.

— Alan me pediu para assumir o caso com você. — Duvido muito.

Ele sabe da aversão que tenho a essa mulher. Sabe que estou evitando-a a todo custo e que, para o bem da minha saúde mental, ela deve ficar longe de mim o tanto quanto for possível. Aposto minha bola esquerda que *ela* se ofereceu e conseguiu isso de alguma outra forma. — Surgiu um caso de tumor inoperável e

ele quer arriscar, então… Aqui estamos. De nada adiantou tentar me evitar.

Cerro os punhos com força, tentando não perder o controle com Francine. Estou tão tomado de raiva que nem a vejo se aproximar de mim e me segurar pelos braços.

— Sinto sua falta, Pierre… Estamos mesmo jogando tanto tempo de namoro fora por tão pouco?

Ao notar seu toque em mim, me afasto como se tivesse levado um choque.

— Não. Você sente falta de me controlar, controlar minha vida. Está



me atazanando porque não consegue aceitar que agora não pode mais ter controle sobre mim e não suporta a ideia de que sou um homem livre. Livre das suas histerias, paranoias e agressões. Livre de você.

Estou passando por ela para sair, mas Francine me agarra pelo braço.

— Não pense que vou desistir de você, de *nós*.

— Nós terminamos — lembro-a, mas não deveria ser necessário. —

Há três semanas. Me deixe em paz.

Desvencilho-me do seu toque e me retiro.

Estou terminando uma curetagem quando a enfermeira da minha equipe surge na sala e me informa do despertar de Juliette Gautier. Agradeço pela informação e termino o procedimento. Minha paciente precisará de uma assistente social e acompanhamento psicológico. Além de um obstetra melhor. É sua quarta gestação, e o quarto aborto espontâneo antes de completar o primeiro trimestre. Ela precisará de tratamento e acompanhamento de perto. Entrego um cartão de

visitas, caso ela queira ir até a clínica onde atuo intercalando com meu plantão no hospital.

Higienizo-me rapidamente, confiro caneta, receituário, estetoscópio, pego o tablet com o prontuário da paciente e sigo até seu quarto. Quando chego, meu peito dá uma leve apertada, pois tenho a impressão de vê-la secando uma lágrima.

Tudo que consigo fazer é abrir um pequeno sorriso e me aproximar, mantendo-me em silêncio.

— Juliette Gautier, não é? — pergunto a única coisa que surge na minha mente para quebrar o silêncio. É uma constatação óbvia, mas, por algum motivo, não consegui encontrar nada mais adequado do que confirmar seu nome e sobrenome.

Como resposta, apenas acena em positivo.

Estou tentado a ficar olhando-a, compadecido da sua situação,

admirado pela sua beleza que, por trás de todos machucados e hematomas, sei que existe. Para não parecer inconveniente, baixo meus olhos para o aparelho eletrônico como uma forma de buscar a próxima informação, embora não precise dela.

— Grávida de oito semanas. Descobriu sua gravidez hoje?

Com um suspiro, ela balança a cabeça em negativo. Estranho o fato de ainda não querer se comunicar por palavras e a encaro, seriamente preocupado. Talvez esteja em estado de choque. Por isso, me viro, caminho até a porta e chamo uma enfermeira. Peço a ela para chamar um psicólogo e para me trazer um sonar. Volto um instante mais tarde.

— Há quanto tempo sabe que está grávida? — questiono, e novamente tenho a necessidade de fugir dela, de entreter-me mirando as informações clínicas dela em minhas mãos. Não sei por que isso. Pondero que seu estado me causa desconforto. Deus, ainda não me conformo com o que fizeram a ela.

Juliette faz um segundo de suspense e, por fim, engolindo em seco, ergue o indicador. Considero isso como um dia que descobriu a gravidez. O

que nos leva ao dia anterior.

— Descobriu ontem, então? — indago, para confirmar se compreendi corretamente a sua mímica. Ela assente com a cabeça, parecendo aliviada por compreendê-la com facilidade.

Anoto a informação no seu prontuário eletrônico.

— Você teve uma concussão — explico, erguendo meu olhar ao seu outra vez. — Precisará ficar em observação por dois dias, mas pretendo te manter aqui um pouco mais que isso por causa do bebê e dos seus ferimentos, dentre eles duas costelas quebradas. Não encontramos nenhum contato de urgência em seu celular. Quer que eu avise alguém sobre seu estado? Pai, mãe, marido…?

Ela nega outra vez, ainda se recusando a se comunicar de forma oral.

Demoro a notar que a fito por longos segundos, perdido nos meus próprios pensamentos, questionando-me se ela realmente não tem ninguém. O que aconteceu com seus pais? E o pai do bebê?

De repente, me dou conta de que sequer me apresentei.

— Que descuidado eu sou — falo. — Sou Pierre Laurent.

Ginecologista e obstetra. Vou cuidar de você e do seu bebê enquanto estiverem aqui.

Sua resposta é apenas um sorriso pequeno. Suas mãos contornam o ventre de um jeito bastante protetor. Observo-a, sem reparar na singela felicidade que me toma pela imagem diante dos meus olhos. Uma enfermeira bate à porta no instante seguinte, interrompendo o momento, libertando-me das minhas divagações e me entregando o sonar.

— *Merci* — agradeço e ficamos sozinhos novamente. Volto-me para ela e pergunto: — Quer ouvir os batimentos do seu filho? — Seus olhos lacrimejam na mesma hora, enquanto confirma com outro gesto de cabeça.

Preparo-me, vestindo um par de luvas descartáveis. Levanto delicadamente sua roupa hospitalar, expondo sua barriga gestacional pequenina. Durante alguns segundos, ajusto o sonar até que, de repente, as batidas fortes, rápidas e

saudáveis de seu bebê preenchem o quarto. Vejo a emoção tomar conta dos seus olhos e se verterem em lágrimas tímidas.

Juliette fica concentrada ouvindo os batimentos cardíacos, como se qualquer mínimo ruído pudesse atrapalhá-la de vivenciar esse momento tão único.

Estou para abrir a boca e explicar que, pela quantidade de batimentos por minuto, seu filho está saudável, mas a porta do quarto se abre e interrompe minha ação. Um homem, com semblante cheio de preocupação, bem-vestido e alto, entra no cômodo. Pela preocupação no seu rosto, pondero que se trata de alguém que se importa com ela. Talvez o pai do bebê?

— *Salut, ma chère* — cumprimenta-a e, olhando com atenção o estado vulnerável dela, completa: — Que susto você nos deu.

Juliette nada responde; nada além de um suspiro. Seus olhos estacionam no meu por um segundo e depois retornam para sua barriga, voltando a prestar atenção às batidas do bebê.

— Seu bebê está bem — digo, por fim, novamente quebrando o silêncio constrangedor que se apossou do cômodo. — Os batimentos estão fortes e saudáveis. — Guardo o sonar e arranco as luvas, descartando-as no lixo. — Vou marcar um ultrassom transvaginal pra que você possa vê-lo, tudo bem?

O ultrassom vai permitir sabermos suas semanas gestacionais com mais precisão, além de conferirmos o peso e tamanho do bebê, que ainda é um feto.

Enquanto baixo sua roupa hospitalar e cubro sua barriga, sinto-a me olhando e fico tentado a devolver o olhar. Ao invés disso, viro-me para o homem que adentrou o recinto há pouco e me apresento:

— Pierre Laurent. Ginecologista e obstetra. Você é o pai do bebê? —

especulo, de um jeito que soa muito antiético para meus ouvidos. Não era exatamente essa pergunta que deveria ter feito, nem com essas intenções de querer saber mais sobre Juliette, nem me preocupar se ela é mãe solteira, como tenho ponderado, mas minha curiosidade venceu.

— *Non* — nega. — Bernardo Dousseau. Juliette é minha funcionária

— informa, aproximando-se dela e pegando-a pelas mãos. Pela mudança sutil da expressão em seu rosto, foi pega de surpresa. Apesar do toque, a moça não o olha de volta, talvez envergonhada de alguma coisa. Do que exatamente?

Bernardo a acaricia nos cabelos e, nesse momento, Juliette cai em um choro tímido, apertando os dedos dele contra os seus, num ato que entendo como de desespero. Então, me dou conta de quem é ele. A pessoa que a encontrou espancada atrás de uma cafeteria. Começo a compreender que seu choro talvez não seja de vergonha, ou *apenas* de vergonha, mas deve ter algum sentimento de gratidão.

— Já sabem quem possa ter feito isso com ela? — pergunto, rompendo o instante entre eles por um segundo. — Ela não disse uma palavra desde que acordou. Está em estado de choque. Já chamamos um psicólogo para acompanhamento.

— Não sabemos — Dousseau responde. — A polícia está trabalhando nisso.

O modo como me responde, sem me olhar, sua atenção toda em Juliette, me dá a deixa de que precisam de um instante a sós. Sendo assim, decido deixá-los conversar.

— Certo. Vou deixar vocês a sós. Se precisarem, é só chamar.

No lado de fora, recosto-me à porta por alguns segundos, tomo ar para os pulmões e me obrigo a me concentrar em outros pacientes, e não somente

nela e no que possa ter acontecido.

SINAIS

JULIETTE

— Importante? — pergunto, notando que Dousseau se distraiu lendo uma mensagem no celular.

Estou na gerência da cafeteria, ajudando-o com o balanço de lucros do mês. Ele não é de se distrair, a menos que isso envolva algum rabo de saia.

Ultimamente, observando-o, tenho notado que ele está bastante interessado em

Ann-Marie Leclerc. Pouco mais de uma semana atrás, inclusive, ela veio aqui, sozinha, muito provavelmente escondida do marido e perguntou de Bernardo para outra funcionária. Ele logo saiu do escritório e foi atendê-la; os dois conversaram numa mesa mais reservada. A mulher tinha alguma coisa em mãos, mas pela distância em que estavam, e como meu patrão estava sentado de frente para ela e de costas para mim, não pude ver com exatidão do que se tratava. Conversaram por algum tempo e depois a mulher foi embora, meio de rosto corado.

Tenho uma vontade imensa de contar tudo a Antony, da sua vinda aqui, do modo como Dousseau a olha e das minhas suspeitas de que eles têm um caso. Conheço meu chefe bem o suficiente para saber quando está se envolvendo com uma mulher. A novidade é que nunca o vi com alguém casado. Só não faço isso porque posso me comprometer e prejudicar Bernardo, duas coisas que não quero nesse momento.

— Não — responde. — É uma mensagem de Emilien. Quer que eu leve companhia na festa dele, amanhã. Estava pensando em quem levar.

Emilien vai oferecer outra festividade na sua mansão. Alguma coisa sobre uma viagem à África. O homem é um filantropo ativo, vive apoiando causas e criando eventos beneficentes. Recordo-me de, noites atrás, meu amante ter resmungado algo sobre Dupont ter convidado Bernardo. O tom de voz dele demonstrou que o convite não o agradou nem um pouco. Quis perguntar o que aconteceu que os dois se desentenderam de uma hora para

outra, saber com mais detalhes, uma vez que todas as informações que recebi foram evasivas e desconexas. Ainda não compreendi os fatos. Leclerc é um cliente fiel e, apesar de ele e Dousseau não serem amigos muito próximos, tinham um nível de amizade, daqueles de, de vez em quando, se sentarem em uma das mesas da cafeteria e tomarem um café. Minha única certeza é que a tal discussão entre os dois envolveu Ann-Marie. Mesmo curiosa por mais detalhes, preferi não perguntar nada. Antony tem pavio curto; se insisto muito em assuntos que o desagradam, o homem fica explosivo. Por isso, evito.

Aceito sua resposta e apenas aceno, tonando a analisar os papéis em minhas mãos.

Um segundo depois, Bernardo pergunta:

— Quer ir comigo?

Seu convite me pega de surpresa, deixando-me meio confusa. Para confirmar se que entendi direito, indago:

— À festa do *monsieur* Dupont?

— *Oui* — confirma.

Penso por um segundo, avaliando seu convite. Se eu aparecer nessa festa, Antony poderá ficar furioso por dois motivos. Primeiro, porque estarei acompanhada de Bernardo, e como os dois estão com algum tipo de inimizade, fica bastante claro que estar junto dele vai desagradá-lo. Segundo, porque pode acreditar que estou o perseguindo com a intenção de criar algum conflito com a esposa, o que jamais seria o caso. Ele me prometeu que vai se divorciar assim que seus negócios com Emilien se concretizarem. Após uma breve avaliação, decido que vou, sim, acompanhar meu chefe. Ora, eu ainda tenho o direito de ir e vir com quem e onde bem entender.

— Tudo bem — aceito, sorrindo pequeno.

Como resposta, ele diz:

— Te pego às sete.

Pontualmente, Bernardo aparece em minha casa, elegante dentro do seu terno. Seguimos até a mansão de Dupont, que está toda iluminada. Há diversos convidados em seus trajes finos e caríssimos espalhados por todo o jardim extenso. Enroscada aos braços dele, caminho com cuidado em meus

saltos, absorvendo todo o requinte que o dinheiro pode proporcionar. Não vou mentir: estou bastante encantada. O luxo sempre chama a atenção e encanta.

Cautelosamente, ele nos guia até o alpendre na entrada. No *hall* principal, a decoração é ainda mais requintada, com mesas postas e cheias de aperitivos, e centenas de convidados de todos os ramos, mas igualmente ricos, além celebridades parisienses. Bernardo não é nenhum multimilionário, mas sua rede de cafeterias *gourmet* na França, com uma filial inclusive no Brasil em sociedade com um amigo brasileiro, garante que sua conta bancária tenha um bom número de zeros, mais do que eu teria mesmo se trabalhasse em dois

empregos por uma vida toda.

Cumprimentamos algumas pessoas que conhecemos e que passam por nós quando adentramos o salão. Um garçom nos oferece bebida e petiscos.

Bernardo aceita o champanhe, e faço o mesmo. Rodamos pelo ambiente por uns dois minutos, meus olhos vasculhando tudo e todos à procura de quem de fato me interessa. Meu coração até bate um pouco mais acelerado quando penso na reação que ele terá ao me ver.

Talvez esteja com Emilien; ultimamente, desde que começaram a fazer negócios juntos, Antony não tem desgrudado dele. Uns dois minutos depois, avistamos Dupont em um canto, acompanhado de Marie — uma cliente da cafeteria que virou amiga/uma das amantes de Bernardo. Pelo que ouvi dela outro dia, enquanto tomava um café e conversava ao telefone, fará uma matéria sobre a filantropia do anfitrião da festa no continente africano.

Ao contrário do que pensei, Antony não está junto do amigo.

Bernardo me arrasta até lá. Quando nos vê, Dupont para de conversar com o homem em sua presença e abre um sorriso enorme, enquanto o abraça e diz que está feliz pela presença dele.

— Você já conhece a *mademoiselle* Gautier, minha gerente — meu patrão diz, apoiando a mão na minha cintura e me trazendo um passo à frente.

Emilien abre outro do seu sorriso encantador e receptivo e me cumprimenta com um beijo respeitoso.

— Sintam-se à vontade, Dousseau. Comam e bebam o quanto quiser —

diz, após apresentar-nos ao empresário em sua companhia.

Dando uma última olhada em volta, ergo-me nos pés e cochicho ao

ouvido dele:

— Vou andar um pouco pelo jardim e pelo salão, tudo bem?

Bernardo acena em positivo ao mesmo tempo em que Marie se enrosca no braço

dele e começa a afastá-los de perto de Emilien, que se distraiu falando de negócios. Deixo-os um na companhia um do outro e percorro o espaço atentamente. Passo pela mesa de petiscos e surrupio alguns tomatinhos. Saio do salão principal, desço os degraus do alpendre e desemboco no jardim. Exploro um pouco mais a noroeste do terreno, passando por luminárias elegantes e por uma piscina enorme. À borda dela, mais convidados conversam e riem, degustando os tira-gostos e bebidas. Uma garçonete me aborda e me oferece outra taça de champanhe, uma vez que a minha já está vazia. Aceito e faço a troca.

Vou caminhando por todo local, meus olhos vasculhando tudo com cuidado, à procura dele. Droga, onde esse homem se meteu? Tudo bem que a residência é bem grande, mas a maioria das pessoas está concentrada em um espaço pequeno. Não tem como Antony estar em qualquer outro lugar.

Aperto minha bolsinha a tiracolo um pouco mais contra meu corpo e presto atenção aos meus saltos fincando no gramado. Preciso de qualquer coisa, menos de um tombo.

Contorno toda a mansão até chegar a uma porta mais aos fundos. Dou uma espiadela e constato que é a cozinha. Há homens e mulheres andando para lá e para cá, trajando uniformes. Funcionários do *buffet.* Quando me viro para retornar aonde acontece a festa, dou um saltinho ao me deparar com seus olhos claros, assustada com sua presença.

— Juliette! — exclama, surpreso com minha presença.

Ora essa, também estou surpresa com a presença dele. Que raios está fazendo aqui? Analiso-o por um segundo. O terno e gravata bem-passados e ajeitados no seu corpo, o quepe entre os dedos.

— Adrien, que susto você me deu! — digo, exasperando um suspiro e levando a mão ao coração. — Por que está aqui? — pergunto, esquivando-me de seu porte grande. Minha bunda roça levemente na parede antes de eu tornar a caminhar lentamente de volta à festa.

Meu primo me acompanha, ajeitando o quepe na cabeça.

— Estou a trabalho. Vim trazer o seu Ferdinand — responde, olhando mais ao redor e parando de caminhar quando nota para onde estou indo.

Também paro e me viro para ele, que tem os olhos fixos nos convidados mais ao longe, divertindo-se.

Entendendo que ele prefere não se misturar com os ricaços, retorno alguns passos e caminho na direção contrária. Ele volta a me acompanhar e indaga:

— E você? O que está fazendo aqui?

— Meu patrão precisava de uma companhia, por isso me convidou.

Meu primo abre um pequeno sorriso, me avalia por um breve segundo e me elogia.

— Posso te fazer uma pergunta? — questiona, molhando o lábio inferior.

— Faça — devolvo, prestando atenção na sua linguagem corporal.

— Viu se Marjorie está aí?

Ergo uma sobrancelha.

— E por que ela estaria aqui?

— Porque o *monsieur* Dupont é ex-noivo dela. Seu Ferdinand foi convidado, mas não sei da filha. Se bem que… — reflete, respondendo à própria pergunta: — Acho que ela foi para Milão com uma estilista para quem estava desfilando. Não sei direito. — Balança a cabeça em negativo. —

Esqueça que te perguntei isso. Mesmo se tivesse vindo, não faria diferença.

A informação é interessante.

— Eu não sabia que a Marjorie era ex-noiva do Emilien. Ele sempre me pareceu um homem bastante sozinho. Eu mesma nunca o vi na companhia de alguma namorada…

— Você o conhece? — Adrien inquire, meio surpreso.

— Sim. Ele frequenta a cafeteria e é amigo do Antony… — falo, suspirando no último nome. Torno a olhar ao redor, com uma expectativa boba de encontrá-lo, enquanto mordo o lábio inferior.

Um silêncio repentino nos ronda. Ao longe, música e conversas.

— Está falando do seu amante? — O tom do meu primo não é nem um pouco agradável.

Volto meu olhar para ele, assustada com como consegue compreender as coisas com facilidade. Nunca mencionei o nome de Antony em sua frente.

Depois daquele nosso almoço no Le Procope, uns dois meses atrás, não disse mais nada a respeito do meu envolvimento com um homem casado.

Pretendia, na verdade, não contar nada até que não fosse mais comprometido.

— Juliette — o tom é de advertência —, não se afastou do homem depois daquele dia que conversamos?

Suspiro e engulo o restante do meu champanhe de uma vez só. Não estou com paciência para os sermões de um rapaz de vinte e cinco anos que tem medo de se aproximar da filha do chefe.

— Eu não pude — respondo, baixando o olhar. — Gosto dele, Adrien, de verdade.

O homem balança a mão no ar, em um gesto de completo descaso e desdém.

— Ainda bem que você quem pagou a conta naquele dia. Imagina eu ir lá, perder meu horário de almoço e alguns euros que não caberiam no meu orçamento pra você simplesmente jogar meus conselhos pela janela!

Francamente, Juliette.

— Não seja dramático. — Faço biquinho, aproximando-me dele e o envolvendo pelo pescoço. — Você, mais do que ninguém, sabe que a gente não manda no coração.

— Não, mas somos responsáveis pelas nossas escolhas e atitudes —

fala, suavizando um pouco a expressão e segurando minha cintura. — E

você *pode* mandar nas suas escolhas e atitudes. Não vou ficar aqui te dando

sermão ou te dizendo o que deve ou não fazer da sua vida, até porque você é uma mulher adulta, mas ao menos uma vez pense no que te digo. E tome cuidado.

Sorrio e o abraço apertado. Penso em dizer que suspeito sobre as traições de Ann-Marie, mas descarto, já conhecendo que tipo de respostas

terei. Algo como “o erro dela não justifica o seu” ou “vocês duas estão erradas”.

Um pigarro atrás de nós interrompe o momento. Quando giro nos meus calcanhares, dou de cara com Antony nos observando atentamente, o semblante nada feliz, sobrancelhas vincadas, corpo meio retesado, lábios apertados em uma linha fina. Bem cara de poucos amigos. A luz da cozinha incide às suas costas, criando um aspecto nele meio intimidador.

Meu coração dá um salto dentro do peito, meio violento e descompassado, e não sei se o motivo é porque ele está bonito e isso mexe comigo, ou se por causa da sua postura descontente, o ciúme quase pulando dos seus olhos por causa de Adrien. Afasto-me do meu primo rapidamente, à medida que ele dá dois grandes passos e se aproxima de mim, deixando-me entre os dois.

Viro-me para Adrien, que me olha de volta com os olhos semicerrados, como se perguntasse de quem se trata. Um segundo mais tarde, parece exatamente saber quem é o homem que nos interrompeu, e de confuso, seu rosto vai para decepcionado.

— Até mais, Juliette — ele se despede, enfiando o quepe na cabeça e se retirando em direção à área dos funcionários.

Acompanho-o até que minha visão é obstruída pelo semblante sisudo do meu amante.

— Seu namoradinho? — praticamente rosna.

Pisco diversas vezes, assimilando sua pergunta descabida. Um tremor esquisito atravessa meu corpo por conta da sua insinuação. Tenho suportado dividi-lo com a mulher, estou esperando-o resolver sua vida para pedir o divórcio, e ele me vêm com esse tipo de desconfiança sem pé nem cabeça?

— Meu primo — informo e completo em seguida: — Não precisa fazer essa

cara, Tony.

— Que cara? — indaga, quase como um cão raivoso. Dá um último passo à frente e me segura pelos braços. — A cara de quem pegou a mulher que ama se esfregando em outro macho?

Empurro-o delicadamente, desagradando-me do seu ciúme sem

cabimento.

— Estava apenas trocando um abraço. Adrien é como um irmão para mim — explico. Antony suaviza a expressão, e eu o envolvo em meus braços. Olho para os lados antes de beijar sua boca, afundando meus dedos em seus cabelos. Ele retribui, apertando minha bunda com a possessividade de sempre. — Eu amo você.

Seus olhos brilham por um instante antes de ele me tomar em outro beijo desvairado. Dura só um segundo.

— O que está fazendo aqui? — Quer saber.

— Bernardo me convidou.

O semblante dele muda outra vez, mas é diferente. É uma expressão mais de raiva do que de ciúmes. O que de novo me dá uma sensação estranha de ciúme ao pensar que meu amante ainda se importa com a esposa, mesmo minimamente.

Estudo sua feição enquanto me fita após mencionar o nome do meu patrão. Aos poucos, a raiva vai dando lugar ao desejo. Em um segundo, ele me puxa pelos punhos e murmura:

— Venha — Quero saber aonde vamos. — Matar minha saudade de você — responde, passando pela porta da cozinha e contornando a mansão.

Ele vai tateando as paredes externas até que encontra uma porta de vidro; o cômodo do outro lado está submerso na escuridão.

— Antony… — cicio quando ele me empurra para dentro.

Desvio-me do que me parece uma poltrona.

— Estive aqui mais cedo — responde de volta, no mesmo tom. —

Conheço a mansão — fala, encostando a porta vagarosamente. Torna a me pegar pelo punho e, provando que de fato conhece o local, me puxa e desembocamos em um corredor à meia-luz. Ao olhar para o outro lado, posso ver as luzes da festa, ouvir as conversas animadas.

Ele me leva na direção contrária, o corredor cada vez mais escuro, viramos à esquerda e subimos um pequeno lance de escadas. O corredor aqui em cima é menor, mas escuro da mesma forma. Antony dá três ou quatro passos, abre outra porta e acende a luz. O cômodo se revela um quarto

pequeno. Tem uma cama de solteiro, uma televisão, um guarda-roupa com as portas abertas e vazio, uma mesinha de cabeceira e um banheiro singelo do outro lado. Estou assimilando e compreendendo que estamos na área dos empregados quando a mão forte dele toma minha cintura e me puxa para sua boca desesperada.

Dou espaço para sua língua e me entrego, procurando com dificuldade a fivela do seu cinto. Leva apenas um minuto para estar deitada na cama, pernas abertas, ele dentro de mim, metendo com o vigor de sempre.

Quando terminamos, fico sozinha só por um minuto. Antony vai ao banheiro se limpar e descartar a camisinha, o que me permite refletir sobre os últimos minutos — mais especificamente sobre o ciúme que demonstrou ter de Adrien. Ele nunca tinha demonstrado isso antes. Admito que não gostei do seu tom de voz comigo, mas não consigo ignorar que seu ciúme é porque se importa, porque me ama. Não posso ser hipócrita e dizer que não sinto vontade de pular no pescoço dele só de imaginá-lo com a esposa, então sou capaz de compreender o sentimento.

— Provavelmente, farei uma viagem dentro de três dias — ele diz, surgindo no quarto, terminando de secar o rosto. — Para Lyon. Emilien me comunicou há alguns dias, mas não é nada certo. Ele me assegurou que me dá uma resposta definitiva ainda hoje. Vai entrar de férias essa semana, estou certo?

Abro um pequeno sorriso e afirmo, levantando-me da cama. Caminho rapidamente até o banheiro e me limpo o quanto posso. Antony me segue, recostando-se ao batente e terminando de dizer:

— Se essa viagem for confirmada, gostaria que fosse comigo.

Ajusto meu vestido no corpo e o olho, meio encantada com o convite.

Será nossa primeira viagem juntos.

— Mas, e sua esposa? — questiono. — Ela não vai querer ir com você?

Antony balança a cabeça em negativo.

— Ann-Marie odeia essas viagens a negócios. Não se preocupe.

Ele vem até mim e me agarra de novo, acariciando meus cabelos e sorrindo.

— Você vem, não é? Darei um jeito de passar algum tempo com você.

— Eu vou — confirmo.

Antony me dá outro do seu sorriso estonteante e me beija pela última vez, muito intenso, muito forte, quase como se quisesse me comer de novo.

— Volte pelo mesmo caminho que viemos — sussurra. — Preciso voltar antes que minha esposa dê minha falta — fala. O desagrado quase consome meu corpo, mas me esforço para não o demonstrar.

Meu amante sai na frente. Espero um minuto antes de fazer o mesmo.

Mal dou dois passos e esbarro em um peito duro. Ergo os olhos e me deparo com um olhar severo sob um quepe preto.

— Você não tem jeito — murmura, balançando a cabeça em negativo.

Passo por ele, dispensando seus conselhos. Ele não sabe nada sobre minha vida e meus sentimentos. O homem vem no meu encalço e me segura pelos braços. Vira-me em sua direção e já estou pronta para mandá-lo pastar quando noto que seu rosto está mais suave.

— Escute… Só tome cuidado, *tu vois?* — “Você entendeu?” — Acabei de esbarrar com ele e não gostei do modo como me olhou, como me avaliou.

Juliette — sua voz é um mero sussurro amedrontado —, fique atenta aos sinais.

— Antes que eu possa perguntar “Que sinais?”, Adrien deixa um beijo na minha testa e vira nos calcanhares.

Homem maluco. Aliás, de onde foi que ele saiu? Se esbarrou com Antony, deve ter sido por esses corredores; deduziu que eu estava por aqui e veio confirmar ou descartar. De repente, dou-me conta de que sumi já tem uns vinte minutos ou mais. Bernardo deve até estar atrás de mim. Refaço o caminho de volta rapidamente e só quando estou no jardim me dou conta de que não conferi minha maquiagem depois da transa. Retiro um espelho de mão de dentro da minha bolsinha a tiracolo e verifico meu batom e delineador. Tudo no lugar. *Merci, mon Dieu.*

— Gautier… — alguém me chama, assustando-me. Ao erguer os olhos, ajeitando levemente meus cabelos, me deparo com Dousseau.

— Oi, Bernardo — cumprimento-o, forçando um sorriso.

Sem dizer nada, me oferece seu braço. Fico sem entender direito e o

olho por um segundo inteiro antes de aceitar e me enroscar a ele. Juntos, retornamos ao salão principal.

— Onde você estava? — pergunta.

Penso um segundo e pego outra taça de champanhe quando uma garçonete passa ao nosso lado. Depois de um gole generoso, respondo:

— Estava conhecendo a mansão. É um lugar muito bonito, não acha?

Ele sorri e afirma; aproximando-se da mesa, rouba alguns aperitivos.

— *Monsieur* Dousseau! — alguém exclama, e ele se vira na direção da voz. Quem o cumprimentou é René Deschamps, um cliente da cafeteria, que se aproxima acompanhado de Antony e sua esposa. Um ciúme malditamente grande entala na minha garganta e preciso me esforçar para manter a postura.

Que Deus me ajude a aturar essa noite.

DEPOIMENTO

PIERRE

— Seu plantão já não acabou? — Francine pergunta, adentrando a sala dos atendentes.

Inspiro profundamente antes de erguer o olhar do celular e encarar seus olhos castanhos. Ela está do mesmo jeito de mais cedo: jaleco branco, cabelos amarrados em um rabo de cavalo e um sorriso que anos antes me encantou, mas agora me irrita.

— Já, mas decidi ficar — esclareço, tornando a olhar para a tela do meu telefone, conferindo minha agenda para o dia seguinte da clínica. A verdade é que estou procurando alguma brecha nos meus horários para poder voltar aqui amanhã.

Minha ex-namorada se aproxima e, só quando se senta de frente para mim, noto um copo de isopor nas mãos. Chá de camomila, pelo aroma da fumaça que serpenteia direto para meu olfato. Francine odeia café.

— É por causa da paciente nova? — especula.

Quero dizer que não, mas seria uma mentira das grandes.

— Sim. — Pego-me respondendo e me arrependo um segundo depois.

Não devo mais satisfação nenhuma a Francine. Eu bati ponto, então tecnicamente já fui embora. Contudo, enquanto me preparava para ir para casa e dormir um pouco, algo me fez recuar. Continuo preocupado com os exames de Juliette. Alan me garantiu apenas uma concussão na cabeça, mas quero uma segunda ressonância feita com contraste, só para termos certeza.

Quero que Gautier refaça o exame, se assim ela quiser e puder, para descartar qualquer risco ou lesões que tenham passado despercebidos. Quero acompanhar o processo, os resultados e as novas avaliações e prognósticos. A ideia me parece péssima quando me recordo de que Perrot é quem está à

frente desse caso na parte da neurologia, o que significa ter de trabalhar com ela.

Merde.

— Por quê? — indaga, seus olhos semicerrando em minha direção. —

É só uma paciente — aponta, tomando um pouco do seu chá.

— Não é *só* uma paciente, Francine — rebato, incomodado com a falta de sensibilidade dela. — É uma mulher *grávida*, que foi agredida sabe-se lá por que e por quem, que precisa dos nossos cuidados. Desculpe se estou tomando todas as precauções para que ela saia bem deste hospital. — Nas últimas palavras, minha voz fica mais alta e aguda.

Obrigo-me a ficar calmo de novo. Não sou de perder a paciência com facilidade. Na verdade, sou calmo até demais. Mas algo no desprezo dela diante desse caso delicado, o modo como olha para mim, como se insinuasse alguma coisa, deixa-me enojado e enraivecido. Não é *só* mais uma paciente, é a *minha* paciente. Se ela trata os seus casos como "só mais um", sem nenhum tipo de humanidade e empatia, então ela não deveria exercer a medicina.

— Ficou alterado, Pierre. — Segue com seu tom de deboche, querendo me provocar e me desequilibrar. — Já está envolvido emocionalmente com a moça? — indaga, abaixando vagarosamente seu copo de isopor sobre a mesa. — Você nunca soube separar o profissional do pessoal.

— Deve ser por isso que dormi com você, minha residente na época.

E quer saber? Das escolhas mais idiotas que fiz, você está em primeiro lugar

— rebato, levantando-me do meu lugar, pronto a deixar a sala. Vou aproveitar para tirar um cochilo até eu poder examinar Gautier novamente.

Francine não se vira para mim ao dar uma risadinha sarcástica. Estou chegando à porta quando ouço seu deboche.

— Vejo você em meia hora, no quarto da sua *paciente* — diz, despreocupadamente. — Vou conversar com ela, então… — E deixa a frase no ar.

Eu não me viro para ela. Aperto meu punho e trinco o maxilar, cansado dessas provocações. Francine sabe como me perturbar. A ideia de arrumar uma vaga em outro hospital começa a ganhar mais força na minha



cabeça.

Preciso ficar longe dessa mulher.

Respira, Pierre. Respira.

Repito essas palavras para mim como se fossem um mantra sagrado, enquanto caminho até os aposentos de Juliette. Francine já deve estar lá e preciso de todo o meu controle mental para suportá-la. No começo, eu sabia que seria complicado trabalhar no mesmo ambiente da mulher com quem passei quase uma década da minha vida.

Era meu último ano como interno, aos vinte cinco anos, quando a conheci. Perrot se dedicava ao seu segundo ano na residência. Meses depois, nos atravancávamos escondidos em um sexo quente e gostoso depois de um plantão intenso. Era bom para aliviar a tensão e manter a mente e o corpo sãos para aguentar a pressão da nossa profissão. Não sei exatamente em que momento iniciamos uma relação séria. Só sei que até três semanas atrás, dividíamos a mesma casa já havia bem uns três anos e éramos monogâmicos.

Também não consigo precisar com exatidão em qual ponto desandamos. Os ciúmes, as cobranças, as pressões e paranoias de Francine começaram muito sutilmente, tão sutilmente que não sou capaz de me lembrar quando ela se transformou na pessoa maravilhosa que conheci em uma megera descontrolada que chegava a me seguir para saber se não estava a traindo. Foi tão sutil que demorei a notar os sinais, acreditei nas suas promessas de mudanças, cansei de dar segundas, terceiras, quartas, quintas chances, acreditando que era só uma fase, que ela estava insegura por conta de relacionamentos passados.

Três semanas atrás, me dei conta da relação tóxica em que estava inserido. A mulher precisou chegar ao extremo para eu notar o quão desequilibrada ela é e como nossa vida a dois estava acabando comigo pouco a pouco. Tudo por conta de uma confusão. Estava para encerrar o meu plantão, já tinha inclusive batido o

ponto e tirado toda minha roupa, quando

recebi uma ligação de uma paciente em trabalho de parto. Uma mulher de trinta e nove anos com contrações a cada sete minutos que queria um parto humanizado em casa. Eu acompanhava o caso dela de perto e sabia que ela não ia confiar em ninguém mais para trazer seu filho ao mundo senão eu. Ela me pediu para ir até sua casa, então eu fui, com uma pequena equipe. Passei as próximas doze horas com minha paciente, isolado do mundo. Oito horas em trabalho de parto e mais quatro no pós-parto. Eram seis da tarde quando finalmente liguei o telefone e recebi uma enxurrada de mensagens e ligações não atendidas da minha namorada.

Quando cheguei em casa, fui recebido com tapas e arranhões, Francine me xingou de todos os nomes possíveis, dizendo como eu era um canalha sem escrúpulos, exigindo saber onde eu estava, com quem estava.

Édouard, em um canto da sala, assistia à “nossa” briga, chorando timidamente. Tentei me explicar, dizer que tinha ido fazer um parto humanizado, por isso não me encontrou no hospital, mas não tive tempo. A mulher começou a fazer escândalo, arrancou todas as minhas roupas e pertences do quarto e jogou tudo no quintal. Assisti, horrorizado, à cena de ela desvairada, jogando minhas coisas pela janela, gritando comigo e dizendo que não ia aceitar ser traída e ficar quieta. Tentei acalmá-la, impedi-la de arremessar meu notebook, meu aparelho de som, meus perfumes, meu tablet, meu *Kindle*, minhas roupas, mas ela parecia possuída.

No final disso tudo, juntou os meus pertences em uma pilha. Achei que ela fosse fazer uma mala e me mandar embora, o que eu teria feito sem resistência nenhuma porque aquela situação me fez perceber que precisava dar um basta numa relação abusiva, mas não. Ela juntou tudo em uma pilha, espalhou álcool e riscou um fósforo.

Enquanto todos meus bens, objetos, roupas e documentos crepitavam na frente dos meus olhos, jurei para mim mesmo que Francine seria erradicada da minha vida. Ela me olhou com seu ar superior e vingativo, e eu devolvi o olhar, mas enojado e me perguntando o que mesmo tinha visto nela.

Virei as costas e voltei para dentro de casa, peguei meu sobrinho no colo e fui para casa do meu irmão.

Foi difícil na primeira semana. Eu tinha uma rotina com ela, uma vida, uma relação estável de oito anos. Um relacionamento longo assim é sempre difícil de abrir mão. Mas na segunda semana, quando notei que não

havia trezentas ligações e quinhentas mensagens, que não tinha que ficar dando satisfação de onde estava, ou porque estava conversando com a enfermeira do terceiro andar, ou porque demorei dez minutos a mais que o habitual para chegar em casa; quando notei que chegava, preparava o jantar, cuidava do meu sobrinho e tudo estava na santa paz, sem discussões desnecessárias, vi que estava feliz. E bem. Notei que nos oito anos em que vivi com Francine não tive um instante de paz realmente. Naquele momento, vivendo com Étienne, por mais que ele continuasse na sua busca insaciável de encontrar a mulher e seguisse ignorando o filho, eu estava vivendo melhor.

Meu único problema continua sendo o trabalho. Às vezes, as escalas dos nossos plantões coincidem, como é o caso dessa semana. Mesmo quando não coincidem, ela me atormenta de qualquer maneira. Liga infinitas vezes, me manda mensagens , *pega meus pacientes.* Inferno. Francine começou a atazanar minha vida imediatamente uma semana depois de toda a merda que fez lá em casa. Descobriu pela equipe que eu estive fazendo um parto humanizado, e é claro que a porra do arrependimento bateu.

— Pode entrar, doutor Laurent. — Sua voz soprano soa aos meus ouvidos. Ergo o olhar, dispersando meus pensamentos e me dando conta que já estou no umbral da porta do quarto de Gautier.

Francine está próxima à cama dela, com um sorriso conciso, mãos nos bolsos.

— Estávamos apenas esperando por você.

Engulo em seco e me aproximo.

— Como está se sentindo? — indago, colocando-me ao lado de Francine. Sinto seu olhar em mim, mas me concentro na minha paciente, seu rosto ainda em estado crítico que não me permite ver com clareza seus contornos femininos.

— Bem… — responde, a voz saindo levemente anasalada. — Já me medicaram, então estou com menos dor e consigo respirar melhor. — Ela não sorri e pouco me olha enquanto fala. — Já vamos fazer a ultrassom? —

indaga, olhando-me rapidamente e depois para Francine.

— Ainda não — respondo. Só tem umas duas horas que prometi fazer

o exame e reservei uma máquina, mas acabei me ocupando com outras pacientes e não tive tempo. — Vamos fazer assim que acabarmos aqui, tudo bem?

Juliette apenas balança a cabeça em positivo.

— Como eu estava te dizendo… — Perrot toma a palavra, retomando algum assunto que perdi. — Seus resultados da ressonância foram bons, mas como tivemos de tomar alguns cuidados às restrições, precisaríamos fazer outro, completo, para nos certificarmos de que não sofreu nenhuma lesão grave na cabeça. — Francine lança um rápido olhar para mim, então volta para a moça e completa: — Isso é uma preocupação boba do doutor Laurent, porque já examinei seus reflexos e você está bem, não há com que se preocupar, mas ele insiste em refazermos. Quero que saiba que cabe a você decidir se quer o procedimento ou não.

Não sei que reação ter. Francine disse *"Isso é uma preocupação boba do doutor Laurent"* de uma maneira sugestiva demais, como se… meu cuidado fosse um exagero e exclusivo para Gautier. Não é. Estaria exigindo outra ressonância a qualquer outra paciente que tivesse chegado em suas condições. É meu dever garantir o bem-estar dela, pelo amor de Deus.

Engulo em seco novamente. Olho para Juliette, perdendo todas as palavras do meu vocabulário por um efêmero instante, enquanto ela me olha de volta, talvez com um misto de curiosidade e gratidão.

— Só quero garantir que esteja tudo bem com você. Mas se confiar no prognóstico da doutora Perrot e preferir não refazer o exame, não refazemos.

Como ela mesma disse, a decisão cabe a você.

Há um segundo de silêncio no quarto.

— Tudo bem. Podemos refazer — diz, fitando-me rapidamente e depois voltando-se para Francine. — Não que eu não confie no seu parecer, mas se isso vai deixar o doutor Laurent mais aliviado e de consciência leve, então vamos refazer.

Eu sorrio, meio encantado com a atenção dela. Francine se vira lentamente para mim, mantendo um sorriso forçado nos lábios.

— Muito bem, doutor Laurent. Faça as perguntas pertinentes à senhorita Gautier e, se não houver nenhuma restrição, leve-a para a sala da



ressonância. Espero por vocês lá. — Ela me dá um tapinha nas costas, e sei que é algo nem um pouco amigável.

Ignoro sua postura esquisita e apenas me atento à Juliette, que está com o rosto abaixado, as mãos em torno do abdômen. Aproximo-me, fazendo um esforço estranho para resistir à tentação de tocar suas mãos, e digo:

— *Merci.*

Não sei exatamente pelo que agradeço, mas gradeço.

Gautier não responde. Apenas sorri.

Juliette olha para mim por um segundo inteiro antes de tomar a medicação. A ressonância com contraste para mulheres grávidas é evitada por não haver estudos suficientes sobre a segurança de seu uso, embora também não haja estudos que comprovem que traz riscos para mulher ou o bebê. Ela consentiu fazer depois de responder a um pequeno questionário que descartou qualquer restrição à ressonância ou ao contraste.

Depois de ingerir o medicamento via oral, ajudo-a a se acomodar na mesa de exame e noto como suas mãos levemente frias tremem um pouco.

— Tem medo de lugares fechados? — indago, ajustando delicadamente sua cabeça sobre o travesseiro.

— Não.

Sorrio um pouco e tento compreender o suor frio e o tremeluzir.

— Preciso que fique o mais imóvel que conseguir, o exame vai durar cerca de vinte minutos. — Ergo para ela um pequeno Ipod e fones de ouvido.

— Gosta de música?

Ela abana em positivo. Seleciono um playlist mais calma e ajeito os fones em seu ouvido. De cima para baixo, fito seu rosto lesionado, seus olhos presos em algum ponto ao lado esquerdo. Então, ela se volta para mim e permanece impassível.

— Após o exame, pode sentir alguma reação do contraste, mas vai durar pouco tempo — explico. — Mas caso sinta medo, inquietação ou aflição durante o processo, é só acionar esse botão e vamos parar — falo, pegando em sua mão e posicionando sobre o botão vermelho. Por um instante longo demais, fecho meus dedos sobre os seus. — Eu aconselharia a tentar *não* interromper o exame, senão teremos que começar tudo de novo.

— Tudo bem — murmura, abrindo um leve sorriso.

Afasto-me da mesa e vou para a cabine, de onde acompanharei o processo. Quando adentro a sala, um olhar atravessado de Francine recai sobre mim. Ignoro-a e observo a esteira levar Juliette até o centro da máquina.

— Sabe que esse exame é completamente desnecessário. Está perdendo tempo, tomando lugar de outro paciente e incluindo mais um exame na conta dessa menina.

— A recepção consultou o *Carte Vitale* que encontraram na bolsa dela. A moça é amparada pela Mutuelle vinculada à empresa em que trabalha

— respondo, cruzando os braços. — Não se preocupe com as condições financeiras da moça.

Francine não me responde, mas sinto seu olhar feroz sobre mim. Ela pigarreia um instante e se dirige até o médico radiologista que está acompanhando o caso; trocam algumas palavras durante o exame. Eu fico na minha, olhando para a máquina por todo o exame, odiando ter que concordar com Francine. Juliette está bem, na medida do possível. Mesmo no primeiro exame, feito sem o

contraste, os resultados foram bons. Os exames de pupilas e reflexos também estão dentro do esperado; não há com que se preocupar, mas aqui estou eu, repetindo a ressonância para garantir que aquela moça grávida vá embora para casa em segurança.

No geral, sempre me preocupo com meus pacientes. Um trauma na cabeça é algo que não pode ser ignorado e precisa sempre de muita atenção.

Mas sinto uma aflição diferente no peito diante esse caso. Um medo idiota, irracional e infantil de não estar fazendo meu serviço direito.

Passado o tempo do exame, e já com os resultados na tela do computador do radiologista, um assistente vai ajudar Juliette a sair da máquina, se vestir e retornar para o quarto.



— Nada relevante — informa Francine, virando a tela do computador em minha direção. — Apenas a concussão que já identificamos e estamos tomando os cuidados necessários. Sente-se mais aliviado agora, doutor Laurent? — questiona, com o mesmo tom de deboche de antes.

Inspiro fundo e tento não ser grosseiro com ela, ao menos não na frente de um colega de trabalho. Dou um passo adiante, deixando meu rosto rente ao seu.

— É, estou aliviado, sim. Aliviado porque aquela moça poderá voltar para casa em segurança, aliviado porque essa noite posso colocar minha cabeça no travesseiro e saber que ela está bem. Você pode fazer o mesmo, Francine? — questiono, pegando em seu ponto fraco.

A postura da mulher vacila e ela dá um passo atrás, claramente atingida pelas minhas palavras.

— Nunca mais mencione isso — diz, a voz uma mistura de medo e raiva.

— Então nunca mais questione as minhas preocupações com os meus pacientes.

Antes que ela possa me responder, eu deixo a sala.

Bato na porta antes de entrar. Ela está na cama, comendo alguma coisa. Olho no relógio. É quase meio-dia. Parece tanto tempo, mas só faz algumas horas que ela chegou aqui.

— *Salut* — cumprimento-a, mantendo-me a uma distância respeitável. Juliette me dá outro dos seus sorrisos fúnebres. — Não queria ter te incomodado. Quando terminar… chame uma enfermeira para fazermos o ultrassom.

Seu rosto machucado parece se iluminar com a menção.

— Mas termine primeiro — digo, vendo-a afastar o prato.

— Já estou satisfeita — diz baixinho. — Quero ver meu filho, doutor Laurent. Só quero… ver meu bebê — murmura, passando a mão pela barriga.

Dou um passo adiante e a ajudo a se levantar.

— A sala não é muito longe — informo.

Ela responde apenas com um mover de cabeça e caminha ao meu lado. Quando chegamos, peço para que vista uma roupa mais adequada para o exame e depois ajudo-a a se deitar, ela o tempo todo em silêncio. Não sei se é uma mulher de poucas palavras ou se está assim por causa de todos os recentes acontecimentos. Pego-me curioso para saber mais dela, não só do que aconteceu, mas tudo. Seus gostos, sua cor favorita, com o que trabalha, onde mora…

Fico introspectivo nos meus próprios pensamentos enquanto preparo o ultrassom.

— Relaxe, tudo bem? — peço. — Vai se sentir um pouco incomodada no começo, mas logo passa.

Juliette acena e cora levemente quando ergo um pouco sua vestimenta e introduzo o transvaginal. Sinto-a se retesar com o contato e me apresso em confortá-la, dizendo que está tudo bem, baixando novamente sua vestimenta e olhando-a, mas ela não me olha de volta, sua atenção presa na tela ao seu lado.

Um minuto depois, tenho a imagem perfeita. Na tela, está seu tempo gestacional, previsão do parto e informações do feto, como tamanho e peso.

Com o mouse, vou detalhando o exame.

— Nessa fase — explico, mantendo meu tom de voz baixo. Juliette ainda não me olha, concentrada na imagem em preto e branco — seu bebê é um feto, muito pequeno. Ele tem apenas vinte milímetros. O peso… não passa de um grama.

— Tão pequeno — murmura, ainda sem me olhar.

— *Oui*. E aqui… — Estico a mão livre e ajusto o *doppler*. As batidas rápidas do coraçãozinho preenchem a sala à meia-luz. — Os batimentos cardíacos do seu bebê.

Vejo os olhos dela se encherem de lágrimas novamente. Os dedos ao

lado do corpo mexem-se freneticamente, como se em busca de alguém. Por algum motivo, com a mão esquerda livre, eu seguro a dela. Juliette me olha por um longo instante, depois vira-se para meus dedos nos seus. Então os aperta e torna a olhar para a tela.

Um minuto depois, finalizo o exame, e ela vai se trocar novamente.

Quando retorna, ergue seus olhos para mim e indaga:

— Com quanto tempo consigo saber o sexo?

Caminhamos de volta para seu quarto enquanto respondo:

— Pelo ultrassom, por volta da décima terceira semana. Alguma preferência?

Gautier para frente à porta do seu quarto e olha por cima dos meus ombros. Remexe um pouco nos cabelos e molha os lábios inchados antes de responder:

— Menino.

Então é tudo o que diz. Adentra o cômodo e, com um pouco de dificuldade por conta das costelas, se acomoda em seu leito novamente.

— Deu tudo certo com a ressonância — informo. — Não há com que se

preocupar.

— *Merci*, doutor Laurent.

— Não precisa me agradecer.

Em um ato meio impensado, eu me aproximo e seguro suas mãos.

Não é a primeira vez que faço isso com um paciente. Às vezes, eles precisam.

Ser médico não é apenas curar ou medicar. Ser médico também é ser humano e saber quando o paciente precisa mais do que um exame, é saber quando ele precisa não só do médico, mais de um amigo, alguém com quem contar, com quem desabafar. Mas o modo como me aproximo de Juliette, a vontade desconhecida que tenho de tocá-la, me assusta e me parece muito antiética.

— Vai ficar tudo bem. Qualquer coisa que precisar, estarei aqui.

Juliette faz menção de abrir um sorriso e, talvez, me agradecer, quando a porta se abre e interrompe o momento. Eu me afasto em um passo brusco, como se o ato de estar tão próximo dela fosse algo muito errado.

Olho para trás. Uma das enfermeiras entrou acompanhada de um agente da polícia.

— *Bonjour* — o homem cumprimenta, retirando os óculos escuros e os pendurando à gola da camisa. — Meu nome é Antoine Macron, agente policial. — Ele estica a mão para mim e eu a aperto, apresentando-me em seguida. — Vim retirar o depoimento da senhorita Gautier.

Ao olhar para trás, o sangue dela parece ter sido sugado. Está pálida como papel.

— Se ela tiver condições para isso, tudo bem. Do contrário, infelizmente não poderei permitir. Ela passou por um trauma, está grávida e precisa de descanso.

O policial apenas acena em positivo e direciona um olhar para minha paciente.

— Foi um assalto — diz de repente, caindo em lágrimas.

— Gautier… — Tento interrompê-la. Está nítido que o acontecimento ainda mexe com ela e a última coisa que quero é vê-la sob pressão e estresse.

Entretanto, a moça ignora-me e continua:

— Eu cheguei no meu trabalho e… — Ela soluça. Aproximo-me rapidamente e seguro suas mãos, pedindo para que mantenha a calma e respire fundo. Antoine a acalenta, afirmando que se não tiver condições de falar agora, não precisa. — Eu reagi — informa. — Ele queria levar minha bolsa, não deixei, reagi. Foi o que aconteceu.

Troco um olhar com Antoine. O modo como está atento à Juliette me diz que compartilhamos do mesmo sentimento: o de não acreditar nessa versão.

— Senhorita Gautier, tem certeza de que foi um assalto? — o policial pergunta.
— Aparentemente, nada foi levado dos seus pertences, nem do cofre da cafeteria onde você trabalha. Conversei com o *monsieur* Dousseau, ele me garantiu que não há nenhum sinal de roubo no estabelecimento.

— Estou dizendo… — Juliette tenta soar firmeza, mas a voz chorosa, trêmula e os olhos lacrimejados não colaboram. — Foi um assalto.

Antoine balança a cabeça em positivo e faz algumas anotações em um

bloco que traz consigo.

— Conseguiria fazer um retrato falado dele?

Ela balança a cabeça em negativo, freneticamente.

— Estava com o rosto tampado.

— Pelo quê?

Aqui, ela faz uma pausa, pega pela surpresa do questionamento. Seus lábios se entreabrem algumas vezes, como se estivesse pensando em uma resposta convincente.

— Uma máscara de lã. Eu acho… Eu não… — Um choro convulsivo a toma de novo. Envolvo-a em meus braços e tento acalmá-la, dizendo que vai ficar tudo bem.

Lanço um olhar ao policial e digo:

— Acho que já está bom de perguntas por hoje.

Antoine balança a cabeça em um gesto afirmativo, agradece a atenção, deseja melhores à paciente e se retira.

De repente, sinto seus dedos se fecharem com força no meu jaleco, trazendo-me mais para perto dela, seu rosto escondido no meu peito, o choro convulsivo

transformando-se em algo mais tímido. Acaricio seus cabelos macios e deixo um beijo no topo da sua cabeça.

— Estou aqui — murmuro apenas, e ela se agarra com mais força em mim.

O que aconteceu com ela não foi assalto coisa nenhuma.

PODERIO

JULIETTE

Essa noite parece que não vai acabar. A conversa chata em torno da mesa entre Bernardo, René e os Leclerc não é a pior parte. Nem sei se podemos chamar isto de conversa, porque parece mais um monólogo de Deschamps. A situação é meio tensa e constrangedora. Antony está rígido no seu lugar, e a causa com toda certeza é o meu chefe — este que aparenta estar com a cabeça no mundo da lua, mas com os olhos discretos bem em cima de Ann-Marie. A pior parte é ter de ver o homem que amo ao lado de uma mulher que não o valoriza. Deus, ela é tão descarada… Mas preciso admitir que disfarça bem quando olha para Dousseau.

Ela deve estar achando que ninguém em torno da mesa percebe, mas eu percebo. Percebo, porque precisei aprender a ser discreta igual ela se quisesse observar Antony sem levantar suspeitas. Só alguém como nós duas

— que tem um amante e precisa mantê-lo em segredo — reconhece uma troca de olhar, por mais discreta que seja. O marido está bêbado o suficiente para não notar o que está bem embaixo do seu nariz. Outra vez, sinto uma vontade imensa de abrir seus olhos, talvez isso o incentive a pedir de vez o divórcio, mas então recuo. Ela pode não valer nada, mas Bernardo, por mais mulherengo que seja, é uma boa pessoa. Sei que mencionar para meu amante sobre minhas suspeita poderá prejudicá-lo. A última coisa que quero é vê-los metidos em uma confusão.

Preciso de um gole de champanhe. Generoso.

Sempre que penso que Leclerc se irritaria se descobrisse algum caso da mulher me dá um gosto amargo na boca. Esforço-me para compreendê-lo em algum nível, afinal, é um casamento longo, e em algum momento ele a amou, então seria compreensível que se irritasse e se magoasse se descobrisse uma traição da esposa — apesar de não ter moral nenhuma. Esforço-me para compreendê-lo,

mas não consigo. Só queria que se divorciasse de uma vez e

me assumisse. Não aguento mais dividi-lo, nem encontrá-lo às escondidas.

Um tempo depois, Bernardo pede licença e se retira. René faz o mesmo em menos de um minuto, dizendo que irá falar algo com Emilien.

Então, ficamos apenas nós três. Antony não me olha — ele tem um autocontrole muito melhor do que o meu. Não aguento essa situação mais do que cinco segundos. Incomoda-me ficar na mesma mesa do meu amante na companhia da esposa. Levanto-me, peço licença e me retiro, caminhando em direção ao toalete. Lá, lavo as mãos e molho um pouco a nuca. Encaro-me no espelho por um longo tempo, perguntando-me o rumo que tomou a minha vida. Dormindo com um homem casado. Não tem um só dia que esse conflito interno, essa crise moral, não me acometa. Sei que é errado, por mais que a mulher mereça; ainda assim, não consigo me afastar dele.

Estou voltando para minha mesa, já pensando em convidar Bernardo para irmos embora — esses saltos estão me matando — quando o vejo se aproximar também, os olhos fixos nas costas de Antony, que diz alguma coisa à mulher. Estou longe o suficiente para não compreender do que se trata, mas pela cara de Dousseau, ele escutou e não gostou nem um pouco; noto isso pela expressão do seu rosto, a rigidez do seu corpo. Ann-Marie, um tanto quanto abalada, é verdade, com o que seja que o marido falou, entreabre os lábios para dizer alguma coisa, mas então repara em Bernardo logo à sua frente e desiste na mesma hora. Ela diz alguma coisa, levanta-se rapidamente e se distancia dos homens, a passos apressados.

Pestanejo seguidas vezes, tentando entender o que está acontecendo.

Antony nota meu chefe logo atrás, e os movimentos débeis do seu corpo e cabeça denunciam seu estado bêbado. Ele também se levanta e se retira em seguida, quase trançando as pernas por entre as pessoas, em direção a Emil em uma mesa junto de Marie.

Meus olhos viram de volta para Bernardo, que agora sobe as escadas da mansão pulando dois degraus de cada vez, seguindo Ann-Marie que fez o mesmo caminho. Está mais do que na cara o caso desses dois.

Suspiro e molho os lábios, frustrada que não poderei ir embora tão já.

Olho ao redor, à procura de Leclerc, que já não está mais perturbando Emilien. Rodo a mansão um pouco até encontrá-lo perto da piscina, as mãos dentro do bolso, postura vacilante — típica de quem exagerou no álcool.

Ponho-me ao seu lado e não digo nada por algum tempo.

— O que aconteceu lá na sua mesa? — pergunto, com um sussurro.

Antony sequer me olha.

— Não foi nada.

— Você disse alguma coisa a Ann-Marie que…

Ele vira o pescoço em minha direção num movimento brusco e rude, seus olhos murchos analisando-me com raiva. O homem é bipolar, porque um segundo mais tarde suaviza a expressão e se aproxima de mim, pegando meu rosto e me dando um beijo profundo como se não se importasse com mais nada no mundo. Afasto-o alarmada, olhando ao redor e limpando a boca.

Deus, alguém poderia nos ver!

— Nunca me rejeitou… — reclama, dando um passo cambaleante para frente. Preciso segurá-lo pelo blazer ou cairia dentro da piscina.

— Estamos em público, Tony, com um monte de gente conhecida ao redor. Está sendo imprudente.

Antony suspira e passa a mão no rosto, acenando em positivo e murmurando um “*Je suis désolé”* .

— Como está aquele seu negócio com Emilien? — pergunto, tocando rapidamente seu braço, sentindo a falta do nosso toque. — Quero tanto que isso dê certo para que possa se divorciar dela.

O homem fica em silêncio por longos segundos, como se não tivesse me ouvido, ou como se estivesse me ignorando. Não sei por qual razão, mas considero muito a segunda opção.

— Antony… — insisto, com cuidado.

— Tenha paciência, Juliette. — Sua voz contraria o que me pede. —

O negócio ainda é novo. Já disse que para me divorciar preciso de segurança financeira. O projeto está no começo, não espere que eu consiga me estabilizar tão rápido.

Não gosto de sua resposta, o tom com que me dirige a palavra.

Ultimamente, tem perdido a paciência comigo com muita facilidade, o que nunca aconteceu antes. No começo desse… relacionamento…, ele sempre se mostrou uma pessoa amorosa, paciente. Apesar de não gostar de como fala comigo, eu relevo, afinal, ele está bêbado. É a primeira vez que o vejo nesse



estado.

— Tudo bem, me desculpe — peço e me sinto estranha um segundo depois. Antony tem um poder diferente sobre mim. Não é só no sentido sexual, é o modo como, facilmente, consegue me fazer sentir culpa, perceber que estou errada sempre que o pressiono. Não me agrada a sensação. Sinto que não estou completamente errada, mas também tenho a impressão de que não estou totalmente certa em pressioná-lo, exigir o divórcio quando ele já me explicou os motivos por ainda se manter casado.

Merde.

É tão contraditório isso tudo.

— Em três dias — diz de repente, despertando-me para o mundo real outra vez. — Em Lyon. Vou te mandar a passagem, o endereço do hotel e deixarei um quarto reservado para você, tudo por minha conta.

Abro um pequeno sorriso. Isso significa que os negócios com Emil estão caminhando para dar tudo certo.

— Vou adorar passar um tempo com você — murmuro, arriscando outro toque no seu braço.

Sem se preocupar em sermos vistos, Antony se aproxima. Sinto cheiro forte de álcool. Ele deixa um beijo rápido nos meus lábios e sussurra algo obsceno que me faz ficar úmida. Então, se afasta o mais rápido que suas pernas de bêbado permitem, voltando lá para dentro. Permaneço por um longo tempo no meu lugar antes de procurar por Bernardo e convidá-lo para irmos embora.

Essa noite parece que não vai acabar.

São oito da noite quando chego no hotel indicado na mensagem que Antony me enviou. No dia seguinte à festa na casa de Emilien, ele me mandou a passagem área para Lyon, flores, bombons e um post-it azul escrito apenas um *je t'aime.* A viagem de Paris até aqui foi rápida, cerca de uma

hora. Faço o check-in e subo até meu quarto, estrategicamente reservado ao lado do dele. Desfaço as malas e envio uma mensagem:

"Acabei de chegar."

Leva bem uns vinte minutos até ele me responder:

"Em reunião com Emilien. Terminaremos em breve. Me espere acordada. De preferência sem roupa."

Mordo o lábio inferior e me agrado com a ideia. Tomo um banho relaxante, visto uma lingerie um pouco mais ousada e ponho uma roupa para ir jantar no restaurante do hotel enquanto espero por ele. Meu telefone toca quando estou aguardando meu pedido. É Adrien. Suspiro e penso em desligar, nem um pouco a fim de ouvir os sermões dele. Mas se não o atender, ele vai ficar me azucrinando. Além do mais, pode ser algo importante.

— *Salut*… — atendo no quinto toque.

— Bonsoir. *Onde você está? Estou aqui na sua porta, com duas caixas de pizzas e cerveja. Sei que você odeia cerveja. Fiz de propósito mesmo.*

Rio um instante com a última frase. Ele é um idiota.

— Adrien… — murmuro seu nome, mas ele me interrompe tagarelando sem parar:

— Passa no supermercado e compra um refrigerante pra você, e eu fico com as cervejas, tá bom? Já pensa em algo para assistirmos na Netflix.

Onde é que você deixa a chave reserva? Eu já vou preparando tudo aqui e…

— Não estou em Paris — corto-o rapidamente, conseguindo fazê-lo parar de falar.

Há um silêncio estranho entre nós. Posso ouvir apenas os ruídos da linha e o barulho de ambiente ao fundo.

— Quando você chega? — pergunta, cuidadosamente. *— A pizza vai esfriar se demorar muito. Pizza amanhecida é gostoso; fria, não.*

Penso em como vou dizer isso. Sou uma idiota. Deveria tê-lo avisado que não estaria na cidade.

— Não vou chegar, Adrien.

Outro silêncio incômodo.

— Mas, e a tradição?

Sorrio com amargura, embora ele não possa ver. Temos uma tradição entre nós desde crianças, durante as férias escolares. O primeiro e último dia de férias são sempre os mais importantes. É quando nos reunimos para comermos bobeiras e assistirmos filmes, virando noite adentro conversando trivialidades e nos divertindo. Sempre fizemos isso como um modo de aliviarmos a pressão da escola, depois da faculdade e posteriormente do trabalho. O momento é também para recompensarmos o tempo perdido.

Adrien e eu somos muito ligados, temos uma amizade bonita, quase como de irmãos. A rotina do dia a dia da vida adulta — eu com meu trabalho e estudos, ele com os dele — nos distanciou aos poucos. O início das nossas férias deveria ser um momento nosso, de divertimento e descontração. Essa é a primeira vez que quebro tradição e sei que vou magoá-lo. Principalmente porque o troquei por Antony.

— *Désolée…* — peço, realmente arrependida. — Me esqueci de avisar que estaria de viagem.

— *Viagem para onde?* — Quer saber. — *Com quem?* — Antes que possa responder, ele emenda: — *Não me diz que está com seu amante?!*

— Não surta, Adrien! — advirto com um sussurro, mas minha vontade mesmo é de dar um grito com ele. Só não faço porque o local não permite. — Você não tem o direito de me julgar, nem julgar meus sentimentos.

Pelo ruído da linha, ouço seu caminhar, passos rápidos e duros, como se estivesse com raiva. Obviamente está com raiva.

— *Não estou julgando ninguém* — rebate. O barulho de uma porta de carro batendo com força. — *Já disse que você é adulta e sabe o que está*

fazendo. Mas era a nossa noite, Juliette! Nosso ritual… Poderia ter ao menos me avisado! Não teria feito papel de idiota nem gastado com as pizzas. Eu nem estou podendo gastar!

Sinto-me mal por ele. Adrien sempre foi muito atencioso comigo. O

mínimo que eu deveria ter feito era mesmo ter avisado sobre minha ausência.

— Chame a Marjorie para comer a pizza com você — digo, mas me arrependo um segundo depois. O modo como proferi essas palavras foi completamente debochado e maldoso. Mexi na sua ferida mais dolorida.

Merde, merde, merde! — Je suis… — Tento me desculpar, mas ele desliga na minha cara.

Penso em retornar a ligação e me redimir. Fui uma vaca sem sentimentos provocando-o dessa maneira, mas desisto em seguida porque não vai me atender. Isso se não bloquear minhas ligações. Vou esperar uns dias antes de falar com ele.

Meu pedido chega e faço minha refeição remoendo meus remorsos.

Termino, pago a conta e volto caminhando preguiçosamente de volta para minha suíte. Ao buscar as horas, passam-se um pouco das nove horas. Há uma

mensagem de Antony, de dez minutos atrás, combinando um horário para passar no meu quarto. Meu coração dá uma batida violenta, de ansiedade, e pego-me sorrindo olhando sem parar para a tela do *smartphone*.

De repente, esbarro em alguém, derrubando meu telefone no chão acarpetado do hotel. Pego-o rapidamente, enquanto me desculpo. Ao erguer o olhar, dou de cara com um rosto extremamente conhecido. Merda de novo.

Os olhos azuis de Emilien me avaliam com surpresa e curiosidade.

— Gautier… — exclama, abrindo um leve sorriso. — Que surpresa você por aqui.

Engulo em seco e forço um sorriso, desajeitada com esse encontro repentino.

— Estou de férias — explico, esforçando-me para não parecer uma pateta mentirosa. — Vim descansar uns dias.

Emilien balança a cabeça em positivo, vagarosamente, daquele jeito que não está muito convencido da minha resposta, mas prefere me fazer acreditar que acredita em mim. Estou encrencada. E se desconfiar do meu



caso com Antony? Ele pode contar tudo à megera da esposa dele? Ou Emil é aquele tipo de homem que encobre os erros dos amigos?

— Que coincidência nos hospedarmos no mesmo hotel… na mesma ala, não acha?

Os músculos do meu rosto doem pelo esforço de manter meu sorriso falso. Sinto uma tremedeira esquisita por dentro. Acalme-se, Juliette!

— Pois é! E Lyon é tão grande. Troquei minhas milhas por hospedagem, então decidi escolher um dos melhores hotéis. Acho que mereço um pouco de

conforto… — Dou uma risada sem graça, meio histérica, meio nervosa.

— É claro — concorda, ainda me analisando. — Vou te deixar seguir seu caminho — diz, dando um passo ao lado. — *Bonne soirée,* senhorita Gautier — deseja-me boa noite.

— *Merci, monsieur* Dupont.

Perto de uma da manhã, ele bate delicadamente à minha porta. Aperto o roupão branco em torno do meu corpo quando o recebo. Antony está dentro de uma calça de alfaiataria na cor azul-marinho, camisa cinza aberta em dois botões, a gola meio desengonçada, cabelos bem-penteados e o sorriso estonteante que me cativa desde sempre.

Ele dá um passo à frente, empurrando-me para dentro. Preparo-me para receber sua boca deliciosa e rude na minha, mas não sou beijada com a intensidade que espero. Não sou nem mesmo beijada. Ao invés disso, Antony segura meus punhos firmemente e os coloca para baixo. O movimento me faz soltar as laterais do roupão, que se abre. O homem explora meu corpo seminu com olhos repletos de tensão sexual, puro desejo, luxúria…

Vagarosamente, me toca nos seios, acariciando-os como se fossem um cristal delicado e raro. Gosto do seu toque, do modo como me deseja, da maneira como aprecia meu corpo e dos momentos que passamos juntos.

Antony é bom. Não sei como a mulher pode desprezá-lo tanto.

Por fim, me beija, daquele seu jeito insensível e forte, sua barba roçando minha pele, mas que estranhamente me agrada. Sua falta de delicadeza e sua rudeza me deixam excitada. Enlaço sua nuca e me entrego com facilidade, deixando-o me conduzir até a cama e jogando seu corpo sobre o meu.

— Seu cheiro é tão bom… — murmura contra meu pescoço, inalando meu aroma e descendo seus beijos ásperos pelo meu colo até o meio dos meus seios. Afundo meus dedos em seus cabelos volumosos e abraço-o pela cintura com as pernas, sentindo sua ereção.

Antony tira minha calcinha e se enfia entre minhas pernas, roçando o nariz no meu clitóris, depois a barba entre minhas coxas. Ele não faz o melhor oral do mundo, até porque raramente me chupa. Não é muito de preliminares, mas

aprecio quando se esforça em algo diferente. Afundo meus dedos nos seus fios grisalhos e o trago mais para mim, necessitando da sua língua no meu ponto de prazer. Está ficando verdadeiramente bom quando ele para. Solto um suspiro trêmulo, de frustração, que é abafado ao colar sua boca na minha, passando meu gosto para mim. Ele não faz muita questão de se despir, como se o momento agora fosse só de uma transa rápida e sem sentido. Apenas abre a calça e me penetra rispidamente, em um movimento brusco e rápido, indo fundo em mim.

Ele me segura pelos ombros para se impulsionar e se arremeter vigorosamente. Inclino os quadris mais para cima e o aperto mais com as pernas para recebê-lo melhor. Fecho os olhos por um instante, apreciando o prazer, a sensação de tê-lo dentro de mim, comendo-me com força. Um toque indelicado me aperta a bochecha. Quando abro os olhos, vejo-o com uma expressão que é uma mistura de prazer, insanidade e raiva. Seus dedos longos e grossos me apertam forte.

— Me olhe enquanto te fodo — exige.

Não sei por qual motivo, mas me vejo acatando sua ordem, balançando a cabeça em positivo. Então, ele não diz mais nada; segue investindo em mim. Sua expressão nunca se suaviza, até que suas narinas inflam, seus dedos cravam na minha cintura e ele aumenta o ritmo, sinal de que está gozando. Preciso de um pequeno esforço para gozar junto com ele,

imaginando uma cena mais erótica que essa: ele me comendo por trás e murmurando um palavreado bastante obsceno. Preciso desse estímulo para gozarmos juntos, porque sei que o homem tem tendências a parar depois de se satisfazer. Meu gemido baixo se mistura aos seus, mais roucos e controlados, quando chegamos ao ápice. Antony fica em cima de mim por alguns segundos, recuperando o ar. Acaricio seus cabelos nesse ínterim.

— Toma um banho comigo? — pergunto.

Ele rola de cima de mim e deita de barriga para cima.

— Vai você na frente.

Suspiro e vou na frente, ainda desejando que me acompanhasse. Tiro o que restou da minha lingerie — ou seja, o sutiã — e entro debaixo do chuveiro. Aproveito a água quente por cinco minutos inteiros antes de esfregar o corpo com sabão. No quarto, já enrolada na toalha, flagro-o em pé, calças erguidas,

mas não afivelada, mexendo no meu celular.

— O que está fazendo? — questiono, meio confusa com sua atitude.

Ele nunca foi de mexer nas minhas coisas, assim, pelas costas, como se estivesse à procura de algum segredo.

Antony ergue os olhos em minha direção, o semblante sisudo que bem conheço, apertando o aparelho em suas mãos com mais força do que o necessário.

— Por que o Adrien te ligou? — indaga, controlando um traço de raiva na voz.

Oi?

Pisco duas vezes, assimilando sua pergunta. O tom conversa com a expressão carrancuda. Demoro algum tempo para respondê-lo porque estou incomodada demais com essa invasão de privacidade.

Antony vem até mim, segurando-me pelo braço com um pouco mais de violência.

— Me responde. Por que o Adrien te ligou?

— Por que se incomoda? — devolvo, empinando o nariz, em vez de respondê-lo.

Ele demonstra que não gosta nem um pouco da minha resposta. Seus dedos me apertam mais. Isso me deixa irritada. Com um repuxe brusco, solto-me de sua pegada. Não, não. Ele não vai me tratar dessa maneira.

— Quem me liga e quem deixa de me ligar não te diz respeito, Antony.

— Ah, diz… diz respeito, sim! Ou você espera que eu aceite qualquer macho ligando no telefone da minha mulher?

Mon Dieu, esse discurso machista para cima de mim de novo não!

Não vou permitir que fale comigo nesse tom. Se não me impuser agora, se não cortar essa sua atitude *agora*, mais tarde será impossível.

— Não sou sua mulher! — Ergo a voz, mas não o suficiente para que outros hóspedes escutem nossa discussão. — Sou a porra da amante, Antony!

A *sua mulher* é a Ann-Marie!

Ele trinca os dentes, as narinas infladas de raiva, os olhos fixados em mim, com o mesmo sentimento de cólera.

— Não vou perguntar de novo, Juliette. Por que a porra do Adrien te ligou?

Dou-lhe as costas e caminho até a porta, abrindo-a.

— Se vai me tratar assim, pode ir embora e então amanhã mesmo volto para Paris. Mas se quiser ficar… se quiser passar um tempo comigo, vai mudar esse comportamento. Entendeu? Não te devo explicações das ligações que recebo, nunca te dei satisfação sobre isso e nunca vou dar!

Ele solta um resmungo, algo como uma risadinha inconformada. Dá um passo em direção à porta e fica sob o umbral, olhando-me com atenção.

Antony é difícil de entender. No mesmo instante que está repleto de raiva, já não está mais. Ele muda tão radicalmente que fica complicado entender sua oscilação de humor e o que se passa na sua cabeça. Sua mão acaricia meu rosto; é tão bom seu toque, sua carícia branda, o calor da sua pele. Droga de homem bipolar.

— Você tem razão — fala, aproximando sua boca da minha. —

Desculpe, eu só… — Sorri, seus lábios cada vez mais próximos dos meus. —

Tenho medo de te perder… Me deixa insano a ideia de te perder, de… que

você me troque por qualquer outro.

Olho-o, incrédula com suas palavras. Em um ato súbito, colo nossos lábios, beijando-o profundamente, quase como se seu beijo fosse minha força vital.

— Amo você, Antony. Quantas vezes precisarei dizer isso? Não entendeu que amo *você*? Jamais te trocaria por qualquer outro homem! —

Aliso seu rosto barbado, brandamente, e sinto a aspereza da sua barba na ponta dos meus dedos, seus olhos agora amáveis sobre mim. — Precisa que eu te diga todos os dias? Então vou dizer. Eu te…

Ele me interrompe, cobrindo meus lábios com os seus, no seu habitual beijo rude e sem delicadeza, fechando a porta e me encaminhando de volta para a cama. E mais uma vez, é fácil ele exercer esse poderio sobre meu corpo, sobre minha mente, minhas ações e decisões.

É tão fácil me entregar.

INQUIETA AFLIÇÃO

JULIETTE

Ela se afasta de mim como se tivesse levado um choque, causando-me uma falta extrema do nosso contato, o toque de sua pele na minha. Só quero trazê-la para o meu peito, envolver seu corpo pequeno em um abraço apertado e deixar que continue chorando até estar mais calma. Juliette, entretanto, parece notar como essa proximidade súbita é estranha e um pouco inadequada, por isso se afasta, controlando o choro, olhos cabisbaixos, suspiros trêmulos.

— Me perdoe — pede, com a voz quase inaudível, sem coragem de me olhar.

Em uma necessidade estranha, seguro suas mãos novamente, o que a faz me olhar. Acaricio-a, quase sem perceber, em movimentos brandos e circulares com o polegar.

— Não precisa se preocupar, Juliette — acalento-a, usando seu primeiro nome. Demoro a notar que a tratei informalmente, como se fôssemos íntimos para isso. Corrijo-me rapidamente, assim que percebo meu deslize: — Senhorita Gautier.

Ela me abre um pequeno sorriso e fixa seus olhos nas minhas mãos envolvendo as suas. Penso que vai se afastar de novo, cessar meu toque, mas, ao invés disso, permite meu contato.

— O que disse ao policial — murmuro, tentando não a assustar —

não é bem verdade, estou certo?

Juliette recua bruscamente, recolhendo as mãos e as colocando por baixo do lençol. Olha fixamente para um ponto qualquer e se recusa a me dirigir a palavra. Observo-a com um misto de empatia e compaixão, arrependendo-me de tocar em um assunto tão delicado. Não faço ideia do que realmente aconteceu, e

a verdade é que tenho medo de saber. Pelo modo

como reage à situação é algo que causou algum trauma, que *ainda* causa medo.

— Saiba que pode confiar em mim para contar a verdade — sussurro, falando devagar, querendo transmitir confiança e tranquilidade. — Seja lá o…

— Foi um assalto — me interrompe, de forma rude, seus olhos ainda fixados em um ponto distante. — Podemos, por favor, não falar mais nesse assunto?

Respeito seu pedido e abano a cabeça em positivo, meio sem jeito com o constrangimento que acabei de causar em nós. Molho o lábio inferior e dou um passo atrás.

— Claro. Me desculpe por qualquer inconveniente — peço, um sentimento estranho martelando meu peito. Não estou me comportando de maneira adequada e profissional com ela. Vou andando para trás, a passos vagarosos, distanciando-me, embora minha vontade seja de ficar. — Meu plantão já acabou — informo —, mas se precisar de qualquer coisa, pode chamar uma das enfermeiras ou o plantonista.

Juliette olha para mim quando já estou chegando na porta e faz uma pergunta que balança toda minha estrutura:

— E se eu quiser você? — Sua voz é um mero sussurro envergonhado. Ela rapidamente desvia o olhar e, parecendo notar a pergunta absurda que fez, corrige-se: — Digo… — Engole em seco — Se precisar da sua ajuda como profissional? Você me ajudou, cuidou de mim e do meu filho. Parece estranho dizer… — Uma lágrima desce do seu olho. — Mas só confio em você nesse momento.

E é estranho mesmo, mas não nego que suas palavras me dão um acalento diferente.

— O obstetra de plantão é um excelente médico — digo. — Pode confiar nele como se fosse confiar em mim. — Tenho a impressão de que ela se abate por um segundo, como se eu estivesse a desprezando. — Mas se mesmo assim precisar de mim, se tiver de passar por qualquer situação e prefira que seja eu o responsável por te acompanhar, peça para que me liguem. Venho sem pensar duas vezes.



Um pequeno sorriso ilumina seu rosto, e Juliette balança a cabeça, murmurando um *merci beaucoup.* Olho-a por mais um ou dois segundos antes de sair e encostar levemente a porta.

O apartamento de Étienne está limpo e cheira a jasmim quando chego.

Olho ao redor, querendo ter certeza de que entrei no lugar certo. Tudo bem que, desde que mudei para cá, há três semanas, as coisas têm permanecido mais organizadas do que antes. Ainda assim, meu irmão anda tão absorto e negligente que nem mesmo mantém a organização. Mais de doze horas desde que saí de casa para o meu plantão e ela continua limpa e cheirosa do mesmo jeito. Algum tipo de milagre deve estar acontecendo aqui.

Vou direto para a cozinha, precisando comer alguma coisa. Minha chegada com certeza chama a atenção do meu sobrinho, que logo aparece correndo e gritando por mim. Agarra-me pelas pernas e me abraça apertado.

Pego-o no colo, beijo suas bochechas rosadas e bagunço seus cabelos escorridos.

— Ei, cara, que saudade senti de você — falo, ajeitando-o nos meus braços. — Como é que você está?

— Com fome — reclama.

Engulo em seco, com medo de ter feito uma idiotice deixando Édouard com o pai. Merda. Étienne já demonstrou uma vez que não tem mais capacidade de cuidar do próprio filho, mas com quem mais eu deixaria o garoto senão com ele? Antes de vir para cá, Francine e eu nos revezávamos, pedíamos para evitar que nos colocassem nos mesmos plantões nas escalas para que pudéssemos cuidar do menino, mas, como rompemos, ele não tem ficado mais com ela, embora pergunte pela “tia” com bastante frequência. Em algum nível, compreendo o garoto. A mulher é paranoica e insegura nos relacionamentos, mas tem jeito com criança. Sempre cuidou bem de Édouard desde que me comprometi a ficar com a

guarda. Os dois criaram um vínculo, acredito muito porque o menino começou a projetar em Perrot uma mãe, para compensar a falta que Jeaninne estava fazendo em sua vida.

Nos primeiros dias aqui, Édouard chorou e pediu muito pela tia. O pai

tinha virado um completo estranho para ele, a mãe desaparecida e, apesar da pouca idade, o pequeno parecia compreender que não a veria mais. Francine era, querendo ou não, sua única figura materna. Afastar-se dela também mexeu com ele de algum jeito e fiquei receoso de mais isso abalar seu psicológico. Com o passar dos dias, porém, fui explicando por que viemos embora e conversei muito com Étienne, exigindo que ele suprisse o menino emocionalmente ao menos, já que a parte financeira era toda eu que estava —

e ainda estou — fazendo. Meu irmão vivia enfurnado no quarto, ora bebendo, ora procurando por pistas da mulher, ora simplesmente disperso, como se tivesse se esquecido do mundo, se esquecido de viver.

Pouco a pouco, foi voltando ao normal. É verdade que foi algo meio forçado, porque tive uma conversa séria com ele sobre as responsabilidades com o garoto, como se fosse eu o irmão mais velho, não ele. Étienne pareceu acordar para o mundo e passou a se comprometer mais com o filho.

Logicamente, não permiti que meu sobrinho ficasse sozinho com o pai nas primeiras semanas. Contratei uma babá, ela vinha, cuidava dele, dava o que comer; quando tinha aula, levava e buscava na escola, cuidava de suas roupas, ajudava-o nas tarefas escolares. A babá dormiu aqui por alguns plantões, mas depois pedi para que fosse embora e deixasse meu irmão assumir as responsabilidades. Então eu ligava o tempo todo, de hora em hora, para saber se estava tudo bem. Se estava ocupado para fazer isso, incumbia alguém de ligar e certificar de que Étienne estava cuidando bem do filho.

Cerca de duas semanas depois, me senti mais confiante em deixar Édouard com o pai. Étienne mudou bastante desde que voltamos para cá; toma banho regularmente, parou de beber, cuida bem do garoto, não se esquece de levar ou buscá-lo na escola. Para tão pouco tempo, foi uma mudança radical. Acabei inclusive me perguntando se meu erro, um ano atrás, não foi tê-lo separado do pai. Ou meu irmão simplesmente aceitou de que a esposa não vai mais aparecer e está tocando a vida.

Seja como for, ele melhorou. Mas agora, quando meu sobrinho resmunga de fome, me pergunto se não foi errado confiar cegamente em Étienne. E se ele ainda estiver obcecado em encontrar a esposa? E se começar a ter lapsos novamente e a ser negligente com o filho?

— Com fome? — indago, finalmente, colocando-o sentado na cadeira. — Papai não te deu nada para comer?

— Eu dei, sim — meu irmão profere, surgindo na cozinha.

Está diferente. Parece mais jovial. Está de banho tomado, noto isso pelos cabelos molhados, barba feita e cheiro de loção de barbear. Veste o básico: jeans novos, camisa preta e tênis.

— Mas esse garoto como feito uma draga, Pierre — reclama, aproximando-se de nós e abrindo a geladeira.

— O que deu de almoço para ele?

— Fiz um *saumon a l'oseille*, arroz e salada. *Brownie* de chocolate como sobremesa — responde, pegando a garrafa de leite.

Olho para Édouard, que está com uma carinha triste e com as mãozinhas na barriga, numa posição até meio dramática. Dou uma risada, achando engraçado o seu drama. Procuro pelas horas. São duas da tarde. Só então me dou conta de que ele deveria ter ido à escola. Olho para Étienne e ele parece entender meu questionamento silencioso. Dando de ombros, responde:

— Quis passar o dia com ele. Foi bom… Tomamos café da manhã fora, depois eu o levei para andar de bicicleta na rua e chupamos sorvete um pouco antes do almoço.

— Não se dá sorvete antes do almoço, Étienne — repreendo-o, em tom de brincadeira.

Ele pega um pouco de sucrilhos no armário, distribui em uma tigela e despeja o leite que pegou na geladeira. Submerge uma colher e entrega para o filho comer.

— Ouça… — diz, meio com cuidado, enquanto preparo um café e mordo um pedaço de pão que encontro no armário. Estou morrendo de fome.

— Estará em casa amanhã à noite?

Olho-o com atenção e murmuro em afirmativo, minha boca cheia enquanto mastigo. Meu irmão fica estranho de repente, alisando as pernas e evitando me olhar.

— Por quê? — pergunto, ao engolir o que estava mastigando.

— Preciso fazer uma coisa — diz. — Não vou demorar. Devo chegar pouco depois das onze. Pode ficar com Édouard para mim?



Não gosto do seu pedido, principalmente porque vem acompanhado de um mistério. Ele está me escondendo alguma coisa. Tenho medo de que esteja caindo na obsessão em encontrar a esposa novamente. Encontrou alguma pista relevante e vai segui-la? É isso que fará essa noite? Não o culpo por querer encontrar Jeaninne, mas se deixá-lo iniciar essa busca implacável, vai se transformar naquela figura doentia outra vez.

— O que vai fazer, Étien?

— Só preciso que fique com o garoto, Pierre — pede, a voz meio trêmula. — Não vou demorar.

— Se isso tiver a ver com Jeaninne e sua busca…

— Não é — me interrompe. Étienne molha o lábio inferior e suspira.

Olha para o garoto, quieto e atento enquanto come. Vencido, me puxa para um canto e faz algum suspense antes de dizer: — É um encontro.

Pisco uma porção de vezes, absorvendo a informação. De primeira, fico confuso, meio assustado, porque Étienne sempre teve uma verdadeira veneração pela mulher. Mas no segundo seguinte, fico feliz que esteja tocando a vida. E

imediatamente um instante depois, receio por ele. Medo que se machuque, de alguma maneira.

— Um encontro? — repito, como que para ter certeza, e emendo: —

Um encontro romântico?

Ele passa a mão pelos cabelos grisalhos e suspira.

— *Oui* — confirma, meio envergonhado. — É um encontro romântico.

Abro um pequeno sorriso e abano a cabeça em positivo. Ele não me responde, apenas sorri de volta, um sorriso de alívio e agradecimento. Então, volta até o filho, deixa um beijo estalado em seus cabelos e se retira.

Eu tomo uma decisão precipitada, mas é mais forte do que eu. Não consigo simplesmente esquecer o assunto, deixar para lá. Uma inquieta

aflição que me atormenta. Nas pouco mais de doze horas depois do meu plantão no hospital, remoo o estado que Juliette ficou quando o agente da polícia foi retirar seu depoimento e saber o que aconteceu. Ela mentiu, disso tenho certeza, e quero entender os reais acontecimentos. Não estou descartando a possibilidade de ter sofrido algum tipo de violência doméstica.

Quem fez aquilo com ela pode ter sido um namorado, marido… ou o pai.

Este último, penso que talvez possa ser por causa da gravidez. Ninguém a procurou no hospital, segundo minhas fontes lá dentro; nenhum familiar, exceto por um homem que se disse primo dela, e a moça não mencionou o pai de seu filho em momento algum até agora.

A ideia de que seja mãe solteira e o pai dela tenha feito isso reforça em minha mente. Mas também não descarto um companheiro que simplesmente não queria o bebê e achou que espancá-la era uma boa ideia.

Um amargo esquisito toma minha boca só de pensar nisso. Suspiro e afasto os pensamentos da cabeça, tomando alguma coragem para atravessar as portas duplas de vidro da cafeteria onde ela trabalha.

Olha só eu aqui, incorporando um Étienne e fazendo um trabalho que não é meu.

Inspiro fundo e entro. Olho ao redor, procurando pela pessoa certa.

Não foi difícil conseguir o endereço do lugar. Bastou que eu pesquisasse por

“Bernardo Dousseau” na internet, filtrasse minha busca e descobrisse que ele é dono de uma rede de cafeterias gourmet. Em Paris, tem mais de uma filial, então tive que confirmar com uma ligação onde seria mais fácil encontrá-lo.

Uma funcionária me passou este endereço e aqui estou.

Alguém vem me atender, pergunta se preciso de ajuda. Pergunto por Dousseau; o funcionário pede meu nome para que eu seja anunciado e me oferece uma das mesas para me acomodar enquanto chama pelo patrão; aceito a oferta e aguardo. Ele aparece menos de dois minutos depois e se senta à minha frente, cruzando as pernas.

— *Bonjour,* doutor Laurent — cumprimenta-me, oferecendo-me um sorriso caloroso.

— *Bonjour*, Dousseau. Estamos fora do hospital. Pode me chamar de Pierre.

Trocamos um aperto de mão, enquanto ele balança a cabeça em

positivo e diz que, nesse caso, posso tratá-lo pelo primeiro nome.

— Aconteceu alguma coisa com Juliette? — indaga, genuinamente preocupado.

— Não, não. — Apresso-me para acalmá-lo. — Ela está bem. Eu…

— Faço uma pausa, sem saber como fazer essa pergunta sem parecer muito inconveniente, invasivo e, acima de tudo, sem tentar transparecer que estou mais preocupado do que deveria com esse caso. — Gostaria de saber se Gautier te disse o que aconteceu no dia em que você a encontrou, quando foi visitá-la no hospital.

Noto uma ligeira mudança na postura dele quando menciono isso, o que me faz acreditar que ele sabe de alguma coisa. Mas, em vez de me dizer a verdade, tenho a impressão de que mente quando profere o seguinte:

— Ela não me disse nada. — Olho para o lado, observando a paisagem

parisiense através da parede de vidraça da cafeteria, tentando desvendar esse mistério, pegando-me tão obcecado quanto meu irmão em encontrar respostas que me satisfaçam. — Por que quer saber? — pergunta, descruzando as pernas e debruçando-se sobre a mesa, seus olhos claros nos meus.

— Porque tenho a impressão de que ela está com medo e está mentindo para acobertar o agressor, seja ele quem for. Só quero ajudar. Acho que… Juliette está com medo de denunciar e por isso inventou essa história de assalto.

Bernardo torna a se recostar na cadeira, analisando-me atentamente.

— Ela te disse que foi um assalto?

— Para mim diretamente, não. A polícia foi recolher o depoimento dela para um boletim de ocorrência e foi esta a versão que deu, mas não levaram nenhum pertence dela. E é verdade que também não roubaram nada do seu estabelecimento?

— Não, não roubaram. — Outra vez ele se inclina sobre a mesa. —

Desculpe-me se vou parecer grosseiro, mas esta sua preocupação cabe a você? Digo… isso deveria ser trabalho de agentes competentes, *non?*

Acho que sinto meu rosto queimar. Engulo em seco. Droga. É claro

que qualquer idiota com um quarto de cérebro perceberia meu interesse incomum nesse caso.

— Só estou tentando ajudar — repito depois que me recupero da ligeira vergonha que me acomete por me intrometer tanto assim em algo que não cabe a mim resolver.

Mas o que fazer se isso é mais forte do que eu? Estou de fato preocupado com ela e a verdade é que não seria a primeira vez que atendo uma mulher vítima de violência doméstica que está encobrindo o agressor por medo. Não é a primeira vez que me preocupo em ajudar essas mulheres, nem a primeira vez que procuro ajudá-las a deixar um companheiro violento, embora eu tenha feito isso dentro do hospital, contatando assistentes sociais, polícia, familiares, ONGs e qualquer outra entidade que pudesse ampará-las.

É verdade que esta é a primeira vez que procuro ajuda para um caso semelhante fora das paredes dos hospitais.

Bernardo abre um sorriso alegre, meio cínico, eu diria, e se levanta.

— *Désolé*… Não posso te ajudar nesse caso. Não sei nada além do que Juliette contou para você.

Também me levanto, conformado de que não vou descobrir nada de relevante a não ser com ela mesma. Talvez eu deva chamar mesmo um assistente social, que tem mais lábia e experiência nisso e pode convencer a moça a contar o que realmente aconteceu, e, se for mesmo caso de violência doméstica, a denunciar o agressor.

— Tudo bem. Agradeço por ter me dado um pouco do seu tempo.

Trocamos um aperto de mão de despedida.

Bernardo já está virando-se para voltar ao seu trabalho quando o interpelo:

— *Pouvez-vous me faire une faveur?* — "Pode me fazer um favor?"

— *Carrément.* — "Claro".

— Não comente com ela que vim aqui, falar com você. Não quero parecer inconveniente demais, me entende?

Dousseau abre um sorriso convencido e acena em positivo.



— Não se preocupe, não vou comentar nada com ninguém.

Agradeço sua compreensão e estou me retirando quando é ele quem me interrompe:

— Juliette é uma boa moça. Se ela te contar o que de fato aconteceu… espero que saiba compreendê-la.

Não tenho tempo de questioná-lo sobre o que está falando porque ele se retira em seguida. De volta à clínica onde trabalho quando não estou de plantão, durante todo o caminho penso seriamente no que me disse, tentando compreender o que suas palavras significam.

O filme está chegando ao fim, perto da meia-noite, quando Étienne chega do seu encontro. Édouard está dormindo no sofá, sua cabeça apoiada nas minhas pernas, o corpinho coberto pela sua manta favorita. Meu irmão fica surpreso quando me vê acordado. Ele joga as chaves do carro e do apartamento sobre o balcão da cozinha e, parecendo meio encabulado, se senta do outro lado, colocando as perninhas do filho em seu colo. Está bem-arrumado, algo que raramente vi desde o sumiço da mulher. Blazer, jeans e camisa comprida. Cabelos bem-penteados, perfumado.

— Como foi seu encontro? — murmuro.

— Bem.

Étienne fica em silêncio, os olhos fixos no filho. Ele estica a mão e o acaricia na bochecha suavemente, como em um transe. Sei que é um cara reservado e que provavelmente não vai mais me contar sobre isso. Sempre foi assim. Ele dificilmente compartilha sua vida, seus desejos. Não vai adiantar pressioná-lo a se abrir, porque não vai acontecer. Longos segundos se passam. Torno a assistir ao filme, meu irmão segue sua introspecção, acarinhando o filho.

— Acha que é cedo demais? — cicia, quebrando o silêncio longo. —

Precipitado demais? — Ergue seus olhos para mim. A sala está na

semiescuridão, então não posso dizer com certeza se vi ou não uma lágrima neles.

Não entendo o que quer dizer, então ele se explica:

— O encontro. Acha que é cedo demais? — Seus olhos se desviam para o pequeno de novo e engole em seco. — Às vezes, tenho a impressão de que estou traindo a Jeaninne. Em outros momentos, penso que está na hora de tocar minha

vida porque não sei… — Deixa a frase incompleta e balança a cabeça em negativo. — Mas daí outra vez a culpa me consome, porque só tem um ano e já estou me engraçando pro lado de outra mulher.

Não sei o que dizer. A verdade é que não tenho nenhum conselho valioso para o meu irmão nesse momento. Não faço ideia do que ele está passando e não sei como eu reagiria no lugar dele. Queria poder dizer qualquer palavra de conforto, mas não posso. Por outro lado, ele tem razão.

Está na hora de tocar a vida. Nunca disse nada para não o entristecer, mas acredito que a esposa esteja morta.

— Penso que… — continua, seu tom baixo e rouco, sua atenção toda no filho e na carícia que segue fazendo no rostinho sereno. — Ela ainda está por aí, em algum lugar… — Aperta as pálpebras e dessa vez vejo com clareza uma lágrima escorrendo pelo seu rosto. — Passando por situações terríveis…

— Étienne… — Tento dizer alguma coisa para quebrar sua linha de raciocínio. Ele não pode ficar imaginando esse tipo de coisa ou vai enlouquecer.

—… enquanto estou aqui, *tocando* a minha vida, marcando encontro com outra mulher.

Meu irmão dá uma risada meio esganiçada, histérica, e seca rapidamente a lágrima que desliza pelo seu rosto.

— Não é errado você seguir em frente, Étien, mas se isso está te machucando, te fazendo sentir culpa, então dê um tempo… Um tempo pra si mesmo, sabe? — É tudo que consigo dizer nesse momento. Não posso encorajá-lo a mergulhar fundo nessa relação, mas também não posso aconselhá-lo a parar sua vida. — Tente voltar ao trabalho — encorajo-o. —

Comece pelo mais simples — aconselho. Beijo a testa de Édouard, levanto-

me, ajeitando-o nas pernas do pai, e olho meu irmão uma última vez antes de seguir para meu quarto. — Na via das dúvidas, apenas siga o seu coração.

Ele não responde. Fica ali, na mesma posição de sempre, dando ao filho um carinho que pouco existiu nos últimos doze meses. Vou saindo aos pouquinhos, sendo tomado agora pelos meus próprios conflitos e problemas, minha

preocupação insólita com Gautier. Já estou alcançando o corredor dos quartos quando o ouço me agradecer:

— *Merci*.

Dou um leve sorriso para mim mesmo e me enfio debaixo dos lençóis.

“L’HABIT NE FAIT PAS LE

MOINE”

JULIETTE

— Você é muito cara de pau! — Adrien esbraveja quando apareço em sua casa, pouco mais de duas semanas depois.

Impeço que bata a porta no meu nariz espalmando na madeira com a mão desocupada. Na outra, equilibro duas caixas de pizzas. Meu primo bufa, furioso, e me dá as costas. Entro com cuidado no seu apartamento. É um lugar simples, pequeno, mas organizado e aconchegante. Tem uma cozinha conjugada com a sala, um quarto pequeno e um banheiro que, milagrosamente, para um homem solteiro, ele mantém limpo.

— Mais de duas semanas, Juliette! — resmunga, voltando para o fogão e levantando a tapa de uma panela. Aproximo-me e vejo que está cozinhando arroz. — Esse é o tempo que você passou fora de Paris depois de me dar um bolo e só agora vem me procurar? — Indignado, olha para as caixas de pizza da minha mão, levanta a tampa da primeira e faz uma careta.

— E ainda trouxe um sabor que eu detesto!

Seguro uma risada maior, sentindo-me levemente vingada.

— Ora, aquele dia você trouxe cerveja e sabe muito bem que eu odeio.

Adrien ergue o indicador em riste e enumera enquanto fala:

— Um, você nem apareceu. Dois, que bela francesa você é! Uma francesa que odeia cerveja. Veja se posso com isso. — Ele desliga o fogo, escorre a água e abre o saquinho onde o arroz foi cozido. Distribui numa tigela e se vira para

mim, que estou colocando as caixas de pizza sobre seu pequeno balcão. — Onde esteve esse tempo todo? — pergunta, um pouco mais calmo.

Sento-me na banqueta de madeira e retiro a tampa da caixa. Mesmo contrariado por ter trazido um sabor que ele não gosta muito, Adrien pega pratos e talheres para comermos. Entrega-me um conjunto, e eu me sirvo com uma fatia. Da geladeira, ele retira duas garrafas de cerveja, entregando-me uma. Faço uma careta, mas aceito.

— Estava viajando. Ficamos um tempo em Lyon, depois fomos para outros lugares… — digo, abaixando o olhar. É esquisito falar disso com ele.

Meu "relacionamento" com Antony é proibido, então, tecnicamente, deveria manter segredo, mas estou aqui, contando para Adrien, que claramente odeia qualquer tipo de relação extraconjugal. Ele não diz nada, mas noto a ruga entre suas sobrancelhas enquanto pega uma fatia de pizza. Toco sua mão e ele ergue o olhar para mim. — Me desculpe. Por ter furado com você aquele dia.

Sei que quebrei nosso ritual. E por ter falado da Marjorie.

Dando ombros, ele morde seu pedaço. Entorna um gole da cerveja para ajudar a descer.

— Está tudo bem. — Mas sei que não está.

— Como andam as coisas por aqui? Seu trabalho, o doutorado?

Admiro o esforço desse rapaz, preciso admitir. A mãe o criou sozinho, trabalhando como doméstica na casa dos Chevalier. Adrien cresceu sem pai e logo que pegou alguma idade, começou a trabalhar para ajudar a mãe. É claro que ele fazia esses trabalhos escondidos da minha tia, porque ela queria mesmo que o filho apenas estudasse e garantisse seu futuro. Mas meu primo sempre foi cabeça-dura e do contra. Começou limpando jardins, carregando sacolas, entregando encomendas. Descolava trocados que ajudavam a mãe. Quando completou dezoito anos, passou a trabalhar como chofer de Ferdinand e a estudar à noite. Fez a graduação em uma universidade privada, e isso exigia quase setenta por cento do seu salário.

Com os outros trinta por cento, pagava as contas e o aluguel. Esse apartamento ele comprou há uns dois anos, depois de fazer um acordo com o patrão, que

pagou à vista pelo imóvel e desconta aos poucos do seu salário.

Isso só foi possível porque meu primo conseguiu uma bolsa de mestrado em uma universidade pública. Após tornar-se mestre, engatou nos estudos e conseguiu a bolsa para o doutorado, alguns meses atrás.

Mesmo assim, continua trabalhando de motorista. Diz que ainda não

encontrou uma oportunidade na sua área — arquitetura — e que ainda tem dívidas com Chevalier que prefere quitar. Ele sabe que se pedir as contas, perde todos os direitos. Se encontrar outro emprego na sua área, seu salário pode ser menor por falta de experiência (e Ferdinand o paga muito bem para ser motorista, por isso prefere não arriscar); se for contratado como estagiário, não recebe o salário mínimo e isso pode impactar no seu financeiro. Por ora, sua melhor opção é continuar como motorista.

— Sugando toda minha vitalidade, como sempre — responde, com um tom dramático.

Rio um pouco e viro um gole de cerveja, fazendo uma leve careta quando o líquido toca minha língua. Odeio, mas não é de todo ruim. Há um silêncio confortável entre nós até que meu celular começa a gritar dentro do meu bolso. Confiro o número no identificador. É Antony. Dou uma olhada em Adrien, que me olha de volta com a reprovação. Decido ignorar a chamada. Vim para compensar minha mancada de alguns dias atrás. Ele não diz nada, mas sei que quer muito me dizer alguma coisa. Talvez até imagine o que seja.

— Vai, fala o que está entalado aí — incentivo, apontando a ponta da garrafa em sua direção, e depois tomo um gole generoso da cerveja, preparando-me para os sermões.

Adrien ergue uma sobrancelha e me encara com um traço de incredulidade. Molha o lábio inferior, morde sua pizza e bebe um pouco da sua cerveja antes de dizer:

— Não tenho nada entalado na garganta, Julie.

— Até parece. — Meu celular toca de novo. Adrien mordisca o lábio inferior, com uma carranca na cara. Ignoro a chamada de Antony e o encaro novamente. — Está querendo me dizer alguma coisa. Vai, me diz.

Ele balança a cabeça em negativo e limpa os dedos com um guardanapo de pano.

— Não vou chamar sua atenção, já te disse isso. Você é uma mulher adulta.

— Sim, já me disse isso, mas sua cara é de quem quer me pegar pelo braço e me dar uns tapas na bunda.

Adrien solta uma gargalhada profunda e rouca, abanando em positivo.

— Só estou preocupado contigo — revela, seus traços tomando proporções mais suaves. — Não gostei daquele Antony. Não me parece ser uma boa pessoa.

Pela terceira vez, meu telefone toca, escandaloso. Pela terceira vez, é o meu amante. Suspiro e baixo o volume. Meu primo está com seus olhos fixados em mim, em uma expressão que não sei explicar. Parece sério demais para ele, embora seja parisiense e o mau humor seja quase que uma das nossas marcas registradas.

— Você não o conhece — respondo, baixando os olhos e terminando de comer meu pedaço de pizza. — Ele é uma boa pessoa.

— Se fosse, não estaria traindo a esposa — rebate, imediatamente.

E lá vamos nós entrar nessa esfera outra vez. De certa forma eu sabia que, uma hora ou outra, Adrien fosse me alfinetar, por mais que viesse com esse discurso de “você é adulta e sabe o que faz”. Ele é um cara certinho demais para ver uma coisa errada e ficar calado.

— Não conhece a vida dele, Adrien.

Ele me olha por um segundo inteiro e pergunta:

— E você conhece? — Estou para abrir a boca e dizer que conheço, mas sou interrompida, porque ele complementa: — Conhece além daquilo que Antony te conta?

Reflito por um instante, tendo dificuldade em admitir que não conheço nada além das coisas que me diz. Não posso dizer que conheço sua vida, para justificar ter uma amante, porque não conheço. Ele me diz coisas horríveis da esposa, mas eu a vi apenas em uma ou outra ocasião. Não tive uma boa

impressão dela nas poucas vezes em que tivemos rápido contato, é verdade, mas também não me pareceu que é tudo isto que Antony alega ser.

Inclusive, no evento de Emil semanas atrás, em sua mansão, apesar de a mulher ter olhado discretamente para Bernardo, não me pareceu aquele ser desprezível que meu amante adora pintar. Na ocasião, estava vestida de forma mais reservada e falou bem pouco em volta da mesa.

Mais l'habit ne fait pas le moine — " mas as aparências enganam", é

o que meu pai diria se ainda estivesse vivo. Ann-Marie mantém as aparências, apenas isto. Nada mais do que isto.

— Não, mas sei que ele está dizendo a verdade.

— Você é ingênua, Juliette — meu primo murmura, balançando a cabeça em negativo.

Levanto-me do meu lugar, dando-me por satisfeita dessa conversa infrutífera. Adrien jamais entenderia a situação. Ele é correto demais nesse quesito.

— Se pensa isso do Tony, acha que também não sou uma boa pessoa?

— devolvo, levando minha louça até a pia.

Há um breve instante de hesitação da parte dele.

— Não disse isso.

Viro-me e me encosto à pia.

— Mas o julga sem conhecê-lo. Deve fazer o mesmo comigo. Deve pensar "essa vadia abre as pernas para homem casado, então não presta!".

Desculpe, senhor Todo-Correto, se estou apaixonada por um homem que vive na merda de um casamento com uma mulher que provavelmente dorme com meu chefe.

Inspiro fundo depois de soltar isso tudo de uma vez só, sem pausas.

Oh, *merde!* Estou sendo dramática e sei disso. No momento de raiva, até disse

algo que não deveria. Não tenho provas nenhuma de que Ann-Marie e Bernardo têm um caso, só desconfianças.

— Eu conheço você — anuncia, saindo do seu lugar e ficando de frente para mim. — Sei que não é uma má pessoa. Estar saindo com um cara casado não te faz mau-caráter, Juliette, apenas ingênua.

Dou uma risada sem humor, inconformada. Adrien se aproxima de mim e me segura pelos braços, em um toque de conforto e amor. Amo esse idiota, por mais que a gente brigue vez ou outra. Entendo que ele quer apenas o meu bem. Mas sei me cuidar e sei o que é melhor para mim.

— Me preocupo com você, sabe disso — continua. — Estou tentando te mostrar quem Antony verdadeiramente é. Você está tapando os olhos para a realidade, Julie. Está tão cega e apaixonada por esse homem que não



consegue ver quem ele de fato é.

Afasto-me, cansada desse assunto e de acusações sem sentido. Adrien não o conhece, como pode julgá-lo?

— Pare, Adrien! Se para você, eu, que estou dormindo com ele, não o conheço, como *você* pode conhecê-lo? Fala do caráter dele apenas se baseando na relação extraconjugal, sem tentar ver o lado de Antony, sem considerar a péssima esposa que tem, o casamento de merda que vive.

Decido ir embora e findar essa discussão sem sentido. Adrien vem atrás, mas não tenta me impedir, apenas diz:

— É exatamente este o ponto! Ele está mentindo sobre tudo isso e você está acreditando!

Viro-me para ele, a porta do seu apartamento entreaberta, minha mão na

maçaneta.

— Como pode ter tanta certeza de que ele está mentindo?

— Conheço homens como ele! A porra do meu pai era um homem como ele!

— Nem todos são como seu pai, Adrien. Supere isso.

Eu não o deixo me responder. Bato a porta e desço as escadas do edifício rapidamente, tentando esquecer e ignorar tudo o que meu primo me disse nos últimos minutos.

Quando confiro meu celular de novo, tem uma enxurrada de ligações perdidas e mensagens de Leclerc. Desço do táxi, pago minha corrida e caminho cabisbaixa, enquanto o respondo. Antes que eu possa clicar em

“enviar” com a resposta de que já estou em casa, a porta da frente se abre.

Ergo o olhar e dou de cara com Antony, seu rosto severo, telefone nas mãos.

Penso em perguntar o que está fazendo aqui, mas ele me agarra pelo braço e me puxa para dentro, meio de forma violenta.

— Onde esteve? — indaga, batendo a porta. Ele me encara com seriedade, expressão rude. — Cansei de te ligar, Juliette! Por que não atendeu a porra das minhas ligações? — Ele está alterado.

Cruzo os braços e o fito, queixo empinado. Ele não vai me tratar assim. Nada digo, aguardando que se acalme.

— Não me ignore. — O tom é de advertência.

Viro as costas e caminho para minha cozinha. Vou beber uma taça de vinho e comer uns pedaços de queijo. O homem vem em meu encalço e me agarra pelo braço, girando-me bruscamente em sua direção.

— Não me ignore! — diz, mais incisivo. — Te fiz uma pergunta.

Solto-me da sua pegada, irritada com o seu jeito de me tratar. De repente, as palavras de Adrien invadem minha mente, advertindo-me de que esse homem na

minha frente não é quem eu penso que é.

— Estava com Adrien — respondo, mas mantenho minha postura inflexível. Não vou abaixar a cabeça para ele, nem me deixar ser intimidada.

Os olhos dele transformam-se. Vagarosamente, confere as horas no relógio.

— São quase dez da noite. O que estava fazendo com ele a essas horas, Juliette?

Suspiro pesadamente, cansada de ter sempre que explicar que entre mim e Adrien *nunca*, nunca vai acontecer qualquer coisa.

— Eu não o via já tinha algumas semanas, por causa da nossa viagem.

Fui só fazer uma visita. Antony, já falamos sobre isso.

O homem dá um passo adiante, deixando seu rosto perto do meu.

— Quero você longe dele. Chega de visitas fora de hora, de conversinhas fiadas, de ligações no seu telefone. É por isso que não me atendeu, porque estava com ele?

Empurro-o para longe de mim, não acreditando nesse discurso idiota.

— Não vai me proibir de falar com meu primo — rebato. — Não vai controlar a minha vida.

Ele fica em silêncio por longos segundos, seus olhos cravados em mim naquela expressão de quem está com uma raiva visceral. Vejo-o engolir em seco, fechar e abrir os dedos como se estivesse se controlando para não socar alguma coisa. Inspirando profundamente, murmura:

— Não quero controlar sua vida, mas não me agrada que você me ignore por causa dele. Eu… — Antony vacila, sua postura se abate, toda a raiva que parecia concentrada nele se esvai e dá lugar a um semblante de derrota. — Precisei de você.

Isso me atinge de um jeito que não posso mensurar. Ele precisou de mim? Dou um passo adiante, aproximando meu corpo do seu. Acaricio seu rosto, mas ele se esquiva quando o toco. De novo, aquele sentimento de culpa.

— O que aconteceu? — murmuro.

— Não importa mais. Eu precisei de você, mas me ignorou! Tudo bem, entendo que não sou tão importante na sua vida quanto ele é.

— Não diz isso, Tony — peço, tomando-o em meus braços. — Eu não te ignorei — minto. — Não vi o telefone tocar. Só isso.

— O que estavam fazendo?

— Apenas conversando. Comprei umas pizzas, comemos e conversamos. Juro que foi apenas isso, *mon amour*. — Afasto-me e o olho.

— Me diz o que aconteceu.

— Esqueça.

Tento insistir, mas ele me dá as costas e sai andando. Uma cólera diferente sobe por todo meu corpo. Antony não pode me tratar dessa maneira.

Eu não fiz nada de errado! Tomada por um ódio que desconheço, vou atrás dele e tenho a mesma atitude que teve comigo minutos antes, seguro seu braço e o giro na minha direção.

— Tudo bem. Quer que eu me afaste do Adrien? Então se divorcie da Ann-Marie — imponho. O homem me fita como se, no meu lugar, tivessem colocado uma louca. — Se divorcie dela. Acabe com a droga desse casamento, me assuma e vamos viver nossas vidas juntos. Me afasto do meu primo, faço isso por você, mas primeiro, dê um basta nesse seu casamento.

Estou dizendo um monte de asneiras. Essa “proposta” absurda de me afastar do meu primo em troca de ele se divorciar é um blefe. Não me afastaria dele por nada no mundo, mas foi o jeito que encontrei para forçá-lo ao divórcio. Começo a achar que está me enrolando.

— Já falamos sobre esse assunto. Meus negócios com Emilien…

— Não me importo! — Ergo a voz, interrompendo-o. — Pouco me importo com a droga dos seus negócios com Dupont! Você deve ter uma reserva de dinheiro que possa te ajudar a se manter até esses investimentos te darem retorno. E não

sou uma acomodada como a sua mulher. Tenho meu trabalho na cafeteria, posso te ajudar a…

Sou interrompida por outra risada lunática dele. Gesticulando desvairadamente, ele diz:

— Você acha mesmo que vou permitir que trabalhe na cafeteria de Dousseau quando nos assumirmos?

O silêncio que nos envolve é sepulcral. Ele não pode estar falando sério sobre isso. Pisco diversas vezes, assimilando o que disse. O cérebro dele deve ter derretido, é a única explicação. Deixar de trabalhar está fora de cogitação. Não vou passar a depender do dinheiro dele. Gosto da minha independência financeira e não trocaria isso por nada no mundo. Nesse instante, diante do que me disse, as palavras do meu primo rebobinam na minha cabeça. “Ele não é uma boa pessoa”. “Juliette, fique atenta aos sinais”.

Essa sua postura é um sinal, não é? Antony está tentando me controlar, controlar minha vida, minhas finanças. É isso que ele quer? Ver-me dependente do seu dinheiro para que não o deixe?

Merde! Isso é a droga de um sinal.

— Você não tem o direito de permitir ou proibir qualquer coisa referente ao meu trabalho, Antony. Continuarei trabalhando com Dousseau até quando eu bem entender.

Aquela mesma expressão de contrariado surge no seu rosto. Já percebi que não gosta quando o contrario, quando minhas escolhas o desagradam. E

de novo isso é um sinal. Mas por que me nego a acreditar que ele é mau-caráter? Por que me nego a enxergar o verdadeiro lado dele?

— Não disse que você não pode trabalhar — rebate, suavizando sua

expressão. Ele dá um passo à frente, e eu tento recuar, mas o homem me segura pelos braços, não com força, e sim com delicadeza. — Não quero te proibir de nada. Disse que não te quero perto de Bernardo. Ele… não presta, Juliette.

Quero discordar porque isso não é verdade. Tudo bem. Bernardo pode ser um

mulherengo safado, que cada dia está com uma mulher diferente, mas eu o conheço há mais de seis anos e sei que é sim uma boa pessoa e nunca faria mal a ninguém. Ele é um galinha incorrigível? Sim. Mau-caráter? Tenho certeza que não.

— Por que acha isso? — questiono, segurando-me para não ser insolente. — É porque ele flerta com a sua mulher? — O maxilar dele trinca.

É nítido que essa ideia o desagrada. — É o Bernardo, Antony. Ele flerta com qualquer coisa que ande e tenha uma vagina entre as pernas.

— Exatamente! — Ergue a voz, mas não está sendo rude. — Quanto tempo até começar a flertar com você?

Ah, então se trata disso. Apoio minha cabeça em seu peito e circundo sua cintura com os braços, inspirando fundo seu cheiro gostoso. Antony e suas preocupações e inseguranças bobas. Agora eu o entendo. A mulher conseguiu abalar toda a confiança dele, então o homem fica inseguro comigo.

Talvez por isso aja dessa maneira possessiva, como se quisesse me controlar.

Ele não quer me controlar. É apenas inseguro por causa da esposa que não o valoriza. Preciso mudar isso.

— Nunca vi Dousseau se envolver com uma funcionária, Tony. Ele é mulherengo, mas não mistura o pessoal com o profissional. Além do mais, já te disse que não tenho interesse em mais ninguém, a não ser em você.

Antony não me responde, apenas retribui meu abraço. Por um tempo, permanecemos assim, envolvidos um nos braços do outro. Com o ouvido grudado ao seu tórax, consigo ouvir as batidas do seu coração. Estão normais agora. Notando que está mais calmo, retomo o assunto com delicadeza:

— Vai se divorciar de Ann-Marie?

Não me afasto do seu abraço para ver sua expressão. Ele também não me afasta, mas permanece em silêncio por longos segundos.

— Vou, mas no tempo certo.

Não gosto da sua resposta. Parece que está resistindo ao divórcio.

Distancio-me três passos para trás.

— Tudo bem. Será como você quiser. — Cruzo os braços, tentando demonstrar uma postura mais impositiva. — Mas enquanto isso não acontecer, eu e você — aponto de mim para ele — não vai mais rolar.

Antony me avalia, as sobrancelhas ligeiramente enrugadas.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que, enquanto não for um homem completamente livre, não terei mais nada com você.

— Está brincando comigo? — indaga, sua postura de raiva parecendo voltar, mesmo que sutilmente.

— Não, Antony… Nunca falei tão sério em toda minha vida.

Então, eu o vejo perder a cabeça.

— Não pode fazer isso comigo, sua vagabunda! — esbraveja, dando um passo para frente e tornando a me segurar pelos punhos. Ele me aperta com força desnecessária, dando leves solavancos no meu corpo enquanto grita que não vai admitir que eu imponha isso entre nós.

Só por um segundo, eu não o reconheço. Este não é o Antony que me cativou meses atrás. Ele não é desequilibrado, ciumento, possessivo e controlador. O homem por quem me apaixonei e este na minha frente, gritando comigo, ofendendo-me e me machucando, não podem ser a mesma pessoa. Invadida por uma raiva que não me pertence, e arranjando energias de não sei onde, empurro-o para longe de mim, soltando-me de sua pegada.

— É a minha decisão — imponho-me, abrindo a porta. — Vá embora e só volte quando for um homem divorciado e mais equilibrado. Não vou aturar que outra vez me trate aos berros e me machuque. Eu fui bem clara?

Ele faz menção de se aproximar de mim outra vez, mas dou um passo atrás, ainda apontando para fora, esperando que saia.

— Juliette, vamos conversar — pede.

— Vai embora, Antony! — exijo, erguendo o tom de voz.

Tenho a impressão de que está prestes a explodir de raiva. Mesmo



assim, respeita meu pedido. Fecho a porta logo em seguida, inspirando fundo e me segurando para não chorar.

Com todas as forças, não quero acreditar que ele é esse tipo de cara.

Eu o amo demais para suportar uma verdade tão dolorosa como essa.

No dia seguinte, acordo perto de nove da manhã com alguém ligando no meu telefone. Não reconheço o número no visor, mas atendo mesmo assim. A pessoa do outro lado da linha é um entregador e diz que tem algo para mim. Pergunto o que e de quem é, mas ela me diz que não tem permissão para informar a identidade do remetente e que se trata de uma cesta de café da manhã. Bem, não preciso fazer muito esforço nem ser muito inteligente para adivinhar de quem se trata. Peço para que o entregador me espere cinco minutos. Levanto-me, troco de roupa rapidamente, lavo o rosto e escovo os dentes.

Recebo a entrega. Junto da cesta de café da manhã, tem um cartão, uma caixa de bombom, um ramalhete de flores e um bilhete. Apoio tudo na mesa na sala, coloco as rosas em um vaso com água e abro o pequeno envelope vermelho. Tento me recordar se, em algum outro momento, vi a caligrafia de Antony e não consigo chegar a uma conclusão. Mas acho que não. Sua letra é irregular e pequena, mas legível.

“Como sinal do meu arrependimento. Não agi corretamente com você ontem, fui grosseiro e machista. Minha atitude foi desnecessária e noto isto somente agora, mais calmo e com a cabeça no lugar. Você está certa em se impor daquela maneira. No seu lugar, eu faria a mesma coisa. Prometo que isso não vai se

repetir, mon amour. *Mas por favor, não me deixe, não pare de me ver. Amo você, Julie… Mais do que consigo explicar em um pequeno bilhete e não suportaria ficar distante de ti. Falta pouco para me divorciar, tenha um pouco de paciência e não me deixe. Se ainda quiser me ver depois de tudo, me ligue no horário que estou na galeria.*

Espero que possa me perdoar.

Antony Leclerc.”

Encaro o bilhete por longos segundos, tentada a acreditar nele. E é o que eu faço. Acredito em cada palavra escrita. Olho para a caixa de bombom, o ramalhete de flores, a cesta de café da manhã com tudo que gosto. Ele me conhece, sabe dos meus gostos, das minhas manias, meus desejos… Da mesma maneira, sei sobre ele.

Vou até o quarto, pego meu telefone e fico o encarando, pensando se ligo ou não. Mas é Antony quem me liga. Atendo no segundo toque.

— Chérie… — murmura. — *Suponho que já recebeu meu presente*.

— Sim — digo, sentando-me na cama, sentindo-me com dezesseis anos. Ele tem um efeito estranho em mim. — Mas não pense que pode me comprar com isto.

— Não estou tentando te comprar com nada, Juliette. É um gesto de arrependimento e amor. Desculpe-me por ontem. Não queria ter te magoado ou te ofendido.

— Antony… — digo, suspirando. Passo a mão pelos cabelos e fecho os olhos. — Não gosto quando perde o controle assim. Você me aperta, grita comigo, me ofende, agora essa história de não querer que eu trabalhe ou fale com Adrien. Não gosto disto. Se você não mudar, nós não vamos funcionar, com ou sem divórcio, você me entende?

— Eu entendo, entendo sim. E juro que vou mudar. Isso não vai mais voltar a acontecer, tudo bem? Acha que pode me perdoar? Amo tanto você. É

por sua causa que tenho trabalhado nisso com Emilien e suportado meu casamento porque sei que quando isso tudo acabar, nós dois vamos ficar juntos. Julie… não jogue fora isso que temos.

— Promete que não vai mais se comportar como se comportou ontem?

— *Oui, je te promets*. — Um silêncio curto corta a linha. Antony se pronuncia, cuidadosamente: — *Vou poder te ver hoje à noite?*

Quero dizer não. Dizer que, enquanto for casado, vai se manter longe de mim. Mas me recordo do bilhete, da cesta do café da manhã, das rosas, dos bombons, e tenho uma forte inclinação a dizer sim. Ontem foi só um momento, certo? Antony sempre foi bom comigo. Em Lyon, preparou o quarto para nós em uma das noites; jantamos fora na maior parte das nossas estadias, não na cidade, mas nos demais locais em que passamos. Ele é um cara bom. Só tem os seus momentos como todo mundo tem.

Eu quero dizer não, mas quando percebo já disse:

— Sim.

VERDADEIRA FACE

JULIETTE

Estou grávida e fiz de propósito.

Respiro fundo enquanto encaro o teste de farmácia entre meus dedos, olhos fixos no resultado positivo: oito semanas de gravidez. Antony vai ficar uma fera. Ele não tem filhos com a esposa porque já alegou que não gosta, não tem tempo nem paciência para crianças. Mas aqui estou eu, esperando um filho dele. Engravidei de propósito de um homem que já me disse que não quer filhos.

Eu sou doida.

Guardo o exame na gaveta do gabinete e termino de me arrumar para o meu turno na cafeteria. Trabalho todo o dia sentindo uma aflição no peito.

Não sei como vou contar isso ao meu amante. Não tenho ideia de como ele vai reagir e me sinto uma estúpida — sim, somente agora a ideia me parece absurda e desesperada — de ter engravidado de propósito para segurá-lo.

Eu sou doida.

Chego em casa no final do dia. Bernardo queria que eu fizesse algumas horas extras, mas desta vez tive que negar. Antony apareceu na cafeteria depois de umas duas semanas sem vê-lo. Viajou a negócios, e eu deveria ter ido junto, por dois ou três dias, trocando minhas horas extras por descanso, mas a esposa desta vez fez questão de ir. Voltou de Monte Carlo tem apenas uns três dias e amanhã viajará de novo, para Nova Iorque, então preciso aproveitar hoje à noite para contar.

Tomo um banho rápido e me esforço para ignorar o resultado na gaveta. Antony aparece em casa por volta de dez da noite. Sorrio ao vê-lo.

Está bonito e elegante dentro de um casaco creme. Mal o recebo e ele invade minha boca com um beijo profundo, de tirar o fôlego. Trago-o para dentro e bato a porta. Já conhecendo cada canto da minha casa, me conduz de olhos fechados até o sofá, onde me joga e cai sobre meu corpo. Sua boca não

desgruda da minha. O beijo se torna mais suave e calmo à medida que vai perdendo as peças de roupa. Preferia que conversássemos antes do sexo.

Contudo, sei que é uma boa jogada agradá-lo e satisfazê-lo e depois dar a notícia.

Realmente não sei como ele vai reagir.

Cansei de apenas ser a outra, a amante. Embora Antony pareça dar mais atenção a mim do que à própria esposa que não o merece, a situação já está insustentável. Não quero ter mais de me esconder ou mentir. Quanto mais arrastarmos essa situação, pior será. Não estou mesmo a fim de sair mal falada quando finalmente nos assumirmos. Não importa o quanto Ann-Marie seja uma louca histérica que apenas se aproveita do marido, ou o quanto Antony apenas procura o que não acha em casa, a amante é sempre a errada da história. Sempre. Não quero arrastar esse caso a ponto de alguém descobrir e eu cair na boca de Paris toda.

Talvez não tenha sido a ideia mais sensata ou esperta, mas foi o único modo que encontrei de forçar esse homem a se divorciar de vez da mulher.

Já perdi as contas de quantas vezes Antony Leclerc me pediu calma e paciência, que o divórcio viria em breve. Esse “breve” já se arrasta por meses. Disse-me que a forçaria a se separar, não o contrário. Um dia desses, inclusive, o presenciei dar um showzinho na cafeteria, porque a esposa estava lá, à sua

procura. Bem, ao menos foi o que disse, mas acho que foi mesmo atrás de meu chefe. De qualquer modo, o plano dele é infernizar a mulher até ela não aguentar mais e pedir o divórcio. Seu escândalo na cafeteria nessa ocasião foi uma das suas encenações para tentar pressioná-la a desfazer o casamento.

Porém, como já afirmei, não quero mais levar essa situação adiante.

Antony terá de dar um basta de uma vez por todas ou não terei mais nada com ele até que seja um homem completamente livre. Sei que já me propus a isso uma vez e falhei. Mas agora estou tão cansada de esperar, tão farta dessa sua falta de posicionamento, que desta vez serei mais firme.

— O que está acontecendo com você? — pergunta, olhando-me com curiosidade. Só então me dou conta de que me perdi nos meus próprios pensamentos enquanto está aqui, em cima de mim, beijando-me.

Abro um pequeno sorriso e digo:

— Não é nada. Apenas um pouco cansada. E triste. Amanhã cedo você viaja de novo. E dessa vez não poderei ir junto. De novo. — Faço um biquinho dramático.

Antony ri brevemente e me beija de novo, passando a mão por dentro da minha camisa e encontrando minha pele quente.

— Bem… se tivesse se afastado do seu emprego, como já bem disse pra fazer porque posso te sustentar, poderia ir comigo. Uma pena você ter obrigações na cafeteria de Dousseau.

Deus me livre. Não é a primeira vez que Antony sugere me afastar do meu emprego e ser sustentada por ele. Sim, depois daquela ocasião em que me disse que não me permitiria trabalhar com Dousseau, ele me veio com essa proposta absurda de novo de me sustentar, dizendo que é dever dele me suprir.

— Já falamos desse assunto. Além do mais, quando você finalmente estiver divorciado, poderemos fazer mais dessas viagens, sem a necessidade de ficar me escondendo.

O homem me encara um segundo, me dá um sorriso meio frio e não diz nada. Sinto uma coisa esquisita se remexer dentro de mim, como algum tipo de alerta

natural do meu corpo acerca de Antony. Ele tem relutado tanto em se separar da esposa que começo a desconfiar que está me enrolando. Ou apenas é dependente demais, emocionalmente falando, da mulher. Não sei.

Só sei que preciso convencê-lo a dar um fim no seu relacionamento, ou nós dois não vamos mais acontecer.

— Ficou quieta de novo — resmunga, saindo de cima de mim e se levantando. — Olha, menti para Ann-Marie sobre o horário do meu voo só pra poder me despedir de você. Mas já vi que não está a fim hoje… Então, vou pra casa e arranjo alguma desculpa.

Dou um pulo tão grande no sofá que quase não percebo. Seguro-o pelo punho e, antes que tenha tempo de me contestar, tomo-o em outro beijo forte e necessitado. Não quero que ele vá. Não antes de conversarmos.

— Desculpe — murmuro em sua boca. — Não vou me distrair de novo, juro.

Antony acena em positivo e me beija, terminando de tirar a roupa que



ficou em seu corpo. Aos poucos, também vou perdendo a minha. Em instantes, estou completamente nua, de joelhos no sofá, enquanto ele está por trás de mim, segurando firme em minha cintura e me penetrando com todo vigor.

Depois do sexo, tomamos um banho juntos. Faço hora no quarto e o oriento a ir até a sala, pedir uma pizza para comermos. Aproveito sua ausência para voltar ao banheiro e retirar da gaveta do gabinete o pequeno teste de farmácia. Minhas mãos tremem levemente ao segurar o pequeno objeto entre meus dedos e ensaio um modo de dar a notícia. Minha mente me reporta para algum tempo atrás, quando, nus na cama, perguntei por que ele e a esposa ainda não tinham filhos. A resposta foi bem categórica:

— Não quero filhos. Não tenho paciência, ânimo nem energia pra crianças.

Então é bastante óbvio que ter engravidado dele — de propósito —

foi minha ideia mais idiota. Mas se me amar o suficiente, como diz que ama, talvez esse filho venha para nos unir definitivamente. O medo constante, porém, de não saber como vai reagir à notícia, me domina por completo.

Nem mesmo sei como começar a dizer.

— “Então, estou grávida”. — Ensaio frente ao espelho, o teste ainda em minhas mãos. Balanço a cabeça em negativo. Direta demais. Suspiro e desisto por ora de formular uma maneira de contar. Guardo o exame de volta na gaveta, por baixo das toalhas de rosto, e volto para a sala.

Antony arrumou a mesa para comermos a pizza quando chegar e escolheu um filme de terror, que está pausado.

— Está com dor? — questiona, franzindo as grossas e negras sobrancelhas. Pestanejo sem entender seu questionamento. Ele parece entender a expressão confusa em meu rosto e esclarece: — Está com a mão no abdômen. Está com dor?

Viro o rosto para baixo e só então noto ambas as mãos sobre meu

ventre. Mal de grávida, acredito. Desfaço o gesto rapidamente e me aproximo, negando com um mover de cabeça, ao mesmo tempo em que digo:

— Não, não estou com dor.

Abraço-o um instante e escondo o rosto em seu peito. Fico assim, agarrada nele por longos segundos, repreendendo-me por ter sido estúpida em gerar um filho sem o consentimento do meu parceiro.

— Juliette, você está tão esquisita hoje. Tem algo que quer me contar?

Afasto-me do seu abraço e o encaro nos olhos. *Aproveite o momento e diga de um vez, Juliette!*, minha consciência acusa. “Sim. Estou grávida!

Parabéns, papai!”.

— Quando vai pedir o divórcio, Antony? — digo, contudo. Preciso pensar em

uma maneira mais fofa e suave de dar a notícia. Talvez eu compre alguma roupinha escrito “Papai do ano” ou qualquer coisa do gênero.

Sua expressão se torna sombria e rude um segundo depois.

— Acho que já conversamos sobre isso — diz, exasperando um suspiro logo em seguida.

— E acho que você está me enrolando — disparo.

Antony me encara com seriedade, com certeza não gostando do meu tom. Engulo em seco e desvio o olhar, incomodada e intimidada com a maneira de como me avalia. Abraço meu próprio corpo e até demoro a perceber que novamente abracei meu ventre, em um ato inconsciente de proteger meu filho.

— Não gosto desse tipo de pressão, Juliette. Já te disse que vai acontecer no momento certo — alega, com o tom de voz meio rude.

Alguma coisa estranha me atinge e, pela primeira vez desde que conheci e me envolvi com ele, sinto uma intimidação fora do comum. Engulo em seco e apenas aceno em positivo, não querendo estender mais o assunto e gerar confusão. A campainha toca e quebra a tensão quase palpável. Ele se retira para receber o entregador. Comemos e assistimos ao filme em um silêncio incômodo. Acho que é a primeira vez que fico desconfortável com Antony. O longa ainda está rodando quando junto pratos, talheres e copos e



os levo para a cozinha. Encostada à pia, cabisbaixa, fico procurando a maneira mais suave de falar da gravidez.

De repente, um par de braços me envolve e um beijo macio estala na minha nuca.

— *Pardon, ma chérie*. Sei que fui meio rude contigo — pede com um sussurro e

a voz suave. — Só quero que espere mais um pouco, juro que agora estou perto de me divorciar.

Viro-me em sua direção, sorrindo pequenino.

— Não está mesmo me enrolando, Antony?

— Claro que não, Juliette. Sou louco por você — declara e se inclina para deixar um beijo úmido em meus lábios.

Mesmo algo dentro de mim me dizendo para não confiar em suas palavras, eu confio.

— São cinco da manhã, por que está em pé? — Antony pergunta, surgindo no banheiro.

Dou um sobressalto em meu lugar, assustada com sua chegada tão repentina. Enrolada em um roupão, pronta a tomar um banho rápido, estava admirando meu abdômen que já dá pequenos sinais da gestação. Fecho-o rapidamente e me viro para ele, forçando um sorriso.

— Eu abro a cafeteria, se esqueceu? Preciso estar lá às seis para esquentar as máquinas, fazer abertura do caixa, organizar prateleiras… —

digo, abrindo o chuveiro para aquecer a água.

Antony nada responde. Dispo-me, jogo o corpo debaixo da água quente e o encaro de volta. Algo nos seus olhos escuros me incomoda. As sobrancelhas também estão levemente franzidas, mas não entendo o motivo dessa sua expressão. Um segundo depois, seu rosto se suaviza e ele começa a se despir também. Seu corpo atlético se junta ao meu, as mãos fortes apertam minha cintura, sua boca invade a minha em um beijo forte. Sou jogada contra a parede de ladrilhos enquanto ainda sou devorada. Os dedos grossos vão

passando pelo meu corpo até minha coxa, que é erguida à altura de seus quadris.

— Antony… — gemo. Ele está se encaixando na minha entrada, mas ainda não estou preparada o suficiente. — Não, por favor. Ainda não. Não estou…

— Vai ficar — interrompe com um rosnado, penetrando-me sem delicadeza. A aspereza me machuca. Fecho os olhos para aguentar a dor do atrito. Antony continua se movendo para frente e para trás, não se importando que eu não esteja molhada o bastante.

Demora algum tempo que esteja úmida para recebê-lo sem me machucar. O sexo não é tão prazeroso como das outras vezes. A magia parece que se dissipou um pouco. Para piorar, nem consigo ter um orgasmo, ao contrário dele. Ao final, estou sozinha, debaixo do chuveiro e insatisfeita.

— Quando você volta? — pergunto, antes que ele vá. Antony veio me deixar na cafeteria antes de seguir para o aeroporto. Coloco a chave na fechadura da porta dos fundos, que dá direto para o escritório da gerência, e a giro para destrancá-la.

— Em três dias — responde, olhando para o outro lado da rua, praticamente vazia às dez para seis da manhã, onde seu carro está estacionado.

— Certo… — É só o que digo.

Um silêncio esquisito nos ronda novamente. Mordo o lábio inferior, sentindo-me uma estúpida por ainda não ter contado sobre a gravidez. Quanto tempo mais devo esperar? Quando a criança nascer? Perco-me em meus pensamentos e inseguranças que sequer o vejo se aproximar e me abraçar a cintura. Beija-me serenamente e indaga em seguida:

— Juliette, preciso que seja franca comigo e conte exatamente o que está acontecendo com você. Não sou tolo, já percebi que está estranha. Me

conte de uma vez e vamos resolver isso juntos.

Olho-o, sentindo-me a pessoa mais insegura do mundo. O medo começa a se formar em meu estômago e a subir vagarosamente até a garganta, quase me sufocando. Ele não vai ficar feliz com a notícia. Tenho certeza. *Mon Dieu*. Como fui estúpida, irresponsável e precipitada em engravidar de propósito para segurar homem!

Inspiro profundamente e, sem mais rodeios, solto:

— Estou grávida.

Antony se afasta com um passo para trás, de modo súbito. Seu semblante se transforma instantaneamente, aquela expressão sombria e intimidadora tomando posse dos seus traços.

— O quê? — murmura, entre os dentes. — Está brincando comigo, não é?

Engulo em seco. Nem percebo minhas mãos tremendo levemente.

— Não. Eu realmente… estou grávida.

Um silêncio denso recai sobre nós outra vez. Antony está completamente transfigurado nesse momento. O homem que conheci —

pacífico e amoroso — simplesmente não existe. O homem na minha frente agora é outro. É alguém que não conheço. Ele afaga o rosto e anda de um lado a outro, emudecido. Permaneço igualmente calada, apenas o esperando reagir à notícia e saber que tipo de decisão tomará.

— Conheço uma clínica particular que pode… fazer o procedimento de aborto — diz, fazendo-me arregalar os olhos. Involuntariamente, envolvo meu abdômen. Deus, ele não sugeriu isso, sugeriu? Lágrimas se formam em meus olhos. Esperava que a gravidez o forçasse a pedir o divórcio, a me assumir de uma vez por todas e formarmos uma família. Sua sugestão de aborto me pega desprevenida e me deixa perplexa. — E depois do procedimento, vamos tomar mais cuidado para não acontecer de novo.

— Não — digo, firme e convicta, a voz saindo levemente rouca. —

Não vou abortar.

Antony me olha como se eu tivesse apedrejado a cruz de Cristo.

— Juliette… — O tom é de advertência.

— Eu fiz de propósito! — confesso, praticamente cuspindo cada palavra. — Achei que uma gravidez ia te forçar a largar sua esposa!

O que vem a seguir é inesperado até para mim. Antony ri. Uma risada áspera, lunática e sem nenhum traço de humor.

— Você só pode ter ficado louca — dispara, dando um passo à frente e me segurando pelos braços. — Como você é idiota, Gautier. Jamais deixaria minha esposa, uma mulher de verdade, pra ficar com uma vagabunda interesseira igual a você. Ainda não entendeu que sempre foi e sempre será a outra?

O barulho da minha mão contra seu rosto é ensurdecedor. Quando Antony me olha de novo, há fúria e loucura em suas íris escuras. Só então me dou conta de quem ele realmente é. Não é o homem que sempre pensei que fosse. Não, não. Longe disto. É apenas mais um escroto, lobo revestido de cordeiro, que conseguiu me manipular e me colocar contra uma mulher que sequer conheço direito, que me fez julgá-la e repudiá-la. Aqui e agora, diante seu olhar bestial, sei quem é Antony Leclerc. Sua máscara caiu, posso ver sua verdadeira face.

— Só quero ver a cara que sua esposa fará quando souber que o marido dela é um maldito traidor — provoco, a frase saindo entre meus dentes. — Você queria ficar com sua esposa e com a vagabunda interesseira ao mesmo tempo, mas depois que eu contar a Ann-Marie sobre nós e sobre a gravidez, não terá nenhuma das duas.

Giro nos calcanhares, pronta a entrar na cafeteria e deixar esse maldito sozinho, mas ele é mais rápido do que eu. Segura-me pelo punho e me puxa com toda força, jogando-me contra uma parede no segundo seguinte. Seus dedos fortes se fecham contra meu pescoço, apertando sem piedade e me sufocando.

Debato-me e tento sair de seu aperto, mas o homem é muito mais forte do que eu. O máximo que consigo é apenas me sufocar mais. Com violência, me bate contra a parede umas três vezes, enquanto ainda segue me asfixiando. Prazer e insanidade indescritíveis atravessam a loucura que são seus olhos nesse momento.

— Experimente abrir essa boca de boqueteira que você tem para ver o que faço com você, sua vagabunda desgraçada. — A ameaça tão direta me



deixa assustada. — Você não dirá nada à minha esposa, entendeu? —

pergunta, fechando mais o dedo em meu pescoço. Começo a perder a lucidez, mas consigo acenar em positivo. — ENTENDEU? — grita, batendo-me contra o concreto outra vez. Meus pulmões parecem que são esmagados ainda mais.

— En…t… — Tento dizer.

Antony me solta de repente. Caio estatelada no chão, puxando desesperadamente ar para os pulmões. Então, começo a chorar, assustada com a agressão de um homem com quem cogitei passar a vida ao lado.

Um soco atinge meu abdômen de repente. Uma dor lancinante viaja pelo meu corpo, que jogo para trás. Mal tenho tempo de processar o que está acontecendo quando mais socos e chutes me atingem sem piedade, com uma força esmagadora. As agressões se espalham, atingindo costela e meu rosto.

Quando finalmente acaba, estou dolorida, semiconsciente, preocupada apenas com meu bebê. Sinto uma respiração quente contra meu ouvido.

— Se por acaso te encontrarem e ainda estiver viva, que isso fique como um recado: abra a boca e diga qualquer coisa a Ann-Marie e juro por Deus que termino o que comecei com você e com esse bastardo.

Um segundo depois, não vejo e nem sinto mais nada.

— Juliette — alguém murmura meu nome. Demoro a reconhecer que é Bernardo. Oh, meu Deus! Finalmente alguém me encontrou. Nem sei quanto tempo se passou desde a agressão de Antony, mas balbuciei entre a inconsciência e a lucidez, sentindo a dor em cada centímetro do meu corpo, preocupada com meu bebê, enfraquecida demais para me levantar e buscar ajuda. — Preciso de uma ambulância. Agora! — grita para alguém.

Uma comoção se instala à minha volta. Pessoas gritando e correndo.

Delicadamente, uma mão quente toca a minha.

— Juliette, por favor, aguente só mais um pouco — pede, a voz cheia de preocupação.

Esforço-me o máximo que consigo. Ele precisa saber que estou grávida. Os médicos que vão me atender precisam priorizar meu bebê. Não a mim, mas meu bebê. POR FAVOR! Contudo, não consigo dizer nada, nem mesmo uma palavra. Minha boca parece inchada demais para isso, minhas energias são insuficientes. Tudo que consigo fazer é resmungar algo incompreensível.

— Shh… — Dousseau tenta me tranquilizar. — Vai ficar tudo bem.

Vamos te ajudar e você vai ficar bem. Não se preocupe. — Sua voz me acalenta por um instante, mas não o bastante. Não posso perder meu bebê.

Não posso.

Minha próxima lembrança é de ser socorrida pelos profissionais. O

caminho até o hospital é um borrão. Depois, só me recordo do movimento da maca deslizando pelos corredores. Um par de olhos azuis encontram os meus.

O médico usa uma máscara cirúrgica. Tento dizer alguma coisa, porém, tem algo obstruindo meus lábios. Faço menção de erguer a mão, mas também não consigo. O médico dos olhos azuis parece sorrir pequenino para mim no mesmo instante em que sinto um calor em minha pele. Desvio os olhos para baixo. Uma mão enluvada segura a minha.

— Está tudo bem — sussurra. — Os paramédicos encontraram um exame de farmácia na sua bolsa. Vamos cuidar muito bem de você e do seu bebê. Tudo bem?

Vagarosamente, aceno em positivo.

— Doutor Pierre, os batimentos cardíacos… — alguém diz, longínquo, mas não consigo compreender o restante da frase, porque outra vez apago. Antes, o nome dele fica gravado em minha mente.

Doutor Pierre.

IMPUNIDADE

JULIETTE

Quando acordo, há uma enfermeira em minha companhia. Mal consigo abrir o olho direito porque está inchado demais. Minha boca está seca e tenho dificuldade em respirar. A moça me ajuda assim que percebe meu despertar. Dá-me água para beber e me ajeita na cama para ficar mais confortável. De forma involuntária, levo minha mão ao abdômen. Quero perguntar como ele está, mas não consigo. Separo os lábios, esforço-me.

Todo esforço é inútil. Não consigo dizer nada. Lembranças de Antony me agredindo ainda estão bastante vivas na minha mente. Deus, ele tentou me matar. Tentou matar meu filho.

— Vocês estão bem — a enfermeira informa, parecendo notar minha indagação silenciosa.

Abro os olhos que nem notei ter fechado. Uma lágrima escorre pela minha face. Não sei se de medo ou se de alegria por saber que meu bebê não sofreu nada.

— Vou avisar o doutor Pierre que você está acordada — diz, com um sorriso complacente.

Não respondo. Sequer me movo. A enfermeira me deixa sozinha em seguida, então caio em um choro compulsivo quando por fim digiro tudo o que aconteceu. Cerca de dez minutos depois, já estou mais calma, mas não com menos medo. Seco uma última lágrima no exato instante em que a porta se abre, trazendo para dentro um homem de jaleco, carregando um tablet. Ele sorri pequenino e tenho a impressão de já conhecê-lo de algum lugar. Sem dizer nada, se aproxima, ficando de frente para mim.

— Juliette Gautier, não é? — pergunta.

Como resposta, apenas aceno em positivo. Baixa seus olhos para o aparelho eletrônico.

— Grávida de oito semanas. Descobriu sua gravidez hoje?

Suspiro e balanço a cabeça em negativo, ainda me negando a me comunicar em palavras. O médico me olha seriamente por um instante.

Então, se vira e caminha até a porta. Chama uma das enfermeiras e cochicha alguma coisa que não compreendo. Volta dez segundos depois.

— Há quanto tempo sabe que está grávida? — questiona. Seus olhos se desviam para o tablet em mãos, que acredito ter informações clínicas minhas.

Engulo em seco e pestanejo diversas vezes antes de erguer o indicador.

— Descobriu ontem, então? — Graças a Deus ele entende esse meu método de comunicação quase rudimentar. Assinto com a cabeça.

Novamente baixa seus olhos para o tablet e toca na tela, anotando algo no meu prontuário. Ele fica aqui por mais algum tempo, fazendo-me perguntas. Explica-me que tive uma concussão e duas costelas quebradas, e por isso terei de ficar por mais algum tempo no hospital. Não importa. Estou aliviada de que meu bebê esteja bem. Depois de se apresentar — doutor Pierre Laurent —, me oferece a coisa que mais quero no mundo: ouvir os batimentos do meu bebê.

Ele põe um par de luvas e depois ergue delicadamente minha roupa hospitalar, expondo minha barriga. Ajusta o objeto por alguns segundos e logo ouço as batidas fortes e rápidas. Mais lágrimas juntam em meus olhos.

Tive tanto medo de perder meu pinguinho de amor… *Mon Dieu.* Ele ainda é um pontinho pequeno dentro de mim, mas conseguiu sobreviver ao ataque monstruoso daquele que deveria cuidar dele.

Obrigo-me a controlar minhas emoções e atento-me a este som que se tornou o meu favorito no mundo.

Um bater na porta desvia minha atenção. Bernardo entra em seguida, o semblante cheio de preocupação.

— *Salut, ma chère* — cumprimenta-me, olhando com atenção meu estado deplorável. — Que susto você nos deu.

Suspiro e não digo nada. Volto meus olhos para Laurent e depois para

minha barriga, tornando a prestar atenção às batidas do meu bebê. O médico me diz que está tudo bem com meu bebê e, depois de se apresentar para Dousseau e trocar algumas palavras com ele, Pierre se vai, deixando-me sozinha com Bernardo. Estou tão envergonhada… Não quero de maneira nenhuma explicar essa situação. Que desculpa darei?

Longos segundos de silêncio se passam depois que o doutor nos deixa. Ele continua aqui, segurando-me pelas mãos enquanto choro baixinho, envergonhada demais em levantar os olhos e encará-lo. Bernardo puxa uma cadeira e senta-se perto de mim; seco minhas lágrimas e ele murmura:

— Me conte o que houve. — *Não, eu não quero!* — Juliette, sei que foi ele. — A estas palavras, fico apavorada. Como pode saber? Nunca fui imprudente, nunca dei indícios de que dormia com ele. Como Dousseau pode saber disso? Sua afirmação me faz finalmente olhá-lo. — Sei que tem um caso com Antony Leclerc. Esse filho é dele. Você contou da gravidez…

Talvez até tenha ameaçado dizer tudo a Ann-Marie. Ele ficou furioso e tentou matar seu bebê. Estou certo?

Não sei como Bernardo descobriu, não sei como supôs tão bem os fatos, mas não posso simplesmente negar o que aconteceu. Engolindo em seco, aceno em positivo, muito devagar, quase de forma débil.

— Precisa denunciá-lo à polícia. — Ele se levanta em uma postura determinada. *NÃO!* Pelo amor de Deus, não. Seguro-o pelas mãos, com força.

Muita força.

— Por favor, não — peço, dizendo minhas primeiras palavras desde que acordei nessa cama de hospital. — Se fizer isso, ele vai tentar contra a minha vida de novo. Por favor. Não faça nada.

Dousseau me encara, perplexo. Claro que está. Depois de tudo que Antony me fez, eu deveria denunciá-lo. Mas sua ameaça foi bem clara. Não quero pagar para ver.

— Juliette…

— Não tenho como provar. É minha palavra contra a dele. Se eu não conseguir

incriminá-lo, ele vai tentar me matar de novo. Por favor. Não diga nada — suplico. Bernardo fica em silêncio, submerso nos próprios pensamentos, talvez ponderando me contrariar e ir à polícia, sim. É neste

momento, tomada de medo de ser machucada de novo, pensando na integridade minha e do meu filho, que decido usar uma artimanha baixa: —

Se você fizer qualquer coisa, juro que conto a Antony sobre estar dormindo com Ann-Marie.

O homem paralisa diante minha ameaça. Não queria ameaçá-lo ou chantageá-lo, mas no momento preciso garantir que não vai denunciar Antony. O modo como fica em silêncio e trinca o maxilar me dá a certeza de tudo o que supus durante esses meses é verdade. Não há mais dúvidas. Ele está mesmo tendo um caso com Ann-Marie.

— Eu não sabia. Só desconfiava. Você acaba de me confirmar —

explico. Meu chefe faz uma cara de decepcionado consigo mesmo, como se fosse inacreditável que tivesse caído em um golpe tão baixo.

— Não pode deixar o Antony impune — diz, suavizando a expressão.

Balanço a cabeça em negativo.

— Ele quis me dar um aviso. E já entendi. Não vou dizer nada a Ann-Marie sobre nosso caso e vou criar meu filho sozinha. Antony não vai mais ser uma ameaça pra mim.

Bernardo se aproxima de novo e se senta ao meu lado, segurando outra vez minha mão.

— Sabe que não conseguirei deixar isso pra lá, mesmo se eu quisesse.

Quero beijá-lo por isso. De verdade. Sou imensamente grata por querer me ajudar, por querer justiça, mas eu não quero. Estou com tanto medo nesse momento que prefiro deixar tudo como está. Não quero contrariar Leclerc. Ele já provou do que é capaz.

— Bernardo… — suplico, fechando os olhos, rogando a Deus para que desista

dessa ideia.

— Não vou te pôr em risco, Juliette. Mas também não vou me esquecer do que esse canalha te fez. Serei cauteloso, mas que esse traste vai pagar por tudo, ele vai — promete.

Abro os olhos e sorrio pequenino, agradecida por sua preocupação.

Então, eu o abraço e agradeço por tudo, enquanto torço muito a Deus para que ele encontre mesmo uma maneira de isso não ficar impune.



Adrien aparece no dia seguinte, semblante desesperado, no horário de visitas. Ele me toma pelas mãos e me puxa para um abraço apertado, enquanto ainda penso no que direi a ele. O tempo todo meu primo sempre me alertou sobre Antony, não alertou? Eu ignorei todos os seus conselhos, dizendo que ele não conhecia Leclerc. No final das contas, nem eu mesma o conhecia.

— Por que não pediu para me ligarem? — pergunta, olhando-me nos olhos. Parece que ficou sabendo disso somente agora e veio do jeito que levantou. Noto isso pela camisa velha que usa como pijama e tem um furo perto da barra, a calça jeans marcada pelo alvejante e o casaco que um dia foi do senhor Chevalier. Além do cabelo desgrenhado e rosto cansado.

— Não queria te preocupar — confesso, baixando levemente os olhos. É uma mentira, na verdade. Eu sabia que uma hora ou outra eu teria de enfrentá-lo e dizer o que aconteceu de fato, mas preferi adiar esse momento, o sermão e o conhecido “eu te avisei!”.

— Como você acha que fiquei quando estou curtindo meu dia de folga fazendo um monte de nada e recebo uma ligação da sua amiga na cafeteria me perguntando se tenho notícias suas? Eu quase tive um infarto, Juliette!

Como sempre, um poço de exageros. Abro a boca para dizer qualquer coisa que

não vai satisfazê-lo nem o acalmar sequer um pouco, mas me impede ao tocar em meu rosto. O inchaço diminuiu parcialmente e não dói mais tanto por conta dos medicamentos.

— Foi aquele filho de uma puta que fez isso em você? — indaga, acariciando-me suavemente. Seus olhos claros encontram os meus. — Não pense em mentir para mim. Os outros podem acreditar na sua versão de assalto, mas eu te conheço.

Calo-me por longos segundos, a vergonha de admitir que Antony me causou isso tudo me impedindo de falar qualquer palavra. Estava tão na cara

o verdadeiro caráter dele e só eu não vi isso. Os sinais estavam bem debaixo do meu nariz e não os enxerguei, achando que todo o seu comportamento tinha uma justificativa, acreditando que ia mudar, culpando a esposa. Fui tão idiota. Sinto vontade de chorar.

— Juliette… — pressiona-me.

Desabo nas minhas lágrimas, afirmando com a cabeça. Adrien me traz para seu abraço, afagando meus cabelos e me pedindo calma. Realmente, preciso me acalmar. Pelo meu bebê.

— O que aconteceu? Vocês discutiram? — Meu primo quer saber.

Inspiro fundo e me preparo para contar a verdade.

— Ameacei contar para a esposa dele sobre nosso caso e… sobre a minha gravidez.

Pouco a pouco, a expressão de Adrien vai se transformando enquanto recebe a informação. Não sei o que o deixa mais surpreso: minha gravidez ou o fato de Antony ter me espancado. Talvez os dois. Fecho os olhos, esperando que meu primo me advirta por ter sido enganada, por não ter dado ouvido aos seus conselhos. Ao invés disso, silêncio. Abro os olhos e ele continua no mesmo lugar, na mesma posição, encarando-me como se ainda processasse tudo o que eu disse segundos atrás.

— Preciso bater na sua cabeça como a gente faz com televisão velha que não quer pegar? — brinco, abrindo um sorriso encabulado.

— Você está grávida? — pergunta, em tom suave, de repente falando baixo.

O sorriso em mim vai embora.

— Estou. — Penso em dizer mais, dizer que fui imprudente e fiz de propósito, visando forçar Antony a se divorciar, mas desisto. É muita vergonha para um dia só.

Adrien apoia a mão no meu abdômen; seu semblante preocupado acentuou depois da notícia. Ele passa uns bons segundos com a mão e os olhos fixados na minha barriga.

— E esse maldito te machucou mesmo sabendo que você está grávida?

Tento afastar as imagens da minha cabeça. Não gosto de me lembrar da dor e do desespero que senti com a agressão daquele homem. As lágrimas queimam meus olhos, mas me esforço para me concentrar em coisas boas.

Estou bem, meu bebê está bem, e é isso o que realmente importa.

— Esquece, Adrien — peço, a voz trêmula.

Ele faz uma cara de ultrajado.

— Esquecer… — Uma risada sem humor escapa dele. — Que pedido mais absurdo. Por que diabos não o denunciou? — Entrelaço nossos dedos, apertando os seus nos meus com bastante força.

Então, conto meus motivos por não querer denunciá-lo.

— Bernardo disse que vai encontrar um jeito de ele não ficar impune, mas sem que me coloque em risco. Adrien, por favor — quase suplico —, tem que me prometer que não vai fazer nada. Antony já mostrou do que é capaz. Não tenho dúvidas de que ele cumpra suas ameaças caso eu o denuncie.

Relutante, Adrien abana a cabeça em positivo, mas está nítido que a situação o deixa desconfortável.

— Tem algo que eu possa fazer por você?

— Preciso de algumas roupas e itens de higiene pessoal. Pode trazer isso para mim?

— Quanto tempo mais vai ficar?

— Não sei. Doutor Laurent me disse que eu ficaria quarenta e oito horas em observação e depois me manteria aqui um pouco mais por causa dos hematomas nas costelas e no rosto.

Meu primo se inclina na minha direção e deixa um beijo casto na minha testa.

— Vou trazer tudo o que precisar. Aliás, você avisou sua irmã?

Molho o lábio inferior e aceno em negativo.

— Claro que não. Se eu, que moro aqui em Paris, você não contatou, imagine se ia avisar a Juliene, que está na Inglaterra.



— Não quero a preocupar, só isso. Ela deve estar toda ocupada com os estudos. A última coisa que quero é atrapalhar. Prometo que, assim que eu me recuperar e sair daqui, vou ligar e contar da gravidez.

Ele acaricia meus cabelos e sorri.

— Como quiser. Vou buscar as coisas de que precisa e volto em breve.

Adrien já está chegando na porta quando eu o chamo:

— Não vai me dizer? — Ele se vira para mim e faz uma cara de quem não está entendendo nada. — “Eu te avisei” — explico.

Um pequeno sorriso se manifesta no seu rosto bonito.

— Não vou nunca te culpar por isso, Julie.

Sem dizer mais nada, Adrien deixa o quarto. Em meus pensamentos, eu o agradeço por não jogar nada na minha cara.

Já tem uns quatro dias que estou aqui. Sinto falta dele. Estranhamente, sinto falta dele. Deus, por que estou sentindo falta dele? O plantonista dos dois últimos dias é bom, como Laurent me disse que seria, e confio nos seus cuidados comigo e com meu bebê. De um jeito estranho, por algum motivo eu preferia que fosse Pierre. Eu acabei me lembrando dele, de dois dias atrás, quando cheguei aqui. Os olhos azuis e seu nome voltaram às minhas lembranças de repente e soube que foi ele quem me atendeu, quem segurou minha mão e prometeu cuidar de mim e do meu bebê. Prometeu e cumpriu.

Talvez por isso preferisse que fosse Laurent o plantonista.

Alguém bate à porta, interrompendo meus pensamentos absurdos que nem mesmo a televisão ligada foi capaz de me impedir de existir. Coro de vergonha quando noto que se trata de Ann-Marie. Não é a primeira vez que vem me visitar. Ela entrou aqui na ocasião em que fui internada, logo depois de Bernardo e Emilien. Mas eu estava com tanta vergonha de encará-la que preferi fingir que estava dormindo.

— *Salut*, Gautier — cumprimenta-me com um sussurro. Encosta a porta e se aproxima de mim a passos vagarosos, segurando um buque de girassóis.

Ainda sinto meu rosto queimar quando respondo, mantendo um sorriso de vergonha.

— *Bonjour*, madame Leclerc — respondo, murmurando quase de forma inaudível. Ainda não sei como encará-la depois de tudo.

Ela está aqui agora, se importou o bastante para vir visitar a amante do marido. Ann-Marie não é nada do que Antony disse que era. Claro que não é. Ele mentiu como sempre fez e conseguiu me enganar, me colocar contra uma mulher que eu sequer conhecia direito. Sou tão estúpida. Meu Deus, eu sou tão estúpida!

Ela sorri e contorna a cama, colocando as flores em um vaso. Depois, puxa uma cadeira e se senta de frente para mim, perguntando:

— Como você está?

— Bem, na medida do possível. Obrigada por perguntar.

— E seu bebê?

A pergunta me incomoda. Desvio o olhar e mordo o lábio inferior.

Respondo, ainda sem coragem de fazer qualquer contato visual:

— O doutor Pierre Laurent me garantiu que está tudo bem.

Um silêncio recai sobre nós duas. Sigo com o olhar baixo, recusando-me a encará-la, tão envergonhada que estou. De repente, sinto medo. Medo de que tenha vindo aqui me julgar, me humilhar, dizer como sou uma vadia desgraçada por abrir as pernas para um homem casado, por ser a responsável por destruir seu casamento. De novo, sinto vontade de chorar. Malditos hormônios de grávida, transformaram-me em uma chorona.

— Comprei para você — ela diz, esticando um pequeno embrulho. —

Na verdade, é para o bebê.

Pego o presente de suas mãos. Não evito a emoção em meus olhos quando desembrulho o pacote. Sorrio, abraço a pequena peça e deixo uma lágrima escorrer pelo meu rosto.

— Obrigada, Leclerc… — agradeço, e minha voz sai embargada. —

Não deveria ter se incomodado com isso. É tão… inapropriado.

— Por que esse bebê é do meu marido? — questiona-me, suavemente.

Não há nenhum traço de julgamento em sua voz, mas mesmo assim meu rosto ruboriza.

— *Pardon* — peço, a voz chorosa e arrependida.

Quando finalmente tenho coragem de olhá-la, lágrimas descem pelo meu rosto. Preciso me desculpar com Ann-Marie, sinto essa necessidade. Não posso simplesmente receber seu presente, sua preocupação, sua boa vontade de vir me ver e saber como estou e não me desculpar. Dói assumir que errei, que fiz um

mau julgamento de sua pessoa, que acreditei em um homem mentiroso e manipulador, apesar de todos os sinais, mas tenho caráter suficiente para admitir isto e me redimir. — Não deveria ter me envolvido com ele. Sabia que era casado e… — Não consigo terminar de falar. Tapo a boca com mão.

Sem que eu espere, ela me segura e tenta me acalmar.

— Não justifica… — Tento dizer.

— Juliette, por favor, não diga mais nada — pede, calma.

— Eu preciso, Ann-Marie. — Aperto meus dedos nos seus, quase como um ato de súplica. — Sei que não justifica, mas… nunca foi minha intenção me envolver com seu marido! Ele era cliente da cafeteria, vivia por lá, e, com o passar do tempo, nos tornamos bons amigos. Apenas isso! E

apenas dentro do meu local de trabalho. Certa vez, ele chegou quando já estávamos fechando, visivelmente abalado. Tinha olheiras, cabelo desengonçado… — Fecho os olhos, tomando um pouco de ar para os pulmões. — Me disse que vocês tinham discutido e não estava bem. Antony ficou no café até pouco depois de fecharmos, conversando comigo, dizendo que… — Mordo o lábio inferior e inspiro antes de prosseguir: — Não estava feliz no casamento, de que não te amava, que o casamento de vocês foi arranjado… — Um gemido agoniado escapa de mim. Fui tão burra e me arrependo tanto! — Ele me disse tantas coisas terríveis a seu respeito. Que você era histérica, ciumenta, possessiva… acomodada e preguiçosa. Que, enquanto trabalhava duro pra sustentar seus luxos, você só sabia criticá-lo e

gastar dinheiro.

Ann-Marie entreabre os lábios, horrorizada com meu relato.

— Eu acreditei nele! — digo, soluçando um pouco mais, o arrependimento socando meu peito como uma marreta forte. — Não te conhecia pessoalmente, pouco te via, então foi fácil ter sido enganada dessa maneira. Eu ainda o aconselhei a pedir o divórcio… — Rio sem humor e seco algumas lágrimas. — Depois disso, algum tempo se passou e ele de novo me procurou… Me envolveu aos poucos, com elogios, presentes singelos… E

junto vinham mais as reclamações do casamento… Certo dia, disse que estava

apaixonado por mim.

Faço um instante de silêncio. Solto minhas mãos das suas e as coloco sobre meu colo, entrelaçando meus dedos. Ainda envergonhada com essa situação toda, baixo o olhar e continuo:

— Acabei acreditando que você merecia… merecia que Antony te traísse. E ele também me prometeu que pediria o divórcio e me assumiria. Só precisava… Não sei… Dizia algo sobre algum projeto com Dupont. Que esperava dar certo e só então ficaríamos juntos. Fui burra em acreditar nele.

Por favor, me perdoe!

— Se ele não tivesse…? — murmura, baixando os olhos.

Entendo o seu questionamento e disparo:

— Jamais, Ann-Marie! Jamais me envolveria com um homem casado.

Não sou assim. Mas Antony… me passou uma imagem tão ruim sua, me convenceu de verdade que estava infeliz no casamento… Confiei e acreditei nele. Achei que você merecia ser traída. Por favor, me desculpe.

— Não tenho o que te desculpar — diz, olhando para mim. — Sabe que… — Suspira. — Bernardo conseguiu me seduzir dessa maneira, me mostrando que eu estava infeliz e Antony era um homem perigoso e cheio de defeitos e… trai-lo era o que ele merecia. Então, não tenho o que te desculpar.

— A diferença é que ele realmente conhecia Antony. Ele viu sinais dessas coisas ruins que ele tinha. Ao contrário de mim. Nunca te vi… Como pude te julgar e te condenar sem ao menos conhecer o seu lado da história?

Ela torna a segurar minhas mãos.

— As pessoas são falhas, Gautier. Nós erramos. Você errou. E eu te perdoo.

Trocamos um abraço apertado, enquanto eu a agradeço, sentindo um alívio enorme no peito. A emoção aflora em minha pele, toma conta da minha voz e dos meus olhos, transformando-se em lágrimas.

— E Antony… tinha esses sinais violentos com você? — questiona, baixinho, como se não tivesse certeza se faz bem tocar no nome dele perto de mim.

Afirmo com um mover de cabeça e profiro:

— Começou sutilmente. Quero dizer, no começo era… tão romântico, atencioso, dedicado. Ficava me perguntando por que você não o valorizava.

Viajamos algumas vezes juntos — confesso, corando levemente e desviando o olhar dela outra vez. — Ele… me comprou presentes, mandou preparar um quarto de hotel para nós com champanhe, pétalas de rosa. Era perfeito… —

murmuro e me engasgo com minha própria saliva.

Meu coração dói com essas lembranças. Amei aquele homem, de verdade, mais do que amei qualquer outro um dia. Mesmo depois de ontem, das suas ameaças, da sua agressão, sei que em algum nível o sentimento ainda existe. Não vou mentir, não vou ser hipócrita em dizer que o amor foi embora do dia para a noite, porque não foi. Talvez seja essa a parte mais dolorida. Ser capaz de amar, de sentir qualquer coisa por alguém que tentou me machucar é o que mais dói em mim.

Ela abana a cabeça lentamente, talvez recordando-se de ter vivido algo parecido, reconhecendo o padrão de comportamento de Antony.

— Mas aí um dia… — continuo. — Ele me ofendeu durante uma discussão, quando pedi para se divorciar de vez. No dia seguinte, Antony me ligou, pediu perdão, mandou flores e bombons lá pra casa. E assim começou… Verificava meu telefone, minhas mensagens, criticava minhas amizades e até tentou me afastar de um primo a quem sou muito apegada…

Certa vez até disse que, quando me assumisse, não me deixaria trabalhar com Dousseau ou em qualquer outro lugar. Não notei esses sinais de um homem desequilibrado e violento, batia de frente com ele, dizia que não ia parar nem

de trabalhar, de nem ter amigos. O homem ficava contrariado, mas sabia que não poderia fazer nada.

— Não enquanto você fosse apenas a amante… — constata.

Com um sorriso fúnebre, completo:

— Isso.

Outro instante de silêncio nos envolve.

— Então engravidei. Confesso que foi de propósito. Pensei que um filho finalmente o forçaria a sair de um casamento em que vivia dizendo não estar feliz. Antony foi até minha casa uma noite antes de viajar para Nova Iorque. Ele te disse que ia pegar o voo noturno? — Concorda com um gesto de cabeça. — Passamos a noite juntos, eu… estava me preparando para contar. Antony me levou até meu trabalho e lá… Antes de ir embora… dei a notícia. Ele ficou petrificado e branco por um segundo. Depois começou a me falar sobre aborto e um monte de coisas que não consegui mais entender porque fiquei pasma demais com sua sugestão de tirar o bebê. Começamos a discutir. Novamente me ofendeu com uma porção de palavreados… —

Preciso de um instante de pausa. Lembrar dessas coisas me machuca tanto.

Só queria esquecer e seguir em frente. Farei isso depois que contar tudo a ela.

— Eu deveria ter deixado pra lá, mas… Fiz a burrada de ameaçar contar a você sobre nosso caso e a gravidez. Antony perdeu a cabeça e então… —

Engulo em seco e, não podendo mais segurar, permito que novamente as lágrimas me tomem. — Fez isso comigo.

Ann-Marie senta-se na cama e me abraça com força, deixando-me chorar em seus ombros e desabar toda a minha dor. Ela afaga meus cabelos e tenta me acalentar de novo.

— Está tudo bem agora. Antony não vai mais te fazer mal. E, de mim, você tem perdão e tudo que precisar para o seu bebê.

Mon Dieu, ela é tão boa. O total oposto do que aquele miserável me disse. Tento controlar minhas lágrimas, mas elas vêm com força, lavando minha alma, levando embora toda a aflição, a vergonha, o arrependimento. É

um choro de medo, de pavor por tudo que vivi, das lembranças que ainda me acometem, mas também é alívio e gratidão.

— *Merci beaucoup!* — agradeço, ainda sem poder controlar minha

emoção.

Ficamos abraçadas mais alguns minutos, por tempo suficiente até minhas lágrimas não existirem mais e meu coração voltar a bater normalmente outra vez. De repente, a porta abre, trazendo para dentro um Pierre de jaleco, estetoscópio e aparelho para medir a pressão. Sua presença parece mandar embora toda a tensão e a tristeza que, segundos atrás, pairavam sobre mim. Estou feliz por ele estar aqui. Ele nos olha por um segundo e se desculpa.

— *Pardon.* Não sabia que a senhorita Gautier estava com visitas.

Desfazemos nosso abraço e Ann-Marie se levanta, dizendo:

— Já estou de saída, doutor… Pierre Laurent. — Ele sorri para ela e lança um olhar para mim. Não desfaço nosso contato visual. Ele me transmite segurança, proteção. Gosto da sensação boa que me causa. — Pode cuidar bem da minha amiga e do bebê dela?

— Estou aqui para isso — alega, vindo até mim, solicitando o braço direito para tirar minha pressão arterial.

Ann-Marie sorri e se despede. Eu mal a respondo porque estou ocupada demais prestando atenção no que Pierre me diz:

— Soube que andou recebendo visitas durante minha ausência.

Algo em meu interior se remexe. Se ele soube das visitas que recebi significa que andou perguntando por mim?

— Só os amigos de sempre — respondo apenas.

Pierre me abre um leve sorriso e mede minha pressão. Um silêncio confortável recai sobre nós. Tento conter meus olhares para ele, mas é quase impossível. Ele é bonito. Tem pálpebras dobradas, dando a impressão de que seus olhos claros são levemente puxados, cabelos que ainda não decidi se são castanho-escuros ou pretos, cavanhaque ralo, pele branca, rosto oval e covinha no queixo.

— Pelo menos não está completamente sozinha — fala, retirando o instrumento

do meu braço. — Sua pressão está normal. Como está se sentindo hoje? — pergunta, retirando uma pequena lanterna do bolso e a acionando contra minhas pupilas.

— Bem. — Olho no relógio perto da parede. É cedo, perto das dez da manhã. O médico de plantão passou aqui pouco depois das seis, me fez as perguntas habituais, conferiu os batimentos do bebê, conferiu minha pressão, testou meus reflexos, me medicou. Essa ronda de Pierre me parece atípica. —

A que horas começou o seu plantão? — indago, com cuidado, não querendo parecer interessada demais.

Ele me dá um sorriso pequeno, até meio encabulado, eu diria. Coloca o estetoscópio no meu peito e responde:

— Ainda não começou.

Pisco seguidas vezes, quieta, processando sua resposta. Se ele não está de plantão, por que está aqui? Pierre se afasta, colocando o instrumento em torno do pescoço de novo.

— Meu plantão hoje só começa às sete da noite. Estava passando por perto e… — Faz uma pausa pequena, olhando-me com seu sorrisinho meio contagiante. — Quis ter certeza de que a equipe está cuidando bem de você.

— Seus olhos me analisam rapidamente. — Pelo jeito, estão mesmo.

Desfaço nosso contato visual, um pouco mexida com sua atitude. Ele não tinha obrigação nenhuma de estar aqui, mas está. Engulo em seco e fico meio tensa, tentando desvendar o efeito que isso causa em mim. Pela visão periférica, vejo-o mover-se pelo quarto e pegar os girassóis que Ann-Marie trouxe.

— Da sua amiga? — questiona, indo até o banheiro no quarto. Ouço água corrente. Ele volta com o vaso cheio e torna a pôr o ramalhete no seu lugar.

“Amiga” não é bem a palavra. É a esposa do meu amante, que me espancou. Quero dizer a verdade para Pierre, mas prefiro manter essa informação comigo.

— *Oui*. É uma cliente da cafeteria. — Olho para a roupinha branca que ela atenciosamente comprou para o bebê. Abro um pequeno sorriso e brinco com a

delicada peça entre os meus dedos. Não vejo a hora de poder sair desse hospital. Vou começar a preparar tudo para a chegada do meu bebê.

— Atencioso da parte dela vir te visitar. — Pierre mantém a conversa,

contornando a cama e parando de frente para mim de novo.

— É… — Consigo murmurar apenas, o remorso por ter me envolvido com o marido dela batendo em mim novamente.

Um bater suave na porta interrompe nosso momento. Ergo os olhos ao mesmo tempo em que Pierre gira o corpo para ver Emilien adentrar o recinto, mãos no bolso, o rosto meio em um sorriso aparentemente forçado.

— *Bonjour*, Gautier — ele me cumprimenta, parando a um metro da porta. Ele se vira para Laurent e estica a mão, pois ainda não se conhecem. —

Emilien Dupont.

Por um segundo, tenho a impressão de que Pierre hesita. Seus olhos estão fixos em Emil, como se o avaliando ou com os pensamentos perdidos.

Parecendo voltar ao mundo real, ele o cumprimenta:

— Pierre Laurent. — Virando-se para mim, diz: — Vou deixar você com sua visita. Te vejo à noite.

Abano a cabeça em positivo, Pierre se despede e deixa o quarto.

Emilien encosta a porta e estranho sua atitude. A passos vagarosos, ele se aproxima de mim. Mantém as mãos dentro dos bolsos, a expressão indecifrável. Não entendo o motivo de sua visita. Ele veio na ocasião da minha internação, não ficou mais do que dois minutos, disse que se eu precisasse de qualquer coisa faria questão de me ajudar, me perguntou do bebê e desejou melhoras. Não somos do tipo íntimos a ponto de vir me visitar mais do que uma vez, mas aqui está ele, molhando o lábio inferior como se quisesse me contar alguma coisa e não tivesse ideia de como começar.

— Está tudo bem? — Rompo o silêncio entre nós. Devagar, seus olhos azuis direcionam para os meus.

— Queria dizer que sim. — Suspira. Pega uma cadeira e a põe perto da cama, onde se senta, apoiando os cotovelos nos joelhos e o rosto entre as mãos. — Afastei Antony da minha empresa.

A mera menção desse nome me deixa em choque. Engulo em seco e faço um esforço tremendo para não chorar de medo na frente dele.

— Era o mínimo que deveria ter feito — respondo. Demoro a notar que sou um pouco rude com Emilien. Estou abrindo a boca para me desculpar

pela minha atitude mal-educada, mas ele me interrompe quando profere:

— Fiz uma investigação e descobri que ele estava fraudando a minha empresa e a cafeteria de Bernardo.

Fico assustada com a informação. O mau-caratismo dele não tem limites. Fui uma estúpida por acreditar na bondade e na índole dele. Quero perguntar como Antony fazia isso, mas decido por ficar na ignorância. Chega de decepções relacionadas a esse homem.

— Reuni provas o suficiente para denunciá-lo por corrupção, caixa-dois, lavagem de dinheiro e superfaturamento. Podíamos fazê-lo pagar pelo que fez a você sem te colocar em risco, como Bernardo prometeu.

Um alívio instantâneo toma conta do meu coração quando Emilien diz isso. O alívio, porém, dura pouco. Dura muito pouco. A expressão dele não é de alguém que está feliz por conseguir resolver um problema. Tem algo a mais aí que ainda não me contou.

— Tem um "porém" nessa história, não tem? — questiono, já perdendo as esperanças de Antony não sair impune.

De repente, Emilien parece mais triste a abatido. Por dez segundos, ele abaixa a cabeça, depois de acenar em positivo, e fica em silêncio. Quando ergue os olhos para mim, vejo dor no seu semblante.

— Tem, sim — responde, enfim. — Ele me ameaçou. Antony…

descobriu algo sobre mim, sobre meu passado, e ameaçou me expor caso eu o denunciasse. Juliette, *je suis vraiment désolé.* — "Eu sinto muito, muito

mesmo”. — Mas não posso deixar que ele me exponha. Isso seria catastrófico, me entende? Mancharia minha imagem, a imagem da minha empresa, atrapalharia os negócios, as causas sociais e filantrópicas que estão vinculadas ao meu nome.

Tem um tom de súplica em sua voz, na sua postura de derrota, completamente o oposto do que estava costumada a ver quando ia à cafeteria rotineiramente. Mas eu entendo o medo nos seus olhos. Leclerc também me ameaçou. Leclerc ainda *é* uma ameaça para mim.

— Está tudo bem, Emilien… — murmuro, esticando minha mão para pegar a dele. — Entendo perfeitamente, não se preocupe.

Ele se levanta da cadeira e vem até mim, apertando mais seus dedos nos meus, olhos nos olhos.

— Vamos encontrar outro jeito, está bem? Vou resolver essa questão, descobrir um modo de não estar mais vulnerável às ameaças dele.

— Emilien, talvez o jeito seja apenas não mexer com Antony — digo, aceitando que não há maneira de enfrentarmos esse monstro. Ele tem todos sob controle e ameaças. Está usando nossos maiores medos para conseguir levar a melhor. — Ele já mostrou do que é capaz de fazer. Talvez o mais aconselhável seja não mexermos no vespeiro, me entende?

Seus olhos me encaram com um misto de confusão e empatia.

— Não podemos deixar que esse homem saia impune, Juliette.

— Acredito em justiça divina, acredito na lei do retorno, acredito que aqui se faz, aqui se paga. A justiça será feita, Emilien, mais cedo ou mais tarde. Enquanto isso não acontece, é melhor prezarmos pela nossa segurança.

Ele me fita por alguns longos segundos, até por fim concordar que, no momento, o mais sensato é não provocarmos Antony.

— Você tem razão. Caso precise de qualquer coisa, pode me contatar.

Melhoras, Juliette — deseja-me, antes de sair, seu corpo grande parecendo pequeno perto do sentimento de ter fracassado em fazer justiça.

Fecho os olhos logo quando ele sai, tentando não pensar no assunto.

Cometi erros terríveis, sei disso agora, e ter me envolvido com um homem casado foi o pior deles. Acredito na lei do retorno, e talvez esse momento de impunidade seja apenas o meu carma.

DESPEDIDA

PIERRE

Torço para não encontrar Francine. Ela vai me infernizar se souber que estou aqui fora do meu plantão e vai querer saber os motivos. Não vai levar mais do que um segundo para compreender e me infernizar. Ando rapidamente para a sala dos atendentes. Vou me trocar e dirigir de volta para a clínica até que meu plantão realmente comece.

Eu menti para Juliette.

Não estava passando aqui por perto coisa nenhuma. Simplesmente acordei e, aproveitando que duas pacientes cancelaram o horário, decidi vir vê-la. É claro que eu não poderia aparecer em seu quarto todo informal como se fosse uma visita, então minha ideia genial foi vestir o jaleco. Mas também não achei que ela fosse ser observadora o suficiente para notar que eu não estava no meu turno.

Estou chegando à sala quando meu telefone toca. No visor, reconheço o número da clínica. Atendo, e é uma das recepcionistas me perguntando se posso vir para cá, pois uma das minhas pacientes particulares deu entrada no trabalho de parto e já está a caminho do hospital. Digo que já estou por aqui e vou me preparar para recebê-la.

A paciente chega rápido.

— *Bonjour*, Charlotte — digo, aproximando-me dela enquanto visto luvas de látex.

A mulher me dá um sorriso enfraquecido e fecha a cara quando outra contração a acerta. O marido, um homem ruivo e alto, que me parece ter origens irlandesas ou escocesas, segura na mão da esposa quando ela se contorce na cama, resmungando de dor. A contração vai embora, e ela suaviza a expressão. Seus cabelos já estão bagunçados e levemente suados.

— Quando as contrações começaram? — pergunto, colocando-me aos pés da cama.

— De madrugada. Umas cinco da manhã.

Aceno em positivo e peço licença ao marido. Ele me dá espaço com um passo ao lado.

— Sabe me dizer a intensidade com que elas começaram e quanto tempo duravam as contrações?

— Parecia dor de… cólica menstrual. Incômoda, mas suportável.

Durava menos de um minuto — responde, inspirando profundamente. — E

voltava cerca de dez ou quinze minutos depois. Mal dormi à noite por causa do desconforto. Senti a barriga muito dura.

— Sua bolsa rompeu?

— Não.

— Sabe precisar de quanto em quanto tempo a dor vem agora?

— A cada cinco minutos, talvez. Dói por um minuto ou um pouco menos.

— Tudo indica que está mesmo em trabalho de parto — informo, sentando-me cuidadosamente aos seus pés. — Terei de fazer um exame de toque para confirmar sua dilatação. Será um pouco desconfortável, vai doer, mas prometo ser rápido.

Ela me dá outro daqueles sorrisos doloridos e abana a cabeça em positivo. Olho para o lado, para o marido parado perto de nós, cotovelo direito na mão esquerda, dedos nos lábios, pensativo. Volto minha atenção a paciente, ergo sua camisola hospitalar somente o suficiente e faço o exame.

Charlotte remexe a pélvis e faz uma careta. O toque é rápido. Descarto as luvas.

— Está com quatro centímetros de dilatação. Seu bebê ainda vai demorar um pouco para vir.

— Um pouco quanto? — o marido pergunta. — Ela está com dor já tem umas cinco horas. Isso é normal?

— Claude… — A esposa tenta advertir, como se questionar um



especialista fosse um dos sete pecados capitais. Mas a dúvida e a preocupação são compreensíveis.

— É completamente normal, *monsieur* Faure. Um parto natural pode durar até quarenta e oito horas.

— Não me desanime, doutor Pierre — Charlotte brinca.

Dou uma risadinha e seguro sua mão fria.

— Não se preocupe, as quarenta e oito horas não são necessariamente de dor. É um processo que envolve várias etapas do seu corpo e tem uma porção de variações. De qualquer maneira, você e sua pequena Cécile terão todo o cuidado possível. E, respondendo à sua pergunta — viro-me para o esposo —, ela precisa de mais seis centímetros. Se tudo correr bem, deve alcançar a dilatação necessária em seis ou sete horas.

Os olhos do homem se arregalam, meio surpreso com a informação.

Aproximo-me dele e toco seu ombro.

— Dê todo apoio que sua esposa precisar nesse instante. Pode parecer desesperador, essas dores e contrações, o modo como vai reclamar do desconforto, mas estarei aqui para que vocês dois vivam o melhor momento de suas vidas, para que sua filha venha saudável ao mundo e para que sua esposa tenha o melhor pré-parto, o melhor parto e pós-parto.

— *Merci,* doutor Pierre. *Merci beaucoup.*

— Minha equipe fará rondas a cada uma hora. Vejo vocês na sala de parto.

A bebê de Charlotte nasce às seis da tarde, depois de pouco mais de doze horas desde que atingiu a dilatação ativa. O marido acompanhou tudo.

No quarto, enquanto a mulher recebia as dores das contrações, na sala de pré-parto, quando a dilatação já estava em oito centímetros, e depois, enquanto a esposa fazia força para trazer a pequena Cécile para o mundo. Gosto dessa parte, quando acontece. Gosto de ver o pai dando todo o suporte nesse

momento tão único e bonito, a confiança que a mulher sente ao ter ao seu lado alguém em quem se apoiar. Depois, de toda a emoção ao pegarem o filho pela primeira vez. Eles me agradecem, radiantes de felicidade, quando termino todo o procedimento e cuidados do pós-parto. Amanhã ainda estarei aqui, então asseguro que passarei para vê-la durante a rondas de rotina antes da alta, em cinco dias.

— Doutor Laurent — uma enfermeira me chama, caminhando rapidamente na minha direção. — Ligaram da escola do seu sobrinho e disseram que ninguém foi buscá-lo ainda.

Recebo a informação como se tivesse levado um soco na boca do estômago. Olho no relógio. São sete e cinco da noite. *Pour l'amour de Dieu!*

Étienne deveria tê-lo buscado, no máximo, às seis e meia. Agradeço, ainda meio atordoado, e corro me trocar. Ligo no telefone do meu irmão, mas ele não atende. Eu quero matá-lo. Sabia que não deveria confiar nele para cuidar do próprio filho. Enquanto essa obsessão em encontrar a esposa não acabar, ele continuará relapso, negligente e irresponsável.

Troco-me em tempo recorde, aviso ao chefe da obstetrícia de que voltarei logo para cumprir meu plantão, entro no carro e acelero até a escola de Édouard. Lá, tudo está na mais absoluta quietude. Uma funcionária termina de trancar a porta quando me aproximo e a abordo.

— Com licença. Sou Pierre, tio de Édouard Laurent. Vim buscá-lo.

Peço perdão pela demora, mas…

A moça me interrompe:

— Édouard já foi embora.

Pestanejo, confuso com o conflito de informações.

— Quem o levou? — questiono, sentindo um medo estranho apossando do meu peito. — Conseguiram ligar para o pai dele?

A funcionária me olha sem entender nada.

— Não ligamos para ninguém, senhor Laurent. A tia do pequeno veio buscá-lo, a senhorita Francine, dentro do horário habitual.

Francine! É claro. Aperto a ponte do nariz, odiando a mim mesmo por não ter tirado o nome dela da lista de pessoas autorizadas a pegá-lo. Farei isso



amanhã. Agradeço à moça e volto para meu carro. Disco o número dessa megera. Ela não me atende. Que inferno! Ligo para Étienne, que finalmente responde às minhas chamadas.

— Por que não foi buscar o Édouard? — esbravejo quando ele mal fala “Alô?”.

— *Porque você o buscou, não foi?* — devolve, atônito.

— Étienne, que história é essa?

— *A escola me ligou, informando que você já tinha o pegado. Depois recebi uma mensagem sua, dizendo que estava com ele e ia levá-lo ao cinema porque mudaram sua escala e estava fora do plantão essa noite. Pierre, por favor, me diz que meu filho está com você!*

Francine. Ela. Sempre ela! Deve ter se passado por uma funcionária do colégio quando ligou para meu irmão, depois aproveitou que eu estava ocupado com o parto de Charlotte e pegou meu telefone para enviar uma mensagem a Étienne, apagando em seguida para que eu não visse. Usou do mesmo artificio com a recepção do hospital, para me ver nesse estado de desespero e ir atrás dela assim que descobrisse essa armação toda.

Essa mulher é doente.

— Não está comigo. — Antes que ele possa berrar perguntando pelo filho, respondo: — Francine o pegou na escola.

— *Por que ela faria isso?*

— Porque quer chamar minha atenção — respondo, com um suspiro.

— *Traz o meu filho de volta, Pierre.*

Fecho os olhos e os aperto com força, odiando com todo o meu ser esse momento. Jurei nunca mais voltar naquela casa, mas Francine deu um jeito de me fazer quebrar minha promessa.

— Vou trazer. — Então desligo.

— Eu deveria chamar a polícia para você — cuspo assim que Perrot abre a porta.

Ela me recebe com nada mais nada menos que um sorriso cínico. Um ódio esquisito atravessa todo meu corpo e preciso me segurar para não a empurrar, invadir a casa, pegar meu sobrinho e ir embora.

— Sob quais alegações você chamaria a polícia para mim, Pierre? —

inquire, dando um passo ao lado, um convite subentendido para eu entrar. —

Sequestro? Mas meu nome está na lista de pessoas autorizadas a buscar Édouard…

Fecho os olhos e inspiro fundo, mantendo-me no controle. Ela quer me ver irritado, mas não vai conseguir.

— Só o chame para mim — peço, forçando um sorriso.

Não vou entrar, não vou entrar mesmo.

Sem dizer uma palavra, ela me dá as costas e se retira. Fico do lado de fora, acalmando meu coração e dizendo para mim mesmo que vai dar tudo certo. Não sei como aguentei essa personalidade difícil de Francine por tanto tempo. Demorei muito para ver os sinais. Étienne, antes de mergulhar no fundo do poço, dizia-me que o comportamento da minha namorada não era normal, não era saudável. Mas então eu falava com outros amigos e eles me diziam “Ah, mas mulher é assim mesmo”, justificando sua conduta descontrolada como algo natural. Não, mulher não é “assim mesmo”.

Aprendi isso do pior jeito possível. Aprendi que não tem essa de exaltar mulher histérica, desconfiada, controladora como as pessoas parecem fazer.

Em época de faculdade, quando via um comportamento parecido, ria com outros amigos, fazíamos piada e debochávamos dos caras quando suas namoradas

tinham um comportamento descontrolado. É claro que paguei com a minha língua e só me dei conta de uma relação abusiva tempos depois.

— Tio Pierre! — Édouard exclama, correndo em minha direção e me abraçando pela cintura. Beijo seus cabelos e sorrio, perguntando como ele está, como foi seu dia. Francine para à porta, estudando-me com a mão na cintura. Meu sobrinho me conta as novidades, tagarelando quase sem parar nem para respirar.

— Já dei algo para ele comer, não se preocupe — ela diz.

— Édou, espera o tio lá no carro — peço, e ele atende, correndo até o veículo, a mochilinha quicando nas costas. Quando entra no veículo e sei que não pode me ouvir, volto-me a ela e digo: — Fica longe do meu sobrinho.

A mulher dá um passo adiante, e recuo um, não querendo proximidade. Ainda assim, Francine consegue me segurar pelo punho.

Desfaço-me do seu toque rapidamente.

— Ele é meu sobrinho também, Pierre.

— *Non, il n'est pas!* — "Não, ele não é!" — Ele é *meu sobrinho*, Francine. E você está usando o garoto para se aproximar de mim, para me atazanar. É a primeira e última vez que vou te pedir para ficar longe dele. Fui claro?

Ela me olha de um jeito nada agradável. Está com raiva.

— Você é um mal-agradecido — rebate, entredentes. — Tudo o que fiz por esse menino por quase um ano, cuidei dele como se fosse meu próprio filho, assumi com você todas as responsabilidades. Lavei, passei e cozinhei.

Fiz o papel de mãe. É assim que me agradece, querendo me afastar dele?

Massageio as têmporas, inspirando fundo para não perder a paciência.

Não, ela não vai vir com esse tipo de chantagem para cima de mim. Agradeço por tudo o que fez por nós nos últimos meses. De fato, ela cuidou de Édouard, me ajudou muito. Sinceramente não sei o que teria feito se não fosse por ela. Étienne andava desligado do mundo, às vezes tinha que ligar para saber se tinha se alimentado, tirado o lixo, tomado banho, pagado as faturas de água, luz e gás.

Eu estava trabalhando no hospital, na clínica, tendo de suprir o básico para uma criança de cinco anos e, ainda por cima, averiguar constantemente se meu irmão não tinha se asfixiado no próprio vômito.

Não gosto de parecer ingrato e, por esse lado, sempre vou agradecê-la por ter me ajudado. Acho que se não fosse por ela, eu teria me sobrecarregado. Mas Francine não pode usar isto para me chantagear toda vez, não pode ficar jogando isto na minha cara sempre que bem entender.

Não a obriguei a cuidar do garoto. Ela poderia ter me deixado, ou simplesmente ter se recusado a assumir as responsabilidades de cuidar dele,

mas não foi o que aconteceu. Se entrou nisso comigo, foi de livre e espontânea vontade. Ter me ajudado, ter sido, por meses, a única figura materna de Édouard, não anula as coisas ruins que me fez, veladas de “amo você” e “me importo com você”.

— Você o pegou sem minha autorização, armou para que eu viesse aqui… Não venha me dizer que fez isso sem segundas intenções.

Ela dá outro passo para frente e tenta segurar minha mão. Outra vez, me esquivo.

— Só queria te ver, ter uma chance de conversarmos. Pierre, você tem me evitado a todo custo!

— Você ateou fogo nas minhas coisas, nos meus documentos! —

protesto, erguendo a voz. — É claro que estou te evitando.

Francine faz um instante de silêncio.

— *Désolée* — pede, como se suas desculpas fossem reverter todas as histerias, brigas, agressões verbais e físicas dos últimos anos. — Eu achei que estava…

Não a deixo terminar:

— Esse é o seu problema. Nunca confiou em mim. Se eu me atrasava dois minutos, era motivo para achar que eu estava transando com outra mulher. — Suspiro alto, dando um passo à frente, quase sem perceber, sentindo uma preocupação com ela que não deveria sentir de jeito nenhum.

— Suas paranoias não eram saudáveis para mim, tampouco são para você. Já considerou uma ajuda psicológica?

A mulher abre um pequeno sorriso, e só então me dou conta de que não deveria ter demonstrado esse tipo de preocupação. Tudo bem, me preocupo com ela, embora não devesse, porque realmente precisa de um respaldo psicológico. Francine só vai magoar as pessoas ao seu redor se não lidar com suas inseguranças.

— Ainda se importa comigo, Pierre? E se você se importa, significa…

— Não significa nada… — corto-a, antes que crie mais expectativas.

— Só quero que você *pare* de me importunar e de me perseguir.

— Não vou desistir de você, *mon trésor*.



Eu me afasto dela, voltando para meu carro. Talvez tenha que tomar medidas drásticas se ela continuar em sua obsessão comigo.

Juliette não tem mais motivos clínicos para continuar internada. Seu bebê está bem e saudável, os hematomas no rosto diminuíram consideravelmente e o restante da recuperação — inclusive das costelas lesionadas — poderá ser feita em sua casa. Os exames de reflexo estão ótimos, o que significa que a concussão não resultou mesmo em sequelas piores. O teste de AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis deu negativo, o hemograma está dentro do esperado, a glicemia também está em bons níveis, exames de urina e fezes não detectaram nenhuma infecção ou parasitas, os testes de anticorpos não identificaram nenhuma doença que possa comprometer a saúde do feto. Inclusive a psiquiatria considerou que ela pode receber alta, apesar da sugestão de acompanhamento psicológico fora do hospital.

Ela está completamente saudável.

Enquanto caminho até seu quarto, sinto o coração aflito por ter que assinar sua alta. Por algum motivo desconhecido, estou com essa aflição.

Aperto mais a pequena sacola de academia entre meus dedos, perguntando-me se foi mesmo uma boa ideia trazer isto. Parece inadequado demais. Penso em desistir, em deixar em qualquer canto, mas quando me dou conta, já estou aqui.

Ela se vira para mim, notando minha presença. Está em pé, terminando de ajeitar uma pequena bolsa com os pertences pessoais e itens de higiene que alguém trouxe para ela. Já está vestida com roupas próprias e limpas — camisa de gola e botões, jeans e um cardigã vermelho.

— *Bonjour* — cumprimenta-me, puxando o zíper da bolsa. — Uma enfermeira me avisou que vou ter alta hoje.

— *Oui* — afirmo, soltando o ar e terminando de me aproximar. Ergo o papel assinado. — Vim trazê-la para você. Está livre — brinco um pouco.

— Também vim para fazermos seu relatório de internação.

A mulher fica levemente tensa, porque o relatório inclui ter que informar o que exatamente aconteceu que a trouxe para cá. É o processo de qualquer hospital público do país. Nele, constarão também todos os procedimentos e exames. Dentro de algumas semanas, ela receberá uma carta com esse relatório e o valor a ser pago pelo serviço, a segurança social arcando com quase oitenta por cento dos gastos. Como ela é beneficiária da Mutuelle — um seguro de saúde privado, com vários preços e modalidades

—, o recurso vai cobrir outra parte dos gastos do hospital. Dessa maneira, ela pagará um valor quase irrisório, se chegar a pagar.

— Tudo bem — cicia, olhando para minhas mãos, que ainda seguram a sacola de poliéster.

Parecendo me lembrar de por que trouxe isso, eu a estico em sua direção.

— Trouxe para você.

Ela me olha com cuidado ao dar um passo à frente e pegar a mochila.

Tem um kit bem básico de maquiagem — supus que deva gostar — e escova de cabelos que ouvi-a dizer ontem que o primo esqueceu de trazer. Juliette confere o conteúdo, e acho adequado explicar por que tive essa atitude tão…

sem cabimento? Não sei. Confesso que é a primeira vez a me preocupar com uma paciente assim, a ponto de me mobilizar a trazer algo. Já recebi outras pacientes que entraram e saíram sem uma escova de cabelo por não ter nenhum familiar, e eu incumbi alguém de arranjar o necessário. Mas Juliette tem o primo, que, mesmo esquecendo uma coisa ou outra, trouxe o básico.

— *Merci* — agradece, parecendo desconcertada, enquanto ainda confere os itens e retira a escova.

— Desculpe se soou inadequado — peço. — Só achei que gostaria de usar.

Juliette ergue seu olhar para mim.

— Você acertou, na verdade. Não pedi a Adrien para me trazer porque ou ia esquecer, ou ia trazer tudo errado.

Fico feliz por ter feito a coisa certa. Pigarreio um segundo mais tarde,

olho para o formulário em minhas mãos e sou obrigado a iniciar todas as perguntas pertinentes para o relatório. Nervosa, ela mantém sua versão dos fatos. Continuo inclinado a não acreditar nela e até tentado a pedir que se abra comigo e me conte a verdade, mas esforço-me para não ultrapassar essa linha. Afinal, por que diabos me contaria a verdade? Sou praticamente um desconhecido.

Vou fazendo as perguntas enquanto ela escova os cabelos e se maquia. Como a grande maioria das francesas, Juliette prefere algo mais simples, usando apenas uma base, *blush* e batom claro que ajudam a esconder alguns pontos amarelados do seu rosto. Confesso que não sou nenhum entendedor do mundo feminino e precisei de ajuda de uma vendedora para comprar a base no tom correto da pele dela. Também trouxe um lápis delineador, mas ela não usa porque seus olhos ainda estão meio inchados, embora não como quando chegou aqui.

Finalizo o questionário quando uma batida leve na porta aberta anuncia um homem alto no recinto. Ele abre um pequeno sorriso e se aproxima com as mãos dentro dos bolsos da calça de uniforme.

— Ei, Julie — diz, aproximando-se de nós. Dá-me um sorriso complacente e me cumprimenta. — Consegui uma hora livre e vim te buscar.

— Não precisava, Adrien — devolve suavemente. — Te disse que ia embora de táxi.

— Até parece que ia deixar você ir sozinha depois que… — Faz uma pausa pequena, como se estivesse escolhendo as palavras. — Foi atacada.

Pela expressão no rosto dela, noto que não se agradou da menção. Ou talvez do tom dele. Pareceu-me um pouco irônico. Talvez ele também não acredite em sua versão da mesma maneira que eu.

Juliette se vira para mim.

— Então… já posso mesmo ir?

Pisco duas vezes.

— Claro. Sua alta está assinada — digo, entregando o documento.

Adrien pega os pertences dela, se despede de mim e deixa o quarto, a prima acompanhando-o em seguida. Ele continua seu caminho pelo corredor,

mas Gautier para no umbral da porta, segurando os girassóis que uma amiga trouxe no outro dia, e se vira para mim. Há um instante de hesitação da parte dela, a língua molhando timidamente os lábios. Estranho sua postura inquieta e até quero perguntar se aconteceu alguma coisa, mas de repente ela dá um passo à frente, abraçando-me com o braço desocupado.

— *Merci. Merci beaucoup.* Por ter cuidado de mim e do meu bebê.

Abraço seu corpo, divagando um momento com nosso contato, seu aroma suave e natural subindo pelo meu nariz. É tão bom. Quase não me vejo apertando sua cintura e a trazendo para mim um pouco mais, com cuidado por causa das suas costelas machucadas.

— Não me agradeça. Fiz apenas a minha obrigação.

Ela se afasta, olhando-me nos olhos.

— Não, você fez muito por mim — diz, desviando o olhar rapidamente. Em um movimento inesperado, ela segura minha mão direita.

— Fez bem mais do que apenas sua obrigação, Pierre. Teve um cuidado comigo que, confesso, não esperava. Foi muito atencioso e se preocupou de verdade com meu bem-estar. — Faz uma pausa e tenho medo de que possa ouvir como meu coração bate descompassado. — Se preocupou como poucas pessoas se preocuparam um dia…

Não sei o que falar nesse instante. Antes que tenha tempo de formular qualquer resposta, ela solta minha mão e se afasta. Está para sair de novo quando a impeço, segurando levemente seu punho. Retiro um cartão de visitas do bolso do meu jaleco e entrego para ela.

— É da clínica onde trabalho. Se ainda não tiver um ginecologista para um pré-natal, pode me procurar. Tenho acordo com o seguro social, então… parte do valor da consulta pode ser reembolsado.

Juliette pega o cartão e o analisa um segundo.

— Você é exceção em meio à regra — murmura, em tom de brincadeira, referindo-se ao fato de que a maioria dos médicos especialistas não têm esse acordo com o governo. — Obrigada, Pierre — agradece pela segunda vez, inclinando-se nos pés e deixando um beijo afetivo.

Eu a acompanho com os olhos enquanto se distancia, apressando os

passos no corredor para alcançar o primo que já está longe. Meu coração dá uma batida a menos quando Juliette olha para trás e sorri.

SEGUIR EM FRENTE

JULIETTE

Entro em casa pela primeira vez em mais de uma semana. Tudo está exatamente como deixei naquela manhã ao ir para o trabalho. Adrien surge atrás, colocando a mão no meu ombro e perguntando se me sinto bem. Aceno em positivo e termino de entrar. Ele coloca o pouco dos meus pertences sobre o sofá e me avalia com cara de preocupado.

— Vou fazer alguma coisa para comermos — diz, pegando minha mão.

— Não deveria se incomodar, Adrien. Vou me virar bem — murmuro de volta, dizendo isto muito por educação porque a verdade é que não vou me virar bem.

Sempre gostei do fato de morar sozinha, de ter minha liberdade e privacidade. Mas agora estou com um pressentimento ruim dentro do peito só de pensar que vou passar a noite sem alguém por perto. Não quero que ele vá, mas sei que meu primo tem sua vida, seu trabalho, seus estudos. Não quero atrapalhá-lo.

Seus dedos me acariciam suavemente.

— Você não incomoda. Não se preocupe. O que quer comer?

— O que você fizer está ótimo — respondo.

Ele sorri e se retira para a cozinha. Fico na sala mais algum tempo, tentando afastar da minha mente as lembranças da última vez em que estive aqui. Pego minhas coisas e, vagarosamente, o tanto quanto minhas duas costelas quebradas permitem, vou até meu quarto. A cama da noite que passei com Antony continua desarrumada. Uma aflição intensa e insólita se instala no meu coração. Memórias me invadem, mas só quero esquecer. Arranco os lençóis e fronhas, e os jogo num canto. Por alguns longos segundos, fico apenas olhando para o embolado de tecido, pensando seriamente em tacar

fogo porque tenho a impressão de que não importa quantas vezes eu os lave, vão continuar sujos, com o cheiro dele, o suor dele, resquícios dele. Não quero lembrança nenhuma desse homem na minha casa.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto quando me dou conta de que isso é simplesmente impossível. Estou grávida dele. Se tem algo que vou carregar a vida inteira junto de mim, será uma parte de Antony. Aperto as pálpebras e me esforço para não pensar assim. Meu filho não tem pai. Terá uma mãe que vai fazer de tudo por ele, matar e morrer, dar todo o necessário, do emocional ao material, mas ele não vai ter um pai.

Balanço a cabeça em negativo, afastando os pensamentos, e troco a roupa de cama por novas. Demoro além do normal porque não posso fazer muito esforço. Quando termino, vou até o banheiro. Está seco, mas sujo. As toalhas que usamos naquela manhã continuam jogadas no mesmo lugar, perto da porta, com sinais de

bolor; o shampoo aberto está na cantoneira. Somente agora, analisando todo o cenário e me recordando daquela manhã com ele, debaixo do chuveiro enquanto me penetrava sem eu estar suficientemente preparada, me dou conta de uma coisa. Antony não só me agrediu fisicamente momentos depois, como nós *não* fizemos sexo. *Eu* não fiz sexo com ele. O homem me violou. Não estava preparada para aquilo naquele momento, tentei argumentar, mas fui ignorada. Ele apenas rosnou um "*vai estar…*" e entrou em mim, sem se importar se eu queria, se estava pronta.

Engulo em seco e novamente preciso de um pequeno esforço para me livrar das lembranças. Só quero esquecer e seguir em frente. Limpo o banheiro o tanto quanto é possível. Jogo as toalhas sujas junto com os lençóis, reorganizo a pia e coloco no lixo a escova de dentes que ele tinha aqui. Volto para o quarto e abro gavetas e portas do armário. Há algumas coisas dele. Blazers. Calças. Camisas. Meias. Cuecas. Gravatas. Com um ódio justo e descontrolado, junto tudo e jogo na pilha de roupas. Tudo que Antony me deu de presente nos últimos sete meses, eu me desfaço, colocando no montante.

Adrien aparece quarenta minutos depois e me vê sentada na cama, o olhar perdido, expressão abatida, as mãos na minha barriga. Ele se aproxima e se senta do outro lado do colchão.

— A comida está pronta.

Não sinto fome, mas penso mais no meu bebê do que em mim, por isso, decido me alimentar. Ele me ajuda a me levantar. Olha para a pilha de roupas e objetos perto da porta e depois me indaga com um olhar curioso.

— Pode descartar para mim depois?

Com um sorriso, meu primo acena em positivo. Embola tudo e enfia em um saco de lixo, descartando-o em seguida quando já estamos na cozinha.

Ele fez algo simples e rápido, mas ajeitou a mesa de modo a ter uma atmosfera mais aconchegante e familiar. Estamos terminando de comer quando o celular dele toca. Adrien confere a ligação.

— É o seu Ferdinand… — cicia, olhando fixamente para a tela do telefone.

— Pode ir. Eu vou ficar bem.

— Tem certeza? — Confirmo. — Eu volto à noite, para te fazer companhia.

Ele se levanta, deixa um beijo na minha testa, me manda trancar a porta e ligar para ele, caso precise. Termino de comer, junto a louça na pia e subo para o quarto. Ligo a televisão e deixo em um canal qualquer. Fecho as cortinas, não querendo a luz do dia. Deito-me na cama e tento me concentrar na televisão, passando um comercial qualquer de creme dental.

Por um instante de paz, me esqueço de tudo e consigo apenas pensar no meu bebê. Envolvo meu abdômen de novo, desejando já poder senti-lo. É

incrível como sou capaz de amar um ser que não conheço, que sequer sei o sexo, que ainda nem vi. Fecho os olhos, planejando uma porção de coisas para meu futuro. Tem um quarto ao lado do meu que pode ser do bebê quando tiver mais idade, e já penso em decorá-lo. Colocar uns ursos de pelúcias, poltrona de balanço, cômodas recheadas de roupinhas dobradas, perfumadas e passadas. Livros infantis para ler para ele antes de dormir.

Sistema de som com músicas suaves.

Fazendo esse tipo de planejamento, pego no sono. Desperto aos poucos, não sei quanto tempo depois, por causa de um barulho vindo da sala.

Remexo-me na cama e puxo o edredom no meu corpo, sentindo o cansaço massacrar meu corpo e ignorando o barulho. O gemer da porta dispara meu coração, os passos pesados pelo quarto me deixam nervosa. Abro os olhos,



assustada, no mesmo instante em que uma mão grande tapa minha boca e seu corpo pesado recai sobre o meu.

Pavor toma conta de mim quando nossos olhos se encontram. Ele está aqui! Seu sorriso é perverso para mim. Tento gritar, mas sua mão pesada abafa qualquer tentativa.

— Não vou te fazer mal — Antony diz, mas seus olhos dizem o contrário. — Não digo o mesmo sobre o bastardo no seu útero. — Com isso, ele ergue um canivete à altura dos meus olhos.

Tento gritar, a plenos pulmões, e lágrimas escorrem dos meus olhos, entretanto, sua mão continua impedindo que eu peça qualquer tipo de ajuda.

Quero implorar, por tudo quanto é mais sagrado, que não faça nada ao meu bebê. Começo a ficar sem ar, me debato debaixo dele, mas Antony sequer se move, não dando nenhuma brecha de que vai se afastar mesmo que seja um centímetro para eu respirar.

— Quero garantir que não abra a porra da boca e conte a Ann-Marie

— murmura, encostando a lâmina fria no meu rosto e descendo.

Ela já sabe, seu idiota! Não, por favor, por favor, não. Não-não-não-não-não. NÃO!

— Eu também nunca gostei de crianças, Julie. São serezinhos irritantes e nojentos que só dão prejuízo. — Com a mão desocupada ergue meu cardigã. Sinto a temperatura quente da sua pele na minha e em seguida a frieza do canivete estacionado na altura do meu útero.

Berro ainda mais, o ar ficando cada vez mais escasso, a inconsciência ameaçando me dominar. Meus pulmões doem, a garganta arranha.

— Vou te fazer um favor e um dia você ainda vai me agradecer.

Sem que eu espere, ele crava o canivete em mim.

Eu grito estrondosamente, encurvando o corpo para frente e acordando de um pesadelo real demais para suportar.

Estou em lágrimas, apalpando desesperadamente meu abdômen.

Intacto.

— Julie! — Adrien aparece, todo alarmado, e vem até mim.

Eu caio nos seus braços, chorando como uma criança que perdeu os pais. Ele me abraça forte, murmurando palavras que não têm o poder de me acalentar. De repente, eu me afasto do conforto e da segurança dos braços dele e torno a averiguar minha barriga, olhando para meus dedos à procura de sangue de uma ferida que não existe.

— Juliette, o que aconteceu?

— Ele estava aqui! — explico, toda desesperada e aos prantos.

Minhas mãos estão trêmulas e seguem examinando minha pele.

— Julie, estamos só eu e você — Adrien diz, suavemente, tentando segurar minhas mãos. Eu me desfaço do seu toque com um movimento rápido e enojado, como se estivesse espantando uma barata.

— Ele estava aqui! — grito, parecendo uma histérica. — Antony estava aqui e tentou me machucar! Tentou matar meu filho.

Meu primo me segura pelo rosto com firmeza, fazendo-me finalmente olhá-lo, controlando toda a minha histeria. Não diz uma palavra, apenas me olha. Então, a realidade cai sobre mim. Estou em casa e estou bem. Assim como meu bebê. Pouco a pouco, vou me acalmando, percebendo que tudo não passou de um sonho. Um sonho ruim. Adrien me abraça de novo, beijando minha têmpora e garantindo que estamos em segurança.

— As fechaduras… — murmuro, o rosto escondido contra seu peito.

— Troque as fechaduras das portas para mim, por favor. Antony… tem a cópia das chaves.

— Farei isso amanhã.

Agarro-o com força pela gola da camisa.

— Agora.

Delicadamente ele desprende meus dedos do tecido.

— São nove da noite, *chérie*. Não vou encontrar lugar nenhum para

comprar fechaduras novas. — Inclinando-se em minha direção, ele beija minha bochecha. — Vou dormir aqui por esses dias, não terá com que se preocupar.

Pareço uma lunática e só me dou conta disto agora. Abano em positivo e me obrigo a acalmar os nervos.

— Vem, eu fiz o jantar.

— Não sei o que seria da minha vida sem você — comento, enroscada nos braços dele, enquanto caminhamos até a cozinha.

Adrien ri de um jeito gostoso.

— Estaria bem encrencada — comenta, servindo-nos com uma sopa de cebola.

Ele me conta como foi o seu dia, mas estou distraída demais e sei que deveria prestar mais atenção nele. Meu primo está sendo maravilhoso comigo

— sempre foi, na verdade —, e eu aqui, brincando com a comida e com os pensamentos longe, ainda tentando afastar todo o medo, o horror e as imagens do sonho ruim de mais cedo. Tento me concentrar em algo bom para esquecer as coisas más. Então, me distraio ao pensar na única coisa boa que me aconteceu na última semana.

— *Tá* quieta — comenta, cobrindo sua mão com a minha. — O que está se passando na sua cabeça? — Não vou mesmo falar que estou pensando nas gentilizas de Pierre. Não vou admitir que os cuidados dele comigo causaram um efeito diferente em mim. Ainda estou ponderando o que dizer quando ele completa: — Está pensando nele, Julie, naquele traste? — Não há nenhum traço de julgamento na sua voz, e sim compaixão. — Quer falar sobre isso?

Balanço a cabeça em negativo. Não, não quero. Quero esquecer, seguir em frente, mas ficar trazendo esse assunto o tempo todo não vai me ajudar.

— Ei — murmura, tocando meu queixo e me fazendo olhá-lo. —

Sabe que pode contar comigo, não sabe? Para qualquer coisa. Não vai estar sozinha nessa.

Meus olhos se enchem de lágrimas.



— Não precisa…

— Precisa, sim. — Adrien acaricia minha mão e me oferece um sorriso complacente.

Eu me levanto do meu lugar e vou até ele, abraçando-o. Nunca terei palavras suficientes para agradecê-lo.

Bernardo vem para uma visita uma semana depois. Estou sozinha nessa ocasião, uma vez que Adrien me faz companhia somente à noite. Ele vem, prepara o jantar, conversa comigo e dorme no quarto ao lado do meu.

Ainda não me sinto preparada para ficar sozinha na minha casa outra vez, mesmo assim, disse ao meu primo que se ele quisesse, poderia voltar a dormir em seu apartamento e seguir a vida. O homem me escuta? Não. Ele já trouxe alguns pertences e itens de higiene pessoal, e tem ficado comigo desde então. Disse que ficará quanto tempo for necessário.

Durante a primeira semana, foi um pouco mais difícil retomar a rotina. Eu me afastei do trabalho e, em casa, durante o dia, sozinha, não consegui repousar como queria. Adrien chegava e fazia uma coisa ou outra para que eu apenas repousasse no dia seguinte, mas confesso que não tive paciência para ficar de molho na cama o dia todo, então fiz algo aqui ou ali, o quanto minhas costelas permitiam. Meu rosto está quase cem por cento recuperado. O inchaço foi embora, o corte na boca fechou, os hematomas roxos sumiram quase por completo, restando apenas algumas poucas e pequenas manchas amareladas que também devem sumir nos próximos dias.

— Como você está, *ma chère?* — pergunta, acomodando-se no sofá.

Sento-me ao lado dele, entregando-lhe uma xícara de café.

— Me recuperando, *merci*.

Molho os lábios, tentada a perguntar se ele tem notícias de Leclerc, se encontraram uma maneira de puni-lo por ter me espancado e por ter fraudado duas empresas. Se Bernardo veio aqui, talvez seja porque tem novidades sobre o caso?

— E seu bebê?

Abro um sorriso pequeno e desvio o olhar por um segundo.

— Estamos bem, Bernardo. Obrigada por perguntar.

Ele toca minha perna.

— É bom ouvir isso. — Apoiando a xícara sobre o pires na minha mesa de centro, prossegue: — Vim porque preciso resolver com você sua situação lá na cafeteria. Não pense que quero que volte logo, não é isso. Tire o tempo que precisar para se recuperar.

— Não sei se quero voltar — respondo, com sinceridade.

— Eu entendo. Supus que não gostaria mesmo de continuar. E quer saber? Faz muito bem. Não pode ser presa fácil para Antony, porque sabe lá Deus o que ele é capaz de fazer. Mas quero que continue comigo. Posso te transferir para uma das filiais na cidade vizinha, onde ele não vai te encontrar.

Fico tocada com o gesto e com as intenções de Dousseau. Ele está mesmo preocupado comigo, com meu bem-estar, mas eu não vou deixar minha cidade por causa de Antony. Paris é grande o bastante para que eu viva bem e em paz. Se for necessário me mudar de casa, de bairro, ainda faço isso, embora eu prefira optar por um sistema de segurança; contudo, mudar-me da minha cidade natal está fora de cogitação. Aquele homem não vai me controlar.

— Agradeço muito, Bernardo, e desculpe se vou parecer ingrata, mas não quero deixar Paris. Não vou me mudar por causa de Antony. Nesse momento, prefiro deixar a cafeteria, talvez arrumar outro emprego… Não sei se conseguirei isso por causa da gravidez. Mas, de qualquer maneira, tenho uma reserva de dinheiro e posso me manter até poder dar entrada na licença-maternidade. Espero que possa me compreender.

— É claro que compreendo, Juliette. Mas sabe que eu não posso te demitir, por

causa da estabilidade, e se você pedir demissão, perde os benefícios do seguro-desemprego.

— Estou ciente disso, não se preocupe.

Bernardo balança a cabeça em positivo e termina seu café.

— Vou te dar uma carta de recomendação. Se não conseguir nada agora, pode conseguir depois que ganhar o bebê e puder ingressar o mercado outra vez. E saiba que se uma hora quiser voltar a trabalhar comigo, sempre terei uma vaga para você. Basta me procurar.

Eu me aproximo dele e o abraço, sentindo minha emoção na garganta, os olhos queimarem. A gente sabe quem é nosso amigo de verdade em momentos como esse. Bernardo e eu sempre mantivemos uma relação muito estritamente profissional. Ele tem um jeito excêntrico demais para um francês. É quente no sentido de ser muito receptivo, algo avesso aos parisienses, talvez por causa da sua metade brasileira. O tempo todo que trabalhamos juntos, ele manteve um limite de intimidade entre nós, nunca deixando que seu lado excêntrico e brasileiro ultrapassasse esse limite. Não me lembro de alguma vez ter chegado na cafeteria e perguntado como foi meu dia de folga. Esse tipo de comportamento até pode transparecer que nunca se importou de verdade, mas aqui está ele, mostrando que, apesar de nunca ter demonstrado qualquer tipo de preocupação, se preocupa, sim.

— *Merci*, Bernardo. Por tudo. Tudo mesmo.

Ele me afasta e deixa um beijo no meu rosto.

— Qualquer coisa que precisar, me ligue, *oui?*

Eu o acompanho até a porta.

— *Oui* — afirmo. — Bernardo… — chamo-o com cuidado. Ele se vira para mim. — Alguma novidade? — Não preciso explicar, ele sabe do que estou falando.

— Infelizmente não. — Suspira. — E isso me atormenta também, sabe? Ann-Marie ia pedir o divórcio, para finalmente ficarmos juntos, mas teve que adiar porque ficamos com medo de Antony achar que você contou alguma coisa e

pudesse tentar te fazer algum mal de novo por causa disso.

— O Antony também a agredia…? — pergunto, quase com um sussurro.

— Não como fez com você — menciona, baixando o tom de voz.

Inspiro fundo, tentando afastar lembranças doloridas. — Mas ele a agredia, sim. Agredia sua autoestima, a agredia com palavras. Ele a privava de ter um trabalho, suas próprias finanças, tirava sua liberdade, a afastava das amigas.

Uma vez chegou a empurrá-la. Antony nunca bateu nela, mas não anula o fato de que continua sendo tóxico e violento. A violência física sempre começa com a psicológica, Juliette.

Reflito um momento, tendo de concordar com ele.

— Como ela está? — Sou sincera. Quero mesmo saber do estado dela com essa história toda. Fui estúpida em julgá-la. Agora vejo que ela se aproximou de Bernardo muito provavelmente porque o marido era um idiota.

É claro que era. Ele me dizia que tinha de sustentá-la porque era uma acomodada. Mentiroso dos infernos! A verdade, noto somente agora, é que ele a proibia de trabalhar, de ter sua independência e autonomia.

Essa mulher estava vivendo um casamento de merda e de repente conhece o Bernardo, que deve ter colocado sua autoestima em um pedestal e demonstrado como é o completo oposto de Antony.

— Ann-Marie está bem, na medida do possível. Com medo de ficar sob o mesmo teto dele, claro, mas não podemos fazer nada no momento. Não enquanto for uma ameaça para todos nós.

— Sinto muito — falo, sentindo-me levemente responsável por isso.

Se eu não tivesse tido a ideia absurda de engravidar, ou de confrontá-lo, ameaçando contar tudo a esposa, talvez não tivéssemos chegado a esse ponto.

— Isso é minha culpa, não é?

Ele dá um passo para frente e me segura pelas mãos.

— Não. Nunca será.

Um nó se forma na minha garganta.

— Eu me envolvi com ele. Engravidei para tentar afastá-lo da mulher, depois ameacei trazer nosso caso à tona, e foi onde me espancou e saiu impune, colocando todo mundo sob ameaça. Se eu não tivesse…

Seu dedo indicador toca meus lábios.

— Nem pense em terminar esse absurdo. Você não tem culpa de nada. Pode ter errado, Juliette, e todos nós erramos, mas foi ele quem cometeu um crime, não você, *oui*?

Sorrio e abano a cabeça em positivo.



— Espero que dê tudo certo para você e Ann-Marie

Bernardo sorri e me dá um último abraço e um beijo no rosto antes de ir embora.

Entro com cuidado na clínica, sentindo um tremor estranho dentro do peito. Adrien acha que é loucura eu pagar pelas consultas do meu pré-natal quando posso usar o sistema público de saúde, que vai cobrir cem por cento dos gastos, não apenas uma parte como nas consultas privadas, e quando estou desempregada. Mas tenho um bom seguro que vai cobrir uma parte dos valores, de qualquer maneira. Quando me perguntou por que optei pelo acompanhamento privado, é claro que não admiti que o motivo é exclusivamente um certo obstetra que já conheço. Dei uma desculpa meia-boca qualquer; ele não acreditou, mas também não insistiu.

Quando me recuperei, cerca de três semanas depois do ataque, fui dar entrada na parte burocrática para que, dentro de alguns meses, tenha o direito à licença-maternidade. Passei pelo médico generalista, fiz exames de sangue e ultrassom

que comprovaram a gravidez e preenchi uma papelada para o dossiê exigido pelo governo. Eu tinha que escolher a maternidade, mas optei pelo parto domiciliar depois que fiz algumas pesquisas, assisti alguns vídeos sobre o assunto e falei com algumas mães que passaram pela experiência.

Enquanto resolvia a parte administrativa, já deixei uma data marcada para minha primeira consulta, que seria quando completasse cerca de quatorze semanas de gravidez. Antes disso, é impossível mesmo no sistema privado.

Pierre também tem uma agenda cheia, o que contribuiu pela demora para conseguir um horário com ele. Já tem quase dois meses desde que fui parar na emergência e só agora vou revê-lo. Deus, meu coração bate rápido demais com essa perspectiva.

Obrigo-me a me concentrar no momento e responder à pergunta da recepcionista da clínica, mas divaguei um minuto. Passo as informações necessárias e tenho apenas que aguardar.

Enquanto espero, observo as demais pacientes. Algumas estão sozinhas, assim como eu, outras têm companhia de outras mulheres — talvez a mãe ou alguma amiga — e outras três estão acompanhadas dos maridos. É

nesse momento que o sentimento amarga minha boca e a realidade parece realmente cair sobre meus ombros. Vou ser mãe solteira. Meu único arrependimento é ter apostado em Antony, acreditado que ele seria bom, que me amava de verdade e aprenderia a amar a criança sendo gerada em mim.

Jamais vou me arrepender do meu filho, apesar de todas essas circunstâncias.

Também estou ciente que a maternidade será difícil e não é esse mar de rosas que as pessoas gostam de pintar. Vou ter noites insones, de surto, momentos em que vou me questionar por que resolvi ter um filho; terei momentos em que vou querer apenas sentar no vaso e ter um minuto de paz, ou comprar uma barra de chocolate e esconder para comer sozinha, ou chorar de canseira porque estou sobrecarregada. Vou passar por tudo isso e sei disso.

Ainda assim, meu filho será sempre a minha melhor escolha.

Divago por alguns instantes, nem me dando conta do tempo até que me chamam. Uma moça negra, de jaleco. É a minha vez para a consulta. Ela estica a mão para

mim, para me ajudar a me levantar; agradeço e recuso, podendo fazer isto sozinha. A assistente me pede para acompanhá-la.

Enquanto avanço o pequeno corredor até a sala dele, tento controlar minha ansiedade e a vontade de revê-lo que me acomete de repente. Michéle —

como se apresenta segundos mais tarde — dá uma batidinha na porta e a abre, pedindo com licença e informando sobre a próxima paciente. Ela me dá espaço para entrar e, pé ante pé, eu o faço, quase podendo dizer que sinto meu coração bater na boca.

Pierre está na sua mesa, concentrado em alguns papéis. Seu ambiente de trabalho é amplo, arejado, com um computador, telefone, estante com alguns livros e protótipos do sistema reprodutor feminino, quadros e alguns arranjos. Eu mal ponho o pé para dentro quando ele levanta os olhos claros para mim, um sorriso estampado para me recepcionar, mas sua expressão muda por um segundo ao me reconhecer.

Meu coração acelera.

O sorriso dele retorna e ele sai do seu lugar, vindo em minha direção.

O que é que ele está fazendo?

De repente, o homem está na minha frente, com uma expressão calorosa e receptiva, dizendo:

— Estou feliz por ter me escolhido, Gautier.

Só Deus sabe como essa frase significa mais do que realmente quero admitir.

SITUAÇÃO DELICADA

PIERRE

— Estou feliz por ter me escolhido, Gautier — digo, mantendo-me a uma distância respeitável dela, mas com uma vontade estranha de me aproximar mais.

Juliette sorri e agradece, parecendo deslocada com a minha recepção.

Não deve estar acostumada com um parisiense tão minimamente suportável.

A verdade é que não gosto de ser frio e distante com as minhas pacientes, e talvez seja por isso que as pessoas estranham o fato de eu me destacar entre os outros médicos, com fama de indiferentes.

Minha assistente a ajuda a se acomodar de frente para minha mesa e se retira para preparar a sala do ultrassom. Voltando ao meu lugar, pergunto:

— Como você está?

— Estou bem — responde, baixando o olhar rapidamente.

— Ocorreu tudo bem na sua recuperação? — Analiso-a com mais atenção agora.

Nunca tive dúvidas que Gautier é uma mulher bonita, mas posso ter uma noção melhor agora de sua beleza sem o inchaço das agressões. O rosto está completamente recuperado, sem sinais dos hematomas. É incrível como a beleza dela me atrai. Juliette é uma mulher pequena, com talvez um metro e sessenta centímetros de altura, cabelos castanho-claros na altura do ombro, ondulados, nariz fino e levemente arrebitado. Se você olhar bem de perto, vai reparar em algumas sardas bem discretas pontilhadas em torno do nariz.

— Ocorreu sim — afirma, erguendo os olhos para mim. — Estou bem melhor agora.

Ela põe a mão na barriga e sou tentado a observar o movimento.

Quando a atendi no hospital, ela estava com oito semanas de gestação. Agora,

fazendo as contas meio por cima, deve estar beirando a décima quarta ou décima quinta semana, e é claro que já dá para notar um pouco mais o realce do seu abdômen.

Travo minha língua para não entrar em detalhes que não são da minha conta, como por exemplo insistir em perguntar o que realmente aconteceu cerca de seis semanas atrás porque ainda não acredito na sua versão. Então, me concentro e começo a fazer as perguntas rotineiras que um médico obstetra faz à sua paciente. Preparo uma caderneta de pré-natal para ela, onde anoto todas as informações relevantes.

Vou fazendo as perguntas e preenchendo as lacunas, às vezes paro e desviamos o assunto levemente, fazendo algum comentário aleatório. De início, ela parece tensa, deslocada, mas logo vai se tranquilizando. Solicito alguns exames, embora ela já tenha os feito no hospital, apenas para constar no seu prontuário na clínica, e prescrevo as vitaminas necessárias.

Findada a primeira parte da consulta, é hora da segunda, onde faremos um novo ultrassom. Michéle aparece quando a chamo pelo sistema de ramal e se retira com Juliette para prepará-la. Espero cinco minutos e me retiro, caminhando até uma pequena saleta conjugada à principal. Gautier já está na maca, preparada. Minha assistente me entrega a caderneta onde anotou o peso dela.

Preparo-a para o exame, espirrando um pouco do gel frio em sua barriga.

— Já voltou a trabalhar? — indago, baixinho, apenas como um modo de manter a conversa.

— Pedi demissão — rebate, no mesmo tom. Eu a olho, não podendo conter a surpresa em minha expressão. — Prefiro me dedicar ao meu filho nesse momento.

Abro um pequeno sorriso, ajusto o transdutor sobre sua barriga e movo-o por alguns segundos até as ondas de ultrassom se transformam em imagens no monitor. Algo dentro de mim grita para não fazer tal pergunta, mas é mais forte do que eu. Enquanto estou movendo o objeto sobre sua pele, buscando pela melhor imagem, questiono:

— O pai do seu bebê não quis vir junto?

Um silêncio denso recai na sala. Juliette desvia o olhar para mim, de uma maneira como se eu tivesse cuspido no rosto do Papa. *Foi uma pergunta estúpida, Pierre!* , minha consciência acusa. No hospital, ela deixou bastante claro a ausência paterna. Se o pai do bebê estivesse realmente assumindo suas responsabilidades, teria aparecido semanas atrás, na ocasião em que a mulher estava internada. Se ele nem sequer apareceu em um momento delicado como aquele, duvido muito que o faria agora.

— *Je suis désolé* — me redimo instantaneamente, sentindo-me um idiota insensível por ter a questionado dessa maneira, colocando-nos em uma situação delicada e até antiética. — Eu me esqueci que…

— … meu filho não tem pai? — devolve, meio hostil.

Do outro lado, Michéle abaixa a cabeça. Fico desconcertado com sua resposta, mas fui indelicado primeiro, então não a culpo.

— Eu ia dizer que não mencionou o pai do bebê no hospital, semanas atrás. Me desculpe, Gautier. Não deveria… ter sido tão indelicado e invasivo.

Ela desvia o olhar de mim para o monitor ao seu lado e fica emudecida. Pigarreio, tentando me encontrar de novo, e finalmente faço o meu papel de médico. Avalio tudo o que precisa ser avaliado, mostrando o tempo gestacional, previsão de parto, calculando o tamanho e peso aproximado do feto. Com o auxílio do sonar, ela ouve os batimentos cardíacos do bebê.

— Já posso te dizer — menciono, movendo o transdutor um pouco mais para baixo — o sexo do seu filho. Probabilidade de oitenta por cento, por causa da posição dele. Você quer saber?

Juliette vira seus olhos em minha direção, a expressão mais suave agora.

— Eu quero. — Sua voz está contida, mas levemente trêmula.

Ansiosa. Ela está ansiosa.

— Vamos confirmar com mais segurança na sua próxima ultrassom, quando entrar no terceiro trimestre. Ou… — Faço uma pausa, pensando melhor. O que estou prestes a fazer, fiz para pouquíssimas pacientes. Todas elas eram pessoas muito próximas a mim e tinham um grau de importância na

minha vida. — Volte aqui dentro de três semanas e faremos um novo ultrassom.

Minha assistente me dá uma olhadinha rápida, estranhando meu pedido. Isso é atípico. É claro que é. Na França, como a segurança social cobre cem por cento dos exames das gestantes, o ultrassom é feito apenas três vezes: uma vez a cada trimestre. Se os pais querem mais do que isso, precisam pagar do bolso e não é reembolsável, nem mesmo parcialmente, como o caso da consulta.

Juliette me estuda um segundo, com toda certeza também estranhando a minha oferta.

— Não sei se um novo ultrassom e uma nova consulta caberiam no meu orçamento, doutor Laurent… Mas agradeço sua sugestão.

Quero dizer para não se preocupar com gasto, porque eu cobriria esse exame, mas acho inadequado demais oferecer isto a ela, na frente da minha assistente.

— Tudo bem… — murmuro, voltando meus olhos para o monitor. —

O seu bebê tem uma probabilidade de oitenta por cento de ser menino. Aqui.

— Levo a pequena flecha até um ponto específico na imagem. — É o órgão dele, o pênis, e aqui… — Arrasto levemente para baixo. — O saco escrotal.

Vai ser um garotão.

O sorriso nela é de orgulho. Os olhos estão grudados no monitor, as mãos nas laterais da barriga, onde o gel não atingiu. Finalizo o exame, limpo seu abdômen e subo o cós da calça delicadamente. Michéle ajuda-a a se levantar e voltamos para a sala principal.

Faço as últimas anotações na caderneta de Juliette, que está quieta, mas com aquele brilho que só uma mãe pode exalar, mãos ainda no ventre, olhos cabisbaixos, pequeno sorriso.

— Seu ultrassom. — Estico a imagem impressa para ela, junto da caderneta, que ela pega, analisa um rápido instante e guarda dentro do caderninho. — Escute — murmuro, não sabendo como vou começar isso. —

Nãos quis ter sido indelicado minutos atrás. Apenas tinha me esquecido desse detalhe — minto. Não me esqueci. Fiz mesmo uma pergunta idiota, movido por um instinto desconhecido. — Pensei naquele rapaz que te buscou, liguei

uma coisa à outra e acabei sendo muito antiético.

— Não se preocupe com isso, doutor Laurent — diz de um jeito bastante calmo. — Sei que não fez de propósito. Está tudo bem, de verdade.

Aceno em positivo, aliviado que tenha me desculpado. Então, aproveito que estamos sozinhos e confidencio outra coisa:

— Sobre outro ultrassom… se precisar, saiba que pode entrar em contato comigo. — Pego um pedaço de papel e caneta e anoto meu número particular.

Se já a assustei com minha recepção atípica, vou assustá-la ainda mais agora. Não conheço nenhum outro médico francês que informe o número particular aos seus pacientes. Eu informo, porque tenho um senso de preocupação além do normal e gosto que minhas pacientes se sintam seguras.

Arrasto o papel em sua direção. Ela o toma em mãos, estudando-o com certa curiosidade.

— É meu telefone particular — explico. Por um instante, não sei como explicar essa atitude sem parecer antiquado demais. — Para entrar em contato comigo caso precise de qualquer coisa. Se sentir uma dor incomum, se tiver alguma dúvida… Se precisar de um atendimento domiciliar. — Desta vez ela me olha. — Se eu estiver disponível, pode ter certeza de que vou fazer o possível para te atender.

— Você é… tão diferente — diz, sorrindo de um jeito encabulado. —

É mais atencioso do que a maioria dos médicos com quem me consultei ao longo da vida.

— Só me importo com o bem-estar de vocês. — Queria admitir para mim mesmo que quando digo “bem-estar de vocês” estou generalizando. Por um lado, estou mesmo, mas por outro, o “vocês” é mais específico. Se trata dela e do seu bebê.

Cuidadosamente, Juliette dobra o papel e o guarda junto com a imagem do ultrassom.

— Agradeço muito por toda sua atenção, Laurent — murmura, hesitando entre me encarar e olhar para os dedos sobre o seu colo. — Você realmente consegue fazer com que a gente se sinta acolhida e bem-recebida.



Suas palavras me alegram. Ela se levanta, encerrando a consulta.

Acompanho-a até a porta.

— Gautier — chamo-a, e ela se vira para mim. — O ultrassom, ofereci por minha conta — confesso. Ela estuda meu rosto, de um jeito que não consigo decifrar se está curiosa, surpresa ou indiferente à minha oferta.

— Se quiser…

— … eu entrarei em contato — finaliza. — Obrigada de novo. —

Está para dar um passo para fora, mas então desiste, retorna e me dá um abraço rápido e desajeitado.

Quando ela vai embora, ainda estou processando esse efêmero contato.

Preciso encontrar alguma coisa que me distraia depois de encerrar os horários das consultas, então começo a reorganizar algumas fichas e prontuários de pacientes. Ainda assim, vez ou outra me pego pensando nela mais do que deveria.

Deus, isso é tão errado. Mal a conheço, é minha paciente. Tudo bem que não é nenhum tipo de pensamento inadequado, parece-me mais com…

preocupação. Fui descuidado em perguntar do pai do filho dela, muito inconveniente da minha parte, mas não pude evitar o sentimento.

Forço-me a me concentrar nas fichas em vez de criar aflições desnecessárias.

— Doutor Laurent? — Michéle surge na porta, segurando o telefone sem fio contra o peito. — Ligação para o senhor. É da delegacia.

Um calafrio esquisito sobe pela minha espinha.

— Transfira, *s'il vous plait.* — Retiro o telefone do gancho. — Pierre Laurent. — O agente policial do outro lado da linha me informa o acontecido.

— O quê? — Fecho os olhos, inspirando fundo. Sabia que uma hora ou outra isso ia acontecer; não dá mais para confiar nele. — Estou a caminho. *Merci.*

Retiro o jaleco e visto meu casaco rapidamente. Saio da clínica sem dar nenhum tipo de satisfação, com um sentimento de exaustão instaurado no peito. Chego à delegacia vinte minutos depois. Passo as informações que preciso, pago a fiança e uma agente me encaminha até onde meu irmão está.

Eu o encontro em uma cela pequena, sozinho.

— *Sériux*, Étienne? — murmuro enquanto a mulher destranca as grades da cela. — Desacato à autoridade?

Ele ergue os olhos para mim, em um misto de vergonha e tristeza.

Étienne está agindo como o adolescente encrenqueiro e me fazendo ser o pai que tem de ficar colocando-o na linha. Isso não está certo. Ele é um homem adulto, com mais de quarenta anos. Não pode mais ter esse tipo de comportamento.

— Eles não podem fazer isso comigo, Pierre — cochicha, suspirando pesadamente em seguida. — Não podem suspender as buscas pela minha esposa.

Sinceramente, achei que estivesse mesmo seguindo em frente. Ele teve mais um ou dois encontros e parecia realmente bem. Estava começando a acreditar que meu irmão voltaria a ser o mesmo de sempre. Voltaria a trabalhar, a cuidar do filho, a ser o homem responsável que foi uma vida inteira. Nossa mãe morreu quando eu ainda era criança, mas não ele. Na época, já estava na faculdade, cursando medicina. A morte dela desestruturou muito a cabeça do nosso pai, que passou por uma fase difícil nos primeiros meses. Enquanto ele se recuperava do golpe de perder minha mãe por uma negligência médica, Étienne tomou as rédeas da situação e cuidou de mim e do nosso velho. Mesmo quando *papa* se recuperou, ele precisou continuar o ajudando com as despesas. Tempos depois, vivia para a medicina e as responsabilidades com sua carreira médica eram a coisa mais importante. Foi se casar somente aos trinta e cinco porque Jeaninne engravidou de Édouard na primeira vez em que transaram. É claro que nós

dissemos que não precisava se casar desde que assumisse o garoto, mas os dois resolveram tentar. E eles deram certo, por incrível que pareça, ao menos por um tempo.

O desaparecimento da esposa foi a única coisa capaz de arrancar dele tudo o que foi durante uma vida: extremamente responsável.

— Étien… — Suspiro quando dá um passo para fora da cela. — Já tem um ano, ela sumiu sem deixar pista nenhuma… A polícia fez o melhor

que pôde.

— Não fizeram o suficiente — reclama.

Apoio uma mão em seu ombro.

— Está na hora de aceitar que…

— Nem termine, Pierre.

Molho o lábio inferior, perguntando-me quanto tempo mais ficará nessa fase de negação. A agente policial nos encaminha para fora da área das celas. Meu irmão está melancólico. Tento dizer alguma coisa, mas a verdade é que eu tenho nada. Nunca tive.

— Eles já me disseram para considerar que Jeaninne esteja morta —

sussurra, acomodando-se no banco do passageiro. — Mas sinto, Pierre…

Sinto que ela está viva, em algum lugar, e está precisando de mim. Não podem simplesmente desistir dela.

Olho para frente, apertando o volante entre meus dedos, pensando no surto que ele teve quando veio a delegacia e disseram que arquivariam o caso, tentando me pôr no lugar dele, compreender seu desespero. Às vezes, preferia mil vezes que minha cunhada aparecesse morta, porque essa incerteza… essa incerteza mexe demais com meu irmão. Odeio vê-lo nesse estado.

Não falamos nada um para o outro por alguns segundos. Sei que o que vou dizer a seguir vai machucá-lo, mas Étienne precisa disso. Precisa voltar a viver.

— Étien… está na hora de seguir em frente. De verdade.

Ele me olha.

— O que quer dizer com isso?

— Que sua mulher merece um funeral, uma lápide no cemitério.

Meu irmão me encara como se não me reconhecesse. Está aturdido com a sugestão, é claro que está, só que não vejo outra solução senão essa.

Nós precisamos de um recomeço e só vamos consegui-lo se pusermos um fim em algumas coisas. A incerteza do paradeiro de Jeaninne e do seu estado é algo que continuará nos mantendo nesse ciclo. Étienne não vai conseguir

recomeçar se não houver um fim. Ele já passou pela fase do desespero, da negação, da negligência, da tristeza. Precisa do luto agora para caminhar para a aceitação e recomeçar a vida.

— Ela não está morta — afirma.

— Como pode ter tanta certeza? — devolvo, suavemente.

— Como *você* pode ter certeza de que ela está morta, Pierre?

— Não tenho, mas é exatamente isso que está te impedindo de seguir em frente, Étienne. Essa incerteza de não saber onde ela está, o que aconteceu. Você precisa seguir em frente, senão por você, ao menos por Édouard. *Putain!* — "Porra". — Quantas vezes já tivemos essa conversa, cara? O garoto precisa do pai dele!

— É muito fácil para você, não é? — contesta, erguendo a voz. — Me mandar viver minha vida como se nada tivesse acontecido, como se a minha esposa não estivesse por aí, sabe-se lá Deus passando pelo que, porque não é *a sua* mulher nessa situação, não é você no meu lugar, então parece muito fácil me dizer esse monte de baboseira! — grita, dando um soco no painel do carro.

Nem tenho tempo de acalentá-lo, ele sai do veículo agora estacionado e caminha noite adentro. Saio rapidamente ao seu encalço e tento trazê-lo de volta, acalmar seus nervos, mas meu irmão se esquiva de mim como se eu fosse um rato de esgoto.

— Com quem você deixou o meu sobrinho? — grito para ele, que continua se distanciando.

— Francine. — É tudo o que diz.

— Mas que diabos, Étienne!

Volto para dentro do carro e acelero até a casa de Perrot. Chego e ela não está. Tento ligar no seu telefone, mas toca até cair na caixa de mensagens. Inferno! Onde essa mulher se meteu com meu sobrinho? Tento mais uma vez e finalmente ela me atende. Está no hospital, de plantão, e levou Édouard junto. Eu grito com ela, perguntando com que direito… A megera desliga na minha cara. Controlando toda a minha raiva, dirijo até lá.

Encontro o garoto sob os cuidados intercalado das enfermeiras. Ele está na

sala dos atendentes, na companhia de várias folhas impressas, lápis de cor e giz de cera. Vou matar o pai dele. Aproximo-me com cautela para não o assustar, dispensando a enfermeira que está com ele.

— Doudou… — chamo-o. Ele abre um grande sorriso para mim e corre me abraçar. Beijo seus cabelos escorridos e me sento ao seu lado. Ele me mostra o desenho que está pintando, animado e alheio a essa confusão em que seu pai nos meteu. Tudo o que quero é pegá-lo pelos punhos e irmos embora antes que Francine apareça.

— Cadê o papai? — pergunta, olhando rapidamente para cima do meu ombro e depois voltando a se concentrar na tarefa de colorir.

Não sei o que responder.

— Vai chegar em casa em breve. Não se preocupe. Vamos?

Nesse instante, Francine aparece. Meu sangue ferve. Quero gritar com ela porque já deixei claro para ficar longe do meu sobrinho, mas provavelmente o irresponsável do Étienne quem telefonou para ela e pediu para cuidar do filho enquanto ia a delegacia. Por que faria uma coisa dessas, não sei, pois sabe da aversão que sinto pela minha ex-namorada.

Pego a mochila da escola dele e começo a guardar seus desenhos.

— Antes que você surte — Perrot profere, encostando a porta e colocando as mãos dentro dos bolsos —, seu irmão me ligou, disse que precisava ir à delegacia, não queria levar o Édou e por isso me pediu para buscá-lo na escola.

— Não precisa se explicar, Francine — respondo, fechando o zíper.

Ajeito a mochilinha nas costas dele. — Por que não me ligou?

Ela me dá um sorriso.

— E perder a oportunidade de passar a tarde com meu sobrinho? Nos divertimos muito, não é, Doudou?

O menino abana a cabeça em positivo e freneticamente.

— Tomamos sorvete e tia Francine me levou no parquinho! — diz, todo alegre.

— Além do mais, Étienne me garantiu que o pegaria de volta antes

que você voltasse para casa e antes que eu entrasse no plantão. O que obviamente não aconteceu. O que houve com ele?

— Nada — falo, meio ríspido. — Só está relapso, como sempre desde que… — Faço uma pausa brusca, não querendo tocar no nome da mãe do meu sobrinho perto dele.

Francine não diz nada, mas noto um brilho indecifrável no seu olhar quando falo sobre o comportamento negligente do meu irmão. Uma premonição ruim sobe pela minha espinha e, por algum motivo, sinto que não deveria ter comentado nada a respeito.

— Agradeço por ter ficado com ele — falo, segurando-o pelos punhos. — Mas temos que ir agora.

Perrot lança um olhar esquisito a Édouard, que de repente se vira para mim e pede:

— Tio Pierre, quando vou poder dormir na casa da tia Fran? Eu sinto saudades de lá.

A pergunta me pega desprevenido, mas demoro apenas um segundo para compreender o que está acontecendo. Eu disperso por um segundo, encarando-a com tanta raiva que não consigo dimensionar. O garoto sente falta de uma resposta e começa a me puxar pela manga.

— Doudou… eu não sei — respondo, não encontrando nada melhor.

O que digo para esse menino? Que nunca mais vai dormir na casa da Francine porque os dois não têm nenhum grau de parentesco? Como falo isso para ele, que vê em Perrot uma figura materna? Uma figura que faz falta em sua vida? Como explico ao meu sobrinho que não temos mais nenhum relacionamento porque ela me sufocava com ciúmes excessivo e agressões físicas e verbais?

— Terei uma noite de folga na sexta-feira — Francine menciona, abrindo um leve sorriso de provocação. — Pode mandá-lo para lá.

— Nem sobre o meu cadáver — falo, entredentes.

— Por favor, tio Pierre. Por favor, por favor, por favor, por favoooooooooooooooooor. — O garoto faz manha.

Inspiro fundo e tento me manter no controle.

— Vamos conversar com seu pai antes, está bem? — digo, mesmo que as decisões do meu irmão não valham muito mais para mim. A guarda está comigo, sou eu quem está suprindo tudo o que necessita. *Eu* sou o responsável legal pelo garoto, então sou *eu* quem decide o que é melhor para ele ou não.

Édouard fecha a cara, parecendo não gostar muito da resposta, mas aceita.

— Vai ser só uma noite, Pierre — Francine diz, bloqueando a saída.

— Por favor, considere. O menino sente minha falta, como sinto falta dele.

Sei que nós dois não demos certo, mas não o envolva nas nossas mágoas.

Édouard já passou por muito — murmura essa última parte, não querendo que ele ouça.

Francine fala como se ele fosse nosso filho e fôssemos o casal em processo de

divórcio. Oh, merda, e é o que essa situação realmente parece.

Por quase um ano, nós convivemos com o menino, cuidando dele, provendo todas as suas necessidades mais básicas. Não gosto de admitir, mas Fran cuidava bem dele. Nunca o maltratou ou o desprezou. Dói o fato, mas ela ama o meu sobrinho e parece realmente sentir falta dele.

Ou só está o usando para me manipular e me atingir.

— Já disse que preciso falar com Étienne — reafirmo meu pretexto fajuto. — Te dou uma resposta em breve. Vem, Doudou… — Eu o puxo pelos punhos. Francine o segura rapidamente e deixa um beijo na sua bochecha, dizendo que o ama muito. Édouard devolve o beijo e acrescenta um abraço na sua despedida, também dizendo "*je t'aime beaucoup*"

Meu coração aperta enquanto o encaminho até o carro, não podendo negar a conexão que os dois criaram.

Merde, por que tenho o pressentimento de que isso ainda vai me trazer problemas?

ENTRE TÚMULOS E

MAUSOLÉUS

PIERRE

Quando chego em casa, perto das nove da noite, meu irmão ainda não está aqui. O filho pergunta por ele e não tenho nada mais o que responder senão que Étienne está resolvendo alguma coisa. Mas Édouard não é bobo.

Mesmo para a pouca idade, ele entende que o pai está se tornando ausente de novo, depois de uma leve melhorada. Arquivar o caso de Jeaninne vai trazer o pior dele de volta. Esquivo-me de suas perguntas, coloco-o para tomar banho, fazer o dever da escola, jantar e dormir.

Étienne só aparece horas depois, perto da meia-noite, quando estou terminando de arrumar a lancheira de Édouard. Fico surpreso porque ele não entra trançando as pernas, então isso significa que está são — ou ao menos não tão embriagado. Decido não dizer nada. Não vou mesmo bancar a figura patriarca da família. Ele

é mais velho do que eu e é um homem adulto.

— Ele já está na cama? — pergunta, com um sussurro, abrindo a geladeira e pegando uma jarra de leite. Sinto-o às minhas costas, seus olhos em mim. Fecho a lancheira e a deixo sobre o balcão.

Minha vontade é de dar uma resposta afiada, mas me contenho e apenas murmuro um *oui*. Meu irmão não diz nada, eu tampouco. Não me viro para encará-lo e ficamos algum tempo em silêncio.

— Queria dizer que você tem razão, mas não tem.

Eu suspiro, cansado de tentar lidar com a atual situação de Étienne.

Talvez eu esteja sendo um egoísta sem empatia, ignorando a dor dele, mas não aguento mais vê-lo nesse estado, não aguento mais vê-lo se tornando um estranho para Édouard. Quero ajudá-lo, mas começo a perceber que sem um auxílio psicológico, minhas tentativas serão vãs.

— Foi só uma sugestão — digo, virando-me para encará-lo. — Quero te ajudar e não sei mais como fazer isso.

— Uma lápide e uma cova vazia no cemitério não vão me ajudar, Pierre — murmura, fugindo dos meus olhos. Ele cruza os braços na frente do peito, como um ato de defesa, como se estivesse vulnerável.

— E o que vai te ajudar, Étienne? — rebato. — Uma garrafa de uísque? Sua obsessão que te leva a esquecer de manter o básico? Os relapsos com seu próprio filho? Se não fosse eu na sua vida, o que teria acontecido com Édouard?

Étienne fecha os olhos, o rosto contorcido em uma faceta dolorida.

— Não vou mais ser assim — sussurra, ainda sem me olhar.

Queria acreditar nele, mas meu irmão já me provou o suficiente que talvez nunca mais volte a ser o mesmo de sempre. Ao menos não enquanto não tiver respostas sobre o que aconteceu com a esposa.

— Só… preciso de um tempo agora. Durante todo o último ano —

fala, erguendo as pálpebras e me fitando. Seus olhos claros estão marejados

—, mantive alguma esperança de encontrá-la. — Umedece os lábios, e sinto que falar isso tortura-o de uma maneira incompreensível. — Eu queria encontrá-la, mesmo que fosse morta porque… *qualquer resposta é melhor do que nenhuma.*

Étienne faz uma pausa longa, e não me atrevo a dizer qualquer coisa.

— Parece que a dor é maior agora, sabe? Depois que você perde as esperanças, quando a ficha cai e você começa a se conformar que nunca mais vai ver aquela pessoa. É o que estou sentindo agora, Pierre. — Balança a cabeça em negativo, fechando os olhos com força. — Sei que estou sendo um péssimo pai e decepcionando você, me distanciando do meu filho, desistindo da minha carreira. Mas eu juro… juro que vou mudar, vou seguir em frente, vou voltar a ser o pai que Édouard merecer ter. Só me dê mais um tempo…

Dou um passo à frente e o abraço. Ele retribui, escondendo o rosto no meu ombro. Quase posso dizer que sinto toda a energia negativa dele descarregando sobre mim.

— Não demore muito, Étien. — É meu último conselho. — Senão,



quando der por si, vai ter perdido toda a sua vida.

Mesmo que Étienne não tenha concordado com a ideia, decido colocar o nome de Jeaninne no mausoléu da família Laurent no Cemitério do *Père-Lachaise*, localizado na *Boulevard de Ménilmontant*, no 20º

arrondisement de Paris, cerca de meia hora da minha casa.

Aproveito para levar flores para minha mãe e colocar uma foto nova, já que a daqui o tempo desgastou. Acendo uma vela ou outra e rezo pelas almas delas. Passo algum tempo no cemitério, talvez não mais do que vinte minutos. Não

venho aqui com frequência. Talvez duas vezes ao ano: em dois de novembro e dez de janeiro, dia dos mortos e aniversário de morte da minha mãe, respectivamente.

Busco pelas horas. Oito da manhã. Preciso me apressar para começar o atendimento na clínica e depois para meu plantão no hospital público, às sete da noite. Puxo a gola do casaco para proteger meu pescoço do vento gelado que sopra contra minha pele e caminho entre as lápides em direção à saída do cemitério.

Então, nas mais improváveis das hipóteses, eu a vejo. Está ao longe, segurando um ramalhete de flores, entre túmulos e mausoléus, em um corredor apertado onde passam mais pessoas. Juliette está cabisbaixa, posso vê-la apenas de perfil, ajoelhando-se devagar para colocar as flores sobre a cripta. Demoro a notar que sorrio levemente para mim mesmo, observando-a.

Forço minhas pernas a continuarem meu caminho, mas não me obedecem e permanecem no mesmo lugar, meus olhos fixos nela. Talvez eu devesse me aproximar e dizer um olá, ou talvez não. Tenho medo de parecer que estou a seguindo quando o encontro é por acaso.

Por fim, consigo forçar minhas pernas e torno a fazer meu trajeto. Já estou cruzando o portão de saída quando ouço sua voz:

— Doutor Laurent?

Giro lentamente nos meus calcanhares. Juliette está a quatro metros

de mim. Cabelos soltos, maquiagem leve, uma boina, echarpe, casaco e vestido preto.

— Juliette… — digo suavemente, sem forçar surpresa em minha voz e sem perceber que a chamo pelo primeiro nome. Ela dá três passos para frente, vencendo a distância entre nós. — Que bom ver você.

— Está sozinho? — indaga, olhando ao redor.

— Sim. Vim visitar o túmulo da minha mãe. — Não entro em detalhes sobre Jeaninne. Acho desnecessário no momento.

— Sinto muito — murmura, parando do meu lado por um segundo e tornando a caminhar. Eu a acompanho, segurando com mais firmeza do que o necessário a alça da minha bolsa.

— Foi há muito tempo — respondo, abrindo um sorriso fúnebre. — E

você, quem veio visitar?

Ela suspira.

— Meus pais.

Um silêncio denso recai sobre nós enquanto continuamos caminhando. Deixei meu carro a duas quadras daqui para poder caminhar um pouco. Tento encontrar algo além do habitual “sinto muito”. Não consigo não pensar que ela terá de lidar sozinha com a maternidade sem o apoio da mãe.

Minha mente me leva para Étienne, que se virou quando Édouard nasceu, porque a esposa também não tinha nenhuma figura materna. Na primeira semana, uma enfermeira do hospital onde meu sobrinho nasceu ajudou nos primeiros cuidados; depois disso, meu irmão contratou uma para acompanhá-la no primeiro mês.

Fico pensativo se Juliette vai ter o mesmo. Muito provavelmente, fará o curso que o governo oferece aos pais para lidar com a dor do parto, a amamentação, os cuidados com o recém-nascido, mas nada disso supre a presença de uma figura que estará ao seu lado para ajudá-la de fato. Sorrio ao me lembrar de Jeaninne chegando no meu apartamento que dividia com Francine e me pedindo, quase de forma desesperada, para ficar com o menino porque ela queria dormir, tomar um banho mais longo, ou simplesmente se sentar no sofá, se empanturrar de guloseimas e assistir a um filme qualquer.

Se eu podia ficar com ele, ficava, sem reclamar, porque sabia que ela

precisava realmente de um tempo.

Odeio pensar que poucas mulheres podem de fato contar com alguém para esse tipo de coisa. Na maioria das vezes, estão sobrecarregadas, cumprindo jornada dupla ou tripla de trabalho, mal tendo tempo para comer sossegadas. Então, me pego pensando nela, na rotina maluca que sua vida vai se tornar, em tudo que

terá de abrir mão, nas noites mal dormidas, em como terá que se virar para conciliar vida pessoal (se ainda tiver), trabalho e os cuidados com o filho. Pensar nisso me deixa meio triste.

— O que vai fazer agora? — pergunto e só neste momento percebo que ela segura uma bolsa transversal contra o tronco, parecida com a minha.

— Ia entregar alguns currículos apenas — confessa, desviando os olhos rapidamente.

— Quer tomar um café? — ofereço. — Por minha conta. — Ignoro sua leve contradição sobre trabalho. Uma semana atrás, me disse que deixou a cafeteria de Dousseau para cuidar do filho.

— Laurent… — Ela suspira, e já sei que vai negar meu pedido, talvez achando inadequado. — Não quero incomodar.

— Se estou convidando é porque você não me incomoda. Vamos? —

reforço o convite, ignorando meu horário apertado para chegar à clínica.

Juliette aceita e caminhamos até o Café Ménilmontant, na mesma rua do cemitério e a seis minutos de caminhada. Escolhemos uma mesa para dois no ambiente externo e nos sentamos um de frente para o outro. Uma pessoa vem nos atender; ela opta por chocolate quente e um croissant. Escolho suco e salada de frutas.

— Visita o túmulo dos seus pais com frequência? — pergunto, retomando nosso assunto anterior.

— Não como gostaria — admite. — Mas hoje me deu aquela saudade que aperta, sabe? Eu… acho que minha mãe não ia ficar muito feliz com a minha gravidez, dadas as circunstâncias e… — Para de falar de repente, como se estivesse revelando algo que não deveria.

Sorrio, fingindo que seu deslize não despertou ainda mais curiosidade em mim. O que quis dizer com “dadas as circunstâncias”? Já entendi que a

figura paterna é nula, então penso que sua mãe não ficaria feliz com a filha grávida de um idiota que não assumiu as responsabilidades. Juliette leva apenas

um segundo para consertar seu erro:

— Ainda assim, ela me ajudaria, porque não conseguiria ficar muito tempo com raiva de mim. É uma pena nunca poder conhecer o neto.

— Se importa se eu perguntar o que houve com sua mãe? — indago, esforçando-me para não questionar o que realmente quero saber.

— Câncer de pulmão. Morreu aos quarenta e cinco anos, eu tinha quinze. Ela fumava desde os doze.

— Um mal hábito do nosso povo — pontuo, e ela concorda com um pequeno sorriso.

— Eu também fumei, por algum tempo. Sei lá, dos quinze aos dezoito. Consegui me livrar do vício — completa.

— Seu pai também faleceu… — Deixo a frase no ar, com um sussurro.

— Sim. Teve um AVC hemorrágico, três anos atrás.

Nossos pedidos chegam. Ela beberica seu chocolate quente e não deixo de achar gracioso quando o chantilly faz um bigode nos seus lábios.

Juliette limpa, passando a língua algumas vezes e saboreando o creme ao mesmo tempo.

— E sua mãe? — Se vira para mim e pergunta.

Brinco um instante com a minha salada de frutas antes de responder:

— Faleceu por negligência médica. Eu tinha uns onze anos quando isso aconteceu. Meu pai ainda é vivo. Se casou de novo, há uns nove anos, e vive em Rennes, numa pequena fazenda.

Ela sorri, os lábios rentes à xícara, e bebe um gole do seu chocolate.

Como minha salada de frutas, saboreando o instante de silêncio sobre nós.

Quando ela se manifesta de novo, mudamos de assunto. Gautier me pergunta sobre meu trabalho e depois, meio resignada, posso sentir, comenta sobre o

trabalho que tinha na cafeteria de Dousseau. Eu sinto que ela sente falta de lá, da rotina, do trabalho, dos colegas. Sinto pelo modo cabisbaixo que me conta sobre os últimos anos, pelo tom de voz carregado, o olhar meio perdido,

postura ligeiramente abatida. Ela não deixou o emprego para se dedicar ao bebê. Tem algo por trás dessa decisão que não está me contando.

— Disse que ia entregar alguns currículos — menciono, terminando meu suco. Ela come o último pedaço do seu croissant e abana em positivo. —

Mudou de ideia? — questiono-a, e Juliette me olha de soslaio. — Digo… na semana passada me contou que tinha deixado o emprego para cuidar do filho.

— Ela parece notar a contradição que caiu e faz uma expressão engraçada. —

Está tudo bem — acalento. — Não tem motivos para me contar por que decidiu deixar o emprego.

A moça sorri, em agradecimento.

— Não sei se vou encontrar outro com facilidade. Na minha condição, entende? — brinca, mandando olhares para a barriga.

É então que uma ideia absurda passa pela minha cabeça.

— Posso te conseguir alguma coisa.

Ela me analisa, curiosa e resignada.

— Não tem que se incomodar com isso, Laurent…

Em um ato meio impensado, toco sua mão sobre a mesa. Juliette olha de mim para nosso contato, e demoro a notar a aproximação ousada. Sua mão está quente, na temperatura de quem a aqueceu com a xícara de chocolate. É

gostoso. Mesmo quando percebo o contato, não me desfaço dele. Não consigo.

— Vamos pular a formalidade, que tal? Não me importo que me chame pelo primeiro nome.

— Tudo bem — murmureja, direcionando um rápido olhar para mim.

— Ainda assim, não precisa se incomodar.

— Não é incômodo algum. Pelo que entendi, na cafeteria você cuidava da parte administrativa, certo? — Juliette concorda. — Há uma vaga no RH da clínica. É um trabalho fácil, horário comercial, que não vai te exigir muito. Posso conversar com o responsável pela seleção… Ele me deve um favor, então, não vejo por que não te indicar.

— E você acha que ele vai aceitar uma mulher grávida que, dentro de alguns meses, terá de tirar uma licença, e ele precisará fazer *outra* seleção?

— Em nome da amizade que nós temos, ele vai, sim. Se você quiser, posso arranjar isso.

Juliette desvia o olhar por um momento, fixando-o no prato vazio e com migalhas do salgado folhado.

— Eu aceito — diz, um segundo depois. — Não terei nunca como te agradecer, Pierre.

Aperto seus dedos nos meus.

— Não tem que me agradecer. Deixe um currículo comigo, entregarei ao meu colega ainda hoje.

Sem esperar muito, ela retira um da sua bolsa, junto com a cópia de uma carta de recomendação assinada por Bernardo, e guardo na minha bolsa.

Juliette olha a hora no relógio de pulso.

— Tenho que ir. Muito obrigada pelo café e pela ajuda. Muito obrigada mesmo. — A moça se levanta da sua cadeira e vem até mim, envolvendo-me naquele seu abraço gostoso e apertado. Eu a sinto inclinar a cabeça levemente para o lado, roçando o nariz no meu pescoço. Meu coração acelera nesse instante. Correspondo ao seu gesto, apertando-a contra a mim mais do que deveria.

— Não precisa me agradecer. Vou pagar a conta e… talvez te dê uma carona? — sugiro, chamando a garçonete e entregando meu cartão de crédito.

— Vou de metrô, Pierre, não se preocupe. Moro em Montreuil.

Insiro a senha na maquininha e digo:

— Posso te acompanhar até o metrô, então?

Ela concorda com um sorriso. Pego meu cartão e a via do cliente, enfio tudo no bolso de trás e deixamos a cafeteria. A caminhada até a estação Ménilmontant é rápida, menos de cinco minutos. Conversamos durante o rápido percurso, ela me contando que já vai começar os preparativos para montar o enxoval.

— Espero que esteja certo sobre o sexo do bebê — brinca — porque já estou planejando montar tudo azul.

— Meninas também podem usar azul — devolvo, no mesmo tom de

brincadeira. Ela ri e é obrigada a concordar. — Já escolheu o nome?

— Ainda não. Estou procurando por algo que tenha algum significado especial, sabe?

Balanço a cabeça em positivo e faço um segundo de silêncio antes de soltar:

— Valentin.

Juliette para de caminhar e me olha, curiosa com a sugestão.

— É um nome bonito e significa “forte” e “valente”, como os guerreiros. E sabe… — suspiro, tornando a andar lentamente, minhas mãos nos bolsos; ela me acompanha. — De certa forma seu bebê foi forte. — Não gostaria de entrar no assunto, mas acaba sendo inevitável. — Depois de tudo pelo que você passou… ele sobreviveu, lutou pela vida dele.

Juliette fica cabisbaixa outra vez, caminhando e olhando para suas sapatilhas. Engulo em seco, não sabendo se foi certo me intrometer assim e fazê-la se lembrar do ataque que sofreu.

— Olha… — Tento dizer alguma coisa, mas sou interrompido.

— Gostei da sugestão — alega, virando-se para mim e sorrindo. —

Valentin. Valentin — repete, como se experimentando a sonoridade do nome.

— Vai se chamar Valentin.

Juliette olha ao redor. Chegamos à estação.

— Obrigada, Pierre — agradece, dando um passo em minha direção.

Meus batimentos cardíacos falham de novo, como quando acontece quando essa mulher se aproxima assim e sei que vai me abraçar. — Fico te devendo um café — murmura, meio hesitante.

Estou quase findando a distância entre nós dois para eu mesmo abraçá-la, mas ela, por fim, deixa de resistir e me abraça. Fecho os olhos por um segundo, concentrando-me no aroma da sua pele, do seu cabelo, da sua temperatura corporal.

— *De rien* — murmuro em seu ouvido. “De nada”.

Juliette se afasta aos poucos, mas para quando nossos olhos se encontram, seu nariz tão perto do meu que posso sentir sua respiração quente.

Então, ela deixa um beijo no meu rosto, meio úmido, sorri pequenino, despede-se com um murmúrio e segue seu caminho.

CEDO DEMAIS

JULIETTE

A porta se abre antes que eu possa pôr a chave na fechadura. Adrien está do outro lado, com um sorriso enorme, calças jeans velhas, camisa branca com manchas antigas de tinta e um cinto com algumas ferramentas penduradas à cintura. Olho-o de cima a baixo, curiosa do porquê estaria vestido assim.

— *Bonjour* — cumprimento-o, e ele me puxa para dentro, respondendo com uma alegria que parece atípica do meu primo.

— *Bonjour*. Onde estava? Acordei e não te vi.

Jogo minha bolsa no sofá e me sento em seguida enquanto respondo:

— Fui ao cemitério visitar o papai e a mamãe. — Meu tom sai meio

melancólico. Sinto saudades deles.

Estou esticando minhas pernas para apoiá-las na mesinha de centro, mas Adrien me puxa pelo punho, pondo-me em pé outra vez. O desânimo me acerta com força, quase me arrastando de volta para o estofado. Preciso descansar. Minha barriga nem realmente pesa ainda e já estou fadigada, credo.

— Vem, tenho uma coisa para te mostrar — fala, levando-me para o quarto onde tem dormido.

Pois é. Já tem mais de um mês que tudo aconteceu e ele continua aqui. Eu já o mandei embora, mas meu primo me conhece bem o bastante para saber que ainda não estou preparada para ficar sozinha de novo, então se mudou para cá temporariamente já tem cinco ou seis semanas e não tem previsão de voltar para seu apartamento. Serei eternamente grata por todo seu apoio.

Adrien para frente à porta do quarto, que está fechada, e me olha com

um semblante superanimado. Fico contagiada com o jeito dele e estou sorrindo abertamente sem nem saber o motivo. Ele põe a mão na maçaneta e vai abrindo devagarinho. Lá dentro, por fim, me revela o motivo por fazer tanto suspense. Está uma bagunça e já quero matá-lo. Adentro o ambiente, desviando-me de algumas latas de tintas, madeiras, ferramentas, rolos e pincéis. A cama dele está desmontada e encostada em um canto, o colchão enrolado em um plástico improvisado. Viro-me para ele, compreendendo o que está acontecendo aqui. Fico balançada com sua atitude e, se segundos atrás queria matá-lo agora, quero colocá-lo em um potinho.

— Adrien… — Nem sei como começar.

Meu primo dá um passo à frente e me toma em seus braços fortes.

— Vamos começar a preparar o quarto para esse pivetinho, *tá* bem?

Rio contra seu peito duro quando ele chama Valentin de *pivetinho.* E

rio ainda mais quando noto que já me habituei ao nome do bebê. Um segundo mais tarde, estou pensando em Pierre, no momento agradável que tivemos na cafeteria uma hora atrás.

— Você não tem que fazer isso … — murmuro, não querendo parecer uma ingrata, mas também não querendo me aproveitar da boa vontade dele.

— Não tem obrigação nenhuma.

Ele me afasta e me olha.

— Não estou fazendo por obrigação. Estou fazendo porque quero, porque você é minha prima, porque esse garotão aqui… — Coloca a mão no meu abdômen. — É minha família.

— Mesmo assim — cicio, ainda sem jeito com esse seu gesto. — Não tinha que gastar com isso, Adrien. Você já tem suas despesas e…

Ele cala meus lábios com dois dedos.

— Não tem que se preocupar com minhas finanças. Considere isso como… — Adrien pensa por um segundo, entortando a boca de um modo engraçado que sempre faz quando está refletindo. — Presente de padrinho.

— Presente de padrinho? — devolvo, enquanto ele me contorna e pega uma lixa. — Quem disse que você será padrinho do Valentin? —

debocho.

Adrien está lixando a parede da janela quando se vira para mim, o cenho enrugado.

— Valentin?

— O nome dele — falo, colocando a mão na minha barriga — será Valentin.

— Lindo nome — elogia. Balança os ombros em seguida, completando: — E queira você ou não, eu serei o padrinho dele.

— Precisamos arrumar uma madrinha.

O atrito da lixa com a parede, um *rec-rec-rec*, causa um arrepio esquisito na minha coluna. Pessoas têm arrepios com mãos molhadas em plásticos, o risco do giz na lousa, quando o garfo arranha o fundo do prato de vidro, e eu acabei de

descobrir que tenho arrepios com o atrito da lixa. Adrien raspa o concreto, retirando os resquícios da antiga pintura, com rapidez e habilidade. O cara é um verdadeiro faz-tudo. Está agachado agora, lixando o rodapé.

— Não tem nenhuma amiga?

Penso por um segundo e descarto qualquer uma que me venha à mente. Nenhuma delas têm o mesmo nível de importância que Adrien tem. E

entendam, quero alguém presente na vida do meu filho. Não digo para mimar com coisas materiais e enchê-lo de bajulações. Quero alguém que se comprometa com o garoto e o ame de verdade. Como sei que meu primo vai amar. Com muita dor no coração, penso que ele será a única figura paterna que Valentin terá. Seco uma lágrima que escorre quase sem que eu perceba e afasto esses pensamentos bobos. A figura de Bourdieu será a melhor que meu filho poderá ter. Tenho muito orgulho do meu primo, do seu esforço, do seu caráter.

— Nenhuma que mereça o posto ao seu lado — respondo, aproximando-me e me sentando sobre uma lata de tinta azul-bebê. Observo-o trabalhar e só então me ocorre que: — Espera, hoje não é o seu dia de folga?

Quando Adrien olha para mim, seu rosto, cílios, sobrancelhas e barba estão cheios de pontinhos brancos. Ele dá de ombros e torna a realizar sua tarefa de preparar a parede para receber a demão de tinta.

— É, sim.

— Adrien! — advirto-o e tomo a lixa da sua mão. — Você deveria estar descansando!

Ele consegue recuperá-la com um golpe muito baixo: prende minha cintura e faz cócegas nas minhas axilas. Caio na gargalhada enquanto a rouba de volta.

— Se eu não fizesse isso hoje, não sei mais quando faria. Sabe que minhas folgas não têm dia fixo.

— O Ferdinand te explora, sabia? — rebato, sentando-me novamente na lata de tinta. — Acho muito injusto você não ter uma folga por semana.

Aliás, antes dessa, quando foi que você folgou? No dia em que foi me ver no

hospital, não é? Adrien, você está ciente que isso está muito errado e…

— Olha, Julie, não precisa se preocupar comigo, certo? —

interrompe-me suavemente. — Tenho um horário flexível com o seu Ferdinand, ganho muito acima do piso de motorista e recebo regalias porque ele me estima muito. Não há motivos para eu reclamar.

Decido não insistir no assunto, mas que acho injusto, eu acho.

— Mesmo assim — digo —, você deveria estar aproveitando sua folga para, sei lá, dormir, fazer nada, ver série, sair com alguma garota. — A essa última sugestão ele bufa e balança a cabeça em negativo, e eu preciso segurar uma risada maior. — Ou até se dedicar ao seu doutorado. Não tinha que estar aqui, fazendo isso por mim.

— Eu durmo à noite; sabe que dificilmente fico sem fazer nada; odeio séries de televisão; não tenho nenhuma pretendente e não quero nem saber de doutorado nas minhas folgas; já me preocupo o bastante com ele nos outros vinte e nove dias do mês. — O maldito tem resposta para tudo. Adrien para seu trabalho, bate as mãos na bunda para limpá-las e vem até mim de novo, agachando-se à minha altura. — Se eu não quisesse estar aqui, fazendo isto, sabe que eu não estaria, Juliette. Então… me deixa estar aqui, pode ser? Me deixa fazer o quarto do Valentin, porque faço de bom grado.

Meus olhos juntam tantas lágrimas que mal consigo enxergá-lo. Nem sei o que fiz para merecê-lo na minha vida. Se não fosse meu primo, com toda certeza ia segurá-lo para mim, porque Adrien é uma raridade nesse

mundo. Deixo um beijo no seu rosto e abano a cabeça em positivo. Ele sorri, afaga minha bochecha e então volta para a sua tarefa.

— Vou pedir alguma coisa pra comermos. Tem alguma preferência?

Menos chinesa e afins, sabe que eu odeio — digo, sacando o celular e acessando o aplicativo delivery.

Ele dá uma risada e responde:

— O que pedir, para mim está ótimo. Mas, olhe, deve pedir coisa saudável, por

causa do bebê.

— Mas Valentin está muito a fim de um hamburguer enorme, porção de batata frita, um refrigerante e de sobremesa um *crème brûlée* delicioso —

brinco, pedindo realmente hamburgueres, batatas fritas e refrigerante para almoçarmos.

Adrien gargalha e balança a cabeça em negativo.

— Por que escolheu esse nome? — pergunta, terminando sua tarefa nesse ponto e passando para a próxima parede. Preciso girar meu traseiro sobre a lata de tinta para vê-lo trabalhando.

— Sugestão de um amigo — respondo.

Meu primo se vira para mim. A sujeira branca no seu rosto e cabelos o deixa engraçado.

— Amigo? Que amigo?

Desvio o olhar. Às vezes me esqueço que Adrien me conhece melhor do que qualquer outra pessoa. Ele sabe que tenho poucos amigos e, se um do nosso círculo tivesse mesmo dado essa sugestão, eu teria sido mais específica. Ele inclusive conhece todos os sinais de quando estou mentindo, ou me esquivando, ou sendo sucinta.

Ele espera por uma resposta, mão na cintura, olhar fixo em mim.

— O doutor Pierre — respondo, torcendo para que Adrien não junte

“a” mais “b”. Mas ele não é estúpido nesse nível. Claro que não.

— O mesmo que cuidou do seu caso? — Agora ele se aproxima e se senta na outra lata de tinta, de frente para mim, altamente curioso.

— *Oui.* Ele mesmo. Inclusive, é o obstetra que está fazendo meu pré-

natal na clínica particular. Não mencionei nada para você?

Adrien me dá um empurrão amigável.

— Seu cinismo me admira, sabia? — fala, rindo um pouquinho. Então o sorriso vai indo embora pouco a pouco. Um silêncio recai sobre nós e sei que está matutando. — Quando foi que ele te deu essa sugestão?

— Hoje. Nos encontramos por acaso, no cemitério.

Meu primo pestaneja um monte de vezes.

— Tanto lugar em Paris para vocês se esbarrarem, foram fazer isso justamente no cemitério? — Gargalho sem poder me controlar. Pensando nisso agora, realmente foi muito esquisito. Ao me recuperar, Adrien me diz algo que faz minha momentânea felicidade se esvair: — Não acha que é cedo demais, Julie?

Meus olhos viram para baixo, mirando meus pés sobre o assoalho forrado com alguns jornais. Noto agora que ele precisa ser encerado.

— Não sei do que está falando … — desconverso.

Ele suspira e pega minhas mãos.

— Está gostando dele, não é?

Abro e fecho a boca, procurando por uma resposta mentirosa e convincente, não para dar ao meu primo, e sim para mim mesma. Como posso gostar de Pierre? Tudo bem, ele é uma pessoa que te cativa com facilidade, tem carisma e é… tão bom. Mas ainda não sei como… como posso gostar dele, praticamente um desconhecido para mim e sem que tenhamos tido qualquer contato além da relação médico-paciente, exceto pelo café mais cedo.

— Acho que sim… — admito com um sussurro envergonhado.

O aperto dos seus dedos se intensifica contra os meus.

— Juliette, você acabou de sair de um relacionamento e…

— Eu sei — murmuro, odiando ter de concordar com o raciocínio dele.

—… e é cedo demais, entende? — completa.

Olho-o com atenção, assimilando suas palavras, estudando meus sentimentos,

tentando entender os batimentos desregulados do meu coração nesse momento, pensando nele. Adrien tem razão. Há menos de dois meses, estava envolvida com Antony, tão cega de amor que não conseguia enxergar o mau-caráter que ele era e sempre foi, e agora estou aqui, tendo de ouvir do meu primo que é cedo demais para eu estar sentindo qualquer coisa por outro homem, por um homem que nem sequer conheço, por um homem que é o *meu médico*.

— Adrien, não é nada demais — falo com a voz trêmula, não tão segura da minha frase. — É só…

—… uma palpitação no peito, mãos suando frio, dificuldade em respirar?

— Isso me parece taquicardia, não amor.

Ele ri, dando-me outro daquele empurrão que só amigos dão uns aos outros.

— Estou falando sério, Julie. Conheço os sinais porque…

Inspiro profundamente e é minha vez de interrompê-lo:

— É como você fica quando vê a Marjorie?

Pela primeira vez no dia, é ele quem fica desarmado. Seus olhos claros correm para um ponto qualquer acima dos meus ombros e fica em silêncio.

— Não torne isso sobre mim — responde. — Eu nem deveria estar te dando esse tipo de conselho. Você é uma mulher adulta, que acabou de sair de uma relação de merda que inclusive te levou para o hospital. — Sua voz está firme, meio autoritária e completamente em advertência.

Levanto-me em um movimento brusco, não gostando muito do jeito que me dirige a palavra. Adrien se ergue junto, segurando meus pulsos com um pouco mais de firmeza, como se tivesse percebido que foi rude comigo.

— Pierre não é o Antony — rebato, livrando-me do seu toque.

Ele dá uma risada cínica e me observa como se não me reconhecesse.

— Como pode ter tanta certeza? Você nem o conhece!

Quero abrir a boca e dizer para ele parar com sua paranoia e desconfianças sobre todos os caras de quem me aproximo, mas desisto.

Desisto, porque da última vez não lhe dei ouvidos. Desisto, porque estava certo sobre Leclerc o tempo todo e simplesmente o ignorei. Pisco uma porção de vezes, tentando afastar minhas lágrimas.

— Me desculpa… — pede, segurando-me pelos punhos de novo, agora em um toque mais suave, a expressão mais branda. — Não queria ter gritado contigo. Eu só… me preocupo, Julie.

Balanço a cabeça em positivo.

— Eu sei, Adrien. Você tem razão. Não conheço Pierre como gostaria. E o fato de ele ser médico…

— Julie… sabe quantos casos de médicos que abusavam das suas pacientes existem?

Dou uma risadinha amargurada e encosto o rosto no seu peito.

— Já disse que você tem razão, quantas vezes terei de repetir para inflar o seu ego?

Ele me afasta e tem um sorriso lindo.

— E eu já te disse que me preocupo com você. — Sua mão acaricia meu rosto. — Não estou te pedindo para nunca mais se envolver com alguém.

Estou te pedindo para ser cautelosa, para não confiar cegamente, não se deixar levar pelas aparências e…

— … ficar atenta aos sinais?

— Sim — responde em meio a uma única risada, ainda me acariciando no rosto. — Fique atenta aos sinais.

Uma moto buzina na rua, anunciando que nosso almoço chegou.

Antes de ir buscar a comida, eu o abraço forte de novo, refletindo todas as suas

palavras e tendo de concordar que tem razão. É cedo demais para deixar qualquer outro homem entrar na minha vida assim. É pensando nisso que decido que preciso me manter protegida, manter meu coração protegido, fechado.

Longe de Pierre.

UM PRETEXTO PRA TE VER

JULIETTE

Eu me forço a não torcer por um esbarrão nos corredores da clínica.

Prometi a mim mesma que manteria meu coração fechado e protegido, é meu propósito de vida agora e tenho que me esforçar um pouco — ou talvez muito

— para conseguir inibir meus pensamentos de me levarem até ele.

Como prometido, Pierre me conseguiu uma vaga no RH da clínica onde trabalha. Não demorou nem dois dias e fui chamada para uma entrevista. Não que houvesse concorrência. Esperava ver alguém mais velho, mas Gustave Legrand não deve ter mais do que trinta e cinco anos. Fez-me as perguntas habituais, querendo saber das minhas experiências profissionais, formação acadêmica, e fez perguntas idiotas, como por exemplo, como farei para trabalhar quando o bebê nascer, com quem meu filho ficará e coisas que ele não perguntaria a um homem prestes a ser pai. Mas tudo bem, é algo, acredito eu, muito enraizado na sociedade patriarcal, não é mesmo? No geral, ele é um cara legal comigo e temos nos dado bem durante esses cinco primeiros dias de trabalho.

Ainda não pude agradecer Pierre pela ajuda. Ele não apareceu na clínica, ou, se apareceu, não o vi, porque fico trancafiada em um escritório o dia todo — exceto nos horários de pausa. É por esse motivo que preciso me repreender por torcer para me esbarrar com ele por algum corredor. O homem é meu médico, acabei de sair de uma relação abusiva, estou grávida e a última coisa de que preciso é me envolver emocionalmente com alguém. Eu o verei em breve, dentro de no máximo duas semanas, quando será minha próxima consulta, então sossegue, Juliette.

— Gautier, horário de almoço — Gustave avisa, surgindo na frente da minha mesa. Ergo meus olhos para me deparar com seu jeito casual e despojado, mas elegante e profissional. Veste um blazer marrom, camisa social azul e jeans

escuros. Os cabelos são pretos, curtos e encaracolados, e

ele opta por um cavanhaque âncora, que lhe dá um charme à parte. — Faça uma pausa, garota. O primeiro turno já acabou há quinze minutos.

Olho no relógio, do outro lado da parede, e constato o que disse.

— Me concentrei demais no trabalho — digo, levantando-me e pegando minha bolsa.

— Olha… — diz, e noto certo cuidado na sua voz quando fala comigo. Gustave molha os lábios mais vezes do que é necessário. — Eu normalmente almoço em casa, moro aqui perto, mas não deixei nada pronto hoje, então… — Pausa rápida. — Estou indo a um restaurante. Você quer vir comigo?

Diga não, Juliette!, minha cabeça manda. Eu realmente quero dizer não, mas ele é meu chefe. No que um "não" acarretaria?

— Não é um encontro ou qualquer coisa do tipo — explica-se. —

Estou te convidando como um amigo e porque notei que você almoça sozinha na maioria das vezes. O pessoal do RH é meio antissocial mesmo.

— Você notou, é? — indago, não gostando muito do rumo dessa conversa.

Ele ri, meio desconcertado.

— Não é o que está pensando, Gautier. Você almoça em um restaurante que fica na minha rota. Foi impossível não te ver sentada no mesmo lugar nos últimos cinco dias. — Gustave olha para os lados, percebendo como tentar se explicar só está o complicando ainda mais. —

Tudo bem não aceitar, *tá*? Só quis ser gentil.

Ajeito minha bolsa no ombro e cedo, afinal, ele só está tentando ser legal, certo?

— Eu vou. *Désolée* se pareci desconfiada demais, é só que…

— Não precisa se explicar — interrompe-me suavemente. — Vamos?

Nós deixamos o escritório, Gustave perguntando-me o que tenho achado do

trabalho. Caminhamos lentamente pelo corredor enquanto respondo que estou gostando, e é verdade. Não tem a loucura da cafeteria de Dousseau, e não que eu não gostasse da loucura da cafeteria, mas a tranquilidade do RH está me fazendo bem. Ao sairmos na recepção da

clínica, na ala da ginecologia, meu coração dá aquela disparada quando o vejo. Pierre está terminando de dizer alguma coisa à recepcionista. Vira-se em nossa direção, um sorriso surge nele e, ao mesmo tempo, em mim; ele vem até nós. Troca um cumprimento com Gustave e me olha em seguida, cumprimentando-me. Leva mais de um segundo para encontrar as palavras do meu vocabulário e cumprimentá-lo de volta.

— Estamos indo almoçar — Legrand informa. — Quer vir junto?

Pierre nos avalia por um segundo antes de confirmar. Seguimos até um restaurante local, não muito longe da clínica. Preciso confessar que fico feliz que ele nos acompanhe, embora não devesse. Minha meta de não desejar esse homem está falhando miseravelmente. Para minha sorte — ou talvez não

—, ele se senta de frente para mim no restaurante, e Gustave se senta ao meu lado.

O telefone de Legrand toca de forma discreta enquanto ainda estamos escolhendo o que comer. Ele pede um segundo, vira-se em sua cadeira e fala com quem quer que seja, murmurando um *merde!* antes de finalizar a ligação.

— Peço desculpas — diz, guardando o telefone no bolso interno do seu blazer —, mas surgiu uma emergência e vou ter que sair. Tudo bem para vocês?

Quero implorar para que ele não me deixe aqui sozinha com Pierre, mas nem isso posso fazer.

— *Bien sûr*. — "Claro", Pierre responde. — O que aconteceu?

— Minha ex-mulher quer que eu vá buscar nossa filha na escola, parece que está reclamando de dor no estômago. — Já em pé, pronto a sair, ele me olha com um semblante de quem está realmente sentido em não poder almoçar. Bem, eu entendo, estaria sentindo a mesma coisa. — Sinto muito.

Nosso almoço fica para uma próxima oportunidade.

Consigo apenas sorrir e acenar, estranhando o fato de me dizer isso olhando apenas para mim.

— Não te vi esses dias para poder te agradecer — falo, assim que Gustave deixa o restaurante, meus olhos presos no menu porque não tenho coragem de olhá-lo nos olhos.

— Está gostando do emprego? — questiona. Quando dou uma rápida olhada por cima do cardápio; ele está concentrado no dele, mordendo levemente a unha do indicador. No instante em que me olha de volta, paro de encará-lo e torno a me concentrar nas opções de pratos. Ops, pega no flagra.

Culpada.

— Estou, sim — respondo, por fim. — Gosto do ambiente calmo.

Fazia tempo que não trabalhava nessa tranquilidade toda.

— E Gustave… — Pierre menciona o nome do meu chefe com um tom de cuidado, meio pausadamente, e abaixa o cardápio em suas mãos para me olhar. — Tem te tratado bem?

— Gustave está sendo ótimo comigo.

— Se ele te fizer qualquer coisa que te desagrade, me avise e eu quebro o nariz dele — brinca, abrindo um sorriso em seguida.

Gosto do humor de Pierre.

— Por quê? Ele é do tipo idiota? — pergunto.

— Ele é chefe, Juliette. Todo chefe, por mais gente boa que seja, sempre vai ter o seu momento babaca.

Dou uma risada e preciso concordar.

— De fato. Já fui chefe, sei bem como é.

Ele aponta o dedo para mim e diz:

— Viu só.

Rimos um instante e a atmosfera fica mais leve. Pierre tem um poder diferente sobre mim. É claro que às vezes sinto o coração bater mais rápido e as mãos suarem frio quando estou perto dele, mas dura pouco e logo estou à vontade. Chamamos o garçom, que anota nossos pedidos. Enquanto aguardamos, falo um pouco sobre os últimos cinco dias e como estou me habituando bem ao novo ambiente de trabalho.

— Tem uma coisa que está me deixando intrigada — comento, brincando com o purê de batata um momento antes de comer. — Ainda não chegou a conta do hospital pra mim. Meu seguro não cobriu tudo, ficou uma pequena quantia a ser paga, mas a cobrança nunca chegou.

Pierre bebe um pouco da sua água.

— Ele não tem contou? — questiona, fincando o garfo na sua carne.

— “Ele” quem e não me contou o quê?

O homem faz uma carranca de quem está pensando, talvez tentando se recordar de algum nome.

— Dupont. Emilien Dupont… O dia em que esteve no hospital, para te fazer uma visita, sabe? Foi quase uma semana depois que você chegou.

Balanço a cabeça em positivo, recordando-me do referido dia. Ele tinha ido me ver para dizer que não podia fazer nada contra Antony porque também estava sob suas ameaças.

— Sim, me recordo.

— Então… depois que ele saiu do seu quarto, acabei ficando no hospital por causa de uma paciente em trabalho de parto que estava chegando. Enquanto esperava por ela, eu o vi na recepção, pedindo para a funcionária colocar toda a conta do hospital no nome dele.

A informação me pega de surpresa, até solto minha colher. Eu não sabia que Emilien tinha feito isso por mim. Por que raios não me contou?

— Você não sabia? — pergunta, mastigando seu pedaço de carne.

Suspiro, respondo e torno a comer.

— Não tinha ideia. Preciso procurá-lo para agradecê-lo pessoalmente.

— Vocês se conhecem do seu antigo trabalho, suponho.

E porque ele era amigo do homem que me espancou, quero adicionar, mas faço minhas palavras descerem junto com o suco de uva na minha taça.

— Sim. É outro cliente da cafeteria.

— Você tem bons amigos. Bernardo, Emilien, aquela moça dos girassóis, o seu primo, Marie…

— Marie… — murmuro, e me forço a ignorar que ele sabe da informação, uma vez que ela só apareceu por lá no dia em que não estava de plantão. Isso me abre um leque de possibilidades: ou Pierre pediu para que o deixassem informado sobre mim e minhas visitas, ou esteve no hospital

mesmo fora do seu plantão, o que não seria nenhuma surpresa porque ele fez isso uma vez. — Você a conhece?

— Sim. Sou ginecologista dela também. — Isso explica como a conhece, mas não como soube que ela foi me ver. — Todos foram te visitar.

É difícil encontrar amigos assim.

Abro um pequeno sorriso e desvio o olhar para minha comida, já pela metade. Todos eles foram realmente muito bons comigo. Não recebi nenhuma outra visita além dessas. Nenhum dos meus colegas de trabalho, ou dos os antigos — e escassos — amigos da escola com quem ainda mantenho algum contato. E quer saber? Não os culpo, de verdade. Aquela cafeteria deve ter virado de ponta-cabeça sem mim, embora a subgerente seja bem competente e tenha habilidade o suficiente para comandar a equipe. Mas mesmo assim, cada um deles lá tem o seu trabalho, o seu turno, sua vida e suas próprias preocupações. Recebi algumas ligações dias depois que recebi alta, me perguntaram como eu estava, me parabenizaram pela gravidez (devem ter sabido por Dousseau) e me desejaram melhoras.

— Acho que tenho sorte — digo finalmente, erguendo meus olhos para Pierre —

em ter amigos como eles, apesar de não sermos tão próximos.

São boas pessoas.

— Esse Emilien… — pergunta com cuidado, depois de concordar com minha última frase. — Ele cobriu seus gastos no hospital… Isso é normal? Ou você acha que pode ter uma outra intenção por trás?

Acho engraçado o seu posicionamento. E fofo. Talvez tenha uma nuance de ciúme empregado na pergunta, e isso me dá uma sensação boa, ao mesmo tempo que esquisita. Ele está preocupado que Emilien seja um pretendente ou estou interpretando errado? Talvez eu que esteja louca.

— É normal. Dupont tem muitas causas filantrópicas vinculadas ao nome dele. — Quero adicionar que, provavelmente, ele também fez isso porque, de alguma forma, se sente responsável pela atitude covarde de Antony, ou para amenizar um pouco o fato de não poder punir meu agressor da forma como merecia. — Duvido muito que ele saia por aí pagando contas em hospitais, mas… nos conhecemos. Pode ser isso.

— Pode ser? — indaga, erguendo a sobrancelha de leve.

Deixo uma risadinha no ar.

— Pode. Não se preocupe que ele não teria outras intenções comigo.

Se tivesse, teria me contado, não acha? — Pierre pondera minha resposta. —

Além do mais, aquele homem deve ser assexuado.

Laurent ri quase de forma exagerada. Precisa beber mais da sua água para ajudar a descer os pedaços de carne pela garganta.

— Por que você acha isso?

Dou de ombros.

— Nunca o vi com alguém, homem ou mulher. Sabe, se você procurar pelo nome dele na internet, só vai ver coisas relacionadas a negócios. Não vê uma fofoca, um escândalo, sempre sozinho. Ele é discreto demais.

— E como sabe disso? — pergunta, meio debochado. — Sinal de que andou procurando por ele na internet.

Meu rosto enrubesce quase sem perceber. Culpada de novo.

— Bem, não posso negar de que ele é um espécime de homem muito bonito e atraente.

— Concordo — brinca, o que me faz rir junto dele.

— E quando apareceu por lá na cafeteria, pela primeira vez, eu era uma moça solteira, com os hormônios à flor da pele. Ele pagou em cartão, então descobrimos o nome dele.

— "Descobrimos"? — interrompe, ainda com um tom debochado.

— Você acha que eu era a única interessada no homem? Todas as mulheres daquela equipe ficaram ovulando.

Ele ri um pouco mais e juro: poderia passar o dia ouvindo a risada dele que eu não reclamaria.

— Então, pesquisamos pelo nome e sobrenome dele na internet, e não conseguimos descobrir muita coisa e nem o mais importante: *status* de relacionamento e orientação sexual. Porque, convenhamos, de nada adiantaria o homem ser solteiro se fosse gay. Conforme Emilien frequentava a cafeteria, fui descobrindo um lado muito discreto dele. Nunca o vi acompanhado de qualquer pessoa que não fossem homens de negócio. Por isso acho que é



assexuado.

— Nunca o ter visto com alguém não significa que seja assexuado.

Talvez muito discreto, mas não assexuado.

— É, tem razão — concordo apenas, preferindo não mencionar minha teoria de que ele e Marie têm um caso.

— Acho que o conheço de algum lugar — Pierre declara, afastando seu prato, agora já vazio. — O rosto dele não me é estranho.

— Ele não é nenhuma celebridade de Hollywood, mas é bem conhecido em Paris. É CEO de uma das maiores empresas de investimentos do país e tem as filantropias, que sempre estão em matérias de revistas.

Parece que atualmente está produzindo um documentário sobre uma ação que ele fez na África.

Laurent reflete sobre o que eu disse. O garçom se aproxima de novo e anota a sobremesa. Se estou louca por uma xícara de café? Sim, mas ouvi dizer que é bom evitar cafeína na gestação. Verdade ou mentira, prefiro não me arriscar e prezar pela saúde de Valentin.

— Pode ser, ainda assim tenho a impressão de que o conheço de algum outro lugar.

Quando nossas sobremesas chegam, mudamos de assunto outra vez.

Dez minutos depois, pagamos a conta e caminhamos de volta à clínica. Ainda tenho cerca de meia hora até meu segundo turno, então me despeço dele na recepção da ginecologia, sigo pelos corredores até o escritório e retiro um livro da minha bolsa para ler enquanto espero dar o meu horário.

Na maior parte do tempo, consigo me concentrar na leitura. Mas em alguns instantes de distração, minha mente me leva para o almoço com Pierre e me pego sorrindo quase nem perceber.

Liguei para cá antes de vir e me confirmaram que ele estaria aqui, mas eu precisava ser rápida porque haveria um jatinho particular o esperando às

sete e quinze. Ele deixaria o prédio perto de seis e meia, e então só retornaria a Paris dentro de quatro dias. Meu expediente acaba às cinco e parece bastante tempo, mas talvez não fosse se eu ficasse presa no trânsito caótico da cidade. Chego ao prédio da Dupont Investimentos beirando seis horas da tarde.

Minha entrada é liberada sem muita demora. Dentro do seu terno, elegante como sempre, Emilien vem ao meu encontro, mantendo um sorriso amigável e receptivo.

— Gautier, que surpresa você por aqui — cumprimenta-me, parando à minha frente e apontando para um sofá logo ao lado.

Minha conversa com Pierre sobre ele ser assexuado rebobina na minha cabeça e preciso fazer dois esforços: o primeiro é para não rir que nem uma louca na frente desse homem, porque seria a coisa mais constrangedora da minha vida ter que explicar isso pra ele; o segundo é inibir pensamentos de Emilien transando com a secretária dele justamente nesse sofá. Por que penso nele transando com a secretária nesse sofá? Nem eu sei. Sofás, CEOs, escritório e secretárias meio que fertilizam a imaginação, né? Deve ser isso.

Aceito sua oferta e me sento, Emilien pondo-se ao meu lado.

— Vim pessoalmente te agradecer. — Ele me olha sem me entender.

— Por ter pagado os gastos do hospital. Não precisava ter se incomodado.

— Era o mínimo que eu poderia fazer depois que… não pude te ajudar a colocar aquele desgraçado atrás das grades.

Como pensei. De alguma forma, ele sente por também estar sob ameaça de Antony e não ter podido fazer nada.

— Nenhuma novidade? — Não evito a pergunta. Mesmo que eu tenha decidido não fazer nada contra Leclerc, muito por medo, lá no fundo quero sim que pague por tudo que fez.

Emilien abana a cabeça em negativo.

— Sinto muito.

— Está tudo bem. E mais uma vez, muito obrigada.

Levanto-me, pronta a ir embora. Emilien me acompanha até a porta.

— Você e seu bebê estão bem?

— Estamos ótimos. É um menino — digo, toda orgulhosa, colocando a mão na barriga. — Valentin.

Emilien me dá um sorriso pequeno.

— Se precisar de qualquer coisa, sabe que pode me procurar, não é?

— Eu sei, sim. Muito obrigada, Emilien. — Preciso me erguer nos pés para abraçá-lo rapidamente.

Em casa, tiro o tênis, jogo minha bolsa no sofá e corro até a cozinha preparar algo para comer. Minutos depois, minha campainha toca. Meu coração dá aquela batida a menos. Adrien tem a chave, então não teria necessidade de me chamar. São seis e meia da tarde, quem poderia ser?

Engulo em seco, com medo que seja *ele*. Inspiro fundo e vou atender quem quer que esteja do outro lado.

— Pierre? — indago, surpresa ao vê-lo do outro lado da minha porta.

Com um sorriso, ele ergue um livro na frente dos meus olhos.

Demoro a notar que é o *meu livro*. O que ele está fazendo com meu livro?

— Você esqueceu na clínica. Achei que deveria te trazer porque…

poderia querer lê-lo. — Faz uma pausa enquanto ainda estou surpresa demais

com esse homem na minha porta, seus olhos me analisando. — Ou talvez seja só um pretexto pra te ver.

Meu rosto enrubesce, mas não deixo de apreciar o gesto, mesmo que seja apenas um pretexto para me ver. *Principalmente* porque é apenas um pretexto para me ver. Dou um passo para o lado e convido:

— Quer entrar?

Ele entra, e eu fecho a porta, mantendo-me encostada à parede.

— Não posso ficar muito tempo. Tenho plantão em uma hora —

alega, esticando o livro em minha direção.

— Como sabia que era meu?

Pierre abre as primeiras páginas e o vira em minha direção.

— Tem um autógrafo no seu nome assinado por um tal de Theo

Venturini. Brasileiro, né? Vi as informações na orelha da capa.

Desencosto da porta e tomo o livro em mãos, o primeiro de uma série, traduzido para o francês.

— Sim. Ele esteve em um evento literário aqui em Paris, uns dois anos atrás. Eu fui e consegui um autógrafo. Mas me diga… — murmuro, tomada pela curiosidade. — Como soube que esqueci o livro na clínica?

Pierre dá de ombros.

— Fui me despedir de você, mas não tinha ninguém no escritório além desse livro na sua mesa, que, aliás, me chamou muita a atenção. Folheei e vi seu nome nele.

Coro levemente, abraçando o exemplar contra meu peito. A capa é um pouco chamativa mesmo, que entrega completamente o teor erótico da história.

— E aí resolveu usá-lo como pretexto para vir me ver?

O homem abre um sorriso desavergonhado.

— Aqui estou eu, não é?

Por um instante, simplesmente não sei como reagir a isso. Pierre está deixando bastante claro que me deseja, e o sentimento é mais do que recíproco. Então, me recordo dos conselhos de Adrien, de que é cedo demais, e tem o fator de ele ser meu médico, então isso soa como inadequado ou antético, não?

— Aceita um café?

— Vai ficar para uma outra oportunidade. Só vim mesmo te trazer o livro… como um pretexto para te ver. — E me dá outro do seu sorriso.

Abro a porta novamente. Pierre para ao meu lado. Nossos olhos se encontram e meu coração dá aquele tranco de sempre quando o assunto é esse homem. Ele se aproxima e deixa um beijo no canto da minha boca. Minha respiração falha. Antes que tenha tempo de processar, ele já está caminhando em direção ao seu carro.



Nos dois dias seguintes, não leio mais o meu livro da mesma maneira, pensando sempre na atitude de Pierre. Não o vi mais desde então. Ele faz plantões de doze horas no hospital, em turnos que podem variar nas escalas, e sua agenda na clínica é elaborada de acordo com sua disponibilidade, o que normalmente o faz estar aqui duas ou três vezes por semana.

Gustave aparece cinco minutos antes de encerrar meu expediente.

Traz um *cupcake* rosa, senta-se à borda da minha mesa e arrasta o bolinho na minha direção.

— Pelo seu aniversário de uma semana na clínica.

Olho para o doce e depois para ele. Pisco algumas vezes, tentando entender o que isso significa. Pego-o e dou uma mordida, sentindo o chantilly grudar no meu lábio superior.

— *Merci*. Você costuma fazer isso com todos os funcionários?

— Na verdade, não — confessa, esticando um guardanapo de papel que estava enrolado no bolinho e limpando minha boca.

Engulo em seco, pego o guardanapo da sua mão e termino eu mesma de limpar meus lábios.

— Por que está fazendo isso? — questiono, levantando-me e juntando meus pertences.

— O bolinho não te dá nenhuma pista? — devolve, abrindo um pequeno sorriso e roubando um pedaço de papel-rascunho para fazer um origami. Ele também se levanta enquanto ainda estou pensando no que responder. — Até amanhã, Gautier — despede-se, deixado o escritório.

Encaro o *cupcake* mordido e o significado que traz junto. Bem, sou uma mulher grávida que está mesmo com fome e não recusa nada doce.

Suspiro, termino de comê-lo e vou pra casa, esquecendo por ora o fato de ter um novo pretendente.

Chego fatigada o bastante para me deitar no sofá e não querer fazer nada. Tem louça que meu primo deixou de ontem à noite, minha cama que

não tive coragem de arrumar pela manhã e um cesto de roupas sujas a serem lavadas, mas não quero fazer nada além de deitar, talvez tirar um cochilo, assistir a dois ou três episódios da minha série e pedir comida italiana porque não estou a fim de cozinhar.

Meu celular notifica uma nova mensagem do meu primo.

“Estou com meu orientador. Vou chegar tarde. Não esquece de comer. Coisas saudáveis, tá, Julie? Amo você”.

Adrien e suas preocupações.

Ligo a televisão, arranco os sapatos e me ajeito no sofá. Não demora até que eu cochile. Desperto sentindo cólicas e com uma umidade estranha no vão das pernas. Levanto-me, ainda meio grogue de sono, no meio da semiescuridão, não fosse pela luz azulada da tevê. Já deve estar de noite.

Caminho até o interruptor, a dor aumentando conforme meus passos, e tateio minhas coxas. Meus dedos ficam úmidos e levemente pegajosos.

Imediatamente um segundo antes de acender a luz e ver sangue em mim, eu sinto o cheiro, reconheço-o e entro em desespero.

Minhas mãos tremem enquanto tento ligar para Adrien, mas ele não atende. Tento mais uma porção de vezes e não obtenho resposta. A cólica aumenta e só um pensamento me ocorre: estou sofrendo um aborto. Meus olhos enchem de lágrimas só de pensar em perder o meu bebê. Inspiro fundo e tento ficar calma. Ligo para a ambulância; em vinte minutos, já dei entrada no hospital e estou em um quarto com mais duas mulheres, uma em trabalho de parto e outra já com o filho nos braços.

Uma médica me atende. Tive uma ameaça de aborto, mas já fui medicada. Meu colo do útero não está dilatando, então não corro mais nenhum tipo de risco. Entretanto, vou ficar duas horas de observação antes de ir para casa. Aconselha-me repouso, evitar exercícios, trabalhos mais pesados e sexo (rá!). Pergunto por que tive essa ameaça, e a médica me fala que é difícil fazer um diagnóstico na maioria das vezes, e este é o meu caso.

“Já terminou o livro? Fiquei interessado e queria ler”

Recebo a mensagem de Pierre algum tempo depois.

“Quem te deu o meu número, Pierre?”

Respondo, não podendo conter o típico sorriso de “adolescente apaixonada”.

“Seu currículo”

Rio e balanço a cabeça em negativo.

“Que trapaceiro!”

“Devo ficar feliz porque você salvou o meu número?”

“Apenas para fins médicos, doutor Laurent.”

Ele não responde imediatamente como estava fazendo. A resposta vem cinco minutos depois.

“Fico com a esperança de ter salvado por outro motivo.”

Talvez tenha sido por isso. Então, como meu médico, me lembro de que preciso informá-lo sobre meu atual estado.

“Pierre, estou no hospital. Desculpe não ter te avisado antes. A médica que me atendeu me informou que sofri uma ameaça de aborto, mas passo bem. Vou terminar de receber a medicação, ficar de observação até umas dez da noite e posso ir embora”.

Uma enfermeira entra no quarto, me pergunta como estou e se a dor passou. Enquanto respondo, ela ajusta o fluxo do medicamento que recebo por intravenosa e sai um segundo mais tarde, dizendo que trará o jantar. A moça em trabalho de parto deixa o quarto para ir ganhar o seu bebê, e a outra recebe alta depois de cinco dias. Estou sozinha quando recebo:

“Em qual hospital???”

“Saint-Simon. Mas estou bem, Pie…”

Nem termino de digitar quando meu telefone começa a tocar nas minhas mãos. O nome dele pisca de forma incansável na tela. Atendo, dizendo com cuidado:

— Alô.

— *Por que não me ligou?* — pergunta e, apesar do tom de advertência, está calmo. — *Sou seu médico, poderia ter me ligado.*

— Tinha sangue escorrendo pelas minhas pernas. Fiquei desesperada e só me recordei de ligar para o Adrien, que não me atendeu. Então, liguei para a emergência.

— *Fez bem. Estou finalizando meu plantão agora e vou aí te ver.*

Quero dizer que não precisa, que não se incomode e nem se preocupe, mas a verdade é que quero seu zelo, sua preocupação, sua visita. Quero vê-lo.

Então, não respondo nada além de:

— Estou te esperando.

Encerro a ligação no exato momento em que a enfermeira retorna com uma sopa. Faço minha refeição e depois fico apenas encarando relógio, contando os minutos para a chegada dele. Pierre trabalha no Necker, então vai levar bem uma meia hora até aqui. Quando faltam uns cinco minutos para que ele chegue, meu coração já bate daquela forma rápida e descompassada.

A enfermeira volta para buscar o meu prato.

— Senhor — ela diz para alguém na porta —, não estamos em horário de visitas. Por favor, se retire.

Viro-me, pensando que é Pierre, mas o homem parado no umbral é o último que gostaria de ver na vida.

Antony.

CONFIE EM MIM

PIERRE

— Tirem ele daqui! — Um grito estridente vem do quarto de Juliette.

Posso ouvi-lo ao passo que me aproximo pelo corredor. — Tirem esse homem daqui! Tirem esse homem daqui! — Corro os últimos cinco metros, alarmado com os protestos dela.

Entro no quarto em um rompante. Há uma enfermeira e um homem, ao qual ela pede que se retire, mas ele reluta, tentando dar alguma justificativa. Juliette está em desespero, pedindo entre lágrimas que o tirem do quarto.

— O que está acontecendo? — pergunto alto, minha voz sobressaindo à pequena confusão no ambiente. Juliette me olha, tem algum traço de alívio.

— Só vim para uma visita — o homem diz, de forma calma. — Saber como a mãe do meu filho está. — Um sorriso meio debochado surge na boca dele, e isso não me agrada. Não me agrada nem um pouco.

Uma raiva esquisita sobe por toda minha espinha. Nunca fui dado a sexto sentido, mas agora tem alguma coisa me dizendo que esse homem não é uma boa pessoa.

— Juliette está hospitalizada e precisa de descanso. Por favor, se retire — exijo, apoiando a mão no seu ombro e apontando a saída.

— E quem é você? — Sua pergunta é presunçosa, atenuada pelo modo como empina o nariz.

Respondo sem titubear:

— O médico dela.

O homem me avalia de cima abaixo. Vagarosamente, acena em positivo e olha por cima do meu ombro.

— Certo. Você não me quer aqui, Julie, e tudo bem, entendo suas razões. — Ela nada responde, os olhos ainda escorrendo lágrimas. — Só queria saber se você e meu filho estão bem.

— Sai daqui — pede, chorando. — Sai daqui!

Novamente, indico a porta e lhe dou um incentivo. Ele vai, sem resistência. Dá dois passos e se vira para mim. Avalia-me de novo, não diz uma palavra, e caminha para longe. Volto imediatamente para o quarto. A enfermeira tenta me dizer que não estamos em horário de visitas, mas asseguro que sou o médico de Juliette e que fui autorizado a estar aqui.

Mal me aproximo dela e sou puxado, ela se enrolando nos meus braços, apoiando a cabeça no meu peito. Demoro um segundo para assimilar sua aproximação. Acaricio seus cabelos como uma forma de tentar acalmá-la.

— Ele já foi embora, Juliette — sussurro, deixando um beijo em sua cabeça. — Esse homem não vai mais te incomodar.

Leva algum tempo até ela se acalmar. Quando o faz, pergunto:

— Por que ficou assim? Por que ficou tão apavorada em vê-lo?

Ela se afasta e me faz falta. Seca as últimas lágrimas, em silêncio, cabisbaixa, talvez envergonhada com alguma coisa. Leva mais alguns segundos para que obtenha uma resposta:

— Foi ele quem me espancou.

Não sei como recebo essa informação. Dói. Não é uma dor na carne.

É pior. É uma dor na alma, que dilacera e chega no meu coração, atingindo-me de uma maneira indizível. Não consigo nem mesmo explicar o que sinto quando Juliette confessa que aquele homem… o pai do filho dela… a agrediu de forma tão violenta, covarde e desumana. Por Deus no céu, por que ele viria vê-la? Para infligir mais dor, desespero e medo? Por que não está preso?

Onde está a justiça nesse país?

Nesse momento, não digo nada, apenas ajo por impulso, movido por uma raiva desconhecida, atípica para mim. Quero ir atrás dele e fazer justiça.

Talvez não com as próprias mãos, mas não posso garantir não dar uns socos nele. Faço menção de deixar o quarto, cego de ódio, mas ela segura meus punhos com firmeza.

— Não — pede, notando o que estava prestes a fazer. — Pierre, por favor, não.

— Por que ele está impune? — questiono, indignado. — Por que não o denunciou, por que não… — Preciso tomar um pouco de ar antes de continuar: — Por que inventou essa história de assalto, Juliette?

Ela está chorando de novo quando diz:

— Tive meus motivos, Pierre. Por favor, por favor, estou implorando.

Não mexa com o Antony. Não sabe do que ele é capaz.

— Que motivos? — Quero saber.

Mas ela se nega a falar. Balança a cabeça em negativo, as lágrimas tornando a descer pelo seu rosto. Seguro sua mão com força e tento acalmá-la.

— Sabe que pode confiar em mim, não sabe? Para me contar o que quer que seja. Por que não o denunciou? Esse homem te ameaça?

Com um movimento débil, ela acena em positivo.

— Podemos dar um jeito de…

— Não — responde, com um fiapo de voz. — Você não entende. Não é só a mim que ele ameaça. Tem mais gente envolvida nisso e não quero que ninguém mais se machuque ou seja prejudicada.

— Juliette… — Suspiro, sentindo-me incomodado com essa sua decisão absurda.

— Só… deixe, Pierre. Não quero despertar a fúria daquele homem.

Fico em silêncio por longos segundos, mal percebendo que afago os cabelos dela, de forma suave.

— Tudo bem. Vamos esquecer o assunto.

Ela fica mais calma conforme sussurra *"merci"* um punhado de vezes. Procuro pela médica de plantão, querendo saber do quadro clínico dela. Ela me passa as informações necessárias, mas nada que Juliette não tenha me dito nas mensagens: ameaça de aborto, com sangramento, cólica, mas controlado com medicação, e já passa bem. Prescreveu repouso.

— Alguma possibilidade de ela já poder ir embora? Sou o obstetra dela e posso cuidar do caso, estarei por perto para o que precisar.

A médica autoriza a alta e eu vou lhe dar a notícia.

— Pode ir pra casa. Vou levar você.

— Você não é do tipo que oferece carona, né? — pergunta, enquanto tiro o intravenoso. — Tenho a opção de dizer que não precisa e posso ligar para o Adrien?

— Não, você não tem essa opção — brinco, colando um pedacinho de esparadrapo onde o acesso esteve. Um segundo de silêncio. — Estou brincando. — Ajudo-a a se levantar. — Se você não quiser que eu te leve…

Ela se escora em mim, suas mãos pequenas sobre meu tórax. Espero que não sinta como meu coração bate de forma louca por sua causa.

— Aprecio muito que não tenha opção com você — responde, erguendo seus olhos para mim.

No carro, insiro seu endereço no GPS, *Rue Carnot*, em Montreuil, no intuito de encontrar alguma rota alternativa e fugir do trânsito do caminho tradicional. A viagem vai durar uns vinte minutos, por causa da distância, mas será feita com maior fluidez. Ela está cansada, noto isso no seu semblante e postura.

— Por que não tira um cochilo? A viagem vai ser rápida, mas acho que você precisa descansar. Te chamo quando chegarmos.

Juliette me dá um pequeno sorriso e encosta a cabeça na janela, fechando os olhos. Antes de sair com o carro, pego um blazer meu no banco de trás e jogo sobre seus ombros. Ela sorri, ainda de olhos fechados, e se agarra à peça.

O trajeto dura dezesseis minutos. Juliette está dormindo. Não cumpro minha promessa. De um jeito invasivo, pego sua bolsa e procuro pelas chaves da casa. Ao encontrá-la, abro a porta e volto para buscá-la. Pego-a no colo, sua cabeça pendendo para o lado do meu peito.

A primeira porta que encontro não é a do seu quarto. Tem um monte de latas de tintas e ferramentas. A próxima porta parece ser o quarto dela.

Tem uma cama de casal, penteadeira, guarda-roupa e uma poltrona. Deito-a e

a cubro. Sento-me na poltrona e a observo por algum tempo. Meu plantão de doze horas começa a cobrar o seu preço e sequer me vejo fechando os olhos vagarosamente, caindo no sono. Não sei por quanto tempo durmo, mas acordo com a porta se abrindo e uma voz que exclama baixinho:

— Juliette, você já…

Ergo-me imediatamente, e mesmo com a pouca luz no ambiente, eu o reconheço.

— Doutor Laurent? — Seus olhos vão de mim para a prima, sua expressão se transformando na mesma hora. Está preocupado. — Aconteceu alguma coisa?

Deixo o quarto, ele me acompanha. No lado de fora, com a porta entreaberta, sussurro:

— Teve uma ameaça de aborto, mas já foi controlada e está bem. Só precisa e repouso e nada de fazer esforço.

— Certeza de que ela está bem? Nós precisamos levá-la a um hospital e…

Apoio a mão em seu ombro.

— Ela já esteve no hospital, Adrien. Só vim trazê-la.

— Há quanto tempo está aqui? — Sua pergunta tem um tom de curiosidade.

Olho no meu relógio de pulso. Pouco depois das onze.

— Pouco mais de uma hora. Nós deixamos o hospital umas nove e meia. Ela dormiu durante a viagem, não quis acordá-la, por isso a trouxe para cá.

— E achou que seria uma boa ideia passar a noite toda aqui, sentado naquela poltrona?

— Você não estava — justifico, o que em partes é mentira. — Não quis deixá-la sozinha, dormindo… Estava esperando você chegar. Juliette comentou que tem passado algum tempo com ela.

Ele balança a cabeça em positivo, olhando para ela através da fresta da porta e depois para mim. Há um instante de silêncio constrangedor entre

nós. Em que mundo eu achei que era uma boa ideia carregar uma mulher grávida e dormindo até o quarto dela e ficar aqui, vigiando-a? Deveria ter ligado para ele, *ela* deveria tê-lo informado da sua condição, para que esse momento embaraçoso não estivesse acontecendo.

— Ela me disse que tentou te ligar, mas não conseguiu — explico. —

Juliette me telefonou, me disse que estava no La Croix Saint-Simon. Como

médico dela, me senti na obrigação de ir até lá — minto. Não foi só "como médico dela" que me senti na obrigação de ir até lá.

Adrien fecha os olhos e suspira.

— Estava com meu orientador. Fiquei longe do celular para que pudesse me concentrar na minha tese — justifica. — Ela está mesmo bem?

— indaga.

— Sim. Só seguir as recomendações médicas — afirmo.

Outro segundo de silêncio. Decido que Adrien precisa saber da visita desagradável do pai do filho dela. Não sei o quanto sabe da verdade, mas suponho que, ligados e unidos como são, deve saber por inteira.

— O pai do filho dela estava lá quando cheguei.

Ele vira o pescoço para mim, em um movimento tão rápido que tenho a impressão de que vai deslocá-lo do lugar.

— O que aquele *fils de pute* do Antony foi fazer atrás dela?

Dou de ombros, tão sedento por respostas quanto.

— Não faço ideia. Juliette também não soube dizer como ele a encontrou. Mas pondero que não foi até lá com boas intenções. — Adrien me analisa um segundo, o cenho levemente franzido. Esclareço: — Ela me contou a verdade. Me contou que foi ele quem… — Tenho dificuldade em completar a sentença. — Quem a machucou daquela maneira. Não foi assalto.

Foi deliberado. Se esse Antony foi vê-la, depois de tudo que fez, não foi de boa-fé.

— É claro que não — murmura, olhando por cima do meu ombro, para a porta entreaberta. — Vou ver o que descubro sobre essa visita dele, como soube que minha prima estava lá e o que queria. Nem que eu precise ir atrás desse homem e socar a maldita fuça dele.

Aceno, em silêncio, torcendo para que descubra de que forma aquele diabo a

encontrou e quase implorando para que, se for dar uns socos nele, me chamar. Um segundo depois, noto que minha presença é desnecessária.

Preciso de um pequeno esforço para dizer:

— Como você já está aqui, vou indo. — Dou um passo para frente, mas sou impedido.

— Fica. Não é legal carregar uma garota grávida até o quarto dela e não esperar nem mesmo para se despedir.

— Juliette pode nem acordar hoje — observo.

Adrien abre um pequeno sorriso.

— Pelo jeito terá de passar a noite aqui. — Ele me dá dois tapinhas nos ombros. — Vou preparar alguma coisa para comermos.

Volto para o quarto e encosto a porta. Ela continua dormindo, então volto ao meu posto na poltrona e apenas fico a observando em silêncio por não sei quanto tempo. Adrien aparece minutos depois, com um copo de suco e dois sanduíches, e nos deixa sozinhos novamente. Acendo a luz do abajur para comer e, quando estou terminando, ela desperta. Remexe-se na cama e abre os olhos bem devagar. Localiza-se por um segundo e finalmente me vê.

— Já estamos em casa? — murmura.

— Sim. Não quis te acordar então… te trouxe para cá.

Juliette me olha atentamente por alguns segundos e sorri. Ela se afasta um pouco na cama, e vejo isso como um sinal. Não sei se entendo direito, mas resolvo arriscar assim mesmo. Se estiver entendendo errado, simplesmente me distancio. Contudo, conforme me aproximo e me deito ao seu lado, de frente para ela, não recebo nenhum protesto. Sinto sua respiração quente contra meu rosto; estamos tão perto e tão quietos que consigo ouvir as batidas calmas do seu coração. Jogo a coberta sobre nós.

— Vai me contar por que não denunciou o pai do seu filho por ter te machucado? — Ela desvia os olhos de mim e permanece em silêncio.

Aguardo uma resposta, que nem sei se terei, pacientemente, inspirando seu aroma natural e gostoso. — Confie em mim — peço, levando minha mão até seu rosto e a acariciando. — Confie em mim pra me contar o que aconteceu.

Tudo o que aconteceu.

— Para pensar mal de mim depois?

— Jamais faria isso, *ma chère*.

— Não até saber o que fiz.

— Você está falando com um cara que já teve sua cota de erros e vergonhas, que muito provavelmente ainda terá muitas outras pela frente.

Não tenho moral alguma para te julgar pelo quer que tenha feito.

Juliette fecha os olhos, suspira e move o rosto levemente de encontro à minha mão que ainda a acaricia, apreciando o contato.

— Ele é casado — sussurra, sem coragem de erguer as pálpebras e me encarar. — Dormi com um homem casado. — Quando aperta os olhos com força, sei como isso a afeta, de como se arrepende.

Cesso o carinho no seu rosto, não porque de repente sinto repulsa pela sua confissão, mas porque vou deslizando para outras partes do seu corpo, em um toque suave, brando, estacionando na sua cintura.

— Continue… — peço, baixinho.

Ela me conta como o conheceu, como se envolveram. Conta-me sobre as manipulações, como ele a fazia acreditar que a esposa merecia ser traída, como percebia os sinais sutis de um homem abusivo, mas tapava os olhos para isso, achando que podia mudá-lo, ignorando todos os conselhos de Adrien para tomar cuidado, como estava cega a ponto de engravidar de propósito como uma tentativa desesperada de fazê-lo se divorciar e prendê-lo.

Diz-me que revelou a gravidez e ameaçou contar sobre o caso deles à esposa, que a reação dele foi agredi-la.

— A moça dos girassóis, que foi me visitar outro dia — menciona —, é a mulher dele. Ela é uma boa pessoa, Pierre. Eu que fui burra, muito burra, em acreditar naquele homem.

— Você confiou nele. Ninguém pode te culpar por acreditar e confiar em uma pessoa, Juliette.

— Nesse caso, podem. Porque ele é casado, eu sabia disso. Sabia que não era correto me envolver com um homem comprometido e me envolvi mesmo assim.

— Porque ele te fez acreditar que a mulher merecia ser traída. Não estou dizendo que foi certo ser amante dele, mas… esse homem te manipulou, mentiu pra você e ninguém pode te culpar isso. Ele te agrediu. —

Engulo em seco, odiando só de pensar naquele covarde a atacando. — Juro que ainda não entendo por que não o denunciou.

Há um silêncio breve entre nós. Ela segue de olhos fechados, talvez envergonhada demais para me encarar. O que é um sentimento tolo. Jamais poderia julgá-la, não tenho sequer moral para isso. As pessoas são falhas, e falhar nem sempre significa falta de caráter. Alguém tem muito menos caráter quando não se arrepende, não aprende com os erros, quando se nega a admitir que errou. Este não é o caso dela.

— Ele me ameaçou. Disse que se eu fizesse qualquer coisa, terminaria o que começou. — Ela aperta os lábios, segurando o choro. Minha mão direita, em repouso sobre sua cintura, desliza para cima de novo, secando uma lágrima prestes a descer dos olhos dela, o que a faz finalmente me olhar.

— Bernardo ficou louco, disse que daria um jeito de fazer justiça sem me comprometer, mas tem a Ann-Marie, a esposa do Antony… — Juliette abre um parêntese breve para me explicar sobre o envolvimento dos dois. — Ela ia pedir o divórcio e agora também não pode. Por minha causa, entende? Eles têm medo que Antony pense que a mulher pediu o divórcio porque contei sobre nós.

— Uma medida de proteção, uma ordem de restrição a vocês duas não resolveria?

— Pierre, até conseguirmos isso, ele já teria tido uma oportunidade de nos machucar — argumenta.

Bile amarga sobe pela minha boca ao perceber que muito provavelmente ela está certa.

— Dupont encontrou um jeito — prossegue. — Descobriu algumas fraudes que o “amigo” estava envolvido na empresa dele e tínhamos o suficiente para colocá-lo na cadeia. Mas… — Sempre tem que ter um “mas”

não é? — O desgraçado também o ameaçou. Alguma coisa sobre expor o passado do Emilien, um passado que pode manchar o sobrenome dele, atrapalhar os negócios. Não faço a mínima ideia do que possa ser, nem como descobriu sobre isso, mas a questão é que Antony tem nós quatro sob ameaça

e é por isso que não ousamos denunciá-lo.

Preciso de alguns segundos para processar tudo o que ouvi. O mau-caratismo desse homem não tem limites, e eu o odeio sem nem mesmo conhecê-lo. Sinto uma vontade insana de sair daqui, procurá-lo em cada beco de Paris e enchê-lo de socos. Minha voz está levemente trêmula de raiva quando pergunto:

— Tem ideia de como te encontrou no hospital?

Sua resposta é um movimento negativo com a cabeça.

— Mas ele não foi lá porque teve uma crise de consciência e de repente se preocupava comigo e com o filho. Ele foi para me fazer mal, Pierre. Tenho certeza disso.

Em um rompante, ela está chorando, e no mesmo segundo abraço seu corpo, apertando-a forte contra mim. Não digo uma palavra, apenas deixo que chore e sinta que estou aqui e pode confiar em mim. Meus dedos afundam nos seus cabelos e massageio sua cabeça. De repente, dói em mim que ela esteja chorando. Meu coração aperta no peito, causando-me uma aflição quase insólita. Se pudesse tirar o medo, a dor que sente, se pudesse mudar sua história e reescrevê-la sem Antony na sua vida, não pensaria duas vezes.

— Você ainda está aqui — murmura, meio sem graça, afundando seu rosto no meu tórax.

— É claro que estou. Por que não estaria?

Sinto sua mão pequena entre nossos corpos, subindo lentamente até meu peito, parando na gola da minha camisa e a segurando com um pouco mais de força.

— Porque sou a vadia que dorme com homens casados… —

responde, afastando-se um pouco para que eu possa vê-la morder o lábio inferior.

— Sabe… — cicio, afundo mais meus dedos nos seus cabelos e trago suavemente de novo seu rosto para de encontro ao meu peito. — Se te faz se sentir melhor, eu já traí.

Ela me olha, esperando que eu continue.

— Era mais novo, dezoito ou dezenove anos, e estávamos em um relacionamento aberto.

Juliette me interrompe:

— Como se trai alguém em um relacionamento aberto? — O tom tem uma nuance de deboche, salientado pelo sorrisinho que ela abre.

— De muitas formas, acredite — respondo, aproximando meu rosto do seu. Ela fica séria no mesmo instante com a proximidade, minha boca rente à sua. — Tínhamos algumas regras — continuo — e a primeira delas era sempre falar com quem íamos sair. A segunda, não íamos manter com mais ninguém o que nós tínhamos. A primeira regra não era nem uma questão de ciúme ou possessividade, até porque se fosse, não estaríamos em um namoro aberto. Era uma precaução, principalmente com ela. Tinha receio de que encontrasse algum idiota que pudesse, sabe… machucá-la. Então sempre contávamos com quem estávamos saindo. Se íamos a um encontro, ela deixava endereço do local onde estava e o telefone de lá, nome com quem estava e um horário aproximado de quando chegaria. Eu fazia a mesma coisa.

Seus olhos estão atentos em mim, e percebo que hora ou outra desviam mais para baixo, talvez para minha boca, ou para o pedaço de pele exposta do meu peito que os dois botões abertos da minha camisa mostram.

— Logo quando entrei na faculdade, conheci uma garota. Era da minha turma. Rolou uma química entre nós, Mas não sei, por algum motivo que não entendo até hoje, não falei que tinha uma namorada e começamos a sair.

— Me deixa adivinhar — Juliette murmura, seus dedos delicados brincando com a gola da minha camisa. — Não contou para sua namorada que estava dormindo com essa outra garota?

— Não. Comecei a mentir. Dizia que ia a um lugar, mas ia me encontrar com ela. Nos vimos algumas vezes, mas deixamos claro que era casual. Ela não queria nada sério e eu tampouco, porque já estava comprometido com uma e a amava, e tinha a regra número dois. Não entro em uma relação amorosa se não estiver apaixonado e não estava apaixonado por ninguém mais do que senão minha namorada.

— Entendo. — Sua voz continua baixa e é seguida de uma pequena

risada.

— Mas aí — prossigo —, depois de algum tempo, as coisas mudaram.

Comecei a me distanciar da minha companheira, mentir cada vez para ela, para estar com a outra. Mais ou menos como acontece em relacionamentos fechados. A questão é que eu não amava aquela garota. Tínhamos uma atração incrível, o sexo era esplêndido, e se eu não tivesse passado tanto tempo mentindo para minha namorada sobre o meu caso, teria proposto um *ménage à trois*.

Juliette dá outra da sua risadinha acanhada e balança a cabeça em positivo. Faço uma pequena pausa e aproveito o momento para diminuir ainda mais a distância entre nossas bocas. Ela está respirando com um pouco mais de dificuldade agora.

— E o que aconteceu? — murmura. Quero beijá-la.

— Minha namorada descobriu. Quebrei duas das nossas regras, a mais essenciais do nosso relacionamento. Quebrei a confiança entre nós, eu a traí. Não tenho motivos para te achar uma vadia por ter dormido com homem casado, Juliette, porque, em algum nível, fui como o Ant…

Mais rápido do que eu posso ver, ela coloca o indicador sobre meus lábios.

— Não toca no nome dele e nunca, nunca mais, se compare a ele.

Vocês são completamente opostos, está bem?

Balanço a cabeça em positivo.

— Vocês terminaram depois disso? — Quer saber.

— *Oui*. E não as culpo. Mereci ficar sozinho. — Passo os dedos pelas suas sobrancelhas como se pudesse decorar seus contornos pelo meu toque.

— Então, se sente melhor? — pergunto, passando o polegar no canto dos seus lábios.

— Um pouquinho — brinca, fazendo um gesto com os dedos.

Caímos em silêncio de novo, seus olhos doces presos ao meu. Meu polegar ainda afaga o canto da sua boca, então desliza para cima, para a bochecha, detém-se um instante ali e volta, passando pelo lábio inferior, alcançando o queixo, tocando-a no pescoço e descendo vagarosamente até o

colo. Meus olhos estacionam um instante no seu decote, os seios espremidos que estimulam meus desejos mais lascivos. Quero tomar sua boca, experimentar seu gosto, acabar com essa vontade imensa. Torno a traçar o caminho do meu polegar, desviando-o agora para a direita e alcançando seus braços despidos, escorregando-o devagar cada vez mais para baixo, seguindo a curva do seu antebraço até encontrar seus dedos que se desprenderam da minha gola para encontrar os meus. Entrelaçamos nossas mãos, mantendo o contato visual.

— Minha maior vontade nesse momento — sussurro — é de te beijar.

— Por que está resistindo? — devolve, umedecendo o lábio inferior.

— Não estou mais — respondo, findando o espaço minúsculo que me separava dela.

Colo nossas bocas em um movimento suave e úmido. Juliette segura minha nuca e separa os lábios vagarosamente, sugando-me no mesmo ritmo, sua respiração ficando irregular. Seguro atrás da sua cabeça, uma porção do seu cabelo solto emaranhando nos meus dedos, e intensifico o momento, contornando o queixo delicado, descendo pelo pescoço. Com cuidado, minha mão livre sobe por dentro da sua camisa e para entre seus seios. Separo-me dela e, quando a olho, não vejo qualquer indício de que meu toque ousado a desagrada. Então recaio sobre sua boca de novo e termino o caminho da minha mão, enfiando-a por dentro do seu

sutiã. Rosno e ela geme no encontro da minha pele com a sua, quente e macia.

Delicadamente, giro meu corpo sobre o seu, mantendo-me nos meus braços para não pressionar sua barriga com meu peso. Ela pisca uma porção de vezes, suas mãos escorregando para dentro da minha camisa. Dedilha meu abdômen, o tórax, os ombros, e então volta, seu olhar atento em mim, o toque brando, como se quisesse me gravar na ponta dos seus dedos. Ela se detém no meu cinto, parecendo perceber que os dedos enroscaram na braguilha da minha calça e, inclusive, ela abriu o botão.

Minha respiração falha. Não quero que desista agora. Quero que continue, que desça meu zíper e me segure. Mas Juliette não faz isso. Suas mãos voltam rápido demais para o meu gosto, param na lateral do meu corpo por um segundo e alcançam minhas costas em seguida. Essa é a segunda parte em mim que queria senti-la.

O modo como me olha e umedece os lábios, sei que é um pedido. Um pedido para que a beije de novo. É o que eu faço. Gosto da sua boca, gosto mesmo, mas quero experimentar da sua pele, tudo de novo. É por isso que deixo seus lábios e desço mais uma vez, meus olhos ainda atentos aos seus.

Detenho-me um pouco no queixo. No pescoço, a atenção é especial e maior, principalmente quando noto que a agrada. Sua expressão entrega que essa parte é seu ponto fraco.

Meus lábios estacionam no limite do seu colo, no “y” entre seus seios.

Meu polegar e indicador estão trabalhando no seu mamilo intumescido quando, com a outra mão, abaixo um pouco mais seu decote e beijo o peito esquerdo. Estou prestes a tirá-lo para fora da camisa e sugá-lo até que a faça gozar só com isso, mas Juliette murmura:

— Pierre… — Ofega, o rosto virado para o lado, negando-se a me olhar, e só agora noto. — Eu não… — Compreendo antes mesmo que ela peça: — Pare, por favor.

Giro meu corpo de cima do seu e volto para o meu lugar, deitando-me de lado. Toco seu rosto e ela me olha.

— Você está bem? — pergunto.

Ela acena em positivo.

— Só não posso agora.

Dou um beijo no canto da sua boca.

— Está tudo bem.

Juliette abre um sorriso pequeno, aconchega-se no calor dos meus braços, esconde o rosto contra o meu tórax e sussurra:

— Agora sei que posso mesmo confiar em você.

— Sempre, Julie. Sempre.

COMPROMETIDOS

JULIETTE

Durmo nos braços de Pierre e acordo ainda nos braços dele, meu rosto contra suas costas despidas e quentes, meu braço contornando seu tronco forte. Desperto aos poucos, aproveitando que ainda dorme para inspirar o seu cheiro, apreciar o calor da sua pele, a textura dela, a maciez. Resvalo o nariz nas suas costas, lentamente, parecendo uma viciada. Rio baixinho contra seu dorso com o pensamento.

— Me agrada acordar com uma risada sua — ele murmura, rouco.

Nem me preparo psicologicamente para me deparar com seu rosto quando ele gira na cama, sorrindo.

— *Bonjour* — cicio, avaliando seu semblante marcado de sono.

Como pode ser bonito inclusive com os olhos inchados de dormir? — Como passou a noite?

— *Bonjour*. — Pierre se inclina para mim, sua aproximação acontece quase como em câmera lenta, e eu fico na expectativa de um beijo que acontece em seguida. Fecho os olhos e recebo seu beijo com agrado, retribuindo na mesma medida. Ele tem um sabor tão bom… Seus lábios são leves, suculentos, úmidos

na medida certa. — Dormi bem, e você?

— Bem… muito bem.

Ele me beija de novo, deslizando até um ponto um pouco abaixo do lóbulo da minha orelha. Circundo seu corpo, abraçando-o de um jeito meio desajeitado. Não sei se o que aconteceu aqui é certo, e eu já tive minha cota de coisas erradas por um tempo, mas não consigo me importar o suficiente com o fato de ter beijado, e quase dormido, com meu médico. Só Deus sabe como queria ter avançado o sinal ontem, e o que me impediu nem foi o senso

de certo e errado, ético ou antiético.

— Ontem… — sussurro, passando o indicador pelo seu tórax. —

Queria, queria muito, mas não posso…

— Juliette, não precisa se explicar, eu…

— Não é o que você está pensando — interrompo-o, passando o polegar pelos seus lábios como fez comigo ontem. Ele me dá um olhar curioso, perdido na minha justificativa. — Ordens médicas — esclareço. —

Preciso repousar, não fazer exercícios intensos e nada de sexo.

O semblante dele muda radicalmente, de sereno está agora apavorado, os olhos azuis bem abertos.

— *Oh mon Dieu! C'est vrai!* — "É verdade!" — Me esqueci… me esqueci completamente. Eu não… — Calo-o grudando nossas bocas. Ele reluta um segundo, mas corresponde, contornando minha cintura e me puxando mais para si. — Juliette, *je suis désolé.*.. Fui tão descuidado. E sou seu médico. Como pode o *seu médico* ter se esquecido disso?

Afago seu rosto, rindo da sua preocupação boba.

— Não tem que se preocupar com isso, Pierre.

Ele suspira, sorri e rola seu corpo sobre o meu, o que nos faz rir. Me beija uma última vez antes de se levantar. Pega a camisa jogada sobre a poltrona e se veste.

— Preciso ir para a clínica. Vou avisar o Gustave que não poderá ir por uns dias e assino seu atestado médico.

Observo seus movimentos, gostando até de como fecha a fivela do cinto, e esqueço de agradecer sua gentileza.

— Fica para um café da manhã comigo?

— Junto do seu primo? — pergunta. — Não vai ficar um clima estranho? Ele pareceu não gostar muito da minha presença ontem.

Bato a mão na testa, tendo me esquecido dele completamente. Adrien me aconselhou e aqui estou eu não lhe dando ouvidos pela segunda vez.

Posso estar contrariando todas as suas advertências nesse momento, mas juro para mim mesma que vou ficar atenta aos sinais. Fui falha nessa questão com Antony, mas não o serei com Pierre. Ao mínimo sinal de que é um idiota, corto nosso contato.

— Adrien é inofensivo. Um pouco preocupado demais, mas inofensivo.

Ele sorri e concorda:

— Tudo bem. Vou esperar no lado de fora, pra você se trocar. —

Vem até mim, se inclina e deixa um beijo rápido na minha boca.

Eu me visto com jeans básico, camisa branca, *cashmere* cinza e sapatilhas. Pierre está do outro lado da porta, esperando-me. Na cozinha, Adrien está terminando de espremer algumas laranjas para um suco. Ele nos cumprimenta e o agradeço por não alfinetar nenhum de nós dois sobre a noite passada. Pierre se senta ao meu lado e se serve com suco. Os próximos vinte minutos é agradável. Meu primo se mantém amigável e fala um pouco do seu doutorado. Laurent termina seu café da manhã, agradece a hospitalidade e diz que está no seu horário. Antes, claro, ele passa suas recomendações médicas:

— Precisa ficar de repouso, não invente de fazer esforços desnecessários.

Nem posso concordar porque Adrien me interrompe:

— Vou garantir que ela não erga nem mesmo o peso de um copo d’água.

Pierre ri enquanto se levanta, e eu bufo, irritada com seu excesso de preocupação e cuidado.

— Você não tem que trabalhar? — indago, também me levantando para acompanhar Pierre até a porta.

— Pedi três dias para o seu Ferdinand. Vou cuidar de você, Julie, queira você ou não.

Nem vai adiantar discutir com Adrien, então simplesmente o ignoro.

— Ele é um cara legal — Pierre menciona, já no lado de fora. —

Superprotetor?

— Um pouco — admito, não podendo ficar realmente irritada com ele por conta disso. Faz parte de Adrien ser assim e jamais poderia pedir para que deixasse de se preocupar.

— Se cuida, tá? — Ele me segura pelos dois braços, abre seu sorriso encantador e me beija, começando com um beijo suave que se transforma em intenso em pouco tempo. — Ligue para mim se precisar.

Quando fecho a porta e giro o corpo para voltar para a cozinha, Adrien está atrás de mim. Sua presença repentina me assusta. Pelo seu olhar, sei que viu Pierre me beijando.

— Não fala nada.

Ele faz um bico engraçado e depois sorri.

— Não vou dizer nada. Já disse tudo o que precisava dizer. Cabe a você decidir o que é melhor para a sua vida. Sempre vou torcer por você, Julie — diz, dando um passo à frente e me tomando em um abraço fraterno.

— Mesmo que escolha errado.

— O que achou dele? — Quero saber. — Quando conheceu o Antony, teve uma

má impressão logo de cara. E o Pierre, o que acha dele?

— Me pareceu uma boa pessoa, mas… as pessoas são mais do que aparentam ser.

Afasto-me dele e deixo um beijo no seu rosto. Fico grata pela sua preocupação, pela sua amizade, companhia e apoio.

— Vou ficar atenta aos sinais — garanto, repetindo o que se tornou o

nosso mantra.

— Já sei que aqui e aqui — ele coloca a mão na minha barriga e depois no lado esquerdo do meu peito — está tudo certo. — Sorri um pouquinho e completa: — Mas e aqui, Julie? — pergunta, tocando na minha têmpora. — Depois que aquele desgraçado foi te aterrorizar, como você está?

Meu coração se aperta ao me lembrar do terror psicológico que aquele homem me causou só de aparecer no meu quarto de hospital. Estava indo tão bem, cuidando da minha vida, do meu bebê, seguindo em frente, fazendo minhas consultas psicológicas uma vez por semana para lidar com isso tudo, aí aquele demônio aparece para trazer de volta as lembranças mais terríveis.

Na hora, fiquei muito desesperada e comecei a chorar no mesmo instante.

Mas quando Pierre atravessou a porta um minuto depois e o colocou para fora, senti um alívio enorme, embora continuasse histérica. Ele me abraçou, acariciou meus cabelos e me acalmou. Acalmou-me a ponto de eu confiar nele e contar tudo. Não sei que efeito é esse dele sobre mim, mas fico bem do seu lado, com a sua presença. Esqueço de qualquer dor, medo ou trauma.

— Bem, na medida do possível. Pierre chegou na hora certa e o colocou para fora. Antony não me perturbou mais do que alguns segundos.

Adrien acaricia o meu rosto, em um movimento suave, exibindo um sorriso conciso e o olhar perdido, embora esteja fixo em mim. Tem alguma coisa se passando nessa sua cabecinha.

— Sabe como ele te encontrou, o que foi fazer lá?

— Não para as duas perguntas — respondo.

Não consigo entender como me encontrou. Talvez esteja me vigiando? A simples ideia revira o meu estômago e me deixa com aquele medo irracional de novo.

— Essa ameaça de aborto… — menciona, afastando os dedos da minha pele e descendo os olhos para meu abdômen. — Você estava bem, não estava? Fez algo além da sua rotina, *chérie*? Não sei. Passou por algum estresse? Fez algum esforço? Tomou algum remédio? Isso. Remédio! Alguns

deles podem ser abortivos.

— Não, Adrien. Não passei por nenhum estresse, nem fiz esforço e nem tomei remédio sem prescrição.

— E comida? Bebida? Você e sua mania de ingerir porcarias. Pode ter comido alguma coisa que desencadeou isso. Ou beber. Tem bebido ou fumado?

Quero dar na cara dele. Adrien sabe que estou em abstinência até de café porque não quero correr riscos de fazer mal ao meu bebê. Até parece que ia fumar ou ingerir bebida alcoólica a ponto de causar um aborto.

Nego de novo, dizendo que tenho me alimentado bem nos últimos dias e que a única bobagem que comi foi um *cupcake* que Gustave me deu.

— Quem é Gustave Legrand? — Quer saber, erguendo uma sobrancelha.

— Meu chefe.

Há um instante em que ele fica refletindo alguma coisa.

— Por que ele te deu um *cupcake*, assim, do nada?

— Não foi do nada, Adrien — explico. — Era para “comemorar” meu aniversário de uma semana na clínica. Perguntei se ele faz isso com todo mundo e disse que não. Está na cara que era só o seu modo de flertar comigo e demonstrar que está interessado.

Meu primo fica reflexivo de novo e só o que quero saber é o que está se passando nessa sua cabecinha nesse momento. Mas provavelmente ele acha que

o *cupcake* causou minha ameaça de aborto. Como se *um* docinho fosse capaz disso. Adrien sendo exagerado só para não perder o costume.

— Olha, não deve ter sido nada que comi — argumento. — A médica que me atendeu disse que é muito comum ameaças e abortos espontâneos até a vigésima segunda semana de gestação. No primeiro trimestre é ainda mais normal. Já estou melhor, *chéri*, não tem que ficar procurando chifre em



cabeça de cavalo, *oui*?

Ele me dá um pequeno sorriso antes de se dar por vencido e dizer, encerrando o assunto:

— Tudo bem. Vá descansar, *chérie*.

Não sei por qual razão, mas algo me diz que Adrien ainda não está satisfeito.

— Apesar do susto há duas semanas — Pierre diz em tom baixo, passando o transdutor pela minha barriga na sala de ultrassom —, está tudo bem com o Valentin.

Suspiro de alívio, obrigando meu coração a bater em ritmo mais devagar. Não que ele não tivesse me assegurado o mesmo semana passada, quando apareceu na porta de casa às dez da noite e me arrastou para cá, desarmou o alarme da clínica, utilizou-se dos privilégios do seu cartão de acesso e fez um ultrassom. Confirmou que estava tudo bem com meu bebê e me deu cem por cento de certeza de que é um menino.

— Sua décima oitava semana de gestação. — Limpa o gel da minha barriga. — Já entrou no quinto mês. Parabéns, mamãe.

Pierre me ajuda a me levantar da maca. Minha mão repousa sobre seu tórax forte e nossos olhos se encontram por um segundo. Ele olha rápido ao redor,

certificando-se de que estamos sós. Meu horário da consulta seria apenas às quinze, mas ele me trouxe antes, bem antes, durante nosso horário de almoço, quando nem a recepcionista nem sua assistente estão.

Confirmando que estamos sozinhos, ele se inclina e me beija, e eu não penso duas vezes em retribuir. Não o vejo desde a ameaça do aborto durante a primeira semana, apesar de ter me ligado todos os dias para garantir de que

estava repousando como deveria. Quando minha licença médica de uma semana acabou, voltei a trabalhar, mas não nos encontramos, até ontem pouco antes do final do horário de almoço, por causa da sua agenda. Fiquei feliz em vê-lo e nem fiz questão de esconder. Acho que ele sentiu o mesmo, por isso me tomou noutro daquele beijo suave que fica forte e me tira o fôlego.

— Estive pensando… — fala com certo cuidado, suas mãos deslizando até a minha cintura. — Queria te levar para jantar hoje à noite.

Não tenho plantão e devo sair daqui umas sete ou sete e meia.

— Tem que ser hoje? — indago, enfiando a mão dentro do seu jaleco.

Ele fica bem de jaleco, fica *sexy.*

— Você não pode?

— Tenho o curso de maternidade às sete no Saint-Simon. Podemos ir depois ou deixar para quando estiver menos ocupado.

— Não me importo de irmos depois. Você me liga e vou te buscar.

Pode ser?

— Combinado.

Ergo-me nos pés e beijo seu rosto. Vamos juntos até a lanchonete da clínica e comemos um sanduíche natural. Conversamos um pouco e ele quer saber se Antony não tornou a me incomodar (como se não tivesse me perguntado o mesmo nos últimos quinze dias, *todos os dias*), e digo que não.

Adrien descobriu como ele me encontrou e quais as intenções tinha comigo, que,

segundo descobriu, não era de me machucar fisicamente, apenas me causar mais terror para garantir que eu não contasse nada à esposa. Babaca, nem tem ideia de que a mulher já sabe há muito tempo. Inclusive encontrou alguém que lhe dá o devido valor e só não se divorciou ainda por minha causa, para assegurar que eu fique bem e aquele crápula não desconte em mim suas frustrações e acessos de raiva. Bernardo não está no país, soube que viajou a negócios para o Brasil e ficará lá por algum tempo, o que só reforça que não devemos fazer nada, uma vez que Ann-Marie está sem a proteção de Dousseau e sob o mesmo teto do marido violento. Emilien me telefonou

outro dia, disse que ainda não conseguiu nada para que possamos denunciá-lo, então seguimos sob suas ameaças e de mãos atadas.

Perto de vencer o intervalo, ele se despede de mim nos corredores, segurando-me um segundo pelas mãos e me olhando com um sorriso. Ele vai para seu consultório e eu sigo meu caminho até o escritório. Gustave está aqui, falando com alguém no telefone e dando os últimos ajustes sobre algum evento. Acomodo-me em meu lugar e reorganizo meu espaço antes de retomar os trabalhos. Legrand encerra a ligação e, do seu lugar na mesa, me dá um sorriso de cumprimento.

— Algum problema? — pergunto, apenas para não ficar um silêncio esquisito sobre nós. Gustave não agiu mais de forma estranha comigo, trazendo-me *cupcakes* para comemorar os aniversários desde que comecei a trabalhar aqui.

— Nenhum. Só terminando de combinar os preços com um *buffet.* —

Ele mexe em uma papelada sobre sua mesa e questiona em seguida: — Vi que você entrou no consultório do Pierre. — Gustave não é nem um pouco observador, pode acreditar. — Sua consulta não era às quinze?

— Conversei com ele, perguntei se podia me atender no horário do almoço, sabe? Pra não atrapalhar meu trabalho — minto. — Tem três semanas que comecei a trabalhar aqui e já tirei uma de licença. Não acho justo pegar outro atestado.

— É um direito seu — menciona, ainda concentrado nos papéis e na bagunça da sua mesa. Não sei como consegue se concentrar e produzir com tanta coisa desorganizada ao seu redor, mas consegue. — Não tem que ter receio por causa disso.

— *Merci* — agradeço, e ele finalmente me olha, dando-me um sorriso pequeno.

Gustave não diz mais nada, torna a se concentrar no seu trabalho e eu faço o mesmo.



Sinto-me deslocada quando entro na sala do curso na ala da maternidade. Tem cerca de dez grávidas, todas com seus respectivos companheiros. Ótimo. A única sozinha por aqui. Paro no umbral da porta, observando o ambiente branco, espaçoso, bem-iluminado; há algumas cadeiras dispostas em fileiras, a grande maioria vazia. Quero virar nos calcanhares e ir embora. Estou pensando seriamente nisso quando o palestrante chama minha atenção e pede que eu entre. Aproximo-me e me acomodo mais ao fundo.

O curso começa no horário. O palestrante faz uma introdução rápida sobre os temas abordados durante as palestras. Passa bem quase uma hora quando a parte prática começa, e é nesse momento que me arrependo de ter vindo, porque fico completamente excluída desse primeiro instante. Os pais estão cingindo a barriga das esposas e conversando com os bebês. O curso preza pelo vínculo paternal e maternal desde o útero e estimula isso.

Meus olhos juntam lágrimas. Pensei em pedir ao Adrien para vir, ao menos para não ficar sozinha nesse momento e porque ele será a única figura paterna que Valentin terá. Teria pedido isso, mas não achei justo, porque já tem feito demais por mim, e eu o vi estirado no sofá, dormindo. Rio comigo mesma em pensar que ele tem dormido naquele sofá duro porque resolveu montar o quarto do bebê, mesmo que ainda falte relativamente muito para o nascimento. Não seria justo interromper seu momento de descanso e pedir que viesse.

— Gautier — o palestrante murmura, ao meu lado, e eu volto ao mundo real. — Sei que está sozinha, mas você pode…

— Ela não está sozinha. — Pierre surge de repente ao seu lado, o semblante meio esbaforido, sorriso cansado de quem correu uma maratona.

Olha-me, mas estou surpresa e assustada demais com sua presença aqui para confirmar, negar ou qualquer outra coisa. Estou grata, feliz, eufórica, confusa… Tudo ao mesmo tempo. Mas é o que ele diz em seguida

que mexe comigo, mexe tanto comigo que não sei dimensionar nem o que significa exatamente.

— Pierre Laurent — apresenta-se. — Sou o pai do bebê e companheiro dela. Desculpe o atraso. Trabalho.

— Sem problemas, Laurent. — O palestrante explica de novo a atividade e nos deixa sozinhos.

Pierre coloca a mão sobre minha barriga e me olha.

— Por que disse isso? — sussurro, abraçando seu pescoço e mirando seus lábios curvados. — Por que disse que é o pai do Valentin?

Antes de receber uma resposta, ganho um beijo cálido no canto da boca.

— Porque eu não podia dizer a verdade. Ia soar estranho, não acha?

— Pensando bem, ia soar mesmo. “Oi, eu sou Pierre, o obstetra dela, e vim acompanhá-la no curso”. Estranho, muito estranho.

Rio para mim mesma e ele me acompanha. Sua testa encosta na minha e penso que não tinha por que Pierre vir. Nenhuma obrigação. Mas aqui está ele, segurando minha barriga e a acariciando devagar e suavemente, os olhos amáveis nos meus. Isso demonstra o afeto que tem por mim, o quanto realmente se importa.

— Não precisava ter vindo, Pierre — murmuro, sentindo o nó na garganta, as lágrimas nos olhos. Ele tem feito por mim mais do que de fato mereço.

— Não vim porque precisava, vim por vontade própria. — Seu polegar me faz um afago na bochecha. — Vim porque gosto e me importo com você. — Tenho a impressão de que minha respiração falha por um segundo, mas nem tenho tempo de processar isso direito porque ele avança e me beija de novo.

Ao separar sua boca da minha, se ajoelha, o rosto na altura do meu

abdômen. Coloca a mão por dentro da minha blusa e posso sentir sua pele levemente gelada na minha. Prendo o ar quando ele aproxima seus lábios e deixa um beijo na minha barriga.

— Ei, garotão — Pierre murmura, movendo as mãos devagar sobre meu ventre. — A gente ainda não se conhece e espero te conhecer em breve.

Para isso você precisa parar de nos dar sustos como nos deu semanas atrás, combinado?

Sorrio e deixo uma lágrima descer pelo meu rosto. Nunca vou entender por que ele está fazendo isso, nunca vou poder agradecê-lo por esse momento. Enquanto conversa com Valentin, de repente sinto medo. Medo de que criemos esse vínculo e depois simplesmente nos afastemos. Penso seriamente nessa possibilidade por longos segundos, quase me esquecendo dele ajoelhado, falando com meu filho, *criando vínculo* com meu filho, afagando minha barriga como se esse bebê… fosse dele também.

— Pierre… — chamo-o, já na intenção de pedir para pararmos com isso, pelo bem de nós dois, mas um movimento dentro de mim me interrompe. Surpresa, olho para baixo, ainda sentindo pequenos chutes.

— Está sentindo isso? — pergunta, erguendo os olhos para mim. Pela expressão no seu rosto, está tão emocionado quanto eu.

— Estou. Valentin… está chutando. Está se mexendo.

— É a primeira vez? — Há um grande sorriso nele.

Abano a cabeça em positivo e cubro a sua mão com a minha, apreciando todo esse conjunto: minha mão sobre a dele, a dele em meu abdômen e os movimentos do bebê, que cessam um segundo depois. Quero sentir de novo. Quero essa conexão, esse vínculo entre nós três.

Pierre começa a falar outra vez, contando que viu um quarto sendo preparado para sua chegada, que ele terá a melhor mãe do mundo e um primo de segundo grau de quem vai gostar muito. Não demora quase nada até que Valentin volte a se mexer dentro de mim. Fica fácil compreender.

— Ele gosta da sua voz — constato.

Laurent não diz nada, os olhos fixos na minha barriga, sentindo os movimentos do bebê, que fica quieto outra vez. Como se para testar minha teoria, torna a falar, e, como eu já tinha suposto, os chutes voltam.

— Ele gosta da minha voz. — Pierre ri, não só com alegria, mas com uma genuína emoção que se manifesta em cada traço do seu rosto. —

Valentin gosta da minha voz — repete, pondo-se de pé e segurando meu rosto com firmeza. Sem que eu espere, me beija ao mesmo tempo que sorri e afaga meu rosto. — Agora sua vez de conversar com o bebê.

Faço o mesmo, contornando minha barriga, desejando fortemente que Valentin se mova mais um pouquinho para poder senti-lo. Digo que estou ansiosa para conhecê-lo, ver seu rostinho, acariciar sua cabecinha e deslizar por todo seu corpo pequeno e delicado, brincar com seus pezinhos, mãozinhas, a barriguinha. Menciono o Adrien, que será seu padrinho, que também está querendo conhecê-lo e que serão bons amigos. Até já posso imaginá-lo levando-o para brincar no *playground* perto de casa. Começo animada, falando de todos os planos e de como vai ser um bebê amado, mas daí… quando Valentin não se mexe ao som da minha voz, fico preocupada, frustrada e levemente triste. Por que só com Pierre?

Sinto um toque no meu queixo e ergo a cabeça para encontrar os olhos azuis e suaves.

— Não fique assim. Ele vai mexer independente se eu falar com ele ou não. Paciência. — Beija minha testa, minha bochecha e meu queixo.

Agarro-me a isto e abano a cabeça em positivo, apoiando minha cabeça no seu peito.

Seu aroma bom me invade e me sinto confortável e protegida nos braços dele. Eu me sinto diferente perto de Pierre. Não gosto de pensar na comparação, mas é inevitável, porque me ajuda a distinguir meus sentimentos, mas a verdade é que nunca me senti assim com ninguém.

Qualquer homem que tenha passado pela minha vida, só por Antony eu tive algo mais profundo. Não quero afirmar que o amei, não mesmo, porque machuca no fundo da minha alma pensar só por um instante que amei uma



pessoa como Leclerc.

Mesmo com esse desgraçado que despertou isso em mim, não é nem de longe como me sinto perto de Pierre. Não mesmo. Com Antony, fazia planos bobos de vê-lo separado da mulher e ser assumida, queria viajar para todo lado sem ser às escondidas, morar com ele. Com Pierre, não penso em planos bobos, ou em ser assumida, ou em viagens, ou em sexo. Penso em como gosto do toque dele, da voz, do sorriso, da risada, do cuidado que sempre teve comigo, do modo como me beija, como me olha, da forma como meu coração dispara quando penso nele ou quando estamos juntos e como fico toda balançada só com o fato de ele estar por perto.

Com outros caras, havia tensão sexual, e não reclamo da tensão sexual porque a adorava, mas nunca passaram disso e sei disso agora, sei porque, por mais que eu queira dormir com Pierre, não se trata apenas de *dormir com ele*, se trata de deitar ao seu lado e abraçá-lo, de tocar suas costas, dedilhar o seu rosto, sentir a aspereza do cavanhaque, deslizar os dedos até seus cabelos e afundá-los, sentir a maciez dos fios pretos (ou seriam castanho-escuros?

Preciso perguntar), e apreciar o seu corpo rolando sobre o meu antes de me dar um beijo, se levantar e ir cumprir sua rotina. Com Laurent, não é só o desejo sexual, é como fico atraída por cada gesto simples, é como adoro cada detalhe dele, é como cada parte de mim parece amar cada parte dele.

Volto ao mundo real quando o palestrante dá novas instruções no curso. Ele distribui algumas bonecas usando fraldas e nos pede para irmos até o fundo da sala, onde há alguns trocadores disponíveis.

Ótimo, vamos aprender a trocar fraldas. Preciso mesmo disso.

— Não sabia que você sabia trocar fraldas! — protesto, caminhando pela calçada enroscada aos braços dele cinco minutos depois que o curso acaba.

Foi bom. Aprendemos a trocar fraldas (eu aprendi, uma vez que ele já sabia. Como, não faço ideia), depois tivemos uma aula rápida sobre a amamentação, detendo-nos pouco sobre a parte teórica e informações de como amamentar o bebê pode fazer muito bem e focando mais na parte prática. Depois, falaram sobre o parto, as dores, contrações e conselhos de procurar o hospital só quando as contrações vierem a cada cinco minutos. A cada nova informação, Pierre sussurrava um "já sei disso e poderia ter te ensinado". E torci, cada maldito segundo, para que se inclinasse em meu ouvido e sussurrasse de novo e de novo e de novo. Porque amo o som da voz dele.

— Não é só da saúde de mulheres que entendo — responde, puxando suavemente minha cabeça para deitá-la em seu ombro.

— Como pode saber trocar fraldas?

Ele fica em silêncio por alguns segundos, como se hesitasse em responder.

— Tenho um sobrinho.

— Faz muito sentido — admito e espero que me conte mais sobre sua vida.

Só nesse momento noto que não o conheço de fato. Sei que trabalha no Necker, na clínica e acabei de descobrir que tem um sobrinho. E… é tudo.

Não sei onde mora, se tem mais irmãos… *Mon Dieu!* Não sei nem da idade dele direito. Então, tenho uma sensação que me acerta com a força de um raio, dando-me um *insight.* Paro de caminhar de repente, atingida pela minha falta de cuidado.

— O que foi? — Pierre pergunta.

— Você é solteiro, não é? — questiono, como se só agora me desse conta de que posso outra vez estar me envolvendo com um cara comprometido. Não deveria realmente fazer esse tipo de pergunta porque é ridícula. Um cara comprometido que está se envolvendo com outra pessoa não vai contar a verdade.

— Por que está me perguntando isso? — Ele está confuso.

— Só responde. Sinceramente, só responde.

— Se eu não fosse solteiro, não estaríamos juntos, Juliette.

— Minha experiência diz o contrário — respondo, um pouco mais rude do que gostaria. — E você também já traiu, se lembra?

Imediatamente um segundo mais tarde, me dou conta da besteira que disse e tapo a boca, como se pudesse voltar atrás nas palavras ditas. Dou um passo à frente, murmurando um *"désolée"*, e ele recua. Vejo a decepção em seu rosto e me sinto uma estúpida.

— Não sou o Antony. Posso ter, em algum momento da minha vida, cometido erros semelhantes, mas absolutamente não sou ele. Eu errei, Juliette, nunca escondi isso, mas não te contei para você usar contra mim.

Sou uma idiota. Eu me afasto dele, caminhando para longe, sentindo-me a pessoa mais estúpida da face da Terra. Como pude dizer isto para ele?

Pierre me contou para que me sentisse melhor, para que não me sentisse uma vadia suja, e é assim que retribuo? Sendo uma vaca julgadora?

Eu mal ando cinco metros quando ele me agarra pelos braços e me vira em sua direção. Só noto que choro quando ele seca minhas lágrimas teimosas.

— Entendo você, está bem? Não quer cometer o mesmo erro e, acredite, Julie, também não quero errar de novo. Te garanto que sou solteiro.

Quero dizer… talvez não, porque estou comprometido com você.

— Me desculpe — peço, desesperando-me mais ao invés de me acalmar. — Não queria ter dito aquilo, saiu sem nenhuma intenção de… —

Pierre me abraça, com força, beijando o pedaço de pele abaixo do meu lóbulo da orelha. Não diz uma palavra, só fica assim, envolvendo meu corpo com seus braços até a minha histeria passar.

— Passou, Julie, está tudo bem agora.

— Você me perdoa?

Pierre se afasta, acaricia meu rosto, o vento parisiense balançando meus cabelos.

— Claro que perdoo. Agora, a gente pode esquecer a nossa primeira discussão de casal e ir comer? Estou morrendo de fome.

BÔNUS – PLATÔNICO

ADRIEN

Eu vou matar aquele desgraçado, penso, enquanto caminho pelos corredores da clínica. Vou matar o maldito do Antony, não só por ter ido atazanar a vida da minha prima, mas pela covardia de ter atentado contra a vida dela. Ainda não me conformo que Juliette não tenha o denunciado, e se ele não apareceu com a cara arrebentada foi porque tive que ter muito autocontrole para não o procurar e enchê-lo de socos. Maldito desgraçado dos infernos. Esforço-me para manter a calma. Não posso demonstrar nenhum tipo de nervosismo para essa conversa com Gustave.

Ele já está na porta do escritório quando chego. Fui anunciado ainda na recepção e orientado a seguir por aqui quando Legrand autorizou. O

homem estica a mão para mim para me cumprimentar. Juliette me falou dele duas horas atrás e, confesso, fiquei desconfiado. A garota estava bem e, de repente, tem uma ameaça de aborto, depois que ingeriu um *cupcake* que *ele* deu? Pode ser só paranoia minha, mas prefiro investigar a fundo e ficar mais tranquilo. Ou socar a cara do maldito.

— Gustave Legrand — apresenta-se, apertando minha mão com força.

Ele é bonito e parece bem-apessoado dentro do seu jeans passado, camisa de gola e malha azul-marinho. Entretanto, minha experiência diz que aparência não define caráter de ninguém.

— Paul Garnier — invento um nome qualquer. Não quero que ele saiba, de alguma forma, que tenho parentesco com Juliette, nem que ela saiba que estive aqui.

Legrand indica sua sala e eu entro, sentando-me em uma cadeira frente à sua mesa extremamente bagunçada depois que me oferece. Ele se põe no lado oposto, joga um pouco da bagunça para dentro de uma gaveta e

finalmente me olha.

— A recepção me disse que gostaria de falar comigo. Desculpe se é indelicado da minha parte, mas, nós nos conhecemos?

— *Non*. Vim por indicação. — O franzir das suas sobrancelhas se acentua mais. — Temos um amigo em comum, ele me disse que você está à procura de um arquiteto, para fazer um projeto, então… Vim para podermos conversar a respeito.

Gustave se ajeita na sua cadeira, levando a mão até o queixo com um cavanhaque bem-aparado e o afagando. Ele me analisa um instante antes de perguntar:

— Um amigo em comum? Que amigo em comum?

Bem, é agora. Se Gustave der um sinal de que conhece aquele desgraçado, vou prensá-lo contra a parede, enchê-lo de socos e depois perguntar se, a mando do maldito, colocou alguma coisa no bolinho que pudesse ter causado a ameaça de aborto. Isso mesmo, bato e depois pergunto, porque é dessa maneira que esse tipo de gente deve ser tratada. Sem dó, sem piedade, sem compaixão.

— Antony Leclerc — menciono, atento e estudando a reação de Legrand diante o nome.

O homem franze ainda mais as sobrancelhas e balança a cabeça em negativo.

— *Désolé*, mas não conheço nenhum Antony Leclerc. E, além do mais, também não estou precisando de nenhum projeto.

Retiro o celular do bolso, acesso uma foto qualquer de Leclerc que achei na internet e mostro para ele.

— Tem certeza?

Gustave pega o telefone da minha mão, observa a foto e novamente nega.

— Não, não o conheço. Está certo disso? De que ele disse que *eu* estava precisando desse tipo de serviço e que somos amigos?

Tomo o celular e o guardo no bolso outra vez.

— Sim, foi o que Antony me disse. Gustave Legrand. Me deu o endereço daqui e tudo mais.

— Sinto muito, Garnier, mas não sou esse homem que está procurando. Seu amigo deve ter se confundido.

Fico em silêncio durante um segundo, encarando-o, procurando alguma indicação nas suas palavras, na sua postura, na sua feição, de que está mentindo para mim. Contudo, Gustave está mesmo confuso com isso tudo, com cara de quem não está entendendo nada. Não, ele realmente não conhece o traste do Antony. Talvez o episódio do bolinho tenha sido só mesmo o que Juliette alegou: um flerte.

— Tudo bem — digo, por fim, esticando a mão para uma despedida.

— Desculpe se te incomodei.

— Não é nada.

Da clínica, decido ir para o Saint-Simon. Mesmo que Legrand tenha me passado um pouco (mas só um pouco) de confiança, ainda estou encasquetado com essa ameaça de aborto e esse abençoado bolinho. Se ele colocou algo de propósito no *cupcake* para provocar algo assim, com toda certeza um exame detectaria a substância.

Procuro pela médica que atendeu minha prima e, por sorte, ela ainda está de plantão. Identifico-me como primo de Juliette e relato minhas desconfianças de que a ameaça de aborto foi provocada por alguma medicação que possam ter colocado em um bolinho que ela comeu, mas a doutora me informa que nos exames não foi identificado nenhuma substância ou medicamento que possa ter induzido um aborto A doutora me informa o mesmo que Juliette: que esse tipo de coisa é muito comum e que não identificar o motivo desses sintomas também é bem normal.

Deixo o La Croix Saint-Simon com o peito mais leve, mas ainda com uma dúvida na cabeça. Já está claro que Gustave *não* conhece Antony e nem colocou qualquer coisa abortiva no *cupcake* a mando do maldito. Foi algo natural e comum, conforme a médica do caso me assegurou. Ainda assim, não consigo entender como ele a encontrou, como exatamente sabia onde minha prima estava.

Tenho vontade de procurá-lo na galeria que comanda e enchê-lo de

porrada e perguntas. Só não faço isso porque conheço bem homens como ele.

Antony vai revidar, mas não será em mim. Vai me atingir pegando no meu ponto mais fraco, ameaçando Juliette e Valentin. Jamais os colocaria sob esse risco sendo que posso evitar.

Estou chegando em casa quando vejo uma das vizinhas de Juliette terminando de descarregar algumas sacolas de um táxi. São bastante e me parecem pesadas. Corro oferecer minha ajuda. Com um sorriso caloroso, *madame* Clement agradece e me entrega as sacolas, liderando o caminho até sua casa. Descarrego suas compras sobre a mesa.

— Muito obrigada, *mon chèr* — a senhora agradece, já retirando um bule para preparar um café, colocando um sorriso agradável no rosto. — Não se encontram muitos jovens dispostos a ajudar hoje em dia.

— Não precisa me agradecer, senhora Clement. Posso ajudar em algo mais?

— Talvez apenas ficar e tomar um café com esta velha? — pede, enchendo o bule com água.

Abro um sorriso pequeno.

— Aprecio sua oferta, mas não posso ficar. Tirei uns dias de folga para cuidar da minha prima.

A senhora se vira na minha direção depois de colocar a chaleira no fogo.

— Ah, eu soube. Vi a ambulância parada aí em frente. Pobrezinha.

Como ela está? Tudo bem com ela e com o bebê?

— Sim. Foi apenas um susto. Os dois estão bem.

Clement coloca a mão no coração, em um gesto de alívio.

— Ah, que bom. Foi um belo de um susto, não é? O pai do bebê ficou tão apavorado quando contei!

Arregalo os olhos com essa informação e nem me vejo dando passos para frente, desviando-me da mesa no centro da cozinha e chegando mais perto da senhora.

— O que disse?

Ela me encara ligeiramente assustada como o modo como me aproximo e o tom raivoso da minha voz.

— O pai do bebê dela — reafirma. — Ficou assustado quando soube.

— Leclerc esteve aqui ontem? — indago, tendo de controlar a raiva que sobe pela minha espinha. Ah, mas aquele maldito ousou mesmo vir procurá-la? É claro que sim. Antony não é bobo, sabe que ela vive sozinha, é uma mulher grávida que facilmente infligiria medo.

— *Oui*. Uma meia hora depois que a ambulância a levou. Eu estava aqui preparando o jantar e o vi apertando a campainha. — A senhora aponta para a janela acima da pia, que dá uma visão direta para a porta de entrada de Juliette. — Fui informá-lo que não havia ninguém em casa, ele disse que era o pai do bebê da senhorita Gautier e perguntou se eu sabia onde ela tinha ido.

Me senti na obrigação de informar que ela tinha sido levada para o hospital.

Fecho os olhos e inspiro profundamente. Então foi assim que ele soube, mas não explica como a encontrou. Muito provavelmente ligou nos hospitais da redondeza perguntando por ela e não demorou a descobrir que estava no Saint-Simon. Então foi lá aterrorizá-la.

— Eu fiz algum mal? — pergunta, voz levemente trêmula de arrependimento.

— Sei que só quis ajudar, *madame* Clement. Mas aquele homem não é boa pessoa. Fez muito mal a Julie no passado.

— Sinto muito! Se soubesse, jamais teria dado essa informação. Ele foi atrás dela no hospital, lhe fez algum mal?

Abano a cabeça em negativo e explico que o médico de Juliette chegou a tempo de expulsá-lo e impedi-lo que a perturbasse. A senhora fica inconsolável por alguns minutos, sentindo-se mal por ter feito o que fez.

Como se ela tivesse mesmo culpa. Estava apenas tentando ajudar. Jamais poderia julgá-la ou culpá-la por isso. Consigo acalmá-la e dizer que está tudo bem.

— Mas se esse homem aparecer por aqui de novo…

— … eu aviso — ela completa por mim.

Pego um pedaço de guardanapo e uma caneta e anoto meu telefone.



— Não importa que horas sejam. Me ligue se esse homem vier incomodar minha prima. — Ela acena em positivo e, por fim, deixo sua residência.

Ao invés de ir para a casa ao lado, tenho um assunto a resolver.

Mando uma mensagem para Juliette, dizendo que vou demorar um pouquinho mais, mas que chego em breve. Aconselho que se mantenha de repouso e não coma muitas besteiras. Tirei três dias para cuidar dessa cabeça-dura, só que antes preciso tirar algumas coisas a limpo e garantir a segurança dela.

Isso significa que preciso confrontar o Antony.

Ele sorri como se fôssemos amigos há décadas, atrás da sua mesa, em pé, e tudo o que quero é empurrá-lo pela janela e vê-lo espatifado na avenida lá embaixo. Eu me seguro para não concretizar esse desejo porque homicídio continua sendo crime na França e o único criminoso aqui é ele.

— Que surpresa a sua visita — diz, erguendo uma sobrancelha.

Concentre-se, Adrien. Concentre-se.

Forço um sorriso e encosto a porta atrás de mim, sentindo meu coração bater feito um louco.

— Não diga isso como se estivesse realmente pasmo com minha presença — rebato, minhas palavras saindo entredentes.

Antony não se dá ao luxo de tirar esse maldito sorriso cínico do rosto e indica a cadeira à frente da sua mesa para que eu me sente, mas recuso. Não pretendo demorar e isso não é uma visita social.

— Juliette me disse que foi perturbá-la no hospital.

Ele coloca a mão no peito, num sinal que está ofendido com o que disse. É mesmo um hipócrita desgraçado.

— Fui apenas saber como ela e meu filho estavam. Não a vejo desde…

— … que a espancou? — interrompo, completando sua sentença.

O sorriso nele vai desvanecendo aos poucos, seus olhos fixos em mim marcados por um traço de raiva e loucura. Antony volta a se sentar na sua cadeira, remexe em alguns papéis sobre sua mesa, talvez à procura de alguma coisa, e me responde:

— É uma acusação muito grave. Tem alguma prova disso? —

pergunta, erguendo os olhos para mim outra vez.

Aperto o maxilar com mais força e fecho os punhos, precisando contar até dez para me manter no controle.

— Nenhuma. Mas eu sei. Julie nega até a morte que você fez isso, insiste na maldita história do assalto, mas não acredito, nunca acreditei. —

Dou passos para dentro até chegar à mesa dele. Espalmo contra a superfície e inclino levemente o corpo para frente, encarando-o seriamente. — Essa sua visita, e como minha prima ficou perturbada, só confirmou minhas suspeitas de que você a machucou daquela maneira covarde.

— Se insiste nisso, por que não me denunciaram? — pergunta, abrindo outro do seu sorriso de triunfo com uma pitada de ironia.

— Você sabe bem por quê. Mas escute, Antony, ainda vamos descobrir um jeito

de fazer justiça sem que isso ameace a integridade da Julie ou a imagem de Dupont.

— Estou ansioso para isso, Bourdieu — responde, pleno de si. — Se era só isso o que veio fazer aqui, pode ir embora. Tenho mais o que fazer.

Endireito minha postura e, movido por um ataque de raiva, derrubo tudo o que está na mesa dele. Papéis, canetas e toda sorte de objetos de escritório voam direto para o chão. Ele se levanta do seu lugar, enfurecido, e vem até mim, os olhos vermelhos, a face contorcida em uma raiva demoníaca, mas, antes que possa me golpear, eu o seguro pelo colarinho.

— Me diz o que foi fazer atrás da Julie — ordeno. Meu coração bate nos ouvidos e estou a um passo de socar a cara dele. — O que queria com ela, verme desgraçado? Me fala!

Antony se livra da minha pegada e dá um passo atrás, sem se abalar com minha reação raivosa.

— Já disse, fui saber se eles estavam bem.

Dou uma risada lunática.

— Esse seu cinismo e falsa preocupação não vão funcionar comigo.

— Cerco-me dele outra vez, deixando nossos rostos próximos um do outro.

— Ou me diz o que foi fazer atrás dela, que intenções tinha, ou juro por Deus que você só sai daqui em cima de uma maca.

Ele abre outro do seu sorriso cínico e, espalmando contra meu peito, empurra-me para longe.

— Não gosto disso, Adrien. Deveria tomar cuidado com o que fala para mim e *como* fala comigo. Já tenho sua prima sob ameaça. Não ligo em colocar você na lista também.

Meu sangue borbulha e por um fio não fico irracional, prestes a agir como um Neandertal. A sorte de Antony é que ele sabe que pode ameaçar a integridade de Juliette e isso é o bastante para me manter na linha. Juro que usaria meu réu

primário nesse maldito se ao menos valesse a pena. Mas nem isso vale.

— Como sou um cara legal, vou responder à sua pergunta e relevar a sua ameaça — diz, contornando sua mesa e sentando-se outra vez. — Minha mulher está estranha. Mal conversa comigo, evita me olhar, anda distante.

Desconfiei de que Juliette abriu a boca e contou sobre nosso caso, sobre a gravidez, talvez até sobre o… — Faz uma pausa, me olha atentamente e sorri de um jeito perverso. Por Deus, por que não tenho um gravador aqui e agora?

— Você sabe. Enfim, fui lá para pressioná-la um pouco e tirar minhas dúvidas.

Sinto meu corpo tremer ligeiramente. Trinco os dentes, como um meio de manter o controle das minhas ações. Está cada vez mais difícil ficar aqui e não arrebentar o nariz de Antony.

— Juliette não contou nada — digo, tenso e rígido no meu lugar, contendo toda a minha fúria. — Ela só quer tocar a vida, Antony. Minha prima não quis nem te denunciar, e, sabendo que você é uma ameaça à integridade dela, não teria coragem de contar qualquer coisa à sua esposa.

— Só fui me certificar disso. E é bom que ela continue de boca fechada.



— É bom — digo, aproximando-me da mesa outra vez — que você pare de perturbá-la. Deixe minha prima e o bebê dela em paz. Se eu souber que a procurou de novo, escute bem, não vou pensar duas vezes em socar a sua cara, mesmo que isso me leve para a delegacia.

Antony me dá um sorriso desprezível e não espero por uma resposta sua. Vou embora antes disso.

Sobressalto, meio desajeitado no sofá, quando meu telefone toca.

Localizo-me um instante antes de procurar pelo aparelho por baixo das almofadas, ainda sonolento pelo cochilo. No visor, o nome do seu Ferdinand pisca como um aviso de que não vou poder voltar a dormir. Atendo rapidamente, tentando disfarçar a voz de sono.

— *Garoto, sei que seu expediente já acabou, mas estou preso em uma maldita reunião, não tenho ideia de quando vou sair. Pode ser logo, como pode demorar, e Marjorie está desembarcando em Paris.*

Meu coração dá um salto dentro do peito quando suponho que pedido ele vai me fazer. Apesar de trabalhar com Ferdinand, o contato com a filha dele é bastante raro, muito porque ela vive mais fora do país e tem um apartamento independente na cidade. E mesmo quando esses “contatos”

acontecem, ela nunca, nunca repara em mim. Porque não faço parte do seu mundo, porque sou completamente invisível para ela. Juliette já me aconselhou a dar um passo em vez de ficar com essa minha paixão platônica desde que era um pivete, e não é nem por falta de coragem, mas nas raras vezes que a vejo a mulher, sempre está ocupada demais digitando no telefone, ou conversando no telefone, ou acompanhada de uma amiga, da mãe, do pai.

— *Preciso que vá buscá-la para mim. Posso contar com sua ajuda?*

Abano a cabeça em positivo. Digo, quando me recordo de que ele não pode ver meu gesto:

— Claro, *monsieur* Chevalier . Estou indo agora mesmo.

Ele agradece e pede para que eu passe na sede da sua empresa depois que entregar a filha para assinar um cheque de abono da semana. Não tenho do que reclamar do meu emprego. Ferdinand me paga muito acima do piso da categoria, recebo horas extras muitas vezes em dinheiro, e toda semana ele me dá esses abonos. Trabalho feito um condenado? Trabalho. Mas não são todos os funcionários que têm os privilégios que eu tenho com o patrão.

Talvez isso seja porque ele me viu crescer, empregou minha mãe que trabalha na família até hoje. Talvez tenha algum tipo de carinho especial por mim e por esse motivo sempre que preciso, me ajuda. Como ter comprado o apartamento em que moro e descontar do meu salário, me dar férias duas vezes no ano e folgas quando preciso, como aconteceu quinze dias atrás que pedi três dias para cuidar

da Julie.

Levanto-me rapidamente e desamasso a roupa do corpo. Ainda estou de uniforme porque cheguei extremamente cansado, mal escutei o que Juliette me disse, despenquei no sofá e caí no sono. Falando em Juliette, eu a procuro pela casa, mas tudo que encontro é um bilhete escrito a punho.

“Fui ao curso de maternidade no Saint-Simon. De lá, vou jantar com Pierre. Não precisa me esperar nem cozinhar pra dois. Se cuida. Te amo”.

Amasso seu bilhete, procuro meu quepe e o encaixo na cabeça assim que encontro. No carro da empresa, que fica comigo porque meu contrato exige que esteja à disposição do patrão a qualquer hora, inspiro fundo duas vezes antes de dar a partida e seguir para o aeroporto. Confiro se o lugar está todo em ordem quando estaciono. Estofados e assoalhos limpos, *kit* de higiene básica no porta-luvas, carregador de celular, um telefone

“descartável” com chip, alguns euros, caneta esferográfica e piloto, papel e cartão de crédito no nome de Ferdinand. O homem mantém esse pequeno kit em caso de alguma necessidade.

Pego uma folha sulfite e risco nome e sobrenome da minha passageira com a caneta piloto. Dez minutos mais tarde, estou na área de desembarque, segurando a plaquinha — “Marjorie Chevalier” — e a esperando. Não sei por que estou nervoso dessa maneira enquanto a espero, tendo de trocar o peso das pernas a cada dois minutos e sentindo meu corpo suar frio por baixo do

terno. *Mantenha a calma, Adrien*, exijo de mim mesmo. É só a filha do meu patrão. Por quem sou apaixonado desde os meus treze anos, sete anos mais velha do que eu e que não faz ideia que existo. Nada demais.

Ela surge dois minutos depois e prendo a respiração sem nem perceber. Está usando uma calça meia-canela, preta e justa, camisa social de seda rosé, saltos. Seus cabelos castanhos estão repicados na altura da mandíbula e ela fala e ri ao telefone à medida que se aproxima.

Não morre, Adrien.

Ela me vê e sorri. Eu me mantenho no meu lugar, sem mexer um músculo, sem expressar qualquer emoção.

— Senhorita Chevalier — mesuro, fazendo um movimento rápido de cabeça quando se aproxima.

Ela sorri bem pequeno, sorriso de educação, e acena, passando por mim, sem deixar de falar ao telefone, arrastando sua mala de rodinhas.

Apresso-me a liderar o caminho até o carro. Abro a porta de trás para ela, que entra, deixando a bagagem no lado de fora, que eu coloco no porta-malas.

— Oi — diz, assim que saio com o carro. Olho pelo retrovisor, e Marjorie está com a mão tampando o microfone do celular, levemente inclinada para frente. — Se importa em me levar para um lugar antes de me deixar em casa?

— Estou à sua disposição, senhorita. Posso te levar aonde quiser.

Marjorie sorri, passa as coordenadas de onde devo levá-la, se recosta no banco do carro e torna a conversar com quem quer que seja do outro lado da linha. Esforço-me para não prestar atenção na sua conversa, mas não consigo, principalmente porque está falando sobre o ex-noivo.

— Elizabeth, já te disse que não vou atrás do Emil. — Marjorie suspira, olhando para fora. Ela entreabre os lábios, na intenção de dizer algo, mas desiste. Alguns segundos se passam até que consegue se pronunciar: —

Escuta, sei que o maior sonho da sua vida é me ver casada com seu filho, mas você sabe que ele não me ama. Talvez nunca tenha amado. Está na hora de superarmos isso e seguirmos a vida.

Só um idiota é capaz de não amar essa mulher. Olha só para ela. É

bonita, bem-sucedida, independente, acho até que é carismática. Paro de observá-la pelo espelho e me concentro no trânsito, afastando meus pensamentos porque preciso admitir que nem eu a conheço direito.

— Não sei — responde, o olhar ainda perdido na visão noturna passando pelo lado de fora. — Sabe que amei seu filho um dia, mas isso foi há… sei lá… dez anos? Não sei se ainda sinto o mesmo. — Silêncio de novo, e isso parece me atormentar.

Sempre soube que minhas chances com essa mulher eram nulas, mas agora, com

essa dúvida pairando sobre a atmosfera, essa dúvida se ainda ama o ex-noivo ou não, minhas chances caem para menos cinquenta.

Suspiro e aperto o volante, precisando me conformar em amar essa mulher em segredo, em sufocar essa paixão platônica. Combinando um jantar com a tal Elizabeth, finalmente encerra a ligação. Uma quietude densa recai no ambiente, mas talvez só eu esteja sentindo porque Marjorie parece serena e natural demais enquanto mexe no celular.

— Ex-sogra casamenteira? — solto, sem nem perceber.

Porra, porra, porra!

Se minhas mãos não estivessem no volante, com toda certeza estaria me dando socos na cabeça. Mas por que diabos fui fazer uma pergunta estúpida dessas? Isso é suicídio empregatício. Ela vai saber que estive prestando atenção na sua conversa, vai ficar furiosa porque estou me intrometendo na sua vida particular, vai delatar minha postura para meu chefe e, venerada pelo pai como ela é, vou perder meu emprego.

Adrien, você é um idiota.

Fito-a pelo espelho retrovisor, já esperando pela bronca. Nunca tive uma oportunidade de falar com ela e, quando tenho, é para foder ainda mais com a minha vida. Seus olhos suaves me encaram de volta, uma expressão meio confusa estampada no seu rosto. Então, para minha surpresa, ela ri.

Ri e acena em positivo.

— É. Essa mulher não tem jeito. Nem adianta falar que não há a mínima possibilidade entre mim e o filho porque ele não me ama e não o amo mais porque ela não dá a mínima. Vai infernizar nós dois a vida toda com

essa história de casamento.

Não o amo mais.

Caralho, sinto como se um peso tivesse saído dos meus ombros.

Minhas chances com ela passaram de novo de menos cinquenta para só nulas.

Vejam só, progresso!

Consigo apenas sorrir de volta, estranhamente feliz por causa desse

“diálogo” entre nós. Meu Deus, isso é patético, não é? Estou feliz porque Marjorie conversou comigo. Se é que podemos chamar isso de conversa.

De qualquer maneira, o restante do percurso até o endereço indicado é feito em silêncio. Quando estamos nos aproximando do local é que reconheço. Estaciono em uma vaga rápida e ligo o pisca-alerta. Marjorie saca o telefone e faz uma ligação, dizendo um “já estou aqui”. Cinco minutos inteiros se passam até que a figura aparece. Meu sangue ferve quando ela baixa o vidro traseiro e recebe um selinho de Antony. Viro o rosto para o outro lado, para que esse verme não me reconheça, e tento controlar todos os meus instintos mais primitivos para não descer do veículo e jogar esse maldito nos meios dos carros que passam pela avenida.

— Por que não me ligou para ir te buscar, *chérie*?

— E contrariar as vontades do meu pai? Nem pensar. Só passei mesmo pra te ver rapidinho e perguntar se podemos nos encontrar em dois dias.

Antony demora a responder um segundo e, dando uma olhadinha rápida no casal patético e ainda me esforçando para controlar raiva e ciúme subindo pela minha garganta, vejo o mesmo sorriso arrogante nele.

— Ainda aquele assunto? *Mon amour*, já te disse que odeio essas insistências, não disse?

— Não vou insistir no assunto. *Ne t'inquiète pas*. — “Não se preocupe”.

Os dois trocam mais algumas palavras e ele por fim se despede.

Marjorie diz que já posso levá-la para seu apartamento e me passa o endereço. Enquanto deixo os arredores da galeria de Leclerc, minha língua atrevida fica coçando para resmungar. E alertá-la. Meu Deus, fico

amedrontado só de pensar no mal que Antony pode causar a ela. Meu estômago revira e, contrariando todo o bom senso, digo:

— Antony não é uma boa pessoa.

Marjorie ergue seus olhos para mim, deixando de lado algo que digitava no telefone, e me encara pelo reflexo do retrovisor, erguendo uma sobrancelha. Segundos de tensão se passam entre nós até que me responde:

— Um homem casado que sai às escondidas com outra mulher certamente boa pessoa não é. Mas obrigada pelo toque.

Meu coração aperta. Então Marjorie sabe e, mesmo assim, continua se envolvendo com ele. Sua imagem perfeita idealizada na minha cabeça fica maculada. Repudio esse comportamento e isso me decepciona um pouco.

Não pensei que ela fosse esse tipo de pessoa.

— Você sabe que Antony é casado e mesmo assim sai com ele? —

pergunto, porque já que é para perder o meu emprego sendo intrometido e atrevido, ao menos que seja entendendo a cabeça dessa mulher.

De repente, Marjorie faz um movimento inesperado demais até para mim. Ela pula para o banco da frente. Assim, sem mais nem menos. E está aqui, olhando-me com curiosidade e um sorriso leve.

— Tenho nojo daquele homem, de verdade, mas estou desesperada atrás de uma informação que ele detém. Ele me contou que sabe algo muito ruim sobre meu ex-noivo. — “Emilien Dupont”, quero dizer, mas se disser ficará óbvio que sei tudo sobre ela. — Mas ele não quer me contar, disse que se mais alguém souber fica em desvantagem. Parece que está o chantageando com isso.

Balanço a cabeça em positivo, precisando encontrar todo meu autocontrole para não mencionar que sei mais do que imagina. Olho para ela de novo, sentada no banco da frente sem o cinto de segurança, a perna direita por baixo da bunda, seu semblante carismático mais atenuado. Ela está conversando com o motorista como se fosse uma amiga íntima e nem se importa. Por que então passei esses anos todos invisível aos olhos dela?

— Pode me julgar o quanto quiser, mas uma mulher desesperada por informação precisa usar as armas que tem para conseguir o que precisa. Não concorda? — Penso em negar verbalmente, mas ela não permite porque

completa: — Deve estar pensando que dormi com ele, mas não dormi.

Antony é bonito, mas é ordinário. Também não vou negar que estou usando da sedução para arrancar essa informação dele. Talvez até o embriague.

Eu rio um pouco. Não sei exatamente por qual motivo, mas rio. A atmosfera fica mais leve e fazemos o percurso restante em um silêncio confortável. Ajudo-a a descer quando chegamos e, pela primeira vez, sinto o calor e a maciez da sua pele. Ela me olha, sempre com seu sorriso cordial, e agradece. Entrego sua mala e estou prestes a me despedir, mas ela se vira para mim e pergunta:

— Qual é mesmo o seu nome?

Ah, porra.

Um grande sorriso nasce no meu rosto. Essa mulher finalmente está reparando em mim ou é impressão minha? Quando estou para me apresentar, seu Ferdinand surge, pulando do lado do motorista do seu veículo:

— *Ma chère fille!* — "Minha filha querida". Os dois se abraçam apertado, Ferdinand reclamando de saudades dela. — Obrigado, garoto — diz para mim, esticando o cheque que ia me entregar na empresa. — Vá para casa descansar.

Aceno em positivo e nem tenho tempo de me apresentar para Marjorie porque pai e filha engatam em uma conversa animada enquanto caminham em direção à portaria do prédio.

E Adrien torna-se invisível de novo.

Antes de dar a partida no carro, meu telefone toca, identificando o nome de Juliette na tela.

— *Está muito ocupado?* — pergunta assim que atendo.

— Não. Precisei fazer um trabalho para o seu Ferdinand, mas já estou voltando para casa. Por quê?

— *Surgiu um imprevisto. Pierre precisa ir para o hospital fazer um parto e estamos no meio do jantar. Ele não quer que eu vá embora sozinha, nem de táxi, e vai se sentir mais tranquilo se você puder vir me buscar. Tem como?*

— Claro. Me passe o endereço — solicito, e ela recita as coordenadas.

— Chego em quinze minutos.

Olho uma última vez para o edifico de Marjorie com um sorriso bobo de felicidade pelo dia de hoje, dou a partida e vou buscar minha prima.

MALES QUE VÊM PARA O BEM

PIERRE

Não quero que essa noite termine. Não mesmo. Irremediavelmente, gosto dela. Parece loucura gostar de outra pessoa quando faz pouco tempo que sai de uma relação, uma relação longa, completamente tóxica. Eu deveria estar traumatizado, ou algo do tipo, não deveria? Querendo evitar qualquer tipo de relacionamento, tendo pavor de me envolver com outra mulher. Ou ao menos deveria estar paranoico. Depois que Francine desgastou minha saúde mental, no mínimo deveria estar com medo de que Juliette seja igual.

Ciumenta, possessiva, controladora, manipuladora. Mas a verdade é que não tenho nem um pouco de receio. Parece que a conheço o suficiente para não ter esse tipo de medo.

Eu a olho por cima do menu, admirando sua beleza, o modo como analisa o cardápio, as pernas cruzadas sob a mesa balançando-as vagarosamente, como morde a ponta do polegar enquanto escolhe o que pedir. O garçom se aproxima cinco minutos depois e recolhe nossos pedidos.

De repente, ela segura na minha mão e me puxa.

— Vem aqui, vem aqui — pede, um grande sorriso no rosto, ainda me repuxando como se sua vida dependesse disso.

Contorno a mesa e vou até ela, espremendo-nos na mesma cadeira.

Juliette pega minha mão direita e a leva até sua barriga. Sinto os chutes do bebê e a emoção é como na primeira vez. É bom, é indescritível, e não sei explicar por que esse fato mexe tanto comigo. É só filho dela, mas já tenho um vínculo tanto com ela como com Valentin que é incapaz de ser mensurado.

— Valentin está se mexendo mesmo sem você falar com ele. Isso não

é incrível? — Juliette pega minhas duas as mãos e as posiciona melhor, seguindo os movimentos do bebê. O sorriso nela é lindo; é o mais lindo que já vi na vida. De repente, quero viver cada instante dessa gestação com ela, e não apenas no contexto médico-paciente, mesmo que eu não seja o pai desse bebê, mas quero.

— É incrível, sim — sussurro rente à sua boca.

Volto ao meu lugar e ela me conta, de um jeito animado, como gostou do curso no La Croix Saint-Simon. Está dizendo como continua com muito medo do parto e da dor que virá com ele, mas que, com as instruções da palestra, está mais confiante e menos amedrontada. Então aproveito o momento para tranquilizá-la mais, assegurando que o processo do parto natural pode ser doloroso, longo e intenso, mas será um momento único e inesquecível e…

— … eu farei questão de estar com você. Cada segundo. E não apenas como o seu médico.

Ela sorri e seus dedos se fecham com força ao redor dos meus quando nossa comida chega. Não passa muito tempo e meu telefone vibra sobre a mesa, interrompendo nossa conversa sobre a decoração que Adrien está fazendo no quarto de Valentin. Confiro rapidamente e é um número desconhecido. Pela aba da notificação vejo o único nome capaz de despertar curiosidade suficiente em mim para me fazer e abrir imediatamente a mensagem que me deixa sem órbita por vários segundos.

— Aconteceu alguma coisa? — Juliette pergunta, encarando-me atentamente enquanto apoia a taça de água de volta à mesa. Quase não a ouço.

— *Je suis désolé* — desculpo-me, tirando carteira do bolso interno do meu paletó. Começo a suar frio e engulo em seco. Minhas mãos trêmulas tiram algumas notas de euros e coloco sobre a mesa. A mentira que conto dói em mim:
— Tem uma paciente em trabalho de parto no hospital. É particular.

Eu… — Paro um segundo, fitando seus olhos doces e levemente preocupados. Não deveria mentir, mas se contar a verdade, ela provavelmente vai querer ir comigo ao Necker e não seria nada bom. Prometo a mim mesmo

que assim que resolver isso vou contar a verdade. — Tenho que ir, sinto muito.

— Está tudo bem. — Ela é compreensiva. Levanto-me rapidamente, cada vez mais nervoso, querendo apenas ir embora, o mais rápido possível.

Juliette nota minha pressa. — Pode ir, Pierre, eu peço um táxi.

— Posso te deixar em casa.

— Não, é sério. Vá até sua paciente. O filho dela está nascendo. Posso ir pra casa sozinha.

— De jeito nenhum. — Estou desesperado para ir logo, mas não vou ser descuidado a ponto de deixá-la voltar sozinha para casa tão tarde da noite.

— Liga para o Adrien. Vou me sentir bem mais tranquilo.

Ela concorda e liga para o primo.

— Ele chega em quinze minutos.

— Espera ele aqui dentro, está bem? Não na rua — instruo e dou um beijo no canto da sua boca de despedida antes de ir.

No carro, as minhas mãos estão trêmulas quando coloco a chave na ignição. Demoro a notar minhas lágrimas descendo pelo meu rosto. É

arrependimento. Arrependo-me de confiar em que não deveria. Ultrapasso os limites de velocidade durante todo o trajeto, mas chego no Hospital Necker em sete minutos. Entro esbaforido na sala da emergência, uso dos meus privilégios dentro do hospital e adentro a ala pediátrica, mais especificamente em uma ala que qualquer outra pessoa não teria acesso, nem mesmo com autorização. Na sala de cirurgia, vejo a equipe médica ao redor do pequeno corpo de Édouard, entubado e anestesiado.

Ofego, a respiração falhando. Pisco diversas vezes, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, quase nem percebendo que me aproximei e espalmei contra a parede de vidro, assistindo à cirurgia do meu sobrinho com uma aflição enorme no meu peito. Outra mensagem chega no meu telefone.

Confiro, minha vista embaçada, e é da última pessoa com quem quero falar

no momento. A porra do meu irmão. Juro por Deus que vou matar esse desgraçado assim que estiver mais calmo, o que só vai acontecer quando Édouard sair da cirurgia e me garantirem que vai ficar bem.

— Por que você não está lá? — pergunto, sem olhar para trás, mas notando sua chegada. Posso odiá-la, por tudo que fez por mim, mas Francine é a melhor neurocirurgiã que conheço, depois de Étienne, e não quero ninguém menos que o melhor para meu sobrinho. Ela entra, se aproxima mais e fica ao meu lado, observando a cirurgia lá embaixo.

— Porque tenho vínculo com Édouard. Não me deixaram ficar com o caso. Além disso, não é o meu plantão. Mas está tudo sob controle, Pierre.

Estão drenando o sangue do cérebro e controlando a hemorragia interna. Não precisa se preocupar.

— Não me preocupar, Francine? — Teria esbravejado se tivesse forças para isso, mas estou tão chocado e com medo que minha voz sai um sussurro. — Ele foi atropelado! Como quer que eu fique calmo e não me preocupe?

Ela apoia a mão em meu ombro, mas não vou deixar que se aproveite da situação para se aproximar de mim de novo. Então, dou um passo para trás, desfazendo nosso contato. Francine entende e respeita meu espaço.

— Obrigado por me avisar — digo. Não quero parecer um ingrato.

Ela me avisou que meu sobrinho estava aqui e me informou seu quadro clínico positivo talvez como uma medida de me manter calmo. Como eu a bloquei, teve de avisar com algum telefone de terceiro.

— Não precisa me agradecer — responde. Há um instante de silêncio.

— Ele está na sala de espera.

— Eu sei — respondo quase com um rosnado. Não quero ir até lá agora ou vou quebrar a cara dele.

— Não vai dar notícias do filho para seu irmão?

Fecho os punhos com força e tento ignorar a raiva que cresce em

mim. Faço um esforço quase sobre-humano para tentar compreendê-lo ao menos um pouco. Mas eu não consigo, não consigo mesmo. Nada justifica essa falta de responsabilidade e comprometimento de Étienne.

— Se ele se preocupasse de verdade, para início de conversa, Édouard nem estaria aqui agora.

Francine não responde porque sabe que estou certo. Mas no fundo, ela também está com a razão. Por mais negligente que ele seja, tem o direito de saber o estado do filho. Obrigo-me a ficar calmo para essa conversa. Quando estou confiante de que indo até lá não farei nada contra sua integridade física, vou em direção à recepção. Ele está andando de um lado para o outro, a mão na cabeça, dedos enfiados nos cabelos desgrenhados, postura cansada, parte da camisa para fora da calça jeans amassada. Ao me ver, vem em minha direção e está perto de mim mais rápido do que previ que estaria. Étienne me agarra pelos braços, balançando-me de forma desesperada:

— Preciso saber do Édouard. Me diz que meu filho está bem.

Eu tento, juro que tento, mas a raiva sobe à minha cabeça do mesmo jeito. Livro-me da sua pegada de um jeito brusco.

— Francine me disse que estão controlando a hemorragia interna, drenando o sangue do cérebro e que ele vai ficar bem.

Étienne passa a mão trêmula na testa e não demora nada para estar chorando. Ele cai na poltrona logo atrás, cabisbaixo, as palmas cobrindo o rosto. Eu me compadeço dele, mas não demonstro. Talvez um pouco de frieza o ajude a colocar a cabeça no lugar.

— Étienne, juro que estou me esforçando para não socar a sua cara agora mesmo. Preciso entender o que aconteceu, como aconteceu, *por que* aconteceu. O seu filho… — Trinco o maxilar controlando a raiva. — Poderia ter morrido.

Ele não responde, cai em outro choro de desespero. Por mais que tente sentir qualquer empatia com meu irmão nesse momento, não consigo e tudo o que sinto é raiva e decepção.

— Me conta! — exijo, erguendo a voz e perturbando o silêncio da recepção. — Estava bêbado, não é? Você estava caído de bêbado com o garoto dentro de casa,

Étienne?! Quando confiei em você pra cuidar *do seu próprio filho*?!

— Ela me ligou — murmura, ainda cabisbaixo e chorando. — Me disse que estava bem, me disse para não me preocupar, me pediu para dizer ao Édouard que o ama e… desligou. Durou uns quinze segundos, Pierre.

Quinze segundos! — grita, levantando-se e me segurando pelo colarinho.

— De quem você está falando? — indago, estranhando sua postura histérica.

— Jeaninne! — urra outra vez, e uma enfermeira vem até nós dois, pedindo para nos acalmarmos e fazermos silêncio. — Ligou lá pra casa, mas só durou quinze segundos.

Fora de mim, dou um murro nele. Étienne cai no chão. O mesmo segurança que o ajuda a se levantar, nos expulsa. Do lado de fora do hospital, e ainda descontrolado, eu o seguro pelo colarinho e tento agredi-lo de novo, mas meu irmão se defende.

— Para com essa obsessão! Sua mulher está morta, entendeu?

MORTA! Aceita e toca a vida, *putain!* — esbravejo, apertando a gola da sua camisa entre meus dedos mais uma vez. — Foi um trote. Coloca isso na sua maldita cabeça. — Bato o indicador na sua têmpora com toda força. —

Alguém querendo brincar com você! Pra te desestruturar e veja só!

Conseguiram. Seu filho foi atropelado por sua culpa! Sua culpa, Étienne.

Pare de viver na merda por uma esposa que você nem amava direito —

menciono e sei que o atinjo.

Ele se desvencilha da minha pegada, recuando como se tivesse sido atingido por pedras. Toquei em um ponto fraco demais, um ponto que nunca deveria ter tocado. Sei que, em algum momento, meu irmão amou a mulher, mas quando ela sumiu, o casamento estava em crise, Jeaninne prestes a pedir o divórcio, ele passando mais tempo no hospital do que em casa. Toda essa carcaça humana que se tornou não é porque ama tanto a esposa que nem sabe viver a vida sem ela. É remorso. Remorso por ter sido um marido de merda,



remorso pelas palavras que disse para a mulher um dia antes do sumiço dela.

— Não é amor, é remorso — verbalizo meu último pensamento.

De repente, ele está em cima de mim, segurando meu pescoço.

— Não sabe de porra nenhuma, Pierre. De porra nenhuma.

— Sabe do que eu sei, Étienne? Que há um ano virou um pai negligente por causa de uma mulher. *Uma mulher*. Que você encontra em qualquer esquina. Mas, e o seu filho, hã? Se ele morrer na porra daquela mesa de cirurgia, você pode encontrar outro pra substituir?

Como resposta, recebo apenas um empurrão. Meu irmão está irado, olhos vermelhos, rosto contorcido. Está com raiva. Pois bem, sinto o mesmo em relação a ele. Quando Étienne volta lá para dentro, me dou conta da idiotice que disse num momento de fúria.

Espero quinze minutos. Nós dois precisamos disso. Compro um café forte na cafeteria do hospital e espero. Quando estou mais calmo, e sei que meu irmão também está, retorno para a recepção. O mesmo segurança que nos expulsou vinte minutos atrás vem até mim, e garanto que não farei nenhum tipo de escândalo. Paro na frente de um Étienne com os cotovelos nas coxas, rosto entre as mãos.

— Me desculpe — peço, realmente arrependido. Falei bobeira e assumo isto. — Estava de cabeça quente e disse tudo aquilo sem pensar.

— Não — murmura, erguendo os olhos vermelhos para mim. — Você disse exatamente o que pensa, a diferença é que não teria dito se não estivesse com raiva.

Odeio ter de concordar, mas é a verdade. Diante disso, só posso

assentir.

— Sei que poderia ter sido um marido melhor — prossegue, confessando sem medo de me olhar nos olhos. — Ela engravidou quando estava ascendendo na minha profissão, nos casamos dois meses depois da primeira transa e passei mais tempo me dedicando à medicina do que à minha família.

Étienne fica em silêncio, talvez remoendo suas próprias mágoas, ressentimentos, culpa e arrependimentos.

— Às vezes, eu chegava em casa e tudo que queria era me deitar na porra do sofá e dormir, mas Édouard chorava, Jeaninne reclamava de mim, dos afazeres domésticos, da bagunça, que estava cansada, sobrecarregada, que eu deveria passar mais tempo em casa e toda sorte de reclamações. E aí era onde pensava que merda tinha feito da minha vida em ter engravidado ela, em ter me casado, e se pudesse voltar no tempo… — Ri uma risada sem humor. — Teria evitado aquela mulher ou pelo menos usado camisinha.

Escuto isso sem saber como reagir. Se arrepender de um casamento é a coisa mais natural do mundo, mas não consigo conceber que meu irmão tenha se arrependido de Édouard. Ele não é meu filho, mas sou tão apegado a esse garoto como se fosse meu. Não consigo nem mesmo idealizar os últimos seis anos sem ele.

Tento dizer alguma coisa, mas meu irmão continua:

— A questão é que… eu falhei. Falhei com a minha esposa, falhei com meu filho. — Outra da sua risada fúnebre. — Falhei na minha profissão.

Mas há uma coisa que você precisa saber, Pierre. Por mais que meu casamento estivesse em crise quando Jeaninne desapareceu, isso não significa que não me importo com ela. Isso não te dá o direito de medir meus sentimentos nem de insinuar que posso substitui-la por qualquer outra mulher, porque não posso.

Engulo em seco e aceno em positivo. Sento-me ao seu lado e me redimo:

— *Pardon*. Você está certo. Foi idiota da minha parte dizer aquilo, mas, Étienne…

— Eu sei. — Desaba de novo, enfiando o rosto entre as mãos. — Me sinto tão

culpado por Édouard. Afundo de vez se alguma coisa acontecer ao meu garoto, Pierre.

Aperto seu ombro, com toda força.

— Não fala assim, vai ficar tudo bem.

Étienne se recupera, secando as últimas lágrimas, e tenta se manter mais calmo.

— Me conta o que aconteceu — peço de novo.

Ele inspira fundo.

— Recebi essa maldita ligação. Não sei se foi trote, ou se era ela de verdade, mas a voz era muito parecida. Ela me disse aquelas coisas e quando estava para pedir mais informações, a ligação caiu… ou foi desligada.

Não preciso de muito para compreender o que aconteceu em seguida.

— Você bebeu, não é?

Meu irmão aperta os olhos, mais lágrimas molhando o rosto, e, titubeando, acena em positivo. Não dizemos nada um ao outro por algum tempo. Ele está abalado com o que aconteceu ao filho, talvez ainda com a ligação, e respeito seu momento. Dói na parte mais profunda da minha alma vê-lo nesse estado, mergulhado em dor e culpa, mas não dizem que há males que vêm para o bem? Estou acreditando que hoje deve ser um desses momentos. Embora odeie ver meu próprio irmão dessa maneira, tenho esperanças de que melhore, que pare de beber, de ser negligente, que volte a viver sua vida, a trabalhar, a se dedicar à sua carreira.

— Pus o garoto para dormir — relata. — Fui até o mercado perto de casa e comprei duas garrafas. Voltei, tranquei a porta e entornei metade de uma em pouco tempo. Não lembro de nada depois disso, só de acordar com



alguns gritos pelos corredores do andar e ver a porta escancarada. Mesmo de resseca, meu primeiro pensamento foi meu filho e. quando vi que não estava no quarto dele, entrei em desespero. Mal saí de casa e um vizinho veio me dizer que Édouard tinha sido atro… — Ele não consegue terminar, precisa de um esforço enorme para controlar suas emoções e continuar — … pelado. A ambulância já estava a caminho. Me deram glicose quando notaram que estava meio bêbado e não me deixaram entrar com ele. Só consegui pensar em ligar…

— … para a Francine — completo por ele. Étienne assente. — Por que não me informou?

— Sabia que ia querer arrancar meus testículos. Ia te avisar quando tivesse notícias positivas. *Désolé.*

Eu o abraço, de um modo meio desajeitado.

— O tempo que pedi, Pierre — sussurra em meu ouvido —, para viver o meu luto, acaba hoje. Não quero mais ser uma ameaça para meu filho, não quero mais ser perigoso para ele. Édouard quase morreu por minha causa

— ofega, prendendo o ar por um segundo. — Isso acaba hoje.

Aperto-o mais em meus braços e torço para que cumpra sua palavra dessa vez.

Mando meu irmão para casa — ele precisa de um banho e de roupas limpas — e faço companhia ao meu sobrinho no quarto após a cirurgia.

Correu tudo bem, a hemorragia foi contida, e o traumatismo craniano, tratado. Ele ainda está sedado, em sono tranquilo, e não foi preciso uma intervenção mais severa, como coma induzido. Quando acordar, faremos os exames necessários para saber como está seu quadro clínico.

Étienne volta uma hora depois; quer que eu vá embora, mas não acato sua

sugestão. Deixo-o com o filho e fico na recepção. Durante toda a madrugada, tomo café preto, como sanduíches e navego na internet pelo celular. Juliette me manda uma mensagem que não vejo na hora. Foi perto de onze da noite.

“Cheguei em casa já tem algum tempo. Adrien foi me buscar e o esperei no lado de dentro do restaurante, como você sugeriu.”

Sorrio com a mensagem, mas não tenho cabeça para responder.

Guardo o celular no bolso e retorno para a o quarto de Édouard assim que amanhece. Ele já está acordado, o neurologista de plantão nos informa do seu quadro clínico e, mesmo que Étienne seja um especialista na área e *saiba*, pelos testes e imagens computadorizadas, que o menino está bem, não consegue se sentir mais tranquilo, nem menos preocupado.

Outra mensagem apita no meu telefone assim que o plantonista nos deixa a sós. Confiro e é de Juliette novamente.

“*Bonjour. Ça va bien?* Ocorreu tudo bem com o parto da sua paciente?”.

Enfio o celular no bolso novamente, ignorando por ora sua mensagem e a aflição em meu peito. Não deveria ter mentido sobre isso, mas sabia que se falasse do meu sobrinho, ela provavelmente se solidarizaria, viria atrás de mim, para uma visita e daria de cara com Francine. A última coisa que quero nesse momento é que minha ex-namorada paranoica descubra que estou me envolvendo com alguém. *Com uma paciente*. Ela ia me infernizar e infernizar minha atual namorada. Assim que sair daqui, vou procurá-la e contar o que de fato aconteceu e por que menti. Por enquanto, darei atenção ao meu sobrinho.

— Ei, Doudou… — digo, podendo finalmente me aproximar dele.

Sento-me do outro lado da cama, deixando-o entre mim e o pai. — Garoto, você quase matou seu pai e seu tio do coração.

Ele deita sua cabecinha no meu braço, meio melancólico.

— Me desculpem.

— Você não tem culpa, Édou… — Étienne murmura tirando a franjinha da sua testa. — Eu… — Engole em seco, com alguma dificuldade em admitir que isso

tudo é culpa dele. Não quero que sinta ainda mais remorso do que já tem sentido desde o desaparecimento da esposa, mas nesse caso não tem como não o responsabilizar. — A culpa foi minha. Não tenho sido um bom pai para você.

— É por causa da mamãe, não é? — o menino indaga, cheio de inocência e em tom triste. Tem saudades da mãe e isto é visível.

— É, sim, Doudou. Fiquei muito mal, perdi a razão. Isso me tornou negligente com você. Mas te prometo, meu filho, que a partir de hoje isso vai mudar, tudo bem?

Em vez de concordar, ele indaga:

— O que é "negligente", *papa*?

Étienne dá um sorriso um pouco fúnebre e explica o significado da palavra, não parando nunca de amaciar os cabelinhos do filho.

— Quer contar para o titio por que saiu de casa? — questiono.

— Não consegui dormir e estava com fome — explica, direcionando o olhar para o pai. — Tentei acordar o papai, mas ele estava dormindo e não me respondia. Não quis mexer com o fogão, por causa daquela vez que a casa quase pegou fogo porque fui mexer com o que não podia. — Étienne desvia o olhar um segundo, parecendo perdido, com toda certeza pensando que essa ocasião também fora culpa sua. — Pensei que podia comprar alguma coisa na padaria do outro lado da rua. A chave estava na porta, então eu decidi ir lá

comprar baguete e chocolate quente.

Meu irmão se levanta do lado dele, passando a mão pelo rosto. Inspiro fundo e fico fitando meu sobrinho com algum senso extremo de empatia. Ele é só uma criança inocente.

— Estão bravos comigo?

Antes que eu possa responder, Étienne já está abraçando o filho e dizendo:

— *Non*! Claro que não, Édou… — Aperta o pequeno em seus braços fortes, depois beija o topo da sua testa e o acaricia no rosto. — Não estamos bravos

com você. Seu tio talvez esteja comigo, mas não com você, está bem?

— Seu pai está certo — acalento, também acariciando seus cabelos escorridos. — Nas duas coisas.

Étienne dá uma risada fúnebre e toma o filho nos braços outra vez. Eu o deixo ter um momento com o pequeno; os dois precisam disso, criar esse vínculo pai e filho novamente, então saio do quarto, dizendo que vou para casa tomar um banho, dormir um pouco para o meu plantão mais tarde. O que me alivia um pouco é que a equipe médica poderá cuidar do meu sobrinho.

Sinto-me péssimo por ainda não confiar no meu irmão, mas a culpa é dele mesmo. Durmo a manhã toda, acordo pouco depois do almoço e como um sanduíche enquanto confiro meus e-mails. Tem outra mensagem de Juliette de uma hora atrás.

“Ei, não apareceu na clínica hoje, sei que não é seu dia, mas só queria saber de você. Está tudo bem?”

Limpo os dedos na calça e respondo.

“Tudo certo. Surgiu uns problemas familiares. Talvez não te veja essa semana. Mas vou te contar tudo assim que puder. Se precisar de mim, pode me ligar. Beijos e se cuida.”

A resposta vem dez minutos depois.

“Espero que tudo se resolva. Beijos e se cuida.”

Sorrio com a última frase copiada. Deixo o celular sobre o balcão e corro tomar um banho. Visto algo mais confortável, preparo minha mochila para o plantão, porque provavelmente já vou ficar por lá, e volto para o hospital. Passo pela sala de espera e um homem, sentado numa das cadeiras disponíveis, vem até mim, abordando-me.

— *Monsieur* Laurent?

Viro-me para ele.

— *Oui*. *C’est moi*. — “Sim, sou eu.” — Posso ajudar em alguma coisa?

Ele revira o bolso interno do seu paletó e retira um cartão de visitas, esticando-o para mim e dizendo:

— *Je suis* Artus Huet. Advogado do direito familiar. — Ressabiado, pego o cartão e o encaro por alguns segundos, sem entender a abordagem. Ele prossegue. — Estou representando a *mademoiselle* Francine Perrot. — Ergo meu olhar em sua direção, franzindo o cenho e ainda mais confuso. — Ela está movendo uma ação para conseguir a custódia de Édouard Laurent.

Nesse instante, sinto meu coração parar. Ela só pode estar de brincadeira com a minha cara!

— Francine o quê? — praticamente esbravejo. — Ela não pode… —

Fico confuso. — Essa mulher não tem parentesco nenhum com meu sobrinho.

— *Désolé*, senhor Laurent, não acho que esse seja o melhor ambiente para conversarmos. Mas saiba que minha cliente está disposta a entrar em um acordo antes de levarmos o caso ao juizado. Amanhã à tarde, às quinze horas,

compareça ao meu escritório, no endereço marcado no cartão, junto com seu advogado, e vamos conversar.

Irado, rasgo o maldito cartão em inúmeros pedacinhos.

— Para o inferno você e sua cliente.

Giro nos calcanhares e retomo meu rumo. Que Deus permita que não encontre Perrot por esses corredores, porque ao invés de um advogado de direito familiar, ela terá de procurar por um advogado criminalista.

MALDITOS IMPREVISTOS

JULIETTE

Confiro meu celular pela vigésima vez em um curto espaço de tempo enquanto caminho pelo corredor silencioso da clínica em direção ao escritório, perto de vencer o meu horário de almoço. Quero mentir e dizer que não estou ansiosa por notícias de Pierre, que não vejo já vai fazer dois dias, mas a verdade é que estou. Apesar de querer saber dele, não vou me prezar a enchê-lo de mensagens. Enviei algumas, ele demorou a responder e alegou que estava com problemas na família. Hoje pela manhã, mandei um

"*Bonjour, çá va bien?* ", que foi ignorado até o momento.

O homem pode estar simplesmente ocupado, sem bateria no celular, em uma sala de parto, acompanhando algum exame. Não vou exigir nenhuma resposta imediata nem criar paranoias na minha cabeça por causa de uma mensagem. Confesso que estou tentada a mandar outras porque desesperadamente preciso de notícias dele, mas sigo firme na minha decisão de esperar que entre em contato comigo.

Sinto alguém me puxar pelo punho no instante em que minhas mãos tocam a maçaneta da porta do escritório. Nem tenho tempo de processar e minha boca já está sendo tomada em um beijo suave. Eu teria empurrado o atrevido que decidiu me beijar, mas reconheço o aroma do meu namorado um segundo mais tarde. Na mesma hora, meu coração está dando saltinhos de felicidade enquanto o abraço pelo pescoço e dou mais espaço para sua língua atrevida. Ele quase esmaga meu corpo em um abraço de urso. Aproveito nossa proximidade para inalar o cheiro da sua pele.

— Senti sua falta — dizemos juntos. Rio contra seu pescoço e me afasto para encarar seus olhos.

— Está tudo bem? — pergunto, acariciando seu rosto. — Resolveu o problema na sua família?

O sorriso dele esvanece pouco a pouco, o que significa que a resposta não é nada boa.

— Não. Só passei aqui para avisar à administração que vou cancelar minha agenda e ficar uns dias afastados até isso se revolver.

— Que… seria? — menciono com cuidado.

— Vou te contar tudo com calma assim que eu puder, está bem? E

não vai ser pelos corredores da clínica, não é? Quando isso tudo passar… —

Pierre dá um sorriso fraco, meio sem vida e triste. — Vou te levar para jantar, te contar tudo o que aconteceu nessa semana louca e vamos terminar a noite na sua casa. — Ele se aproxima da minha boca, sua mão escorregando de forma atrevida pelo vão das minhas coxas, muito abaixo de onde eu realmente gostaria que me tocasse. — Talvez na sua cama.

Meu rosto cora, mas a ideia me agrada sobremaneira.

— Tudo bem, como quiser. Só torço para que o que esteja acontecendo na sua família se resolva logo.

— *Merci, merci beaucoup* por compreender, Julie. Olha… —

murmura, brincando com uma mecha solta do meu cabelo. — Vim aqui também pra te pedir uma coisa. Ia falar sobre isso no jantar, mas daí… tive que ir embora e depois não nos vimos mais. Enfim… — Molha o lábio inferior antes de prosseguir: — Queria te pedir para sermos discretos no nosso relacionamento. Sei que estamos juntos há pouco tempo e não é minha intenção te esconder das pessoas.

Não gosto nem um pouco do rumo dessa conversa e preciso de um esforço para afastar a voz de Adrien da minha cabeça me alertando aos sinais.

Isso é um sinal, não é? Ele me quer, mas não quer me assumir diante às pessoas.

— Se a sua intenção não é me esconder — digo, baixando o olhar e



mantendo a voz calma — por que temos que ser discretos?

— Porque você é minha paciente, eu sou seu médico e trabalhamos no mesmo lugar. Isso poderia trazer problemas, tanto pra você quanto pra mim.

Abano a cabeça em positivo, precisando concordar que tem razão.

Mesmo que faça sentido sua justificativa, não me agrada a ideia de permanecer em uma relação em que continuarei sendo escondida das pessoas, e não sei se quero manter um relacionamento desse jeito.

— Julie, não precisa fazer essa carinha — murmura, acariciando meu rosto. — Não pense que vou te tratar como Antony te tratava — adverte, suavemente, de repente parecendo me encostar contra a parede, seu corpo grande quase prensando o meu. — Só preciso que esse imprevisto familiar se resolva, então vou procurar pelos nossos superiores e explicar nossa situação.

Só não quero que quem deva saber sobre nós saiba pela boca de terceiros, e sim pela nossa. De acordo com isso?

— De acordo — respondo, com um cicio, erguendo-me nos pés e pescando sua boca. Ele retribui, pressionando-me contra a parede.

— Tenho que ir agora — diz, afastando-se de mim, e tudo que quero é trazê-lo de volta. — Se cuida — murmura e beija o canto da minha boca em despedida.

— Não para de olhar para esse celular — Adrien pontua, colocando uma travessa de lasanha sobre a mesa.

Pierre já me disse que não nos falaríamos durante essa semana, por causa do seu problema familiar. Ainda assim, estou aqui, ávida que ele mande nem que seja um "*bonsoir*", ou que me ligue e diga para conversarmos, que vai explicar tudo o que aconteceu na última semana.

— Impressão sua — desconverso, enfiando meu celular por debaixo das almofadas. — O cheiro está bom, né? — Rodeio a mesa, faminta e precisando admitir que amo a comida dele.

— Ah, vamos lá! — exclama, distribuindo taças e talheres. — Não sou idiota. — Ele está baixando um garfo, mas para no meio do caminho e me olha. — Ele não tem te ligado, né?

Engulo em seco e desvio o olhar. Não é como se Pierre estivesse me evitando e sendo um babaca comigo. Ele me deu seus motivos, me avisou que ficaríamos sem contato por alguns dias e que no momento certo nos assumiríamos. Não há nenhum motivo para que me sinta assim, desesperada pela atenção dele.

— Não — respondo, fingindo uma confiança que sei que não tenho nesse momento. — Mas me avisou que ficaria uns dias sem contato —

explico, cortando um pedaço da lasanha.

— Hum. — É tudo o que ele diz.

Não gosto do seu tom. Observo-o se servir e colocar um pouco de vinho na taça para ele.

— Por que fez esse "hum"? — indago.

Ele abana a mão, como se não fosse nada demais.

— Só acho que uma mensagem não ia matar ele.

— De repente, você torce por mim e por Pierre?

Adrien me dá um sorriso e uma mordida na sua lasanha. Ele tem cara de quem não aprova minha relação, mas também não diz nada porque sabe que sou adulta e devo tomar minhas próprias decisões. E porque eu prometi que tomaria cuidado com Pierre.

— De repente, acho que ele está te enrolando… — murmura, não tendo coragem de me olhar.

Há um silêncio estranho entre nós. Desconfortável. Sei que meu primo provavelmente só está preocupado comigo, porque, convenhamos, fiz escolhas erradas e não o culpo por querer me proteger de caras ruins. Mas não gosto de como está insinuando alguma coisa agora.

— Por que acha isso? — indago, querendo entender seus motivos.

Talvez esteja apenas paranoico depois de Antony, o que é irônico, porque deveria ser *eu* a estar paranoica com novos relacionamentos.

— Porque ele sumiu depois que saiu correndo de um jantar que estavam tendo, não te ligou mais, não responde suas mensagens, nem veio te ver? Sinais, Juliette.

— Pierre me explicou, Adrien.

— Não, ele te deu uma desculpa.

Balanço a cabeça em negativo e tento não demonstrar como isso me irrita. Decido que não vou discutir com meu primo por um assunto tão sem importância. Pierre me deu uma garantia e estou acreditando nela no momento. Faço minha refeição em silêncio, tentando esquecer do assunto.

— Olha, Julie — diz, de um jeito mais suave —, sei que gosta dele e talvez por isso não esteja enxergando o que está diante dos seus olhos. Como aconteceu quando estava com aquele traste.

O garfo cai da minha mão e faz um barulho estrepitoso contra a mesa.

— Me poupa dos seus conselhos. Pierre não é o Antony. Nem de longe.

— Não estou dizendo que é. Estou dizendo apenas que ele deve ter…

não sei… se desinteressado.

Isso chega em mim e dói mais do que posso admitir. Mas se Pierre não quisesse nada sério, teria me dito, teria sido sincero desde o primeiro momento que me

beijou. Ele não ia me deixar pensando que estamos juntos quando simplesmente não queria nada além de um casinho.

— Acontece, Juliette — continua, levando outro pedaço de lasanha à boca. — Pode ser por conta de estar grávida e…

— Espera — interrompo-o nesse momento, perdida com sua argumentação sem embasamento nenhum. — O que quis dizer com “por conta de estar grávida”?

Adrien desvia o olhar por um segundo, como se pesando, escolhendo as palavras certas para me dizer.

— Sabe que é difícil para um homem assumir uma mãe solteira. Não vejo por que Pierre faria isso.

Sinto uma pontada no meu coração quando meu primo me diz essas palavras, como se por causa da minha gravidez ninguém mais fosse me levar a sério ou fosse se interessar por mim. Não faz sentido algum. Pierre desde o princípio sabia da minha condição. Se ele não quisesse ficar comigo por causa disso, não teria ficado.

— Quer dizer que tenho menos valor porque estou grávida?

Ele faz uma cara de assustado.

— Não disse isso. — Adrien fica na defensiva.

Levanto-me do meu lugar, abalada e sem fome.

— Você disse exatamente “não vejo por que Pierre faria isso”, referindo-se a assumir uma mulher grávida. Então ficou subentendido de que você acha que não tenho valor nenhum.

Meu primo também se levanta, querendo corrigir as merdas que falou para mim.

— Não foi isso o que quis dizer.

— Não importa. Só vai embora daqui, Adrien — peço, segurando minhas lágrimas. Ele olha de mim para o relógio na parede. Nove da noite. —

Pode ir. Aliás, nem precisa mais vir. Já estou bem e posso voltar a dormir



sozinha outra vez.

— Julie… — Tenta de novo.

— Vai embora! — esbravejo, irrompendo em lágrimas. Malditos hormônios de grávida.

Adrien hesita, mas vai. Deixo minha comida pela metade, corro para meu quarto e me deito na cama, abraçando meus joelhos o tanto quanto minha barriga permite. Luto contra todas as minhas vontades, mas elas me vencem. Acabo por pegar meu celular e enviar uma única palavra a Pierre.

“Bonsoir”.

Amanhece, mas ele ainda não me respondeu.

Estou começando a ficar preocupada. Pierre não faz contato há dias, e não quero que meu primo tenha razão. Estou tentada a ligar ao invés de só enviar mensagens como tenho feito, mas recuo a cada vez que digito o número dele. Encerro a ligação antes mesmo que complete a chamada. Não quero parecer nenhuma louca perseguidora, mas a falta de notícias dele está me consumindo.

Minha experiência me diz o que acontece quando um homem some dessa maneira. Ou ele está desinteressado e não sabe como dizer, ou é comprometido. As duas perspectivas não me agradam, a segunda pior ainda.

— Você sempre fica sozinha? — Gustave pergunta, surgindo no escritório deserto por conta do horário de almoço. — Já tem algum tempo

que tenho te notado solitária nos intervalos.

Sorrio um pouco e afasto o celular da minha mão, ignorando o fato de que tinha digitado o número dele outra vez, prestes a apertar o botão verde.

— Às vezes gosto de ficar sozinha. Almoço rápido e volto pra cá para ler ou apenas descansar — justifico, vendo-o se aproximar da sua mesa e procurar por alguma coisa entre sua bagunça. Um francês desorganizado.

Veja se posso com isso. — Por que está aqui no horário do almoço? —

pergunto, realmente curiosa.

Ele ergue seu olhar para mim e abre um sorriso pequeno. Talvez eu não precise de resposta, ou talvez a resposta seja eu mesma. Gustave já deu indícios de que estava interessado em mim, embora não tenha mais demonstrado nada parecido desde o episódio do *cupcake*.

— Isso não é nem minha função, mas já que me incumbiram, não tem muito o que ser feito. Quando precisam de mim, não importa que horas sejam ou onde esteja, preciso estar à disposição — responde, puxando uma agenda para cima e encontrando o que estava à procura. — Estou terminando de organizar o baile de trinta anos da clínica. Os preparativos do meu casamento falido foram menos burocráticos, sabia? — brinca, e eu acabo rindo um pouco. Ele pega o telefone e disca o número que está no cartão de visitas entre seus dedos.

Essa confraternização de aniversário está marcada já tem um tempo, e inclusive o vi mesmo todo atarefado com os preparativos nos últimos dias. Eu o observo fazer sua ligação, falando com o bufê contratado. Aparentemente houve uma mudança de última hora no cardápio da festa e isso está deixando todo mundo meio maluco — inclusive ele. Gustave encerra seu telefonema, o problema parecendo estar resolvido.

— Agora é só esperar pelo próximo imprevisto — diz, cheio de humor, olhando para mim.

— Deveria ir almoçar.

— Eu já comi — responde, e me dá um alívio enorme vê-lo organizar

sua mesa. Já não era sem tempo. — Estou acostumado a isso, sabe? Trabalhar inclusive no meu intervalo. Não reclamo. Me pagam bem, então é isso que

importa. O dinheiro das minhas horas extras normalmente vai todo para minha filha. — Ele dá uma risada suave, “risada de pai.” — Levo-a para passear, fazer compras, viajar. Essas coisas.

— Vocês não passam muito tempo juntos, não é? — questiono, tendo essa impressão. O modo como disse essas coisas dá a entender que tenta suprir sua ausência como pode.

Gustave não me olha e sua postura de repente se abate um pouco, mostrando que talvez esteja certa no que disse.

— É. O trabalho me consome, ela mora do outro lado da cidade, nossos horários nunca coincidem. Tento vê-la ao menos duas vezes na semana. Ir buscar na escola, levar ela lá pra casa pra dormir, dar um passeio aos finais de semana. Tento ser um pai presente como posso.

— Qual o nome dela?

Agora ele me olha e se enche de orgulho para falar:

— Amélie.

— É um nome lindo.

— Claro que é, eu quem escolhi — diz, todo convencido.

Ficamos em silêncio por um segundo, eu pensando que, por mais que Gustave não veja a filha com frequência, ao menos se esforça para estar com ela, suprir suas necessidades. Ser presente parece ir muito além do contato físico ou do contato diário. Não é só estar ali todos os dias. Não é *estar* presente, mas *se fazer* presente. Eu o admiro por isso, pelo seu esforço de ser um bom pai e de fazer todo o possível para que a filha seja feliz e tenha todo o necessário — e falo não só de coisas materiais.

— Já tem companhia para o baile? — pergunta, de repente, acordando-me para a vida outra vez.

— Não — respondo, mas queria mesmo dizer “estava esperando um certo doutor que sumiu me convidar”.

— Quer ir comigo?

Pisco duas vezes, assimilando sua proposta, sem saber o que responder. Não sei quanto tempo mais Pierre vai ficar incomunicável e o baile é depois de amanhã. Não que ter uma companhia seja uma regra, mas é um *baile*, não se vai a um baile sozinha. Talvez eu devesse ligar para ele antes, saber se pretende ir, fazer o papel "inverso" e *eu* convidá-lo. Mas se ainda está com problemas familiares a última coisa de que vai querer é ir a uma festa.

— Tudo bem — aceito, sem pensar direito.

Gustave sorri e diz que depois combinamos um horário para ele passar lá em casa e me buscar. Concordo, ainda meio perdida por ter aceitado o convite. Também não quero dar nenhum tipo de ilusão a esse homem, que deve pensar que sou solteira porque ainda não pude falar de mim e Pierre porque ele me pediu para não falar até ele poder falar.

Sinais.

Adrien deve estar com a razão e o odeio nesse momento. Odeio ainda mais porque insinuou que ninguém mais pode se interessar por mim porque sou uma mãe solteira. Como se ser mãe fosse um estado civil. Aliás, nem gosto mais desse termo. "Mãe solo" se encaixa melhor.

— Gustave — chamo-o e, para minha própria surpresa, pergunto: —

Sairia com uma mãe solo? — Ele me olha como se eu não fosse desse mundo. Apresso-me em me explicar. — Não estou falando de mim, é claro.

O homem me dá um sorrisinho convencido, como se pensasse "sei, quem você quer enganar, *ma chère?* ", sai do seu lugar e vem em minha direção, sentando-se na minha mesa, bem de frente para mim. Pega uma caneta e brinca com ela entre os dedos.

— Como um homem divorciado que tem uma filha, eu até preferia

alguém que entendesse minhas obrigações. Que compreendesse que vou acabar furando um encontro porque Amélie ficou doente e a mãe está trabalhando, então terei de ficar com ela; ou que nos finais de semana a cama não pode ranger tanto porque a menina dorme no quarto ao lado; ou que em algumas ocasiões

vou ter que levá-la para a nossa viagem. Não vejo outra pessoa capaz de entender isso tudo a não ser uma mãe solteira.

Gosto da sua colocação mais do que posso admitir. Mas ele tem uma filha. Então, de alguma maneira, compreende as obrigações da maternidade e sabe que não faz sentido não sair com uma mãe solo quando ele é pai e divorciado. Não duvido nada de que existam pessoas com esse tipo de preconceito idiota, e torço para que Laurent não seja esse tipo de cara, para que Adrien não esteja certo.

— Por que me perguntou isso? — questiona, puxando um *post-it* verde e rabiscando qualquer coisa sem significado nenhum.

Penso em uma resposta convincente porque não vou falar do envolvimento que estou tendo com meu ginecologista e, quando estou para respondê-lo, alguém bate à porta e nos interrompe. Gustave não sai do seu lugar — sentado na borda da minha mesa — e apenas se vira o suficiente para ver quem entra em seguida. Preciso inclinar um pouco para enxergar porque seu corpo impede minha visão.

— Atrapalho a conversa de vocês? — Pierre pergunta, com um sorriso amigável, mãos nos bolsos, camisa branca e calças jeans.

Oi, sumido, tudo bom?

— Claro que não, Laurent — meu chefe responde. — Gautier estava apenas querendo saber se eu sairia com uma mãe solteira.

Mon Dieu… Meu rosto cora quase sem nem perceber. Pierre me olha, com uma expressão divertida no rosto, o sorriso gentil não se desfazendo.

— Ah, é? — exclama, adentrando mais o recinto.

— É claro que ela não estava falando de si mesma. — Legrand não

poderia ser mais indiscreto.

Pierre dá uma risada gostosa e abana a cabeça em positivo. Lançando-me um olhar suave, pergunta:

— Posso falar com você um instante no meu consultório?

Olho as horas no relógio. Ainda tenho alguns minutos antes do meu próximo turno. Abano a cabeça em positivo, despeço-me de Gustave e o sigo até a sala dele. Ele abre a porta para mim e entra em seguida, encostando-a.

Quando giro nos calcanhares, dou de cara com ele perto demais de mim e esbarro no seu tórax largo. O perfume forte e amadeirado mexe comigo e faz o desejo que sinto por esse homem ganhar força e tamanho. Colabore com meus hormônios de grávida, Pierre. Sorrindo, toca no meu rosto, aproximando-se para um beijo singelo que não recuso.

— Senti sua falta — murmura, lambendo meu lábio inferior.

— Onde esteve? — Quero saber. Tento não soar como uma maluca autoritária, mas por mais que me esforce, ainda tenho a impressão de que saiu exatamente como quis evitar.

— Problemas familiares. Já estou resolvendo tudo.

Suspiro e me esquivo dele. Pierre nota que fico distante e chateada de repente. Encosto-me à beira da sua mesa e cruzo os braços.

— O que foi?

— Você sumiu por mais de uma semana, disse que ia me explicar tudo, mas ainda não me explicou. Ignora minhas mensagens, não me liga, não dá sinal de vida. Pierre, eu… — Pauso um momento, pergunto-me se não estou sendo exagerada, deixando-me levar por experiências passadas. — A minha vivência diz que isso são sinais, entende? E não dos bons.

Ele balança a cabeça em positivo, lentamente, e se aproxima de mim, tocando-me na cintura. Fico meio prensada à mesa, seu corpo grande e quente contra o meu. Não tem ninguém reclamando.

— Acha que estou mentindo para você — murmura, mas não tem nenhum traço de mágoa por pensar disso dele. — Entendo. Tem motivo para desconfiar. Mas não estou mentindo, Juliette. Talvez adiando uma conversa séria, mas não mentindo. Me desculpe pelas mensagens. Sei que me comportei como um babaca na última semana e faz todo sentido estar assim comigo.

— Por que não me conta o que está acontecendo? — peço.

— Vou contar — assegura, acariciando minha bochecha. — Vim aqui para te convidar para o baile da clínica e pensei em conversarmos sobre isso depois.

Pestanejo um par de vezes, arrependida por não ter esperado mais um pouco. Oras, não tinha como eu saber que ele ia aparecer logo depois que aceitasse convite de outro homem. Baixo os olhos, não sabendo como disfarçar que estou em um impasse. Desmarcar com Gustave e aparecer com Pierre? Ou manter e magoar o meu namorado? Ele nota que fiquei estranha e me pede para contar o que há.

— Gustave me convidou. — Decido ser sincera. — Não tem quinze minutos. Aceitei porque não sabia quando você ia aparecer de novo, e como estava ignorando minhas mensagens não achei que me comunicar antes de aceitar o convite fosse fazer diferença. Pierre, seria muito deselegante cancelar com ele e aparecer com você. Me desculpe, mas…

Ele me cala, tocando dois dedos na minha boca.

— Não tem que se explicar, está tudo bem — acalenta, e pela sua expressão está tudo bem mesmo. Não está magoado ou incomodado. Não se importa que eu vá com outro homem para o baile. — Vou aparecer sozinho e posso te roubar uns minutos dele quando sair para buscar champanhe —

brinca, e eu rio, encostando a cabeça contra seu peito. — Ainda assim, depois do baile, podemos conversar? Posso ir até sua casa e vamos falar sobre isso, certo?

— Está bem — concordo. — E sobre nós, quando vai falar com seus superiores?



— Assim que passar essa semana de aniversário. Estou me organizando para voltar a atender na clínica, remarcando consultas. Está meio que uma loucura. Prometo que dentro de, no máximo, uma semana, isso já será resolvido.

Acredito nele. A voz de Adrien soa na minha cabeça, dizendo-me que não

deveria acreditar, mas eu a ignoro, ergo-me nos pés e o beijo.

Gustave não vem.

Comprei um vestido novo só para essa ocasião e me produzi toda.

Sabe como é difícil você mesma ter que fazer cabelo, maquiagem e unha porque salão de beleza em Paris é artigo de luxo? Ter todo esse trabalho e simplesmente não poder ir ao baile que estava ansiosa para comparecer. Eu mereço.

Legrand mandou uma mensagem meia hora atrás, quando estava quinze minutos atrasado para vir me buscar. A filha se machucou e teve de ir às pressas ao hospital com ela. Não me deu muitos detalhes e finalizou escrevendo:

“Sei que vai compreender meu furo porque você é mãe. Lembre-se da nossa conversa dois dias atrás.”

Respondi que tudo bem e desejei melhoras a Amélie. Ele não me respondeu mais.

Agora estou aqui, parada de frente ao espelho no meu quarto, pensando se vou sozinha ou se tiro a maquiagem, o vestido preto e compro

uma pizza para comer na frente da televisão. Talvez devesse ligar para Pierre e, se não tiver arrumado ninguém, pedir para que vá comigo. Decido pela última opção. Quem sabe ele fique até animado de que não estarei com Gustave? Não consigo nada na primeira tentativa. Tento mais duas e somente na quarta ligação ele me atende. Está ofegante quando diz:

— *Oi.*

— Ei — murmuro, girando nos calcanhares e me sentando na cama.

— Gustave precisou cancelar comigo — informo. — Pensei que poderíamos ir juntos ao baile na clínica.

— *Julie…* — Há um traço de desânimo na sua voz quando menciona meu nome. — *Me perdoe, mas também não poderei ir* — avisa. — *Estou entrando agora para fazer uma cesárea de última hora e depois terei que cobrir esse plantão por falta de médico no quadro. Sinto muito, mas juro que foi um imprevisto.*

Malditos imprevistos.

— Está tudo bem — digo, levantando-me e indo até o banheiro. —

Fica para uma próxima vez, não é? — Seleciono um demaquilante e lenços.

— *Oui. Juro que vou te compensar, está bem?*

— Não precisa me compensar — falo, segurando o telefone com os ombros. Molho o lenço no demaquilante e passo no olho direito. — Não foi você quem furou comigo. Faça seu trabalho.

— *Merci, mon coeur*. — Sorrio com o seu "meu coração".

Ele desliga em seguida. Retiro a maquiagem, livro-me do vestido e desfaço o coque baixo. Pego cobertas, travesseiros e jogo tudo no sofá.

Preparo um balde de pipoca e escolho um filme para assistir. Valentin se remexe dentro de mim e envolvo meu abdômen para senti-lo melhor. Fecho os olhos, ignorando a programação por alguns segundos, e me permito curtir o momento com ele. Lembro-me das orientações do curso sobre vínculo maternal e tomo uma decisão. Desligo a televisão, desisto da pipoca pela

metade e corro até o quarto dele, ainda em obras. Adrien deixou um rádio aqui para ouvir música quando estiver trabalhando. Uso-o agora para conectar o Bluetooth com meu celular e escolher uma música calma. Sento-me no chão, pernas cruzadas, minhas mãos ainda na barriga.

— Tio Adrien está fazendo um quarto pra você — digo, conversando com Valentin, fazendo-o conhecer minha voz. — Bem, ainda acho que ele vai querer fazer um quarto para você depois que tivemos uma pequena briga.

Isso não importa. Ele vai me procurar em breve porque é assim, vamos nos perdoar pelo desentendimento e tudo ficará bem.

Faço uma pausa, apenas olhando para baixo, afagando meu ventre, sorrindo cada vez que se mexe e me chuta. Às vezes, ele se mete em lugares que não deveria, como debaixo das minhas costelas.

— Você não terá um pai, Valentin — murmuro, um nó entalado na minha

garganta. — É bom que saiba isso desde o começo. Mas terá uma mãe que vai fazer de tudo por você, vai te amar mais do que tudo nessa vida. *Você* vai ser o homem da minha vida.

Ele continua mexendo, para lá e para cá. Isso é tão incrível. Passo um longo tempo assim, falando com ele, até canto e leio uma história. Quando minha bunda começa a doer porque estou sentada há tempos demais no chão duro e frio, decido terminar meu filme estirada no sofá.

É uma da manhã quando minha campainha toca. Acordo, meio sobressaltada, ainda no sofá, televisão ligada, e dor nas costas porque caí no sono de mau jeito. Demoro algum tempo para me localizar, entender que é tarde e tem alguém do outro lado. Meu coração dispara e não me atrevo a sair do lugar. Não sou louca de atender a porta a essas horas da madrugada.

— Juliette *, c'est moi.* Pierre.

Dou um pulo do sofá e o atendo um segundo depois. Deparo-me com Pierre elegante dentro de um *smoking* preto, camisa branca e gravata borboleta. De onde foi que esse homem saiu?

— Eu te devo um baile e vou te levar a um baile — diz, abrindo um

sorriso galante. — Pronta para essa noite, senhorita Gautier?

BAILE A DOIS

JULIETTE

Se tivesse mais pessoas a essas horas da noite na clínica, Juliette com toda certeza seria a mulher mais bonita. Com um pouco de dificuldade, consegui convencê-la a se arrumar de novo, alegando que vou levá-la ao baile. Ela resiste de início, mas se rende e se troca, optando por um vestido preto com mangas curtas e decote discreto. Faz um coque francês e passa uma maquiagem básica: base, pó e máscara de cílios.

Nada mais e está linda para cacete.

— Me disse que ia cobrir o plantão — diz terminando de se maquiar.

— É, mas o plantonista da escala chegou. Resolveu os imprevistos dele e foi cumprir sua carga — explico, dando um passo à frente e tocando-a na cintura.

Juliette guarda a máscara de cílios e me olha através do reflexo no espelho. Ela sorri um pouco e se vira para mim, abraçando-me pelo pescoço.

— Vai mesmo me contar o que aconteceu para ter sumido por mais de uma semana?

Sei que agi como um babaca desaparecendo do mapa assim, sem mais nem menos, mas o atropelamento de Édouard me deixou meio perturbado e passei os últimos dias ajudando meu irmão a cuidar do moleque depois da cirurgia. E teve Francine, com a maldita história de querer a guarda do garoto. Naquele mesmo dia, depois que o advogado dela me abordou no hospital, eu a encontrei pelos corredores e tivemos uma discussão bastante acalorada no almoxarifado. Ela saiu de lá vermelha de raiva me dizendo que não ia desistir de tirar meu sobrinho de mim porque…

— … você está sendo negligente com ele tanto quanto seu irmão —

justificara.

Eu tinha ficado possesso como nunca fiquei em uma vida, mas ignorei suas ameaças — nem mesmo comentei sobre isso com Étienne — porque ela não tem chance nenhuma. Pode contratar o melhor advogado de Paris, da França, do mundo, da porra que for, ninguém vai tirar Édouard de mim e deixar sob os cuidados de uma paranoica como ela.

Por conta de todos esses acontecimentos, desapareci por alguns dias, não liguei para ela, nem respondi suas mensagens — o que foi bem idiota da minha parte, admito —, mas eu realmente não tinha cabeça para contar tudo o que estava acontecendo. Não era algo que eu quisesse fazer por mensagem ou ligação, e também não queria mentir mais do que já tinha mentido.

A poeira baixou um pouco agora. Meu sobrinho está fazendo bons progressos na sua recuperação, o maldito advogado de Francine não me infernizou mais, nem ela tocou no assunto — aliás, a mulher nem mesmo me dirigiu a palavra nas vezes em que nos encontramos no hospital na última semana. Agora que vou começar a reorganizar a vida, posso ser franco com Juliette e contar a verdade. Isso não vai passar da noite de hoje, depois do baile.

— É claro que vou — respondo, por fim, beijando seus lábios. —

Vamos nos divertir um pouco e quando voltarmos, vou contar tudo o que precisa saber. *D'accord?* — "Combinado?".

— *Oui* — concorda, enroscando-se aos meus braços.

Fazemos o percurso até a clínica com ela me contando como foi sua semana. Finalmente está se enturmando com o pessoal do RH e fazendo algumas amizades. Pergunto de Gustave, de como ele se comporta, porque sei que está interessado nela. Não sou cego. Juliette reage bem à pergunta e tece elogios a Legrand. Bem, de certa forma sempre soube que ele é um cara legal, só queria mesmo ter certeza de que não está se aproveitando da posição de poder que ocupa para assediá-la ou ludibriá-la de alguma maneira.

— Está tudo tão quieto — observa, olhando ao redor quando estaciono na clínica.

Não respondo, apenas abro a porta do passageiro para ela e a puxo pelos punhos. Ela sussurra meu nome diversas vezes quando uso uma cópia da entrada principal e digito a senha para desativar o alarme.

— Pierre, não tem ninguém aqui! — adverte, resistindo em avançar os corredores comigo. — O baile já acabou, *chéri*. É claro que já acabou. São duas e dez da manhã, *pour l'amour de Dieu!* O que estamos fazendo, homem do céu?

— O *nosso* baile ainda nem começou — alego, olhando-a rapidamente por cima do meu ombro e oferecendo um sorriso sapeca. Ela me encara, sem entender nada.

Paro frente a uma porta dupla de vidros. O outro lado está parcialmente escuro e em silêncio.

— Não acredito — murmura, entendendo o que está acontecendo aqui. Sorri e se aproxima mais, erguendo-se nos pés para espiar lá dentro. —

Pierre… — Vira-se para mim. — Não acredito que você fez isso.

Ofereço um pequeno sorriso e abro as portas, revelando um salão coberto por balões pretos e vermelhos no chão. Um pouco do que restou do baile continua

aqui, como mesas desarrumadas e copos descartáveis espalhados aqui ou ali. Mais ao fundo, tem uma mesa arrumada com suco de uva (especialmente para mocinhas grávidas, rá!), pratos, talheres e alguns petiscos que sobraram e roubei da cozinha.

— Não precisava…

— Precisava — interrompo-a, virando-a para mim. — Sei que não vai ser a mesma coisa sem os outros convidados, mas…

Desta vez é ela quem me interrompe:

— Prefiro assim, a sós com você. — Julie me segura pelas mãos e se ergue nos pés para depositar um beijo cálido na minha boca. — Isso não vai te pôr em apuros? Invadir a clínica no meio da noite para um baile a dois?

— Não vão saber, não se preocupe — garanto.

Ela acena, sorri e caminhamos até a mesa que preparei para nós.

— Não acha melhor passar uma mensagem para o seu primo? —

pergunto, jogando um pedaço de canapé na boca. — Ele pode ficar preocupado se por acaso levantar no meio da noite e não te ver.

Suas bochechas ruborizam um pouco. Juliette abaixa os olhos para sua taça de suco por alguns segundos antes de me olhar e dizer:

— Adrien não está mais em casa, não se preocupe. — Seu tom é meio entristecido e desperta curiosidade em mim. Aconteceu alguma coisa entre os dois durante minha ausência. — Já estou melhor, posso voltar a ficar sozinha em casa e… bem. — Ela se remexe na cadeira, desconfortável, enche a boca de rolinhos de massa folhada e completa: — Meio que o expulsei.

A informação me pega de surpresa.

— Por quê?

Há outro momento de silêncio entre nós, Juliette ainda demonstrando que tem alguma coisa a incomodando. Limpando os lábios com o guardanapo de papel,

responde:

— Ele fez uma insinuação pouco agradável a seu respeito, não gostei, saí em sua defesa e o expulsei de casa. Bem, meu primo também me ofendeu.

Ergo uma sobrancelha, curioso em saber o que Adrien teria dito ao meu respeito que inclusive chegou a ofendê-la.

— Que insinuação? — pergunto, engolindo um tomatinho com *Boursin*.

— Você sumiu por esses dias e foi impossível não ficar preocupada com você, com o que teria acontecido e isso me deixou um pouco aflita.

Adrien percebeu, me falou para ficar "atenta aos sinais", sabe? Sinais de um cara idiota igual o… — Para de falar e não preciso que continue. Sei exatamente a quem se refere. — Enfim. Ele achou que você tinha sumido porque perdeu o interesse em mim por eu… ser uma mãe solteira. — Seus olhos castanhos se erguem lentamente na minha direção, e estão tão aflitos, quase como se suplicassem um pedido para que o primo esteja errado em sua teoria. E está. Totalmente.

Não digo nada por dois ou três segundos, estudando o absurdo que é a conclusão de Bourdieu. Então, me levanto, pego minha cadeira e levo mais para perto dela. Seguro suas mãos e beijo seus lábios com delicadeza.

— Se você não me tivesse dito agora que é mãe solteira, nunca teria sabido — brinco, murmurando contra sua boca e acariciando sua bochecha.

Aqui, tão pertinho dela, posso observar seu rosto, suas pequenas e quase imperceptíveis sardas em torno do nariz, sentir seu cheiro doce e suave. Ela ri da minha piada e me olha com mais intensidade. — Seu primo disse uma

besteira sem tamanho. Estava grávida quando te conheci, estava grávida quando me interessei por você, estava grávida quando decidi te trazer para minha vida. Sei o que implica namorar uma mãe solteira e estou disposto a enfrentar todos os riscos.

Juliette sorri e desce os olhos para sua barriga. Faço o mesmo e, vendo-a com a mão contornando o abdômen, cubro as suas com as minhas.

Sinto Valentin se remexer, de um lado para outro.

— Ele gosta mesmo da sua voz.

Abro um sorriso pequeno e fecho os olhos, deixando-me levar pela sensação. É bom senti-lo mexendo. Não sei explicar por que gosto disso, só gosto. O bebê para de se mover e terminamos nossa “refeição”, ela me dizendo que pretende começar a montar o enxoval do menino em breve. Digo que quero acompanhá-la nesse dia e Juliette me dá um dos sorrisos mais incríveis.

— Ainda não acabamos — digo, levantando-me e a puxando pelos punhos. — Um baile não é um baile sem uma dança, não concorda, senhorita, Gautier?

Eu nos levo até o centro do salão, o mar de bexigas rodeando nossos pés. Com um controle remoto, aciono o sistema de som. O grande globo espelhado fixado no teto começa a girar e cria uma atmosfera gostosa no ritmo das primeiras notas de *Is This Love*, Whitesnake. As batidas da balada dos anos oitenta vai preenchendo o ambiente. Ao passo que ela se segura à minha cintura, me apoio nos seus ombros e nós seguimos os compassos da música, olhos nos olhos. Cara, ela é tão linda.

Não dizemos nada um ao outro enquanto dançamos, passos lentos, deslizando pelo salão, fazendo as bexigas flutuarem conforme nos movemos.

No refrão da música, tenho um ímpeto incontrolável de beijá-la. Minha boca cola à dela quando David Coverdale pergunta se o que ele sente é amor.

Isso é amor, o que estou sentindo?

Esse é o amor que eu estive procurando?

Isso é amor, ou eu estou sonhando?

Isso deve ser amor

Porque isso realmente toma conta de mim

Toma conta de mim

Eu a beijo, com paixão, nesse momento em que minha dúvida se iguala ao do vocalista. O mundo parece parar enquanto estou aqui, tomado pelos lábios dela, perdido no desejo avassalador que essa mulher me faz sentir, tentando distinguir meus sentimentos e me perguntando por que fiquei tão envolvido em tão pouco tempo. Talvez o amor seja isso mesmo, algo que não pode ser explicado, apenas sentido.

Eu posso sentir meu amor por você

Ficando mais forte dia a dia

E eu mal posso esperar pra te ver novamente

Para que eu possa te envolver nos meus braços Separo-me da sua boca, mas me mantenho perto o suficiente, e sorrio.

Ela sorri de volta, deita a cabeça no meu tórax e não dizemos mais nada um ao outro até a música acabar. Talvez o amor dispense palavras porque quem ama não apenas diz, mas sente, demonstra e vive.

— Quer subir? — sussurra para mim, frente à porta da sua casa. É

tarde, quase quatro da manhã.

Não quero incomodar, mas prometi que, depois do baile, iríamos conversar. A menos que me peça para deixar para outra hora, vou contar tudo o que precisa saber agora mesmo.

— Não quer descansar? Posso ir embora se quiser — digo, embora meu desejo seja mesmo de subir, me deitar na cama com ela, colocá-la em meus braços, beijar sua boca.

Como resposta, ela apenas me puxa pelos punhos e me leva para dentro. Meio minuto depois, estamos no seu quarto, frente a frente. O abajur perto da

cabeceira está aceso, criando uma atmosfera agradável à meia-luz.

— Nós vamos conversar? — pergunto, baixinho.

Juliette abana a cabeça em positivo e me segura pelos dois braços, afagando-me vagarosamente — para cima e para baixo — e diz:

— Vamos, mas não agora. — Penso em protestar, dizer que não dá mais para ficar adiando isso e quero mesmo contar tudo, mas ela interrompe qualquer menção que eu faça e completa: — Vamos aproveitar o restinho da noite e quando amanhecer, nós conversamos. Esperei até agora, Pierre. Posso esperar mais algumas horinhas.

Suspiro e cedo, principalmente quando, de um jeito meio sensual, ela tira meu paletó, jogando-o sobre a cama. Então, nesse momento, sei por que não quer conversar comigo. Sinto um tremor diferente dentro de mim ao pensar nisso.

— Você tem camisinha? — pergunto, engolindo em seco, enquanto ela abre lenta e sedutoramente os botões da minha camisa. É madrugada. Não vou achar nada aberto a essas horas. Para minha sorte, ela confirma com um sussurro:

— Na gaveta do criado-mudo.

Sorrio um pouco, entusiasmado com o passo importante que vamos dar.

Nossa primeira vez.

DESEJO IRRESISTÍVEL

PIERRE

Ela me toca, as mãos pequenas e ligeiramente geladas contra meu tórax, e seu contato me causa uma energia boa. Molhando os lábios — acho até que é um ato inconsciente e mecânico —, Juliette não tira os olhos do meu peito, suas palmas escorregando para cima e para baixo, suavemente.

Quando estou pensando em tocá-la, ela se aproxima de repente, colando sua boca no meu mamilo direito. Fecho os olhos, apreciando o toque, ao passo que distribui beijos por toda a extensão do meu tronco.

Suspiro e abro os olhos quando sua boca úmida encontra a minha, seus braços me cingindo em um abraço gostoso. Retribuo, ritmo calmo, apreciando o gosto da sua boca, o calor do seu corpo no meu. Aperto sua cintura, trazendo-a mais para mim o quanto sua barriga permite. Desvio meus lábios para seu pescoço e sinto o gosto do seu perfume na ponta da minha língua. Jogando a cabeça para trás, deixa um gemido no ar, e eu vou distribuindo meus beijos úmidos pela sua pele do pescoço, ombros, clavícula.

Abaixo as alças do seu vestido até ter a visão dos seus seios pequenos e acesos. Em um movimento lento, inclino-me e tomo o direito entre meus dentes, chupando-o vagarosamente, circundando a língua no bico intumescido. Ela afunda seus dedos nos meus cabelos, puxando-me mais, exigindo mais, querendo mais. E eu dou tudo o que ela quer. Enquanto dou atenção ao seu seio direito com um chupada lenta e suculenta, massageio o esquerdo, intervalando com pegadas firmes e pequenos beliscões no mamilo.

Ela gosta, porque geme, se contorce e me aperta cada vez mais com força.

Satisfeito, passo para o esquerdo, repetindo o processo prazeroso. Coloco-o todo em minha boca, sugando o mamilo, circulando a auréola, e dou a atenção que essa sua parte do corpo merece por algum tempo.

Estou duro antes mesmo que possa perceber. Um gemido escapa de mim, seu seio esquerdo ainda entre meus dentes, quando sua pequena mão escorrega até o vão das minhas pernas e me aperta. Contorço-me, desejando mais do que um simples toque por cima da calça. Nossos olhos se encontram e, à medida que deixo seus peitos mais acesos e ela mais excitada, Juliette desfivela minha calça, abre o botão e tem livre acesso ao meu pau. Acaricia-me por cima da cueca e estou prestes a conduzi-la para dentro do tecido quando o faz por si só. Seu toque quente me arranca um suspiro estrangulado, e agora chupo seu par de peitos com mais afinco.

Tiro seu vestido por completo, deixando-a praticamente nua para mim. A calcinha preta de renda é a única peça no seu corpo. Admiro-a por um minuto inteiro, e ela me toma em suas mãos de novo, olhando dentro dos meus olhos enquanto me masturba. Minha respiração falha à medida que me toca, devagar. Não sei se está sendo suave ou se está tímida.

Retribuo as carícias, tocando sua boceta. Ela solta um suspiro de surpresa

quando minha mão grande encontra seu sexo pequeno. Quero sentir toda a sua carne úmida, mas mantenho o carinho por cima do tecido rendado por algum tempo, até que eu sinta que ela está confortável com a situação.

Devagar, vou colocando a mão por dentro da calcinha, deslizando meu toque até seu ponto mais sensível. Encontro seu clitóris e o acaricio, meus olhos nos dela, que ela batalha para manter abertos ao passo que geme baixinho contra meu indicador. Escorrego minha mão livre na coluna dela, empurrando-a mais para mim, e murmuro ao pé do seu ouvido:

— Se esfrega nos meus dedos, Julie.

Soltando um grasnado baixo, joga a cabeça levemente para trás. Com minha mão na sua coluna, incentivo-a. Começa com movimentos tímidos dos quadris, devagar, mas quando introduzo o indicador e o médio dentro dela, minha namorada se agarra aos meus ombros com as duas mãos e se esfrega com mais vontade, em um ritmo frenético. Para facilitar, me sento na cama e a ponho no meu colo. Mais estabilizada, o movimento do seu quadril contra meus dedos intensifica. Suas pupilas dilatadas nas minhas, eu sentindo que cada vez mais fica molhada.

— Eu… — Não sei o que vai dizer porque Juliette se interrompe,

enfiando o rosto entre meu pescoço, mas tenho quase certeza de que estava para anunciar um orgasmo. Morde meu ombro e abafa um gemido trêmulo.

Os movimentos acabam, e ela fica somente abraçada a mim, respirando com dificuldade. Sigo acariciando seu clitóris, agora mais suavemente, esperando seu corpo se acalmar. Um minuto depois, giro-a e a deito na cama, ficando por cima dela, com cuidado para não descarregar muito peso sobre sua barriga. Tomo-a em um beijo sereno mais uma vez, tornando a fazer caminho à sua boceta e sentir como está extremamente molhada, pronta para me receber. Ela dobra os joelhos, facilitando nosso contato. Está tão escorregadia. Alterno entre circular seu clitóris e penetrá-la com os dedos, beijando sua boca ou a olhando nos olhos.

Segura meu punho, parando meu toque nela, puxa minha mão para cima. Penso em insistir em continuar a masturbando, mas o movimento ousado que faz me deixa sem ação e mais excitado. Juliette chupa meus dedos, nunca parando de me olhar, saboreando seu próprio gosto. Então me conduz para baixo outra vez e dita o ritmo que quer que eu a acaricie. Meus dedos estão cheios do seu fluído de

novo quando os puxa para cima, mas, em vez de chupá-los, direciona-os para minha boca. O sabor agridoce da sua boceta é uma delícia. Quando percebo, já estou me ajustando entre suas pernas, aspirando fundo o seu aroma e circundando seu clitóris com a língua, movendo-a em círculos ou para cima e para baixo. Ela geme, se contorce, prende minhas têmporas com os joelhos, mergulha os dedos nos meus cabelos. Quero mais espaço, por isso afasto suas pernas o quanto consigo, deixando-a exposta para mim. Penetro dois dedos nela e a fodo assim um instante enquanto minha língua continua sua tarefa.

Juliette sempre teve uma influência diferente sobre mim, sobre minha mente, desde que a conheci. No começo, foi difícil me acostumar ou entender por que me preocupava com ela além da minha obrigação, por que queria protegê-la, estar por perto, ajudá-la. Demorei a notar que despertava meus mais profundos anseios, e agora, enquanto a chupo, sinto seu gosto e o ato me deixa cada vez mais excitado, ela prova que não é capaz apenas de dominar minha mente, mas também o meu corpo, despertando-me para um desejo irresistível de tê-la de todas as formas.

— Preciso entrar em você — murmuro, voltando para sua boca. Ela

está em êxtase, pálpebras apertadas, uma pequena gota de suor na testa.

Beijo-a de novo, ainda a tocando, quando digo um pouco mais obsceno: —

Preciso comer você.

Juliette arqueja, suspira e balança a cabeça, erguendo os quadris de encontro ao meu. Pego a camisinha no criado-mudo e me revisto. Encaixo-me na sua entrada e toco seu queixo antes de penetrá-la.

— Olhe para mim, Julie — peço. Ela abre os olhos, atendendo aos meus comandos. As pupilas estão dilatadas, repletas de desejo. — Quero que olhe para mim quando eu entrar nas suas pernas. Quero seus olhos nos meus enquanto te fodo.

E — *putain!* — ela realmente não desvia seus olhos dos meus quando escorrego para dentro dela, devagar, tomando-a centímetro por centímetro, e isso me deixa em um nível de excitação maravilhoso. Gosto desse contato, dos olhos nos olhos, dos lábios se roçando e dos gemidos que trocamos.

Juliette abraça minha cintura com as pernas, apertando-me, ao mesmo tempo em que os braços esmagam minhas costas e sua boca, sedenta, procura pela minha. Eu a beijo, com tudo que há em mim. Mantendo o peso do meu corpo nos braços, movo os quadris um pouco mais forte, mais rápido. Seus gemidos se intensificam à medida que estoco nela. Fecho os olhos, deixando o êxtase correr pelas minhas veias.

Giro na cama, colocando-a sobre mim. Seguro sua cintura e nem preciso de nenhum comando. Juliette por si própria começa a cavalgar em mim, mas não suporto mais que dez segundos nessa posição. A pequena distância entre nossos tórax é grande demais para mim. Por esse motivo, eu me sento na cama, colando meu peito ao dela, escorregando a mão até sua coluna e forçando-a para mim, da mesma maneira como movo os quadris de encontro ao seu. Tomo sua boca na minha, enquanto a ajudo a cavalgar.

Quando joga a cabeça para trás e deixa um gemido alto escapar, abocanho seus seios e sei que está gozando pela segunda vez.

Seu pequeno corpo estremece sobre mim, os quadris contra o meu com mais força, com mais intensidade, mais desespero. A imagem à minha frente é quente demais, linda demais, excitante demais para que aguente segurar. Puxo seu rosto, seus olhos nos meus.

— Juntos — sussurro apenas. Beijo-a, forte, deixando um gemido descontrolado na sua garganta quando me liberto.

Mesmo depois do gozo, por trinta segundos, mantemos o ritmo intenso, eu contra seus quadris, ela contra os meus, nossas bocas coladas, um gemendo gostoso para o outro. Aos poucos, diminuímos a intensidade até estarmos parados, enroscados, conectados, beijando-nos calmamente, acalmando nossos corpos.

Juliette me olha, sorri, acaricia meus cabelos bagunçados e beija o canto da minha boca. Faço o mesmo, ainda recuperando minha respiração e sentindo meu coração acelerado. Ela sai de cima de mim, e contemplo seu corpo nu por um instante enquanto se enrola no meu casaco, *só no meu casaco*. Puta merda, que imagem.

Descarto a camisinha, ela me olha de um jeito meio acanhado. Rodeio seu corpo e beijo o alto da sua cabeça. Juliette também me abraça e sua mão direita de

repente desce entre nossos corpos. Ri contra meu pescoço quando sente que continuo duro.

— Vamos tomar um banho — convida.

No chuveiro, ela lava minhas costas, brinca com meu pau que segue rijo e gargalha de alguma piada infame que conto. Depois, eu a ensaboo, roubo um beijo, circundo sua barriga, brinco com seu clitóris, e vejo o desejo atravessar seus olhos quando começa a ficar excitada de novo. No quarto, vestido apenas com minha cueca e debaixo dos seus lençóis, ela se ajeita no meu tórax, abraçando meus quadris e ronronando.

— Ei, dorminhoca, temos que conversar — digo.

— Depois, Pierre — pede, puxando mais a coberta para se cobrir. —

Estou cansada. Juro que conversamos assim que acordamos, tudo bem?

Jamais seria capaz de privar uma mulher grávida do seu merecido descanso, por isso apenas concordo. Juliette sorri um sorriso sonolento, ajeita-se pela última vez no meu peito, dá um último suspiro e cai no sono.

Não consigo dormir por algum tempo. Fico a observando, velando seu sono,



brincando com seus cabelos, beijando sua boca. Ela está tão cansada que nem acorda com minhas pequenas investidas.

Desperto, mas ela continua dormindo. São onze da manhã. Desço até a cozinha e preparo alguma coisa para comermos. Compro frutas, baguete e croissant no mercado perto da sua casa. Espremo algumas laranjas e separo um pouco de geleia. Ponho tudo em uma bandeja e levo para o quarto.

Juliette está despertando quando me sento ao seu lado.

— Um namorado que traz café da manhã na cama — murmura, ainda meio sonolenta. Senta-se, puxando o lençol para cobrir o dorso despido. —

Onde você estava esse tempo todo?

Rio e a beijo, colocando uma uva na sua boca. Ela mastiga e engole.

Mordo um pedaço do croissant e digo:

— Podemos conversar agora?

Ela balança a cabeça em positivo, passando um pouco de geleia na baguete. Espero alguns segundos, pensando em como começar isso.

— Menti pra você — murmuro, e ela levanta o olhar para mim no mesmo instante. — Semana passada, no restaurante, a ligação que recebi, não era de nenhuma paciente em trabalho de parto. O meu sobrinho foi atropelado.

Julie arregala os olhos, assustada com a informação.

— Por que não me contou a verdade? — pergunta, confusa.

— Quem me informou foi… minha ex-namorada — informo, e um instante de tensão cresce entre nós. — Ela é médica também, neurocirurgiã, e trabalha no Necker junto comigo. Você inclusive chegou a conhecê-la. —

Juliette me olha com atenção, esperando que eu complete minha frase: — A doutora Perrot.

— Oh. — Um murmuro de surpresa escapa dela. — Mas ainda não entendi por que mentiu.

Umedeço o lábio inferior e explico:

— Ela é uma pessoa complicada e nunca aceitou o nosso término. Se eu tivesse te contado sobre o que aconteceu, teria ido atrás de mim no hospital, não teria?

— É claro que sim!

Aponto o indicador em sua direção.

— É exatamente por isso que não contei. — Seguro suas mãos e a olho nos olhos. — Ainda não quero que ela saiba que tenho uma nova namorada, entende? Porque isso seria o suficiente para ela nos perturbar, poderia inclusive… contar para os meus chefes sobre nosso namoro e nos prejudicar com isso.

— Ela é tão ruim assim?

— Francine não é ruim. — Acaricio suas mãos. — Só… rancorosa e possessiva demais. — Suspiro. — Enfim, quando recebi a ligação, não tinha tempo de te explicar isso tudo que estou explicando agora porque meu sobrinho estava entrando na sala de cirurgia. *Désolé.*

Juliette sorri e abana a cabeça.

— Não se desculpe, Pierre. Teve seus motivos.

— Uma mentira continua sendo uma mentira mesmo com as melhores das intenções.

Juliette se inclina para mim e me beija. Afaga minha bochecha, pega uma uva e coloca na minha boca.

— Desculpado — cicia.

— De verdade? Mesmo por ter me comportado como um babaca sumindo por mais de uma semana, ignorando suas ligações?

— Estava cuidando do seu sobrinho, Pierre, que foi atropelado. Podia pelo menos ter me dado uma ligação, mas… já passou. Vamos só seguir em frente e…

— Não vai mais acontecer — interrompo-a. — *Je te promets* —

prometo. — E sobre nós, pretendo conversar com meus superiores ainda essa semana. — Suspiro e pego uma mecha do seu cabelo. — Preciso te dizer que terei que te indicar para outro obstetra.

Juliette se afasta de mim, ligeiramente assustada, e me olha com atenção.

— Por quê?

— Porque nossa relação é proibida e antiética. O Conselho de Medicina não admite nenhum tipo de relacionamento amoroso ou sexual entre médico e paciente. Foi por isso que te pedi para sermos discretos até eu poder conversar com meus chefes, explicar a situação. É arriscado eu perder meu emprego no Necker e na clínica. Odeio essa situação, Julie, odeio mesmo, mas não vão permitir que eu seja seu médico. Sinto muito.

Ela fica em silêncio por algum tempo, olhos fixos em algum lugar, umedecendo os lábios constantemente. Pega-me de surpresa quando diz:

— Então não diga nada.

Não acho aconselhável. A última coisa que quero é ficar a escondendo dos outros.

— Julie, não — advirto, suavemente. — Seria imprudente demais da minha parte.

— Sei que é um pedido egoísta — diz, segurando minhas mãos, seus olhos nos meus. — Nosso relacionamento pode te colocar em uma situação

delicada e pode até a perder seu emprego, mas, Pierre, não quero me consultar com ninguém mais a não ser você. Não confio em nenhum outro médico para cuidar de mim e de Valentin a não ser você. *S'il te plaît* —

suplica.

Estudo seu pedido por alguns segundos, relutante em atendê-lo. O

mais correto seria eu indicar outro especialista que acompanhará sua gravidez, mas fico tentado em mantermos tudo como está. Também não gosto da ideia de ela se consultando com outro médico, não por ciúme, mas porque tenho a impressão que só eu sei cuidar dela, que só eu conheço suas necessidades de mulher, de gestante.

— Pierre — me chama, puxando meu queixo e me fazendo olhá-la

—, você foi o único médico em toda uma vida que foi mais atencioso comigo.

Todos os outros são sempre tão distantes e frios. Gosto que seja receptivo e caloroso, gosto do seu humor, da sua paciência. Por favor… Olha, o Valentin vai nascer em breve, podemos nos manter discretos até o nascimento e até você não ser mais o meu médico. Depois, podemos nos assumir como se não estivéssemos juntos esse tempo todo.

Parece simples, mas não é. Na clínica, não é antiético se relacionar com uma ex-paciente desde que não tenha nenhum contato profissional com ela há, pelo menos, dois anos. No Necker, isso sobe para três. Se eles descobrem meu envolvimento com Juliette enquanto é minha paciente, mesmo se isso acontecer quando ela não for mais minha paciente, ainda é passível de punição com demissão.

Mas tem como resistir a esse pedido absurdo quando me pede assim, olhando-me como se eu fosse a única pessoa no mundo todo em que confia cegamente? E talvez seja, porque ela completa:

— Só confio em você pra cuidar da gente. — Juliette pega minha mão e coloca sobre seu abdômen.

É o suficiente para que eu ceda.

— Tudo bem — suspiro.



Ela envolve minha nuca, me olha nos olhos e me acaricia, agradecendo. Em seguida, toma-me em um beijo singelo. O lençol que cobre seu seio cai, e isso é o suficiente para que eu reaja. Livro-me de toda a bandeja do café da manhã e torno a beijá-la, puxando-a para mim e trocando nossas posições. Recosto-me à cabeceira da cama e chupo seus seios enquanto, sobre mim, ela rebola e me provoca. Não demora para que eu esteja realmente duro e Julie esteja muito molhada. Depois que coloco uma camisinha, é um movimento rápido e simples penetrá-la. Enquanto cavalga intensamente em mim, eu só tenho um pensamento.

Obrigado, libido de grávida.

É difícil deixá-la, mas preciso. Depois de almoçarmos juntos, preciso ir para casa. Antes, faço algumas pesquisas e descubro onde Adrien trabalha.

Procuro-o lá, mas sou informado de que não está. Consigo o endereço dele, em um prédio modesto. A portaria me anuncia e subo quando é permitido. O

rapaz já está na porta quando chego no seu andar.

— Quem é vivo sempre aparece — diz, encostado ao batente da porta.

— Soube que você e Julie discutiram por minha causa — menciono, sem rodeios.

Ele desvia o olhar um segundo.

— Não me leve a mal, Laurent — fala, voltando-se para mim. — Mas o seu comportamento…

— Eu sei — corto-o. — Não agi direito com ela, mas já a procurei, expliquei o que houve e nos entendemos.

Adrien acena em positivo, ainda meio resignado de mim.

— Agradeço que se importe com Juliette e queira protegê-la. Jamais poderia me ofender ou me irritar com o fato de tentar mantê-la em segurança.

É por isso que vim aqui pessoalmente te dizer que não precisa se preocupar comigo. Não sou igual ao Antony, eu *nunca* faria qualquer mal àquela mulher. Você tem a minha palavra.

Ele ergue uma sobrancelha, me estuda por alguns segundos.

— E de que sua palavra me vale?

— É tudo o que tenho e, pode ter certeza, minha palavra é uma das coisas mais importantes pra mim. Não é só sobre o que prometo, Adrien. É

sobre o meu caráter. Se se permitir me conhecer melhor, vai ver que não precisa se preocupar com Julie enquanto estiver comigo.

Bourdieu suspira, dá um passo à frente e estica a mão para mim.

— Não me faça me arrepender em te dar a minha benção.

Quando aperto sua mão, ele me traz para um abraço.

PRAZER CONDUZIDO

JULIETTE

— *MON DIEU*, VOCÊ VAI EXPLODIR! — Juliene grita, escandalosamente. Ela me toma em um abraço apertado e, sentido uma saudade imensa dessa criaturinha, retribuo seu gesto.

Nem me importo que estejamos no meio do caminho, enquanto outras pessoas desembarcam e são recepcionadas por amigos e entes queridos.

Afasto-me e a analiso. Minha menininha cresceu, embora continue baixinha, com seus um metro e cinquenta e cinco. Abro um sorriso, orgulhosa dela.

Juliene é incrível, de verdade. Não que eu tenha sido a ovelha desgarrada da família, mas minha irmã sempre foi a mais centrada de nós duas, mais ajuizada, decidida e esforçada.

Temos uma diferença de sete anos. Quando essa pirralha nasceu, ela se tornou tudo para mim. Eu era a irmã mais velha, e meus pais viviam dizendo que deveria dar o exemplo. Passei a vida tentando ser uma pessoa perfeita para que Juliene se espelhasse em mim, sentisse orgulho de mim, que me visse como uma pessoa a ser seguida. Ao longo dos anos, é claro, cometi erros. Perdi a virgindade antes dos dezessete, no banheiro da escola; fumei por alguns anos, parte deles escondidos dos meus pais, experimentei maconha, menti e faltei às aulas no ensino médio. Toda a postura de “irmã perfeita” era apenas uma fachada, porque no fundo, no fundo, eu era uma adolescente rebelde que vivia se metendo com coisas erradas.

Meu maior medo era que Juliene descobrisse meus podres, as coisas erradas que fiz, e se decepcionasse comigo. Não conseguia vê-la fazendo as mesmas coisas que eu. Era hipócrita da minha parte, sei disso, mas não podia evitar o sentimento. Quando entrei na faculdade, dei uma endireitada.

Dediquei-me aos estudos, não tanto quanto ela quando iniciou sua vida

acadêmica, mas me dediquei. Vez ou outra, só para não perder o costume, fazia algo de errado.

Minha irmã sempre viu em mim o exemplo perfeito a ser seguido. E

eu sempre tive medo de não suprir suas expectativas, de frustrá-la. É por isso que não contei a verdade sobre minha gravidez, não contei sobre meu envolvimento com um homem casado, nem sobre ter sido espancada pelo pai do meu filho porque fui burra o bastante de engravidar dele e ameaçar contar toda a verdade para a esposa. Não, não. Ainda morro de medo de decepcioná-la. Então, tudo que minha irmã sabe é que me envolvi com um cara, não me preveni como exaustivamente eu a aconselhei quando começou a ter relações sexuais, engravidei, o safado não quis assumir a criança e sumiu da minha vida.

Adrien se opôs muito à mentira, tentou me convencer de que Juliene merecia saber a verdade, mas me decidi que era melhor a doçura da mentira do que o amargor da verdade. Acho que jamais suportaria o olhar de desprezo dela se soubesse das coisas terríveis que fiz. Por fim, convenci o teimoso do meu primo a manter a boca fechada e concordar com a minha versão dos fatos.

— Senti tantas saudades — reclamo, abraçando-a de novo e inalando seu cheiro suave. Já tem bem uns dois anos desde a última vez em que nos vimos, embora minha irmã more relativamente perto.

— Eu também. Não sabe como fiquei animada e ansiosa pra vir te ver depois que me contou da gravidez.

Fecho os olhos por um instante, me recordando desse dia. Tinha sido logo ao me recuperar cem por cento das agressões do Antony, cerca de um mês e meio depois. Isso deve fazer mais ou menos umas oito semanas. Decidi que só ia me comunicar com ela quando os sinais daquela violência não estivessem mais visíveis no meu rosto, só para caso ela quisesse uma conferência em vídeo ou, imprevisível como é, voasse da Inglaterra para cá de uma hora para outra só para me ver. A última coisa de que precisava é que minha irmã caçula visse meu rosto lesionado e eu tivesse de explicar os motivos verdadeiros dos machucados e da gravidez.

— Como vocês estão? — pergunta, afastando-se e colocando a mão na minha

barriga. — Depois daquele susto?

O “susto” foi a ameaça de aborto, um mês e meio atrás, exatamente duas semanas depois que contei para ela sobre minha gravidez. É claro que ela surtou primeiro porque demorei mais de um mês desde que descobri a gravidez para contar. Minha desculpa foi que eu estava envergonhada porque seria mãe solteira. Dois dias depois da minha alta, quando pedi a Adrien para informar que estive no hospital, ela surtou mais ainda e me mandava mensagens o tempo todo querendo saber do meu estado de saúde. Esses exageros descabidos devem ser de família.

— Estamos bem, Juliene, não se preocupe — garanto, beijando sua bochecha. — Vamos? — convido-a.

Ela puxa sua mala de rodinhas e seguimos até o ponto de táxi, a mais nova tagarelando sobre a faculdade, ao mesmo tempo lamentando que só poderá ficar o final de semana para visita, pois na segunda-feira precisa estar de volta a Londres e continuar com as aulas.

Quando o motorista do táxi joga sua bagagem no porta-malas, ela ainda está tagarelando, falando de irmos às compras amanhã depois do almoço, que já combinou tudo com Adrien para continuarmos montando o quarto de Valentin — com as obras lentas porque o homem só tem folga uma vez na vida e outra na morte.

— Aliás, que história foi essa de escolher o nome do meu sobrinho sem me consultar? — brinca, puxando o cinto de segurança enquanto dou as coordenadas ao taxista sobre nosso destino.

Coro levemente quando me dou conta de sua pergunta. Ainda não contei sobre Pierre para Juliene. Tinha toda a questão de estar me envolvendo com outra pessoa logo depois de “ser abandonada” e não queria que ela pensasse o pior de mim ou viesse com os mesmos conselhos que Adrien deu quando percebeu que estava envolvida com o doutor.

— Desculpe — peço. — Foi algo decidido meio subitamente.

— Como assim? — Quer saber.

— Prometo te contar quando chegarmos em casa, tudo bem?

Ela faz cara de contrariada, porém concorda. Em casa, depois de descarregar a mala e instalá-la no meu quarto — teremos que dormir na mesma cama —, minha irmã me arrasta para cozinha, toda enérgica, e começa a revirar minha geladeira e armários para preparar algo para comermos.

— Vai, agora conta tudo — diz, colocando o arroz para cozinhar.

Quando se vira para mim, só então dou por mim que contar sobre como escolhi o nome do bebê pode, e vai, puxar o fio da meada e minha irmã, uma hora ou outra, vai acabar descobrindo toda a verdade. Engulo em seco, ignorando seus olhos suaves sobre mim enquanto aguarda uma resposta minha. Debruçada sobre o balcão, na minha frente, brinca com uma mexa do seu cabelo castanho.

— Estou com alguém. — Não é a minha melhor maneira de começar isso, mas não vejo outro modo. Uma hora ou outra ela vai saber mesmo. Que seja. Juliene arregala os olhos e entreabre os lábios. — E foi ele quem sugeriu

— confesso, mordendo a parte interna da minha bochecha. — Gostei da sugestão e decidi que seria Valentin.

— Espera… — murmura, fazendo um sinal com a mão. — Você está com alguém e não me contou? — Seu tom tem notas de mágoa comigo.

É claro que está magoada comigo. Tudo bem que nunca fomos do tipo grudadas que confidenciam tudo o tempo todo e esse distanciamento aumentou desde que se mudou para a Inglaterra a estudos, mesmo que a distância entre Londres e Paris seja pequena e, se ela quisesse, poderia me visitar com mais frequência. Ainda assim, era o mínimo que eu deveria ter feito, não? Ter contado que estou com alguém, mesmo que seja relativamente cedo essa relação com Pierre.

— Estou. Não faz muito tempo.

— Ainda assim, poderia ter me contado — sublinha, desviando o olhar de mim por um segundo.

— Eu sei. Me perdoe. Mas, de qualquer maneira, quando Pierre sugeriu o nome do bebê, não tínhamos nada. Éramos só amigos, mas eu…

Juliene se volta para mim, grande sorriso, olhos brilhando, daquele seu modo romântica incurável. Detenho-me diante seu olhar e sorriso, sabendo que nem

preciso terminar minha frase para que a faça entender.

Minha irmã já compreendeu.

— Ai que fofo. Como vocês se conheceram?

Coro um pouco mais sem quase perceber. Bem, faltou um detalhe que deixei de fora e não sei como vai reagir. Ela se levanta, torna a revirar a geladeira até encontrar a jarra de suco e nos serve, preparando um sanduíche para forrarmos o estômago enquanto o arroz não fica pronto. Aliás, nem sei o que essa garota pretende cozinhar. Talvez esteja apenas desperdiçando tempo, gás e comida. Enquanto monta o sanduíche de queijo, tomo uma dose de coragem e menciono o detalhe mais importante dessa minha relação:

— Ele é meu obstetra. — É claro que não tenho intenção nenhuma de dizer como *de fato* nos conhecemos porque isso inclui contar a verdade.

Juliene tosse, engasgando-se com um pedaço de queijo que mastigava, e me olha. Vejo advertência e reprovação nesse olhar. Mas daí, de repente, ela suaviza a expressão, empertiga-se mais no balcão e murmura:

— Já transaram no consultório dele?

Bato na sua mão e dou uma risada escandalosa:

— Juliene!

— Ah, vamos! Vai me dizer que não pensou nisso?

Não quero bancar a santa, mas a verdade é que não, não pensei em sexo com Pierre no consultório dele. Até porque só tivemos nossa primeira vez três semanas atrás. Mas não acho que sexo no consultório dele seja a

coisa mais prudente do mundo. Tem o fato que sou uma paciente e isso poderia colocá-lo em uma situação muito, *muito* comprometedora e prejudicar sua carreira. Deus me livre. A última coisa que quero é prejudicá-lo.

Mas agora, quando minha irmã faz essa pequena insinuação, a ideia me agrada. É uma fantasia que surge de repente, e na mesma medida me vejo desejando estar nua naquela sua mesa extremamente organizada, ele em pé, entre minhas

pernas, segurando minha cintura com toda força e murmurando coisas obscenas com a boca bem rente à minha. Credo, que delícia. Balanço a cabeça em negativo, afastando as imagens da minha mente, e respondo:

— Não, não pensei nisso — respondo. — Até agora — acrescento, e Juliene abre um sorriso sacana enorme.

Ela termina nossos sanduíches e arrasta um prato em minha direção, dando uma generosa mordida no seu. Mastigo um pedaço do meu e conto como, aos poucos, fui me envolvendo com Pierre. Queria poder dar mais detalhes, dizer que minha admiração e ligação com ele começaram quando estive internada depois de ser surrada, mas prefiro contar uma meia-verdade.

Para todos os efeitos, passei mal, fui parar no hospital, Laurent quem me atendeu, fez os exames e me deu a notícia da gravidez. Confesso que fiquei encantada com ele, com seu zelo e simpatia e decidi que o queria fazendo meu pré-natal. A história parece satisfazê-la e convencê-la. Melhor assim.

Adrien chega minutos depois, ainda uniformizado, com sacolas nas mãos. Ele me cumprimenta com um beijo e aperta Juliene em um abraço meio desajeitado. Eles são amigos, mas não tanto quanto eu e ele somos. Isso se deve ao fato de que minha irmã, numa época qualquer, teve uma queda enorme pelo nosso primo. Só que, como sempre, o garoto estava ocupado demais amando uma mulher sete anos mais velha que ele, nunca dando espaço ou oportunidade para qualquer outra pretendente. Ser ignorada fez com que Juliene, uma adolescente de dezesseis anos (e três mais nova que ele) criasse birra e vivesse o atormentando de propósito, só para irritá-lo, o que resultava em constantes discussões e desavenças. Ainda bem que as pessoas mudam e amadurecem. Minha irmã não demorou a perceber como era infantil ficar com raiva dele porque Adrien não retribuía aos seus sentimentos. Tempo e um novo garoto na sua sala a ajudaram a superar a

mágoa e a paixão pelo nosso primo.

Adrien descarrega as sacolas e começa a retirar algumas coisas que, segundo ele, estão faltando no meu armário. Só coisas saudáveis, devo ressaltar. Onde estão meus chocolates e refrigerantes, homem de Deus?

Como posso viver dessa maneira, me diga?

— Julie estava me contando do Pierre. Você o conhece? — minha irmã menciona.

Bourdieu olha de relance para mim, os braços esticados para guardar o pacote de pão integral na parte superior do armário. Eu o advirto com o olhar, uma ameaça velada para não abrir o bico e contar qualquer outra coisa além da que combinamos ontem.

— Sim. É um cara bacana. No começo, eu estava receoso, mas ele se mostrou uma boa pessoa — Adrien responde, recolhendo nossos pratos vazios, apenas com as migalhas dos sanduíches. Ele chega já querendo deixar tudo organizado, credo.

Apesar da leve mentira, sinto notas de sinceridade no seu tom de voz, sobre ter se preocupado comigo e sobre Pierre ser um cara legal.

— Por que receoso? — Juliene não deixa escapar nada.

Outra vez, ele me dá um olhar tenso. Pigarreio, minha irmã me olha; ele coloca a louça na pia e dá de ombros:

— Porque fiquei com medo de que fosse só outro babaca na vida da sua irmã. Aquele traste do pai do Valentin fez muito a magoando — diz, sua atenção repousando sobre mim, voz cautelosa. Suas palavras significam muito mais do que realmente está dizendo e só nós dois sabemos o significado oculto por trás disso.

Juliene suspira e não diz nada sobre o “pai” do Valentin. Ela nunca quis detalhes, principalmente porque disse que não queria falar sobre isso, então simplesmente respeitou o meu direito de não querer tocar no assunto.

— Juliette sempre teve dedo podre para homens — diz, o que é uma tremenda mentira. Dou um tapa na sua mão de novo e ela ri, tapando a boca com a mão. Recuperando-se do seu riso, pergunta: — Quando vou conhecer esse Pierre? Por que não hoje? Ele pode vir aqui jantar conosco.

Balanço a cabeça em negativo.

— Ele está de plantão. Combinamos que virá amanhã, para o almoço.

— Estou louca para conhecer o Doutor Delícia.

Eu rio, impressionada com a falta de vergonha de Juliene, mas sem de fato me importar. Ela me manda ir tomar um banho enquanto, junto com Adrien, termina o jantar. Não protesto nem me oponho porque preciso mesmo de um banho e fico aliviada em não ter que preparar algo para comermos. Amo ser paparicada, não vou negar.

No quarto, ainda de lingerie, ligo para Pierre. Ele demora a atender.

— *Ei, já está com sua irmã*? — pergunta assim que atende.

— *Oui*. Ela está doida para conhecer o "Doutor Delícia", vulgo você.

A risada grossa e rouca do meu namorado atravessa a linha, dando-me uma sensação boa. Caminho até o banheiro e paro frente ao espelho, contemplando meu rosto por um tempo, meus seios que aumentaram consideravelmente de tamanho e que, de algum modo, fazem eu me sentir *sexy* com o tamanho deles. Pierre sempre dá uma atenção dedicada e especial a eles quando estamos juntos. Não posso nem me lembrar desse homem entre minhas pernas que meu corpo já sente saudades. Nem parece que ele me deu um orgasmo maravilhoso hoje de manhã.

Olho ao redor enquanto ainda o ouço rir e dizer que já gosta de Juliene sem nem ao menos conhecê-la. Sobre a bancada da pia, tem um desodorante dele, uma escova de cabelos, creme de barbear, escova de dentes. No cesto de roupa suja, Pierre deixou uma calça de moletom e uma cueca vinho. No guarda-roupa, tem algumas peças de roupas dele — dois ou três pares — meias, sapatos, tênis e um par de jaleco.

Não falta muito para o bonito se instalar de vez aqui em casa. E não estou reclamando. Pelo contrário. Sorrio, ouvindo a voz dele atravessar a linha agora falando que pegou um caso de uma grávida com câncer, e é difícil acreditar que ele está mesmo na minha vida, que alguém tão incrível como ele está na minha vida.

— *Ainda está aí ou já se cansou de me ouvir falar sem parar?*

Rio baixinho.

— Poderia te ouvir falar o resto da vida, Pierre. — Ele ri de novo e isso mexe comigo. — Queria confirmar com você amanhã. Você vem almoçar aqui em casa, né?

— *Bien sûr, mon coeur* — confirma.

— Certo. Vejo você amanhã. Preciso desligar. Adrien e Juliene estão fazendo o jantar. Vou tomar um banho e me juntar a eles.

Há um instante de silêncio na linha.

— *Vai tomar banho agora?* — indaga, e há uma rouquidão sensual na sua voz. — *Como você está?*

Alguma coisa dentro de mim estremece. Não sei dizer por qual razão, mas consigo visualizar o rosto dele, meio tenso, maxilar trincado, narinas infladas, pupilas dilatadas, respiração ofegante, excitado.

— Vou — respondo sua primeira pergunta. — De calcinha e sutiã. O

conjunto preto que você gosta.

Não é sexy. É lingerie para grávidas. Ou seja, confortável, porque

“sexy” e “confortável” são antagônicas quando se trata de lingeries. O sutiã é bojo, mas sem aro porque os meus sempre me incomodam. A calcinha tem as laterais mais grossas, não marcam nem me apertam, e acomoda toda a minha bunda. Por algum motivo, Pierre gosta desse conjunto.

— *Puta merda* — exclama, e noto que está com a respiração ofegante. — *Não sabe como eu daria qualquer coisa para estar aí com você,*

agora, nas suas costas, descendo minha mão pelo seu corpo até chegar no seu clitóris.

Dessa vez, sou eu quem ofego. Até consigo imaginar essa cena. Seus lábios no meu pescoço, seu quadril no meu, sua ereção contra minha bunda e sua mão quente deslizando até o ponto onde mais o desejo. Engulo em seco, sentindo o aperto entre minhas pernas, contorcendo-as quase de forma inconsciente. Que maldade dele me acender e nem estar aqui para apagar o meu fogo.

— Chérie, *se toca pra mim* — pede, sua voz rouca manda uma vibração intensa para o meio das minhas coxas. — *Se toca pensando em mim*.

Nem me vejo obedecendo à sua ordem e, com uma mão segurando o celular, desço a outra para minha parte íntima. Quando meu indicador alcança o meu clitóris, quase engasgo com a eletricidade que avança por todo meu corpo, com como estou sensível.

— Estou me tocando — informo, circundando-me levemente. Fecho os olhos e suspiro. Está bom, mas preciso de algo mais, de algum estímulo, e ele me dá quando diz:

— *Pense em mim, Julie. Me imagine aí com você, te colocando contra a parede, agachando na sua altura e enfiando minha língua em você.*

Gemo baixinho, apertando os olhos e imaginando o que ele me instrui. Estou debaixo do chuveiro, sentindo a água quente cair sobre nós, enquanto ele está aqui, minhas pernas levemente separadas, suas mãos na minha cintura, sua língua circulando meu clitóris, junto com o toque macio do polegar e penetrações intercaladas do seu indicador longo.

Fico cada vez mais molhada à medida que me toco e imagino as coisas que Pierre me diz, estimulando minha excitação.

— *Estou aí agora, atrás de você, e estamos de frente para o espelho.*

Está pensando nisso, Juliette? — pergunta. Sua voz tem um comando autoritário que é prazeroso demais. Pierre não é esse tipo de cara, rude ou possessivo, ao menos não na cama, e gosto de como comanda o nosso prazer,

o *meu* prazer. Autoritário. Sexy. Incontestável. Rude. Firme. — *Está pensando nisso?* — pergunta de novo e noto que não o respondi porque estava presa demais nesse pensamento bom, presa demais nos meus dedos me acariciando e no desejo imenso de que ele esteja aqui realmente.

— Estou — respondo, de um jeito até meio esganiçado.

— *Continue imaginando* — ordena, e nem por um minuto penso em desobedecê-lo. — *Estamos de frente para o espelho, você completamente nua e minha mão na sua boceta encharcada*.

— Pierre — sibilo seu nome, aumentando as investidas contra mim mesma.

— Estou apertando seu clitóris e você está gemendo gostoso pra mim enquanto me olha pelo espelho. Então me curvo no seu ouvido e digo, sem cortar nosso contato visual, o quanto quero te foder.

Gemo de novo, incapaz de controlar lascívia que toma conta de mim.

Não estou mais no controle do meu prazer. Não. Meus dedos me tocando são apenas uma extensão do que Pierre está fazendo comigo. Porque esse prazer imenso me cortando dos pés à cabeça é ele quem está me proporcionando.

Não eu, mas ele. Sou apenas o meio que está usando para que isso seja feito.

— Depois que digo isso, você me implora para te comer. Me implore isso, Juliette — comanda.

— Me come, Pierre. — Atendo seu comando, inserindo dois dedos dentro de mim o tanto quanto consigo.

— Eu nem penso duas vezes. Inclino seu corpo um pouco mais na bancada da pia, ergo sua perna direita e meto em você. E você geme, tão gostoso, conforme estoco fundo meu pau na sua boceta.

— Sim. Isso. — Nem sei o que estou dizendo, apenas murmurando qualquer coisa sem sentido, perdida demais com o prazer eletrizando cada partícula do meu corpo. — Você sempre me come tão gostoso — digo, imaginando-o aqui, nossos olhos encontrando-se no reflexo enquanto está

atrás de mim, arremetendo-se com força e me levando ao orgasmo como só ele pode fazer.

— Te fodo um pouco por trás, mas depois, eu te viro, te coloco na pia e me encaixo entre suas pernas. Beijo sua boca quando te penetro de novo e a gente fode e faz amor ao mesmo tempo, Juliette. Aperto sua cintura e te como enquanto te beijo e gemo contra seus lábios porque transar com você me deixa descontrolado.

Tiro meus dedos de dentro de mim, ignoro a dor que começa a avançar sobre a mão que segura o telefone e volto para meu clitóris, apertando-o com a pressão

certa, tentando (de forma meio inútil) encontrar o modo como *Pierre* o aperta. Não chego nem perto, mas me contento com o que consigo me dar. Estou quase lá.

— *Eu deslizo minha boca da sua para seus seios, sem parar de te comer. Você diz que está quase gozando.* — Oh, droga, e sim, estou quase gozando. Aumento o ritmo dos meus dedos no clitóris e aperto os olhos, sentindo meu ápice chegar. — *Chupo seus seios, ávido, me arremetendo cada vez mais com força para dentro de você, e faço essas três coisas: te como com força, chupo seus peitos e aperto seu clitóris.*

— Pierre, *je vais jouir.* — "Vou gozar", anuncio, recostando-me à parede atrás de mim para ter alguma equilíbrio e estabilidade quando o orgasmo me acertar.

— Oui, *juit pour moi… Juit avec moi.* — "Isso, goza pra mim… Goza comigo". — *Quando você goza comigo, Julie, está de quatro na cama, tocando sua boceta, me pedindo pra te foder com mais força.*

Dou um último suspiro antes de gemer um pouco mais alto e me libertar. O orgasmo vem com força e me acerta, fazendo-me jogar a cabeça para trás e perder só por um instante o movimento das minhas pernas. Minha mão fica encharcada com meu próprio gozo, minha respiração acelerada, o coração descontrolado. Ficamos em silêncio por um segundo, mas posso ouvir a respiração ruidosa dele atravessando a linha.

— *A imagem de você gozando com seus dedos enquanto te falo essas*

safadezas deve ser a coisa mais excitante que existe, Juliette — Pierre diz, sua voz ainda muito grave e muito sexy. — *Porra, preciso ver isso ao vivo.*

Sorrio, olhos fechados, meus batimentos cardíacos que continuam acelerados.

— Vou adorar me tocar na sua frente, *chéri*.

Ele suspira, um suspiro pesado.

— *Estou duro. Não sei como vou voltar para lá nessas condições* —

brinca, rindo em seguida.

— Onde você está? — pergunto, só agora me dando conta de que, para ter me falado todas essas coisas, deve ter se refugiado em algum lugar mais reservado. Pierre não ia sair falando sobre me comer pelos corredores do hospital, claro que não.

— *No banheiro.*

— Quero te fazer gozar, *mon amour.* — Ele está para dizer que não precisa, mas o interrompo e digo que precisa sim. Instruo a se encostar na parede, abaixar a calça e segurar seu membro, imaginando que estou cavalgando nele com força.

— *Julie* — reclama, voz entrecortada. Consigo escutar o atrito da sua mão subindo e descendo no seu pau.

— Sabe como você vai gozar comigo, Pierre? — sussurro. — Acabou de me comer de quatro, com toda sua força, e eu gozei horrores. Seu pau está todo melado do meu gozo.

— Oui, oui — geme. — Oui, chérie, *continue.* Putain! *Estou quase.*

— Eu me viro para você, ainda de quatro, e te coloco todo na minha boca, sentindo o gosto que é o seu pau com meu gozo. E te chupo gostoso, subindo e descendo, acariciando suas bolas, sugando e te levando até o fundo da minha garganta. Você geme e segura meus cabelos, move os quadris e fode minha boca também.

Pierre fica quieto, mas ainda posso ouvir sua respiração acelerada e os sons da sua masturbação. Eu o estimulo mais um pouco até que, com um gemido abafado e trêmulo, ele anuncia que está gozando. E o som é tão bonito. A sua voz rouca, junto da respiração ofegante e os gemidos graves é um som tão bonito.

— *Já tinha feito sexo pelo telefone, Julie*? — pergunta, ainda se recuperando. Posso claramente imaginá-lo contra a parede, descabelado, olhos fechados, tentando controlar a respiração descompassada, as mãos em torno de si mesmo, acariciando-se vagarosamente até que seu corpo todo esteja calmo.

— *Non*, nunca tinha feito isso. E você?

— *É minha primeira vez também* — brinca, em meio a uma risadinha.

— Gosto que sejamos um o primeiro do outro — devolvo, no mesmo tom de brincadeira.

Ele ri e começa a falar qualquer coisa aleatória enquanto se recupera.

Um minuto depois, sua respiração está normal de novo, e Pierre se despede, dizendo que precisa voltar para assumir seu posto. Encerro a ligação e, debaixo do chuveiro, me toco pensando nele de novo, mas quando gozo não é nem de longe tão gostoso como foi minutos antes, com ele me conduzindo.

UNE SURPRISE

PIERRE

— Posso mesmo confiar em você? — pergunto, virando-me em sua direção, e Étienne me olha como se eu tivesse cuspido na cruz de Cristo.

Ele não pode me julgar por estar preocupado. Já tem um mês desde o atropelamento de Édouard por causa de uma negligência dele e, mesmo que tenha me dito naquela ocasião que não seria mais uma ameaça para o próprio filho, não consigo confiar nele plenamente. Nas últimas semanas, estivemos juntos constantemente, eu o "vigiando" enquanto o ajudava a cuidar do garoto se recuperando do acidente. Diminuí minha carga horária no Necker e na clínica por algumas semanas para estar aqui e ajudar em tudo que fosse necessário.

Agora que Édouard já está melhor — inclusive tornou a frequentar as aulas essa semana —, voltei à minha rotina normal. Étienne decidiu colocar a vida nos trilhos de novo. Enquanto o filho está na escola o dia todo, ele está se esforçando para voltar a trabalhar. É um dos melhores neurocirurgiões que conheço e seria um desperdício de talento se desistisse da sua carreira. Até penso que focar no trabalho o ajude a superar o sumiço de Jeaninne. Meu irmão conversou com o Conselho de Medicina e estão analisando se ele tem condições de voltar a atuar em salas de cirurgia. Mesmo que decidam por colocá-lo em uma sala de aula, já é alguma coisa para que esse homem recomece.

Não o vi beber nessas últimas semanas, cuidou bem do garoto e se manteve minimamente responsável. Mas isso porque, talvez, eu estive junto.

Hoje vai ser a primeira vez que o deixarei sozinho com o filho e, confesso, estou meio receoso. Étienne traiu minha confiança, não pode me culpar por ainda me

preocupar.

— É claro que pode — responde, finalmente, parado no umbral da porta, no lado de dentro do apartamento. — Já disse que não vou mais ser

uma ameaça para Édouard.

Mordo a carne interna da minha bochecha, hesitante. Procuro pelas horas e constato que estou no horário para o almoço com Juliette. Se pudesse, levaria o garoto comigo só por via das dúvidas. Mas se fizer isso, meu irmão vai ficar muito magoado e a última coisa que preciso nesse momento é colocá-lo ainda mais para baixo.

— Se precisar de mim…

— … eu te ligo — interrompe-me, meio contrariado. Sei que sua vontade foi mesmo de dizer que é um homem adulto e sabe se virar; só não disse porque suas últimas atitudes demonstraram o contrário.

Convencendo-me de que Étienne é capaz de cuidar do filho de seis anos, faço meu caminho até a casa da minha namorada. Ela me recebe com um sorriso encantador e um beijo delicioso. Seus braços contornam minha nunca e os meus a circundam pela cintura. Seu perfume de notas de baunilha sobe pelas minhas narinas e, junto do seu beijo suave e úmido, estimula meus desejos mais profundos.

É impossível não me lembrar de ontem à noite, quando pedi, por telefone, que se tocasse pensando em mim. Quero muito mais do que arrastá-la para o primeiro quarto que encontrar, despi-la e entrar entre suas pernas.

Eu *quero ver*. Ver a beleza que deve ser essa mulher se masturbando enquanto a conduzo com palavras obscenas e fantasias sensuais. Fico duro só de pensar, puta que pariu. Juliette ri em minha boca e esfrega sua pélvis na minha, lentamente, mostrando que está sentindo minha ereção contra sua carne.

— Deixe-me adivinhar — sussurra nos meus lábios —, está pensando em ontem?

— *Oui*. Não me culpe se meu corpo desesperadamente sente saudade do seu. — Olho por cima do seu ombro, só para garantir que estamos mesmo sozinhos.

Constatado isso, deixo minha boca rente à sua e murmuro: —

Ainda quero muito ver você se tocar pra mim. Talvez hoje à noite? — sugiro.

Ela molha o lábio inferior. Inferno. É sensual demais. Se não fosse seu primo e sua irmã em algum lugar dessa casa, eu já a teria jogado no sofá

da sala e saciado essa minha fantasia.

— Juliene… — diz apenas, e não preciso de mais nada para compreender. *Merde*. — Ela só vai embora na segunda pela manhã. Mas se quiser — pondera, amaciando meu peito com as palmas das mãos, descendo e subindo lenta e sensualmente — podemos ir à sua casa.

— Étienne — respondo, abrindo um sorriso pequeno e fazendo uma leve carranca. Julie compreende e faz biquinho. Colo nossas bocas de novo, rindo da sua expressão por não termos lugar para transar. — Segunda à noite, combinado?

— Combinado.

Um pigarreio atrás de nós chama nossa atenção. Juliette se vira, dando-me a visão de Adrien parado e nos observando.

— O que farão na segunda? — Quer saber. As bochechas da minha namorada coram diante à curiosidade dele e servem como uma resposta à pergunta do primo que, vendo a vermelhidão em seu rosto, compreende o que acabamos de programar. — Oh. Tudo bem.

Dou um passo à frente, salvando-nos desse constrangimento.

— Bom te ver de novo, Adrien — digo, esticando a mão.

Ele me cumprimenta de volta e anuncia que o almoço está pronto. Na cozinha, conheço a irmã de Juliette. Ela tem traços semelhantes aos da mais velha — cor dos olhos, do cabelo, formato do rosto —, mas para além do físico em nada se parecem. Enquanto Julie tem um comportamento mais contido, Juliene é agitada e faladeira, adora piadas e de divagar contando sobre sua experiência e estudos na Inglaterra.

Em volta da mesa, enquanto almoçamos, sinto-me estranhamente acolhido nessa

família. Eles têm uma conversa fácil e divertida, relembrando velhos tempos, amizades e momentos especiais. De repente, começam a falar sobre os padrinhos de Valentin. Adrien já disse que quer apadrinhar o garoto, o que me deixa muito admirado. Nunca tive dúvidas de que é um bom homem, mas o carinho com que fala do menino, dos planos de batizá-lo, levá-lo para passear, ensiná-lo a jogar futebol, tudo isso me faz ter um sentimento estranho de orgulho. Ao mesmo tempo, surge algo insólito dentro de mim. Está claro que ele pretende ser a figura masculina e paterna do

garoto. Embora o admire por isso, por querer assumir esse papel, também me incomoda. Não sei dizer o motivo, só sei que me incomoda. Afasto o pensamento absurdo da minha cabeça quando Juliene briga com a irmã por nem mesmo ter cogitado convidá-la a ser madrinha do sobrinho, junto com o primo.

Juliette se desculpa, justificando que pensou que ela ia recusar o convite, uma vez que está ocupada com seus estudos e trabalho. A irmã a segura pelas duas mãos e, olhando-a bem no fundo dos olhos, diz que não quer outra coisa da vida a não ser batizar o garoto. O assunto muda, de repente. Minha cunhada começa a querer saber mais da minha relação com a irmã mais velha. Fui orientado mais cedo, por meio de uma ligação, a contar uma nova versão de como nos conhecemos. Não concordei de começo, mas minha namorada deu suas justificativas e implorou para que concordasse em não dizer nada sobre o amante e o espancamento, que foi o que nos levou a nos conhecermos.

Com cuidado, vou contando um pouco do que fui orientado a dizer, Juliette vez ou outra tendo de intermediar para que não entre em contradição ou diga alguma coisa errada. Por fim, o almoço termina com Juliene convencendo a irmã de irem até o shopping comprar algumas roupas para o bebê. É claro que minha namorada se opõe um pouco, dá desculpas de que não vai sair porque tem visitas. Eu a incentivo a ir, porque quero mesmo que vá. Adrien argumenta mais e a caçula insiste, até que ela cede.

— Já foram? — Adrien pergunta assim que retorno. Fui acompanhá-las até a porta enquanto ele ficou lavando a louça. Emprestei meu carro (Juliene dirige) para que pudessem ir até o shopping.

— Já — respondo. — Onde está tudo?

Ele seca a mão e me encaminha até o fundo da casa. Dias atrás, quando vim para

uma visita, Adrien estava de folga, mas trabalhando no quarto de Valentin. Em um momento em que estávamos a sós, disse que gostaria de ajudar. A preparação está um pouco adiantada, mas como ele só trabalha aqui quando está de folga, ainda tem coisa a ser feita. Juliette entrou no sexto mês, então só nos restam mais três até a chegada do garoto. Nesse ritmo, ele não termina a tempo. É por isso que me propus a ajudá-lo.

Pegamos tudo o que precisamos e subimos até o quarto. As paredes já

foram lixadas e tem uma demão de tinta, mas precisa de outra. E precisa de móveis, que providenciei e agendei a entrega para hoje, justamente quando ela decidiu sair com a irmã. Não vou negar de que nós três planejamos isso.

Adrien se encarregou de conversar com Juliene antes de sua chegada e convencê-la a tirá-la de casa por algumas horas, não só para que façamos uma surpresa, mas também porque seu primo e eu preferimos que ela não inale o cheiro de tinta, mesmo que essas mais atuais sejam inodoras.

Estamos preparando a parede para a segunda camada de tinta quando ele diz:

— Sabe que não precisa fazer isso, não é?

— Eu sei. Faço mesmo assim.

— Não está cansado? — indaga, abaixando para diluir um pouco da tinta em um balde apropriado. — Esteve de plantão na noite passada, não?

Pego um rolo, imerso um pouco na tinta azul e respondo:

— Estou bem. Tirei um cochilo pela manhã. Dou conta de um pouco de trabalho duro.

Adrien sorri e abana em positivo. Pega seu rolo, molha-o, e começamos a pintar as paredes.

— Como você vai lidar com isso tudo, Pierre? — questiona, virando-se para mim. Corrige-se em seguida. — Como *está* lidando com isso tudo?

Reflito um segundo sobre sua pergunta, sem parar o meu trabalho e sem desfazer o contato visual. Não demoro a entender seu questionamento.

Adrien acha que não posso lidar com o fato de Juliette estar esperando um filho de outro homem, de ser “mãe solteira”. Nós nunca realmente conversamos sobre isso. Semanas atrás os dois chegaram a discutir por conta dessa sua preocupação boba, insinuando que tinha me desinteressado dela por causa da sua condição. Garanti que minhas intenções eram as melhores, que jamais poderia pensar em machucá-la e que tinha minha palavra. Depois disso, nunca mais tocamos no assunto.

Até hoje.

Não o julgo por estar preocupado com a prima e acho mesmo que precisamos dessa conversa. Ele precisa entender de uma vez por todas que

não faz a mínima diferença para mim que Juliette esteja grávida de outro homem. Apaixonei-me pela mulher que ela é, independente da sua condição de grávida ou dos erros que cometeu no passado.

— Isso não te incomoda? — completa, passando lentamente o rolo na parede.

Percebo que divaguei e não lhe dei resposta alguma.

— Não. Disse para Juliette uma vez e vou dizer para você agora, Adrien. Sei o que implica namorar uma mãe solteira e estou disposto a enfrentar todos os riscos.

Ele abre um pequeno sorriso e volta sua atenção para o trabalho a ser feito, mas sei que não terminamos por aqui. Adrien vai me interrogar exaustivamente até ter certeza de que não serei um babaca com sua prima.

Ele é como o irmão mais velho superprotetor. Agrada-me sua preocupação, mesmo que isso signifique desconfiar da minha índole, porque demonstra que realmente se importa com Juliette e, se algum dia, por qualquer motivo, nos separarmos, vai cuidar dela, vai querer o melhor para ela e vai vigiá-la.

Estranhamente, dói em mim cogitar um futuro sem essa mulher na minha vida, mas não posso ser ingênuo demais a ponto de pensar que isso nunca pode acontecer. Porque pode. O para sempre não existe, é incerto. Estamos bem agora, mas amanhã podemos não estar. Se não estivermos, não importa por qual motivo não estejamos mais juntos, não quero menos do que o bem dela, alguém bom para Juliette. O primo é minha garantia de que ela vai arrumar um cara bacana se

um dia rompermos.

— Por que está fazendo isso?

— Porque me importo. Porque gosto dela. De verdade, Adrien. Não é só da boca para fora — declaro, molhando mais o rolo e tornando a passá-lo na parede. — Se me importasse com o fato de ser mãe solteira, nem sequer teria chegado perto dela. Mas eu a conheci *grávida*, me interessei por ela ainda *grávida* e sempre soube da inexistência paterna nesse caso. Não seria babaca em me aproximar dela, sabendo da sua condição, e depois simplesmente dispensá-la por um preconceito tão bobo.

Adrien não me olha. Continua sua tarefa, mas vejo um sorriso surgir nos seus lábios. É pequeno, mas demonstra que está mais do que satisfeito com a minha resposta. Sei que ainda estarei sob sua vigilância até provar meu

valor e ganhar sua completa confiança, entretanto, isso aqui hoje, essa nossa conversa, já é um bom passo.

Não tocamos mais no assunto, embora eu saiba que, a qualquer momento, ele vai abordá-lo de novo. É sua natureza protetora. Fazemos todo o trabalho conversando sobre outras coisas, debatendo sobre a melhor localização dos móveis e prateleiras que pretendemos pregar nas paredes assim que estiverem secas. Depois da demão de tinta, instalamos as prateleiras e envernizamos portas e janelas.

Nossa entrega chega duas horas depois. Os carregadores colocam tudo no quarto e dispensamos a montagem. Faremos isso nós dois.

Desembalamos primeiro o berço. Dou uma olhada nas instruções, mas Adrien demonstra que tem mais habilidade nisso do que eu e já está separando parafusos, porcas, roscas e peças do móvel. Auxilio-o, mantendo nossa conversa amigável. Depois de encaixadas e parafusadas aqui e ali, o berço está montado. Discutimos sobre a melhor posição um instante antes de o ajeitarmos quase encostado na parede. Mais algumas parafusadas e a cômoda está montada.

Todo o resto então é apenas a decoração. Junto com os móveis, veio o colchão para o berço, bichos de pelúcia, livros infantis, travesseiros, almofadinhas, protetores, mosqueteiro, babá-eletrônica, alguns lençóis e fronhas. Não é um enxoval completo, até porque Juliette disse que quer montar, mas somente o

básico para deixar o quarto pronto.

Arrumamos o berço e distribuímos os ursinhos nas prateleiras. Adrien fez um livreiro e o colocou aos pés de uma poltrona que já estava por aqui e que só colocamos mais uma almofada. Babá-eletrônica em cima da cômoda, assim como uma luminária em LED da letra V. Na parede do berço, um painel de gesso forma o nome que Juliette escolheu para o garoto. Que *eu* escolhi. Sorrio para mim mesmo, feliz que tenha aceitado minha sugestão, como se, na época, fôssemos um casal decidindo o nome do filho.

Já está escurecendo quando terminamos tudo. Juliene ligou umas três vezes querendo saber se já poderiam voltar para casa porque Juliette estava insuportável querendo vir embora e ela não tinha mais desculpas para mantê-la perambulando pelo shopping.

Tomamos um banho e, por sorte, tenho alguns pares de roupa que

estou mantendo aqui. Adrien pede comida já que estamos cansados demais para cozinhar. Aguardamos as duas chegarem enquanto ajeitamos a mesa para quando a comida for entregue.

— Vou convidar Juliene para sairmos — Adrien diz, de repente, distribuindo os garfos. — Para que você e Juliette tenham privacidade e não precisem esperar até segunda-feira.

Rio baixinho, sentindo-me meio envergonhado com a situação.

— *Merci.* — É tudo que digo antes de a porta da frente se abrir e trazer para dentro uma grávida cansada e reclamando de dor nos pés.

MUITAS FORMAS DE AMAR

PIERRE

Ela me abraça e enfia o rosto contra meu peito, contendo um soluço.

Seus braços me apertam com força enquanto deslizo meus lábios pelo seu rosto o tanto quanto consigo. Quando Juliette se afasta, preciso limpar seus olhos marejados e dar um selinho nos seus lábios que se curvam em um sorriso pequeno. Olha por cima do meu ombro, em busca do primo e da irmã, meus

comparsas nessa pequena surpresa. O sorriso dela se intensifica e, cara, como amo ver o sorriso dessa mulher.

— Foi por isso que me enrolou todo aquele tempo no shopping? —

murmura, voz ainda embargada de emoção. Deixando meus braços, Julie corre até a irmã e se joga nos braços dela. — Resmunguei a tarde toda como uma velha de oitenta anos e você estava ajudando os meninos nisso. Me desculpe, Juliene.

— Como se você realmente me devesse desculpas — a mais nova a acalenta, acariciando as bochechas e cabelos dela de um jeito muito amoroso e fraterno.

Então ela se volta para Adrien, parado ainda no umbral da porta, o maior responsável por isso. Com apenas dois passos, ela está abraçando o primo, precisando se erguer um pouco nos pés para alcançá-lo.

Antes que possa dizer qualquer palavra, o primo diz:

— Eu sei, sou incrível.

Julie ri em meio às lagrimas nos olhos e o aperta contra seu pequeno corpo.

— Nunca vou te agradecer o suficiente por tudo o que está fazendo —

sussurra, afastando-se em seguida e buscando por mim e pela irmã. — Por tudo o que *vocês* estão fazendo.

Juliette abre os braços, chamando-nos. Seu pequeno corpo some quando três pares de braços a envolvem. Beijo seu rosto, Adrien acaricia sua barriga e Juliene afaga seus cabelos, dizendo depois que nos afastamos:

— Somos uma família, Julie, amamos você. Amamos muito.

Ela sorri e abraça a irmã outra vez. Ainda nos braços dela, detém seu olhar meigo e intenso sobre mim, estudando-me depois do “somos uma família e amamos você”. Não preciso de palavras para entender o que seus olhos querem me perguntar. Ela quer saber se faço parte da família, se a amo, se me incluo nisso. A verdade é que existem muitas formas de amar e eu a amo de todas as formas que existem.

Amo seu companheirismo, sua amizade, nosso sexo, amo como me olha, quando me olha, amo seu toque, sua risada, como enrola os cabelos nos dedos, pensativa. Amo seus pequenos detalhes, amo vê-la com as pernas enroladas, cabisbaixa, afagando a barriga, conversando com o filho, amo nossa conexão. Eu a amo mesmo que ela não me ame de volta.

Sorrio e faço um rápido movimento positivo, um “somos uma família, amamos você e me incluso nisso”. É o bastante para que me ofereça um sorriso pequeno e torne a dar atenção à irmã, que diz algo sobre guardarem as compras. Adrien se encarrega de buscar as sacolas e volta instante depois.

Elas compraram algumas coisas para o bebê e, enquanto conversam, vão desempacotando tudo, mostrando-nos peça por peça, cada macacãozinho, camisetinha, fralda, mijãozinho e conjuntos.

A irmã guarda tudo nas gavetas e Juliette rodeia o quarto, tocando na ponta dos dedos cada detalhe, da parede azul ao bercinho recém-montado.

Abraça os ursinhos, inspira o cheiro deles, acende e apaga a luminária em V.

Toca no letreiro com o nome do bebê, então volta para mim e me beija sem motivo.

— Juliene, vamos, vou te levar ao cinema — Adrien convida, puxando-a com delicadeza pelos punhos quando a garota está dobrando a última peça e a enfiando na gaveta.

— Cinema? Prefiro ficar aqui e fazer companhia…

— Vamos, garota, ou sua irmã terá que esperar até segunda-feira.

Seguro uma risada maior, e Juliette fica encantadoramente rubra,

entendendo a sugestão do primo. Juliene leva algum tempo para compreender e, quando o faz, explode em uma gargalhada que faz a minha escapulir.

Minha namorada estapeia o meu ombro, cada vez mais vermelha de vergonha. Adorável.

Eles se despedem e vou acompanhá-los até a porta. É meio que um jeito de a

deixar no ambiente do bebê, sozinha por algum tempo para se recuperar da vergonha e apreciar o espaço. Demoro cinco minutos para voltar e, uma vez aqui de novo, encontro-a na cômoda com a primeira repartição aberta, algumas das roupinhas que estiveram guardadas pouco tempo atrás agora espalhadas na parte de cima. Entre seus dedos, uma camiseta branca escrita *"L'amour de mama"*

Aproximo-me, silencioso, e a abraço por trás. Repouso o queixo no seu ombro e minhas mãos vão para sua barriga, num gesto praticamente automático. Permanecemos em silêncio por um tempo, mantendo nossa posição, e sinto o perfume da sua pele, dos seus cabelos. Sorrio quase sem perceber e fecho os olhos, apreciando o momento. De repente, suas mãos cobrem as minhas e, nesse instante, nossa conexão se intensifica. Somos só nós três.

Minutos se passam, ela conversa comigo, acariciando meus dedos na sua barriga. Detém-se falando do seu passeio com Juliene, das escolhas que fizeram, ri quando diz que queria levar toda a loja do departamento de bebês.

— Passei uma tarde feliz hoje — pronuncia, tornando a guardar as peças no lugar. — Estava mesmo com saudades de Juliene e me alivia que esteja me apoiando, mesmo que não saiba dos erros que cometi e acarretaram nessa… — Ela para de falar. Vira-se para mim, olhos ligeiramente molhados.

Meu coração dói só por um segundo e nem sei o motivo. — Fui uma idiota.

— Juliette… — Tento adverti-la para que não se martirize dessa maneira, mas ela toca o indicador nos meus lábios, interrompendo.

— Fui uma idiota, Pierre. Fui tola achando que poderia segurá-lo…

com um filho.

Julie suspira, desvia o olhar de mim e dá um passo atrás, recostando-se à cômoda e cortando nosso contato. Não a quero longe, não quero que se sinta assim, como se eu fosse repudiá-la pelo que fez. Aproximo-me de novo, cercando seu corpo com o meu, sentindo sua barriga gestacional contra meu

abdômen. Ela sorri porque nesse momento Valentin chuta e posso senti-lo tanto quanto ela.

— Não tem que me dizer nada disto agora — falo baixinho, acariciando seu

rosto e deixando um beijo na ponta do seu nariz. — Só siga em frente, *mon coeur*, e esqueça os erros do passado.

Outro sorriso corta seu rosto bonito, meio entristecido no momento, e deita a cabeça no meu peito.

— Eu sei, *chéri*. Querendo ou não, Valentin sempre vai me lembrar do meu erro, embora ele seja a coisa mais certa da minha vida. Não importa quanto tempo passe, sempre, sempre vou me sentir arrependida e envergonhada pelo que fiz. Por pior que tenha sido esse erro, não quero esconder isso da Juliene, você me entende? Ela acha que simplesmente me envolvi com alguém que não quis o bebê e está tudo bem com isso, mas não posso continuar a privando da verdade.

— Não importa qual decisão tome — digo, erguendo seu olhar para o meu —, vou te apoiar no que decidir. Tudo bem?

Seu rosto se transforma em uma expressão um pouco mais fúnebre e entristecida.

— Tenho medo do desprezo dela — confessa, voltando para o meu peito.

— Ouviu sua irmã, Juliette. Somos uma família e amamos você. O

perdão faz parte de uma família unida e amorosa. Pode ser que a princípio ela fique um pouco brava, mais por ter escondido dela do que pelo que aconteceu, mas basta tempo e espaço para que as coisas se ajeitem. Não vê você e Adrien? Discutiram por minha causa e já fizeram as pazes.

— Isto é. — Suspira de novo, agora mais calma. Calma o suficiente para suas mãos macias e insinuantes dedilharem minhas costas, por dentro da camisa. — Ele sempre me alertou sobre o traste, dei pouca atenção. E depois de tudo… meu primo continuou do meu lado, sem nenhum tipo de julgamento.

Perco minhas palavras porque seu toque me deixa disperso, faz-me concentrar em nada além dos seus dedos ponteando minha pele de um jeito sensual que desperta meus instintos e desejos de homem.

— Quer mesmo continuar falando do seu primo? — brinco e solto uma risada engasgada, em meio a uma respiração irregular.

Um sorriso adorável atravessa seu rosto e seus olhos.

— Não mesmo. Não me deixe esquecer de agradecê-lo por não deixar que uma mulher grávida cheia de hormônios e libido espere até segunda-feira.

Rio ao passo que sua boca cola na minha, seus braços contornando minha cintura, prendendo-me a ela.

— Ainda quer me ver me tocando pra você? — pergunta, voz de luxúria, pupilas dilatadas, boca rente à minha, dedos no meu zíper.

Minha respiração falha uma vez mais antes de abanar a cabeça em positivo. Suas mãos sobem para os meus braços, lentamente, seus olhos nos meus. Tira o meu blazer e desabotoa minha camisa, nunca cessando nosso contato visual. Gosto do silêncio entre nós enquanto me despe. Um segundo depois, também estou sem camisa e a boca dela está contra o meu torso, os dedos nas minhas costas, dedilhando daquela maneira que aprendi a gostar com Juliette. Eles vão deslizando para cima, centrados bem na minha coluna vertebral à medida que seus lábios dançam na minha pele, indo de um mamilo a outro, parando no colo, descendo pelo rastro fino de pelos a partir da altura do esterno até próximo ao umbigo.

— Preciso de um banho antes, doutor Laurent — murmura, sua boca agora de volta na minha. Os dedos da mão esquerda sobem pelo meu pescoço, passam pela nuca até afundarem nos meus cabelos e se emaranharem ali.

— Só existe uma coisa que quero mais do que ver você se masturbando sob meu comando. É ver você se masturbando sob meu comando debaixo do chuveiro.

Juliette não leva nem um segundo para me puxar em direção ao banheiro. Ela se despe na minha frente. Estou escorado à porta, apenas observando e resistindo à vontade de me envolver e começar a me bombear.

Não, ainda não. Minha namorada fica de frente para mim por um tempo, enquanto a água aquece, brincando com seus mamilos. Ela me chama com o indicador e bastam dois passos para que esteja perto o bastante e seus dedos

estejam abrindo meu zíper.

— Julie… — Engasgo quando sua mão quente invade minha cueca, alcançando

minha ereção. Ela me olha com um sorriso safado, brincando comigo. Fecho os olhos no momento em que abaixa minhas calças até os calcanhares e se ajoelha.

— Sabia que fico molhada quando chupo você? — pergunta, umedecendo os lábios e puxando minha cueca preta só o bastante para libertar minha excitação.

Preciso me escorar na bancada da pia quando ela me engole, devagar, colocando-me centímetro por centímetro na sua boca. Tomo uma porção de cabelos nas minhas mãos e apenas acompanho o ritmo que ela estabelece.

Isso dura algum tempo até que preciso ditar meu próprio modo. Forço ligeiramente sua cabeça de encontro aos meus quadris, que também movo devagar.

— Se toque — ordeno, olhando para baixo. A visão dessa mulher me engolindo funciona como um afrodisíaco e sinto meu pau pulsar na sua boca, dando-me a impressão de que estou ainda mais duro. — Vim aqui para ver você se tocar e não quero ir embora sem presenciar essa cena maravilhosa. —

Juliette faz menção de se afastar, mas não permito, empurrando-a de volta para mim. — Essa boca continua onde está, senhorita Gautier. Toque na sua boceta enquanto engole meu pau.

Ela arqueja e fecha os olhos, abafando um gemido estimulado pelas palavras obscenas. E, porra, isso também me deixa com mais tesão. Ela atende meu comando, escorrendo a mão esquerda até o clitóris, separando as pernas. Começa tocando-o timidamente, gemendo baixinho sem deixar de me chupar. Mas dali a dez segundos, os movimentos se tornam mais frenéticos, os múrmuros de prazer se intensificam e se misturam aos meus. Só leva dois minutos para Julie atingir seu ápice. É lindo como seus lábios se comprimem em torno de mim, sugando-me com mais ferocidade à medida que se toca, e o rosto encrespa, os olhos se apertam e ela se concentra para gozar só com os dedos em meio aos gemidos que, mesmo abafados, ainda soam alto.

Recupera o fôlego, acariciando seu ponto sensível vagarosamente e diminuindo a velocidade das sugadas em mim. Prefiro eu mesmo acalmar seu corpo, então a afasto de mim e a empurro para dentro do chuveiro, entrando

com ela de roupa e tudo. Encosto-a contra a parede de ladrilhos e prenso seu corpo ao meu, escorregando meus dedos até seu sexo e encontrando o clitóris

inchado e sensível. Minha namorada geme e se contorce com o toque sutil.

Ficamos assim por um tempo, carícias nas partes íntimas, olhos nos olhos, água escorrendo nas nossas peles.

— Estou excitada de novo — anuncia, segurando meu punho e me direcionando mais para dentro. Compreendo seu pedido e introduzo dois dedos nela, sentindo sua carne quente me rodear.

— Me mostre o seu espetáculo, *mon amour* — peço, roubando um beijo intenso em seguida e comendo-a com meus dedos por um minuto inteiro.

Eu me afasto, escorando-me à parede oposta à dela, arranco minhas roupas molhadas e seguro meu pênis, meus olhos nunca perdendo o contato com o corpo de Juliette. Dando-me um sorriso meio encabulado, meio safado, separa mais as pernas, encontra um ponto de apoio melhor e começa o show. De olhos fechados, mordendo o lábio inferior e deixando que a água quente lave seu rosto, minha namorada se masturba para mim de novo, começando com toques suaves e alternando com penetração dos dedos.

— Me conduza, Pierre — pede, sem erguer as pálpebras.

Estou completamente fascinado, comendo-a com os olhos e me masturbando tão devagar que demoro a notar seu pedido. Ela precisa me pedir mais um par de vezes. Pergunto que tipo de coisas quer que eu diga, se tem algo em mente, alguma fantasia. Sem parar de se tocar, Juliette me olha e, em meio ao prazer que atravessa suas íris castanhas, há um pouco de hesitação, como se estivesse se decidindo se me pede o que tem em mente ou não.

— Transar na sua mesa do consultório — diz, ofegante e tornando a abaixar as pálpebras.

Dou uma arquejada profunda só de imaginar a cena.

— Estamos no meu consultório — começo, e toda a imagem dessa fantasia louca roda na minha cabeça. Posições e mais posições que poderíamos fazer naquela mesa passam na minha mente como um filme rápido. Aumento as investidas contra mim mesmo e me concentro nas

palavras e na visão dela nua, molhada, masturbando-se enquanto fantasia uma

trepada comigo no meu ambiente de trabalho.

— Você me recebe só de jaleco — ela intervém. — *Oui*, isso. Só de jaleco, sem cueca, mostrando seu corpo gostoso e o pau duro.

Aperto os olhos só por um segundo, estimulado pelo que disse. Quero um pouco de tortura, então começo minha narrativa falando de como ela chega, como a beijo no pescoço, no colo, como brinco com seus seios até por fim escorregar meus dedos para dentro da saia que na minha imaginação ela usa e apertar seu fecho de nervos. Demora dois ou três minutos para que eu realmente esteja pronunciando coisas obscenas.

— Te ponho na minha mesa, de costas para mim — falo, batendo minha punheta agora bem mais rápido, cheio de tesão por causa da nossa brincadeira e porque realmente é lindo e excitante vê-la se dando prazer enquanto a conduzo. — Está com uma saia minúscula, sem calcinha, e salto agulha. Você está tão gostosa com sua boceta empinada pra mim, apenas esperando que me enterre nela e me faça esquecer do mundo enquanto te fodo.

— O que você faz comigo, Pierre? Estou inclinada sobre sua mesa, de bunda para cima, com uma saia minúscula e sem calcinha. O que faz comigo?

— incentiva, fazendo contato visual e se tocando rapidamente, quase sincronizada com a velocidade que eu me masturbo.

— Coloco sua perna esquerda no tampo da mesa e te chupo por trás, tão gostoso, tão intenso, que você goza na minha língua. — Juliette murmura algo que não compreendo. Morde o lábio inferior e seus gemidos intensificam cada vez mais. — Ainda está se recuperando do orgasmo quando te penetro e começo a te foder gostoso, segurando firme na sua cintura.

— Peço para que você me foda com força e digo que quero sentir o gosto do seu gozo na minha língua.

Sorrio de prazer, imaginando a cena, a sensação. O orgasmo começa a dar sinais e preciso fazer um controle mental para aguentar um pouco mais.

Nós ficamos em silêncio por uns segundos; estou me concentrando para não gozar, mas é difícil porque ao mesmo tempo tenho uma imagem na minha cabeça que me faz ficar mais duro e só estimula a ejaculação.

— Pierre… — implora, e não sei se pede porque está idealizando nós dois na minha sala trepando ou se porque parei de conduzi-la.

Abro os olhos que fechei e nem percebi. Ela está me olhando de volta, tocando-se furiosamente, olhos enevoados de luxúria, respiração ofegante, cheia de expectativa para que pare de falar somente quando a fizer atingir o ápice dessa fantasia. Controlo-me, diminuindo a frequência da minha masturbação e pronuncio o meu desejo mais secreto:

— Estou comendo a sua boceta, mas pra mim não é o bastante e pergunto se você gosta de anal.

Os olhos dela se arregalam por um milésimo de segundo, e acho que toquei em um ponto que não deveria ter tocado nesse momento. Mas então ela revira os olhos de prazer, intensifica os dedos no clitóris e abana a cabeça em positivo. A sua afirmativa me faz aumentar os movimentos da minha mão em torno de mim mesmo e a terminar de proferir a fantasia que nos leva ao orgasmo esplêndido:

— Eu te como por trás enquanto você toca seu clitóris.

Nossos gemidos se confundem enquanto estamos gozando juntos, Juliette perdendo a firmeza das pernas e deslizando até o chão, e eu esguichando um janto longo e viscoso de sêmen. Dez segundos depois, eu a puxo para mim e, mesmo ofegante, beijo sua boca calmamente. Ela retribui e só paramos quando nossos corpos estão mais calmos.

— Garota, não pense que pode me fazer imaginar uma cena dessas e achar que não vou querer fazer um dia — digo, rente aos seus lábios inchados.

Ela sorri, me olha nos olhos e escorrega sua mão pequena até meu pau ainda duro.

— É só marcar uma data, doutor Laurent.

MUITAS FORMAS DE PRAZER

JULIETTE

Um sorriso bobo cruza meu rosto quando sinto as mãos dele passeando pelas minhas costas. Pierre deixa um beijo no meu ombro e massageia um instante

minha nuca antes do seu toque ensaboado descer pela minha coluna vertebral e contornar minha barriga.

— Sei que já jantamos — murmuro, virando-me para ele. Apoio a mão nos seus ombros e contemplo um instante o seu corpo desnudo. Mordo o lábio inferior, sentindo o meu reagir a essa imagem linda na minha frente. —

Mas ainda estou com fome — reclamo.

Ele ri um pouquinho e se inclina na minha direção, beijando meus lábios e acariciando meu rosto. Sua mão atrevida escorrega para meu seio direito e brinca um instante com meu mamilo. Pierre chupa minha boca antes de descer pelo meu pescoço, demorando um minuto longo e delicioso nessa minha parte. Mal sinto minha respiração falhar quando meu organismo começa a reagir a suas investidas.

— Posso cozinhar pra você — murmura, intercalando palavras e beijos. Os lábios suculentos continuam no meu pescoço, alternando entre o lado direito e o esquerdo, ao passo que as mãos estão uma no meu peito, em uma carícia excitante, e a outra na altura da minha coluna, escorregando vagarosamente para minha bunda.

— Meu namorado bonito e gostoso, na minha cozinha, de preferência só de cueca, cozinhando pra mim? Gosto da ideia.

Pierre sorri de novo, sua boca suculenta agora intervalando entre um seio e outro. Fecho os olhos e mordo os lábios, sentindo o vão das minhas pernas começar a ficar úmido outra vez. Não é difícil me deixar excitada, nunca foi, mas entre um orgasmo e outro preciso de alguns minutos para recuperar o fôlego e a vontade para uma segunda rodada. Com ele é muito

diferente. Não faz nem cinco minutos direito que gozei pela segunda vez, sem penetração, e aqui está meu namorado de novo, estimulando os lugares certos para me acender pela terceira vez na noite.

Não sei se essa facilidade de me excitar depois de um orgasmo esplêndido se deve ao fato de que Pierre é naturalmente bom no que faz, ou se porque é naturalmente bom no que faz *e* porque conhece o corpo de uma mulher mais do que um homem comum. Não importa qual seja a explicação, a verdade é que já me provou mais de uma vez que é capaz de me fazer conhecer diferentes formas

de prazer além daquelas resumidas à penetração e ao oral.

Um gemido de frustração escapa de mim quando se afasta, cessando o contato da sua boca incrível com meus seios intumescidos. Pelo amor de Deus, não se faz isso com uma mulher, ainda mais com uma mulher grávida cheia de hormônios. Estou prestes a implorar para que volte aqui e termine o que começou, mas engulo minhas palavras quando seus lábios tapam os meus em um beijo suave. Pierre gira o registro, interrompendo a água que cai sobre nós, pega a toalha e enrola meu corpo em um gesto devagar, protetor e cheio de afeto.

— Sei que quer me ver cozinhando só de cueca — diz, enrolando seu próprio corpo em uma toalha, frustrando-me ainda mais. Interromper umas carícias que iam me dar outro orgasmo tudo bem, mas daí me privar de ter uma visão do seu corpo nu cheio de gotículas de água que imagino lamber é demais. Sem condições. Muita covardia. — Mas pode ficar para outro dia?

Essa noite está fazendo muito frio.

Gargalho e envolvo meus braços em torno do seu pescoço.

— Acho que agora tenho um incentivo para mandar consertar meu aquecedor.

Pierre ri, dando-me um último beijo antes de se virar e sair do banheiro, dizendo que vai se trocar para ir até a cozinha e fazer algo para eu comer. Demoro um pouco para ir ao seu encontro porque passo no quarto do Valentin e namoro o ambiente uns minutos. Nem consigo explicar a gratidão por tudo o que estão fazendo por mim. Adrien e eu sempre fomos ligados, desde a infância, e tenho-o como um irmão caçula. Quando começou a preparar o quarto do bebê, de certa maneira já esperava isso dele. É do feitio

daquele homem se prontificar dessa maneira com quem realmente se importa.

Uma vez a mãe dele sofreu um pequeno acidente e teve que engessar a perna esquerda. O gesso não ficaria mais do que um mês, mas Adrien foi lá, com seus pregos e martelos e ele mesmo adaptou o acesso da mãe a alguns pontos da casa para que pudesse se locomover melhor e com mais autonomia.

Não esperava tanto de Juliene. Mesmo sendo irmãs, a nossa convivência sempre foi meio distante por causa da diferença de idade, o que não significa que não a amo ou que ela não me ame de volta. Esperava dela, no máximo, alguns

presentes. Mas a atitude de Pierre foi completamente inesperada pra mim. Estamos juntos há tão pouco tempo e ele não tem nenhuma obrigação de nada; mesmo assim, não só ajudou na reforma do quarto, como comprou parte dos móveis e do enxoval com seu próprio dinheiro. Eu já ficaria satisfeita se apenas gostasse do Valentin, porque não há nada que uma mãe solo goste mais do que um companheiro que gosta do filho dela. Meu namorado está fazendo muito além de apenas gostar do meu menino. Está agindo de uma forma paternal que jamais esperei ou quis dele.

— Ei. — Sua voz rouca e baixa soa atrás de mim. Viro-me e o vejo no umbral da porta, encostado ao batente. — A comida está pronta. Vem alimentar o nosso garoto — diz, e isso me desestabiliza um pouco mais.

Não sei se ele percebeu que disse “nosso garoto” ou se o que disse foi proposital. Nem tenho tempo para pensar no assunto ou questioná-lo, porque Pierre se aproxima e me puxa pelos punhos, levando-me até a cozinha onde a mesa já está posta. Tem uma travessa de arroz, bife na frigideira, um prato separado com cebolas — porque ele ama bife acebolado, mas eu não —, salada simples e uma jarra de suco.

Um gemido escapa da minha garganta quando dou a primeira garfada.

É uma refeição tão simples, mas está tão gostosa. Acho que nunca comi um arroz com bife e salada tão bons em toda minha vida. Conversamos enquanto comemos, depois que elogio sua comida e ele agradece. Falamos de trivialidades que se detém sobre sua carreira e a semana no hospital e na clínica. O homem sempre tem assunto interessante para contar, como quando uma vez atendeu uma paciente grávida que não sabia que estava grávida. Ela chegou reclamando de dores abdominais e logo descobriu que a mulher estava em trabalho de parto. Pergunto como diabos uma mulher está grávida e não sabe disso, e Pierre me explica alguns motivos para isso, como dois

úteros e gestação assintomática por variados motivos.

É nessa conversa que noto que ainda não falamos muito sobre sua vida pessoal. Sei que tem um irmão mais velho, um sobrinho, uma ex-namorada, o pai mora em Rennes, a mãe faleceu quando era criança (não me lembro de ter citado a idade dele quando isso aconteceu), onde trabalha, que mora no 15º distrito de Paris, tem trinta e três anos, faz aniversário em abril, ariano, mas não acredita em

signos. E pelo fato de ele não ter *nenhuma* característica de um ariano, além do apetite sexual, começo a não acreditar também. É o que sei dele além de alguns pequenos gostos, como gostar de bife acebolado.

Quero perguntar algo mais pessoal quando começamos a lavar a louça, mas recuo porque acho que isso seria invasivo demais e não quero dar a entender que estou o pressionando. Se Pierre tiver de me contar sobre qualquer coisa da sua vida pessoal, precisa partir dele, quando se sentir confortável para isso. Talvez se eu der algum incentivo se abra comigo.

Ele lava a pouca louça da nossa refeição enquanto eu seco e guardo.

Começo a tagarelar coisas da minha vida pessoal como um modo de incentivá-lo a fazer o mesmo. Isso me obriga a contar alguns fatos constrangedores sobre mim na adolescência, o que o faz rir aquela sua gargalhada gostosa, que mexe comigo e me dá todas as sensações boas que pouco senti na vida. Falo da minha primeira vez, que foi desastrosa, da faculdade, de momentos bêbados que só me trouxeram lembranças embaraçosas. Mesmo que eu diga coisas sobre mim, meu namorado não retribui. Fica calado, ensaboando a louça, ouvindo minhas histórias malucas e rindo delas.

Quando terminamos, me pega no colo, como uma princesa, e rio descontroladamente enquanto me carrega até o quarto e me deita na cama.

Ele gira o corpo, deixando-me por cima. Suas mãos apoiam na minha cintura e ele me encara com seu olhar de “adoro você, mas também quero trepar”. É

desejo e amor ao mesmo tempo.

Eu quero transar. Tocar-me na frente dele de novo e depois senti-lo o mais fundo possível em mim, mas também quero saber mais dele. Tento uma última investida de fazê-lo me contar mais sobre si mesmo, perguntando:

— Por que ginecologia? — Já notei que Pierre gosta de falar da sua

profissão, da rotina do hospital, e qualquer coisa que gire em torno do que escolheu para sua vida. Escolhas de profissão podem envolver questões pessoais, então essa é minha tática de fazê-lo se abrir comigo. Claro, se ele quiser me contar.

Meu namorado me olha por um instante, mantendo o sorriso pequeno nos lábios, estudando-me com seus olhos claros e amáveis. Suas mãos se movem para minha barriga e isto é mais uma coisa que sei sobre ele: Pierre sabe que Valentin fica mais agitado ao som da sua voz e gosta de senti-lo pulando para lá e para cá, e é por isso que toca meu ventre toda vez que o momento de conversa permite.

— Cresci em uma família de médicos. Minha mãe era generalista, meu pai era cirurgião cardiovascular, e Étienne optou por neurocirurgia. Parte da minha infância foi ver meu pai, minha mãe e meu irmão dedicando-se à medicina. Acho que, desde sempre, eu sabia que queria atuar na mesma área, só não tinha ideia em que me especializar.

Pierre sorri quando o bebê começa a chutar, reconhecendo sua voz grossa. Os olhos se detêm meio segundo nas suas mãos sobre minha barriga e eu as envolvo, selando essa conexão.

— Quando eu tinha onze anos, minha mãe morreu em uma mesa de cirurgia, por negligência médica. — Ele desvia o olhar de mim por um segundo, e vejo essa tristeza que bem conheço atravessar seus olhos. —

Mamãe estava grávida de cinco meses, aos quarenta e cinco anos. Uma loucura, eu sei — brinca, meio triste, e só consigo dar um sorriso na mesma medida. — Ela morreu depois do parto cesárea de emergência. Meu irmãozinho sobreviveu por mais quinze dias, mas também não resistiu. —

Quero perguntar o que aconteceu, mas desisto porque se Pierre quisesse falar, falaria. O caso é que de, qualquer maneira, está se abrindo; não vou me importar com os detalhes.

Ele fica em silêncio outra vez, talvez organizando as ideias, ou apenas se recuperando para continuar me contando sua história. Não que eu precise que ele termine, porque já estou supondo os motivos que o levaram a escolher a ginecologia e obstetrícia. Tem a ver com a morte da mãe. Tenho certeza.

— Acho que foi aí, na minha cabeça de criança, que decidi pela

ginecologia. Queria ser um bom médico para evitar que outras mulheres morressem como minha mãe, por uma irresponsabilidade boba. Queria ser melhor do que aquele médico que a tirou de nós. Mas… — Pierre suspira, abrindo um pequeno sorriso quando Valentin chuta de novo.

— Tem um “mas”? — indago, baixinho. Pensei mesmo que a morte da mãe fosse o estímulo para escolher a especialização.

— Tem — afirma, olhando-me nos olhos e abrindo um sorriso um pouquinho maior. — A questão é que perdi um pouco dessa convicção quando ingressei no internato e tínhamos que cumprir cargas horárias em outras áreas. Comecei a flertar com a pediatria e a medicina geral.

— Bom, e quando isso mudou?

A pergunta parece mexer com ele. Pierre fica estranho, o olhar meio perdido, umedecendo os lábios em silêncio.

— Conheci uma garota certa vez. — Muda de assunto bruscamente, deixando-me meio confusa com essa guinada. Não sei se tem relação com o que vai me dizer ou se está querendo evitar a conversa. De qualquer forma, ouço-o, esperando pacientemente pelo desfecho e para ver onde isso vai parar. — Eu já era um interno na época. Tinha acabado de sair de um plantão puxado, mas estava empolgado porque tinha acompanhado um procedimento incrível. Aí encontrei essa garota em um bar, ela estava meio triste, alguma coisa sobre uma traição do namorado, algo assim. Conversamos e acabei servindo como sexo de consolo e de vingança.

Sorrio um pouco e baixo o olhar para suas mãos que, meio mecanicamente, afagam minha barriga.

— Um tempo depois, tornei a vê-la, mas não em condições muito agradáveis. Estava na ginecologia nesse dia quando a recebi com sintomas de aborto. Ela estava tão… desesperada, chorando, implorando para que salvasse o bebê dela.

Pierre molha os lábios de novo e faz uma pausa longa. Ele precisa desse momento e posso sentir isso.

— Na minha ingenuidade e inexperiência, fiz uma promessa absurda.

— Balança a cabeça em negativo, num total ato de arrependimento e descrença. — Prometi que o bebê dela ficaria bem, que ela seguiria com a

gestação e em breve ia ser mãe.

— Pierre… — murmuro, compadecida dele e já entendendo como essa situação acabou. — Você não teve culpa.

— Pelo aborto, não mesmo, mas por intensificar a dor daquela mulher, sim. — Meu namorado não me olha nos olhos nesse momento, preferindo deter-se nas mãos ainda na minha barriga. — Tinha feito uma promessa que não podia cumprir. O aborto estava muito avançado, não havia nada que pudesse fazer por ela, ainda assim, sem nem mesmo um prognóstico, prometi salvar o bebê dela. Não conseguimos. Meu *staff* ficou furioso comigo e me fez dar à notícia a ela de que teríamos que passar pela curetagem e ainda me fez realizar o procedimento.

Imagino o choque nele quando isso aconteceu. Inclino-me sobre seu peito, como se pudesse sentir a dor dele daquele momento, e me deito sobre seu tórax o quanto consigo. A barriga não está muito grande, então consigo fazer sem muita dificuldade e sem que fique incômodo para nós dois.

Valentin ainda está chutando e agora Pierre pode sentir os chutes dele contra seu próprio abdômen. Há outro silêncio entre nós e o incentivo a terminar a história.

— Eu fiz. Durante a curetagem ela não parava de chorar. Aquilo me fez perceber que tinha cometido um erro, que, apesar de não ter sido um que me igualava ao médico que tirou a vida da minha mãe, ainda assim era um erro, quando eu tinha prometido a mim mesmo que seria o melhor em tudo.

— *Chéri*… todo mundo erra. Faz parte do aprendizado.

Ele balança a cabeça em negativo.

— Na medicina, isso pode te dar um processo, na melhor das hipóteses, ou custar uma vida, na pior delas. Aquela garota poderia ter me processado. Foi um erro bobo, como poderia ter sido um fatal. Foi por causa dessa garota que finalmente entendi que a ginecologia e obstetrícia eram a minha área, porque queria cuidar delas como não pude cuidar dessa minha paciente. Esse caso me deu um empurrãozinho para me ajudar a me decidir na minha especialização, e escolhi ginecologia não porque queria, de alguma forma, compensar os erros do médico que negligenciou minha mãe ou porque queria ser melhor do que ele. Queria ser o melhor de mim mesmo, queria ver isso. — Ele me afasta e leva o polegar até meus lábios, que se curvam num

pequeno sorriso quando outro chute do bebê me atinge. — Quando isso acontece

— diz, tocando o ponto onde Valentin se enfiou e está chutando.

Toco sua mão por cima da minha enquanto o ouço elencar as razões por ter escolhido ginecologia. O caso da sua paciente foi o pontapé para fazê-lo optar a passar mais tempo na especialidade, que começou como uma forma de punição a si mesmo, segundo me explicou. Pierre pretendeu passar mais tempo na ginecologia para aprender com seus erros, mas acabou sendo enlaçado de vez a cada caso que recebia, fossem alegres, como partos e consultas pré-natais, ou tristes como abortos espontâneos ou provocados, fetos mortos, natimortos, gravidezes indesejadas, grávidas envolvidas em acidentes.

— Tornou a vê-la? Essa moça que atendeu? — pergunto depois que me conta tudo o que precisa contar.

Outra vez vejo uma sombra de tristeza rondar seus olhos claros. Ele maneia a cabeça em positivo, não muito animado, e suspira.

— Sim, infelizmente, não numa situação agradável. Ela… chegou na emergência depois de um acidente doméstico onde bateu a nuca. Étienne a operou, mas os danos no córtex cerebral eram irreversíveis. Ela não morreu, mas teve sequelas severas. Perdeu os movimentos e a fala. Nunca mais soube dela depois que a família a levou do hospital.

Pierre fica em silêncio de novo, seus olhos distantes outra vez, e sei que quando faz essa cara está pensativo.

— O que foi?

Ele me olha, como se voltando à realidade e sorri, puxando-me para um beijo sereno.

— Não é nada — murmura, enfiando os dedos na minha nuca e pegando uma porção de cabelo.

Decido que não vou pressioná-lo a me contar o que passou na sua cabeça e intensifico o beijo, querendo apenas mais uma rodada de orgasmo e a primeira com penetração, por favor. Ele parece entender minhas intenções e gira o corpo novamente, deixando-me debaixo dele. Com um sorriso safado, Pierre começa a puxar minha calça *legging* pelas pernas, sem desfazer nosso contato visual.

Meu corpo instantaneamente anseia por mais, anseia pelo dele, e fecho os olhos, esperando apenas que termine de tirar minha calça. Quando o faz, sinto seu toque macio na minha intimidade, colocando a calcinha de lado e acariciando meu clitóris em movimentos circulares.

— Abra os olhos — ordena; atendo sem pensar duas vezes. O homem está entre minhas pernas, umedecendo o lábio inferior, dando-me prazer apenas com dois dedos e olhando-me repleto de luxúria, paixão e desejo. —

Quero que veja o que faço com você e com o seu corpo — murmura.

Nem tenho tempo de dizer qualquer outra coisa porque Pierre se acomoda entre minhas pernas, enfiando sua língua esplêndida em mim, segurando-me firmemente pelas pernas, prendendo-me à cama. Suspiro, gemo e me contorço à medida que o oral dele vai tomando proporções incríveis. Ele é bom no que faz, é habilidoso, dedicado e atencioso. É intenso quando dá uma chupada mais forte, introduzindo o indicador em mim e rodopiando a língua no meu clitóris, mas também é suave ao dar lambidas leves e beijos na parte interna da minha coxa quando atinjo o orgasmo e gozo na sua boca.

Pierre vem até mim, distribuindo o peso do corpo nos braços para manter seu abdômen levemente distante do meu. Seus lábios me tomam, de um jeito único e desesperado, passando para meu paladar o gosto do prazer que me deu. Minhas pernas o rodeiam na cintura, e ergo o quadril levemente, roçando no dele, procurando pela sua ereção sob o jeans apertado. Venha logo para dentro de mim, homem, nunca te pedi nada.

Ele desce para meu queixo, deixando uma mordida ali, e chega no meu pescoço, roçando o nariz para cima e para baixo. Posso ouvir quando inspira fundo mais de uma vez. Sua mão escorrega pela lateral do meu corpo até a cintura e de repente está ali de novo, no ponto que mais clama por ele, massageando-me suavemente.

— Pierre — imploro, quase sem perceber o tom de súplica que deixa minha garganta.

Sinto-o sorrir contra minha pele e o toque cessa. Ele se levanta, trazendo-me junto, e, de uma forma vagarosa demais, arranca o resto da minha roupa de novo. Sentada de frente para ele, completamente nua e excitada, penso que, finalmente, vai me erguer e me sentar no seu colo. A

ereção marcando o jeans não esconde o desejo dele. Contudo, Pierre apenas se inclina na minha direção e suga meus seios, alternando entre toques leves, sutis e calmos e intensos, vigorosos e depravados.

— Sei que está louca para que me enterre em você — diz, sua boca agora rente à minha enquanto o polegar e o indicador direitos fazem um lindo espetáculo com meus bicos entumecidos. — Mas preciso de outra visão sua se masturbando. Juro que só mais uma vez e te como como você merece, Julie. Pode fazer isso por mim?

Sei que deveria estar implorando para que me penetre logo, mas o seu pedido rouco somado à promessa de me comer e a como fico excitada ao idealizar me tocar para ele de novo fazem com que simplesmente balance a cabeça em positivo. Um sorriso gostoso cruza os lábios dele, que deixa um último beijo antes de se afastar de mim, frustrando-me completamente, e se despe por completo.

Esparramada na cama, contemplo a visão desse homem nu. Umedeço os lábios, percorrendo os olhos pelo corpo dele. Pierre tem ombros largos, barriga gostosa, malhada, mas nada exagerado, inclusive até vejo uma gordurinha na lombar que deve ser a coisa mais deliciosa de apertar. Pouso os olhos na parte que é uma das responsáveis por me dar prazer e vejo ali toda o seu desejo expresso. Suspiro e demoro a perceber que já estou brincando comigo mesma enquanto o observo parado na minha frente, segurando seu membro duro e se masturbando bem devagar. Posso sentir seus olhos em mim, mas eu não consigo fazer o mesmo, presa na visão divina dele se tocando.

Pierre anda para trás até se acomodar na poltrona ao lado da minha cama. Esparrama-se todo, os olhos fixos em mim, pupilas dilatadas, a mão direita ainda o contornando.

— Deite-se e abra as pernas — comanda, e sua voz toma uma proporção muito rouca, muito sensual. É uma ordem, mas não é rude. É

quente, é bom, e eu atendo sem pestanejar. Acomodo-me melhor na cama, colocando alguns travesseiros para apoiar a cabeça e a coluna. Minhas pernas ficam dobradas e separadas, e já estou levando minha mão até meu fecho de nervos quando sua voz me interrompe. — Não, ainda não.

Paro no meio do caminho, arquejando, sem compreender seu último

comando. Ele me instrui a fechar os olhos; eu faço, tentando controlar minha respiração descompassada. Pierre me pede para esperar, apenas esperar.

Então, eu sinto. Demora só um segundo, mas sinto. Ele está me observando, deitada, nua, de pernas abertas, e inesperadamente isso aperta todo o meu órgão, dando-me um choque de prazer indescritível. Não há nada acontecendo aqui, nenhum toque, ou lambidas, ou palavras obscenas, apenas um silêncio breve quebrado pelas nossas respirações ofegantes e o atrito da sua mão contra o pau.

Ainda assim, todo meu corpo clama pelo dele, tudo o que quero é me tocar furiosamente, pensando nele nessa cama, atrás de mim, arremetendo-se com força. Somente o fato de saber que estou exposta, aberta na sua frente, que ele me observa e se masturba, provavelmente fantasiando posições e palavreados, é o suficiente para me dar esse aperto, essa necessidade insana de querer me satisfazer, essa vontade quase incontrolável que se compara a quando ele está me provocando com dedos ou língua, negando-se a entrar em mim enquanto não me torturar um pouco e me deixar excitada ao extremo.

— Não aguento — choramingo, contorcendo quadris e pernas.

Para meu alívio, Pierre comanda para que eu me toque. Quando meu indicador encontra o clitóris sensível, uma onda de prazer me invade por completo, arrancando-me um gemido escandaloso. Trabalho em mim em toques efervescentes, desesperados, procurando o meu ápice, que encontro com mais facilidade quando meu homem me conduz. O que ele faz no instante seguinte, falando de uma praia paradisíaca, de posições pervertidas e deliciosas, de me comer dentro da água e de gozar na minha boca.

Anuncio meu gozo, jogando o corpo para trás o tanto quanto consigo, afundando no colchão. Os espasmos de um orgasmo esplêndido começam a me atingir quando o sinto se pôr entre minhas pernas, abrindo-as mais e me penetrando vigorosamente, deslizando para dentro de mim com uma facilidade deliciosa. Ergo as pálpebras, divisando-o sobre meu corpo, seu rosto completamente contorcido de prazer, ajoelhado na cama. Faço menção de unir meus calcanhares em torno da sua cintura, mas ele me impede, separando-as ainda mais.

— Aberta pra mim — rosna apenas, ao mesmo tempo em que me entrego totalmente e o ápice me atinge com um solavanco inesperado.

Grito enquanto me liberto, invadida por uma sensação desconhecida de bem-

estar e satisfação. Meu corpo todo treme sob Pierre, que afunda mais seus dedos na minha cintura e dita um ritmo alucinante para dentro de mim.

— Porra , Julie — murmura, o polegar desocupado encontrando meu clitóris e me dando outro choque. Não sou capaz de lidar com essa pressão deliciosa que ele faz junto com o pico de prazer que ainda se alastra por todo o meu organismo. Sinto-me fraca, de um jeito bom, feliz e satisfeita. — Não tem a mínima chance de eu passar o resto da vida sem ver você gozar para mim.

Pierre me puxa, de repente, sentando-me no seu colo. Não tenho tempo de dizer qualquer coisa que o incentive a encontrar o próprio clímax porque ele gruda sua boca na minha, em um beijo profundo e forte, e seus quadris batem contra os meus mais rápido, com mais vigor, procurando o ponto mais fundo. Seus lábios deixam os meus, mas mantêm-se separados por apenas um milímetro, distância o suficiente para que ele respire pelas narinas infladas e consiga gemer de um jeito excitante demais.

— Estou indo — anuncia, cravando seus dedos em mim.

Ele aperta os olhos, joga a cabeça para trás e deixa um gemido rouco no ar. Pierre goza, dando estocadas intensas e profundas em mim. Quando dá um último golpe, ele me abraça, escondendo o rosto na curva do meu pescoço. Tudo para. O tempo, o mundo. Somos só nós dois, juntos, enroscados, conectados, recuperando o fôlego de uma transa incrível por longos segundos.

Mais recuperado, sai de dentro de mim, descarta a camisinha e me puxa para o seu tórax quando se deita na cama. Eu nos cubro e me ajeito sobre seu tronco suado, o sono dando sinais de que vai me render. Os dedos dele se embolam nos meus cabelos ao mesmo tempo que sinto um beijo estalar na minha têmpora.

— Descanse — sussurra, apertando-me contra seu corpo quente.

Eu não me oponho.



Já vi homens bonitos na minha vida, mas Pierre abusa. O desgraçado é lindo mesmo dormindo, com a cara amassada no travesseiro, ronronando baixinho e deixando um fio de baba descer para a fronha do meu travesseiro.

Abafo uma risada maior e me aproximo um pouquinho mais dele, acariciando seu cabelo bagunçado. Ele resmunga, ainda de olhos fechados, e, parecendo sentir a umidade, passa as costas das mãos nos lábios. Não me controlo e rio, não

escandalosamente, mas alto o suficiente para despertá-lo.

Ele leva um tempo para se lembrar de onde está, com quem está, e então sorri, meio débil por causa do sono. Pierre chega mais perto e penso que vai querer me beijar, mas, em vez disso, apenas me abraça, se enfia na curva do meu pescoço e cai no sono de novo. Deixo que fique assim comigo, porque também gosto da sua proximidade, do calor da sua pele, da maciez dela, da sua ereção matinal contra meu abdômen, do seu cheiro almíscar.

Acabo dormindo outra vez com ele e só acordamos um pouco mais tarde por causa de um esbarrão na porta.

— *Desculpe* — Juliene diz apenas e parece sumir logo em seguida.

Pierre ri, balançando a cabeça.

— Acha que ela estava ouvindo atrás da porta? — pergunta, com um sorriso divertido e despreocupado.

— Pra saber se estávamos transando? — devolvo a pergunta com outro questionamento. Isso é muito a cara da Juliene. Rio com a ideia e balanço a cabeça em positivo. — Provavelmente. Achei que Adrien não fosse voltar para cá — observo.

Pierre se vira na cama, pegando o telefone no criado-mudo e conferindo as horas.

— São mais de meio-dia, Julie — informa, para minha surpresa. —

Estava mesmo cansado. — Ele toca meu nariz com o indicador. — Você deve ser só hormônio de grávida — brinca.

Eu mordo seu dedo. Pierre ri, fazendo-me rir junto, e ele me cala colando sua boca na minha.

— Ei, eu trabalhei muito essa semana e a barriga está pesando já, sabia? — protesto, o que não é mentira. Nem me lembro quando foi a última vez que dormi tanto. Foi um descanso merecido, convenhamos.

Pierre contorna meu abdômen com as duas mãos e sorri, aplicando um carinho

suave e lento. Seus olhos não deixam os meus e o sorriso pequeno se mantém ali, enquanto me observa e me acaricia.

— Ele tem mais ou menos o tamanho de um mamão — murmura. —

E já é capaz de franzir as sobrancelhas — diz, fazendo o movimento que acabou de mencionar.

Abro um sorriso singelo. Um pouco é amor maternal em saber esses detalhes, em saber que Valentin já está grandinho, desenvolvendo-se com saúde. Mas outra parte é por causa desse zelo do Pierre, do afeto que vejo nos seus olhos.

— Quantas mulheres no mundo têm o privilégio de uma consulta obstétrica com o obstetra na cama delas? — gracejo, cobrindo sua mão com a minha. Pierre desvia o olhar por um segundo, a expressão divertida sumindo dos seus traços. — Ei, o que há?

Meu namorado suspira e vira seus olhos na minha direção.

— Não gosto dessa situação… — diz, com cuidado, umedecendo os lábios. — Não queria ter que te esconder, nem tomar cuidado para que não descubram sobre nós. Tem certeza de que não prefere que eu te recomende para outro médico? Meu antigo atendente é um ótimo doutor, Julie, cuidaria tão bem de você tanto quanto eu.

Fito-o um momento, tentando decifrar essa necessidade repentina que tenho dele. Sei que ele não me recomendaria para ninguém menos do que incrível para acompanhar minha gravidez, e ele próprio estaria comigo para qualquer eventual precisão, mas não consigo me desapegar. Sei que é egoísta e sei que pode colocar em risco o seu emprego, a sua carreira… Ainda assim, tem algo dentro de mim com dificuldade de abrir mão dessa relação médico-paciente que construímos. Não sei explicar o que é, nem entender o motivo de isso existir dentro de mim quando está claro que nosso relacionamento às escondidas é capaz de prejudicá-lo, mas a verdade é que eu apenas não consigo.

— Tudo bem — digo, mas não está tudo bem e meu rosto expressa o contrário do que digo. — Pode me recomendar a outro obstetra.

Levanto-me depois disso, caçando um robe para enrolar meu corpo ainda nu da noite de ontem. Fico abatida sem nem saber por quê. Pierre me chama, mas o

ignoro e vou até o banheiro. Encaro-me no espelho, tentando evitar as lágrimas forçando contra meus olhos. Por que diabos estou com vontade de chorar? Aperto com mais força a abertura do robe e de repente todo meu esforço é em vão. Meu rosto se banha em lágrimas incompreensíveis. A porta se abre um instante depois e não preciso erguer as pálpebras para saber que é ele.

— Juliette. — Sua voz tem um tom de preocupação. Seus braços me esmagam em um aperto aconchegante, e só consigo me virar para ele e afundar o rosto no seu peito. — Por que está chorando?

— Não sei — respondo, e é completamente verdadeiro.

Os dedos dele me acariciam meus cabelos ao passo que me pede calma.

— Tudo bem — diz —, não vamos procurar por outro obstetra. —

Afastando-me, olha-me com ternura e compaixão. — Se é isso que está te fazendo chorar, esqueça, não vou te recomendar para outro médico.

Balanço a cabeça em negativo, mas não posso deixar de admitir que suas palavras me dão consolo e alívio.

— Não. Não quero que pense que estou te chantageando. — Ergo meus olhos úmidos e o enxergo de forma embaçada. — Porque não estou, Pierre. *Je jure devant Dieu*.

— Sei que não está, mas se a ideia de não ser mais o seu médico te deixa nesse estado, então não vou deixar de ser o seu médico, *oui*?

Um sorrisinho fúnebre nasce no meu rosto. Eu me refugio de novo no seu tórax, precisando de mais alguns segundos para me recuperar. Ele fica aqui comigo, dando-me beijos no rosto e carícias nos cabelos. Uma parte de mim me diz que isso tudo é muito egoísta, que eu deveria me esforçar para abrir mão dele como meu médico, mas outra parte, uma parte mais forte e desconhecida, se alivia porque Pierre não vai cortar nossa relação médico-paciente.

PASSOS IMPORTANTES

JULIETTE

Juliene mastiga um pedaço de baguete, sentada à bancada, olhando-me descaradamente quando surjo na cozinha, acompanhada de Pierre, enroscada aos braços dele. A safada nem tenta disfarçar que estava ouvindo atrás da porta.

— *Bonjour,* dorminhocos — provoca.

Sinto minhas bochechas quentes. Pierre se aproxima dela e rouba o último pedaço do pão, jogando-o na boca. Ela protesta, meu namorado ri e se vira para mim, dando-me um beijo suave depois de engolir a porção roubada.

— Preciso ir para casa — informa, acariciando meu rosto e colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Aproveite o domingo com sua família — diz, dando-me um beijo na testa.

Abro um pequeno sorriso e o acompanho até a porta. Preferia que ele ficasse, mas sei que preciso de um tempo com minha irmã para contar a verdade sobre nosso envolvimento e a gravidez. Além disso, ele tem sua própria família e precisa descansar para o plantão à noite. Pierre abraça minha cintura e me dá um abraço apertado antes de se afastar, me olhar nos olhos e dizer:

— Estava pensando que está na hora de você conhecer meu irmão e meu sobrinho. O que acha?

Simplesmente amo a ideia e expresso isso em um sorriso enorme e no modo como me jogo em seus braços e o aperto contra mim. Pierre sempre foi muito evasivo sobre sua vida pessoal e sobre sua família. Nunca entendi direito por que insistir em não me contar nada, e até hoje não entendo o que aconteceu com a cunhada dele, que nunca é mencionada. Sempre fala muito de Édouard e Étienne, mas nunca o vi mencionar a mãe da criança. Eu também nunca perguntei por respeito. Se meu namorado não comentou nada

é porque certamente não quis comentar.

— Ia adorar — digo por fim, ao pé do seu ouvido, resvalando um beijo pelo seu pescoço em seguida e inalando seu cheiro gostoso uma vez mais antes de ele partir de vez. — É só marcar um dia.

— Que tal no próximo final de semana? — sugere, afastando-me dele.

Sei que só fez isso porque estou arrastando o nariz pela sua pele e isso está o

provocando.

— Por mim tudo bem — confirmo, segurando sua mão e dando uma olhada rápida no jeans apertado, comprovando que está mesmo excitado. Rio baixinho e ele se aproxima de mim, segurando-me pela nuca e levando minha boca para muito perto da dele, sussurrando:

— Não me olhe como se você não soubesse o que é capaz de fazer comigo, Julie.

Olho por cima do meu ombro, certificando-me de que estamos sozinhos, e o pego pelos punhos, trazendo sua mão para dentro da minha calça. Pierre arregala os olhos, não sei se surpreso com minha atitude tão ousada e perigosa ou se porque sente como estou úmida.

— É recíproco, *chéri* — murmuro nos seus lábios, querendo dançar contra seus dedos.

Ele rapidamente puxa a mão de dentro da minha calcinha e balança a cabeça em negativo, oferecendo o seu sorriso gostoso e despreocupado de sempre. Pierre me dá um último beijo de despedida, entra no carro e parte.

Volto lá para dentro, encontrando uma Juliene ajeitando a bagunça.

— Adrien? — pergunto por ele, abrindo a geladeira e caçando alguma coisa para comer. Deveria almoçar, uma vez que já passou do horário, mas não tem nada pronto e estou com preguiça de cozinhar. Analiso as opções e opto por alguns pedaços de queijo, suco de laranja e uma fruta.

— Estava aí até agora há pouco. Saiu para atender um chamado do patrão.

Faço um esgar enquanto me acomodo na bancada e começo a comer.

Aquele homem já trabalha tanto, custa dar um domingo ao coitado? Nem me lembro quando foi a última vez que meu primo realmente folgou em um

domingo. Folga, folga mesmo. Sem essa de estar de prontidão para atender Ferdinand.

— Como foi o cinema ontem?

— Bacana. Ele me levou para ver uma comédia romântica, depois comemos umas besteiras e tomamos sorvete. Tinha me esquecido de como Adrien é incrível.

Sorrio, mastigando o queijo, e preciso concordar. Adrien é incrível mesmo. Às vezes discutimos, o que é normal, e tenho ciência de que já agi feito uma ingrata quando ele demonstrou extrema preocupação comigo e fiquei ofendida com isso. No final, ele estando certo ou não, sempre me desculpo, reconhecendo de que fui uma idiota, e meu primo sempre me perdoa, não importa a desavença que tenhamos.

— Tivemos que dormir lá no apartamento dele, sabe? — comenta, terminando de limpar a pia. — Porque você e o Pierre estavam… — insinua, e preciso de um gole do meu suco para fazer o pedaço de queijo que ficou entalado na garganta descer. Juliene me olha por cima do ombro, torcendo o pano da pia, e dá uma risadinha ao ver que fiquei sem jeito. — Bem, você sabe. Mas o apartamento dele só tem um quarto e… — Ela se vira para mim, seus olhinhos brilhando apaixonadamente como quando cultivava a paixão adolescente pelo nosso primo. — Adrien dormiu no sofá desconfortável e cedeu a cama dele pra mim.

— Um *gentleman.*.. — brinco, nem me surpreendendo mais com essas gentilezas da sua parte.

Adrien merece alguém bom na vida dele, que estime todas essas pequenas coisas que ele faz. Definitivamente, ele é homem pra se casar. Sabe de tudo um pouco — marcenaria, elétrica, hidráulica, até mecânica —, é supercompanheiro, divertido, atencioso. É a espécie rara de homem que você não precisa esperar seis meses para que desentupa o cano da pia ou troque o bocal da lâmpada por um novo, nem pedir mais do que uma vez. A mulher que conseguir fisgá-lo vai ter um pacote completo que toda garota pediu a Deus. Espero de coração que encontre alguém à altura, que seja tão companheira e divertida como ele é. Sempre torci pela felicidade do meu primo e só queria que ou tomasse coragem e falasse com Marjorie, ou se permitisse conhecer outras pessoas. O teimoso faz alguma dessas coisas?

Não. Prefere passar a vida sonhando com Chevalier do que tomar uma atitude.

— Desculpa lá em cima — pede, indicando com a sobrancelha. —

Não queria ter chamado sua atenção.

Franzo o cenho em sua direção.

— Estava tentando escutar o que atrás da porta?

— Se estavam trepando, é claro — responde, com muita naturalidade.

— Juliene! — advirto, soltando uma risada mais escandalosa.

Vergonha na cara que é bom, nada.

Ela ri e dá de ombros, virando-se e se inclinando sobre o balcão, roubando meu último pedaço de queijo.

— Nós chegamos e a casa estava silenciosa demais, achamos que pudessem ter saído. Subi até seu quarto e tentei escutar qualquer coisa, maluca. Uma conversa, risada, barulho de chuveiro, não que estivessem transando. Só queria confirmar que estavam por aqui. Estavam dormindo, suponho, então isso significa que a noite de ontem… — suspira, semicerrando os olhos em minha direção. — Safadinha!

Gargalho de novo, impressionada com o humor e a audácia dessa menina. Tinha me esquecido como Juliene é cheia de vida, alegre e bem-humorada o tempo todo. Sinto saudades dela e queria exigir que viesse me visitar mais vezes, mas nem isso posso. A distância de Londres para Paris é a mesma de Paris para Londres, então se ela não pode vir para cá com tanta frequência, embora seja uma viagem de uma hora, talvez um pouco mais, eu deveria ir visitá-la, certo? Mas não foi o que fiz nos dois últimos anos, concentrada demais no meu trabalho e na minha própria vida particular. É

injusto exigir qualquer coisa da minha irmã quando eu mesma pouco me esforcei para estar com ela.

Afasto os pensamentos da minha mente e decido encabeçar uma conversa sobre sua graduação e a residência em Londres. Quero saber mais dela, da sua vida, dos seus estudos, compensar um pouco essa distância emocional e geográfica entre nós. Ela me conta. Tudo. Animadamente. Apoia os cotovelos na bancada e começa a tagarelar, parecendo realmente feliz que eu tenha perguntado e me interessado pela sua vida. Enquanto a ouço, vou

tomando a coragem necessária para contar a verdade que escondi dela durante

esse final de semana.

Preciso perder o medo do seu julgamento, preciso mesmo. Ela tem me dado um apoio que não esperava. O mínimo que tenho de fazer é ser franca, abrir o jogo. Mesmo que depois não me olhe mais da mesma maneira, mesmo que vá embora com raiva, mesmo que não me apoie mais como fez esses dias, ao menos saberá a verdade e não ficará ofendida caso descubra de qualquer outra forma, sentindo-se enganada.

—… ele é a coisa mais linda e tem uma habilidade com os dedos —

finaliza, dando uma risada gostosa quando levo a mão à boca para abafar uma risada maior frente à sua narrativa sobre um cara qualquer que conheceu no seu estágio.

Juliene suspira, parecendo, finalmente, não ter mais nada para contar.

Dou uma mordida na minha pera, pensando em como começar isso.

— Juju… — murmuro, chamando-a pelo seu apelido de infância. Ela volta seus olhos para mim, surpresa que tenha usado uma alcunha que há tempos parecia esquecida. — Preciso te contar uma coisa.

Ela me olha atentamente, estudando minhas feições.

— Tudo bem. Onde está o corpo?

— Quê? — Solto imediatamente, confusa com sua reação.

— Pra fazer essa cara aí — diz, apontando o dedo para o meu rosto —

deve ter matado alguém. Cadê o corpo? Te ajudo a enterrar.

Fecho os olhos e rio. Essa garota é inacreditável. Ela me acompanha, e a atmosfera fica um pouco mais leve, o que me deixa mais confiante para essa conversa. Quando me recupero do breve ataque de risos, arrasto minha mão até a dela e a seguro com firmeza. Juliene percebe que o assunto é realmente sério e ajusta sua postura de acordo com o que o momento exige.

— Não te contei antes porque senti muita vergonha — admito, baixando os

olhos para nossas mãos unidas. — E porque não queria não te preocupar.

Juliene toca meu queixo com a mão livre e me faz olhá-la nos olhos.

— Ei, não fica assim, como se eu fosse comer o seu fígado. Me conta

o que é, sem medo. Vai — encoraja-me, dando-me a confiança de que precisava para abordar esse assunto.

— O Valentin é… fruto de um erro muito irresponsável da minha parte.

— Não diz isso — adverte.

— É verdade, Juju — rebato, balançando a cabeça. — Amo esse garotinho mais do que consigo explicar, mas não muda o fato de que fui muito, muito inconsequente. — Ela espera, aceitando meu breve silêncio para me recompor e começar a explicar essa confusão. — O pai dele é um homem casado.

Ela expressa surpresa, mas suas mãos não se soltam das minhas. Há um instante de quietude entre nós duas, eu esperando pelo surto dela, pelo sermão, pelo julgamento, pela expressão de nojo e decepção. Mas nada disso vem. Juliene apenas me encara surpresa e me espera continuar, explicar algo inexplicável, justificar algo injustificável. Pacientemente espera, segurando minha mão na sua.

Desabo e conto tudo desde o início. Como conheci o Antony, o modo como me fazia acreditar que estava infeliz no casamento, nossa primeira transa, das promessas vazias, das reclamações da esposa, dos relatos que me faziam acreditar que Ann-Marie era uma pessoa terrível e merecia a traição.

Falo por que tive a ideia absurda e irresponsável de engravidar dele, e de como ameacei falar tudo para a esposa, da sua reação raivosa, do espancamento, e como foi por causa disso que realmente conheci o Pierre, de como saiu impune porque estava ameaçando Deus e o mundo.

Nessa parte, minha irmã vem para o meu lado, jogando seus braços ao redor do meu corpo, tentando me acalmar porque estou chorando e nem vejo.

É incrível como ainda dói tudo o que aconteceu, mesmo depois de, sei lá, uns três meses e meio. Pensando bem, é tudo muito recente. Menos de quatro meses é recente demais, mas parece que foi há tanto tempo, parece que foi há uma vida.

Ainda assim dói, mesmo tendo encontrado Pierre e seu apoio incondicional, seu carisma, sua atenção. Dói me lembrar disso. Nas últimas semanas, bloqueei as lembranças ruins, muito provavelmente porque meu namorado passou bastante tempo comigo, e minha atenção estava nele. E

tinha Adrien, sempre disposto a tudo.

— Se acalma, Julie — pede, beijando meu rosto encharcado.

Leva algum tempo até estar mais calma, com os batimentos cardíacos regulados outra vez. Minha irmã não sai do meu lado, não solta minha mão, só espera, murmurando para eu respirar fundo, para pensar no bebê e não passar por nenhum estresse desnecessário. Quando finalmente consigo olhá-la nos olhos, cheia de vergonha pela minha confissão, espero ver a reprovação nas suas íris castanhas, espero ver advertência, julgamento. Não vejo nada disso. Há preocupação, compaixão, empatia, amor, ternura. Meu choro entala na garganta de novo, mas agora é porque consigo enxergar que Juliene vai continuar aqui para mim mesmo depois dos meus erros mais estúpidos.

— Por que não me contou? — pergunta, baixinho, acariciando meu rosto. — Eu teria deixado tudo na Inglaterra para estar aqui pra você.

— Senti vergonha. Medo… que me julgasse. — Balanço a cabeça em negativo, só agora notando como foi um medo idiota. Jamais deveria tê-la privado da verdade. Se ia me amar ou me condenar, ela tinha o direito de saber.

— Garota tola — murmura, dando-me um sorriso genuíno e pequeno.

— Jamais faria isso, Juliette. Você é minha irmã. Não importa que tenha errado, nada justifica a atrocidade que aquele canalha cometeu e eu nunca, *nunca* te julgaria.

Antes que possa notar, já estou nos braços dela, enfiando o rosto na curva do seu pescoço, e nem posso dizer quem abraçou quem primeiro.

Juliene afaga minhas costas, diz que está tudo bem agora e pede para que nunca mais eu esconda qualquer coisa dela, que sempre poderei contar com seu apoio e amor. Prometo, peço seu perdão e ela alega que não há nada para ser perdoado. Terminamos a tarde no sofá, comendo pipoca e vendo seriado.

Depois, minha irmã precisa arrumar as malas para seu voo pela manhã. Eu a ajudo, o que é rápido porque não trouxe muita coisa.

Juliene sugere comermos uma pizza e aceito, pensando no bico que Adrien vai fazer ao souber. “Comida de grávida, Juliette, é disso que você precisa”, será o discurso dele quando chegar e ver as caixas de pizza e garrafas de refrigerante. Ajeito a sala com cobertores e almofadas, escolho um filme e deixo pausado até nosso pedido chegar. Mandei uma mensagem

ao nosso primo, querendo saber que horas volta porque quero passar esse resto de tarde junto dele. A resposta vem dez minutos depois, dizendo que já está a caminho.

Quando Adrien atravessa a porta, eu me jogo em seus braços, apertando-o com toda minha força, como se não o visse há uma década e ele fosse um veterano voltando da guerra. Apalpo suas costas, inalo seu cheiro, e ele não tem reação nenhuma a não ser surpresa.

— Ei — diz, devolvendo meu abraço, com certo cuidado. Não sou dada a muitas demonstrações de afeto e minha atitude agora deve estar o deixando curioso. — Quem morreu?

Rio contra seu pescoço e bato no seu ombro, finalmente me afastando dele e o encarando.

— Ninguém, seu bobo. Só… senti saudades.

Adrien ergue uma sobrancelha. Olha por cima do meu ombro, acho que para minha irmã atrás de mim. Aponta o indicador na minha direção, depois o leva até a orelha e faz um movimento universal de doido. Dou outra risada, empurrando-o amigavelmente. Meu primo me acompanha, seus braços contornando minha cintura e me tomando em outro abraço.

— Amo você, Dri — digo, usando seu apelido de infância que há muito não usava. Ele não gosta muito, mas não protesta nesse momento. —

Me perdoa pelas vezes que fui uma babaca com você?

Ele me afasta e me olha cheio de humor e curiosidade.

— Por que isso agora? — questiona, erguendo uma sobrancelha.

Dou de ombros.

— Notei que você é incrível e que muitas vezes me comportei como uma idiota com você, que sempre está apenas tentando me ajudar.

— Já não era sem tempo você perceber que sou incrível, não é? —

brinca, deixando um beijo no meu rosto. Eu rio e balanço a cabeça. — Não se preocupa com isso, Julie. Somos uma família, sempre vou perdoar você.

Ele me leva mais para dentro, observando as caixas de pizza que chegaram um pouco antes dele na mesinha de centro, o refrigerante, cobertas e travesseiros espalhados no sofá e no chão, um filme pausado na tela da



tevê, à nossa espera. Trago Juliene para mim, deixando-me entre os dois.

— Uma noite em família? — pergunto, olhando de um para outro.

Os dois me apertam em um abraço duplo, gritando e rindo ao mesmo tempo:

— Noite em família!

Ando pelo corredor extenso, atenta à minha volta, segurando-me ao máximo para não comer o bolinho que comprei para Pierre. Passei em uma padaria e comprei três. Comi dois, um meu, um de Valentin, o terceiro é para o meu namorado, mas parece que o bebê está gritando dentro de mim para que eu dê só uma mordidinha no *chantily*. Ele nem vai perceber mesmo.

— Não — murmuro, olhando para minha barriga. — Não seja guloso, Valentin. Vamos deixar o *cupcake* para o tio Pierre, ouviu?

Ergo meus olhos para o caminho a ser feito e torno a observar ao redor. Enfermeiras, internos, residentes, atendentes, visitantes e todo tipo de funcionários passam por mim. Uns mais apressados, outros despreocupados, outros conversando, ao telefone, digitando.

Inspiro fundo e tento não pensar que Pierre vai ficar chateado porque vim procurá-lo aqui no Necker. Perguntei dele na recepção, a funcionária discou um ramal, trocou algumas palavras e me deu instruções de como chegar ao seu consultório. Dei sorte de não estar em uma sala de parto.

— Julie… — Sua voz ecoa bem perto de mim. Noto só agora que estava olhando para todos os lados, menos para frente, e que Pierre deve ter vindo ao meu encontro, o que explica essa sua proximidade súbita. Meu namorado tem um pequeno brilho indecifrável nos olhos. — Aconteceu alguma coisa? — pergunta, em um tom de preocupação.

Deus, será que assustei o homem vindo aqui? Balanço a cabeça em negativo, recordando-me de que na recepção dei a desculpa de que não estava muito bem, que ele é meu obstetra e precisava de uma consulta. Foi uma

meia-verdade, se formos analisar. Não estou passando mal, mas ele é meu obstetra.

— Não — respondo, por fim. — Só estava com saudade. Não te vejo desde domingo, depois que foi embora — digo, fazendo bico.

Ele dá um sorrisinho e avalia o ambiente ao nosso redor.

Aparentemente estamos sendo ignorados com sucesso. Não pensei direito quando deixei a clínica, no meu horário de almoço, e vim procurá-lo. Não pensei que minha presença podia comprometê-lo e só me dou conta disso agora. Pierre me disse que a ex-namorada trabalha com ele, não é? Ela pode aparecer e nos ver juntos? Mesmo que não estejamos fazendo nada comprometedor. É só uma conversa, nada demais. Não tem como ninguém desconfiar de qualquer coisa.

— Desculpe — peço, e ele se vira para mim. — Nem pensei que você poderia estar ocupado e que… — baixo o tom de voz aqui — possam desconfiar de nós. Eu vou…

—… a lugar nenhum — me interrompe, segurando-me pelos punhos,

impedindo-me de ir embora, coisa que já estava prestes a fazer.

Agi por impulso vindo aqui, movida por uma saudade descabida. Não nos vemos desde domingo, mas me ligou ao menos três vezes no dia e trocamos mensagens. Não é como se estivéssemos incomunicáveis nesse interim. Pierre me explicou que o turno da sua escala ia trocar e precisaria dobrar para cobrir os dois turnos, o que normalmente acontece quando troca os horários da sua jornada, e por conta disso trabalhou no domingo e na segunda. Folgou na terça, mas depois de um plantão de trinta e seis horas, tudo o que esse homem estaria desejando era dormir o dia todo. Prometeu que ia lá em casa hoje, assim que o plantão acabasse, mas mesmo assim fui estúpida o suficiente para vir aqui, como se não pudesse aguentar até de noite para vê-lo.

— Não quero atrapalhar seu trabalho — cicio, olhando para os lados.

Pierre certifica-se uma última vez antes de abrir uma porta atrás de nós e me levar lá para dentro. Assim que entro, me dou conta de que é seu consultório. É um pouco menor do que o da clínica, tem uma decoração mais simples, uma maca, um armário, arquivo de metal, instrumento de trabalho e um livro que roubou da minha estante sobre sua mesa.

— Não está atrapalhando. Não pediria pra que liberassem sua entrada se tivesse trabalho a ser feito — explica, pegando meus pulsos e me girando contra porta, deixando-me entre ele e a superfície de madeira. — Tenho um encaixe em quinze minutos e tem outro obstetra atendendo os partos. — Sua mão acaricia meu rosto, em um toque singelo, suave e acolhedor.

Seus olhos abaixam e ele sorri, só agora percebendo o *cupcake* que seguro com cuidado para não o deformar.

— Trouxe pra você — digo, erguendo na altura dos seus olhos.

Pierre volta a me fitar, apoiando a mão direita acima da minha cabeça, um sorriso fácil e gostoso traçando seu rosto bonito.

— Por que tenho a impressão de que está fazendo muito esforço para não dar uma mordida no meu *cupcake*, Juliette? — indaga, todo brincalhão.

Minhas bochechas esquentam.

— Porque estou. Não sou eu, é o Valentin! — explico, enfiando o rosto contra seu peito.

Ele ri, pegando o doce da minha mão e o alinhando na altura das nossas bocas.

— Juntos, *tá* bom?

Balanço a cabeça.

— Não. É seu, Pierre. Eu… já comi dois — admito, meio envergonhada.

Ele ergue meu queixo, passando o topo de chantily nos meus lábios.

Sinto o gosto delicioso do creme azul. Gente, isso não se faz. É pecado capital. Crime contra o Estado. Como resisto a isso? Sem condições nenhuma. Sou capaz de dar uma mordida nesse bolinho e se bobear levo o dedo dele junto.

— Certeza? — provoca, erguendo uma sobrancelha e pintando um pouco mais meus lábios com o chantily.

Suspiro um gemido frustrado e abro a boca vagarosamente, cedendo a esse desejo perverso e egoísta de comer o doce do meu namorado depois de ter comido dois. Estou para dar uma mordida, mas Pierre o afasta lentamente

de mim, o que me faz seguir o seu movimento. Um segundo depois, consigo alcançar o bolinho e dar uma mordida, ao mesmo tempo que ele faz o mesmo, só que do outro lado. Isso causa um encontro súbito e delicioso dos nossos lábios.

Ele me beija, segurando firme na minha nuca, o bolinho na outra mão, longe o suficiente para que não seja esmagado quando joga seu corpo em mim, prensando-me contra a porta. Perco-me nesse beijo doce, literalmente, e o abraço pelo pescoço, lambendo seus lábios azuis pelo *chantily.*

Repetimos o procedimento até não ter mais creme sobre o bolinho.

Ele dá uma mordida na massa branca e me oferece o restante, que recuso de início, mas cedo quando insiste. Termino de engolir meu pedaço e Pierre limpa o canto dos meus lábios com um pedaço de papel-toalha que pegou no armário na sua sala.

— Adorei sua visita — diz, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. Pierre lambe meus lábios uma última vez antes de se afastar e passar o polegar no canto da minha boca, de um jeito sensual demais. Colabore aqui comigo, amor.

— Não ia aguentar esperar até de noite para te ver e te entregar isso aqui… — falo, enfiando a mão no bolso da minha calça e tirando a chave da minha casa. — É uma cópia.

Pierre olha de mim para a chave. Quando seus olhos azuis pousam nos meus, ele está sorrindo.

— Certeza disso?

— Você dorme ao menos três vezes por semana lá em casa, Pierre.

Tem alguns pares de roupas e itens de higiene pessoal. Claro que tenho certeza. Pode aparecer a hora que quiser.

— É um passo importante demais, Julie… — constata, as costas da sua mão tocando meu rosto de um jeito muito bom.

— Vai me levar para conhecer seu irmão nesse final de semana. É um passo importante também. Isso aqui — digo, balançando a chave — é meu modo de dizer que estou pronta para dar passos importantes com você.

Pierre pega a cópia da minha mão e a analisa um segundo antes de



enfiá-la no bolso do jaleco e me dar um beijo profundo, quente e apaixonado.

— Obrigado pela visita, pelo bolinho e pela chave… — cicia, escorregando seu toque pela lateral do meu corpo em um ato que não tem desejo, nem intenções sexuais. É puro. — Preciso me preparar para a próxima paciente.

Balanço a cabeça em positivo.

— Vejo você em casa?

Pierre abre outro do seu sorriso gostoso, que faz os olhos brilharem.

— Vejo você *em casa* — repete.

Demoro a notar que "*em casa"* está se tornando um significado importante.

Estou preparada para passos importantes.

Recebo uma mensagem do meu namorado de que vai se atrasar e não chegará para jantarmos juntos, informando que não tem muita certeza de quando sairá do hospital, mas assim que sair vem direto para cá. Não tem mais nenhuma explicação por trás desse atraso, e penso que ele escreveu correndo, porque tem muitas abreviações e erros de digitação, mas que não deixa a mensagem menos inteligível. Suponho que tenha surgido algum imprevisto na família ou no hospital. Fico tranquila porque sei que ele vai me contar assim que puder e não só porque enviou um *"wxpilco depois"* .

Chamo Adrien para jantar comigo, já que não quero ficar sozinha, mas ele também não pode. Está com o orientador e à disposição de Ferdinand, que não tem dia nem hora para ligar para o coitado. Acabo me contentando com minha própria companhia, faço só um macarrão para comer e me entupo mais tarde de chocolate que achei perdido no meu armário. Meu primo certamente tentou esconder de mim, mas uma mulher quando está louca por um doce revira a casa até encontrar alguma coisa, nem que seja um torrão de açúcar.

Assisto um filme, dois episódios de uma série qualquer e, quando o sono bate, vou para o quarto descansar. Resolvo ler um ou dois capítulos do meu livro antes de dormir. Estou finalizando o quinto capítulo quando ouço a porta principal ranger. Sorrio para mim, porque sei que é ele. Procuro pelas horas. Quase onze da noite. Ajeito-me na cama, descobrindo deliberadamente meu corpo e deixando minha coxa esquerda exposta, a camisola subindo o suficiente para que, assim que entrar, Pierre tenha uma bela visão.

Ele demora mais do que o comum para chegar até aqui. Consigo ouvir seus passos, estão arrastados, devagar, como se andasse com cautela. Engulo em seco, segurando-me para não pular da cama e ir ao seu encontro. Não nego que a

paranoia me pega de jeito e, só por um segundo, questiono se é Pierre mesmo quem está aqui. Quando surge no umbral da porta, alívio me acerta. Só que meu namorado não avança quarto adentro, fica parado no limiar, olhar cabisbaixo, os dedos brincando de forma fúnebre com a touca cirúrgica dele.

— Pierre — chamo-o, e seus olhos se erguem para mim.

Daqui, vejo uma enorme tristeza nesse homem. Uma tristeza que, até então, em quase quatro meses que o conheço e pouco mais de um mês desde que estamos juntos, nunca tinha visto. É visceral. Consigo ver uma dor lacerante nos seus olhos azuis marejados, na sua postura abatida, em como engole em seco e aperta os lábios para não cair no choro.

— Você está bem? — pergunto, mesmo parecendo bem óbvio de que não está nada bem. Ele balança a cabeça, de um lado a outro. Permanece no mesmo lugar, sem fazer menção de se aproximar. — Venha aqui — peço, abrindo os braços.

Ele vem. Pierre se arrasta até mim, engatinha na cama e se deita do meu lado, encaixando-se no meu abraço e enfiando o rosto contra meu pescoço. Posso sentir sua respiração pesada, o coração acelerado. Estou sem entender nada. O que aconteceu com esse homem? Alguma coisa com o sobrinho?

— Quer me contar o que aconteceu? — digo, baixinho, apertando-o mais contra mim.

Sem que eu espere, Pierre cai em um choro copioso, de fazer tremer seu corpo grande, de soluçar alto. Fico completamente sem reação, não

entendendo o que possa ter acontecido para deixá-lo nesse estado. Não posso fazer nada nesse instante.

A não ser deixá-lo chorar nos meus ombros.

FRATERNO

PIERRE

Étienne está sentado de pernas cruzadas, no centro da sala, junto com Édouard, ajudando-o a pintar um desenho impresso, quando chego da casa de Juliette. Paro na porta por um segundo, analisando a cena. Tinha algum tempo que não

via uma interação assim entre eles, mais genuína, menos forçada, desde o sumiço de Jeaninne.

Sorrio para mim, feliz que, finalmente, meu irmão esteja colocando a vida nos trilhos outra vez. Vai voltar a trabalhar em breve; não em salas cirúrgicas, acho que ainda não tem emocional o bastante, mas vai dar continuidade a uma pesquisa neurológica sobre estimuladores cerebrais em que trabalhava tempos atrás e que parou por causa da reviravolta que deu sua vida. Está recebendo apoio do hospital e patrocínio de algumas empresas e pessoas importantes.

Ele nota minha chegada e sorri, tornando a dar atenção ao filho, indicando algum ponto para pintar e sugerindo uma cor. Deixo-o com o pequeno e vou direto para a cozinha, atendendo aos protestos do meu estômago que não recebe nada desde ontem à noite. Poderia ter ficado com Julie e almoçado com ela, mas decidi que minha namorada precisava ter um tempo a sós com a irmã, já que tinha decido falar sobre nós, sobre a gravidez e sobre o inominável.

Monto um sanduíche apenas, preparo um suco e me sento à mesa, dando a primeira mordida e conferindo meu celular. Tem um e-mail da clínica com meus horários para a semana que vem, um do Necker com a minha nova escala, uma mensagem da operadora e um lembrete do aplicativo para beber água.

— Ei. — Étienne surge na cozinha, pondo-se do outro lado da mesa.

— Como foi com sua namorada? — pergunta.

— Conheci a irmã dela — digo com um sorriso, limpando os lábios

com o dorso da mão em seguida, limitando-me somente a isso.

Étienne sorri de volta, levantando-se e caminhando até a geladeira.

Ele sabe que estou envolvido com alguém, mesmo que eu não tenha comentado nada, mas minhas escapadas, as inúmeras noites fora, ligações e mensagens deixam bastante óbvio que estou num relacionamento amoroso.

Só ainda não contei que essa relação é com uma paciente minha. Grávida. O

que pretendo mudar ainda hoje porque no final de semana vou trazê-la para que se conheçam. Viro-me para ele, que está se servindo com um pouco de água

gelada.

— Ela vem almoçar aqui nesse fim de semana. Tudo bem pra você?

— Já não era sem tempo — resmunga, bebendo o conteúdo do copo em um único gole em seguida.

Dou uma risada e também me levanto, juntando a louça que sujei e dispondo-a na cuba da pia.

— Estamos juntos só tem pouco mais de um mês, Étienne — pontuo.

— Levei pelo menos um ano para apresentar a Francine pra você —

menciono.

Meu irmão cruza os braços na frente do tórax, exibindo um sorrisinho de deboche.

— Porque na época ela era sua superior. Só por isso demorou para nos apresentar.

Molho o lábio inferior, precisando admitir que é verdade. Era meu primeiro ano no internato, ela foi minha residente por algumas semanas, logo depois que passei uns dias na ginecologia. Mesmo que tenha sido minha

"superior", como meu irmão gostou de exageradamente pontuar, por um curto período, foi o bastante para rolar uma química e ficarmos juntos.

Étienne era neurocirurgião no mesmo hospital que nós. Era, inclusive, o *staff* da Francine, o que fez nós dois decidirmos por manter nossa relação longe dos olhos dele. Não que meu irmão fosse tapado e não soubesse que estávamos juntos. Ele sabia, não tinha nem como não saber porque nós mantínhamos nossa relação longe *dele*, não dos outros, então é claro que boatos chegaram ao seu ouvido. Só que meu irmão nunca disse nada para nenhum de nós dois, porque ele não se intromete.

— Como se você não soubesse — devolvo, com um murmuro, encostando-me na pia ao seu lado.

— Você e ela se separaram há pouco tempo — assinala. — Tem só uns quatro meses, não tem? Está mesmo preparado para outra relação, Pierre?

— pergunta, e sinto um tom de preocupação na sua voz.

— Estou. Por que não estaria? — questiono, olhando-o atentamente e aguardando uma resposta.

— Porque seu último namoro durou uns oito anos e ela era uma pessoa complicada? — responde, como se apontasse o óbvio.

Faz sentido, mas não é assim que me sinto. Não estou inseguro, nem com medo, nem traumatizado. Não sei se é assim que deveria estar me sentindo, se é a forma "certa" de sentir depois que a gente sai de uma relação como a qual eu estava inserido. Talvez porque o abuso da Francine é muito estruturalmente diferente de um homem abusador. Ela tinha suas paranoias, inseguranças, ciúmes exagerados, desconfianças, momentos de raiva que iam de gritos simples às agressões físicas que, sim, me machucavam, mas nada comparado a se *eu* resolvesse agredi-la. No máximo, eram uns tapas e arranhões. Seja como for, estou bem, me sinto seguro para entrar em outro relacionamento.

A verdade é que não tenho mais tempo para casos sem sentido, nunca tive, para ser bem sincero. Sempre fui um cara de relacionamentos, comprometido. Não que eu nunca tenha tido meus momentos casuais, mas foram raros. Minha preferência é a estabilidade de um relacionamento, de estar com uma única pessoa. Embora já tenha estado em uma relação aberta, ainda assim era um compromisso. Passado dos trinta anos, não vejo motivo para ficar me privando de ter uma namorada porque outra não foi boa para mim.

— Estou bem, Étienne, de verdade. Não se preocupe comigo.

Ele abana a cabeça em positivo, erguendo os braços e pegando uma porção de envelopes dos correios. Vai conferindo um por um, ignorando todos, e não sei se está procurando alguma correspondência em específico, mas quando não encontra o que quer, se é que estava à procura de algo, joga tudo sobre a mesa e me olha de novo quando digo:

— Preciso mencionar um detalhe importante. — Sou cauteloso nas palavras e hesito um segundo antes de completar: — Ela é minha paciente…

— O quê? — exclama, imediatamente, desencostando da pia e ficando de frente para mim.

— … e está grávida — completo, fechando um olho e só esperando pela bronca.

— Pierre! — Suspiro, sabendo que ele ia reagir desse jeito. Ter namorado uma "superior" minha é aceitável; uma paciente, não. — Você perdeu o juízo?

— Aconteceu — justifico, dando de ombros.

Meu irmão me encara como se eu tivesse vindo de outro mundo. Foi por isso que não comentei nada antes, porque sabia que ele ia dar esse surto e, muito provavelmente, ia querer me dar um sermão, como se no último um ano e meio ele tivesse moral para alguma coisa.

— Como "aconteceu"? — pergunta, sua voz agora em um tom mais baixo, um tanto quanto mais calmo.

— Eu a atendi na emergência — explico, mas não vou me aprofundar no que de fato ocorreu porque essa história não é só minha. Quando se conhecerem, se minha namorada quiser dar detalhes, ela dará. Do contrário, não vou sair por aí expondo sua vida, mesmo que para meu irmão.

Principalmente porque nem se conhecem ainda. — Ficamos amigos durante o tempo em que esteve internada, depois… ela decidiu fazer o pré-natal comigo e… aconteceu, Étien. Eu realmente gosto dela.

— Sabe que não pode se envolver com ela, Pierre — adverte, de um jeito mais cansado do que bravo.

— Eu sei.

— Então por que não a indicou para outro obstetra?

Mordo o interior da bochecha, pensando no motivo que tive para não a indicar para outro médico. Eu quis, por mim, por ela, porque Juliette passou por uma relação em que foi escondida das pessoas e tudo o que eu mais queria era simplesmente assumi-la, mas não podemos assumir uma relação amorosa quando temos um vínculo médico-paciente. Isso me comprometeria

de uma forma que nem gosto de pensar. Mas o modo como me pediu para mantermos tudo como está, e hoje mais cedo, quando a vi chorando no banheiro, mesmo que não tenha confirmado que foi porque sugeri de novo que se consultasse com outro médico, me fizeram por manter nossa relação de médico e paciente. Só que não vou dizer isso a Étienne, porque, na minha cabeça, compreendo os motivos dela, e gosto tanto daquela mulher a ponto de fazer suas vontades se isso for deixá-la mais confortável, menos triste, mas não sei se meu irmão vai me compreender da mesma maneira.

— Porque não confio em mais ninguém para cuidar da minha namorada — digo, tendo de mentir um pouco.

Étienne suspira, balança a cabeça e diz:

— Você, mais do que ninguém, deveria entender que seu julgamento pode te cegar.

Sei o que isso significa, mas não vou protestar. Ele está certo; contudo, não estou fazendo um julgamento cego. Tenho certeza disso.

— É um homem adulto — murmura, apertando meu ombro. — Sabe o que está fazendo, não sabe?

— Sei, sim.

Como resposta, só recebo um sorriso. Étienne se retira da cozinha e volta para o filho, que está chamando por ele para mostrar o desenho pronto.

O pequeno está radiante e feliz com a reaproximação afetiva do pai. Tanto que nem notou que eu cheguei e veio me receber com seus gritos estridentes e abraços na altura das minhas pernas. Pego as correspondências que meu irmão deixou sobre a mesa e as levo comigo. No percurso, o garoto finalmente me vê, vindo na minha direção, pronto para seu ritual. Beijo suas madeixas, pergunto como foi o sábado e o domingo com o papai, e ele diz que foi “muito legal!”. Meu irmão o manda para o banho e sigo meu caminho, olhando os envelopes.

Abro a conta telefônica para conferir o valor desse mês e me assusto com a cifra impressa no papel. Veio muito acima do comum. Pego algumas roupas sujas minhas no quarto, dentro do cesto, e levo até a lavanderia, conferindo o detalhamento da fatura. Encosto-me na máquina, a bola de roupas sobre a tampa,

debaixo dos meus braços, e confiro a lista de ligações

feitas. Durante as últimas três semanas foram realizadas inúmeras chamadas para um telefone celular que desconheço o número. Tem mais de três por dia.

Mas que diabos…

Enfio o papel no bolso da calça, de qualquer jeito, abro a máquina e tem roupa suja lá dentro. Uma camisa do meu irmão. Suspiro e a tiro de lá, tentando não reclamar com o fato de que temos um cesto justamente para essa finalidade. Quando a pego nos meus dedos, sinto um cheiro diferente.

Analiso-a melhor e vejo uma macha pequena no tecido, abaixo da gola.

Estudo o cheiro e, quando reconheço o que é, fico uma fera. Então, não demoro a entender o que aconteceu e para quem são aquelas infinitas ligações.

— Que merda é essa? — esbravejo, entrando no quarto dele sem nem bater.

Étienne está sem camisa, só com as calças jeans, de frente para as gavetas do guarda-roupa, pronto a pegar outra. Ele me olha sem entender, depois analisa a camisa na minha mão e a fatura do telefone.

— Do que está falando? — pergunta, franzindo o cenho.

— Andou bebendo. De novo, Étienne!? Com seu filho dentro de casa?

E ligou para aquele número, não é? O do trote. No maldito último mês você ligou para tentar descobrir alguma coisa. Não conseguiu nada, e por isso bebeu tanto a ponto de não conseguir mais encontrar o buraco da boca e derramar na roupa.

Noto quando o maxilar dele trinca, seus olhos chispando raiva.

— Eu bebi. *Uma* dose. Não sou a porra de um alcoólatra, Pierre.

Não acredito nisso. Sinceramente. Não acredito nisso. Depois de tudo o que aconteceu, ele ainda tem coragem de fazer uma coisa dessas comigo.

Sabia que não deveria confiar nele. Deus, Francine tem razão. Estou sendo

negligente com meu sobrinho deixando-o com o pai que claramente não sabe mais fazer a merda do seu papel.

— Duvido muito que tenha bebido só uma dose — reclamo, jogando a camisa dele sobre a cama.

Ele pega outra camisa e fecha a gaveta com força, virando-se para

mim como se estivesse com uma vontade insana de apertar o meu pescoço.

Pois bem. O sentimento é recíproco.

— Isso foi na sexta-feira. Paguei uma babá, fui ver um colega, investidor, que vai patrocinar minha pesquisa — explica, entredentes. —

Jantamos e decidi beber uma dose de uísque para comemorar que estou voltando a me dedicar à minha carreira, que estou finalmente seguindo em frente.

Uma tensão esquisita cresce entre nós. Estou me sentindo mal por duvidar dele, mas meu irmão não pode me culpar por isso.

— E as ligações? — questiono, menos raivoso agora.

Ele suspira e se senta na beira da cama, enfiando o rosto entre as mãos.

— Só queria ter certeza que não era ela. Não consegui nada. Todas as minhas tentativas foram inúteis porque sempre que ligava, caía direto na caixa-postal. Eu deixava um recado, mas… nunca me retornou, seja lá quem tenha me ligado e se passado por Jeaninne.

Meu coração aperta. Ponho-me ao seu lado. Toco sua coxa. Ele me olha, abre um pequeno sorriso e torna a esconder o rosto entre as mãos, murmurando que jura por tudo quanto é mais sagrado que não bebeu de trançar as pernas, que foi só uma dose, na sexta-feira, depois de um mês desde a última vez, e que derramou um pouco na roupa por distração. Torna a reafirmar que posso confiar nele, que não quer ser mais uma ameaça para Édouard.

— Você tem razões para ficar bravo comigo — cicia, molhando os lábios. — Mas juro que não sou mais aquele Étienne. Para ter uma ideia, levei o número de telefone para a delegacia, na sexta-feira mesmo. Cansei de ficar ligando e não ter

respostas. Expliquei o que aconteceu e o responsável do caso disse que ia tentar triangular o sinal para ver se descobrimos alguma coisa.

— É sensato deixar que a polícia faça o trabalho dela — menciono, com um leve tom de brincadeira. — Reabriram o caso?

Ele move a cabeça em negativa.

— Ainda não. Vão reabrir se tiverem alguma pista concreta com a triangulação.

— Vai ver que foi só um trote, uma brincadeira de mau gosto — digo, torcendo realmente por isso.

Parece insensível da minha parte desejar que não seja qualquer coisa relacionada a Jeaninne, mas não consigo evitar o sentimento. Estamos bem sem a sua versão obcecada em busca da esposa e tenho medo de que qualquer pista pequena possa desencadear o pior lado dele, possa torná-lo relapso e negligente de novo. E o pior, se a pista não nos levar a lugar nenhum, vou ter que vê-lo se afundar mais uma vez. Não tenho coração forte o bastante para isso.

Étienne apenas sorri como resposta e se levanta, dobrando a peça que pegou da gaveta e a dispondo sobre a cama. Vai até o guarda-roupa e fica um tempo analisando as calças, escolhendo uma que vai combinar com a camisa.

— Estou feliz por você, Étien — menciono, ainda no meu lugar. —

Feliz que vai voltar com sua pesquisa.

— Só hoje percebo que não deveria nunca ter parado — diz, com um suspiro triste. — Deveria ter dado um tempo, mas não desistido completamente, numa busca cega e infrutífera pela minha mulher.

— O importante é que agora você está bem de novo, está tocando vida, pelo seu bem, pelo bem do seu filho. Estou ansioso para quando sua pesquisa for patenteada como uma revolução na medicina neurológica.

Ele dá uma risada gostosa e, parecendo finalmente escolher a calça que vai usar, dá um passo à frente, ficando meio escondido dentro do guarda-roupa, ao mesmo tempo em que diz:

— Está colocando muita fé em mim. A pesquisa estava em fase inicial quando desisti de tudo por causa… — Meu irmão faz uma pausa e não termina a frase, preferindo contornar o assunto: — Tecnicamente, continuamos em fase inicial.

— É um passo, isso que importa. Têm pessoas que acreditam no seu potencial. Olha só, até ganhou outro patrocínio. Quem é o novo patrocinador, falando nisso?

— É um antigo conhecido — menciona, colocando a calça que escolheu sobre a camisa dobrada. — Dupont tem uma empresa de investimentos, vive engajado com filantropias e tem um interesse particular nessa pesquisa.

— Dupont? — indago, reconhecendo o sobrenome. — Emilien Dupont? — pergunto, só para ter certeza de que se trata da mesma pessoa.

Étienne se vira para mim, balançando a cabeça.

— Ele mesmo. Você o conhece? — questiona, virando-se de novo para o guarda-roupa e analisando suas opções de malha.

Só agora noto que está concentrado demais em montar uma boa combinação só para ficar em casa. Sinal de que não vai ficar em casa. Ele tem um encontro, tenho quase certeza.

— Temos alguns amigos em comum — respondo. — Por que disse que ele tem um interesse particular pela sua pesquisa?

— Anos atrás, operei uma amiga dele. Chegou no hospital com uma laceração no córtex cerebral depois de uma queda. Apesar de tentar reverter os danos o máximo que podia, ela ficou com sequelas severas. Sei que Emilien mantém as despesas dela até hoje e a pesquisa poderia ajudar a reparar um pouco dos danos.

Maneio a cabeça em positivo, sabendo de quem ele está falando. É a mesma garota com quem me envolvi no internato e, um tempo depois, fiz a curetagem. A mesma que me deu um empurrãozinho para me ajudar a decidir pela ginecologia. Sinto até hoje o sofrimento que causei nela prometendo algo que não podia. Desde que o vi no hospital, quando foi visitar Juliette, tive uma impressão de que o conhecia de algum lugar. Agora me lembro de onde. Cheguei a vê-lo na recepção, conversando com Étienne, recebendo a notícia de que a amiga estava viva, mas incapaz de realizar as funções mais básicas. Vi quando

ele apertou os olhos, em uma expressão de completa consternação.

Mundo pequeno.

— Tem alguma parceria nessa pesquisa? — indago, preferindo não mencionar que conheço sua antiga paciente.

— Ainda não, mas Francine… demonstrou interesse — diz, olhando-me com cuidado quando toca no nome dela.

Faço um esgar com a menção e com a ideia desses dois sendo parceiros. Ele não cogitaria essa parceria se soubesse que ela tentou tirar a custódia de Édouard. Mordo minha língua, preferindo não mencionar nada.

— Está cogitando aceitá-la nisso?

— Depois da sua relação conturbada com ela? Não mesmo. A não ser que… — Ele hesita, e sei exatamente o que vai dizer. — Que tenha uma boa contribuição. Você entende que seria por um bem maior, não entende? De qualquer maneira, vou escolher mais um ou dois neurocirurgiões para me ajudar nisso.

Abro um pequeno sorriso, já sabendo que para selecionar esses parceiros ele vai fazê-los competir entre si por isso.

Levanto-me, decidido a deixá-lo se arrumar. Estou quase certo de que vai sair com alguém, mas também não vou me intrometer e perguntar. Da última vez que teve um encontro, meu irmão me contou por si próprio. Vou esperá-lo fazer o mesmo.

— Vou aproveitar o restante da tarde para descansar antes do plantão

— digo.

— Está bem. Vou deixar Édou com uma babá — comenta, estudando as peças que escolheu. Seus olhos se levantam aos meus e ele sorri um pouquinho. — Vou me encontrar com o diretor do Necker para tratarmos dos últimos ajustes da pesquisa. Começo em duas semanas. Estou animado, Pierre.

Abro um grande sorriso. É um encontro, mas não amoroso. Nem sempre a felicidade de alguém precisa estar necessariamente em outra pessoa, em uma

relação amorosa.

— Imagino que está.

— Falando nisso, haverá uma pequena confraternização em comemoração à minha volta e a retomada da pesquisa. Isso é coisa da diretoria do hospital — diz. — Eu disse que era desnecessário, mas insistiram. Será um pequeno jantar com a diretoria, os patrocinadores e minha

equipe de pesquisa. Você não está incluso, mas… gostaria que viesse mesmo assim. Te aviso quando confirmarem o dia e horário.

Aproximo-me dele e o envolvo em um abraço. Estamos no caminho certo.

— Eu vou, com toda certeza.

Quando me afasto, ele tem um enorme sorriso. Deixo-o terminar de se arrumar e volto para a lavanderia para colocar minhas roupas na máquina. No meu quarto, tento tirar um cochilo para repor as energias para meu plantão quando meu celular notifica uma mensagem. É Julie.

“Conversei com Juliene. Contei a verdade. Foi melhor do que eu esperava. Almoçamos juntos amanhã?”

“Ei, que bom que ela foi compreensiva. Não que estivesse duvidando disso. Minha escala mudou, plantão de trinta e seis horas no hospital. Só vou conseguir te ver na quarta-feira de tarde :/ prometo manter contato. Fica bem, Julie. Você é importante demais pra mim.”

“Vejo você na quarta, então. Fique bem porque você também é muito importante pra mim. *Bisous*”.

Coloco um sorriso no rosto, relendo a última parte da sua mensagem uma porção de vezes.

Eu realmente estou apaixonado por essa mulher.

PERDAS

PIERRE

Brinco com a cópia que Juliette me deu. Não consigo evitar o sorriso enquanto passo a chave para lá e para cá, pensando na importância que um simples objeto tem. Encosto-me na cadeira e a enfio de volta no meu bolso, concentrando-me para organizar minha mesa antes que meu plantão acabe.

Vou receber a próxima paciente em cinco minutos e isso precisa estar organizado.

Guardo prontuários, cadernetas e pastas no arquivo de metal.

Reorganizo o porta-canetas, jogo fora papéis inúteis que acumulei durante o dia, abro uma nova caixa de luvas descartáveis e esterilizo a mesa de vidro com álcool em gel. Termino tudo e me levanto para chamar a última paciente do dia.

Ela entra e se senta de frente para mim, colocando a mão na barriga gestacional de umas trinta e duas semanas, oferecendo-me um sorriso acolhedor. Apresento-me, esticando a mão para um cumprimento, e Charisse me cumprimenta de volta, meio hesitante, franzindo levemente o cenho, porque possivelmente não está acostumada com um médico parisiense tão receptivo.

Gosto de ser receptivo.

— Charisse Martin — digo, lendo sua ficha, analisando o restante em silêncio. Idade, tempo gestacional, peso, altura, outras gestações e/ou partos, doenças etc. — O que está acontecendo? — pergunto, colocando seu registro de lado.

— Dor abdominal — responde, pondo a mão em uma determinada região do seu abdômen. — Bem aqui. Começou bem de repente, ontem à noite.

Levanto-me e peço que se deite na maca. Ajudo-a a subir dois degraus

para alcançar o leito e a se acomodar. Faço algumas perguntas de rotina enquanto visto um par de luvas de procedimento. Ela me responde, relatando a intensidade da dor, dor nas costas fora do comum, que também começou juto com a abdominal, e sangramento vaginal. Seu histórico não tem nada, mas pergunto se bebe, se fuma, se tem diabete ou alguma outra doença crônica.

— Pode ser contração? — pergunta, a voz meio tremida.

— Pelos sintomas, não — respondo, apoiando a mão sobre seu abdômen após

murmurar um “com licença”. — Dói? — indago, quando pressiono de leve a área que relatou desconforto. Sinto sua barriga mais rígida do que o costume e franzo o cenho quando recebo sua resposta: uma careta e um mover positivo da cabeça. — Seu bebê se moveu normalmente de ontem para hoje?

Charisse pensa por alguns segundos.

— Não. — A mulher me olha, assustada, como se só agora se desse conta de que seu bebê não mexeu nada. — Ela está bem, não está? Doutor Laurent, minha bebê não morreu, não é?

— Fique calma, está bem? — peço, segurando sua mão. — Não tem motivos para se alarmar. Vamos descobrir por que sua filha está quietinha. —

A paciente balança a cabeça em positivo, ainda meio nervosa. Pego um estetoscópio de Pinard e apoio sobre sua barriga, colocando o ouvido do outro lado. — Ela tem sinais vitais — digo, para acalentá-la, já tendo um prognóstico. — Mas não estão bons. Pelos seus sintomas sua placenta está descolada.

— O que isso significa? — Quer saber.

— Duas possibilidades — digo. — A primeira é sua placenta ter descolado só um pouco, então te mantenho aqui no hospital até sua bebê nascer, para te monitorar. A segunda é uma cesárea de emergência. Vou fazer uma ultrassonografia para confirmarmos se sua placenta realmente descolou e, se sim, o quanto foi, tudo bem?

Charisse balança a cabeça em positivo e preparo o equipamento para o exame.

— A cesárea é segura? — pergunta, quando passo o gel sobre seu

abdômen. — Estou com trinta e duas semanas.

— Sua bebê pode terminar de se desenvolver na UTI Neonatal —

informo, posicionando o sonar na sua barriga — sem nenhum problema.

Ela fica em silêncio, abanando a cabeça em positivo e desviando o olhar para a tela da ultrassonografia. Localizo o bebê, confiro o líquido amniótico, que está baixo e pode ser a causa do descolamento da placenta, checo seus batimentos

cardíacos e, por fim, confirmo minhas suspeitas.

— Charisse, vamos mesmo precisar interferir e adiantar o seu parto

— digo, encerrando o exame, com um pouco de urgência. — Vou pedir para te prepararem para a cirurgia. Aproveite esse tempinho para avisar alguém da sua família. Pode usar meu celular, se precisar.

Ajudo-a a se levantar, enquanto diz que está com seu telefone na bolsa. Eu a deixo um segundo sozinha para pedir que preparem a sala de cirurgia e, quando retorno, está encerrando sua chamada.

— Vejo você em breve. *Bisous.* — Ela me olha, guardando o telefone de volta na bolsa. — Avisei meu marido. Ele está vindo para cá.

— Ótimo. Vamos lá te preparar?

Charisse me acompanha até o pré-operatório. Deixo-a sob os cuidados das enfermeiras e vou me preparar. Olho a hora no relógio e constato que tenho tempo de fazer a cesárea, sair mais ou menos dentro do meu horário e ir para casa de Juliette. Usar a chave que me deu. Sorrio, pensando em quando me disse *te vejo em casa*, no significado que isso tem tomado.

A paciente já está na sala de parto, pronta para o procedimento, sendo monitorada, e minha equipe está à minha espera. Amarro a touca na cabeça, visto a máscara e começo a me lavar.

— Ei, Charisse — digo, enquanto uma enfermeira me ajuda a colocar as luvas cirúrgicas —, como você está?

— Com medo — confessa.

Dou um pequeno sorriso.

— Vai ficar tudo bem. Não se preocupe.

Ela sorri de volta e faço um sinal para o anestesista. Quando o local

está sedado, começo o procedimento. Seu bebê é muito pequeno e frágil. Vai direto para os cuidados do pediatra que me acompanha e, rapidamente, dá início

aos exames de vitalidade. Retiro sua placenta, jogando-a em um recipiente que a enfermeira me estica. De repente, o monitor cardíaco berra, apitando estridentemente e dizendo que tem alguma coisa errada.

Olho para minha paciente, avaliando todo o procedimento e descubro uma hemorragia. Agilizo para contê-la, tentando me concentrar no meu trabalho e esquecer do aparelho apitando na minha cabeça. Não posso fazer nada no seu coração agora se não conseguir conter a perda extrema de sangue. Grito pelos meus instrumentos e que preparem sangue O- para uma transfusão. Contenho a hemorragia e me apresso para reestabelecer os batimentos cardíacos de Charisse. Minha equipe carrega o desfibrilador e choco contra seu peito, mas os bipes irritantes do monitor que acusam a parada continuam ressoando alto pela sala. Aumento a carga, repito o procedimento e nada de reanimá-la.

Um sentimento de desespero contido começa a subir por todo meu corpo. Não tem nada mais que um médico tema e odeie do que perder um paciente. Faço outra tentativa, carregando o aparelho com uma carga um pouco maior, mas, ainda assim, Charisse não reestabelece os batimentos cardíacos. Jogo o aparelho de lado, desistindo dessa porcaria, apoio uma mão sobre a outra e começo a massagem cardíaca, contando e massageando. O

tempo parece parar nesse instante. Não sinto nada, nada além das minhas mãos sobre o tórax dela, forçando-se para baixo. Não escuto nada ao meu redor, as vozes abafadas que me dizem alguma coisa, concentrado em salvar minha paciente.

Não, ela não pode morrer. Eu prometi! Porra, prometi que tudo ficaria bem. Ofego, quase sem perceber, empregando todos os meus esforços.

— Doutor Laurent! — alguém me chama, puxando-me pelos ombros.

Olho para o lado, encontrando a atenção de uma enfermeira preocupada.

— Já são quinze minutos — informa, com um tom de pesar que me dilacera.

Sei o que essa merda significa, mas simplesmente a ignoro e continuo a massagem, contando até dez, rezando ao Deus com quem pouco falo, com



quem falo só nessas horas, mais pelas minhas pacientes do que por mim, pedindo que não, não leve essa moça.

— Doutor Laurent — me chama de novo e o que diz em seguida acaba comigo de uma forma que nunca aconteceu antes: — Ela se foi.

— Não — murmuro, tentando ignorar o maldito bipe que acusa a falta de batimentos. Ergo meus olhos para o monitor e dói mais do que posso prever aquela linha reta projetando-se na minha direção.

Delicadamente, a enfermeira me tira perto de Charisse, repetindo mais duas vezes que ela se foi. Minha paciente se foi. Por um segundo, inteiro fico letárgico, mirando o seu corpo agora sem vida. Não é a primeira vez que perco uma paciente, não será a última, mesmo que eu tenha feito tudo certo.

Fiz tudo certo, não fiz? Repasso todo o procedimento na minha mente e não consigo encontrar nenhum ponto que acuse qualquer negligência da minha parte. Foi natural. Complicações em um parto prematuro, por conta de placenta descolada, são comuns. Hemorragias são comuns. Paradas cardíacas são comuns. Não fiz nada de errado.

— Doutor Laurent, precisa declarar a hora da morte.

Não.

Fecho os olhos, inspirando profundamente. Leva mais um segundo para que eu me recomponha e finalmente aceite que perdi minha paciente.

Busco pelas horas e as palavras saem cortando minha garganta:

— Hora da morte: dezenove e vinte e sete.

Livro-me das luvas e da roupa cirúrgica como se estivessem me queimando e

deixo a sala de parto, sentindo o peso do mundo sobre meus ombros.

Caminho rapidamente até a recepção e digito na mesma velocidade uma mensagem para Juliette. Não me preocupo em escrever certo. Estou com pressa e aéreo demais para me preocupar com ortografia. Aviso-a de que não

chegarei no horário e nem tenho previsão de quando chegarei.

Guardo o celular no bolso do jaleco e me detenho um instante atrás da porta antes de adentrar a sala de espera. Leva um minuto inteiro até que tomo coragem de ir falar com o marido de Charisse. O homem está entretido com uma revista quando me aproximo e o abordo. Ele sorri e não preciso me apresentar para saber que sou o responsável pelo parto da sua esposa.

— Daniel Martin — se apresenta, apertando minha mão.

— Pierre Laurent. Sou o obstetra responsável pela Charisse.

— Deu tudo certo? Ela e minha filha estão bem?

Fico em silêncio por dois segundos, mas diante de um pai e marido isso é tempo demais e diz muita coisa. Diz tudo. Não bastasse a morte de Charisse, esse homem terá de lidar com a morte da filha também, que não resistiu. O descolamento da placenta causou um sofrimento fetal muito intenso na pequena.

Não sei como dizer isso. Quando você se torna médico, é comum que, com o tempo, saiba lidar com essa situação, aprenda a dar uma notícia dessa magnitude. Mas nesse momento, estou travado, encarando-o com uma tristeza que sou incapaz de disfarçar, não sabendo como informar que sua esposa, que estava bem uma hora atrás, está no necrotério agora.

— Doutor Laurent? — Sua voz tem um traço de temor que me deixa pior do que já estou.

Perder uma paciente é algo que sempre me deixa abalado, abalado demais, mas agora me sinto terrivelmente abalado e tem um motivo muito simples para isso.

— Sua esposa chegou aqui com a placenta descolada — começo, explicando os motivos de ter adiantado o parto dela. Dou detalhes do que posso, da consulta, do diagnóstico, da necessidade de uma cesárea. — Depois do parto, ela teve uma

hemorragia, que causou uma parada cardíaca. — Faço uma pausa, reorganizando meus pensamentos, procurando pelas palavras certas para dar o restante da notícia. Arrependo-me um segundo depois de ter feito essa pausa, porque o olhar de pavor dele diante o meu silêncio já dá a entender que compreende onde quero chegar. — Fizemos de tudo para reanimá-la, *monsieur* Martin. Infelizmente…

Não termino de dizer. Não consigo. Daniel leva a mão à boca e seus olhos marejam no mesmo instante. Demora só um segundo para que ele esteja realmente chorando, olhando para os lados, como se à procura de alguém que possa ajudá-lo nesse instante difícil. Não há mais nenhum parente aqui e me dói a dor dele.

— Sinto muito — completo, com um sussurro quase inaudível. —

Sua filha também não resistiu.

O homem fecha os olhos com força e balança a cabeça em negativo.

Sou tomado por um grande sentimento de empatia e, quando percebo, já me aproximei dele e o abracei. Daniel fica enroscado em mim, soluçando a morte da esposa e da filha por tempo que parece a eternidade. Bloqueio minhas emoções, todas elas, sufocando-as dentro de mim. Cinco minutos depois, me distancio, dizendo que preciso ir e, em breve, virão conversar com ele para o procedimento funerário.

Procuro pelas horas. Dez para as oito. Volto para a sala de parto, já está limpa e esterilizada. Repasso tudo na minha mente. Todo maldito segundo desde que peguei no bisturi e abri seu abdômen. Forço minha mente a me reportar cada passo, cada decisão tomada, cada procedimento feito, cada gesto. Não posso ter cometido um erro fatal. Balanço a cabeça em negativo, não conseguindo encontrar nada que me culpe. Foi só uma fatalidade, um risco que qualquer cirurgia tem. Já conheci médicos que perderam pacientes retirando a porra do apêndice, uma cirurgia simples e corriqueira.

Tiro minha touca cirúrgica e volto para meu consultório. Fico um tempo longo na letargia, submerso nos meus pensamentos, perguntando-me por que a vida é algo tão banal. Deus, Charisse estava naquela maca, consultando-se comigo pouco tempo atrás. E se foi. Assim, de repente.

Um medo tremendo acerta meu peito com uma força visceral. Eu o ignoro, com

muito esforço, e o jogo para a parte mais profunda da minha mente. Não vou ficar pensando nessas coisas agora. Concentro-me para digitar meu relatório, o que é doloroso demais e leva mais tempo do que imaginei. Termino por volta de dez da noite. Junto meus pertences e vou até a casa de Juliette. Dirijo o tempo todo com minha touca cirúrgica entre os dedos, uma mania idiota que me ajuda a controlar as emoções quando esse tipo de coisa acontece. Passá-la entre os dedos me ajuda a ficar calmo, controlado.

Quando chego na casa de Julie, subo até seu quarto de um jeito vagaroso demais, sentindo toda a emoção das últimas horas se forçar contra meu peito. Segurei todos os meus sentimentos, mas agora estou cedendo espaço, permitindo-me pensar, sentir. Paro no umbral da porta, não conseguindo avançar, olhando para baixo, para a touca entre meus dedos. Ela já me ajudou muito, agora parece que não está fazendo nenhum efeito.

— Pierre — Juliette me chama.

Todo meu corpo treme por dentro. É bom ouvir a voz dela, é bom *chegar em casa* e vê-la aqui, vê-la bem. Ergo meu olhar para o dela e não consigo esconder minha tristeza, permitindo que as lágrimas venham, mesmo que timidamente, mesmo que eu esteja lutando para não chorar.

— Você está bem? — pergunta, e nego com a cabeça, sem me aproximar. — Venha aqui — pede, abrindo os braços.

Eu vou, porque preciso do calor dessa mulher, ter certeza de que é real, de que ela está bem. Vou a passos arrastados, engatinho na cama e me deito ao meu lado, encaixando-me no abraço que ela oferece e escondendo o rosto contra seu pescoço macio e quente. Não digo uma palavra, e sei que estou a assustando. Só preciso de um tempo para digerir essa emoção tão repentina que tomou conta de mim de uma forma que nem consigo explicar.

— Quer me contar o que aconteceu? — questiona, baixinho, apertando-me mais contra seu corpo.

Só de pensar em abrir a boca e relatar o que aconteceu me machuca de um jeito que não sabia ser capaz de machucar. Desde que perdi Charisse, tenho sufocado minhas emoções, não as permitindo revelar à superfície.

Muito para que pudesse agir de forma racional frente ao marido dela, muito para

que pudesse fazer meu relatório. Só que agora, aqui, sentindo o aroma dela, na sua presença aconchegante, misturado a esse sentimento tão repentino, não consigo mais segurar, e cedo.

Eu choro. Choro tão forte que sinto pequenos espasmos no meu corpo. Solto um soluço alto, involuntário, como se estivesse me libertando de algo pesado demais para suportar.

Eu choro, e Juliette não diz nada. Só afunda os dedos nos meus cabelos e me acaricia, trazendo-me mais para seu colo, deixando-me ter esse

momento de tristeza e perda que me atinge e me assola.

Leva um tempo até que eu consiga parar de chorar e me recomponha.

Mesmo mais calmo, não me distancio do aconchego que me envolve. Arrasto o nariz pela extensão do seu pescoço, inalando seu cheiro que vai me acalmando ao mesmo tempo.

— Tem a ver com seu sobrinho? — sussurra, beijando minha têmpora.

— Não — consigo dizer, meio rouco.

Afasto-me dela, que toca meu rosto e seca os resquícios de lágrimas nos meus olhos.

— Quer falar sobre isso?

Aceno em positivo e me ajeito mais perto dela.

— Perdi uma paciente hoje — digo, descendo minha mão direita em busca da dela. Entrelaço nossos dedos e levanto meus olhos para encontrar suas íris castanhas atentas em mim. — Uma mulher grávida de trinta e duas semanas que precisou de uma cesárea de emergência.

Vejo-a engolir em seco. A mão que não segura a minha acaricia meus cabelos, em um ato que valorizo mais do que o comum.

— Sinto muito — murmura. — Deve ser difícil pra você.

— É. Eu fiz de tudo, para salvar aquela mulher, mas eu… — Paro bruscamente, porque me engasgo com minha própria saliva. — Não consegui.

— Não foi sua culpa, Pierre.

Concordo.

— Não foi. Sei que não foi. Repassei cada detalhe na minha mente e fiz tudo certo. Não cometi nenhum erro, nenhuma negligência. Foi uma fatalidade, uma complicação que está sujeita em qualquer intervenção cirúrgica.

Seu olhar suave me estuda por um instante, talvez esteja tentando entender, então, por que reagi assim, como se eu tivesse culpa ou como se aquela paciente grávida fosse alguém muito próximo de mim. Já senti a morte

de uma paciente, *eu sinto* toda vez que perco uma, e não é algo que tenha me acostumado, só aprendi a lidar. Você *tem* que aprender a lidar com esse tipo de coisa ou não serve para essa profissão.

— Doeu a perda dela — digo, desenroscado nossos dedos e pousando minha mão sobre sua barriga. — Não só porque era minha paciente, porque era uma pessoa e porque sou um ser humano que tem sentimentos. Doeu muito além do comum, Julie, e sabe por quê?

— Não — responde, cobrindo minha mão com a sua.

Eu a olho dentro dos olhos. Sempre soube o que era essa emoção súbita dentro de mim. Não teve um só momento em que não soubesse o que estava sentindo e por que estava sentindo.

— Porque me identifiquei. Porque enquanto estava lá, contendo a hemorragia, e depois, quando tentava reanimá-la, só conseguia pensar em você. — Ela me olha, surpresa, arquejando suavemente. — Só conseguia pensar no medo que estava sentindo caso fosse você naquela mesa, se te perdesse, se eu perdesse… — Passo a mão pela sua barriga, acariciando-a lentamente. — O Valentin.

— Pierre… — murmura, tomando-me nos seus braços e escondendo o rosto contra meu ombro.

De novo, um nó forte se forma na minha garganta e a vontade de chorar me

atinge mais uma vez. Não tenho como expressar o medo que senti naquela sala cirúrgica.

— Nunca tinha me sentido dessa maneira — continuo, beijando a curva do seu pescoço — porque não tinha alguém como ela na minha vida.

Mas hoje tenho você e só passava pela minha cabeça a ideia dolorosa de, um dia, estar te esperando e você não voltar. De me dizer “vejo você em casa” e eu não te ver em casa.

Aqui, não suporto de novo. Dói só de imaginar e dói a ponto de me fazer chorar outra vez.

— Estou aqui, *chéri*. Não vou a lugar nenhum — diz, contra minha pele, afagando minhas costas.

— Não consigo conceber um mundo onde você e o Valentin não

existem, Juliette.

Ela se afasta e me olha nos olhos, sorrindo pequenino. Sua boca vem na minha, em um beijo singelo e intenso, suas duas mãos segurando-me pelo rosto.

— Vai ficar tudo bem — diz.

É a mesma frase que eu disse para Charisse e, no fim, não ficou tudo bem. Ela se foi. Não pôde ver o marido em breve, como prometeu.

— Vai ficar tudo bem — repito, seus lábios rentes ao meu, mesmo sabendo que isso simplesmente pode não acontecer. Pessoas morrem o tempo todo. É o curso natural da vida. Mesmo assim, digo de novo, expondo um leve sorriso: — Vai ficar tudo bem.

Preciso acreditar que vai ficar tudo bem. Porque é isso que mantém todos nós sãos.

Acreditar que tudo vai ficar bem.

BOLHA DE AMOR

JULIETTE

— Nervosa? — Pierre pergunta, atrás de mim, e eu o olho pelo reflexo do espelho.

Abro um pequeno sorriso e torno a estudar minha aparência. Faço um bico, não gostando da combinação de roupa que fiz. Parece que, ultimamente, nada tem ficado bom em mim. Ou só é mesmo nervosismo, como meu namorado bem apontou, porque vou conhecer o irmão dele.

— Um pouco — admito, alisando o vestido longo no meu corpo. —

Conhecer o seu irmão meio que equivale a conhecer os seus pais, não é? —

questiono, procurando pelo olhar dele outra vez.

O homem está seminu, só com uma toalha enrolada na cintura, cabelos respingando depois do banho quente, molhando parte do seu dorso.

Uma delícia dessas em forma de gente. Ele desenrola o tecido, dando-me uma visão tentadora de todo seu corpo. Dou uma atenção especial ao vão das suas pernas, o membro semiereto, a última evidência do nosso sexo antes do banho, em cima da bancada da pia do banheiro. Molho os lábios com a lembrança dele entre minhas coxas, depois encurvando minhas costas e se arremetendo por trás de mim. Quando subo meu olhar ao dele outra vez, o safado está com um sorriso convencido. Seguro uma risada e decido que esse vestido com casaco não está bom, então tiro-os de mim.

— Ele não vai comer o seu fígado, não se preocupe — diz, subindo a cueca vinho pelas pernas. — Por que está trocando de roupa, *de novo*? É a terceira vez que experimenta algo diferente — aponta, vendo-me selecionar um macacão cinza.

— Não gostei. Estava me pegando demais e parecia estranho no meu corpo — explico, avaliando a nova peça nas minhas mãos.

Pierre se aproxima ficando de frente para mim, comendo-me com os

olhos. Estou com a lingerie que estranhamente gosta, o conjunto preto de grávida, sutiã grande, calcinha grande, mas que tem o seu charme, admito, com

umas rendinhas delicadas e que acomodam meus seios e meu bumbum de um jeito que até eu acho sensual. Quem disse que preciso usar aquelas coisas finas entrando na minha bunda para ficar *sexy*?

Meu namorado toca entre meus seios, um sorriso maroto desenhando nos seus lábios rosados, e a outra mão desce pela lateral do meu corpo, em um toque gostoso, quente e suave.

— Você é perfeita, Julie — murmura, aproximando sua boca da minha.

— Com estrias no seio e nas coxas? Depois de ter ganhado alguns quilos? — pergunto com um sussurro.

— A perfeição não está em um padrão estabelecido, Juliette. Você está gerando uma vida, seu corpo por dentro e por fora está se adaptando para o crescimento desse bebê. Seus órgãos se apertam, seus seios crescem, ele fica encaixado para o parto, depois tem as dilatações e o nascimento. Percebe como isso é perfeito? Essas marcas — cicia, passando o indicador entre meus peitos outra vez — não são um defeito, nunca vão ser. Vista um saco de batatas e ficará linda mesmo assim.

Eu rio, deitando a cabeça no seu peito. O pensamento é inevitável, e não sei por que exatamente penso em Antony, ou por que estou fazendo essa comparação ridícula. Pierre pouco se importa com as "imperfeições", enquanto o outro fazia comentários sutis sobre minha aparência quando algo o desagradava, disfarçados de preocupações. "Não coma tanto chocolate, precisa tomar cuidado com diabetes e o sobrepeso". "Te comprei um creme antiestria, espero que goste".

Idiota.

Afasto o pensamento da cabeça e colo minha boca na dele.

— Vou usar o macacão e podemos ir.

Ele sorri, abana a cabeça e termina de se vestir, enquanto faço o mesmo. Pierre está bonito com jeans, uma malha preta, blazer cinza de lã e uma boina que finaliza o *look*.

Estou novamente de frente para o espelho, terminando de amarrar meu cabelo, quando ele se aproxima, me abraça por trás e apoia seu queixo no meu ombro.

No seu gesto automático — acho que ele nem percebe que faz isso —, apoia a mão sobre minha barriga, acariciando-a de leve.

— Étienne… — murmura, fazendo uma pausa breve que não compreendo. — É difícil definir o estado civil dele nesse momento. — Fico atenta às suas palavras porque, de repente, Pierre decidiu me contar um pouco mais sobre sua família. — Ele é casado, mas a esposa sumiu e não temos notícias desde então.

— Sinto muito. — É tudo que consigo dizer nesse instante. — Por que nunca me contou isso antes? — pergunto, olhando-o pelo reflexo.

— Você nunca perguntou — responde, apontando como se fosse o óbvio.

Viro-me para ele, testa franzida.

— Tudo o que eu tinha que fazer era perguntar?

Ele ri, escorregando as mãos pelo meu corpo e estacionando-as na minha cintura.

— Era. Por que duvidou de que não podia me perguntar?

Dou de ombros.

— Não perguntei porque estava te esperando me dizer. Achei que simplesmente não queira tocar no assunto.

Pierre dá uma risadinha, diminuindo o espaço entre nossas bocas e deixando um selinho em mim.

— E eu não disse nada porque às vezes acho que vou incomodar falando sobre assuntos que talvez ninguém se importe.

Seguro-o pelas lapelas, ajeitando a gola dele. Escorrego a mão pelo seu tórax, sentindo a firmeza dos músculos.

— Vamos fazer assim — proponho —, sempre que quiser me dizer alguma coisa, me diga. E sempre que eu quiser perguntar, eu pergunto.

D’accord?

— *D’accord* — concorda, pegando-me pelos punhos e me puxando

para seus lábios.

A gente se perde na nossa bolha de amor por um minuto, sua boca suculenta tomando a minha de forma lenta, seus braços contornando minha cintura. Quando decidimos que não podemos ficar aqui o dia todo namorando, embora eu queira muito isso, seguimos até sua casa. A viagem dura cerca de meia hora, uma vez que ele mora no 15º distrito de Paris, e eu moro em Montreuil, uma comuna da região metropolitana da capital. Pierre mora no sexto e último andar de um prédio de arquitetura antiga, com janelas altas e estreitas e grades nas sacadas, o que é bem comum por aqui. Ele estaciona no pátio central contornado pelo prédio, onde há uma garagem coberta, um jardim bem-cuidado e um *playground* que, no momento, está vazio.

Subimos devagar até seu apartamento, caminhando degrau por degrau, já que não tem elevador. Resmungo baixinho, e ele me diz que um pouquinho de exercício não vai me matar. Dou um soco no seu ombro e rio.

Quando paramos diante da sua porta, ele fica de frente para mim, segurando-me pela mão direita, com seu sorriso acolhedor e reconfortante.

— Étienne vai adorar você — diz, talvez como uma forma de me acalmar porque sentiu que estou meio tensa. — Meu sobrinho também.

Abano a cabeça em positivo e me preparo. Pierre coloca a chave na fechadura e abre a porta, trazendo-me para dentro. Assim que entro, um aroma delicioso de *coq au vin* me invade, fazendo meu estômago se remexer.

Só tomei café da manhã e gastei minhas últimas energias em duas rodadas de sexo delicioso com meu namorado depois disso.

— Étienne? — chama, encostando a porta enquanto observo tudo ao redor.

A sala está com a televisão ligada, mas não tem ninguém assistindo.

O ambiente está organizado, bem-iluminado pela luz natural, e é um espaço mediano — nem muito grande, nem muito pequeno — com móveis bem distribuídos.

— Aqui — o irmão devolve, e ele me leva imediatamente até a cozinha.

Deparo-me com um homem na casa dos quarenta anos, cabelos

curtos, grisalhos, barba bem-aparada, usando jeans e camisa branca de botões protegida por um avental preto e com as mangas arregaçadas na altura dos cotovelos. Quando se vira para mim, eu jamais poderia dizer que é irmão de Pierre. Não tem semelhança alguma além dos olhos claros.

— Vocês chegaram — exclama, deixando a tampa cair sobre a sua panela e limpando as mãos com o pano de prato antes de vir na nossa direção.

Nesse pequeno espaço de tempo, posso observar ao redor e ver um garotinho sentado à mesa, com uma folha impressa, canetinhas e lápis de cor, pintando com muito zelo o desenho no papel. Abro um pequeno sorriso e coloco a mão na minha barriga, imaginando que, em breve, Valentin estará fazendo o mesmo. Pela primeira vez, então, pego-me me perguntando como ele será, como serão seus traços, suas características, a cor dos seus olhos, a espessura do seu cabelo. Só torço para que não tenha nada, absolutamente nada do pai biológico.

— Juliette — Pierre murmura, chamando minha atenção para ele outra vez. Desvio os olhos do menino e encontro meu cunhado ao lado do meu namorado, recebendo-me com um sorriso caloroso. — Esse é meu irmão, Étienne.

Ele me estuda só por um segundo, sem desfazer o sorriso, e se aproxima para me cumprimentar com um beijo no rosto. Tenho tempo somente de processar sua aproximação e responder ao seu “prazer em te conhecer”.

— Estava ansioso para te conhecer. Queria dizer que Pierre me falou muito de você, mas estaria mentindo.

— Étienne! — Pierre adverte, voltando para mim.

Eu cubro a boca para conter uma risada maior. Não me surpreende que ele não tenha comentado sobre mim com o próprio irmão.

— Estou errado? — Étienne devolve, bem-humorado.

Pierre crava mais seus dedos na minha cintura e balança a cabeça em negativo.

— Bem, então estamos quites — digo — porque ele também não me falou muito de você.

— Ah, pronto — meu namorado resmunga, o que arranca uma risada de mim e do irmão mais velho.

Étienne segura-me pelos braços e me leva até a mesa onde o pequeno está, pedindo para que me sinta à vontade, depois de eu entregar o vinho que trouxe junto comigo para a ocasião. O menino na minha frente ergue os pequenos olhos azuis para mim, e aqui vejo muita semelhança tanto com o pai, quanto com o tio. Pierre surge atrás dele, envolvendo o pequeno corpinho do garoto em um abraço apertado, que gargalha e se debate nos braços dele até conseguir se virar e pular no pescoço do tio, recebendo-o com um beijo no rosto.

— Pierre tem muito jeito com criança — Étienne diz, colocando-se na cadeira ao meu lado. Desvio a atenção do rapazinho, que começa a tagarelar com o tio, falando do desenho e da história por trás, e viro-me para o pai dele.

— Estou vendo — respondo, lançando um rápido olhar para Pierre, todo sorridente com Édouard, prestando atenção na tagarelice do menino.

— Ele me disse, na semana passada, de você. Que é paciente dele. O

pai do seu filho…?

Sinto meu corpo retesar diante a pergunta. Não acho que essa é um tipo de pergunta adequada para a namorada do seu irmão, grávida de outro homem, que você conheceu há cinco minutos.

— Não quero confusão nem intriga para o lado do Pierre — diz, com cuidado, e sorrio um pouquinho, compreendendo a intenção da sua pergunta.

— Não precisa se preocupar. O pai biológico do Valentin não quis o bebê — explico, ignorando o aperto no meu coração quando minha mente me leva até Antony e das lembranças dolorosas.

Étienne acena em positivo, dando um olhar rápido ao filho e ao irmão ainda interagindo animadamente.

— Sabe, o Pierre tem isso nele, de assumir responsabilidades —

menciona, um pouco baixo. Olho para meu namorado, que me olha de volta em seguida e sorri por um segundo, voltando a dar atenção ao sobrinho. —

Não sei se ele chegou a falar com você sobre… a mãe do Doudou.

— Comentou alguma coisa comigo, sim — respondo. — Ela

desapareceu, não é? Sinto muito.

Ele suspira e fica cabisbaixo depois de confirmar.

— Até o mês passado, antes do meu filho… ser atropelado, eu era um pai negligente. *Me tornei* — enfatiza, como que para se corrigir. — Depois que Jeaninne sumiu, perdi o rumo da vida, fiquei tão obcecado em tentar encontrá-la que esqueci de ser um bom pai.

Enquanto Pierre espera que eu pergunte sobre sua vida porque acha que sair falando sobre si vai importunar os outros, seu irmão despeja sobre mim coisas que meu namorado poderia ter me contado. Não sei se ele é assim com qualquer pessoa, ou se está me contando isso porque estou namorando o irmão dele.

— Pierre assumiu as responsabilidades do garoto nos últimos quase dois anos. Ainda estava em uma relação com a ex-namorada. Inclusive, a custódia legal de Édouard não é minha, mas do meu irmão.

A informação me pega de surpresa, porque não tinha ideia disso.

Pierre nunca comentou nada comigo.

— Ele cuidou, e ainda cuida, muito bem do sobrinho. Supriu o menino em todos os aspectos que deixei faltar na vida dele desde então. —

Abro um sorriso e observo meu namorado outra vez, orgulhosa dele, das suas ações. Não tenho como sequer duvidar do seu caráter, das suas intenções comigo. — Então se prepare — diz.

Franzo o cenho, sem entender o que quis dizer com sua última frase.

Étienne sorri de volta, meio se divertindo com a confusão nos meus olhos e no meu rosto.

— Me preparar para o quê? — questiono-o.

— Meu irmão gosta de você, Juliette. Vai ser a coisa mais natural do mundo para o Pierre gostar desse garoto como gosta da mãe dele.

Separo os lábios para pedir que me explique melhor, mas Pierre me interrompe, vindo até mim e pondo as mãos nos meus ombros.

— Essa é a Juliette, Doudou — diz para o menininho, que deve ter finalmente perguntado ao tio quem é a mulher grávida na cozinha da casa dele.

Espanto os pensamentos da minha cabeça e vejo, pelo canto do olho, que Étienne deixa sua cadeira, com um pequeno sorriso. Tento não remoer o que me disse segundos atrás e me concentro no garotinho à minha frente, estudando-me com seus olhos espertos e sérios. Nunca vi uma criança tão séria na minha vida.

— É sua namorada, *oncle* Pierre?

Ele aperta meus ombros um instante antes de me abraçar e apoiar seu queixo em mim, seu rosto ao lado do meu.

— É, sim. Diga oi para a tia Julie.

Eu sorrio para ele, mas o menino não faz o mesmo. Pelo contrário, me olha e me estuda de um jeito que parece muito incomum para uma criança.

Meu sorriso vacila um segundo e decido quebrar esse silêncio.

— *Salut*, Édouard.

— Não gosto de você — diz, de repente, acertando minha canela com um chute.

Não dói de verdade, porque seus pés mal me alcançam, mas isso não me deixa menos assustada.

Pierre se levanta na mesma hora, em uma postura intimidadora que nunca vi nele, ao mesmo tempo em que Étienne já está do lado do menino, perguntando por que toda essa má educação.

Não sei como reagir nesse momento enquanto Étienne adverte o filho, puxando-o delicadamente pelo pulso e indagando, com uma voz grossa e autoritária, qual o motivo de ter me tratado assim. Pierre me olha, e no brilho da sua íris clara

vejo um pedido de desculpas e confusão, como se não soubesse explicar o comportamento do sobrinho.

— Édouard, peça desculpas agora mesmo — Étienne exige.

O garoto, entretanto, se livra da pegada do pai e sai correndo. Pierre faz menção de ir atrás, mas o irmão o detém.

— É meu filho. É meu dever corrigi-lo e educá-lo. — Dizendo isso, ele vai arás do pequeno.

Continuo na mesma posição, ainda desconcertada com o que acabou

de acontecer.

— Você está bem? — Pierre pergunta, sentando-se ao meu lado e segurando minhas mãos. — Chegou a te machucar?

— Não — respondo para a última pergunta. — Mal relou em mim, estou bem, não se preocupe.

— *Je suis désolé* — pede, acariciando o dorso da minha mão. — Não sei por que meu sobrinho agiu dessa maneira. Édouard é… uma criança muito amorosa e educada.

— Está tudo bem. Deve ser ciúmes de você. Já considerou isso?

Pierre move a cabeça de um lado para o outro e suspira.

— Não acho que seja ciúmes de mim. Ele nunca agiu assim com…

Meu namorado faz uma pausa brusca, olhando fixamente para mim, mas não exatamente para mim, daquele seu jeito quando fica pensativo. Está considerando alguma coisa. Um segundo depois, fecha os olhos e suspira pesadamente.

— Me deixa adivinhar — digo. — Já tem uma ideia do porquê seu sobrinho agiu dessa maneira?

— Posso ter uma ideia — responde, meio amargo. — Acho que isso é coisa da

doida da minha ex.

Desvio os olhos por um segundo, incomodada. Não porque a ex-namorada dele possa ter, de alguma forma, feito a cabeça do menino para ficar contra qualquer nova companheira de Pierre. Fico levemente incomodada com o modo como se refere a ela. *Doida*. Molho o lábio inferior, tentando espantar os pensamentos da minha cabeça. Ele usou uma expressão infeliz para se referir à ex-namorada, talvez tenha sido automático, sem nenhuma intenção por trás; talvez nem tenha percebido que falou isso.

Mesmo que não tenha tido a intenção, me incomoda da mesma maneira.

Balanço levemente a cabeça, de um lado a outro, espantando pensamentos bobos e me concentrando no que realmente importa agora. O

fato de Perrot provavelmente saber sobre nós significa que nos viu no hospital, na quarta-feira. Se eu não tivesse ido até lá… Aperto os olhos. Os dedos dele se enroscam com mais força nos meus, fazendo-me olhá-lo. Pierre

faz um gesto negativo, como se soubesse exatamente o que estou pensando, o que estou sentindo. Confirmo isso quando ele diz:

— Não foi culpa sua. Você queria me ver e foi até lá me ver. Eu me certifiquei de que estávamos sozinhos, mas ela deve ter nos visto quando foi embora, e confesso que não fui cuidadoso em olhar ao redor pra você sair do meu consultório como fui cuidadoso antes de entrar. Ela deve ter nos visto juntos nesse momento, ou te viu pelos corredores e ligou um ponto ao outro.

— Ainda assim — murmuro, quase me engasgando com minha própria saliva.
— Se eu não tivesse ido…

— Mas você foi. E me fez bem te ver, dividir aquele cupcake.

Francine, uma hora ou outra, ia ficar sabendo e ia fazer isso do mesmo jeito.

— Pierre aproxima seu rosto do meu, deixando um beijo inocente na ponta do meu nariz.

Abro um sorriso pequeno, sentindo o aroma da sua pele, gostando da sensação de proteção que o simples gesto me passa. Ele desce sua boca até a minha e me

beija, suave, amoroso, deslizando sua mão direita para minha nuca e me puxando mais para ele.

Étienne surge na cozinha outra vez e pigarreia, chamando nossa atenção e interrompendo o momento. Abro um sorriso, rente aos lábios dele, e minhas bochechas coram pelo flagra. O irmão mais velho está parado na entrada da cozinha, em pé, atrás do filho pequeno, que nos encara meio cabisbaixo, as mãos grandes do pai apoiadas sobre seus ombros pequenos.

— Édouard pensou na vida — Étienne diz, dando uma apertadinha nos ombros dele. — E quer se desculpar.

Olho para o menininho, que me olha de volta bastante envergonhado.

Ele murmura, mas não entendo. O pai exige que fale um pouco mais alto.

— *Désolé* — pede, com sua voz fina e infantil. — O que fiz foi muito feio. Prometo que não vou fazer de novo.

— Está tudo bem, Édouard. Eu desculpo você.

O tio se aproxima, ficando de frente para o garotinho e na sua altura.

— Quer me dizer por que chutou a Juliette e por que disse que não gosta dela? Você nem a conhece, Doudou.

O menino olha para mim, depois, com uma inclinada de cabeça para trás, procura pelo olhar do pai, que não se moveu um centímetro, e finalmente encontra os olhos de Pierre.

— Tia Francine me disse que está triste por causa dela. Eu gosto da tia Francine, tio Pierre. Não gosto de quem deixa ela triste.

Supomos bem, no final das contas. Tem dedo da ex-namorada dele.

Pierre lança um rápido olhar para mim antes de abrir os braços e encaixar o sobrinho entre eles.

— O que exatamente Francine falou para você, Doudou?

O menino dá de ombros.

— Só que ainda gosta de você e está triste porque está namorando outra menina. Por que vocês não estão mais juntos, titio? Sinto saudades dela.

Você nunca mais me deixou dormir lá na casa dela, ou passear com ela.

Um ciúme esquisito sobe e entala na minha garganta. Não gosto da ideia de Perrot ainda sentir alguma coisa pelo meu namorado e estar, de alguma forma, tentando nos afastar. De repente, sinto um medo irracional de perder o Pierre. Ele tem sido tão bom para mim. Não quero perdê-lo, nem perder o que temos.

— Quando foi que falou com ela?

— Quando fui no hospital, com o papai.

Pierre olha para o irmão, buscando uma explicação melhor.

— Quarta-feira, de manhã. Tinha uma reunião com a diretoria, sobre meu estudo com os estimuladores cerebrais. Édouard não tem aulas às quartas, Pierre, tive que levá-lo comigo. Você estava atendendo consultas, então deixei…

— Com a Francine — interrompe, meio brusco, num tom que acredito quase com toda certeza de que não tinha visto nele ainda. — Mesmo depois de todo inferno que causou na minha vida, foi deixar meu sobrinho com ela, para que essa mulher tenha mais munição para me atazanar?

Pierre fala da ex-namorada de um jeito agressivo, em uma tonalidade que não reconheço. Nunca o vi sequer levantar a voz para mim, nunca o vi com raiva. Nós nem brigamos durante esse mês que estamos juntos e, mesmo

naquela noite, quando perguntei se era realmente solteiro e, num acesso incompreensível de raiva, joguei na cara dele que já tinha traído uma vez, ele me advertiu, mas não subiu o tom, nem perdeu a paciência. Mas agora, quando fala de Francine, reprovando a perspectiva de o sobrinho estar perto dela, noto como fica levemente alterado. Tem uma tonalidade de irritação e cansaço parecida com a de Antony, quando fazia as reclamações (falsas) da esposa. Pierre nunca me falou dela, ou do relacionamento deles, salvo quando disse que era uma pessoa “complicada” e que não tinha aceitado o fim do relacionamento deles. Apenas isso. Nunca mais fez qualquer menção a essa relação, nem como foi, nem porque

terminaram.

— Eu o deixei com uma residente da neurocirurgia — Étienne responde, e o modo como diz demonstra que está ofendido com a acusação do irmão. — Francine deve tê-lo encontrado. Não tenho culpa. Eu precisava estar lá, Pierre. E o que quer dizer com “para que essa mulher tenha mais munição para me atazanar”?

Pierre desvia o olhar, ficando estranhamente em silêncio.

— Nada… Só quis dizer que Francine pode usar o garoto para tentar me manipular. Viu como ela já foi dizer asneiras para Édouard? — responde, tornando a dar atenção ao sobrinho à sua frente. — Não acredite em tudo que ela te disser, Doudou.

— Ela mentiu para mim?

Pierre suspira e sei que esse homem é honesto demais para ferir uma criança desiludindo-a assim. Mesmo que a ex seja “complicada”, está claro que o menino gosta dela, que os dois têm um vínculo. Étienne me contou que ela ajudou Pierre com as responsabilidades do menino. É claro que criaram uma ligação.

— Não, não mentiu. Quando você gosta de alguém e vocês terminam, é natural ficar triste, Doudou. Também fiquei triste porque também gostava dela. — Ouvi-lo dizer que gostava de Francine dói de um jeito que não sei explicar nem entender, mas ignoro a sensação o tanto quanto consigo. — Mas não podemos ficar tristes para sempre. Uma hora a gente conhece outra pessoa que nos deixa feliz. Eu conheci a Julie, tenho certeza que a tia Fran vai conhecer alguém, um dia, que vai deixá-la feliz de novo. Me promete que não vai ser mais mal-educado com ela? Você a chutou, Édouard. Uma moça



grávida. Podia tê-la machucado de verdade.

O garotinho arregala os olhos e me olha, bastante assustado.

— Me desculpe — pede de novo, e dessa vez sinto mais sinceridade nele. A primeira era mais mecânica, como uma obrigação.

Abro um pequeno sorriso e abano em positivo.

— Eu te desculpo.

Em um ato inesperado, Édouard corre até mim e me abraça pela cintura, seu rostinho grudando na minha barriga saliente. Pierre sorri enquanto ainda estou meio chocada com a aproximação repentina dele e demoro a retribuir o abraço.

— Bom, agora que vocês se entenderam — Étienne anuncia —, vá lavar as mãos para almoçarmos, garoto.

O menino sai em disparada e outros braços substituem os dele.

Maiores, mais fortes, e me contornam por inteira. Encontro os olhos de Pierre e sua boca vem na minha antes que possa dizer qualquer outra coisa.

Coloco a mão sobre a barriga e jogo as costas para trás, rindo escandalosamente. Pierre passa um braço sobre meus ombros, sentado ao meu lado da mesa e me olhando do seu jeito apaixonado, sorrindo da mesma maneira. Étienne ri junto comigo, mais contido, os lábios contra a borda de uma taça de vinho. Médicos, às vezes, podem ter histórias engraçadas, e meu cunhado me relata uma porção delas, das coisas bizarras que já viu em salas de cirurgia.

— Se controle, amor — Pierre sussurra no meu ouvido. — Vai acabar caindo para trás de tanto que encurva as costas.

Inspiro e respiro profundamente, controlando minha risada exagerada.

Afasto o prato vazio da minha frente e pego a taça de água, bebendo um gole generoso. O almoço foi extremamente agradável. A comida estava ótima, e me senti acolhida nessa pequena família. Édouard se comportou, Étienne

manteve uma conversa prazerosa, engraçada e interessante, falando mais sobre a pesquisa que vai começar a liderar em breve. Confesso que, mais cedo, fiquei nervosa à toa. O irmão dele é uma pessoa maravilhosa, que me acolheu na sua

casa, na sua família. Admito que meu maior medo em vir conhecê-lo era ser julgada, não ser aceita por causa da minha gravidez. Senti medo de um preconceito que sei que existe em pessoas por aí.

— Desculpe o escândalo — peço, já mais controlada.

— Não se desculpe por estar feliz, Juliette — Étienne diz, levantando-se e juntando a louça. Eu me levanto, prontificando-me a ajudá-lo, mas ele toma os pratos da minha mão e declara: — Você é visita. Eu cuido disso.

Aproveite o restante da tarde com Pierre.

Olho para meu namorado, que balança a cabeça e concorda.

— Podemos levar Édouard junto? — pergunto, olhando para o garotinho em uma pequena mesa à parte da principal, terminando sua refeição. — Podemos brincar com ele no *playground* e comprar um sorvete.

Étienne coloca a louça na pia e balança a cabeça em positivo.

— Doudou — chama o garoto, que levanta os olhos para o pai. —

Quer passear com tio Pierre e tia Julie?

Com um grande sorriso, Édouard faz um gesto afirmativo e frenético, saindo do seu lugar e indo até o tio, enrolando os bracinhos na cintura dele.

Étienne me dá um tapinha nos ombros, como um incentivo, e eu me junto aos meninos.

O garotinho dispara na frente, mas nos espera a cada esquina do corredor antes de descer um lance de escadas. Pierre e eu descemos vagarosamente, ele atado à minha cintura de forma despreocupada, como se nada mais no mundo importasse a não ser esse singelo momento. Compramos o sorvete para seu sobrinho, e meu namorado faz questão de comprar um para mim também, sujando a ponta do meu nariz.

Édouard brinca no *playground* do prédio depois do sorvete, enquanto eu e o tio namoramos por um tempo, sentados em um dos bancos do ambiente. Ele fica meio abatido, observando-nos de longe, e Pierre e eu decidimos nos unir à

brincadeira, revezando entre nós para o empurrarmos no balanço.

O restante da tarde é recheado de boas risadas, brincadeiras e comilança, porque é claro que Pierre nos comprou coisas deliciosas no mercado do outro lado da rua para nos empanturrar em um piquenique improvisado sob o pôr do sol. Já está escurecendo quando voltamos para o apartamento. O garoto vai direto para o banho, acompanhado do pai munido do pijama dele. Pierre se direciona para a cozinha, e eu o sigo, sendo impedida de ajudar no jantar e "obrigada" a ficar quietinha, sentada na mesa da cozinha, apenas vendo-o cozinhar. Admito, a visão é linda.

— Acho que deveria dormir aqui essa noite — Pierre sugere, refogando alguns tomates e pimentões na frigideira.

Engulo um pedaço de queijo que ele me serviu e balanço a cabeça em positivo.

— Não tenho nenhuma roupa aqui, Pierre.

Meu namorado me olha, com seu sorriso encantador que convence qualquer uma sem nenhuma dificuldade.

— Não preciso de você vestida.

Gargalho e sei que minhas bochechas coram. Não hesitaria em ficar, mesmo sem roupa, se ele morasse sozinho. Mas fica inviável quando divide o apartamento com o irmão. Imagine o constrangimento. Deus me livre.

Como se lesse meus pensamentos, Pierre completa, piscando um olho:

— Posso te manter presa no meu quarto, de preferência embaixo de mim. Ou em cima, depende da sua posição favorita.

— É uma solução muito agradável — pontuo, recuperando-me de outro riso. Pierre continua me olhando, com seu sorriso contagiante e bonito, esperando-me dar uma resposta. Deus, ele não está mesmo falando sério, ou está? — Pierre…

— Vamos, já anoiteceu. Você toma um banho, usa uma das minhas camisas e ficamos no meu quarto, onde tem televisão e uma ótima distração

— diz, enfatizando a última parte passando a mão direita pelo próprio tórax.

— Étienne tem um banheiro no quarto dele, então não precisa ficar com medo de ser surpreendida quando for o usar o do corredor.

Preciso admitir que o argumento é forte e válido. Suspiro e cedo.

Pierre vem até mim, dando-me um beijo gostoso e murmurando um "*merci*"

com a boca rente à minha, causando um arrepio gostoso na minha coluna.

Jantamos em família logo depois de enviar uma mensagem a Adrien, avisando que vou passar a noite fora. Étienne vai colocar o filho para dormir quando terminamos a refeição, enquanto Pierre e eu limpamos a louça do jantar. Perto de nove da noite, o irmão já está enfurnado no próprio quarto, junto com o filho, e eu tomo um banho rápido, enrolando-me numa das camisas dele e correndo até seu quarto assim que termino, com medo de ser flagrada nesses trajes, ou na falta deles, no caminho.

Pierre está me esperando com uma xícara de chá, televisão ligada em um filme qualquer, cama arrumada e luzes apagadas, o ambiente à meia-luz do abajur no criado-mudo logo ao lado. Ele me estica a xícara e indica o lado direito na cama. Eu me acomodo, pegando o chá que me oferece e tomando um gole generoso, aquecendo-me de um jeito agradável.

— Aproveite o chá — murmura ao pé do meu ouvido, deixando um beijo suave na minha têmpora —, vou tomar um banho e volto logo.

Abano a cabeça em positivo e ele deixa o quarto um instante depois de enrolar o pijama em uma toalha azul e sair para o banheiro. Dez minutos depois, Pierre bate à porta, me pedindo para fechar os olhos. Quero saber por que e só obtenho uma resposta insatisfatória de "confie em mim". Suspiro e fecho os olhos, avisando-o. Ouço-o abrir a porta, advertindo para que eu nem mesmo espie. Estou tentada a erguer as pálpebras, mas me contenho.

Tem alguma movimentação rápida no quarto até que ele me autoriza a abrir os olhos. Um sorriso enorme se manifesta em mim, seguida de uma gargalhada alta. Ajeito-me melhor na cama para observar esse homem na minha frente, com um sorriso safado e a pose convencida, o semblante de quem sabe que me surpreendeu.

— Gostou, senhorita Gautier? — pergunta, dando uma volta completa.

Que traseiro, meu Deus.

Mordo o lábio inferior, começando a ficar excitada só de vê-lo assim.

Praticamente nu na minha frente, ereto, usando só o jaleco de médico, as mãos nos bolsos.

— Isso é tortura? Por que está todo gostoso assim na minha frente se nem podemos transar?

Pierre ergue uma sobrancelha.

— Por que não podemos transar?

— Não temos camisinha. — O safado abre um enorme sorriso convencido. — Ou temos?

Meu namorado puxa a mão do bolso, mostrando um conjunto com três preservativos e o balançando na frente dos meus olhos. Temos o suficiente para essa noite.

— Nesse caso — digo, com um sussurro, separando minhas pernas lentamente, como um chamado.

Pierre vem sobre mim, beijando-me na boca, apalpando o meu corpo, descendo sua mão quente até o meu clitóris e me estimulando do modo como só ele parece capaz de fazer. Não demora para que eu esteja muito excitada, molhada o bastante para recebê-lo com facilidade. Não demora para que ele se revista, coloque-se entre minhas pernas e me penetre, tomando tudo de mim para si.

E o melhor de tudo, sem tirar o jaleco.

SÚBITA MUDANÇA

PIERRE

Preciso trocar essa cama. Só me dei conta disso ontem à noite, e o pensamento se reforça agora, enquanto estou dentro de Juliette, distribuindo o peso do meu corpo nos braços, movendo-me para frente e para trás, as pernas dela enroladas na minha cintura, sua boceta se contraindo contra mim. Já a conheço o suficiente

para saber que isso é sinal de que está prestes a gozar.

Essa maldita cama range enquanto trepamos, e a cabeceira, de ferro, bate contra a parede, denunciando o sexo fantástico que estamos fazendo.

Denunciou o sexo fantástico que fizemos ontem à noite.

Juliette fecha os olhos, apertando-os, e se contrai ainda mais contra meu membro duro, arqueando as costas levemente para trás, afundando no colchão. Só preciso de um comando simples para fazê-la se libertar de vez.

Ponho minha mão entre nossos corpos e estimulo seu clitóris com a pressão certa. Não demora para um gemido gostoso escapar dos seus lábios, anunciando o orgasmo atingindo-a. Abafo o gemido dela colando nossas bocas, ao mesmo tempo em que também encontro meu próprio prazer e gozo.

Como de costume, mantenho o ritmo por alguns segundos, diminuindo gradativamente à medida que meu coração vai acalmando, que minha namorada vai se acalmando. Giro de cima dela, descarto a camisinha e a trago para meu peito, que sobe e desce em uma respiração levemente ofegante.

— Nada melhor do que começar um domingo de manhã com uma rodada de sexo, não acha? — pergunto, balançando as sobrancelhas.

Juliette sorri manhosamente, encaixando seu corpo mais no meu e jogando a perna sobre as minhas. Ela ainda veste a minha camisa, que está com todos os botões abertos, dando-me uma visão excitante do seu corpo.

Amo o corpo dela, cada detalhe, e amo o toque da sua pele sob meus dedos.

— Orgasmo dominical — brinca, rindo contra a curva do meu pescoço.

Ficamos em silêncio confortável por algum tempo, apenas curtindo a presença um do outro. Acaricio seus cabelos, apreciando o calor do seu corpo no meu. Não são nem seis horas da manhã e tenho certeza de que ninguém vai estragar meu dia hoje.

— Por que tinha camisinha? — pergunta, colocando-se nos cotovelos e me olhando. — Costuma sempre ter preservativos guardados no seu quarto?

Pestanejo seguidas vezes, meio confuso não com sua pergunta, mas com o tom da sua voz. Não me agrada a leve tonalidade de acusação. Como se estivesse desconfiada.

— Não. Até mês passado eu era solteiro, e mesmo quando não era, vivia com…

Paro de falar, porque não vou tocar no nome da minha ex-namorada enquanto estou nu na cama com minha atual, também nua, depois de ter feito sexo. Juliette se remexe e se afasta ligeiramente. Mesmo que eu não tenha dito, ela não é boba e ficou subentendido.

— Enfim, não mantenho preservativos aqui em casa porque não sou de trazer alguém pra cá. Você é exceção — digo, acariciando seu rosto.

— Então?

— Peguei da sua casa, Juliette. Enquanto estava no banho, surrupiei alguns dos seus no criado-mudo. Já tinha intenções de te fazer ficar.

Ela desvia o olhar por um segundo e, bem lentamente, torna a ficar perto de mim. Não diz mais nenhuma palavra, apenas acena em positivo e se encaixa nos meus braços de novo. Tento não pensar no assunto no momento, mas não deixo de negar que sua atitude foi um pouco estranha. Julie nunca demonstrou qualquer desconfiança em relação a mim, nenhum sinal de ciúmes exagerado, ou de paranoias e inseguranças como Francine. Nossa relação é nova, e até mesmo Perrot levou algum tempo para demonstrar todos os sinais doentio do seu comportamento controlador. Antes disso, vejo isso hoje, ela deu sinais sutis. Sinais sutis como uma acusação velada igual à da minha namorada. Ela pode não ter dito com todas as palavras, mas sei que, ao achar que eu mantinha preservativos aqui, pensou que sou de trazer outras

mulheres para cá. Mulheres além dela.

— Está pensativo — me chama de volta para o mundo real, interrompendo minhas divagações.

Decido não pensar no assunto agora e me viro em sua direção, forçando um sorriso.

— Só estou chateado porque preciso ir para o Necker, cobrir o meu plantão

em… — Confiro as horas no meu relógio de pulso, que está ao lado do abajur. — Pouco mais de uma hora.

Ela também faz uma careta e me abraça com um pouco mais de força.

— Promete que vamos passar um final de semana todo na cama, seminus?

— Por que não nus? — indago, girando-a para cima de mim.

Juliette ri, subindo as mãos pelo meu tórax.

— Na sua próxima folga, o que acha?

— Por mim, tudo bem — digo. — Um final de semana todo em cima de uma cama com você, nus. Mas agora, preciso começar a me arrumar para o meu turno.

Ela pega na minha mão e a leva até seu seio direito, estimulando-me a massageá-lo.

— Não temos tempo nem para mais uma? — pergunta, sua mão cobrindo a minha, seu quadril roçando o meu, lenta e provocativamente.

Meu corpo reage novamente, como se agora há pouco não tivesse tido um orgasmo dos bons. Seguro sua cintura na minha e sorrio em resposta. Ela puxa o último preservativo e rasga com os dentes.

— Dez minutos — sentencio, gemendo enquanto ela desenrola o preservativo pela minha extensão.

— É o suficiente, doutor Laurent.



Deixo minha namorada na casa dela antes de seguir para meu trabalho. Não

queria ter de ir, mas fiquei um pouco mais aliviado ao ver Adrien abrir a porta de entrada para recebê-la. Está em segurança e é o que de fato importa.

Quando chego ao Necker, só tenho tempo de colocar meu jaleco quando sou bipado para uma cesárea de emergência. A mãe está em trabalho de parto há doze horas, com dois centímetros de dilatação. Entro na sala cirúrgica, pronto para o que deve ser feito, e preciso de um momento para me situar e recompor minha postura. A última vez que fiz uma cesárea, perdi minha paciente.

Afasto o pessimismo da minha cabeça. A situação da semana passada era outra. A emergência era outra. Ninguém vai morrer hoje. Converso com a mãe um instante, mas não ouso dizer que ficará tudo bem. Limito-me apenas a dizer que será um procedimento rápido. Depois de anestesiado o local, faço o parto, que ocorre bem. Mãe e filha se encontram pela primeira vez, e meu coração fica leve com a missão cumprida.

Minha equipe cuida do pós-parto quando termino de fechar a paciente e me retiro. Começo uma intensa rotina de rondas na ala da maternidade, atendendo mães que já ganharam seus bebês, outras que, depois de cinco dias, já podem receber alta, outras que ainda estão em trabalho de parto. Feito meu trabalho aqui, atendo mulheres em outras situações, na ala da ginecologia e cobrindo a emergência por duas ou três horas.

— Devia ir almoçar — Morin surge quando estou terminando de assinar uns formulários.

Busco as horas. Quase duas da tarde. Eu deveria mesmo, mas estava esperando-o voltar para me substituir porque não sou nenhum irresponsável que deixaria minha ala sem um especialista para atender as pacientes. Mas Morin não se importa em chegar no horário e normalmente se atrasa porque está se atracando com internas ou enfermeiras por aí.

— Estou indo — respondo, entregando o formulário para a recepcionista e agradecendo com um sorriso. Viro-me para meu colega de

trabalho. — Tente chegar no horário, da próxima vez.

Não espero por uma resposta dele e caminho até a sala dos atendentes para pegar minha bolsa. Para meu desespero, Francine está aqui. Ela me olha por cima dos ombros, me ignora por algum motivo que não compreendo, deixando-me

confuso, porém agradecido, e torna a terminar de se arrumar, ajustando o jaleco no corpo e prendendo o cabelo.

Aproximo-me da minha repartição do armário, em silêncio, e começo a tirar meu uniforme. Essa quietude entre nós é estranha e me incomoda.

Francine está me ignorando, e deveria estar feliz com isso, grato. Fiquei, num primeiro momento, mas queria uma provocação para poder ter um fio para puxar e exigir alguma explicação sobre a atitude de Édouard.

Só que nada. Nem uma palavra. Francine termina de se preparar para começar — ou voltar — para seu turno e está saindo, ainda agindo como se eu simplesmente não estivesse aqui. Está alcançando a porta quando não aguento segurar minha língua e digo:

— Fique longe do meu sobrinho.

A mulher se vira na minha direção, estudando-me com atenção e curiosidade por um ou dois segundos. Ela está decidida a me desdenhar e deixa isso claro quando gira nos calcanhares outra vez, pronta a partir. Não me contenho e me aproximo, interrompendo-a:

— Francine, estou falando sério.

Ela bufa e me encara, as mãos na cintura.

— Diz com um tom como se eu fosse sequestrar o garoto.

— Vindo de você, não duvido nem um pouco.

Francine dá uma risada ácida, em meio-tom, e balança a cabeça em negativo.

— Meu mundo não gira em torno do seu umbigo, Pierre.

Franzo cenho, perguntando-me o que diabos está acontecendo com essa mulher. Meses atrás, quando ainda estávamos juntos, parecia sim que seu mundo girava em torno do meu umbigo. Girava tanto que ela me sufocava com ciúme patológico, paranoias e inseguranças. Quando terminamos, continuou me perseguindo, falando qualquer merda sobre não

desistir de mim, não desistir de nós. Fiz de tudo para ignorá-la e me manter afastado, e ela fez de tudo para chamar minha atenção para si de novo, como aquela história de buscar o menino e não avisar ninguém, só para que eu fosse pegá-lo e tivesse uma oportunidade comigo.

— Ah é? E que porra de história foi aquela de falar para Édouard tratar mal minha namorada? Está claro que tentou fazer a cabeça do menino.

Ela ergue uma sobrancelha, e fica bastante expresso no seu rosto que ou não tem ideia do que estou falando, ou sabe fingir muito bem.

— Não disse nada ao garoto.

— Então por que ele a chutou e disse que não gosta dela? Sem nem mesmo conhecê-la? Justamente *depois* de ter estado com você?

— Interessante que esteja mesmo com uma nova namorada —

menciona, fazendo uma careta durante a pronúncia.

Francine não diz mais nada. Não diz se sabe que minha companheira é Juliette, não diz que sabe disso porque a viu na quarta-feira pelos corredores do hospital. Nesse momento, não faço ideia se ela realmente não tem conhecimento da minha nova namorada ou simplesmente está ocultando o que sabe para usar contra mim em algum momento.

— Não diga como se não soubesse — arrisco, fazendo um muxoxo.

— Eu desconfiava — confessa. — Via você por aí todo alegre, conversando no telefone, digitando. Qualquer idiota com meio cérebro perceberia isso. Quando vi seu sobrinho na quarta-feira, que *você* tem deixado aos cuidados de um pai que já demonstrou extrema negligência —

pontua, abrindo um sorriso forçado —, foi *ele* quem veio até mim, não o contrário. Nós conversamos, porque eu não ia ignorar uma criança de seis anos que gosta de mim só porque é o sobrinho do meu ex-namorado, e Édouard perguntou de novo quando poderia dormir em casa, ou sairmos. Fiz o que pelo jeito você não fez, Pierre: expliquei que não estamos mais juntos.

— Fez mais do que isso — rebato, suspirando, cansado dessa conversa,

arrependido de tê-la abordado. — Deu a entender que uma mulher que você nem conhece tem te feito mal porque está comigo.

— Me responsabilizo pelo que disse, não pelo que seu sobrinho

compreendeu — responde imediatamente, em um tom altivo e desafiador. —

O que eu disse é que não estávamos mais juntos, que você inclusive já deveria estar com uma nova namorada, e apesar de isso me deixar muito triste, não tinha nada a ser feito.

Analiso um instante sua resposta, inclinado a acreditar que realmente possa ter acontecido isso, mas decido que Francine não é de confiança.

Também fico confuso com essa sua súbita mudança. Tudo bem que já tem algum tempo que ela não me perturba. Mesmo quando a evitava, a mulher encontrava uma maneira de me atazanar. Só agora percebo que a última vez que me infernizou foi com a maldita história de tentar me tomar a custódia de Doudou. Desde então, ela se manteve quieta, deixando-me em paz. Minha mãe costumava dizer que o silêncio é suspeito.

— Sei que te disse, um tempo atrás, que não ia desistir de você, mas desisti. Não vou me rastejar por alguém que claramente não me quer e já seguiu em frente. Seja feliz, Pierre — deseja, girando no próprio eixo e deixando a sala do atendente.

Fico estático no meu lugar, tentando entender o que aconteceu aqui.

Alguém trocou a Francine e colocou outra pessoa no lugar dela? Parece a única explicação plausível.

Ou ela simplesmente usou a razão uma vez na vida e está seguindo em frente.

FANTASIA

PIERRE

— Eu disse que ela era linda. — Ouço a voz de Gustave ressoar por detrás da porta do RH da clínica.

Olho no relógio de pulso, que marca quase sete horas da noite de uma quarta-feira. Juliette já deveria ter ido para casa, mas pedi que ficasse e me esperasse para “irmos embora” juntos. Ela deve ter dado qualquer desculpa para o chefe para ficar e fazer algumas horas extras.

Bato na porta, de leve, e a abro vagarosamente. Lá dentro, vejo Julie agachada na altura de uma menininha loira, com os cabelos encaracolados iguais os de Legrand, e não demoro a entender que é a filha dele. Gustave está atrás da pequena, com um sorriso enorme de orgulho, as mãos sobre os ombros da garotinha, os olhos brilhando apaixonadamente. Por um segundo, penso que esse brilho é para a minha namorada, porque sempre soube que tem — ou tinha — uma queda por ela. Só que os olhos dele não brilham com essa paixão toda pela mulher que amo, é para a *mulher* que ele ama. Uma garotinha, na verdade.

Os três se voltam para mim assim que entro. Juliette se levanta, e Gustave a ajuda, esticando a mão e a puxando para cima. Ela sorri para ele, agradece e se vira para mim. Não sei muito bem o que dizer nesse momento porque não esperava vê-lo aqui. Achei que já tivesse encerrado o expediente.

— Doutor Laurent — Julie diz, mantendo a formalidade entre nós na frente de quem não sabe sobre nosso relacionamento.

Abro um pequeno sorriso e já tenho a desculpa perfeita quando sou interrompido por uma voz feminina e infantil.

— Quem é o moço bonito, *papa*? — a menina pergunta, olhando para o pai.

A sala é preenchida por três pessoas rindo alto. Gustave nos apresenta. A pequena se chama Amélie. Trocamos algumas palavras sobre o que estavam conversando antes de chegar até que digo a minha desculpa: Juliette tem uma consulta comigo, no último horário, e que me atrasei com minha última paciente, mas agora posso atendê-la.

— Só preciso finalizar um trabalho antes. Se importa em esperar mais uns quinze minutos?

— De forma alguma — digo, meneando a cabeça.

Juliette volta para sua mesa e começa a digitar no computador.

Gustave vem até mim, dando uma última olhada na minha mulher, e se despede, dizendo à filha pequena que já está na hora de irem. A menina se despede de mim, abraçando-me pelas pernas. A porta mal se fecha, e ela está pendurada no meu pescoço, tomando minha boca na sua. Envolvo sua cintura, trazendo-a mais para mim. Ela não pode me culpar por estar com saudade, mesmo que a última vez que eu tenha a visto tenha sido ontem pela manhã.

— Oi — digo, sorrindo.

— Oi — responde, enfiando a mão por dentro da minha camisa.

Sinto sua palma quente e o calor me agrada.

— Vou terminar aqui e já podemos ir embora.

— Não quero ir embora — respondo. Ela ergue uma sobrancelha e me olha, atenta, curiosa. — Tenho uma surpresa para você.

— Que surpresa? — indaga.

— Não seria surpresa se te contasse agora, não é?

Ela ri, apoiando a cabeça no meu tórax e encaixa seus lábios nos meus, em um beijo suculento e devagar. Somos interrompidos com o abrir abrupto da porta. Nós dois nos viramos ao mesmo tempo para ver Gustave parado no umbral, telefone colado ao ouvido, falando com alguém, mas para quando vê que nos interrompeu e que estamos próximos demais para sermos somente médico e paciente.

Ele nos dá um sorriso fraco, termina de adentrar a sala e revira sua mesa, dizendo que está procurando. Encontra uma folha, que puxa de dentro

de um caderno de brochura e capa preta, e anuncia que encontrou a relação de funcionários. Começa a sair, ignorando nós dois, ainda parados no mesmo lugar. Antes de deixar a sala, se vira na nossa direção, tampa o microfone e sussurra:

— Eu não vi nada.

Um segundo depois, nós caímos na risada.

— Acha que ele vai dizer alguma coisa? — Juliette pergunta, agora preocupada.

— Vou falar com ele amanhã, não se preocupe.

Ela acena em positivo, volta para sua mesa e começa a digitar rapidamente. Quinze minutos depois, quando termina o seu trabalho, peço que vá até a ducha para funcionários e tome um banho. Seus olhos emitem leve confusão. Insisto e, antes que diga que não tem nada para vestir, argumento que trouxe um par de roupa dela na minha bolsa, que está no meu consultório e vou buscar.

— Consegui usando a chave que me deu — explico, balançando as sobrancelhas.

Ela ri, revirando os olhos em bom humor, e acena, acatando minha sugestão. Volto para meu consultório, pego a mochila que tem os pertences dela e deixo-a no vestuário. Na recepção, as últimas funcionárias se despedem de mim, e garanto que em breve vou embora, tranco tudo e aciono o alarme. Elas não estranham, porque não seria a primeira vez a ser o último a sair.

Ao finalmente estarmos só nós dois, no vestuário masculino tomo um banho e troco de roupa, que também trouxe na minha mochila e deixei separada. Juliette está na recepção, esperando-me, a mochila pendura nos ombros.

— E a surpresa? — indaga, cheia de curiosidade.

Puxo-a pelos punhos e a levo até meu consultório. Julie entra, observando ao redor, descarregando a mochila no chão. Encosto a porta e a tranco. Penso em fechar as persianas, mas não vai ter necessidade. Estamos sozinhos, de qualquer forma.

Aproximo-me dela, tocando sua cintura e me mantendo às suas costas. Inspiro o cheiro do seu pescoço, deixando um beijo atrás da sua orelha. Ela me dá mais espaço e vou tecendo beijos ao longo da sua pele, minhas mãos deixando sua cintura e subindo pelo seu corpo até alcançar os seios. O aroma dela de pós-banho é delicioso e me deixa excitado.

— Senhorita Gautier — sussurro ao seu ouvido —, a senhorita tem uma consulta comigo hoje, para atender e satisfazer uma certa fantasia sexual.

Giro-a nos meus braços, contornando seus lábios com os meus.

Direciono-a para minha mesa e, com um impulso, coloco-a sentada à superfície de vidro, encaixando-me entre suas pernas. Ela sorri durante nosso beijo, puxando-me um pouco mais para si.

— Pierre — murmura, afastando-me um centímetro. Cola sua testa na minha e suspira. — Isso pode te colocar em apuros. Não quero te colocar em apuros.

Vejo uma real hesitação nos seus olhos. Ela recua um pouco, mesmo sobre a mesa, e me olha de forma cabisbaixa, indecisa.

— Não vai pôr — garanto, abrindo um sorriso e esticando minha mão para acariciá-la no rosto. — Mas se você não quiser, se estiver com medo e insegura, nós paramos. Eu achei… que você ia gostar, por isso arranjei isso.

— Franzo o cenho, dando-me conta da minha estupidez. — Nem te perguntei se você queria, se ficaria confortável com a situação. Desculpe.

Ela sorri, agradando-se com a minha carícia, e balança a cabeça em positivo.

— Tem certeza de que quer isso?

— Quero se você quiser — respondo.

— Sendo assim — diz, molhando o lábio inferior e abrindo os botões da minha camisa —, vamos ao que interessa.

Minha mão sobe pela sua coxa, em um livre acesso permitido pela saia que ela usa, e alcanço seu sexo. Dedilho-a por cima da calcinha e vejo como suas pupilas dilatam à medida que a toco.

— O jaleco — pede, com um sussurro estrangulado, quando termina

de tirar minha camisa.

Sorrio com o seu pedido e pego a peça estendida no espaldar da minha cadeira, vestindo-a. Paro à sua frente de novo, de jaleco, sem camisa, ainda com as calças, e gosto de como ela me olha, de como me analisa mordendo o lábio inferior. Juliette me chama com o dedo e eu vou, encaixando-me entre suas pernas de novo e encontrando-me com sua boca.

Julie suspira durante o beijo e geme conforme subo minhas mãos pelas suas pernas, levando a saia junto e a enrolando um pouco acima da sua barriga de seis meses.

— Abra mais — instruo, e minha namorada me atende com facilidade. Afasto sua calcinha e resvalo meu indicador na sua vagina, encontrando o clitóris e exercendo a pressão na medida que ela gosta.

— Isso — murmura, rebolando contra meu dedo, a voz saindo abafada porque não deixo que sua boca desgrude da minha. — Se importa se pularmos essa tortura que você chama de preliminares, doutor Laurent? —

pergunta, com um suspiro.

Sorrio contra seus lábios, sentindo-me mais excitado quando me chama de *doutor Laurent*.

— Não me importo nem um pouco — murmuro de volta, deixando-a só para pegar a camisinha e me revestir. Volto para ela, puxando-a um pouco mais para a borda da mesa, e a penetro sem dificuldade. — Porra, está tão molhada — gemo, repuxando seu lábio inferior.

Juliette abraça minha cintura com as pernas, puxando-me pelo jaleco, seus gemidos misturando-se aos meus. Desço um caminho de beijos quentes pelo seu pescoço à medida que estoco nela, cravando meus dedos na sua cintura. Droga, ela está tão quente e apertada.

Deito-a na mesa, segurando suas pernas ainda em torno dos meus quadris, e recaio sobre seus lábios mais uma vez, detendo-me muito pouco aqui, porque ela tem um corpo incrível que precisa ser explorado. Minha mão direita sobe por dentro da blusa branca de botões, enquanto minha boca se desloca na direção contrária. Meus dedos encontram seu mamilo direito ao mesmo tempo em que meus dentes beliscam o mamilo esquerdo. O gemido que escapa dela é música para meus ouvidos. Abro os botões da sua camisa, devagar, expondo seus seios sob um sutiã de renda vermelho que há muito

não os acomoda mais. Seguro-os com as duas mãos, passando a língua nas aureolas e chupando os bicos endurecidos.

— Estou quase — anuncia, e sorrio contra seu peito, voltando para sua boca,

segurando-a com mais firmeza nos quadris e ajustando o sexo em um ritmo maior, para que alcance o orgasmo com mais facilidade.

Com a cabeça jogada para trás, os dedos firmes contra a borda da mesa, Juliette retorce o corpo, aperta os olhos e se liberta com um suspiro nada mais do que prazeroso. Sob mim, sinto-a mais úmida, escorrendo em minha extensão, as pernas tremendo, o quadril desesperadamente procurando o meu. Saio de dentro dela, que fica frustrada. Separo mais seus joelhos e encontro seu ponto inchado com a língua. Ela se abre mais para mim, apoiando os pés sobre a mesa, as mãos se agarram nos meus cabelos, levando-me mais de encontro à sua boceta. Dedico-me ao sexo oral com o mesmo afinco que estava me dedicando na penetração. Encontro a maneira e os pontos que a deixam em fervorosa. É bom conhecer o corpo dela, e eu o conheço como ninguém. Sei a pressão certa que devo dar no clitóris, a intensidade dos movimentos com a penetração ou com os dedos, sei que gosta do leve choque dos meus dentes no seu fecho de nervos, sei que curte uma sugada mais intensa, a língua dentro dela, lambidas intercaladas com dois dedos. Sei que gosta das carícias nos bicos dos seios enquanto a chupo, ou dos beijos cândidos no interior da sua coxa. Conheço cada gesto para levá-la ao orgasmo e me concentro em cada um deles.

— Acho que vou de novo — diz, pouco tempo depois, em um silvo rouco e quase inaudível.

Não respondo. Não respondo porque falar significa parar de chupá-la, e não saio daqui enquanto ela não tiver um orgasmo duplo, enquanto não a sentir na minha língua. O golpe que a faz se libertar pela segunda vez nessa noite é um malabarismo da minha língua no seu ponto mais sensível, do meu dedo esquerdo apertando seu bico e do meu indicador direito dentro dela. A combinação parece perfeita para a minha mulher, que se desfaz sem pudor ou ressalvas. Prossigo com o sexo oral por mais alguns segundos, até que esteja mais recuperada, e só então volto para ela, puxando-a para mim e tomando sua boca na minha.

Em um ato inesperado, Juliette puxa o restante da minha calça para baixo, e eu ajudo-a a me livrar dela e dos sapatos ainda nos meus pés,

jogando-os em um canto qualquer do consultório. Agora, estou exatamente como me imaginou pouco mais de uma semana atrás. Somente com o jaleco, minha ereção despontando na sua direção, reluzindo na camisinha toda a sua essência em mim. Ela me encosta na mesa, roubando um beijo meu um segundo antes de escorregar seus lábios pelo meu tórax, agachando-se até estar de joelhos, engolindo meu pau por completo. Mal me vejo jogando a cabeça para trás, separando um pouco mais as pernas para encontrar um ponto favorável de equilíbrio e me deleitando com o momento. Merda.

Queria a porra de um oral sem esse pedaço de látex nos separando. Quero isso. Peço isso.

Juliette se livra da camisinha e quando sinto o calor da sua boca quente na minha pele, é impossível controlar o gemido estrangulado que sai da minha garganta. Ela agarra minhas pernas, movendo meus quadris para frente e para trás, como se me pedisse para comandar o momento. Seguro-a pelas têmporas e, devagar, vou forçando-me para dentro da sua boca, inflando as narinas e fixando os olhos nessa imagem linda e excitante. Estou prestes a ter um orgasmo, mas não é assim que quero gozar hoje, pelo menos não agora. Há posições e lugares nesse consultório que precisam ser explorados antes de encontrar meu ápice. Trago-a para mim, que resiste um pouco, parecendo determinada a me chupar até sentir meu sêmen na sua língua.

— Ainda não — digo, e com isso ela vem sem maior resistência.

Encontro sua boceta de novo, ao mesmo tempo em que mordisco sua boca já inchada e beijo-a com todo fervor. Giro-a de costas para mim, inclinando-a sobre

minha mesa, sua barriga afastada o suficiente para não ser pressionada contra o vidro. Acaricio seu sexo molhado mais um pouco, introduzindo meu indicador nela, que implora por algo maior e mais grosso.

Puxo outra camisinha e me revisto antes de atender o seu pedido. Não é a primeira vez que a como nessa posição, mas é a primeira vez que a como nessa posição em cima de uma mesa, e é muito mais excitante do que somente ter imaginado. É excitante ver suas costas curvadas, os seios esmagando contra o vidro, sua bunda empinada na minha direção, as pernas separadas…

— Puta que pariu — solto, puxando sua cintura na mesma velocidade que estoco nela.

Concentro-me no momento, segurando meu orgasmo. Não ainda. Só depois que experimento uma porção de posições — e de ela gozar enquanto cavalga ao contrário em mim, sentado na cadeira — é que a deixo me chupar até atingir meu ápice. Ela está agachada na minha frente, segurando-me com firmeza enquanto sua boca desce e sobe , meu corpo jogado na cadeira, quando o orgasmo vem e sai rasgando, junto com um gemido alto que não consigo evitar.

Juliette se senta no meu colo depois de me acalmar, uma perna de cada lado, beijando-me calmamente. Subo a mão por dentro da sua saia, a única peça que ficou no seu corpo, porque até mesmo a calcinha em algum momento arranquei. Ela se afasta e me olha, com um brilho diferente e intenso nos olhos. Entreabre os lábios, parece que vai me dizer alguma coisa, mas desiste, passando a língua e desviando o olhar.

— O que foi? — pergunto, ainda meio ofegante, subindo o indicador pela sua coluna.

Juliette deita a cabeça no meu ombro, escondendo o rosto, e suas mãos vão para a barriga, ficando entre nós.

— Não é nada. Queria saber se posso dormir na sua casa hoje, em vez da minha.

Sorrio e beijo suas bochechas vermelhas.

— Claro que pode. Ainda bem que trepamos aqui, porque aquela minha cama está muito escandalosa — brinco, fazendo-a gargalhar de um jeito gostoso.

— Acha que seu irmão ouviu?

— Dado o fato de que quando o vi no domingo à noite ele me pediu para trocar de cama caso suas idas para lá sejam constantes, sim, acho que ouviu sim.

Ela me encara, com o rosto ainda mais corado.

— Ai, meu deus, que vergonha! — exclama.

Dou outra risada e puxo-a para um beijo uma última vez antes de me levantar. Descarto as camisinhas na descarga e visto minha roupa; ela faz o mesmo e limpamos o consultório, colocando as coisas no lugar. Conferimos

se estamos com todos os nossos pertences e vamos embora para meu apartamento.

Talvez eu lhe dê uma cópia da minha chave também.

MEDO IRRACIONAL

JULIETTE

Acordo enrolada nos braços dele, nua, uma hora antes do meu despertador. Pierre ainda dorme, sua ereção matinal despontando contra minha coluna, o braço esquerdo jogado sobre mim, a mão sobre meu ventre.

Encaixo-me mais no abraço dele, que se remexe um pouco e deixa um beijo meio inconsciente na minha nuca. São seis da manhã e já posso ouvir a movimentação do irmão dele pelo apartamento. É a segunda noite que passo aqui desde que o conheci, quase uma semana atrás, mas ainda não tive que encará-lo depois daquele sábado à noite e domingo de manhã que a cama denunciou que não estávamos só dormindo. Tínhamos conseguido evitá-lo na ocasião, saído na surdina, o irmão apenas gritando um “Já estou indo!”

quando já tínhamos atravessado a porta e Étienne estava enfurnado em algum outro lugar do apartamento.

Só que hoje talvez eu tenha que encarar meu cunhado, depois de a cama ranger mais um pouquinho após a meia-noite. Pierre já disse que vai me fazer tomar café da manhã com ele e o sobrinho antes de me deixar na clínica. Clínica esta

que nunca mais verei do mesmo jeito depois de ontem.

Nunca mais entro naquele consultório sem pensar nas posições que me colocou.

— Por que acordou tão cedo? — A voz dele sussurra ao pé do meu ouvido,

Antes que possa responder, ele me aperta mais contra seu corpo quente, estalando um beijo úmido no meu ombro.

— Relógio biológico, talvez.

— Que bom pra você. Se eu fosse depender do meu, acho que hibernava.

Rio, girando-me na cama e encontrando com seus olhos inchados e

cabelo bagunçado. Aproximo-me e deixo um selinho nos seus lábios, seus braços laçando minha cintura de novo. Jogamos fora a próxima hora com conversa fácil, Pierre dizendo que, antes de ir para o Necker, vai falar com Gustave sobre ter nos surpreendido. Temos mais essa. Nem sei como vou olhar para o meu chefe depois do flagra de ontem. Só espero que ele seja tranquilo e não diga nada a ninguém.

Quando faltam dez minutos para meu celular despertar, eu me levanto, enrolo-me em uma toalha, pego minha roupa e corro até o banheiro no corredor do seu quarto para um banho rápido. Visto-me por lá mesmo, porque, caso Étienne resolva vir chamar o irmão, não vai me pegar seminua pelo apartamento. Saio secando os cabelos, relaxada com a ducha, e digo que o banheiro está liberado para ele.

— Já terminou aquele meu livro? — pergunto, enquanto Pierre termina de escolher o que vestir.

Ele enrola tudo em uma toalha limpa e aponta para uma prateleira.

— Já sim. Está ali. Pode levar embora se quiser.

É claro que vou querer. É um dos meus favoritos, com autógrafo, e não vou arriscar deixar aqui. Vai que o sobrinho dele entra, pega e rabisca?

Deus me livre. Tomo o exemplar em mãos, abro as páginas e folheio um

segundo antes de guardar dentro da minha bolsa. Enquanto penteio meus cabelos, confiro os títulos que ele tem aqui. Não deve ter mais do que doze livros nessa prateleira, boa parte são clássicos e uma minoria são livros de medicina. Não sei se Pierre não é muito adepto da leitura ou se tem mais exemplares guardados em caixas debaixo da cama.

Passo o dedo em uma lombada vermelha que me chama a atenção pelo título. A curiosidade vence e puxo o exemplar para mim. Pois bem, ele surrupiou um livro meu, se me interessar por esse vou surrupiar também.

Abro a primeira página e franzo o cenho, um sentimento estranho invadindo meu peito quando vejo a letra caligráfica feminina, a assinatura no final das palavras.

É um presente. Claramente. Da ex-namorada. Por algum motivo, não gosto disso. Eu me livrei de tudo que me lembrava Antony, de todas as coisas que me deu. Livrei-me até de coisas que eram minhas, mas que aquele homem tocou e, de alguma forma, me reportavam às lembranças que não

queria mais ter. Por que diabos ele ainda tem esse presente? Será que, em algum nível, continua nutrindo qualquer sentimento por Francine?

Passo a página e, no instante seguinte, meu peito queima com mais força, como se uma bola de fogo estivesse pulsando no lugar do meu coração.

Tem duas fotos. Uma dela, sentada em torno de uma mesa redonda, com uniforme de um hospital, cabelos amarrados em um rabo de cavalo, debruçada sobre um livro grosso que suponho ser de medicina. Olho o verso e reconheço a letra dele das prescrições que já me fez.

“Amour de ma vie”.

Data de cerca de sete anos atrás.

Engulo a bile amarga na minha garganta e seguro a outra fotografia entre meus dedos. É dos dois juntos. Ele com os braços em torno dos ombros de Francine, todo vestido casualmente, com um sorriso enorme de felicidade, segurando uma garrafa de cerveja na mão, enquanto recebe um beijo dela no rosto.

Tem outros dizeres, na mesma letra dele:

“Pra você se lembrar que é o motivo dos meus sorrisos. Feliz um ano de namoro.”

— Ei. — Pierre surge, toalha jogada em torno da nuca, calça jeans e sem camisa. Ele me olha, olha para minhas mãos e sorri. O maldito sorri. —

É meu livro favorito — menciona.

Claro que é. Foi o “amor da sua vida” que te deu de presente. Não teria como não ser o seu livro favorito. Esforço-me ao máximo para controlar o ciúme que parece surgir do nada, a ponto de me dominar, e olho de novo para a foto dos dois juntos, o sorriso perfeito dele.

— … tem uma narrativa mais arrastada, mas vale a pena — completa, mas perdi parte da sua frase porque estava concentrada em não surtar.

Só que, apesar de todo controle, não seguro minha língua e solto:

— Por que ainda tem isso? — Ergo as fotos para ele, que desfaz o sorriso no mesmo instante. — Por que ainda tem *isso*? — indago de novo, mais incisiva, balançando agora o livro de capa dura e vermelha.

Pierre se aproxima de mim, uma ruguinha entre suas sobrancelhas grossas, e toma as fotografias da minha mão, observando-a por um segundo.

Engulo a bile amarga que se forma na minha língua e tento fazer um esforço para ignorar o desconforto que se apossa de mim. Um medo incompreensível de que ele nutra alguma coisa pela ex-namorada me acerta com toda força e dói só de pensar na possibilidade de que os dois possam reatar um dia desses.

— Vai me explicar por que ainda guarda uma foto da sua ex ou vai ficar aí, só olhando para ela como se sentisse falta do que tiveram? —

pergunto, em um modo agressivo demais até para mim.

Meu namorado ergue os olhos na minha direção e, nesse instante, sinto falta da amabilidade que sempre vi nele. O homem está sério, com expressão de contrariado.

— Tive uma vida com ela — responde, maxilar trincando, voz contida. —

Chegamos a morar juntos por uns três anos. É natural que, depois que rompemos, algumas coisas tenham ficado perdidas.

— Mas e o livro? — questiono, dando um passo atrás e abraçando meu próprio corpo, como se fosse um escudo. Sinto-me levemente nervosa e paranoica sem saber exatamente o motivo. Acho que é só um medo irracional de perder o que temos. Pierre é bom para mim, como nenhum outro homem foi. É normal que eu tenha receio de perdê-lo, não é? — Por que ainda tem?

Ele me olha, suas feições ficando mais expressivas.

— É meu livro favorito.

— É só um livro — pontuo, jogando o exemplar na cama como se fosse algo desprezível. Afasto da minha mente as palavras de amor e carinho na página de dedicatória, o *Je t'aime beaucoup* no final e a assinatura dela, com um coraçãozinho e a data. — Era só comprar outro.

Um momento tenso cresce entre nós enquanto sinto-me ser estudada.

— É uma versão limitada, de colecionador, não acharia com facilidade. E mesmo se achasse, não ia me desfazer só porque é um presente

da minha ex-namorada — responde e tem uma conotação de desprezo no tom dele. Está bravo comigo. Tudo bem, porque também estou brava com ele.

Abano a cabeça em positivo, desviando meu olhar do dele. Meu coração dispara dentro do peito e as lágrimas começam a se forçar nos meus olhos. São esses malditos hormônios de grávida que me fazem ficar emotiva desse jeito, querendo chorar por tudo o tempo todo.

— Acho melhor eu ir embora — digo, e sei um instante depois que é uma chantagem emocional.

Sinto uma pontada, um incômodo no peito por agir dessa maneira, mas não consigo evitar. Digo isso porque quero que me impeça e diga que tudo bem, ele vai se livrar desse livro idiota com a declaração de amor da ex-namorada.

— Tudo bem — concorda, contrariando tudo o que achei que faria.

Ergo meu olhar para o dele, surpresa com a sua resposta. Machuca-me o modo como parece pouco se importar. Pierre diz “tudo bem”, mas o som da sua voz e seu rosto o contrariam. Se não quer que eu vá, por que está permitindo?

— Se importa tão pouco assim comigo que nem mesmo vai me pedir para ficar? — resmungo, deixando uma lágrima escapar dos meus olhos e escorrer pelo meu rosto.

— Eu me importo, Juliette — devolve, com um suspiro cansado, passando a mão nos cabelos grossos. — Sabe disso. Só que eu… passei muito tempo namorando uma garota que se comportava exatamente assim. Cheia de desconfianças, paranoias e ciúmes. Então não, não vou te impedir de ir embora, se quiser. Mas você pode ficar para conversarmos como dois adultos.

Ele está certo. Não me reconheço. Não reconheço essa minha atitude.

Nunca fui ciumenta, nem possessiva, nem dada a paranoias e desconfianças.

Por que então agora estou agindo exatamente assim? Hormônios de grávida.

Isso. É a única explicação. Malditos hormônios de grávida.

Mesmo sabendo que meu comportamento é errado, ainda acho que meu posicionamento é válido. Deveria ter falado com ele menos passivo-agressiva — certo, fui completamente agressiva, mas isso não vem ao caso

agora. Não é o que falei, mas como falei. Então inspiro fundo, recupero a calma e abano em positivo.

— Isso significa alguma coisa para você? — pergunto, apontando para o livro.

— Te disse que é meu livro favorito, é claro que significa algo para mim. O que está nessa dedicatória? Não. Hoje não significa mais nada.

Uma onda de alívio percorre meu corpo quando me garante que Francine não tem importância nenhuma na sua vida.

— Pode arrancar a página? — peço, e se fizer isso vou ficar estranhamente feliz e mais aliviada. — Se não se importa mais com isso, não tem problema, não é? — Demoro a notar o absurdo que escapa da minha boca e, mesmo quando noto,

não volto atrás no que disse. É algo que me daria mais segurança.

— Não. — Sua resposta me contraria, e aquele desconforto, o ciúme descabido, retorna. — Não posso.

— Disse que não se importa — acuso, com uma entonação de mágoa na voz, o choro entalado na garganta.

Pierre dá um passo à frente, aproximando-se de mim. Levanto os olhos para encarar suas feições, que continuam com a ruga entre as sobrancelhas, o maxilar levemente trincado, mas há suavidade nos seus olhos azuis.

— Não me importo, mas não vou arrancar a página. Isso é uma concessão. Pequena, mas uma concessão. Quando Francine e eu estávamos juntos, tudo o que desgastou nosso relacionamento foram as minhas concessões, que começaram com coisas pequenas, como deixar meu celular desbloqueado. Tempos depois, ela tinha até acesso à conta do meu banco e me *rastreava*. Então não, não vou arrancar a página do livro só porque você quer.

— Mas um relacionamento não é feito disso? — argumento, querendo diminuir a pequena distância entre nós, contudo, não me atrevendo a dar o passo que falta para isso. — De concessões?

— Sim, é claro — confirma. — Mas uma relação também é

construída na base da confiança, e aprendi a não ceder mais se é só para provar meu amor, ou minha fidelidade. Ou você confia em mim ou não confia, Juliette. Se não confia, me desculpe, mas nós dois não vamos funcionar dessa maneira, e prefiro mil vezes terminar do que viver rodeado de inseguranças e ciúmes descabidos.

Sua sinceridade é crua, cruel e visceral. Não há nenhum traço de hesitação, dúvida ou blefe na sua voz, na sua postura, nos seus olhos. Ele está falando sério sobre terminarmos. Isso, de repente, me aterroriza. Jogo-me nos braços dele, quase sem perceber, e enfio o rosto na curva do seu pescoço, apertando-o contra mim. Ele fica petrificado um segundo antes de enlaçar minha cintura e retribuir meu abraço.

— Não me deixa — peço, quase como uma súplica. — Você disse que não vê um mundo sem mim e sem Valentin. Eu também não vejo um mundo sem você.

Pierre me separa dos seus braços e me analisa. Seu polegar toca no meu rosto e limpa uma lágrima teimosa que deixei cair e nem percebi.

— Preciso que confie em mim — sussurra. — Quando digo que Perrot não me importa mais, estou dizendo a verdade. Quando digo que nenhuma outra mulher me atrai a não ser você, estou dizendo a verdade.

Julie, não quero viver de novo o que vivi com Francine. Isso me desgastou mentalmente e não estou disposto a suportar esse tipo de comportamento, por mais que eu… goste de você.

Abano a cabeça em positivo, entendendo-o. Pierre tem razão. Nem sei o porquê desse meu surto. O homem nunca me deu motivos para desconfianças, muito pelo contrário. Sempre foi sincero comigo, aberto, e se não fosse nossa relação médico-paciente, não estaríamos tomando precauções para não sermos descobertos.

— Me desculpe. Acho que são meus hormônios.

Ele não diz nada, apenas me analisa por longos segundos com o olhar fixo que conheço quando está pensativo. Quero perguntar o que se passa na sua cabeça, mas sou impedida quando delicadamente toca seus lábios nos meus.

— Não vou me desfazer do livro — murmura, acariciando meu rosto.

— Já disse que é um exemplar de colecionador, que dificilmente vou encontrar outro. Não me importo com a declaração da Francine, mas posso me desfazer disso — diz, dando um passo atrás e erguendo as fotografias na altura dos meus olhos. Ele as rasga no meio, sem titubear, sem desfazer seu contato visual comigo. — Me desfiz de todas as nossas fotos juntos —

pontua, pegando meu rosto outra vez e passando a língua saborosa nos meus lábios. — Essas ficaram perdidas, ia me desfazer delas de qualquer maneira.

Um pequeno sorriso surge em mim, aliviada. Pierre sorri de volta, mas sinto que é algo um pouco forçado, ou meio triste. Sei que é por minha causa, por conta do meu comportamento. Sou uma idiota. Abraço-o, murmurando outro pedido de desculpas, e ele diz que está tudo bem, mas sei que não está. Preciso pensar em um modo de compensar o meu surto descabido.

Pierre termina de se vestir, um pouco emudecido e distante, e seguimos até a cozinha. Étienne já está em torno da mesa, Édouard tomando o café da manhã no seu cantinho habitual, separado dos adultos. Meu cunhado pergunta se pode falar um instante com o irmão, a sós, antes de ele se acomodar. Os dois se distanciam alguns metros e trocam algumas palavras.

Observo-os, estudando as expressões, as linguagens corporais. Noto quando meu namorado fica meio rígido, franze o cenho e aperta os lábios. A conversa não dura mais do que um minuto, mas ainda assim é possível sentir a tensão que o assunto — seja lá qual seja — causou nos irmãos.

— O que aconteceu? — pergunto com um sussurro, tentando não soar muito curiosa, enquanto me sirvo de um pouco de suco de laranja, quando Pierre se põe ao meu lado.

— Nada importante — responde, dispondo café na sua xícara.

Sua resposta não me agrada muito, mas não posso protestar. Está no direito dele em não comentar nada. Esforço-me para respeitar seu silêncio e fazemos nossa refeição conversando sobre o próximo final de semana, quando pretendo ir ao *shopping* fazer as compras para o enxoval do Valentin.

Pierre precisa conferir sua agenda para confirmar o melhor dia porque quer ir comigo.

Étienne o estuda fazendo planos de me acompanhar nessa empreitada.

Não sei o que pensa disso tudo, de Pierre assumir esse papel comigo, de

querer estar ao meu lado nesse momento, mas não vejo nenhum julgamento maldoso nos seus olhos quando nos observa. Aqui, de novo, penso sobre o que me disse quando nos conhecemos, que o irmão é comprometido e vai ser natural da parte dele gostar de Valentin. Não tenho dúvidas disso. Ele já gosta sem ao menos o menino ter nascido. Nós ainda não conversamos sobre como será essa convivência e nem sei se temos o que conversar, sinceramente.

— A diretoria do hospital confirmou comigo o dia e o horário da confraternização — Étienne menciona para Pierre, pousando sua xícara no pires e limpando os lábios. — Sábado, às vinte horas. Espero você. — Ele me olha um segundo antes de, com cuidado, dizer ao irmão: — Quero adiantar que Perrot

estará lá.

Meu corpo trava com a menção e sinto aquela bile amarga subir e parar na ponta da minha língua. Olho para meu namorado que, apesar da cara de contrariado, parece não se importar muito. Fecho os olhos e ignoro o sentimento negativo tentando me dominar.

Preciso que confie em mim.

Inspiro fundo e tomo mais do meu suco, engolindo o nó que se formou na minha garganta.

— Não me olha assim, Pierre. — O irmão suspira, cansado. — Sei que não se dão, mas ela é da neurocirurgia e faz parte da minha equipe.

Francine provou que pode me ajudar nessa pesquisa, de forma honesta.

Merece estar comigo.

— Justo — murmura. — Ela tem mesmo me ignorado, não acho que vá ser um problema.

Aperto os lábios com um pouco mais de força, dizendo para mim mesma que não é nada demais, mesmo que, para Pierre afirmar que a ex-namorada está o ignorando, significa que tentou algum contato. Para o bem da minha mente, não falam mais sobre Perrot pelo restante do desjejum.

Depois do café, seguimos nossa rotina. Étienne vai levar o filho para escola, e Pierre e eu seguimos para a clínica. Gustave já está aqui quando chegamos —

ele sempre parece o primeiro a chegar e o último a sair —, concentrado na frente do computador. Meu namorado o chama, pergunta se podem conversar um minuto e se retiram da sala.

Guardo minha bolsa e me preparo para começar o dia. Cinco minutos depois, Legrand retorna, sem Pierre, e para na frente da minha mesa. Ergo o olhar para ele, que não tira sua expressão amigável e despreocupada.

— Seu segredo está bem guardado comigo — diz, com um breve sorriso.

Sorrio de volta, agradecendo a compreensão, e ele volta para sua mesa. Trabalho o restante do primeiro turno, isolada nos meus próprios pensamentos, Gustave estranhamente também não puxa assunto, e eu o agradeço por isso.

Precisava mesmo ficar com meus próprios pensamentos paranoicos.

Estou finalizando o jantar, perto de oito da noite, quando alguém toca minha campainha. Minha respiração falha nesse instante porque não sou de receber visitas, além daquelas que possuem a cópia da minha chave: Adrien e Pierre. Mesmo quando meu primo esquece a dele em algum canto e vem para cá, costuma passar uma mensagem ou ligar avisando, exatamente para eu não ficar assustada, pensando que é aquele traste quem veio me atormentar.

Aproximo-me da porta, sentindo o coração na garganta, e a abro bem devagar, conferindo pela fresta quem possa ser e já me preparando caso seja necessário fechá-la abruptamente e trancá-la. O rosto do outro lado é conhecido, mas não é o de Antony, para meu alívio. Ele tem um sorriso fácil e meio encabulado no rosto, como se estar aqui, na minha frente, a essas horas da noite, fosse algo muito inadequado. Bom, talvez seja, e sua vinda realmente desperta meu interesse e curiosidade.

— Gautier — cumprimenta-me, com seu tom formal e extremamente educado.

Emilien está dentro de um dos seus ternos caros, mãos nos bolsos, cabelos bem-penteados, barba aparada, perfumado. Eu o vi vezes o suficiente para saber que ele é a elegância em pessoa e que fica impossível distinguir se está impecável dessa maneira porque tem um compromisso depois daqui ou

se *continua* impecável dessa maneira após um dia cheio de trabalho.

— Dupont — exclamo, não escondendo a surpresa em vê-lo.

O homem dá uma olhada por cima do meu ombro e depois para mim.

— Se importa se eu entrar?

Nego com a cabeça e dou espaço. Ofereço algo para beber, mas ele nega, acomodando-se no meu sofá. Sento-me no oposto, de frente para ele, aguardando-o dizer o motivo da sua visita inesperada.

— Desculpe o horário, incomodo?

— Claro que não — respondo.

Só passa pela minha cabeça que ele tem novidades sobre Antony.

Torço tão fortemente para que venha me dar boas notícias e diga que encontrou um modo de colocar o maldito atrás das grades sem arriscar a integridade de Ann-Marie, a minha e a sua imagem.

— Alguma novidade? — indago, sem poder realmente me segurar.

Uma tonalidade mais sombria se apossa dos seus olhos e, nesse instante, sei que não temos nada contra Leclerc.

— Não, nenhuma. Vim por outro motivo. — Abano a cabeça em positivo e espero. — Vai soar muito estranho e inapropriado — diz, com um sorriso meio nervoso. Emilien desvia os olhos de mim e reconheço um padrão de tensão no modo com trança os dedos uns nos outros. — Mas, acredite, não viria se não fosse de extrema necessidade.

— Nunca gostei de suspense — brinco, ajeitando-me no meu lugar.

Ele me dá um sorriso ainda mais nervoso e inspira fundo antes de prosseguir:

— Tenho um evento no sábado à noite. Há alguns dias, a organização me ligou e pediu para que eu fosse acompanhado. Marie é quem iria comigo, mas ela teve um imprevisto de última hora e viajou a trabalho. Não sabe se vai conseguir chegar a tempo de me acompanhar.

Não demoro para entender onde esse homem quer chegar. E tem toda razão. Soa muito inapropriado o seu convite, mesmo que ainda não tenha me convidado, diretamente falando. Não é inapropriado por qualquer motivo a

não ser que não temos nenhum nível de intimidade. Eu o conheço da cafeteria de Dousseau. Sempre houve uma linha formal entre nós, nunca fomos amigos íntimos e raramente nos vimos em qualquer ambiente fora do meu trabalho.

Ele chegava, desejava bom dia, fazia o pedido de sempre, pagava a conta, se despedia e só. Um pouco desse limite foi quebrado depois do que Antony fez.

Emilien foi me visitar no hospital, mais de uma vez, e pagou a conta da minha internação. Ainda assim, não acho que tenhamos intimidade o suficiente para eu aparecer ao lado dele em um evento.

— Quer que eu vá com você? — pergunto, molhando o lábio inferior.

— *Oui*, se não se importar, é claro.

— Não tem mais ninguém que possa te acompanhar? Mãe, irmã, amiga? — questiono e me arrependo no segundo seguinte.

Parece uma recusa, embora não seja. Só acho estranho demais esse homem não ter mais nenhuma mulher próxima que possa acompanhá-lo.

Tudo bem, não é segredo para ninguém que ele é uma pessoa solitária, discreta e que odeia holofotes. Desse tempo que o conheço, não só não o vi em nenhum relacionamento amoroso, como nunca o vi em qualquer outro tipo de relação social. Seus “amigos” se resumiam a Antony e alguns políticos que sempre o acompanhavam à cafeteria. Nunca o vi junto de qualquer parente — irmã, mãe, prima —, nem amigas. Nada. Ainda assim, é estranho que não tenha outra pessoa no seu círculo social.

Emilien dá uma risadinha e abana a cabeça.

— Pode parecer mentira, mas não tenho. Não sou muito apegado à minha mãe — revela, com um pequeno suspiro —, que não vejo há quase uma década, e minha irmã não está na cidade. Eu costumava levar… —

Pausa, ergue os olhos para mim. Engulo em seco e me ajeito de novo no meu lugar. — Leclerc comigo nesses eventos que exigiam uma companhia. Pensei em convidar o Bernardo, mas ele chegou do Brasil ontem e não está nada bem depois…

Ele trava na sua frase e desperta minha curiosidade.

— O que foi?

O homem me estuda por longos segundos, como se estivesse decidindo se me conta ou não.

— Ann-Marie pediu o divórcio ao Antony — revela, com certo cuidado. — Ele não reagiu muito bem e a agrediu.

Resfolego, sem quase perceber, com a última parte. As lágrimas se forçam nos meus olhos, por mim, pelas lembranças daquele ataque que ainda parecem vivas na minha memória, por Ann-Marie, que também foi agredida, e pelo inferno que deve ter sido seus dias, porque Emilien me conta que, além da agressão, o desgraçado a manteve em cárcere no próprio quarto. A pobre coitada conseguiu escapar e ligou para Marie pedindo ajuda. Como os dois estavam juntos, ele a abrigou na sua cobertura. Bernardo chegou de viagem, foi avisado do caso e desde então ela está no apartamento de Dousseau, refugiada, escondida até decidir fazer um boletim de ocorrência.

— Alguém precisa parar esse homem — murmuro, sentindo o medo subir pela minha espinha.

Emilien acena em positivo e retoma o assunto anterior:

— Enfim, a questão é que não tenho mesmo ninguém para ir comigo e não quero ser deselegante em aparecer sozinho em um evento que já me pediram para ir acompanhado. Você é a pessoa mais próxima que tenho de uma amiga.

— Que tipo de evento é? Preciso ir com saltos ou roupas muito elegantes? Porque meu guarda-roupa não é renovado há algum tempo e não aguento mais do que meia hora dentro de um *scarpin* com essa barriga.

Ele dá uma pequena risada.

— Pode ir com algo mais confortável, não se preocupe. É apenas uma confraternização no Necker-Enfants Malades. Estou apoiando a pesquisa de um neurocirurgião e ele dará início aos estudos na próxima segunda. Será algo bem pequeno.

Uma vozinha na minha cabeça grita para que eu recuse o convite. Não porque não quero acompanhá-lo, ou porque não temos intimidade o bastante, mas porque é o mesmo evento do irmão do Pierre, e meu namorado vai estar lá. Ele já não me convidou exatamente porque não poderíamos simplesmente aparecer juntos, porque isso levantaria suspeitas e poderia nos comprometer.

Mas então a paranoia de mais cedo volta com mais força e não gosto de imaginar Pierre e Francine próximos um do outro, não gosto de pensar no

que disse mais cedo, sobre ela estar o ignorando e isso significar que tentou conversar com ela, por algum motivo. Todo bom senso dentro de mim diz que preciso dizer não a Emilien, dar qualquer pretexto e não ir, porque é o correto a se fazer. Mas não consigo dizer não. A verdade é que me aproveito desse convite para vigiar o meu namorado.

Sinto-me uma estúpida quando digo sim para ele.

— Ótimo. Venho te buscar às sete.

— Vou estar te esperando.

Eu o acompanho até a porta. Emil se vira para mim, abre um pequeno sorriso e agradece por tudo antes de me dar dois beijos no rosto e ir embora.

Quando retorno para dentro, minha consciência diz que já que fiz a besteira de aceitar o convite, devo ao menos comunicar Pierre, avisá-lo de que estarei na comemoração, para que eu não chegue de surpresa. Não é isso o que faço.

CIÚMES

JULIETTE

Preciso de uma massagem nos pés. Definitivamente. Inspiro fundo e molho o rosto, ignorando minha imagem frente ao espelho que mostra meu rosto um pouco mais redondo, provavelmente por causa do inchaço da gravidez, e meus seios que também aumentaram no último mês. Nunca tive qualquer problema com minha autoestima, mas por algum motivo me incomoda o reflexo do meu corpo em constante mudança. É nítido que engordei, e não gosto do que vejo no espelho.

Afasto os pensamentos bobos da minha cabeça e jogo outra porção de água no rosto para me ajudar a despertar e voltar para o escritório consciente o bastante para continuar meu trabalho. Olho no meu relógio de pulso. Não é nem remotamente perto do horário do almoço. Só quero ir para casa. É sexta-feira, o cansaço da semana já está acumulado. Depois que sair daqui, preciso comprar algo para amanhã. Mesmo que Emil tenha me dito que é um evento pequeno, não vou aparecer ao lado dele, que sempre veste ternos que custam, provavelmente, o que ganho no ano, com um vestido qualquer. Preciso de um que esteja ao menos à altura.

Conformada que ainda tenho umas oito horas de trabalho até o fim do meu expediente, viro nos calcanhares para retornar ao escritório. Estou alcançando a porta quando ela abre e traz para dentro a última pessoa que esperava ver aqui. Meu corpo congela instantaneamente enquanto a mulher abre um pequeno sorriso para mim, reconhecendo-me.

Não consigo reagir num primeiro momento, confusa com a presença dela; amedrontada também. O que diabos estaria fazendo aqui? Descobriu sobre nós e veio contar tudo aos nossos superiores? Um segundo depois, o medo dá lugar ao sentimento de ciúmes. Não vejo outra explicação a não ser que veio atrás de Pierre.

— Senhorita Gautier — Francine me cumprimenta, com uma voz

calma e suave. Mal a vejo se aproximar, tocar nos meus braços e se inclinar para dar um beijo no meu rosto. — Como você está?

Leva um ou dois segundos para meu cérebro processar sua pergunta.

Leva mais dois até que eu consiga me recompor e me lembrar de que preciso respondê-la e como se faz isso.

— Estou bem — respondo, forçando um sorriso, e levo a mão até minha barriga.

Os olhos dela caem para essa direção e vejo seu sorriso aumentar.

— O tempo passou tão rápido! Olha como você já está. Já sabe o que é?

— Menino — digo, com uma pitada de orgulho. O medo irracional está indo embora pouco a pouco e o ciúme também se dissipa.

Pierre me disse que ela é uma pessoa complicada, que tiveram um namoro conturbado marcado por inseguranças e paranoias dela. Mas aqui, enquanto tagarela alguma coisa na minha frente e esbanja simpatia, recordo-me de que essa mulher me tratou muito bem quando estive internada, embora eu tenha mesmo sentido uma tensão entre os dois na época e não soubesse o motivo. Agora sei. Mesmo assim, não consigo ter a imagem ruim que meu namorado pintou.

Se tem uma coisa que aprendi é que não posso me deixar ser influenciada por ninguém. Pierre me deu a versão dele, mas não posso simplesmente tomar isso como uma verdade absoluta sem ao menos conhecê-la. Já fiz isso com Antony, acreditando cegamente no que me dizia a respeito da esposa, e no final era tudo mentira. Não acho que ele possa ter mentido para mim, até porque o homem dificilmente me falou da ex-namorada, mas ainda assim prefiro não tomar partido nem a odiar de graça sem conhecê-la.

— Valentin — respondo quando me pergunta se já escolhi o nome.

Os olhos dela me analisam por um segundo; tem um misto de surpresa e parece refletir alguma coisa.

— É um nome muito bonito — elogia, aproximando-se da pia e conferindo sua imagem no espelho. Afofa os cabelos soltos e me olha do reflexo, perguntando: — Veio para consulta ou trabalha aqui?

Engulo em seco, procurando uma resposta. Não sei se minto ou se digo a verdade. A clínica não tem só o Pierre de ginecologista, mas a mulher não deve ser burra o suficiente para não ligar um ponto ao outro se disser que vim me consultar. Ela provavelmente vai entender que é com Laurent. Talvez não desconfie de que estamos juntos, ou talvez desconfie. Nem sei. A verdade é que ela também deduziu de que trabalho aqui e se confirmar pode ser que a ajude a constatar alguma suspeita. Não vejo muita saída a não ser dizer a verdade:

— Trabalho aqui.

Francine sorri, terminando de ajeitar os cabelos, e se vira para mim.

— Não precisa me olhar dessa maneira — diz, encostando-se no mármore da bancada. — Não vou contar a ninguém que você está namorando o doutor Laurent.

Dou um passo atrás e cubro meu corpo com os braços, não sabendo como me portar diante dela. Como ela soube? Como se para responder meu questionamento mental, ela diz:

— Só liguei os pontos. Sei que Pierre está namorando. Você trabalha justamente aqui, na mesma clínica que ele. Aposto que foi ele quem arrumou pra você, com o Gustave. — Suspira, cruzando os braços. — Étienne, o irmão dele, mencionou o seu nome um dia desses, numa ligação para o irmão, que sem querer ouvi quando estava chegando na ala da nossa pesquisa. E o seu bebê… Valentin era o nome do irmãozinho dele que morreu com quinze dias.

Molho o lábio inferior, tentando apenas não surtar com a última parte.

Não porque ele sugeriu o mesmo nome do irmão, mas porque é uma informação que nunca compartilhou comigo. É o tipo de informação que só uma ex-namorada que significou muito na vida dele saberia. Isso me faz questionar o nível de importância que tenho na vida de Pierre.

— Aliás… — continua, tornando a virar para frente. Abre a torneira e lava as mãos. — Gostaria de pedir desculpas pelo comportamento de Édouard. Pierre comentou comigo que ele foi mal-educado com você, por minha causa. Juro que nunca disse qualquer coisa ao menino para colocá-lo contra você. Ele é muito agarrado a mim, sabe? Nós convivemos por um tempo desde que a mãe sumiu. O tio dele e eu morávamos juntos e tomamos

conta do menino porque Étienne não estava nada bem e…

Francine desembesta a falar sobre como foi uma figura quase materna para o garoto durante um tempo, que cuidou dele, das necessidades físicas e psicológicas e que, na ocasião de quando o viu, dias antes de ele me conhecer, estava apenas tentando explicar porque o tio e ela não estavam mais juntos ou algo assim. Não me atento muito a isso porque minha mente se prendeu em “Pierre comentou comigo…”. Ele andou falando com ela e, por algum motivo, sinto-me incomodada com o fato.

— Enfim… — A mulher suspira, secando as mãos com o papel-toalha. — Não queria causar atrito entre vocês. Nunca foi minha intenção.

— Tudo bem — digo, embora quase não tenha prestado atenção no que me disse.

— Não precisa se preocupar. Não direi nada a ninguém sobre vocês.

Sei que é uma relação meio proibida.

— Não dirá? — indago, erguendo uma sobrancelha. Ela move a cabeça em negativa e pergunta por que acho que diria qualquer coisa. Penso um segundo antes de responder, mordendo o lábio inferior. — Pierre me disse que você é uma pessoa complicada. — Sou sincera e fujo dos seus olhos por um segundo.

Ouço um suspiro escapar dela.

— Ele deve me pintar como uma pessoa horrível — murmura.

— Na verdade, ele pouco falou de você — confesso. — Só disse que poderia querer nos prejudicar caso soubesse porque nunca aceitou o término do namoro e que o relacionamento de vocês acabou por causa de inseguranças e ciúmes exagerados.

Sinceramente, espero por uma reação defensiva e histérica, onde ela vai negar o que ele disse, que vai dizer “não foi bem assim” e vai me dar a sua versão dos fatos. Mas, não é dessa maneira que Francine reage. Ela se mantém calma, não se abala, e acena em positivo.

— É, ele está certo. Eu realmente o sufoquei com ciúmes e inseguranças. Mas, em minha defesa, Gautier, Pierre nunca colaborou muito para que me sentisse mais segura e menos ciumenta.

Troco o peso do corpo e mordo o lábio inferior. Não compreendo muito a sua colocação. Francine se aproxima um pouco mais, leve como pluma, sem nenhuma postura intimidadora ou desvairada. Realmente a mulher não parece ser nada do que meu namorado descreveu.

— Tenho um péssimo histórico com homens — conta, analisando as cutículas impecáveis da mão direita. — Quase todos os meus namorados foram babacas comigo, e Pierre foi o único que não pisou na bola. —

Francine ergue os olhos para mim, apertando os lábios. — Ele é maravilhoso, em muitos aspectos. Concorda?

— *Oui* — concordo, porque é verdade mesmo. Não tenho nem como listar as

coisas incríveis que esse homem fez por mim desde que nos conhecemos. Eu ainda era uma completa estranha para ele quando os pequenos gestos começaram.

— Eu tinha medo de perder o que tínhamos. Pela primeira vez em muito tempo, tinha encontrado alguém bom pra mim, então foi natural que sentisse medo, ficasse insegura e tivesse ciúmes. Juliette… Posso te chamar de Juliette, não é? — Aceno em positivo. — Pierre é bonito, sociável ao extremo. Ele sabia das minhas inseguranças e dos meus medos, e o que o homem fazia? Pouco se importava, vivia para cima e para baixo com as colegas do internato, depois com as amiguinhas da residência e, quando se especializou em ginecologia, piorou ainda mais, porque ele é de passar o número pessoal para as pacientes. Já viu algum médico fazer isso?

Nego com um gesto e preciso concordar que ela está certa. Tem pouco mais de um mês que estamos juntos, mas não é segredo para mim nem para ninguém que Pierre é receptivo, caloroso, que vive respondendo mensagens das pacientes, atendendo ligações, tirando suas dúvidas, principalmente das gestantes. Durante esse tempo, nunca me importei realmente, porque é o trabalho dele, porque *é o Pierre*. Não seria ele se não desse esse tipo de atenção.

— Pois é. É claro que eu ficava com ciúmes. Ele é bonito, simpático, lida todo santo dia com mulheres, mulheres que já o paqueraram… Mulheres muito mais bonitas do que eu. Como poderia não sentir ciúmes dele? Ainda mais sabendo que se apaixona com facilidade. Veja só, nós tivemos uma vida juntos, foram oito anos de relacionamento e só faz uns quatro meses que terminamos. Quatro meses e já está envolvido com você. Dá pra notar que

Pierre está apaixonado. Eu temia tanto que acontecesse isso enquanto estávamos juntos, que ele se apaixonasse por outra como aconteceu quando estava na faculdade.

Não preciso perguntar do que está falando, porque sei exatamente sobre o que é. Pierre comentou comigo sobre ter começado a se encontrar às escondidas com outra garota mesmo tendo uma relação aberta.

— E para alimentar ainda mais minhas paranoias — a mulher continua e torno a dar atenção ao que diz —, Pierre some quando surge algum problema. Ele simplesmente não se importa em dar notícias, dizer que está tudo bem. Imagine,

uma pessoa insegura como eu, que tinha de lidar com um namorado que trabalhava vinte e quatro horas por dia rodeado de mulheres, sem notícias dele? No dia em que terminamos, ele tinha ido fazer um parto humanizado. Foi de última hora e já tinha saído do hospital. Ele poderia ter me avisado, dado uma ligação, mas preferiu passar horas sem se comunicar comigo e alimentar minhas paranoias.

Balanço a cabeça em positivo, reconhecendo o comportamento. Pierre fez o mesmo não muito tempo atrás, quando o sobrinho foi atropelado. E

quando está enfurnado no trabalho, percebo agora, ele só me manda mensagens respondendo *as minhas*. Não me recordo, dentro desse mês que estamos juntos, de qualquer iniciativa sua de manter contato enquanto precisássemos ficar sem nos ver. Não sei se estou com a memória fraca ou se de fato nunca aconteceu. Sempre fui eu quem mandei mensagens primeiro.

Aperto os olhos, tentando afastar esses pensamentos descabidos da cabeça. Não vou me importar com isso agora.

— Posso ter sido a doida que ele deve dizer que fui — Francine murmura e finaliza: —, mas ele nunca fez muito para aplacar meus sentimentos ruins. Pelo contrário. Parece que os alimentava de propósito.

Abaixo os olhos e não digo mais nada. Não tenho o que dizer. Prometi a mim mesma que não tomaria partido de ninguém sem antes conhecer as duas versões. Agora, eu conheço. Pierre disse que ela era uma pessoa complicada e ciumenta, e Francine alegou que ele não fazia muito por onde para ajudar. Não sei quem está certo ou quem está errado nessa história e a verdade é que não me importo. Minha única preocupação no momento é que ela não conte nada a ninguém sobre nós.



— Não vai mesmo dizer nada a ninguém? — pergunto, como para confirmar.

— Não — responde. — Sei que prejudicaria o Pierre e não quero isso.

Ainda mais agora que estou trabalhando em uma pesquisa com Étienne. Não vou me queimar com nenhum dos Laurent por tão pouco. Já aceitei que nossa relação acabou, assumo parte da culpa e só posso desejar que sejam felizes —

diz e, por algum motivo, sinto sinceridade nela. Talvez esteja mesmo dizendo a verdade.

— Desculpe perguntar, mas o que está fazendo aqui?

— Estou com Étienne. O diretor da neurologia vai apoiá-lo na pesquisa também. Viemos para uma pequena reunião e eu já enrolei demais nesse banheiro. Vim fazer xixi e acabei me esquecendo — diz, batendo a mão na testa.

Digo que vou deixá-la sozinha e me despeço, retornando para meu trabalho. Francine parece ser uma pessoa legal. Não sei por que Pierre pouco fala dela e, quando fala, não é todo elogios.

Confiro meu telefone pelo que deve ser a centésima vez em uma hora.

Daqui a pouco será o horário de almoço e enviei uma mensagem para Pierre, perguntando se podemos almoçar juntos, uma vez que está por aqui hoje. Já são cinquenta e sete minutos que mandei, mas o homem não respondeu. Nem mesmo visualizou. Tudo bem. Não vou surtar por causa disso porque ele está trabalhando. Talvez nem tenha tido tempo de pegar no celular.

Esforço-me para pensar em outra coisa em vez de ficar alimentando medos sem sentido e continuo fazendo meu caminho até a lanchonete da clínica. Estou na minha pausa de vinte minutos e precisando urgentemente de um sanduíche de cottage. Guardo o telefone no meu bolso e ergo o olhar para o caminho à minha frente, parando bruscamente quando chego ao meu destino, incomodada com a cena que se desenrola diante dos meus olhos, o gosto amargo do ciúme subindo instantaneamente.



Pierre está de costas para mim, sentado em uma das mesas da cantina, conversando animadamente com uma garota loira. As palavras de Francine avançam sobre minha mente sem minha permissão enquanto assisto à cena.

Digo a mim mesma que não é nada. É só meu namorado conversando com outra mulher e não há nenhum problema nisso.

Nesse instante, uma batalha dentro de mim se dá início. A voz da ex-namorada dele dizendo como é sociável, receptivo e amigável, que se apaixona com facilidade, em um embate com a voz do meu namorado, pedindo para que confie nele, que sem confiança não vamos sustentar esse relacionamento. Decido que vou confiar nele, na sua palavra, e preciso realmente me esforçar para não avançar e ir até os dois como uma cadela raivosa. Só que, como Francine bem disse, Pierre não colabora muito para aplacar sentimentos ruins. Imediatamente um segundo depois que decido confiar nele, vejo-o esticando a mão em direção à moça — que só agora reconheço como uma das recepcionistas da fisioterapia — e pedindo algo.

Sem hesitar, ela pega o celular e entrega para ele.

Confesso que meu coração erra uma batida nesse instante. Se eu não queria alimentar paranoias infundadas, a imagem à minha frente contraria todo meu desejo. Pierre pega o telefone dela e, sem tirar o sorriso, digita rapidamente, o que dá a entender que está gravando o próprio número na agenda da moça. Parada no meio do caminho, apoio-me na quina da parede, em uma posição que me esconde e me permite acompanhar o que está acontecendo ali. Meu namorado devolve o aparelho da garota, entregando o seu em seguida. Ela também digita, o que suponho ser o *número dela*. Pierre guarda o celular no bolso e continuam em uma conversa animada.

Engolindo a bile amarga, eu me afasto.

São quinze e quarenta quando Michéle me chama para entrar no consultório. A

consulta está atrasada em apenas quarenta minutos, mas a recepção hoje estava especialmente cheia, repleta de mulheres, em sua maioria grávidas. Entro com cuidado na sala de Pierre. Ele está atrás da mesa,

dentro do seu jaleco habitual, o estetoscópio pendurado atrás do pescoço, sorriso acolhedor que não revela o que somos e o que temos, porque ele sorri assim para qualquer uma. Para todas.

Não retribuo o sorriso e me acomodo na cadeira à sua frente, remoendo a cena de mais cedo, na cafeteria. Passei a tarde toda em uma ansiedade que nunca senti, minha cabeça doendo de tanto que pensei no que vi, de tanto que me preocupei com a aparente aproximação dele com outra mulher. Nunca fui de sentir ciúmes exagerado, mas também não me lembro de algum homem ter alimentado esse sentimento descabido tanto quanto meu atual namorado vem fazendo.

— Não vi você no almoço — menciona, e ergo o olhar em sua direção. Depois observo ao redor e me dou conta que sua assistente se retirou; por isso tocou no assunto. — Fui te procurar, mas não te encontrei.

— Fui almoçar sozinha. Achei que não ia querer minha companhia —

respondo, mais áspera do que eu gostaria.

Estou me esforçando aqui para não soltar os cães em cima dele. Pierre já deixou claro que não gosta de demonstrações exageradas de ciúmes e que isso pode levá-lo a romper comigo. Não quero perdê-lo, não quero que vá embora, e é por isso que tento de toda forma sufocar minhas inquietudes.

Pierre franze o cenho.

— Por que achou isso?

— Porque você ignorou minha mensagem — respondo, o que é verdade.

Meu namorado rapidamente pega o celular sobre a mesa, em cima de uma pilha de cinco livros de medicina, destrava a tela e suponho que confere as mensagens. Suspira quando se dá conta de que não viu a minha, que mandei cerca de seis horas atrás.

— Me perdoe — pede, jogando o telefone de volta ao lugar. — O dia está tão corrido hoje, nem tive tempo de pegar no telefone direito.

Forço um sorriso e sei que ele nota o descontentamento na minha face. Quero dizer que não teve tempo para pegar no celular hoje, exceto quando anotou o telefone de outra mulher e passou o próprio número para

ela. Por mais difícil que seja segurar minhas palavras, eu seguro.

— Está tudo bem? — pergunta.

Apenas abano a cabeça em positivo. Vejo-o pronto a perguntar outra coisa, mas Michéle ressurge, dizendo que a sala do ultrassom já está pronta.

Pierre assente e pede cinco minutos. Antes de seguirmos, me faz as perguntas habituais da consulta e anota tudo na caderneta de pré-natal. Depois disso, seguimos até a sala à meia-luz, onde eu me peso antes de me ajeitar na maca para ver meu bebê.

Pierre me analisa com cuidado enquanto prepara o equipamento. Sigo emudecida e noto que até sua assistente está sentindo a tensão entre nós.

Quando ele apoia o transdutor na minha barriga e a imagem de Valentin se faz diante dos meus olhos, me esqueço por um momento de qualquer mágoa com meu namorado, qualquer sentimento ruim, qualquer paranoia, e simplesmente me concentro na tela do ultrassom. Ele fala do tamanho, do peso, a posição que está — atravessado de tanto que mexeu hoje —, e, em dado momento, até contorna na tela o que é o rostinho do bebê. Um sorriso enorme nasce em mim, mesmo que a imagem esteja toda borrada, em ver meu neném.

Finalizamos o exame com Pierre me pedindo para redobrar a atenção daqui para frente, agora que entrei definitivamente no sexto mês de gestação, porque não é incomum ocorrer um parto prematuro. Alerta-me dos sintomas e me instrui sobre como proceder caso um desses sinais apareça no meu corpo. Mesmo com raiva dele, aprecio ainda mais seu cuidado, zelo e preocupação. Não sei se é uma instrução que ele dá a todas as pacientes ou se foi algo meio que exclusivo para mim. Se bem o conheço, aposto na primeira opção.

Voltamos para a sala principal, onde ele finaliza a consulta, anotando o restante das informações na minha caderneta e me dando outro frasquinho da minha

vitamina, que acabou há dois dias e só o informei cinco minutos atrás.

— Está tudo bem mesmo? — pergunta, esticando o ultrassom de hoje.

Sorrio um pouquinho para a imagem e o contorno do rosto de Valentin. Estou montando um álbum só com essas impressões.

— Está — respondo, mas minha voz contraria minha resposta.

Só quero finalizar a consulta e ir embora, porque se ficar aqui sei que vou acabar dizendo coisas que não quero.

— Julie — murmura meu apelido só porque sua assistente não está por perto. — Sinto que não está sendo sincera comigo. — Sua mão desliza sobre a mesa de vidro, a mesma mesa em que trepamos gostoso dias atrás, e segura nos meus dedos. — Me conta o que está acontecendo.

Aperto o lábio inferior e balanço a cabeça em negativo. Não quero dizer nada. Não quero surtar, nem o irritar, mas ele insiste, pede para confiar nele, argumenta que estamos numa relação e precisamos ser abertos um com outro e, seja lá o que esteja me incomodando, devo contar para que a gente resolva no diálogo, em vez de ficar remoendo mágoas, criando conflitos.

Com tudo que há em mim, e Deus sabe que é verdade, me seguro para não dizer nada, para simplesmente esquecer e me convencer de que o que vi mais cedo não tem nada demais, era só uma conversa entre amigos e que trocaram telefone apenas para manter contato. Mas, por mais que tente me convencer disso, não consigo. Não consigo nem mesmo ser uma pessoa civilizada e ponderada para dizer a Pierre o que está me incomodando e, quando noto, entre um sorriso histérico e uma risada de deboche, digo:

— Vi você mais cedo, com outra mulher, todo íntimo. Foi por isso que ignorou minha mensagem? Estava ocupado demais com ela, não é? Me disse que nem teve tempo de pegar no telefone, mas não foi o que pareceu quando anotou o seu número no celular dela e entregou o seu para que ela fizesse o mesmo.

Pierre me olha, por longos segundos, primeiro com uma expressão neutra, mas que depois se transforma, juntando levemente as sobrancelhas, apertando os lábios, desviando os olhos. Quero que fique bravo comigo e esclareça a situação, porque é melhor do que esse seu silêncio absoluto. Ao invés disso, diz:

— Nossa consulta já acabou, senhorita Gautier.

Sua indiferença me acerta com a mesma força de um soco. Ele profere cada palavra sem me olhar, atento a organizar os objetos sobre sua mesa, mesmo que estejam devida e perfeitamente organizados. No final, Francine

tem toda razão. Ele não faz muito para acalmar nossas paranoias. Parece que gosta de alimentá-las.

— Pierre. — Tento, mas o homem se levanta, contornando a mesa e indo em direção à entrada.

— Nosso tempo acabou. Tenho outras pacientes e meus horários estão todos atrasados. Então, *s'il vous plait*… — pede, em um tom formal que me desagrada, e abre a porta.

Sem muitas opções, eu me levanto. Olho-o um segundo antes de me retirar e não vejo nenhum traço de hesitação na sua íris azul. Esse homem é firme e decidido quando quer e, confesso, isso me irrita.

— *Au revoir*, doutor Laurent — digo e ouço a porta bater às minhas costas em seguida.

REAÇÃO EXAGERADA

JULIETTE

Invento uma desculpa qualquer para Gustave e peço para me deixar ir embora uma hora antes do fim do meu expediente. Ele me libera e quer saber se precisa avisar Pierre. Digo que passo uma mensagem quando chegar em casa, porque não quero alarmar, e vou para casa, sentindo toda a dor do mundo no meu coração.

Ele me tratou com uma frieza que até então não tinha experimentado.

"Nossa consulta já acabou, senhorita Gautier". Isso dói em mim, mas não dói mais do que ter que admitir que em partes está certo. Outra vez, fui grossa, demonstrando um ciúme exagerado que não reconheço. Enquanto faço meu caminho de volta para casa, não consigo afastar da mente a porção de pensamentos e conflitos que me tomam. Francine me dizendo que parte da culpa

por todo o seu descontrole e ciúme vinha de Pierre, eu tentada a concordar porque o vi de conversinha com outra mulher e ele nem se deu o trabalho de se explicar.

Meus pensamentos só se dissipam quando chego e encontro Adrien estirado no meu sofá, televisão ligada, comendo um pedaço de pizza enquanto assiste a um videoclipe no Youtube. Ele abre um sorriso pequeno quando me vê e confere as horas no relógio de pulso.

— Chegou mais cedo hoje — observa.

Arrasto-me em sua direção e me deito nas suas pernas, sentindo-me a pior pessoa do mundo, com uma confusão dentro de mim que não sou capaz de explicar, nem entender. Nunca fui essa criatura insegura que estou manifestando no momento, com medo de que Pierre me troque por qualquer par de pernas que não tenha um filho a tiracolo, dependente do carinho e da atenção dele, apegada demais no homem a ponto de saber que nossa relação pode prejudicar sua carreira e mesmo assim não conseguir abrir mão dele como médico. Parece que há algo forçando-me a sempre tomar atitudes

estúpidas, mesmo sabendo que estou errada na maioria das vezes, agindo com egoísmo e histeria, procurando desculpas, pretextos, motivos para justificar meus comportamentos: “Pierre é incrível, tenho medo de perdê-lo e por isso o ciúme exagerado.” “Pierre é bonito, inteligente e sociável, se apaixona com facilidade, por isso o ciúme exagerado.” “Eu estou grávida de outro homem, ele vai se cansar de mim e se interessar por outra, por isso a insegurança descabida.” “Ele trabalha o tempo todo com mulheres, mulheres mais bonitas do que eu, por quem facilmente se interessaria, por isso o ciúme exagerado.”

— O que foi? — Adrien pergunta, acariciando meu cabelo depois de ter deixado seu pedaço de pizza no prato e limpado as mãos com um guardanapo de papel, trazendo-me de volta à realidade.

Ajeito-me em suas pernas e o olho de baixo para cima, abrindo um pequeno sorriso.

— Não é nada — digo, decidida a não o trazer para meio da minha intriga com meu namorado. — Só estou com péssimo humor de grávida —

brinco, colocando a mão na barriga.

Meu primo ri comigo e me toca no abdômen, sentindo o bebê mexer um pouco. Ele abre aquele seu sorriso esplêndido, como se fosse a primeira vez que sente Valentin pular dentro de mim, o que claramente não é o caso.

Pergunto do dia dele, que me responde com o de sempre, dizendo depois que não vê a hora de terminar logo o doutorado. Rio dos seus resmungos, porque ele começou a defender sua tese esse ano, então não está nem perto de acabar.

O videoclipe na televisão — o terceiro desde que cheguei — acaba e, antes que outro da playlist dele comece, a plataforma exibe um rápido comercial, onde Marjorie aparece. Os olhinhos dele brilham na frente da tela, e Adrien até para de falar comigo, atento no anúncio de trinta segundos.

— Será que vou morrer sem ter o gosto de ver você chegar nessa mulher, Adrien? — brinco, puxando-o pela gravata para fazê-lo desviar os olhos da tela.

Ele se vira para mim, com um leve sorriso, envolve uma mecha do meu cabelo no seu indicador e diz:

— Falei com ela, esses dias.

Um segundo depois, estou sentada sobre meus pés, surpresa com a

informação.

— Quando?

Ele dá de ombros:

— Pouco mais de um mês. Na noite que fui te buscar no restaurante, lembra? Eu tinha acabado de deixá-la no edifício dela.

Dou um tapa no seu ombro.

— Por que não me contou antes?

— Eu me esqueci, Julie — responde. — De qualquer forma, foi uma conversa rápida, sem relevância. Não pude nem me apresentar. — Faz bico, ficando estranho de repente, meio distante, evitando meus olhos. Sei que tem alguma coisa que não está me contando. Fico curiosa sim e exijo saber, mas ele me diz

que não é nada, só que teve de levar Marjorie para falar com um cara com quem aparentemente ela está saindo.

Coitadinho. Ficou todo remoído de ciúmes. Mas ele não pode culpar ninguém além de si mesmo por não se aproximar dela, dizer o que sente. Ela é uma mulher bonita, é claro que a concorrência é forte, e ele está sendo bobo em não tentar investir. Meu primo me pede para esquecer o assunto e engatamos em outra conversa, que me faz esquecer por bastante tempo minha mágoa com Pierre.

Até que ele está aqui. Tocou a campainha antes de girar a sua cópia na fechadura e entrar. Para no limiar entre a sala e a cozinha, onde Adrien e eu estamos agora, terminando de preparar o jantar, perto de nove da noite, e nos observa, parecendo hesitante. Ele me olha sem o sorriso bonito que costuma olhar quando chega, mas também não vejo raiva ou desapontamento. Está simplesmente neutro.

Meu primo abre a boca para cumprimentá-lo, mas nota a tensão entre mim e meu namorado e prefere ficar em silêncio, terminando de preparar a salada. Também não sei o que dizer, o que fazer. Não esperava que Pierre viesse, não depois dessa tarde. Pensei mesmo que fosse me dar um gelo por algum tempo. Ele não está com a mesma roupa da clínica, o que dá a entender que foi para casa antes de vir para cá.

— Oi — digo apenas, torcendo o pano de prato entre meus dedos,

sem saber mais o que fazer, tendo vontade de me aproximar e beijá-lo. Só não sei se é apropriado ou se retribuiria.

— Oi — responde, seus lábios curvando-se num sorriso pequeno.

Meu coração dá um pulinho de felicidade com essa pequena demonstração e eu me vejo me aproximando dele. A primeira coisa que faz é tocar na minha barriga, abaixar a cabeça e dizer “oi” para o bebê. Tento ter raiva desse homem, mas ele não colabora. Rio quando pergunta se “a mamãe está mais calma”. Ele me olha, engolindo em seco, segura-me por trás da nuca e me puxa para um beijo calmo.

— Precisamos conversar — diz, contra meus lábios.

— Me esperem ir embora antes, pelo amor de Deus — Adrien protesta.

Meu rosto cora, Pierre ri, do seu jeito rouco e gostoso.

— Nós vamos mesmo conversar, Adrien — meu namorado esclarece.

— Não é eufemismo para “quero transar com sua prima”.

Meu rosto esquenta mais ainda quando meu primo gargalha escandalosamente e vem até nós, finalmente apertando a mão do meu namorado e o cumprimentando, deixando um beijo em seguida na minha têmpora.

— Vou dar privacidade pra vocês. Já notei que estão brigados e querem se reconciliar. O que significa que, de um jeito ou de outro,

“precisamos conversar” foi sim eufemismo para “queremos trepar, vá embora”.

— Meu Deus do céu! — exclamo, tentando acertá-lo com um murro, mas meu primo já está longe o bastante, rindo como uma hiena, enquanto meu namorado se diverte na mesma medida.

De repente, estamos sozinhos, frente a frente, na sala, e uma atmosfera mais pesada se põe entre nós. Ele se senta no sofá, deixando o telefone na mesinha de centro, e dá alguns tapinhas ao seu lado, chamando-me. Vou sem resistência e sem compreender esse seu comportamento. Mais cedo me tratou com frieza, mas agora parece mais calmo.

— Vai me explicar por que trocou telefone com aquela mulher? —

pergunto, só que dessa vez sou mais passiva do que agressiva.

— *Non* — responde, fazendo-me enrugar o cenho. Então por que diabos está aqui? — Não vou me explicar, Julie. Já te pedi para confiar em mim.

— Como confio depois do que eu vi, Pierre? — Suspiro, passando a mão no rosto e odiando o amargor que sobe pela minha boca.

— Não é o que você viu, mas o que está interpretando. Por que não se aproximou da mesa? Por que não foi nos cumprimentar? Eu teria te apresentando a moça, teria esclarecido o que estávamos conversando. Mas preferiu tirar suas próprias conclusões e depois fazer uma insinuação pouco agradável.

Não tem nenhum traço de irritabilidade na voz dele. Pierre está calmo, calmo como não estava hoje no seu consultório, quando chegou a praticamente me pôr para fora. Mas vejo que está cansado. E sou eu quem está fazendo isso. Fecho os olhos, apertando-os com força, sentindo-me a pessoa mais estúpida do mundo, e, contraditoriamente, não conseguindo não tirar da cabeça o que vi mais cedo, querendo uma explicação que ele já deixou claro que não vai dar.

— Por favor — suplico. — Me conta quem era ela, por que trocaram telefone. Estou paranoica, Pierre. Não vou me sentir melhor enquanto não esclarecer a situação.

— Eu não vou — diz, veemente.

Abro os olhos e o encaro, mordendo o lábio e sentindo que as lágrimas de novo estão se forçando contra mim. Nem sei por que estou com vontade de chorar. Amo minha gravidez, mas odeio esses efeitos colaterais.

Estar toda sensível assim, querendo chorar com qualquer coisinha.

— Por quê? — questiono.

Ele vem para mais perto de mim, passando o indicador na minha pálpebra inferior e capturando uma gota.

— Quero que confie em mim. Quero que confie quando digo que não houve nada demais entre mim e aquela mulher, que o que você viu não é nada do que está pensando.

— É só me contar, homem.

Pierre suspira, inclinando-se na direção do meu pescoço e roçando o nariz na minha pele. Estou prestes a dizer alguma outra coisa, mas me esqueço do que é e, mesmo se lembrasse, minha voz teria saído tremida por causa do contato gostoso e ousado que me causa, arrastando a pontinha do nariz em mim, deixando um beijo delicado na minha pele.

— Não é. Se estiver decidida a não acreditar em mim, não importa o que eu diga, não vai acreditar em mim.

— E a sua solução é me deixar ainda mais paranoica com essa história?

Pierre se afasta, levantando-se em seguida.

— Acho que já te dei provas suficientes de que você é a pessoa mais importante para mim nesse momento, Juliette. Que não há a menor chance de outra mulher me atrair tanto quanto você me atrai. Que quero um futuro com você, com Valentin, quero um futuro onde nós três somos uma família. Se isso não é o bastante para que confie em mim, que acredite nas minhas intenções, não vou ficar tentando te provar mais nada.

Engulo em seco, amedrontada com a firmeza desse homem. Ele vai embora, sem hesitar. Em vez disso, de repente, está ajoelhado na minha frente, segurando-me pelas duas mãos, olhando-me do seu jeito amoroso que me conquistou dia após dia.

— Não quero esse tipo de cobrança na nossa relação, nem esse ciúme doente. Mas também sei que sua insegurança, as suas desconfianças, os ciúmes, seja lá por que está sentindo isso tão de repente, podem ser trabalhados com ajuda psicológica. Parou de se consultar há algum tempo, não foi?

Balanço a cabeça em positivo.

— Eu estava bem. Não vi necessidade de continuar pagando pelas sessões.

— O que acha de voltar? Procurar a raiz desse problema? Tratar isso da forma correta para que não reflita mais no nosso relacionamento e nos desgaste? Quero mesmo ficar com você, Juliette. Se soubesse o quanto eu…

gosto de você.

Jogo-me nos braços dele, comovida com sua oferta, com como realmente se importa comigo, e eu aqui, sendo uma vaca com ele.

— Eu sei — digo, mordiscando o lóbulo da sua orelha e o apertando um pouco mais contra mim. — Também gosto muito, muito de você, Pierre.

Suspiro, preferindo ter dito outras palavras, com um significado mais forte. Só que não vou dizer, não enquanto ele próprio continuar descrevendo o que sente por mim com *gostar*. É a segunda vez que me diz isso e não vou meter os pés pelas mãos, me declarar e assustá-lo, ou ainda fazê-lo se sentir na obrigação de retribuir.

— Então?

Afasto-o de mim, namorando seus olhos claros.

— Eu estou bem. Essas reações exageradas… — digo, traçando o indicador pelo contorno do seu rosto. — São meus hormônios falando por mim, não são?

— Julie… — murmura, cansado, mas não o deixo continuar.

— Tudo bem — concedo, e ele sorri pequenino. — Vou voltar a falar com a minha psicóloga. Amanhã cedo marco uma consulta para a próxima semana.

Ele vem até mim, beijando-me com urgência e paixão, prensando-me mais contra o sofá e mantendo-se longe o bastante apenas para não distribuir o peso na minha barriga. Sua mão corre pela minha cintura, entrando por dentro da minha camisa e chegando até os meus seios, onde ele aplica a pressão certa e deliciosa no bico dos meus seios. Arranco sua camisa preta, acariciando suas costas largas, sentindo a pele macia na ponta dos meus dedos enquanto distribui beijos quentes e molhados no meu pescoço e ombros.

— Só tem camisinha lá em cima — digo, com dificuldade em respirar.

Pierre encosta sua testa na minha, um sorriso safado e convencido curvando-se vagarosamente na sua boca deliciosa. Ele enfia a mão no bolso de trás da calça e me mostra um pacote de preservativo.



— Um bom soldado sempre vai para a guerra preparado — brinca, rasgando a embalagem com os dentes.

— Então “conversar” era mesmo eufemismo para sexo, seu safado —

digo, abrindo o botão da sua calça.

Um minuto depois, estou por cima dele, suas mãos na minha cintura, ajudando-me a cavalgar.

Pierre beija o topo da minha cabeça, seu braço me rodeando e me grudando mais no corpo dele. Viro-me o quanto posso no sofá apertado, ficando de frente para ele, minha barriga contra seu abdômen durinho, e enfio o dedo nos seus cabelos grossos que estão levemente úmidos de suor. Beijo o canto da sua boca, o gosto salgado vindo para a ponta da minha língua.

— Preciso de um banho — diz, arrastando o nariz na minha bochecha. — E estou com fome.

Saio do aconchego dos seus braços e pego sua camisa jogada no chão, vestindo-a em mim e fechando os botões. Procuro minha calcinha jogada perto do seu celular e a subo pelas pernas.

— Toma um banho — digo, puxando-o pelo pulso até estar de pé. —

Vou esquentar a comida de novo para jantarmos.

Ele concorda com a cabeça, deixa um último beijo em mim e, todo nu, vai tomar um banho, levando o preservativo usado para ser descartado.

Na cozinha, lavo as mãos e prendo o cabelo melhor antes de separar um prato para mim e para Pierre e aquecer no micro-ondas. Tempero a salada que Adrien não chegou a terminar, estico a toalha na mesa e preparo uma jarra de suco. Da sala, ouço seu telefone tocar e, movida pela curiosidade, vou até lá.

Aproximo-me do objeto que toca e vibra sobre a mesinha de centro e meu coração entala na garganta quando vejo o nome de outra mulher no identificador.

Alizée

Forço-me a não atender, a respeitar sua privacidade, a confiar na sua palavra. “Não tem nada entre mim e aquela mulher”. Inclusive, Alizée pode ser só uma paciente dele. Respiro fundo e me afasto do telefone, que na mesma hora para de tocar. Dez segundos depois, ouço o som de notificação de mensagens. Com um pretexto que não convence nem a mim mesma —

“pode ser uma paciente que precisa de atendimento urgente” —, me aproximo do

maldito celular de novo, tomo-o nos meus dedos e desbloqueio a tela com facilidade. O nome de Alizée aparece no topo das últimas mensagens e tem uma única palavra antes mesmo que eu abra: *Combinado.*

O que diabos eles combinaram? Outra vez o ciúme e a desconfiança sobem pela minha garganta, queimando. Hesito um segundo antes de clicar sobre a mensagem e ler a conversa deles. Lágrimas vêm aos meus olhos e não consigo evitar a raiva e a mágoa avançando sobre mim enquanto leio. A primeira mensagem é dela. Pouco mais de uma hora atrás:

“Não quero parecer desesperada, mas já temos um dia, hora e local?”

Pierre respondeu quinze minutos depois:

“*Oui.* 58 Tour Eiffel. Próximo sábado, às dezenove.”

58 Tour Eiffel é um restaurante nada barato na Torre Eiffel. O preço mínimo é 99 euros. *Por pessoa*. Eles marcaram um encontro. Na droga de um restaurante chique e caro. E ele tentando me convencer de que sou a maluca nessa história!

Minhas mãos ainda tremem de raiva, meus olhos fixos nas mensagens trocadas, quando Pierre ressurge na sala, vestido com roupas limpas. Ele para no meio do caminho, chamando-me e perguntando o que estou fazendo. Olho em sua direção, não segurando as lágrimas em mim.

— Por que está mexendo no meu celular, Juliette? — pergunta, com um suspiro cansado.

— Vi que combinou de sair com aquela loira — digo, jogando o telefone dele no sofá. — Tentou esse tempo todo me fazer pensar que o problema está em mim, quando você está mesmo agindo pelas minhas costas.

— Outra vez você está tirando conclusões precipitadas — argumenta, suspirando pesadamente. — Qual o seu problema em perguntar antes de me acusar?

— Antony agia do mesmo jeito — solto, e Pierre recua um passo, franzindo o cenho. — Me fazia sentir que eu estava errada, mas estava certa em pressioná-lo a largar da esposa, a não querer continuar sendo só a amante.

Está agindo igual. Querendo me convencer de que meu ciúme é sem

fundamento, só que está parecendo que não é. No final das contas, talvez até a Francine tivesse razão em ter tido ciúme de você.

Pierre não responde nada, só me encara por longos segundos, rosto encrespado, lábios apertados. Por fim, balança a cabeça em negativo e pega a calça que usava quando chegou e ainda está jogada pelo chão da sala. Ele vai embora. E dessa vez não vou impedir, nem implorar para tal, embora cada maldita célula do meu organismo esteja me forçado a isso. Abraçando os pertences, suspira, o rosto ainda contrariado.

— Me explica… — peço, mordendo o lábio inferior.

Quero mesmo que tenha uma explicação, que seja só alguma coisa da minha cabeça e que eu esteja realmente tirando conclusões precipitadas. Só que ele *precisa* me explicar o que está acontecendo, quem é essa mulher, por que marcaram um encontro. Não tem como eu tirar essas paranoias da minha mente se esse homem não esclarecer a situação.

— Para quê? — responde, com um leve tom de desdém. — Você já tirou suas conclusões, Juliette. — Ele suspira, pegando as chaves do carro no bolso da calça que veio. — Já disse que não vou me explicar, não enquanto continuar se comportando desse jeito, me acusando sem antes me perguntar, sem estar se esforçando para confiar em mim. Não sei por que está reproduzindo esse comportamento abusivo, mas minha oferta de te acompanhar com a psicóloga continua em pé. Vou embora agora. Descanse, pense um pouco. Quando estiver mais calma, a gente conversa.



Pierre vai embora, e mesmo que eu queira impedi-lo, agir como uma desvairada, pedir para que fique, me explique, socar aquela cara bonita dele, consigo me controlar e só vê-lo partir.

— Você parece tensa — Emil diz, a porta do passageiro aberta, sua mão esticada na minha direção.

Pisco duas vezes para voltar ao mundo real, porque me perdi em pensamentos durante toda a viagem até aqui. Pierre não faz contato desde ontem, eu tampouco tentei falar com ele, e aqui estou, prestes a entrar com Emilien em uma pequena confraternização onde meu namorado também vai estar, sem que ele saiba. Se Pierre vai ficar magoado ou talvez com raiva porque vim e nem sequer o avisei? Vai, sei disso. Mas vim mesmo assim. Se pudesse, teria desistido. Só não desisti porque estava muito em cima da hora e não queria furar com Dupont.

Abro um sorriso quase sem vida e seguro na mão dele, saindo do carro.

— Estou bem — garanto. — *Merci.*

Emilien me estuda por um ou dois segundos antes de acenar e oferecer o braço. Enrosco-me nele e seguimos até a ala da confraternização, que, como soube, é onde será desenvolvida a pesquisa de Étienne.

O local está todo arrumado, com algumas mesas decoradas com toalhas brancas e cadeiras distribuídas no local. Não tem muita gente, como Dupont disse que não teria, há uma música suave de fundo e apenas dois garçons servindo os convidados. Meus olhos percorrem todo o ambiente, em busca dele. Primeiro encontro Étienne, todo formal dentro de um terno que, admito, ressalta muito a sua beleza. Meu cunhado conversa animadamente com um pequeno grupo formado por um homem e duas mulheres. Depois, encontro Francine e preciso admitir que ela está incrível nos seus Louboutin e um vestido preto de lantejoulas. Ela segura uma taça de champanhe nas mãos e troca algumas palavras com um homem que não reconheço. Vou passando

os olhos por todo local, mas não encontro Pierre.

Ele não veio?

— *Bienvenue, monsieur* Dupont — uma moça bonita nos recepciona na entrada. — *Mademoiselle* Gautier — mesura, indicando o salão e nossa mesa reservada, para que prossigamos.

Emilien agradece e me conduz até nossos lugares. Durante percurso, finalmente o vejo.

Pierre surge de um corredor, está maravilhoso dentro de um terno todo preto e camisa branca. Não está sozinho. A mulher da cantina e da mensagem está o

acompanhando, apoiada aos braços dele, os dois rindo como se conhecessem há séculos, uma taça de champanhe entre os dedos deles. A festa não era apenas para o pessoal da neurocirurgia? Ele é convidado do irmão, o responsável pela pesquisa, mas essa mulherzinha nem médica é!

Olha eu aqui, a convidada de última hora falando isso.

Suspiro e tento não me sentir atingida pela presença dela, pelo fato do meu namorado estar junto com outra mulher, uma mulher com quem marcou encontro na porcaria de um restaurante caro, cheio de risadas, confidências, conversas e intimidade.

— É o obstetra que te atendeu, não é? — Emil murmura no meu ouvido. Se eu não fosse tão loucamente apaixonada por Laurent, teria me derretido toda com essa voz.

Estou pensando em balançar a cabeça em positivo quando, de repente, Pierre me nota. Ele para de caminhar no meio do percurso e me analisa, o rosto um misto de surpresa e confusão. Um segundo mais tarde, vejo o que esperava ver quando decidi vir a essa festa sem avisá-lo: mágoa.

DECISÃO DIFÍCIL

PIERRE

Sinceramente não sei direito o que sinto quando vejo Juliette acompanhada de Emilien. Não é ciúme. Definitivamente, não é ciúme, mas talvez mágoa e tristeza, sim. Não sei o que ela está fazendo aqui, mas suponho que, por qualquer motivo, Dupont a convidou. Minha namorada aceitou o convite e não me disse nada.

Inocentemente, fico tentado a acreditar que foi algo muito de última hora, não deliberado, e, como estamos sem nos falar desde ontem à noite, Juliette não pôde me avisar.

— Você se sente bem? — Alizée pergunta, contornando-me e ficando de frente para mim. Seus olhos azuis estão ligeiramente confusos enquanto me analisam.

Pisco um par de vezes, pensando na confusão que isso vai dar. Juliette acha que estou tendo um caso com a mulher, e agora me vê aqui, junto dela.

Torço para que não aja como Francine agiria, fazendo um escândalo.

— Estou — respondo, pigarreando, e vejo Juliette se aproximar com Emil de outros convidados. — Só reconheci um dos patrocinadores — digo, abrindo um sorriso forçado.

Ela olha por cima do meu ombro, na direção de Emilien, e depois se volta para mim. Não consigo parar de olhar para Juliette, que faz o mesmo.

Encontro o olhar de Étienne, fazendo-me uma pergunta silenciosa de “o que ela faz aqui?”. Ergo os ombros, também não tendo respostas.

— Vem, vou te apresentar para ele — digo, puxando-a pelos pulsos.

Emil agora está indo até meu irmão, e nós dois o alcançamos juntos.

Ele sorri ao me ver e aperta minha mão.

— Que surpresa te ver, doutor Laurent — diz, e seus olhos vão de

mim para Étienne, talvez só agora ligando nossos sobrenomes. — Vocês têm um grau de parentesco?

— Somos irmãos — Étienne responde, colocando-se do meu lado.

Apresento Alizée para Dupont. Ela é da fisioterapia, mas a convidei para vir comigo como um pretexto de aproximá-la de Étienne, aos poucos, sem que ele saiba, e para que não fique muito surpreso no próximo sábado, quando se encontrar com a mulher. Eu a conheço já tem algum tempo. É

nova na clínica e fizemos amizade rápido um dia desses, quando se consultou comigo para pegar uma receita de anticoncepcional. Na quinta-feira, ela teve uma consulta, levou alguns exames que solicitei e, quando encerramos, era perto do horário da pausa. Fomos até a lanchonete juntos, ela me contou que esbarrou com Étienne pelos corredores e que, pelo sobrenome, achou que era algum parente meu. Confirmei e a moça demonstrou interesse. *Nele*.

Não há mais nada no mundo que eu queira do que ver meu irmão bem de novo. Alizée é bonita, ainda muito jovem, na casa dos trinta anos, e faz o tipo dele. É o total oposto da esposa e pensei que seria uma boa ele conhecer alguém novo.

Então, sim, dei uma de cupido e disse para ela que poderia arranjar alguma coisa. Quando Juliette me viu pegando o telefone dela, estava sim colocando meu número nele, só para que mantivéssemos contato enquanto arranjava um encontro com Étienne, e também gravei o número dele na sua agenda.

Em casa, conversei com meu irmão, disse que tinha alguém interessado, que queria um encontro às escuras e perguntei se poderia marcar.

Étienne recusou um pouco e até deu uma leve surtada com a minha função cupido, mas, no fim, aceitou e disse que queria ir ao restaurante 58, na Torre Eiffel. Não sei se quer impressionar a moça (que nem faz ideia de quem seja) ou se só quer ir até lá porque sei que é um dos seus restaurantes favoritos em Paris, apesar de caro.

Poderia ter esclarecido essa situação para Juliette? Poderia. Mas se tem uma coisa que aprendi no meu relacionamento com Francine é a não ceder. Quanto mais você cede, quanto mais tenta mostrar que está sendo completamente fiel, mais desconfiada elas ficam. Não importava o quanto me explicasse ou provasse que não ia trai-la, nada era suficiente. Não me importo de me explicar. Não mesmo. Se Julie tivesse se aproximado da mesa, ou se, mais tarde, tivesse perguntado, sem nenhuma insinuação por trás, teria

respondido, explicado tudo. Contudo, ela tirou suas próprias conclusões, e sei, por experiência, que esse comportamento é um caminho sem volta. Ela ficaria cada vez mais paranoica, mais desconfiada, mais ciumenta.

Só que eu gosto de Juliette, mais do que posso tentar explicar, e embora tenha dito que se não confiasse em mim não íamos funcionar, ainda ofereci ajuda. Da mesma maneira que ofereci para Francine, dizendo como isso estava desgastando nosso relacionamento e que deveria procurar um profissional para trabalhar os ciúmes patológico. Perrot se recusou, negando que precisava de qualquer tipo de ajuda, e eu fui embora quando passou de todos os limites ateando fogo nos meus pertences.

Juliette aceitou voltar às consultas com sua psicóloga, mas ao ver as mensagens de Alizée no meu telefone, achou que eu estava a manipulando, tentando convencê-la de que ela é quem está errada ou maluca. Como Antony fez. Doeu a comparação porque não tenho nada daquele desgraçado. Ainda assim, ela me comparou e fui embora sentindo toda a dor do mundo. Tinha em mente que ela

se acalmaria e conversaríamos depois. Pela última vez, ia tentar convencê-la a falar com sua profissional, porque gosto dela demais para cumprir minha promessa de ir embora. Entretanto, se continuar negando-se, eu vou. Não vou me submeter a outro relacionamento tóxico em nome desse sentimento. O amor não tem que suportar tudo. O amor suporta tristezas, dificuldades, contratempos, má fé, distância. O amor não tem que suportar alguém com o potencial de acabar com seu psicológico.

— Olha só — Emil exclama, cumprimentando Alizée com um beijo no rosto. — Não imaginei que Pierre fosse seu irmão. Laurent é um sobrenome tão comum. — Ele se vira para mim, trazendo Juliette mais para frente. — Suponho que se lembre de Gautier.

Olho para ela e me praguejo por admirar o vestido no seu corpo e como isso a deixa muito bonita. Ela me olha, as íris castanhas fixas e atentas em mim, exalando um misto de apreensão e ansiedade. A mulher sabe que não deveria ter aparecido sem me avisar.

— É claro que me lembro. Nem poderia me esquecer, uma vez que estou acompanhando sua gravidez — digo, aproximando-me dela. Toco sua cintura, respeitosamente, e beijo seu rosto, arrastando de leve o nariz na sua pele.

— Estamos cheios de surpresa essa noite — Emilien graceja e me afasto de Juliette, que engole em seco.

Trocamos mais algumas palavras, Étienne falando do seu projeto e de como está animado para retomar as pesquisas na próxima semana. Sinto meu corpo tenso por baixo do terno, desejando apenas poder arrastar Juliette para um canto qualquer para conversarmos sobre essa droga toda. Leva algum tempo até que Emilien e meu irmão peçam licença e vão ao encontro de outros patrocinadores. Juliette também se afastou até sua mesa reservada com Dupont e roubou alguns aperitivos oferecidos pelo garçom. Alizée comenta algo sobre meu irmão e sobre o encontro às escondidas, mas estou disperso demais para prestar atenção como ela merece. Tudo que faço é sorrir e acenar.

— Você está bem mesmo, Pierre? — pergunta, tocando meu braço.

Estudo seu toque e depois ergo o olhar para a mesa onde Julie está, já prevendo que ela estará me olhando com fúria nos olhos. Quase. Não vejo só aquela raiva que bem conheço por causa de estar interagindo com outra mulher. Vejo além

disso. Tem uma tristeza crua e real no modo como me olha, como se estivesse se sentindo traída.

Suspiro e viro o restante do meu champanhe, deixando a taça na bandeja quando o garçom passa por mim.

— Estou bem, sim, Alizée. Só um pouco cansado. Meu dia foi meio puxado hoje. Como costumeiramente é — digo, e em partes é verdade.

Decido me esquecer de Juliette por um momento e torno a dar atenção à minha companhia, caminhando para longe da minha namorada, sabendo que isso provavelmente só vai alimentar seu ciúme. Não posso fazer nada no momento. Todo o assunto entre mim e Alizée é sobre Étienne. Ela quer saber um pouco mais do meu irmão e conto o que posso, falando do sumiço da esposa, de como isso o deixou mal, mas evitando falar das suas negligências com o filho.

Não sei quanto tempo passa até que peço licença para ela e vou ao encontro de Emilien terminando de beber uma taça de champanhe e encerrando uma conversa com o diretor da neurocirurgia do hospital.

Abordo-o antes que alcance a mesa com Juliette, que agora está acompanhada de uma segunda mulher e conversando com ela.

— Se importa se te fizer uma pergunta? — interpelo-o, levando-nos até um canto mais reservado.

— De jeito nenhum — responde, ajeitando a gravata do terno.

— Como a Désirée está?

Tenho a impressão de senti-lo tenso sob seu conjunto caro. Os olhos dele nublam levemente, o tom azul ficando mais forte, pupilas dilatadas, reparo que sua respiração desregula por um instante. Emil olha ao redor, os dedos contra a gravata outra vez, mas agora parece que se sente sufocado.

Pisco um par de vezes, estranhando sua reação. Foi alguma coisa que eu disse?

— Conheceu a Désirée? — pergunta, engolindo em seco.

Aceno em positivo.

— Conheci. Na época do internato. Passamos uma noite juntos e depois eu… fiz a curetagem nela — digo, molhando o lábio inferior.

A postura de Emilien vacila por um mísero segundo. Não sei se ele não sabe do que estou falando e foi pego de surpresa ou se sabe exatamente do que estou falando e está incomodado com o rumo do assunto. De qualquer maneira, nunca foi minha intenção me intrometer ou deixá-lo desconfortável.

Mas desde que teve alta do hospital e foi levada pelos familiares, não tive mais notícias dela. Étienne disse que Dupont banca as despesas dos cuidados com ela, é claro que o homem sabe algo a respeito da mulher.

— *Désolé* — peço, sentindo-me um estúpido por tocar no assunto sem saber se era ético da minha parte ou não. — Você não sabia…

— Do aborto? — me interrompe, meio rígido, mas não ríspido. —

Sabia, claro. Ela… — Sua voz falha um segundo e precisa pigarrear para conseguir terminar sua frase. — É minha melhor amiga. Eu sabia, sim. Só estou surpreso de que você a conheça.

Abro um pequeno sorriso e desvio o olhar para meus pés por um segundo.

— É. Mundo pequeno, não acha? Não sabia que vocês eram amigos até Étienne mencionar seu interesse na pesquisa dele. Acha que isso pode ajudar a reverter as sequelas dela, não é?

— *Oui* — diz, também suspirando. — Tenho interesse particular na pesquisa do seu irmão. Se há uma mínima chance de dar uma vida melhor a Désirée, quero me arriscar.

— Como ela está?

Seus olhos se abatem por um segundo, sua postura de derrota durando alguns segundos.

— Bem, na medida do possível. Obrigado por perguntar.

— Da próxima vez que a vir, pode mandar cumprimentos meus a ela?

Emil sorri, de um jeito fúnebre e limitado, e concorda. Ele está abrindo a boca para me dizer alguma coisa, mas para no meio do caminho, seus olhos fixos por sobre meus ombros. Toda sua postura abatida e os olhos tristes vão embora e um sorriso mais sincero se manifesta nos seus lábios.

Olho para trás e reconheço a mulher negra que conversa com a recepcionista e tenta passar por ela. Os olhos de Marie encontram os de Emil, e ela acena freneticamente para ele. A recepcionista olha para trás, Dupont assente, como se permitindo a entrada dela. A mulher se aproxima de nós, animadamente, cumprimentando algumas pessoas no caminho.

— Marie não sabe sobre Désirée — diz, rapidamente, com um tom meio tenso, e eu volto minha atenção para ele. — Poucas pessoas sabem, na verdade. Gostaria que não mencionasse nada com ela a respeito da minha amiga. É algo particular demais para compartilhar com uma mulher que só dorme vez ou outra na minha cama, entende?

Não tenho tempo de concordar, porque a essa altura Marie já nos alcançou e está tomando os lábios dele em um beijo que indica que ela é mais do que apenas uma mulher que dorme vez ou outra na cama dele. Pode até ser casual a relação dos dois, que não haja nada além de sexo e amizade, mas está mais do que na cara que estão apaixonados um pelo outro. Não sei por que não se assumem.

Marie finalmente me vê e me cumprimenta, do seu jeito espalhafatoso e invasivo, dando-me um abraço apertado e me chamando de “meu *gineco* favorito”. Conversamos por uns dois minutos, a mulher explicando a Emilien que conseguiu voltar de uma viagem de trabalho a tempo de vir lhe fazer companhia. É nesse instante que descubro que Dupont convidou Juliette

porque inicialmente a jornalista não poderia vir. Ela procura pela minha namorada ao redor e, ao encontrá-la, diz que vai cumprimentá-la.

— Alguma novidade sobre Antony? — pergunto.

Emil se vira para mim.

— Não. Infelizmente. Soube que Ann-Marie fez um boletim de ocorrência hoje e procurou um advogado. Ela pediu o divórcio dias atrás, o homem não reagiu muito bem e a agrediu — informa, passando a mão pelos cabelos. — Está com Bernardo, no apartamento dele, em segurança. Talvez agora, depois da agressão,

consigamos alguma coisa.

Sinto uma raiva esquisita subir pela minha espinha. Nunca fui dado a violência, e mesmo quando soube o que ele fizera a Juliette e me senti na obrigação de tirar qualquer satisfação ou dar uns socos no desgraçado, fui contido pelo pedido dela. Contudo, no lugar de Emil, sendo chantageado de ter seu passado exposto, e Bernardo, que tem sua integridade e a integridade da mulher que ama ameaçadas, já teria feito qualquer merda. Mesmo que isso me custasse caro.

— Espero que sim. Tenho tanta raiva dele, Emilien, pelo que fez a Julie… — digo, sem nem perceber que dou detalhes demais e ainda a chamei pelo apelido.

O homem me olha com atenção e curiosidade, inclinando levemente a cabeça. Eu me dou conta da bobagem que fiz e estou prestes a dizer alguma coisa, tentar consertar meu deslize, mas ele toma a palavra primeiro:

— Vocês estão juntos. — Não é uma pergunta.

Nem posso negar. Digo que sim e comento meio por cima sobre nossa relação, que apenas aconteceu, e peço discrição porque meus superiores ainda não sabem.

— Ela é uma boa moça — diz, olhando na direção dela. Juliette está um pouco mais distraída agora, conversando com Marie e a mulher de antes.

— Merece alguém bom como você, Laurent — completa, dando-me um aperto amigável no ombro.

Emil se retira em seguida, indo em direção às moças. Cochicha algo no ouvido de Marie, que abana em positivo, se despede das duas e o

acompanha para fora do local. Desejo fazer o mesmo com Juliette, mas preciso me conter. Os olhos dela, de repente, encontram os meus, e nesse momento encontro uma brecha. Maneio a cabeça levemente, indicando um corredor logo atrás de mim. Saio em seguida e a espero por uns três minutos.

Ela surge a passos cautelosos e para a meio metro de mim. Inspeciono por cima do seu ombro, abro uma porta depois de me certificar que estamos sozinhos e entro, ela vindo em seguida. Acendo a luz, e o local revela um almoxarifado.

— Pierre… — começa.

Estou sim com raiva, magoado e entristecido por ela ter vindo sem me avisar.

— Não. Nada de “Pierre” — digo, com um suspiro exasperado. Não quero discutir porque nem o momento, nem o local são apropriados para isso.

Só quero uma conversa civilizada. — Decidiu vir no mesmo evento que eu e nem pensou só por um segundo em me avisar, Juliette?

Ela brinca, meio desconcertada, com o tecido do vestido, enrolando-o no indicador.

— Por que deveria? Se você soubesse que eu vinha, não teria trazido sua amiga? — dispara, a voz saindo embargada, as lágrimas acumulando nos seus olhos.

Mordo o lábio inferior, movendo a cabeça de um lado a outro. Não sei por que ainda me surpreendo que ela esteja vendo coisa onde não tem, tirando suas próprias conclusões.

— Não tem nada entre mim e Alizée — esclareço, embora não devesse.

Juliette não diz nada. Uma lágrima solitária escapa do seu olho e escorre pela sua bochecha levemente vermelha. Eu me aproximo, capturando-a com o polegar, e analiso toda a expressão de dor no seu rosto.

— Só queria que você me explicasse — diz, baixo, quase inaudível, afastando-se um passo de mim. — Não gosto de me sentir assim, Pierre, desconfiada de você, mas eu… não consigo evitar. E você não ajuda! Em vez de me dizer quem ela é, por que marcaram um encontro, prefere alimentar minhas paranoias e inseguranças.

— Não percebe? — murmuro, aproximando-me de novo dela. Juliette abraça o próprio corpo, como um escudo, e ergue os olhos para mim. — O

problema não é eu me explicar. São suas acusações infundadas, o modo como insinua que estou te enganando. Não gosto disso e não vou me explicar enquanto continuar se comportando dessa maneira, me acusando antes de pedir uma explicação.

Minha namorada se afasta de mim de novo, cortando nosso contato visual, olhos virados para baixo.

— Me acompanha na consulta? — pergunta, molhando o lábio diversas vezes e se negando a me olhar. — Não quero ser a versão feminina do Antony, Pierre. Ele também me sufocava e estou me comportando igual.

Não quero isso, não quero me comportar igual a ele. Nunca fui possessiva assim e não entendo por que estou refletindo esse comportamento. Acho que uma especialista pode me ajudar a entender essa confusão dentro de mim.

Minha namorada finalmente me olha, o brilho castanho das suas íris intensificado pelas lágrimas acumuladas. Tomo-a em meus braços enquanto a ouço dizer que não quer me magoar, nem me sufocar com ciúme descabido, tampouco me perder. Ela me aperta contra seu corpo, ligeiramente desesperada, caindo em um pranto emotivo. Acaricio seus cabelos e beijo seu rosto, dizendo que tudo bem, eu a acompanho a uma consulta.

Julie se afasta, limpa as lágrimas, sorri um pouco e me beija, profundamente. Torna a me abraçar e ficamos um tempo assim. Parece uma eternidade, mas acredito que não deve ser mais do que um minuto.

— Pode me indicar para outro médico? — pede, pegando-me de surpresa. — Não quero… te prejudicar.

Ela pede, mas sinto uma hesitação na sua voz. Juliette pede, mas não está convicta disso. Sinto na sua voz, na sua postura, como me olha. É um pedido difícil para ela. Sorrio um pouco, afago seu rosto.

— É isso mesmo o que você quer?

Há um instante de silêncio entre nós. Vagarosamente, ela balança a cabeça em negativo.

— Não. Mas é o certo a se fazer, Pierre. Já nos arriscamos demais.

Não quero abrir mão de você como médico e, acredite, te pedir isso é uma



das coisas mais difíceis que já fiz na vida. Dói de um jeito que não sei explicar, mas sei que é o certo.

Nesse momento, sei que deveria concordar com ela. Era o que queria desde o começo, não só para não me comprometer, mas porque nunca quis esconder nosso relacionamento. Agora seria o momento, embora, mesmo que a indicasse para outro médico, ainda sofreria uma consequência ou outra.

Uma advertência, suspensão. Algo assim. Suspiro, porque parece que sou eu que não quero abrir mão disso agora. Luto contra todos os meus desejos e racionalizo nesse momento.

— Tudo bem. Na próxima semana, vemos isso, pode ser? — digo, tomando seus lábios nos meus de forma singela.

Juliette me dá um sorriso pequeno, entristecido, e esconde o rosto contra a curva do meu pescoço.

Foi uma decisão difícil, mas necessária.

— Agora que nos entendemos — diz, o rosto ainda escondido contra meu pescoço —, pode me dizer quem é aquela mulher?

Desfaço nosso abraço e acaricio seu rosto. Explico quem Alizée é, esclareço a situação da cantina no outro dia, por que a trouxe para o evento e sobre a mensagem em que “marcamos” um encontro. Nunca me importei em esclarecer uma situação que pudesse gerar mal-entendidos entre nós, o que estava me desagradando eram as acusações; era ela me acusar primeiro e querer uma explicação depois. Por experiência própria sei que isso não é saudável. Talvez uma vez ou outra seja inevitável porque somos falhos, mas não é bom quando isso se torna um comportamento padrão. Demorei a notar em Francine essas mesmas atitudes. Isso me desgastou mentalmente, faliu nosso relacionamento e fez com que eu fosse embora. Não quero viver isso tudo de novo e é por esse

motivo que não estou cedendo. Já cedi demais no meu último namoro e, em vez de ter paz, só gerou mais conflitos, porque nenhuma explicação é boa o bastante, porque sempre estou mentindo, ou

traindo, ou enganando, ou sendo um babaca.

— Estamos entendidos agora? — pergunto, assim que termino de me explicar.

Ela balança a cabeça em positivo.

— Podia ter me explicado antes, evitado essa confusão entre nós.

Suspiro, deixando um selinho nos seus lábios.

— Não me importo de me explicar, Juliette. Não gosto das acusações.

Entende?

— Entendo. Mas você precisa entender que eu… estou cheia de hormônios, Pierre, e que tive uma experiência ruim com aquele traste do Antony.

— Francine vivia dizendo o mesmo — digo, exasperando. — Que teve relações ruins, que era natural que ficasse desconfiada de mim, mesmo nunca tendo me comportado igual os outros namorados dela. Você acha que dou sinais igual o Antony? — pergunto, afastando-me um passo.

Ela nega, rapidamente.

— Não. Mas não gosto quando você some, ignora minhas mensagens, me deixa às escuras, alimenta minhas paranoias e desconfianças. Como quando seu sobrinho foi atropelado, ou ontem, quando insistiu que eu contasse o que estava me incomodando e, quando contei, você simplesmente me ignorou e praticamente me expulsou da sua sala.

Nem sei como recebo essas palavras. Só sei que dói. Fui estúpido e sei disso agora. Mas na hora, fiquei com raiva e magoado com a insinuação dela. Realmente não vi sua mensagem e não fiz por mal em não a responder.

Não estava me engraçando com outra mulher, mas Juliette me acusou disso.

Naquele momento, fiquei aborrecido e preferi que não discutíssemos aquele assunto no meu ambiente de trabalho. Principalmente porque meus horários estavam todos atrasados. Não ia deixar minhas pacientes esperando enquanto discutia a relação. Tudo bem que poderia ter dito a ela ao menos que não era o local para discutirmos e que íamos conversar mais tarde ao invés de ter agido com frieza e indiferença. Na hora da raiva, agi sem pensar. Ela não pode me crucificar por isso.

— *Pardon* — peço, apertando-a contra mim. — Não parei para pensar nisso. Sobre meu sumiço quando Édouard foi atropelado, já expliquei o que houve — digo, afastando-me e a encarando nos olhos. — E ontem… fiquei entristecido, Julie. Não era o local apropriado para falarmos do assunto e estava com meus horários todos apertados. Não justifica ter sido um babaca, me desculpe. Prometo tomar cuidado com esse meu comportamento daqui por diante.

Juliette me dá um sorriso pequeno e concorda. Toma-me em outro abraço de novo, reforçando que vai marcar uma consulta com sua psicóloga e que quer que eu vá junto.

— Vou voltar para lá agora — diz, apoiando a mão sobre a barriga.

— Antes que sintam nossa falta e desconfiem.

— Vá na frente. Vou dar uns minutos e logo vou atrás — digo, puxando-a para mim e colocando a mão sobre seu abdômen. Sinto Valentin mexer e sorrio com a sensação. É boa e sinto uma conexão diferente com ele.

Não sei explicar, só sei que já amo esse garoto antes mesmo de conhecê-lo, mesmo que não seja meu filho.

Juliette se despede uma última vez antes de ir.

Espero dar uns três minutos para voltar para a confraternização. Meu telefone toca quando falta um minuto para o fim do tempo que me dei Não reconheço o número na tela e me pergunto quem diabos está me ligando às nove da noite de um sábado. Atendo e a voz do outro lado me é estranha.

— Monsieur *Pierre Laurent?*

— *Oui, c’est moi* — confirmo, tentando me lembrar se conheço essa voz

masculina. Não preciso de muito esforço. Ele se apresenta logo em seguida, causando-me um sentimento de raiva quase instantaneamente.

— *Sou Roger Moreau, oficial de justiça.*

— Oficial de justiça? — indago, trincando o maxilar. Só consigo pensar que isso é coisa da Francine. Só pode ser. Não tem outra explicação.

— *Desculpe pelo horário.* — Não, não desculpo. — *Estive no seu endereço mais cedo, duas vezes, e não encontrei o senhor nas duas vezes.*

Gostaria de informar que há uma audiência marcada para terça-feira, às

quinze horas, para tratarmos sobre a custódia de Édouard Olivier Laurent.

Quero xingar. Quero mesmo mandar esse oficialzinho para a puta que o pariu. Só não faço isso porque o homem está apenas trabalhando. Se tem alguém que preciso soltar os cães em cima é em Francine. Ela quem começou essa porra toda e está me infernizando. Sabia que essa mulher estava quieta demais para o meu gosto. Étienne comentou comigo, em particular, outro dia, que o responsável pelo caso do sumiço de Jeaninne entrou em contato com o resultado da triangulação do sinal daquela maldita ligação. A área é grande e abrange parte do bairro onde Perrot mora. Ele me disse que acredita que é só uma coincidência terrível, e acabei concordando, porque é impensável para mim que a mulher tenha passado um trote dessa magnitude só para desestabilizar meu irmão e provocar qualquer mal ao meu sobrinho. Contudo, começo a repensar nessa possibilidade. Se tudo o que ela quer é a guarda definitiva de Édouard, para me atingir, me manipular, me chantagear, ou seja lá por quais motivos esteja me perturbando dessa maneira, seria de se esperar que fizesse qualquer coisa para provar que nenhum de nós dois têm condições de cuidar do menino. Inclusive passar um trote desses para deixar Étienne sem estrutura.

— *Precisa comparecer no horário, com seu advogado.*

Mordo com toda força o interior da minha bochecha. Chego a sentir o gosto ocre do sangue. Mas que inferno!

— *Merci* — agradeço e desligo em seguida.

Deixo o almoxarifado, meio fora de controle, minha visão turva de raiva. Para

minha sorte, ou não, encontro Francine. Um sentimento ainda pior sobe por toda a minha espinha quando a vejo de conversinha com Juliette.

Não duvido nada que esteja plantando dúvidas na cabeça dela. Eu me aproximo e a puxo pelo braço, com força, fazendo-a se assustar.

— Que porra você pensa que está fazendo? — questiono, entre os dentes, fechando os dedos no seu braço quase de forma inconsciente.

— Pierre, você está me machucando — protesta, tentando se soltar de mim.

Aperto-a mais e, meio fora de mim, dou um único solavanco na mulher.

— Você só pode estar ficando louca se acha que vai conseguir tirar meu sobrinho de mim — digo, um pouco mais alto que o normal.

Ela reclama de novo, diz que estou a machucando e chamando atenção de todos ao redor. Pisco duas vezes e olho à nossa volta, constatando que realmente somos o centro das atenções nesse momento. *Merde*. Étienne me encara sem entender nada e se aproxima, querendo saber do que é que estou falando. Eu a solto, praguejando-me por ter perdido o controle. Meu irmão agora sabe e isso só vai gerar mais confusão.

Massageio as têmporas, ignorando a voz dele me pedindo uma explicação, perguntando a Francine que história é essa de tirar Édouard de mim. Quando abro os olhos e os ergo para dizer que sua querida parceria de pesquisa quer mesmo é me tirar a custódia do menino, finalmente me dou conta de Juliette aqui, olhando-me como se não me reconhecesse. Ela gira nos calcanhares e caminha para longe. Vou atrás dela, desvencilhando-me de Étienne que tenta me segurar, e a pego pelos punhos.

— Aqui não — pede, com a voz baixa, embargada, os olhos cheios de lágrimas. — As pessoas estão olhando.

— Juliette… — Tento, sabendo que está fazendo mau julgamento de mim. Mas que merda, perdi o controle uma *única vez* e agora ela acha que sou a porra de um homem descontrolado. — Eu não…

— Aqui não, Pierre — reforça, voltando a caminhar até Emilien, que está na sua mesa, junto com Marie, assistindo à cena que se desenrola. Ela troca algumas

palavras com ele. Seus olhos azuis vêm aos meus e se sustentam por um segundo antes de abanar a cabeça, dizer algo à sua companheira e sair com minha namorada.

Ele vai levá-la para casa.

Engulo em seco e me viro, vendo Étienne e Francine em uma pequena discussão, ele a arrastando para um canto mais reservado. Inspiro fundo e vou atrás deles, embora eu quisesse mesmo ir atrás da minha namorada.

Ótima maneira de terminar a noite.

AMEAÇA

JULIETTE

Rolo na cama e bato a mão no criado-mudo, tateando em busca do meu telefone que grita escandalosamente, avisando-me que segunda-feira chegou e é hora de me levantar e ir para o trabalho.

Não quero ir para o trabalho.

Pierre tem escala essa semana lá e ainda não estou preparada para encará-lo. Não depois de sábado à noite, da cena agressiva que vi dele contra Francine. Nunca o vi descontrolado daquela maneira e não sei se não o conheço como gostaria ou se foi só um momento de acesso de raiva que qualquer pessoa teria em uma ocasião ou outra. De qualquer maneira, sua atitude me incomodou, ativou um gatilho dentro de mim, levando-me às lembranças de Antony me agredindo verbal e fisicamente.

Assim que Emilien me deixou em casa e eu estava na segurança do interior dessas paredes, caí no sofá e chorei. Com toda força. Por minutos seguidos. As lembranças dolorosas daquele ataque tão vivas na minha mente.

Presenciar a atitude raivosa do meu namorado, vê-lo falar grosso com Francine e chacoalhá-la daquela maneira desencadeou um sentimento ruim que até então vinha sufocando. Não sei bem como consegui bloquear todas as minhas emoções nos últimos quase seis meses desde o ataque de Antony, mas a verdade é que minhas reações ao trauma foram bem poucas. Não me lembro de nenhum episódio de ataque de pânico ou qualquer coisa do tipo.

Muito por isso parei com minhas consultas na psicóloga. Estou bem, mesmo que, às vezes, tenha esses momentos de vulnerabilidade onde as lembranças retornam e me permito sentir.

Desligo o alarme e vejo que tem duas mensagens não lidas. São de Pierre. Ele me mandou uma de madrugada e outra meia hora atrás.

“Podemos conversar?”

É o que diz nas duas mensagens. As anteriores, de sábado à noite e domingo à tarde são o mesmo pedido. Ignorei a primeira, a segunda respondi apenas dizendo que precisava ficar sozinha, o que era mentira porque só de pensar em ficar sozinha senti um pânico incontrolável e tive que ligar para Adrien. Ele passou o domingo todo comigo o quanto pôde, revezando-se entre me fazer companhia e atender os chamados do patrão.

Levanto-me e vou tomar um banho. Enrolada na toalha, quando pego no telefone de novo. Tem uma nova mensagem.

“Justo me ignorar, fiz o mesmo com você umas duas vezes. Agora sei como é horrível ficar sem notícias suas, saber que você viu minha mensagem e não me respondeu. Meu deus, é terrível. Por que não me deu um soco na cara nas vezes em que fiz isso com você, *mon amour*?”

Rio e fico meio boba com o vocativo no final. Ele é mais dado de me chamar de “meu coração” do que de “meu amor”. Respondo apenas com um emoji rindo. Termino de me preparar e vou tomar meu café da manhã.

“Podemos?”

O homem insiste. Suspiro e decido respondê-lo.

“Tudo bem. Hoje depois que eu encerrar meu expediente. Vem aqui em casa.”

“Combinado”.

Não o respondo mais e termino de me alimentar. Na pia, junto toda a pouca louça que sujei e sigo até a estação do metrô. Tem uma mulher comendo um delicioso *macaron* e, de repente, Valentin inventa que quer.



Aquele desejo incontrolável tão comum na gestação. Tive algumas vontades, nada exagerado, e esse deve ser meu quarto ou quinto desejo. Enquanto o trem me leva até meu destino, engulo meu orgulho e envio uma última mensagem para Pierre:

“Desejo de grávida. *Macarons.* Pode comprar para mim e levar lá em casa quando for? Te pago assim que chegar. Eu mesma compraria, mas já estou no metrô e acabei de ver uma mulher comendo. Valentin quer porque quer.”

Ele responde com um emoji chorando de rir e:

“Compro. *Bisous.*”

O dia passa e quase não sinto. Gustave me atolou de trabalho. Tive que dar conta do meu e do dele porque o homem estava resolvendo não sei o que com o diretor da clínica e ficou a manhã toda ausente. Faço uma pausa rápida para o almoço e logo volto porque é isso ou não vou encerrar meu expediente no horário. Assim que entro no escritório, deparo-me com a caixinha de guloseimas sobre minha mesa, com uma fita dourada delicada amarrando a embalagem e um bilhete escrito a punho.

“Não ia deixar uma grávida com desejos esperar até o final do dia.

Faça bom proveito. Pierre”.

Sorrio nesse instante, desfazendo o laço, e como um bolinho, saboreando bem devagar o doce. Envio uma mensagem agradecendo e reafirmando que vou reembolsar o valor assim que nos virmos mais tarde. Ele não responde. Confesso que fico meio aborrecida, reconhecendo o padrão

dele de simplesmente sumir, mas trato de não me afligir com isso. Volto ao meu trabalho e, na companhia da caixa de doces, organizo tudo o que preciso.

Estou finalizando um último relatório quando Gustave surge. Sua postura está completamente diferente da que costumo ver. O homem parece esbaforido, meio tenso. Ele para de frente à minha mesa e força um sorriso.

Olho no relógio por cima do seu ombro. Quatro horas. Apenas uma hora para o fim do meu expediente.

— Vou te dispensar mais cedo, Juliette — diz.

Enrugo o cenho, não compreendendo nada.

— O que houve? — pergunto.

— Nada demais. Vi que você tem algumas horas acumuladas. Pode sair mais cedo hoje.

Outra vez, fico confusa com sua colocação. Não, eu não tenho hora acumulada na casa. Sei disso porque lido com os pontos e contabilizo as jornadas de trabalho. Inclusive as minhas. Se tenho extras, é coisa pouca, mas não chega a ser mais de uma hora. Tento argumentar, mas Legrand apenas começa a juntar minhas coisas e a dizer para eu ir embora e aproveitar para descansar.

— Está bem. — Rendo-me, levantando-me e pegando minhas coisas.

Vinte minutos depois, já estou no metrô, de volta para casa, sem entender nada do que aconteceu. A viagem dura cerca de uma hora. Desço na minha estação e caminho até minha casa, revirando a bolsa atrás da caixinha de *macaron.* No percurso, pego meu telefone para mandar uma mensagem para Adrien, querendo saber dele. Noto algumas chamadas perdidas dele, de alguns minutos atrás, que não ouvi porque meu sistema está no mudo. Reparo também em algumas ligações de Pierre. Cinco, no total. Um senso de alerta grita dentro de mim. Os dois me ligaram em horários próximos, mais de uma vez, ligações seguidas de outras, o que indica urgência. *Mon Dieu*, o que aconteceu?

Já parada frente à minha porta, pego minhas chaves rapidamente e enfio na fechadura, enquanto seguro o telefone com os ombros, retornando a chamada do meu primo. Contudo, sinto uma pegada firme no meu braço, girando-me e me fazendo perder o equilíbrio. Meu celular espatifa no chão, a

bateria escapando e quicando pelo concreto.

— Olá, *chérie* — ele me cumprimenta com toda naturalidade e, de repente, sinto como se tivesse perdido a firmeza das pernas. Antony me analisa de cima a baixo, o sorriso meio cínico estampado nos lábios, os olhos fixando-se por um momento longo demais na minha barriga gestacional. —

O bastardo está quase nascendo — diz e corrige-se em seguida: — Ou seria bastarda?

Eu não tenho reação nenhum por muitos segundos, sentindo apenas uma compressão forte no peito, meus olhos queimando pelas lágrimas, um sentimento de pânico e medo ameaçando vir à superfície. Seus dedos se fecham com mais força em torno do meu braço, seu sorriso maldoso aumentando à medida que vê o efeito negativo que causa em mim.

— Calma, amor. Não vou te fazer nada — pede, tentando me abraçar.

Eu o afasto, repelindo-o como se fosse um inseto asqueroso, mas Leclerc me traz de volta, segurando-me com mais brutalidade, seus olhos faiscando de raiva.

— O que quer comigo, Antony? — esbravejo entre soluços e lágrimas. — Me deixa em paz!

Sua face se transforma, os contornos do seu rosto tomando traços bestiais. Raiva chispa dos seus olhos castanhos e se materializa no modo como me aperta cada vez mais forte. Antes que possa processar seu movimento, a mão forte dele está na minha boca, calando meus protestos. Ele me ameaça, diz para que não faça escândalo ou verei do que realmente é capaz.

Tenho a sensação de que começo a hiperventilar, mas me obrigo a ficar calma, mais pelo meu filho do que por mim. Antony avisa que vai tirar a mão da minha boca, mas se eu der um grito ,vou me arrepender. Abano a cabeça em positivo, lágrimas rolando pelos meus olhos. O homem cumpre sua promessa enquanto me diz para engolir o choro e parar de drama. Esforço para isso e é uma das coisas mais difíceis que já fiz na vida.

Cubro meu corpo, como se para proteger a mim e a Valentin dele, e recuo um passo, mas Antony torna a me segurar e a me trazer para ele.

— Só uma pergunta, Juliette — murmura, tentando me trazer para seu

abraço. — Há quanto tempo sabe que Ann-Marie trepa com Dousseau?

Arregalo os olhos, surpresa que tenha descoberto. Não faço ideia de como descobriu sobre o caso da esposa com outro homem e sinceramente não me interessa saber, porque, de repente, estou com medo. Muito medo. Medo por mim, por Bernardo e por Ann-Marie. Se Antony descobriu as traições da mulher, com toda certeza não vai deixar barato. A integridade do meu ex-patrão e da mulher que ele ama está em risco por causa desse maluco.

— O quê? — sussurro de volta, sentindo o gosto salgado de uma lágrima remanescente descendo até meus lábios. — Eu não sabia de nada, Antony, juro por Deus! — minto, como uma forma de me preservar.

Ele me encara por longos segundos, o aperto em torno do meu braço aumentando.

— Mentira. Você sabia. Ele era a porra do seu chefe e estava trepando com minha esposa, na porra do *meu escritório!* — o homem grita, completamente descontrolado, dando-me solavancos. — Ele só atravessava a rua para comer a minha mulher, Juliette. Duvido muito que você nem mesmo desconfiasse.

Balanço a cabeça em negativo, freneticamente, a ansiedade, o pânico, o medo e todo trauma que Antony me causa socando forte no meu peito.

Tento me concentrar, em ficar bem, mentalmente falando, em não desabar, em gritar na cara dele para me deixar em paz, dizer que merecia os chifres, que nunca teve moral para cobrar fidelidade da esposa. Quero ser forte o bastante para empurrá-lo, esbofeteá-lo, gritar e pedir socorro. Mas não consigo nada disso porque estou simplesmente travada, só podendo receber as chacoalhadas dele enquanto grita comigo, acusando-me de mentirosa, perguntando desde quando sabia e por que nunca disse nada.

Súbito, a pegada se desfaz, e Antony está longe de mim. Ergo os olhos no momento que ouço Pierre bradar:

— Não toca na minha mulher!

Ele dá outro empurrão em Antony, que não tira o sorriso cínico por nada. Pierre coloca-se na minha frente, como um escudo, protegendo-me.

Confesso que, nesse instante, parte da dor no meu coração, parte do pânico e do medo vão embora.

— *"Minha mulher"* — Antony debocha, procurando pelo meu olhar.

— Olha só, você não perdeu tempo, não é? Tratou logo de arrumar um macho para sustentar você e sua cria.

Pierre dá um passo à frente e, de repente, sua mão está no colarinho de Leclerc, pegando-o com toda sua força. O deboche deixa o rosto dele, dando lugar à cólera e ao ódio.

— Fica longe dela — Pierre avisa, maxilar trincado, todo seu corpo retesado.

— Ou o quê? — Antony o desafia.

Encosto-me contra a porta de entrada, ainda amedrontada o suficiente para não ter reação nenhuma, nem mesmo puxar Pierre para longe desse homem que pode fazê-lo mal.

— Mato você — meu namorado pronuncia.

Sua voz firme e convicta envia uma onda estranha pelo meu corpo. As palavras que diz, tão determinadas, parecem-me mais do que só uma ameaça da boca para fora. Não sei se Pierre teria mesmo coragem de tirar a vida de uma pessoa, mas diante dele agora, vendo toda sua postura, a raiva que exala dele, só parece haver uma resposta certa: sim, ele teria coragem de matar Antony. Pensando nisso, consigo dar um passo à frente e tocá-lo nas costas, pedindo para que se afaste. Mas ele não me escuta. Não sei se não falo alto o bastante ou se me ignora.

— Deveria tomar cuidado com suas ameaças — Leclerc retruca, sem mover um músculo fora do lugar, nem revidar a pegada de Pierre. — Sou do tipo com sangue frio o bastante para cumprir, e você só me parece inflado de raiva porque mexi com a vadiazinha da sua namorada.

Pierre o gira com toda sua força, e eu sobressalto para o lado no mesmo instante que Antony é prensado contra a parede externa da minha sala.

— Não tenho medo de você, Antony. Pode intimidar sua esposa, pode ter Bernardo na palma da mão, pondo em risco a integridade deles, pode conseguir

manipular o Emilien ameaçando expor seu passado, mas você não me conhece. Nem mesmo sabe meu nome. Não há nada que possa usar para me atingir. Então, não, não tenho medo de você. — Pierre o desencosta da

parede e o joga para longe da minha casa. — Fica longe da minha mulher. Se ousar ameaçá-la de novo, considere-se um homem morto.

Pierre vem para perto de mim outra vez, ficando na minha frente.

Antony o encara um segundo a mais, com um olhar repleto de fúria e promessas de vinganças, porque sei que é isso o que ele vai fazer, se vingar, antes de girar nos calcanhares e partir.

Mal vejo meu namorado juntando meu celular espalhado pelo chão e vindo até mim, pegando minha bolsa, atrás das chaves e me levando para dentro. Meu corpo treme levemente quando Pierre me acomoda no sofá. Ele some por um segundo e retorna com um copo com água, ajudando-me a beber, pedindo-me para ficar calma. Escondo meu rosto no peito dele. O

calor do seu corpo e o cheiro da sua pele, aos poucos, vão me acalmando.

— Está tudo bem agora — murmura contra meu ouvido, acariciando meus cabelos. — Antony não vai mais te perturbar.

Leva algum tempo até que esteja mais calma. Ergo meus olhos aos dele e colo nossas bocas, sentindo uma saudade insólita e súbita. Horas atrás, estava aborrecida, ignorando-o, mas agora surge uma necessidade urgente dele. Eu o quero tanto. Nem me importo com a conversa que teríamos. Monto nos seus quadris, trazendo-o mais para mim, querendo dissipar o restante do medo e do pavor, que ainda estão me atormentando fazendo amor com ele.

Mas Pierre me afasta. Ele me nega. Quando o olho, vejo dor nas suas íris azuis. A expressão no rosto não é de preocupação, é dor. Tem algo mais.

Alguma coisa aconteceu.

— Pierre…

Ele engole em seco e seus olhos marejam. Só o vi chorar uma vez na vida e foi quando perdeu uma paciente. O homem pisca, as lágrimas rolando pelo seu rosto

marcado. Seguro seu rosto com as duas mãos, tentando entender o que está acontecendo. Penso que tem a ver com o sobrinho.

Francine conseguiu a custódia do menino? Tento beijá-lo de novo, mas novamente sou repelida. Ele me tira do seu colo e se levanta.

— Juliette — diz, e meu nome sai embargado na sua voz. Parece que tem toda a dor do mundo nos seus olhos nesse momento. Ele engole em seco e mais lágrimas rolam pelo seu rosto quando pronuncia: — Precisamos terminar.

ÀS CLARAS

PIERRE

Étienne não fala comigo desde sábado à noite. É compreensível sua raiva porque eu deveria tê-lo alertado sobre as intenções de Francine, mas ele poderia tentar ao menos compreender um pouco o meu lado. Tudo o que quis foi privá-lo de qualquer dor de cabeça com aquela mulher.

A confraternização da sua pesquisa acabou da pior forma possível.

Meu irmão e Francine discutiram, eu discuti com Francine, Étienne discutiu comigo. Até teve acusação de Perrot ter se passado pela mulher dele naquela ligação para exatamente conseguir desestabilizá-lo e usar suas negligências contra ele. A mulher negou, como era de se esperar, mas a essa altura, com a merda de uma audiência marcada, ficou difícil dar qualquer credibilidade à palavra dela. Foi uma droga. O homem deixou o hospital repleto de fúria, dizendo-me que era para ficar longe do filho dele, como se eu fosse a porra de um pedófilo.

Fiquei ainda mais desesperado quando cheguei em casa, horas depois, e ele não estava lá, em parte alguma. Nem ele, nem meu sobrinho. Tudo o que passou pela minha cabeça foi que meu irmão havia pegado o menino e sumido no mundo. Liguei uma porção de vezes no seu telefone e ele só atendeu na décima segunda tentativa, rosnando que era para parar de atormentá-lo. Quis saber onde estava e me informou que estava num quarto de hotel e precisava de um tempo sozinho, longe de mim, porque ainda sentia muita raiva.

— Não sou negligente dessa maneira — falou, contrariado, quando suspirei aliviado e disse que achei que ele tinha sumido com o garoto.

Foi a última vez que nos falamos. Ele voltou para casa no domingo, depois de umas trocentas mensagens minhas, pedindo para que voltasse porque, como a guarda era minha, e ele, teoricamente, não estava em condições de cuidar do menino, isso poderia piorar nossa situação e ajudar

Francine a ganhar a causa, além de ele poder ser acusado de sequestro.

Sequestro do próprio filho.

Meu Deus, como foi que minha vida deu essa reviravolta?

Étienne voltou, mas me ignora tanto quanto pode. Como se não bastasse, Juliette também está sem falar comigo, ignorando minhas mensagens. Ela acha que sou a porra de um homem descontrolado porque viu *uma* cena em que meio que perdi a cabeça com Francine. Apertei-a com um pouco mais de força e lhe dei um único solavanco, coisa que me arrependi logo depois, e, um segundo antes da nossa discussão, me desculpei.

Desculpas que ela ignorou.

Confiro meu celular de novo, enquanto Michéle prepara uma paciente, em busca de qualquer outra mensagem dela. A última foi me pedindo para comprar *macarons* quando fosse em sua casa para conversarmos. Coisa que fiz antes, no meu intervalo para o almoço.

Não há nada.

Só espero que ela me perdoe por ter agido como um ogro e acredite de que não sou violento. Perdi a paciência com Francine pela primeira vez e sei que não justifica dizer que estava farto dela e das suas investidas. Não só com essa maldita história de me tirar a custódia de Édouard, mas como tudo o que vivi no meu relacionamento com ela. Achei que teria um pouco de paz quando rompemos, mas não foi o que de fato aconteceu.

Inferno.

Suspiro e deixo meu celular de lado quando minha assistente me chama, dizendo que a paciente já está pronta para o exame. Despeço-me dela com um aperto de mão assim que finalizamos a consulta e a acompanho até a porta. Gustave está do outro lado, como se me esperando, e abre um sorriso nervoso.

— Doutor Laurent, pode vir comigo, por favor? — pede, em tom extremamente formal.

Enrugo o cenho, estranhando seu pedido, e olho por cima do seu ombro, vendo a sala cheia de mulheres para serem atendidas.

— Gustave, tenho um monte de pacientes aqui. Tem que ser agora?

Ele pigarreia um instante.

— Sim. Já falei com a recepcionista e chamei o doutor Collet para cobrir você. Ele está vindo para cá, e suas pacientes estão cientes e de acordo em serem atendidas por ele hoje.

Sinto urgência na sua voz e não vejo alternativa a não ser ceder e acompanhá-lo. Ele caminha rapidamente por entre corredores da clínica até pararmos frente à porta da diretoria. Eu o olho, interrogativamente, estranhando que tenha me trazido aqui. O que diabos o diretor quer comigo?

Gustave bate na porta e abre, pedindo licença e me dando espaço primeiro. Assim que entro na sala espaçosa, branca e bem-arejada, a primeira pessoa que vejo me faz juntar mais as sobrancelhas, confuso com sua presença. O doutor Guillot é da psicologia. Ele está em pé, atrás da mesa, junto do diretor da clínica, doutor Vasseur, que é a segunda pessoa que vejo quando entro.

A terceira pessoa no ambiente que cruza na frente dos meus olhos —

confortavelmente sentada na poltrona disposta na mesa do escritório — faz tudo ficar às claras. Ela veio aqui e me delatou. Contou que estou me envolvendo com uma paciente. O motivo dessa reunião fica óbvio. Francine não presta. Seguro a raiva nos meus punhos e termino de entrar, tentando manter a calma e ignorando a presença da minha ex-namorada insuportável.

— Mandei te chamar, Laurent — Vasseur diz, abotoando uma casa do seu jaleco. — Porque temos um assunto de extrema delicadeza para tratarmos.

Lanço um olhar para Francine por um segundo antes de voltar minha atenção ao diretor e forçar um sorriso. Jardel aponta para a cadeira ao lado de Perrot, mas recuso, preferindo me manter em pé. Vasseur coloca os óculos no rosto e dou outra olhada em Guillot, sem entender a presença dele. Gustave fica logo atrás;

quase consigo sentir a tensão que emana dele.

— Você está se envolvendo com uma paciente — diz, sem rodeios.

Não é uma pergunta. É uma afirmação.

Nem estou surpreso. Por um instante não sei o que dizer. Não posso negar, não vou dizer o famigerado “posso explicar” e ficar calado não é uma boa ideia. Então, não me resta opção a não ser confirmar.

— *Oui*. Sei que é contra as regras e…

— É *antiético*, doutor Laurent — o diretor me interrompe. Nem posso ficar desgostoso com sua interrupção porque ele está certo. — Ainda mais nas circunstâncias da senhorita Gautier.

Sinceramente, não entendo sua colocação, mas suponho que esteja se referindo à gravidez. Coisa que nunca realmente me importei. Tento expor isso, mas sou outra vez interrompido, Vasseur me dizendo que o fato de ela estar grávida de outro homem é o que menos importa no momento. Se “as circunstâncias da senhorita Gautier” não é sobre sua gravidez, de que diabos ele está falando, afinal?

— Não bastasse se envolver com uma paciente, você agravou sua situação com isso — alega, girando o notebook sobre sua mesa na minha direção.

Meu corpo trava assim que vejo o vídeo pausado. Reconheço o local, as vestimentas, o que estávamos fazendo, mesmo que a imagem em questão não mostre nada de obsceno. Sinto meu coração entalado na garganta. Por que tem a porra de uma câmera de vídeo no meu consultório? Pisco diversas vezes, agora realmente sem palavras. Não tenho o que dizer. Só aceitar que vou ser demitido.

— Sinto muito. — É tudo o que posso dizer no momento.

Vasseur suspira, retira os óculos e aperta os olhos.

— Vou ter que te demitir — anuncia, mas já esperava por isso.

— Tudo bem — digo, engolindo em seco. Estudo Francine outra vez, com um monte de perguntas na cabeça, e depois torno a olhar para o psicólogo que não

disse uma palavra até o momento, também sem compreender qual sua função aqui. — É justo. Mas Juliette… Gostaria que não a penalizasse. Pode mantê-la no emprego? — pergunto, virando-me para Gustave logo atrás de mim. Ele não responde nem que sim nem que não porque não tem poder nenhum nesse momento.

— Isso será analisado depois — Jardel responde. — O que precisamos nos concentrar no momento aqui, Laurent, é esse seu envolvimento descabido com a senhorita Gautier. Você sabe que pode ter sua licença cassada se for indiciado por estupro de vulnerável?

Recebo isso como se tivesse sido atingido por um tiro. Estupro de vulnerável? De onde foi que tirou um absurdo desses? Nunca forcei Julie a qualquer coisa. Tudo entre nós sempre, *sempre* foi consensual. Arfo por um segundo sem quase nem perceber, atônito com suas palavras. Não respondo nada e nem tenho tempo porque ele dá *play* no vídeo pausado. Juliette e eu estamos conversando, é o momento em que está insegura em transarmos no consultório.

— Está bem claro que ela não quer fazer isso — o diretor pronuncia, com uma calma que me deixa ansioso. — Mas você conversa, diz algo para ela, você a coage ao sexo, Laurent. Sabe que isso é estupro.

— Meu Deus, não! — protesto imediatamente. A porra do vídeo não tem som, então ele está apenas *supondo* o que aconteceu. — Não coagi ninguém a nada. Pelo contrário. Estava dizendo exatamente que se não estivesse se sentindo confortável, íamos parar — explico, meio desesperado.

— E por que raios tem uma câmera de vigilância no meu consultório?

Gustave dá um passo à frente depois de um comando de Jardel.

— O pessoal do sistema de segurança notou uma movimentação estranha em algumas ocasiões nos últimos dois meses. O alarme era desativado fora de hora, algo muito incomum. Aconteceu umas duas vezes.

Isso foi relatado ao diretor, que pediu para a equipe responsável averiguar o que estava acontecendo.

Fecho os olhos, sentindo toda culpa nos meus ombros. As vezes que ele mencionou foi quando eu trouxe Juliette para um ultrassom, logo depois da

ameaça do aborto, tarde da noite, só para tranquilizá-la porque seu próximo exame ia demorar, e o baile privativo. Também tarde da noite.

— Analisaram imagens do estacionamento — continua, e só agora me recordo das câmeras do local. A clínica é localizada num local muito seguro, por isso a vigilância com câmeras ocorre só no lado externo. — As duas vezes que o alarme foi desativado, seu carro estava estacionado lá. Numa delas até viram você descer com a Juliette. Além de termos identificado seu cartão de acesso na entrada. Também nas duas vezes.

— Eu desconfiei — Vasseur prossegue —, mas não disse nada a ninguém. Mandei instalar a câmera no seu consultório para saber o que exatamente você vinha fazer tarde da noite aqui com uma mulher *grávida*.

Investiguei, descobri que é sua paciente, você a atendeu no Necker com sinais de agressão física. Temos outras gravações que mostram interação entre vocês muito além da médico-paciente. Demoramos algum tempo para te abordamos para analisarmos melhor essa relação entre vocês.

Dou uma risada meio histérica. Fui tão descuidado. Só noto isso agora. Passei parte do meu relacionamento com Juliette preocupado em sermos descobertos, amedrontado que sua recusa de procurar outro obstetra nos comprometesse, mas aceitei mesmo assim, porque estava cego. Eu me envolvi demais a ponto de não agir direito, de ser cegado pelos meus sentimentos e não medir nem um pouco das consequências. No final, nossa relação amorosa veio à tona e a culpa nem foi dela. Foi minha, que insisti em realizar a maldita fantasia. Que a trouxe para cá fora de hora, sem pensar que isso ia sim chamar a atenção da central de segurança. Não raciocinei direito porque estava envolvido demais. É por esse motivo que médico e paciente não podem ter um relacionamento amoroso.

— Tudo bem — concordo, suspirando em seguida, ainda sem compreender boa parte dessa conversa. — Assumo essas “invasões” e assumo que foram erros da minha parte, imperdoáveis. Mas me acusar de estupro? Meu Deus, *monsieur* Vasseur, pergunte a Juliette, nunca a forcei ou a coagi a qualquer coisa. Nossa relação é completamente consensual.

— Mas ela tem condições de consentir alguma coisa, Pierre? —

Francine se pronuncia pela primeira vez, virando-se para mim. —

Psicologicamente falando? — completa, deixando-me ainda mais confuso.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, ao invés de responder sua pergunta absurda, porque já entendi que ela não me delatou. Toda culpa foi minha. Então não entendo sua presença.

— Fui médica dela também, se esqueceu? O doutor Jardel Vasseur me ligou assim que puxou a ficha dela e conversamos sobre o caso. Ela é uma paciente em estado vulnerável, sabe disso, não é? Ou ao menos deveria saber.

Quando Francine diz que Juliette é uma paciente em “estado vulnerável”, começo a compreender o rumo dessa conversa. Parece que minha mente clareia de uma hora para outra, e meus olhos se abrem como se, até segundos atrás, estivesse com uma venda neles. Pestanejo, absorvendo

toda a informação, a revelação diante de mim. Como não pensei nisso antes?

— Doutor Laurent — a voz agora é de Guillot —, você diz que a relação sexual entre vocês foi consensual, mas a questão que a doutora Perrot bem colocou é: ela tinha condições psicológicas de consentir qualquer coisa?

Ela é uma mulher grávida, que foi covardemente espancada, muito provavelmente sofreu violência doméstica, e isso causaria um trauma, mesmo que pequeno, nela.

— Resumindo, depois desse episódio, Juliette dificilmente ia querer ver um homem estranho perto dela, interagir com ele, se *envolver com ele*, mas a moça fez exatamente isso com você, Pierre. O médico, o homem que, na cabecinha dela, salvou sua vida e a do seu bebê — Francine finaliza.

Dói em mim a constatação que estão fazendo e eu, como médico de Juliette, deveria ter percebido. Os sinais. Os malditos sinais. Ela deu pequenos e sutis sinais que não percebi. Porque estava envolvido demais, cego demais. É por isso que paciente e médico não se relacionam amorosamente!

— Ela me endeusa — constato, por fim, sentindo um nó na minha garganta. — Juliette criou um vínculo forte comigo porque cuidei dela e do bebê. Porque, teoricamente, salvei a vida dos dois — murmuro, desviando os olhos para baixo, sentindo a dor prensar o meu peito.

— *Oui,* doutor Laurent — Jardel suspira, sentando-se na sua cadeira.

— Você não estranhou nem por um segundo o fato de ela não ter tido reações ao trauma? Crises de pânico, medo de ficar sozinha, pesadelos, medo de homens estranhos?

Meus olhos enchem de lágrimas à medida que compreendo tudo o que estão me dizendo. O que Juliette sente por mim não é real. É um vínculo forte, criado do trauma, onde ela me vê como a figura que salvou sua vida, a vida do seu bebê. O que ela sente é gratidão, admiração, endeusamento, mas não é real. É onde compreendo quando me perguntam se ela tinha mesmo condições de consentir sexo comigo. E a resposta é que eu não sei.

Sinceramente, não sei. Deixei que minha paixão e o meu amor por Juliette obstruíssem meu julgamento, minha razão, e tudo me levou aqui. Levou-me a me relacionar amorosa e sexualmente com uma paciente que nunca esteve bem psicologicamente para consentir sexo comigo.

Meu Deus, o que foi que eu fiz?

— Ela bloqueou as emoções — o psicólogo prossegue, mas não preciso mais que me explique. Já compreendi tudo. Até mesmo o seu comportamento abusivo, o ciúme exagerado, as desconfianças e inseguranças têm a ver com o trauma. E eu não notei! — Foi o modo como encontrou para lidar com ocorrido, mas isso não significa que ela não sentia nada. Ela bloqueou as emoções e refletiu isso em outros comportamentos.

Balanço a cabeça em positivo, já sabendo disso.

— Eu quis indicá-la para outro médico — digo, segurando as lágrimas. Não acredito que fodi com tudo. Com tudo. — Juliette não quis.

Chegou a reagir muito mal com a sugestão.

— Se ela tem uma visão endeusada de você, se você é a figura que a salvou e que, diferente do que a agrediu, a acolheu, cuidou dela, é uma reação comum ela não confiar em mais ninguém e resistir a abrir mão da relação médico-paciente — Francine intervém, e me vejo concordando com seu argumento. — É tudo reflexo do trauma, Pierre. A mente humana é complexa demais, mas *você*, como médico, com aptidão psicológica melhor do que a dela, deveria ter se mantido

firme na sua decisão de indicá-la para outro obstetra. É como uma criança que quer uma faca. Mesmo que faça birra e chore, você sabe que não pode dar a ela porque vai se machucar. Com Juliette, com uma moça em estado vulnerável, deveria ter feito o mesmo.

Não preciso de mais nada. Já entendi tudo o que querem me dizer. E

odeio concordar que têm razão. Agora sei que, inclusive, o fato de ela reproduzir comportamentos tóxicos depois de ter vivido um relacionamento assim, depois de ter sido agredida de forma covarde, é parte do reflexo do seu trauma, intensificado pelos hormônios da gravidez, e que é normal. Ela teve um relacionamento de merda. É natural que tenha medo de perder o relacionamento bom que temos e que suas atitudes reproduzam um comportamento abusivo. Não só fui descuidado em não ver esses sinais como alimentei suas paranoias e inseguranças, forçando-a a confiar em mim, baseando-me nas minhas próprias experiências ruins. O meu coração dói como nunca doeu em uma vida toda com o tamanho da besteira que cometi.

— Precisa se afastar dessa moça, Laurent — Jardel diz, trazendo-me de volta à realidade. — Nenhum de nós aqui sabe como ela está lidando com

o trauma e nem o quão grande é o vínculo de admiração com você. Precisa dar um basta nessa relação.

Abano a cabeça em positivo, concordando.

— Se ama mesmo Juliette — Francine suspira, levantando-se e ficando de frente para mim — tem que terminar com ela, convencê-la a uma ajuda psicológica.

— Eu sei — digo, engolindo minhas lágrimas. — Mas precisam acreditar em mim. Nunca me aproveitaria da vulnerabilidade dela, jamais abusaria dela ou de qualquer mulher. Jamais me aproveitaria de uma paciente que não está bem psicologicamente para coagir a sexo, pelo amor de Deus.

Errei me envolvendo com Juliette, mas não me aproveitei dela ou do seu estado psicológico. Em momento nenhum.

Jardel suspira e sai de trás da sua mesa, vindo em minha direção. Ele aperta meus ombros, de forma amável e amigável. Ele me conhece. Trabalho aqui há tempo o suficiente para esse homem conhecer minha índole.

— Laurent, vamos tratar esse caso com todo cuidado possível, está bem? Mas por ora, vai se afastar dessa moça e vai se afastar das suas funções aqui e no Necker-Enfants Malades até apurarmos tudo.

Concordo, ainda sentindo todo o arrependimento socar no meu peito, dolorido com a perspectiva de ter que deixá-la. Eu a amo. Não tive oportunidade de dizer porque só agora, ao pensar no mal que posso ter causado nela, em pensar que tenho que deixá-la, percebo que a amo. E, Deus, vai ser uma conversa tão difícil, mas tão difícil.

— Gustave — Vasseur diz, olhando por cima do meu ombro —, dispense a senhorita Gautier mais cedo. Invente alguma desculpa, mas mande-a para casa. — Ele se volta para mim, puxando-me pela gola do jaleco, mas não de um jeito ríspido. — Espere um tempo e vá conversar com ela. Seja franco, Laurent, exponha o que conversamos aqui. Afaste-se dela por um tempo até resolvermos essa questão.

É o inferno na Terra para mim, mas acato a sua ordem, pensando no bem da única pessoa que me importa nesse momento.

Juliette.

TÉRMINO

PIERRE

Deixo a clínica assim que nossa reunião termina. É definitivo que serei afastado das minhas funções, dos meus dois empregos, e não posso culpar ninguém mais por isso a não ser a mim mesmo. Francine estava com a razão quando disse que o poder de escolha em indicá-la para outro ginecologista era minha, não de Juliette. Mas me deixei me levar pelos meus sentimentos, ceguei meus julgamentos, coisa que tinha dito a Étienne que não estava fazendo.

Suspiro quando estaciono o carro numa vaga que encontro na avenida e tiro o telefone do bolso, encarando a tela por um minuto inteiro antes de discar o número de Adrien. Minha conversa com Julie não será fácil e preciso dele para estar lá pela prima quando contar os motivos do nosso rompimento.

Sei que ela vai precisar. Faço isso também porque não quero parecer um babaca insensível. Quero conversar com ele, explicar os motivos que estão me forçando

a esse término para que não faça nenhum mau julgamento. Não por mim, mas porque eu realmente o considero demais um amigo meu e não desejo nenhuma desavença gratuita entre nós.

Para minha sorte, Adrien está no seu apartamento, aproveitando um dia de folga. Apresso-me para ir encontrá-lo e chego quinze minutos depois.

Ele me recebe vestido muito informalmente. Calça moletom, cabelos desgrenhados, usando uma camisa preta escrito “Movido a café”. Acomodo-me em uma cadeira enquanto ele me oferece algo para beber. Aceito cafeína.

— Você está estranho — comenta, servindo duas xícaras e arrastando uma na minha direção. Adrien se senta de frente para mim, estudando-me com curiosidade. — O que foi que aconteceu?

Com um nó entalado na garganta, conto tudo. Falo da minha reunião mais cedo, do sexo no consultório, da questão de ela ser uma paciente em estado vulnerável e que, muito provavelmente, o que ela sente por mim não é

real. É um envolvimento emocional forte, como se fosse uma ligação, um reflexo do trauma que sofreu.

— Fui descuidado, Adrien — confesso, envergonhado, olhando para minha xícara agora vazia. — Me envolvi tanto que nem reparei nos sinais de que ela não está bem. É por isso que preciso me afastar, ao menos por um tempo. Não queria ter que magoá-la, mas sei que irremediavelmente é o que vai acontecer.

Levanto meus olhos em sua direção, e ele está calado. Permanece assim por dois ou três segundos antes de suspirar e balançar a cabeça em positivo.

— Juro que nunca foi minha intenção me aproveitar dela. Deus, jamais seria capaz de algo tão hediondo — digo, meio desesperado de que ele ache que sou um babaca de merda.

— Acredito em você. Um cara que quisesse só se aproveitar dela não teria tido a preocupação de vir até aqui me explicar isso tudo. Sei que é um bom homem, Pierre. — Alívio percorre todo meu corpo e consigo sorrir um pouco, mas não menos nervoso. Ainda vou precisar dizer tudo isso a Juliette.

— Não se preocupe, assim que tiverem essa conversa, vou até minha prima.

Vá na frente, vou me arrumar, dar um tempo para que conversem com calma, e logo chego.

Agradeço sua ajuda e compreensão, e me levanto, prestes a ir até Julie e romper nosso namoro. Dói na minha alma, mas preciso fazer o que é certo no momento. Adrien me acompanha até a porta. Busco pelas horas. Quinze para as cinco. Ela deve estar quase chegando em casa, considerando que Gustave a dispensou às quatro e a viagem de metrô dura cerca de uma hora. É

o tempo exato para eu chegar lá e encontrá-la. Estamos nos despedindo quando o telefone dele toca. Deixo-o atendendo seu telefonema e caminho em direção ao meu carro. Mal desço dois andares quando Bourdieu me alcança, gritando por mim, alarmado.

— O que foi? — indago, assustado com sua urgência.

— Antony — diz, as narinas inflando. — Uma vizinha me ligou e me avisou que o desgraçado tem umas duas horas que está rodeando a casa de Juliette. Se ela está prestes a chegar…

Não preciso que termine de dizer. Uma raiva descomunal sobe pela minha coluna.

— Ligue para ela — digo, apertando o passo. — Avisa pra Julie ficar longe de casa e me esperar na estação do metrô.

Ele abana em positivo e corre de volta para o apartamento. Acelero pelas ruas, desejando que a distância entre o apartamento de Adrien, no 17º

arrondissement de Paris, e a casa de Juliette, na comuna de Montreuil, não fosse tão longe. Minutos depois, meu telefone toca, identificando o número de Adrien na tela. Atendo e coloco no viva-voz.

— *Juliette não atende* — informa, e sinto um soco de desespero bater no meu peito. — *Liguei para a vizinha dela, a senhora Clement, e ela me disse que ainda não a viu chegar.*

— Continue tentando. Vou fazer o mesmo.

Durante os próximos vinte minutos, tento me comunicar com Julie, mas a

mulher não atende o celular. O desespero começa a tomar conta do meu corpo e enfio o pé com mais força no acelerador, nem me preocupando com as multas que vou tomar. Quando finalmente chego, a imagem que se desenrola me deixa tão possesso que nem me vejo estacionando de qualquer maneira no meio-fio. Puxo Antony de cima de Juliette e sinceramente não sei como me seguro para não o esmurrar aqui mesmo. Depois que o expulso e Julie está na segurança da sua casa, mais calma e tentando consumar sexo comigo, preciso afastá-la de mim, dizer por que vim.

— Pierre… — Ela tenta me chamar de volta quando nota que a nego.

Nunca a neguei, mas preciso fazer isso agora.

Meu coração dói em ter que deixá-la. Dói a ponto de meus olhos marejarem. A iminência de ter que deixá-la, somado ao fato de que fui um imbecil descuidado que pode ter fodido com tudo, me machuca e força as lágrimas em mim. Engolindo em seco, consigo dizer, por fim:

— Juliette, precisamos terminar.

Nesse momento, ela me olha como se não me reconhecesse e seu rosto expressa confusão só por um segundo. Ela se levanta do meu colo, afastando-se de mim, rodeando o corpo com os braços como se fosse uma

forma de se proteger. Vejo a tristeza se apossar dos seus olhos.

— Terminar? — questiona.

Também me levanto, indo na sua direção. Seguro-a pelos dois braços, fazendo-a olhar para mim.

— Pelo menos por um tempo — esclareço. Nem sei como começar a explicar essa situação toda.

A verdade é que também tenho medo. Se ela tem essa ligação forte comigo, que está confundindo com outro sentimento, afastar-me não pode piorar sua situação? Deixá-la não pode desencadear reações piores? Não estou mais seguro que romper nossa relação seja a melhor solução.

— Por quê? — Quer saber, soltando-se da minha pegada. — Está apaixonado por outra mulher? É o fato de eu estar grávida de outro homem e não poder lidar com isso? Se enjoou de mim? Pierre, me diz por que quer terminar comigo — pede, seu corpo tremendo em leves espasmos.

Tomo-a em meus braços, enfiando o rosto na curva do seu pescoço.

Ela não resiste e se encaixa com facilidade no meu abraço.

— Não é nada disso, Juliette — esclareço.

Levo-a até o sofá de novo, beijando seus lábios. Engulo em seco e faço um segundo de silêncio, preparando as palavras para começar a dizer tudo que preciso. Juliette me pressiona, questionando-me os motivos de querer terminar, se tem relação com Francine ou meu sobrinho. Balanço a cabeça em negativo, pensando que agora, Perrot tem mais munição contra mim para conseguir a guarda do menino. Se resolver citar essa maldita história de me envolver com uma paciente, se decidir alegar que abusei e me aproveitei de uma paciente em estado vulnerável, porra, estou fodido de vez e vou perder a custódia de Édouard.

Tomando uma dose de coragem, começo a dizer tudo o que preciso.

Ela fica emudecida enquanto me escuta pelos próximos dez minutos. Tento explicar da forma mais clara possível o porquê de estarmos rompendo, as suas reações ao trauma, como isso está funcionando na sua cabeça, refletindo no seu comportamento. Ao final, uma lágrima desce pelos seus olhos e ela segura minha mão, apertando-me, como se pudesse me manter aqui, sem me deixar ir

embora. Mas eu preciso.

— Isso é bobagem, Pierre — nega, tentando me trazer para ela. — O

que está dizendo é absurdo. Acha mesmo que eu não te am…

— Não — interrompo-a, antes que diga. Fecho os olhos, apertando-os com toda força. Não vou conseguir ouvi-la dizer isso. Pelo menos não agora.

— Não diz isso, Juliette. Se disser, vai me quebrar em tantos pedaços que não serei capaz de juntar tudo de novo.

Ela se cala e desvia os olhos de mim, não terminando sua frase.

— Acha mesmo que tudo o que sinto por você é uma ilusão, que não é real?

Balanço a cabeça em negativo.

— Acho que o que você sente por mim não é o que você pensa que é

— explico. — Por isso precisamos de um tempo, entende? Para distinguir seus sentimentos, separar o joio do trigo. — Abaixo o olhar para nossos dedos entrelaçados e aperto mais os seus contra os meus. — Para você ter certeza de que todo esse sentimento aí não é só uma admiração, ou gratidão, que não é só reflexo do que você sofreu nas mãos daquele traste.

— Não quero que você vá, Pierre — choraminga, escondendo o rosto contra meu peito.

— Também não queria ir, *chérie*, mas preciso. Estou fazendo pelo seu próprio bem, você entende? Por favor, diz que me entende e que vamos dar esse tempo, que vai voltar a se consultar com sua psicóloga.

Ela maneia a cabeça em positivo, seu rosto ainda escondido no meu tórax. Acaricio seus cabelos e ficamos um tempo assim, em silêncio, aproveitando os últimos minutos que temos juntos, em uma despedida silenciosa e dolorosa.

— Desculpe ter te prejudicado — murmura, instantes depois, arrastando o nariz contra meu pescoço. Suspiro, praguejando-me por meu corpo reagir ao dela com tanta facilidade. — Nunca quis que fosse afastado das suas funções. Fui tão

egoísta. Se tivesse te deixado me indicar para outro médico…

— Não foi culpa sua, já te expliquei — digo, afastando-a de mim.

— Mesmo assim, não consigo deixar de me sentir estúpida e culpada.



Por que fui falar daquela maldita fantasia? É culpa minha, Pierre — sussurra, deixando as lágrimas descerem pelo seu rosto.

Limpo-as com o polegar e deixo um beijo singelo no canto da sua boca.

— Não é. Não tem que se torturar com isso agora, Julie. Já está passando por coisas demais.

Juliette me abraça de novo antes de a porta dela se abrir e trazer Adrien para dentro. Ele permanece no umbral por um segundo, sua prima ainda envolvida no meu abraço, no nosso último instante de despedida.

— Quando conseguir distinguir seus sentimentos e tiver certeza de que… — "Me ama". — Gosta de mim de verdade, pode me procurar. Vou esperar você. O tempo que for preciso — murmuro no seu ouvido e depois encontro seus olhos. — Caso constate que tudo não passou apenas de um reflexo do seu trauma, que não é real tudo o que sentiu por mim, quero que me diga, que seja franca comigo. E que seja feliz. Você e Valentin — digo, rodeando seu abdômen e o beijando em seguida.

Juliette se joga contra mim uma última vez e soluça contra meus ombros. Faço um pequeno esforço para me separar dela, me levantar e ir embora. Do lado de fora, encostado na porta, permito que as lágrimas venham enquanto ouço Juliette dizer a Adrien que tem certeza de que me ama e que está doendo.

Duas coisas que também sinto.

Não tenho estrutura para ir para casa já, então me isolo na primeira *brasserie* que encontro. Ignoro qualquer bebida alcoólica e afogo minhas mágoas em refrigerante por uma hora. Talvez um pouco mais. Adrien me manda uma mensagem. Na medida do possível, ela está bem. Foi uma conversa difícil, mas mais fácil do que imaginei. Achei mesmo que ela fosse resistir muito, talvez até fazer escândalo, mas fico ao menos aliviado que Juliette compreendeu meus motivos e compreendeu que precisa retornar suas

consultas com a psicóloga. Acho que o fato de ter sido demitido ajudou um pouco. Ela se sentiu culpada com isso — embora não tenha responsabilidade nenhuma —, o que a ajudou a aceitar melhor nosso término.

A partir de hoje não vou vê-la mais. Nosso contato será cortado em absoluto. Nenhuma ligação, ou mensagem, ou visitas. Nada. Preciso me afastar definitivamente até toda essa merda ser resolvida, até eu saber que rumo vai tomar minha carreira depois dos erros que cometi. Não quero nem pensar em ter minha licença cassada por “estupro de vulnerável”. Meu Deus, não. Fecho os olhos com toda força, tentando não pensar nisso agora. Um passo de cada vez. Tempo ao tempo.

Faço meu caminho para casa outra vez e respondo a mensagem de Adrien, por fim, parado frente ao apartamento do meu irmão.

“Cuida bem dela por mim.”

Abro a porta e, um segundo depois, Édouard está enrolado nas minhas pernas, abraçando-me com todo seu carinho e inocência.

— Seu amigo está aqui — diz, assim que o pego no colo.

Franzo o cenho, sem entender de quem ele está falando.

— Que amigo, Doudou? — indago.

Não preciso que me responda. Étienne vem da cozinha, conversando alguma coisa sobre sua pesquisa ao lado de Antony. Meu corpo congela na mesma hora e coloco Édouard no chão, pondo-o atrás de mim, como se para defendê-lo. O homem me olha com um sorriso malditamente cínico, e cada célula do meu corpo vibra para avançar, agarrá-lo pelo colarinho e enchê-lo de socos.

— Pierre! — exclama, animado, como se de fato me conhecesse, como se fôssemos mesmo amigos.

Então, entendo sua presença. Horas atrás, disse que ele não sabia nada a meu respeito, nem tinha nada para me ameaçar. Agora, ele tem. Deve ter ido atrás de informações e descoberto tudo o que precisava. Diabos.

— Bom ver você. Como está Juliette?

Minhas narinas inflam de raiva e, descontrolado, avanço apartamento adentro e o puxo pela gola da sua camisa branca. Étienne se assusta com a

minha reação e pergunta o que está acontecendo.

— Sai da minha casa agora mesmo — exijo, jogando-o até a porta.

Antony sorri, daquele seu jeito diabólico. Ele dá um passo à frente, e meu corpo todo esquenta de raiva. Só quero socar esse maldito até virá-lo do avesso.

— Parece que agora tenho todas as informações que precisava sobre você — murmura contra meu ouvido. — Que terrível seria se, por acaso, seu sobrinho ou seu irmão aparecessem mortos um dia desses.

Empurro-o com toda força na mesma hora e já estou avançando sobre esse maldito quando meu irmão me contém, perguntando o que diabos está acontecendo comigo.

— Sai da minha casa! — esbravejo, tentando me livrar da pegada de Étienne.

— Adeus, doutor Laurent — diz, antes de partir.

Meu irmão finalmente me solta e me vira para ele, repetindo seus questionamentos. Minha cabeça dói, não tenho ânimo ou psicológico para uma conversa nesse momento. Afasto-me um passo e viro-me para Édouard que acompanhou a cena, e me encara com seus olhinhos assustados e arregalados. Confiro seu corpinho e pergunto se está bem. O menino acena em positivo. Volto-me para Étienne.

— Vai me explicar o que está acontecendo, Pierre? — pergunta, cruzando os braços, olhar preocupado sobre mim.

Inspiro fundo.

— Agora não. Só mantenha aquele homem longe. Ele não é meu amigo, Étienne.

Antes que possa me exigir qualquer outra explicação, vou me refugiar no meu quarto.

AUSÊNCIA

JULIETTE

— Levanta! — Adrien exclama, abrindo as cortinas do meu quarto.

A claridade atinge meus olhos, incomodando-me. Viro na cama, ficando de costas para a janela e puxando a coberta por cima da minha cabeça. Não quero me levantar. Não quero ter que encarar mais um dia. Só quero ficar aqui, enroladinha nas cobertas, sentindo Valentin pular dentro de mim, e me forçar a acreditar que todas as lembranças que avançam sobre minha mente são apenas frutos de um sonho ruim.

Nego-me a acreditar que na minha realidade, agora, Pierre está ausente. Machuca só de pensar e toda a minha vontade, reprimida sabe-se lá Deus como, é de ir atrás dele, de implorar para que volte para mim, dizer que não posso viver sem ele. É aí que mora o problema. Nunca me vi tão dependente de alguém como estou dele. Mesmo quando Antony me manipulava, mesmo quando estávamos juntos, não havia essa dependência exagerada de carinho, atenção, amor. Nunca tive carência emocional por ninguém. Leclerc brincava comigo como bem entendesse, é verdade, mas nunca cheguei a pensar em “não sei viver sem esse homem”. Mas com Pierre, minha dependência emocional me levou a agir de forma egoísta, resistindo a abrir mão da nossa relação médico-paciente porque nunca me senti confortável e confiante em me consultar com outro profissional. Essa dependência, também, me levou a agir de forma descabida, histérica, explosiva, a reproduzir comportamentos tóxicos, os mesmos comportamentos que Antony exercia sobre mim, sufocando-me, e que tanto repudiei.

Nunca consegui entender a minha necessidade repentina por Pierre, ou conseguir fazer meu pré-natal com outro obstetra, nem ser capaz de confiar em mais ninguém a não ser nele para acompanhar minha gestação.

Doía só de pensar em me afastar e me batia um medo primitivo e insensato de não o ter mais como profissional cuidando da minha gestação, como se

ninguém mais fosse suficientemente capaz disso. Os ciúmes, justificava para mim mesma que era apenas receio de perdê-lo, porque ele era bom para mim e tínhamos um relacionamento incrível, tão diferente da toxidade que estava inserida com Antony.

Sozinha,

jamais

suporia

que

todos

esses

sentimentos

e

comportamentos são reflexos do meu trauma, reflexos daquele dia que tento semana após semana me esquecer e que por um tempo consegui. Embora tenha tido um pesadelo ou outro, ter ficado paranoica com a segurança da casa e com coisas do dia a dia que, antes desse fatídico episódio, jamais me incomodariam (como a minha campainha tocar e ficar amedrontada de que fosse *ele* do outro lado da porta), não tive nenhuma outra reação a esse choque. Ataques de pânico, ansiedade, medo de homens estranhos, sensação de ser seguida. Nada. Ou pelo menos assim eu pensava, e por esse motivo só me consultei três ou quatro vezes com a psicóloga e depois parei.

Parei porque acreditei que estava bem. Mas não estava. Depois de ouvir tudo o que Pierre me disse, por um instante achei que era bobagem da sua parte, que eu não estava emocionalmente ligada a ele, nem dependente porque criei uma visão endeusada. Contudo, conforme pacientemente me explicava como a minha mente traumatizada estava lidando com tudo o que aconteceu, admiti que fazia sentido porque simplesmente não me reconhecia nas minhas ações.

Apesar disto, não queria que fosse embora, mesmo notando uma dependência doentia, mesmo tendo ciência de que todos os meus sentimentos por Pierre podem ser apenas uma confusão da minha mente, da ligação e do endeusamento que criei porque, na minha cabeça, ele foi a figura que me ajudou, salvou minha vida, cuidou do meu bebê. Entretanto, eu o deixei ir.

Por ele, eu o deixei ir, porque já o prejudiquei demais e não queria mais comprometê-lo.

— Quero dormir, Adrien — resmungo, encolhendo-me um pouco mais.

Meu primo puxa a coberta de mim. Protesto, tentando trazê-la de volta, mas não consigo. Ele me puxa pelos pés, arrastando-me pela cama, e, num momento de descontração, me permito rir um pouco.

— Vamos, levanta dessa cama. São dez da manhã, vou preparar algo

para você comer. Além disso, consegui um encaixe com sua psicóloga para hoje. Às treze. Então, levanta.

Vencida pela sua insistência, sento-me na cama, encostando-me à cabeceira, e coço os olhos, despertando aos poucos. Só agora me dou conta de que perdi o horário para ir ao trabalho. Gustave deve estar puto da vida comigo. Pego meu telefone e confiro se tem alguma ligação ou mensagem dele. Nada. Decido escrever algo, desculpando-me pela minha ausência e justificando que não estou muito bem para ir ao trabalho hoje, o que é verdade. Sinto uma melancolia estranha avançar sobre mim e odeio só imaginar em pôr os pés naquela clínica e constatar que Pierre não está mais trabalhando lá por minha culpa.

Sou uma idiota.

Dedos grossos secam lágrimas que descem sem nem que eu perceba.

Ergo os olhos, deparando-me com Adrien mais perto de mim, uma mão na minha barriga e outra no meu rosto.

— Se ele perder a licença médica — digo, escondendo o rosto contra seu ombro — nunca vou me perdoar, Dri.

Meu primo afaga meus cabelos, encaixando meu corpo nos seus braços grandes,

apertando-me levemente contra si.

— Não pensa assim, Juliette. Vai dar tudo certo, está bem? Você nunca teve culpa de nada.

Não respondo, ainda refugiada no seu ombro, tentando convencer a mim mesma que ele tem razão. Como posso me culpar pelos meus sentimentos e comportamentos se não estou bem? Se nunca estive bem? Se não passa de uma condição criada pela minha mente para que meu psicológico pudesse lidar com a agressão de um homem que amei, que confiei e acreditei nele, que fez um filho em mim? Se isso tudo é só o meu mecanismo de defesa para não colapsar de vez? Não quero me responsabilizar por Pierre estar prejudicado nesse momento, podendo ser acusado de estupro de vulnerável, mas não consigo afastar a culpa do meu coração.

Talvez se eu não tivesse parado com minhas consultas, se tivesse dado uma chance para minha psicóloga notar que estava bloqueando minhas

emoções e as refletindo em outros comportamentos, se tivesse notado os sinais de que meu comportamento não era o habitual de mim, talvez ele não estivesse sendo prejudicado nesse momento.

Meus pensamentos são interrompidos quando meu celular apita sobre o criado-mudo. É uma mensagem de Legrand respondendo a minha.

“Tire o tempo que precisar. Imagino que não está sendo fácil. Se cuida”.

Sorrio pequeno diante das palavras na tela do meu telefone e o afasto para longe de mim, tomando uma decisão súbita. Vou me demitir. Vou agradecer imensamente Gustave pela oportunidade que me deu, mas vou me demitir. Primeiro, porque não vou conseguir trabalhar naquele lugar sabendo que Pierre foi afastado por minha causa, que algumas pessoas sabem que transamos naquele consultório, incluindo Legrand. Jamais vou olhá-lo de novo sem sentir uma onda de vergonha se apossar do meu rosto. Segundo, porque acredito que preciso de um tempo para mim, um tempo que não tive desde tudo, um tempo para cuidar da minha saúde mental como deveria estar fazendo há tempos, para aprender a lidar com meu trauma da forma correta, em vez de, inconscientemente, suprimi-lo.

— Podemos ir até a cafeteria de Dousseau? — pergunto para Adrien, colocando

as pernas para fora da cama, finalmente. — Quero saber como Ann-Marie está depois que aquele traste a agrediu. A gente aproveita e toma um café por lá. Pode ser?

Um sorriso grandioso e bonito corta o rosto do meu primo, que abana a cabeça e diz que vai me dar espaço para me trocar. Escolho um vestido azul e sapatilhas. Em dez minutos estou pronta, e em mais vinte chegamos ao *Avenue Coffee*. Dou uma olhada para trás antes de entrar, na galeria que pertence a Leclerc, e engulo em seco, tentando ignorar a aflição repentina no meu peito. Adrien circunda minha cintura e me olha atentamente, passando-me segurança. Sorrio e empurro as folhas duplas da cafeteria. Assim que entro, sinto uma atmosfera diferente. Não sei se é meu sexto sentido dizendo que alguma coisa não está bem ou se isso é só uma reação minha depois de pisar aqui pela primeira vez desde o ataque de Antony.

A garota que foi minha subgerente contorna o balcão e vem me recepcionar assim que me vê. Toma-me em um abraço não muito apertado e, enquanto retribuo ao gesto, dou uma olhada no local. Está como sempre esteve, mesma decoração, mesma disposição dos móveis, relativamente vazio para o meio da semana às onze da manhã, o que é bastante normal. Ouço-a exclamar sobre minha barriga de seis meses e como o tempo passou rápido.

Abano a cabeça em positivo, tendo que concordar. Parece que foi ontem que descobri que seria mãe e agora falta pouco tempo para Valentin nascer.

— Bernardo está? — pergunto, depois que jogamos um minuto de conversa fora sobre minha gestação e de eu apresentá-la a Adrien.

Os olhos dela se abatem de repente, logo após a minha menção a Dousseau. Por algum motivo, consigo sentir que tem alguma coisa de errado.

— Você não soube? — indaga com um murmuro. — Ele está no hospital. Foi baleado pelo *monsieur* Leclerc essa madrugada. Parece que estava tendo um caso com a esposa dele e o homem descobriu.

Sinto minhas pernas bambearem. Os braços de Adrien me amparam enquanto ainda processo o que ouvi. Lágrimas vêm aos meus olhos e meu coração entala na garganta. Minha voz balbucia em um “como ele está?” e a resposta que obtenho é a coisa mais desagradável do mundo. Nada bem.

Estável, mas nada bem. Meu primo me leva até uma das mesas e puxa uma cadeira para mim. Fico letárgica por alguns segundos, horrorizada que Antony tenha tentando matar Bernardo. Sinceramente, não sei por que me surpreendo, ele tentou fazer o mesmo comigo. Ainda assim, saber disso me deixa aterrorizada, em pânico, culpada.

Culpada porque ontem mesmo Antony esteve comigo, descontrolado querendo saber há quanto tempo eu tinha conhecimento do envolvimento de Bernardo e Ann-Marie. Eu sabia que o homem ia fazer alguma besteira.

Deveria tê-los alertado, não? Ter feito uma ligação, ter dito a Dousseau para tomar cuidado porque Leclerc já estava sabendo do caso entre ele e Ann-Marie. Mas não o fiz. Pierre apareceu naquele momento e rompeu comigo, o que mexeu com a minha cabeça de uma maneira que me fez esquecer de qualquer outra coisa. Quando Pierre foi embora, apenas me deitei nas pernas de Adrien, sentado no sofá, chorei um pouco e adormeci.

Enquanto processo o fato de Bernardo, meu ex-patrão extravagante,

cheio de humor, mulherengo descompromissado, inoportuno nas horas mais inconvenientes, que me ajudou o quanto pôde quando precisei dele, estar entre a vida e a morte, a garota me conta um pouco do que sabe e um alívio imenso invade meu coração quando me diz que Antony foi preso em flagrante. Não presto atenção nos detalhes de como essa prisão aconteceu porque, por dentro, estou aliviada demais que esse homem não será mais um risco para alguém estando atrás das grades. Embora às custas de Dousseau.

Meu Deus, sentir-me assim é tão terrível.

Despeço-me dela, meu coração apertado e aflito com o momento, e peço para Adrien me levar até o hospital onde Bernardo está internado, no mesmo lugar onde Pierre trabalha. *Trabalhava*. Fico tentada a desejar que ele esteja lá, por qualquer motivo, e a gente se esbarre. Na recepção, encontro Ann-Marie, aflita, perto de um casal de senhores, os pais de Bernardo.

Reconheço-os de terem ido vez ou outra na cafeteria. Vou até ela e a abraço com força, deixando que as lágrimas desçam pelo meu rosto. Sinto que, de algum modo, poderia ter evitado essa tragédia. A mulher esconde o rosto contra meu pescoço e desaba. Pergunto dele, do seu estado, e leva algum tempo para me dizer que está em coma, o que já tinha sido me dito minutos atrás. Fecho os

olhos e os aperto com força, apenas desejando que Bernardo melhore logo.

— Obrigada por ter vindo — Ann-Marie agradece, afastando-se de mim e me segurando pelas mãos. Seus olhos marejados e repletos de tristeza descem até meu abdômen e ela se permite um sorriso fúnebre.

— Qualquer coisa que precisar e se eu puder ajudar de alguma maneira — digo, apertando seus dedos nos meus — pode me procurar, *oui*?

Ela me abraça uma última vez e agradece de novo. Então, vou embora. As visitas ainda não estão liberadas, exceto para os familiares, e não tenho nenhuma utilidade aqui no momento. Em casa, me refugio no quarto, deitando-me na cama e abraçando meus joelhos, permitindo mais uma vez que meu pranto venha e me inunde, dando-me aquela sensação de culpa e remorso. Adrien se deita do meu lado, abraçando-me e escondendo o rosto contra minha nuca. Ele não diz nada, só fica aqui comigo, deixando-me descarregar todos os meus sentimentos, sabendo que preciso me libertar de cada maldito sufocamento. Não é só por Bernardo. É por mim, por Pierre, pelos erros idiotas que cometi, pela culpa da qual ainda não consigo me



livrar, pelo arrependimento de tanta coisa que fiz ou deixei de fazer batendo na minha porta.

Preciso desabar nesse momento, como uma forma de lavar minha alma, livrar-me desse peso, nem que seja somente um pouco, para que eu possa recomeçar minha vida da melhor maneira que encontrar. Não vai ser fácil, vai doer e preferia que Pierre estivesse aqui comigo.

Mas vou conseguir.

Sinto-me a pessoa mais horrível do mundo por um pingo de felicidade se apossar do meu coração nesse momento. Não compreendo como posso estar feliz com isso e parece, inclusive, desumano da minha parte. Entretanto, não posso evitar o

alívio e o leve sorriso no meu rosto, junto com o balbuciar das minhas pernas que me fazem afundar no sofá, quando do outro lado da linha Emilien me dá essa notícia.

Antony está morto.

Meus olhos marejam e nem é de tristeza. É aquela pontinha de felicidade de saber que o mundo se livrou de alguém tão podre, sem-caráter e desalmado como Antony Leclerc. Lá no fundo da minha consciência, porém, tem uma vozinha me dizendo que sentir-me feliz pela morte de uma pessoa é cruel, que isso demonstra que não sou nem um pouco evoluída espiritualmente. Dane-se. Aquele homem me espancou, agrediu a esposa e tentou matar um homem. Piedade para quê?

Emil me explica meio por cima, falando apressadamente porque em dois minutos tem uma reunião. Só sei que o canalha se envolveu em uma briga na prisão e foi espancado até a morte. Quando encerro a ligação, abraço meu celular por um segundo, deixando uma lágrima escorrer pelo meu rosto.

Procuro pelas horas e constato que ainda tem uns quinze minutos até minha sessão com a psicóloga. Levanto-me do sofá de espera e corro até o toalete.

Encaro meu rosto mais arredondado, agora que já tem dois dias que entrei no oitavo mês de gestação. Trinta e uma semanas. A nova obstetra que

está me acompanhando é uma boa médica, ela mesma quem entrou em contato comigo naquela semana do meu rompimento com Pierre, por causa de um pedido dele para que acompanhasse meu último trimestre, caso fosse do meu interesse. Não vou mentir, pesquisei sim sobre a mulher e descobri que é uma das melhores ginecologistas de Paris, o que me deixou bem mais confiante para entregar a saúde minha e do meu bebê nas suas mãos.

Pierre. Eu não o vejo ou falo com ele desde aquele dia. Cortamos contato radicalmente e sei que ele fez isso para que eu conseguisse “separar o joio do trigo”, como me disse sete semanas atrás. Tenho feito minhas sessões de terapia e preciso admitir que, desde que nos separamos, meu comportamento mudou. Eu via nele um porto seguro, alguém em quem confiava cegamente, e muito por isso estava bloqueando minhas emoções, o que colaborava para que não tivesse nenhuma reação crítica ao trauma, embora tenha refletido isso em uma postura abusiva e numa dependência emocional nada saudável.

Os pesadelos com Antony retornaram desde que Pierre se afastou, nada muito crítico, mas que não deixava de ser terrível para mim. Fiquei levemente mais paranoica, conferindo todo o tempo as trancas de portas e janelas, não conseguindo ir à padaria a duzentos metros de casa sozinha.

Quando me forçava a isso, tinha sempre uma sensação de estar sendo perseguida, mesmo sabendo que o desgraçado estava atrás das grades. Adrien tornou a dormir no meu sofá porque só conseguia me sentir mais segura com ele lá.

Tenho, aos poucos, trabalhado tudo isso nas sessões com a psicóloga e já notei uma melhora. Diminui a quantia de vezes que confiro as trancas e não mais me assusto tanto quando minha campainha toca.

O que não mudou, contudo, foi a falta que aquele homem causa em mim. Estamos trabalhando isso também, esse sentimento de gratidão e endeusamento que criei com Pierre, desfazendo, gradualmente, minha dependência emocional. Não sei se não estamos fazendo progressos, porque sinto saudades dele todos os dias, ou se o fato de sentir saudade é uma prova de que gosto dele de verdade.

Seja como for, não o vejo desde então. Soube, ouvindo uma conversa clandestina de Adrien pelo telefone, que ele está em Rennes, passando um tempo com o pai e a madrasta. Não sei o que aconteceu com sua carreira,

nem com a guarda do sobrinho. Preferi não saber, com medo de que, dependendo do que descobrisse, isso atrapalhasse meu progresso nas consultas. Jardel, o diretor da clínica com a qual não tenho mais nenhum vínculo empregatício, quis me contar, mas preferi me abster. Durante umas cinco semanas, também conversei com Guillot, o psicólogo da instituição, enquanto apuravam meu envolvimento com Pierre. Conversei umas três vezes na semana com o doutor, ao menos, como parte da apuração. Nunca soube se nossas conversas nessas sessões, se o meu “diagnóstico”, o condenaram por estupro de vulnerável ou se o absolveram.

E prefiro me manter assim. Ao menos por enquanto.

São quase dois meses sem contato nenhum com ele, mas agora, enquanto me encaro no espelho, penso seriamente em quebrar essa regra. Só uma mísera ligação para contar que Antony não é mais uma ameaça para nenhum de nós. Demoro cerca de cinco minutos para decidir se ligo ou não, vagando em

pensamentos, lembranças, levantando pós e contras do que me causaria uma contato desses. Inspirando fundo, tomo minha decisão.

Retiro o telefone de dentro da minha bolsa e disco seu número. Toca uma porção de vezes antes de cair na caixa-postal. Tento de novo, mas obtenho o mesmo resultado. Uma parte de mim sabe que ele está ignorando minha chamada, forçando-nos a continuar sem nenhum contato. Outra parte de mim só quer acreditar que ele não está por perto. Tento uma terceira vez e, assim que sou direcionada para a secretária eletrônica, deixo um recado:

— Pierre, sou eu. — Faço uma pausa relativamente longa, olhando para meu reflexo, organizando minhas palavras. — Desculpe entrar em contato. Sei que não deveria. Só queria te dizer que estamos bem e sentimos sua falta. Valentin… ele sente sua falta, falta da sua voz, de conversar com ele. — Engulo em seco, sabendo que não deveria estar falando nada disso, apesar de ser verdade. Era para ser uma ligação onde apenas informaria a morte daquele traste. — Também gostaria que soubesse que Antony está morto. Parece que se envolveu numa briga na prisão. Ele… não poderá mais causar nenhum mal a ninguém. — Outra pausa longa, meus pensamentos levando-me para Bernardo, que está bem e acabou de voltar do Brasil, recuperado e ao lado da mulher que ama.

Decido não me despedir e encerro a ligação. Uma lágrima desce pelo meu rosto, meus hormônios de grávida ainda me subjugando. Forço-me a ser

forte nesse momento e a voltar para a recepção.

Tenho uma consulta em cinco minutos.

CONSCIÊNCIA

PIERRE

Confiro meus pertences pela vigésima vez dentro da caixa, só para garantir que não estou me esquecendo de nada ou levando algo que não seja meu, porque a sala de atendimento não é só minha; divido-a com outros dois colegas da área. É meu primeiro ritual do dia, e ainda terei mais um, quando tiver de buscar minhas coisas no consultório da clínica. Confirmando que tudo o que é meu está comigo, dou uma olhada pela última vez ao meu redor, sentindo falta daqui antes mesmo de ir embora.

Suspiro, pegando o jaleco acomodado no espaldar da minha cadeira.

Fixo os olhos no meu nome bordado levemente desbotado, porque a peça já tem algum tempo que foi confeccionada, coisa da minha madrasta que fez questão de me dar meu primeiro jaleco depois de ter me especializado. Sorrio para mim mesmo, meio fúnebre com as lembranças, sentindo falta do meu velho. Talvez deixe Paris por um tempo, se tudo der certo, e vá me refugiar na casa do meu pai, em Rennes.

Pego a caixa entre meus braços e saio do consultório, batendo a porta suavemente com o pé para que feche. Caminho devagar até a sala dos atendentes. Ainda tenho coisa ou outra por lá que preciso pegar antes de ir embora. Ignoro alguns cochichos pelos corredores quando passo, não me dando o luxo de me importar com que as pessoas, que já estão sabendo do meu afastamento e muito provavelmente do motivo dele, ainda que tenham ouvido algo distorcido, e não a versão verdadeira dos fatos, pensam de mim.

Minha consciência está tranquila em relação ao meu envolvimento com Juliette. Em nenhum momento me aproveitei do seu estado vulnerável para assediá-la.

Deixo o papelão aos meus pés quando chego e vou direto para meu armário. Tem mais um jaleco, uniforme do hospital, alguns itens de higiene pessoal, desodorante, escova de cabelos, carregador de celular, algumas fotos

do meu sobrinho penduradas na portinhola. Junto tudo e jogo na caixa, esvaziando o meu lado do armário e sentindo como se estivesse esvaziando minha própria vida.

Sento-me em torno da mesa redonda por um instante, forçando as lágrimas a ficarem nos meus olhos e me forçando a pensar que tudo vai ficar bem. Só que é um pouco difícil ter esperanças agora, com essa droga de audiência com Francine pela custódia de Édou e o processo da clínica em apurar minha relação com Julie. E se tudo nessa merda der errado? E se constatarem que me aproveitei dela e cassarem minha licença médica? E se isso for um fator determinante para o juiz familiar conceder a guarda do meu sobrinho àquela mulher?

Tento não pensar negativo. Minha madrasta já dizia que pensamentos ruins atraem coisas ruins. Esforço-me para me manter positivo, o que é bastante difícil e, de repente, demoro a notar que estou com o rosto entre as mãos, cabisbaixo, cotovelos na mesa, apertando os olhos e deixando as gotas salgadas escapulirem

de mim. Sozinho, permito-me chorar e pensar que tudo vai dar errado, sofrendo antecipadamente por isso. Permito-me imaginar perdendo minha licença e procurando outra área para trabalhar, embora não me veja fazendo outra coisa a não ser medicina, ginecologia, obstetrícia.

Sempre amei minha profissão, o que escolhi para minha vida, e nunca pensei, nem por um momento, como seria sem ela. A verdade nua, crua e cruel agora, bem diante os meus olhos, pensando pela primeira vez que é uma possibilidade real não poder exercer mais meu ofício, é que vou entrar em desespero se tiver de me afastar do que tanto amo fazer.

Meu choro dura um ou dois minutos, carregado como poucas vezes é.

Inspiro fundo, secando o rosto com as costas das mãos, e endireito a postura, recuperando-me do meu breve e necessário momento. Penso que é hora de me despedir e ir embora quando a porta se abre e nem me surpreendo que seja Francine quem entra, seus cabelos perfeitamente amarrados em um rabo de cavalo, de uniforme e jaleco. Ela para ao me ver, analisa a caixa comigo e se aproxima. Só quero ir embora. Preciso passar na clínica, depois ir para casa e me preparar para a maldita audiência à tarde. Ainda nem entrei em contato com meu advogado.

— Gostaria de te lembrar…

— Me poupa — interrompo-a, saindo do meu lugar e pegando minha

caixa. — Não precisa me lembrar. Não é como se eu fosse me esquecer dessa maldita audiência, Francine. Estarei lá, não se preocupa.

Ela não responde nada, apenas abana a cabeça em positivo, contrariada, e se afasta em direção ao seu armário. Observo-a por um segundo, perguntando-me, pela primeira vez, por que diabos está fazendo isso. Por mais que eu queira ir embora, decido ficar e questioná-la.

— Por que está tentando tomar Édouard de mim?

Francine se vira na minha direção, tirando o jaleco. Ela o dobra delicadamente e guarda no seu lado do armário, enquanto responde:

— Porque me importo e só quero o melhor para ele. E o melhor para ele com

toda certeza não é viver em um lar negligenciado.

Dou uma risada histérica, não podendo acreditar que ela realmente argumentou isso.

— Lar negligenciado? — indago, inconformado com essa acusação absurda. — *Sériux*?

— Vejamos, Pierre. Étienne perdeu o juízo quando a esposa sumiu e passou, sim, a negligenciar o menino. Tanto é que, quando notou que não estava bem para cuidar dele, passou a guarda para você. Mesmo sabendo que seu irmão não tinha *nenhuma* condição de ficar com o menino, você o deixava sob seus cuidados para ir se encontrar com sua namorada, que não por acaso era uma paciente sua. Uma paciente de quem você se aproveitou de um momento de fragilidade…

— Nem se atreva a terminar esse absurdo — digo, entre os dentes, e no rosto dela cresce um sorriso vitorioso.

— O fato é que — continua — você o deixou com o pai negligente por mais de uma vez e num desses episódios o menino foi atropelado.

Poderia ter morrido. Então acho que sim, Édouard está em um lar negligente.

Vou até ela, furioso, mas me contenho dessa vez porque não vou mesmo perder o controle para ela distorcer tudo na frente do juiz e ainda alegar que sou um cara violento. Paro a um passo dela e respiro fundo, seus olhos me encarando despreocupadamente. De repente, é como se todas as respostas clareassem minha mente. Sei exatamente por que Francine está

fazendo isso. Não é porque se preocupa com meu sobrinho — embora saiba que, apesar de tudo, realmente se importa com o menino —, nem porque afirma que estamos o negligenciando. Perrot sabe que não é bem assim, mesmo que, em algum nível, esteja certa. Errei diversas vezes confiando a segurança de Édouard ao pai, que já tinha se mostrado uma porção de vezes incapaz de assegurar o mínimo ao menino, mas, ainda assim, não há negligência de minha parte.

Não. Ela não está com essa maldita história de querer a custódia do garoto porque se importa com ele, e a mulher também não é burra o bastante para usar isso como chantagem. Sabe que não funcionaria comigo tentar barganhar a guarda dele em troca de reatarmos. Lutaria até o fim pelo meu sobrinho, mas não

me submeteria a um relacionamento com ela outra vez, além de que essa sua atitude só intensificaria minha raiva e asco por ela.

Agora, enquanto fito seus olhos suaves e o sorriso pequeno de vitória, entendo perfeitamente seus motivos. Ela não está preocupada com o menino nem quer barganhar a custódia dele. Tudo o que Francine Perrot quer é simples e puramente me atazanar, me ver desesperado, fora de controle, sem rumo. A maldita quer me fazer perder a guarda do garoto só para me ver definhando e entrando em conflito com meu irmão. Édouard é meu ponto fraco, ela sabe disso e está mexendo na parte que mais me atinge.

— Só quer infernizar minha vida, não é, Francine? Nunca aceitou nosso término, sabe que chantagem nenhuma funcionaria comigo, que eu jamais voltaria para você. Está me punindo. Essa história de querer a guarda de Édouard é só o seu modo de me punir, não é porque está preocupada com a integridade dele.

Perrot fica um longo segundo em silêncio, sem expressar emoção nenhuma, apenas fitando-me fixamente. Até que, pouco a pouco, um sorriso de escárnio vai surgindo na sua boca. Ela se vira de costas e tira o jaleco, jogando-o no seu compartimento.

— Não esqueça de levar seu advogado — diz, tornando a virar para mim, cada traço do seu rosto, o modo como me olha, como sorri, sendo uma resposta positiva e silenciosa para o meu questionamento.

Francine sai da sala e tudo que desejo é ter algo para socar.



Acomodo a caixa com meus pertences no porta-malas e a encaro por dois segundos antes de descer a porta. Estou contornando meu carro quando vejo Emilien ao longe, caminhando de cabeça baixa, vestido de um jeito informal demais que, embora não sejamos amigos íntimos, pouco vi, com calça jeans e camisa preta. Estranho sua presença aqui e caminho na sua direção, abordando-o:

— Dupont?

Quando o homem ergue os olhos azuis para mim, tem uma profunda tristeza neles, toda a sua postura demonstrando que tem algo o perturbando nesse momento. Não sei por qual motivo, mas meu coração vem parar na garganta.

— Oi, Laurent — diz, com um suspiro cansado, passando os dedos pelos fios desgrenhados.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, preocupado com o estado dele.

— Antony tentou matar o Bernardo — dispara, sem nem mesmo me preparar antes. — Descobriu que a esposa estava dormindo com ele.

Uma bile sobe pela minha garganta, amargando a boca, e meu corpo estremece. Lembro-me da sua ameaça velada quando esteve no meu apartamento, demarcando que agora sabia tudo sobre mim e poderia usar minha família para me atingir. Engulo em seco, murmurando em seguida um

“Meu Deus”, estarrecido com a crueldade sem limites desse homem. Ele claramente é um perigo à sociedade. Quero saber do estado clínico de Bernardo. Emil me diz que estável e em coma. Sei que os dois são amigos e que o abatimento em Dupont é compreensível, mas, ainda assim, algo em mim diz que tem outra coisa o perturbando.

— Não é só isso, não é? — interpelo.

O homem deixa um suspiro exasperado e angustiado escapar do fundo da sua garganta.

— Antony está me chantageando. *De novo*. Quer um bom advogado para tentar amenizar sua pena ou vai expor o meu passado. Eu… estou num maldito conflito interno. Não posso ajudar uma pessoa que fraudou minha empresa, espancou uma mulher grávida, agrediu a esposa e tentou matar um homem, mas também não posso arriscar ter meu passado trazido à tona.

Desvio o olhar por um segundo, sentindo uma raiva insana me consumir. Não por Emil, que também está nas mãos desse desgraçado e está fazendo o que pode, mas por Antony, pela ameaça que ele representa a todos nós.

— Onde ele está agora? — pergunto, olhando por cima do seu ombro, trincando os dentes com tanta força que parece que vou rachá-los ao meio.

— Na delegacia. Parece que vai ser transferido para a penitenciária amanhã.

Peço o endereço exato do local onde Leclerc está detido, e Emil, mesmo meio ressabiado, recita a informação. Entro no meu carro, batendo a porta com toda força e ignorando os questionamentos dele sobre o que é que vou fazer.

Dou ré e manobro o veículo, deixando o estacionamento do hospital, enquanto o pneu canta. Um ódio estranho toma cada conta de mim, nublando minha visão, meu julgamento, minha razão. Seria capaz de jogar esse maldito carro em cima dele se estivesse atravessando a rua. Leva só dez minutos até eu chegar à delegacia. Peço algumas informações e demora mais cinco minutos até que consigo entrar para vê-lo. Ele está numa cela, seu olhar cínico sobre mim. O homem se aproxima, enfiando os braços por entre as grades.

— Que visita inesperada — debocha.

Pergunto-me como pode agir assim. Tentou matar um homem e não tem mesmo nenhum traço de arrependimento nos seus olhos.

— Como consegue ser tão podre, Antony? — questiono, segurando a raiva atrás dos dentes.

Ele nem se esforça para tentar entender do que estou falando.

— Bernardo estava comendo a minha mulher.

Uma risada de nervoso escapa de mim. Maldito hipócrita.

— Como se você tivesse moral para isso.

Ele não diz nada, encarando-me por longos segundos com um olhar desinteressado e tedioso.

— O que veio fazer aqui, Laurent? — pergunta, arqueando as sobrancelhas.

Dou um passo à frente, ficando um pouco mais próximo dele.

— Vim abrir uma queixa contra você. Duas, na verdade. Por ter ido até a minha casa ameaçar fazer algum mal para meu irmão e meu sobrinho, e por ter espancado Juliette. Já a convenci a te denunciar — blefo a última parte. — Isso deve ajudar a agravar a sua pena. Talvez nem mesmo o melhor advogado de Emilien seja capaz de reduzir sua punição.

O cinismo vai embora dos olhos dele no mesmo instante. No lugar, fica só raiva desenfreada, ódio puro e genuíno.

— Faça isso — encoraja-me, dentes cerrados, um sorriso maldoso manifestando-se gradualmente. — Mas saiba que, uma hora ou outra, vou ficar livre. E quando isso acontecer, Pierre, vou me lembrar das vezes que me afrontou e vou atrás de quem você ama. Do seu irmão, do seu sobrinho, daquela puta e do bastardo. Ou talvez nem precise esperar tanto. Posso mandar alguém fazer isso por mim.

Uma onda de náusea e cólera apossa do meu corpo, deixando-me levemente tonto. Nunca duvidei da capacidade cruel desse homem e fico insano só de pensar que ele tem mesmo coragem de cumprir uma ameaça como essa.

— Você não vai durar o suficiente para isso, Leclerc — digo apenas, girando nos calcanhares.

Corro de volta para meu carro, literalmente, sentindo adrenalina e medo nas minhas veias sanguíneas. No lugar do motorista, descarrego toda fúria no volante, um grito alto escapando de mim a cada soco que invisto.

Obrigo-me a ficar calmo, esfriar a cabeça, pensar direito. Inspiro e expiro uma porção de vezes até que estou no controle da situação de novo. Giro a chave na ignição e tomo as ruas da capital pensando no que precisa ser feito



para proteger aqueles que amo.

— Trouxe o queijo que te pedi? — meu pai pergunta, frente ao fogão,

terminando de preparar o arroz.

Coloco as sacolas do supermercado sobre a mesa e confiro se realmente trouxe. Da última vez que fui às compras, passei o produto no caixa, paguei, mas na hora de embalar devo ter me esquecido e ficou por lá mesmo. Acho que era um vinho.

Encontro a embalagem do queijo *brie*.

— Sim, tudo aqui — digo, desembalando os produtos.

Meu telefone começa a tocar dentro do bolso. No visor, o número dela identificado faz todo o meu corpo vibrar. Juliette e eu não nos falamos desde aquele dia na casa dela, em que rompemos. Decidi que precisávamos nos afastar completamente. Encaro o seu número piscando na frente dos meus olhos e é uma luta árdua simplesmente deixá-lo tocar. Não vou atender.

Embora sinta que faz séculos que estou longe de Julie, só tem dois meses.

Ainda é cedo para qualquer coisa. Suspiro e deixo o celular sobre a mesa, tocando, e começo a guardar a compra.

— Não vai atender? — Joseph pergunta, secando as mãos em um pano de prato. Ele se aproxima e dá uma espiadela. O semblante do meu pai enruga e ele se vira para mim. — É aquela moça que quase afundou sua carreira?

— Pai — advirto-o, com um suspiro —, *eu* quase afundei minha carreira.

Ele passa a me ajudar com os alimentos, organizando-os a seu modo no armário, tudo separado devidamente, colocando os novos produtos atrás dos antigos, que vencem primeiro. Meu pai não diz nada por um tempo, e eu tampouco. Afasto-me, deixando-o organizar a comida porque sei que gosta que tudo esteja da sua maneira, e limpo a mesa, preparando-a para o almoço

em breve. Estico a toalha e separo os talheres.

— Por que não atende? — resmunga, quando meu telefone toca pela segunda vez.

Suspiro e me encosto à mesa, observando-o tornar às suas panelas.

— É cedo para nos falarmos. Não quero interferir em nada ainda.

Prefiro assim.

Meu velho me estuda com um sorriso pequeno, paternal, que não sei dizer se é de compreensão, de compaixão, de tristeza. É claro que ele rezou um belo de um sermão quando apareci aqui, quase um mês atrás, de mala e cuia, perguntando se poderia passar uma temporada com ele e minha madrasta, e tive de explicar por que fui afastado das minhas funções. Apesar de ter me advertido como se eu fosse uma criança de cinco anos, me acolheu com todo amor e disse que me apoiaria no que fosse preciso.

Só vim também depois que parte da minha vida entrou nos eixos.

Francine não conseguiu a custódia de Édouard. Logo depois da audiência e de o juiz ter entendido que não havia provas suficientes de negligência contra o garoto, uma assistente social começou a acompanhar a rotina do meu sobrinho para avaliar se não estava mesmo sendo negligenciado. Foi quase um mês até a audiência que determinou que a guarda continua comigo. Acho que se ela tivesse alegado que abusei de uma paciente, tivesse ganhado a causa, mas Perrot não fez isso. Não sei por quê. Talvez porque sabe que jamais seria capaz de algo tão desprezível e ela não seja capaz de se rebaixar a tanto. Não sei. E a verdade é que nem quero tentar entender a cabeça daquela mulher. Meu sobrinho continua sob meus cuidados e do meu irmão, é isso que importa.

Em paralelo a isso, tive que enfrentar a apuração da clínica e do hospital sobre meu envolvimento com uma paciente. Soube que Juliette conversou com Guillot ao menos três vezes por semana por praticamente um mês. Exaustivamente, três vezes por semana, Jardel dissecava meu depoimento, queria saber diversas vezes sobre como me envolvi com Juliette, quando, por quê. Junto com o psicólogo, com quem também conversei, muitas vezes repassando a história de sempre. No final, fui absolvido de uma iminente acusação de estupro de vulnerável. Segundo o diagnóstico de Guillot, e o no entendimento de Jardel, não houve nenhum abuso da minha

parte, não houve nenhum indício de que me aproveitei do vínculo emocional que Juliette criou para coagi-la a sexo comigo. O que não significa que fiquei impune. Eles ainda compreendiam que, apesar de não ter me aproveitado da sua situação psicológica, não muda o fato de que me envolvi com uma paciente

vulnerável, que fui contra as regras éticas da clínica, do hospital, do conselho médico. Fui demitido, mantiveram minha licença, mas estou impedido de trabalhar em qualquer instituição pública ou privada por um ano.

— Você sempre foi ajuizado, Pierre — meu pai diz, pegando a panela de arroz e a apoiando sobre o descanso na mesa. — Não sei onde estava com a cabeça quando foi se envolver com uma paciente. Grávida de um filho quem nem é seu.

Eu me abstenho de resposta. Semanas atrás, ele me questionou o mesmo e quase disse que não só estava namorando uma mulher grávida como queria um futuro onde ela e o garoto tinham o meu sobrenome. Não disse nada porque tive medo do julgamento de Joseph. Não que me importe com o que meu pai pensa sobre eu querer assumir um filho que não é meu, mas a questão é que prefiro evitar qualquer discussão boba com meu velho.

Meu telefone toca pela terceira vez e enrugo o cenho quando vejo o nome dela outra vez na tela. Será que é alguma coisa urgente? Fico tentado a atender, mas resisto. Vou ligar para Adrien e saber o que está acontecendo, se é alguma emergência, se ela precisa de mim para qualquer coisa. Um minuto depois da sua última ligação, a operadora me informa que tenho uma mensagem na caixa-postal. Meu coração erra uma batida. Juliette deixou uma mensagem na caixa-postal. Com as mãos um pouco trêmulas, pego meu telefone e decido ouvir a mensagem.

Meu pai termina de pôr à mesa quando minha madrasta chega da horta, com um monte de hortaliças nas mãos, tagarelando alguma coisa para o marido, e eu estou escutando a mensagem dela. Sinto minhas pernas darem uma bambeada quando ela diz que Antony está morto. Que se envolveu em alguma briga na cadeia e morreu. Uma dor lancinante de repente atinge meu estômago e minha visão embaça, a pressão arterial caindo. Deixo o celular despencar dos meus dedos e saio em disparada, Joseph gritando meu nome e perguntando se me sinto bem.

Alcanço o banheiro da sala, me ajoelho em frente ao vaso sanitário e despejo todo o café da manhã. O vômito vem em ondas fortes, forçando meu

estômago, expulsando toda a minha refeição como se fosse uma intrusa indesejada. Meu pai adentra o ambiente, apoia a mão no meu ombro, querendo saber o que há comigo.

Meio cambaleando, me levanto e me escoro à pia, olhando-me no espelho. As lágrimas queimam meus olhos, o gosto amargo de conteúdo gástrico na minha língua. Minha cabeça começa a doer e sei que é peso na consciência.

— Pierre? — papai insiste.

Pisco duas vezes e suspiro. Uso uma medida pequena de enxaguante bucal para tirar o gosto ruim da boca. Depois de cuspir na pia e fazer um bochecho com água, viro-me para meu pai, cabisbaixo, e respondo.

— Estou bem. Deve ser algo que comi.

Joseph tenta perguntar mais alguma coisa, quer me examinar, pede para eu abrir a boca. Coisa de médico. Mas asseguro que estou bem. Com minha insistência, ele apenas acena em positivo e me diz que qualquer coisa que precisar é só dizer. Ao deixar o banheiro, fecho a porta rapidamente e passo a tranca.

Inspiro fundo, todo meu corpo levemente trêmulo. Lavo o rosto, a água gelada ajudando a diminuir a temperatura do meu organismo que subiu de repente. Devagar, ergo o olhar para o espelho, encarando meu reflexo. O

rosto que vejo de volta é de alguém que vai ter de lidar com o que cometeu pelo resto da vida, sozinho, sem poder dizer a ninguém seu segredo mais profundo e sujo, levando-o para o túmulo consigo mesmo, não permitindo que ninguém saiba.

Ninguém pode saber. Nem Étienne, nem Adrien, nem Juliette, nem meu pai. Ninguém. Absolutamente ninguém pode saber que eu…

… mandei matar o Antony.

ALGO EM TROCA

PIERRE

Tento me convencer de que estou fazendo a coisa certa enquanto o espero. Estou nervoso como nunca estive em toda uma vida, mas a raiva, o ódio e o medo sobressem a qualquer coisa nesse momento. É o que me moveu até aqui, com essa ideia absurda, criminosa, necessária…

Jurei salvar e trazer vidas ao mundo, contudo, estou aqui agora, rebaixando-me ao nível daquele ser humano desprezível, prestes a contrariar o juramento que fiz na minha formatura. É ele ou a pessoas que amo. Prefiro que seja ele. Suspiro, estralando os dedos, meu estômago doendo.

Um minuto mais tarde, o agente penitenciário surge acompanhado de um segundo homem, alto, pele branca bronzeada, cabelos escuros, bíceps grossos que facilmente partiriam um homem como eu ao meio. Othon é posto à minha frente, algemado, e seus olhos se arregalam quando me reconhece.

Um sorriso fácil nasce à medida que o agente me dá algumas instruções e se retira em seguida, dando-me privacidade com o prisioneiro.

— Doutor Laurent — diz, surpreso, e se recosta à cadeira, que range ligeiramente com seu peso, já que ele é um homem enorme em altura e largura. — Sua visita me intriga.

Puxo a carteira do bolso, abro-a e retiro uma fotografia, que arrasto na sua direção em seguida. Othon a toma com as mãos algemadas e vejo como a postura desse homenzarrão vacila quando reconhece e entende que é a filha de quatro anos, uma menina negra, de cabelos crespos, bem-vestida. Ele ergue os olhos para mim, marejados, e engole em seco, tentando recompor sua compostura.

— Ela foi adotada por um casal de médicos amigos meus. É uma menina feliz, com pais adotivos que a amam e que suprem todas as suas necessidades — digo. Seus olhos se abaixam para a fotografia da menina.

— Como ela se chama?

— Aimée.

O homem suspira, arrastando a foto de volta para mim.

— Mantiveram o nome dela — observa.

Aceno em positivo, estudando a emoção genuína no seu rosto sofrido e envelhecido. Lembro-me bem como o conheci. Era um dia chuvoso em Paris e eu estava de plantão. Não tinha nem um ano direito que acabara de me especializar e já tinha visto casos curiosos demais, mas o dele me intrigou em

especial. Dou uma leve risada, enquanto as recordações passam pela minha cabeça: a esposa dele chegando na emergência com contrações, toda molhada pela chuva, com um ferimento de bala no ombro esquerdo, sangrando aos montes. Ele adentrou o hospital como um mamute desesperado, segurando a mão da esposa enquanto sustentava, na mão direita, uma sacola preta de tecido, que mais tarde viemos a descobrir que estava cheia de joias furtadas de uma famosa joalheira da capital.

Eu não quis acreditar que uma mulher *grávida* estava assaltando uma joalheria, em trabalho de parto, e trocou tiros com a polícia. Enquanto tentava fugir, foi atingida por uma bala, mas ainda assim seu marido — e companheiro de crime — acelerou o carro e a levou para o hospital. Com a prova do delito na mão direita. Enquanto uma equipe cuidava do projétil alojado no seu ombro, fiz o parto cesárea dela. Othon estava recebendo ordem de prisão quando fui dar a notícia que sua filha tinha nascido. Ele resistiu à prisão com facilidade e, com seu corpo enorme, mesmo com as mãos algemadas para trás, desvencilhou-se dos dois policiais e veio na minha direção perguntando pela esposa e por Aimée. Demorei a entender que a última se referia à sua filha.

Othon foi preso; sua mulher, depois de alguns dias de recuperação, também foi levada à penitenciária feminina. A criança, então, ia entrar para o sistema de adoção. Quatro dias depois desse fato incomum, recebi uma ligação da delegacia, onde Othon estava detido até ser transferido. O homem queria falar comigo. Seu pedido era simples: que eu cuidasse bem da filha dele, que encontrasse um bom lar, com pais que iam amá-la e que ela não passasse de lar em lar. Sei que era um absurdo prometer uma coisa dessas, mas prometi. De qualquer maneira, conhecia um casal de médicos no

Hospital da Salpêtrière que não conseguia conceber e estava ponderando adoção.

Fiz um favor a ele quatro anos atrás. Talvez agora seja hora de eu pedir algo em troca.

— Preciso de um favor seu, Othon — digo, minha voz saindo levemente trêmula. Já tem uma maldita semana que Antony tentou matar Bernardo. Foi transferido para La Santé três dias depois, então só faz quatro que ele está aqui.
— Conhece alguém aí dentro com sangue frio o bastante para matar uma pessoa?

A expressão que ele faz é altamente compreensível. O homem se inclina mais na minha direção, curioso, enrugando o cenho, as linhas de expressão ao redor dos seus olhos mais acentuadas.

— Tem um grupo. Sempre tem. Os caras são barra pesada. Ninguém nunca mexe com eles. Os que mexem se arrependem. Os que não mexem, também. — Ele suspira, molhando o lábio inferior. — Às vezes estupram os caras, só por diversão, com o pênis ou com qualquer objeto que tiverem.

Mesmo se o cara tiver entrado aqui porque roubou um pão. Eles não ligam para essa merda.

Meu coração acelera um pouco mais dentro do peito e suspiro outra vez, externando vagarosamente o nervosismo que ainda soca no meu interior.

— Receberam uma pessoa nova esses dias. Leclerc.

— O riquinho esnobe? — Parece reconhecer o sobrenome com facilidade. — Ele fica numa ala especial, porque tem dinheiro e estudo, mas se junta com todo mundo no banho de sol. Ele é na dele, não fala com ninguém, acha que tem o Rei Sol na barriga.

Há um silêncio denso demais entre nós. Seus olhos escuros analíticos encaram-me seriamente, a expressão no seu rosto não demorando a mostrar que já entendeu quem é o alvo. Othon olha por cima do meu ombro, talvez para a pequena e retangular janela de vidro na porta, por onde o agente penitenciário pode nos ver, mas não ouvir, porque a sala tem isolamento acústico. Inclina-se mais na minha direção.

— Quer comprar a morte dele? — sussurra, curioso, surpreso, espantado.

Estou tudo isso também, Othon, não acreditando que estou mesmo fazendo isso.

— Ele tentou matar um amigo meu, agrediu a esposa, chantageou outro amigo, ameaçou machucar meu sobrinho, meu irmão, minha mulher e meu filho — digo, entre os dentes, quase não me dando conta da última parte.

— Ele *espancou* minha namorada *grávida*, Othon — reforço. — Esse homem um dia vai sair daqui e prometeu cumprir todas as suas ameaças. Não quero pagar para ver. Só quero proteger as pessoas que amo, você me entende?

O homem grande me encara outra vez, seu rosto agora não mais curioso e intrigado, mas estarrecido.

— Laurent… — Tenta dizer, mas o interrompo, arrastando a foto de Aimée de volta na sua direção.

— Sua filha está bem. Tem uma família que a ama e que jamais vai deixá-la passar por qualquer dificuldade. Mas e você, Othon? Quando sair daqui, vai recomeçar como? Sabe que não vai ser fácil. Só se você tiver alguma economia. Talvez uns dez mil euros, o que acha?

Othon arregala os olhos, recostando-se de volta na sua cadeira. Sei que é uma jogada arriscada, que se ele quiser chamar agora mesmo o diretor do presídio e me denunciar, ele pode. Mas do pouco que o conheci quatro anos atrás, sei que tem um código moral e vai cumpri-lo. Ajudei a filha dele.

Aimée não ficou anos na adoção, nem pulou de lar e lar, tampouco cresceu no orfanato. Ela está bem, não poderia estar melhor. Ele me deve essa. Só o que estou pedindo não é nem para que mate Antony com suas próprias mãos, mas que induza um grupo cruel o bastante para isso.

— Vai precisar, Othon — argumento. — Sei que pegou doze anos.

Cumpriu quatro. Em oito, você estará livre. Se aplicar esse dinheiro todo, imagine o quanto vai render nesse período.

— Aplicar onde?

— Conheço um investidor que pode cuidar disso para mim —

respondo sem mais detalhes. — Invisto dez mil euros no seu nome. Em oito anos, vai ter o suficiente para recomeçar sem passar necessidade nenhuma.

O homem engole em seco, olha de um lado a outro, umedecendo os lábios.

— Tudo o que precisa fazer — murmuro — é dar um jeito para que Antony arrume confusão com esse grupo. Uma confusão das grandes, que gere raiva o suficiente para que receba uma surra que… — Não termino. Não consigo terminar porque ainda não concebi que estou aqui, fazendo esse tipo de pedido. — Não vai ser difícil. Como bem disse, ele acha que tem o rei na barriga —

finalizo.

Outros longos segundos se passam entre nós, Othon não sei se analisando minha oferta ou se *assustado* com minha oferta. Talvez não esperasse isso de mim. *Eu mesmo* não esperava isso de mim. Mas não vou arriscar. De jeito nenhum. Antony já mostrou do que é capaz e, inclusive, soube que tinha alguém a seu mando rodeando o hospital onde Bernardo ainda se recupera. Está determinado a tirar a vida de Dousseau e nem mesmo preso isso está o impedindo. Ele não pensaria duas vezes em me fazer algum mal, ele não pensou duas vezes em fazer mal a Juliette, em espancá-la ainda grávida. Talvez meus fins não justifiquem os meios, mas não vou ficar parado, sem fazer nada, só esperando que mande alguém para machucar os que eu amo.

— Dez mil euros? — Othon pergunta, trazendo-me de volta ao mundo real.

— Isso. Deixarei em títulos no seu nome numa empresa de investimentos. Quando sair daqui, basta requerer.

— Quando?

— Não agora. Espere uns dois meses mais ou menos. Não quero ninguém levantando desconfianças.

Vagarosamente, ele acena e se ergue do seu lugar, toda a sua altura e musculatura me dizendo que seria fácil demais ele mesmo fazer o serviço.

Apesar do tamanho desse homem, ele não me parece do tipo assassino.

Ladrão de joalherias, sim. Assassino, não. Othon não diz mais nada e começa a caminhar em direção à porta, em um aceite silencioso à minha proposta. Ele vai fazer isso.

— Posso confiar no seu sigilo, Othon? — pergunto, antes que chegue à porta, que se abre e traz para dentro o agente penitenciário. Ele se vira na minha direção e abre um leve sorriso.



— Por sua causa, Aimée está numa boa família. Pode contar comigo, doutor Laurent. — É tudo o que diz antes de ser levado de volta à sua cela.

Saio do banheiro sentindo minhas pernas ainda bambas. Ouço o tilintar das panelas vindo da cozinha, minha madrasta perguntando ao meu pai se sabe o que há comigo. A resposta dele é a mesma que dei.

Clandestinamente, escoro-me na escada e vou subindo os degraus devagar, minha consciência me atormentando.

Eu mandei matar um homem.

Quando enfiei isso na cabeça e fui até La Santé comprar a morte de Antony, estava nervoso, mas não imaginei que quando isso de fato se concretizasse, ia me deixar tão fora de órbita. Minha boca está amarga e nem é pela sessão de vômito. Sinto o arrependimento na ponta da língua.

Termino os degraus e me refugio no meu quarto. Enfio-me debaixo das cobertas e cubro a cabeça, meu coração batendo forte, descompassado, minha consciência me mandando me acostumar com esse sentimento a partir de hoje.

Eu mandei matar um homem.

Fecho os olhos e tento me convencer de que livrei a sociedade de alguém perigoso. Tento me convencer de que protegi as pessoas que mais amo nessa vida. Suspiro, encolho-me e tento não pensar como essa droga aconteceu, como Othon coagiu e influenciou que Antony fosse espancado até a morte. Não sei e nunca vou querer saber.

Já é suficiente que isso seja a mando meu.

VALENTIN

JULIETTE

— Bernardo me ligou, avisou que vocês viriam, mas… Ainda não entendi o motivo da visita — digo para Ann-Mare depois de servir ela e Dousseau com o café posto na mesinha de centro.

Eles voltaram do Brasil há dois meses, onde meu ex-patrão esteve se recuperando do ataque covarde de Leclerc e da ameaça que, mesmo preso, representou aos dois, através de Apollon, um primo dela que não é boa pessoa, segundo ela mesma me disse. Soube que estão de casamento marcado, mas sei que não vieram aqui para me convidar porque já recebi o convite dias atrás. Bernardo também não quis adiantar o assunto na ligação.

— Preciso te dar uma coisa — Ann-Marie informa, tomando um gole do café. Revira a bolsa em seguida e retira um cheque. Arrasta-o na minha direção e diz:
— Isso é parte do dinheiro de Antony. Um pouco do que tinha em conta mais metade do valor da casa que vendemos, no mês passado. É

para você.

Olho o cheque por segundos inteiros, com uma expressão espantada.

Aquele homem está morto agora e, como morreu ainda casado com ela, é natural que sua herança fosse para a esposa. Ou filho. Um filho que ele renegou.

— Desculpe… E até agradeço, mas não posso aceitar — recuso educadamente.

— Por que não? Esse bebê é filho dele. É um herdeiro. Tem direito —

explica.

— Eu sei. Só… não acho correto. — Suspiro, desviando o olhar por um segundo.

Ann-Marie se inclina e me pega pelas mãos.

— Depois de todas as atrocidades de Antony contra seu bebê e contra você, é o mínimo que devo fazer. Se estivesse aqui, nunca assumiria seu filho e as responsabilidades. Mas ele não está e deixou uma pequena fortuna. Não sou como meu ex-marido, Juliette. Você é mãe do filho dele e merece esse cheque.

Então quero que, por favor, aceite.

Essa mulher é um anjo. Bernardo não poderia ter arrumado uma pessoa melhor, essa é a verdade. Embora não mereça nada dela, nem esse dinheiro, nem sua amizade, nem sua compreensão, porque dormi com o marido dela e a julguei sem nem mesmo conhecê-la, ainda assim, ela está aqui, oferecendo tudo isso para mim. Um enorme sentimento de gratidão me invade e, movida por uma ação mecânica, abraço-a muito forte, agradecendo-a quase sem parar.

— Não precisa me agradecer — murmura, afastando-se de mim. —

Estou feliz que vocês estejam bem — diz, colocando a mão sobre minha barriga gestacional de nove meses. — Valentin, não é? — pergunta, recordando-se com facilidade de quando contei para ela, meses atrás, em uma das visitas que fiz a Bernardo no hospital. Deve ter sido um ou dois dias depois que ele acordou.

— Valentin… — confirmo. — Significa “guerreiro”. É isso que ele é.

Um guerreiro. Foi tão forte em suportar as agressões daquele que deveria protegê-lo — sussurro, divagando, lembrando-me daquele dia e conseguindo suportar as recordações sem sentir um medo incontrolável. — Somos só nós dois, mas darei todo o amor que ele precisar — digo, e essa parte sim dói.

Não era para sermos só nós dois. Esperava que Pierre estivesse na equação, mas ele não está. Não o vejo desde que terminamos e nunca nem retornou minha ligação de quando o avisei sobre a morte de Antony, cerca de dois meses atrás.

— Não duvido disso — ela diz, levantando-se, pronta para ir embora. —

Espero você no nosso casamento, dentro de uma semana.

Eu os acompanho até a porta. Despeço-me com beijos e abraços, mas antes de Bernardo seguir a noiva, impeço-o, segurando pelos punhos.

— Acho que nunca te agradeci… por ter me ajudado meses atrás.

— Não tem o que me agradecer, Juliette. Você precisava de socorro. Eu



te socorri.

Abano positivo, meus olhos juntando lágrimas. Lembro-me de como fui estúpida chantageando-o na época. Ele só queria me ajudar, e fui baixa em ameaçar falar do envolvimento dele com Ann-Marie para aquele traste.

— Me desculpe a ameaça que te fiz. — Balanço a cabeça em negativo.

— Estava tão desesperada e com medo de que… — Dousseau não me deixa terminar, abraçando-me forte.

— Passou, Gautier. Antony estava ameaçando todos nós. — Afasta-se, segura-me pelos punhos e me olha nos olhos. — Passou. Esqueça isso. Viva sua vida, cuide do pequeno Valentin. Tente ser feliz. E não se esqueça dos amigos.

Sorrio um pouco e aceno, abraçando-o outra vez.

Ann-Marie também não poderia ter encontrado alguém melhor que Bernardo.

Faço uma careta e rolo na cama quando outra contração me acerta.

Aperto os olhos e suspiro, fechando o lençol nos meus dedos.

— Quando foi a última? — Adrien pergunta, angustiado, aparentemente fazendo um esforço tremendo para permanecer na poltrona ao lado em vez de vir até mim. Ele veio nas três últimas contrações, com seu jeito exageradamente aflito, sua preocupação deixando-me ainda mais nervosa e ansiosa do que já estou, e eu disse que não precisava se aproximar cada vez que tiver uma contração. Sou eu que estou dando à luz aqui, preciso de alguém que fique calmo por mim. Meu primo claramente não é essa pessoa.

Olho no relógio.

— Sete minutos — digo, apertando os lábios com os dentes, e a dor vai sumindo devagarinho. Suspiro, aliviada, quando se vai por completo.

O homem se levanta e começa a andar de um lado para o outro, passando a mão pelos fios loiros bagunçados.

— Não quer mesmo ir ao hospital, Juliette? Você só pode estar doida em querer ter essa criança aqui em casa.

Tento me levantar e um segundo mais tarde meu primo está tentando me fazer deitar de novo. Protesto e, vencido, segura na minha mão e me ajuda a sair da cama.

— Já falamos sobre isso, Adrien. Valentin vai nascer aqui. Se chama parto humanizado — contesto, saindo do quarto e indo até a cozinha.

Ele vem logo atrás de mim e me olha como se não me reconhecesse quando me vê preparando um sanduíche. Estou me trabalho de parto, não morta. E com fome. Vou comer enquanto a dor é suportável. Aliás, durante toda a gestação fui orientada sobre minha escolha — primeiro pelo Pierre, depois pela minha nova obstetra. Recebi informações sobre os riscos, o tempo de trabalho de parto que pode durar horas. Vou me mover enquanto puder, comer enquanto puder.

— Aliás, pode ligar para a equipe que vai fazer o procedimento — digo, engolindo o pedaço de pão com um pouco mais de força.

Tento ignorar a dor dentro do meu peito, porque queria mesmo que Pierre estivesse aqui, que fizesse meu parto, ou ao menos que acompanhasse.

Mas ele não está. Pensei nisso ainda ontem, depois que Bernardo e Ann-Marie foram embora. Sinto saudades dele, da voz, do sorriso, das suas mãos em torno do meu abdômen, conversando com Valentin. Ele sempre teve um carinho especial pelo menino e fico triste que não poderá ver esse momento.

— E para Juliene. Ela pode pegar um voo ainda hoje — complemento.

Adrien abana a cabeça em positivo, meio resignado, e se retira.

Uma hora depois, a equipe de enfermagem está aqui, preparando tudo para quando minha dilatação estiver suficiente para o nascimento. Minha irmã chega

quatro horas depois, nervosa, eufórica, ansiosa. Minhas dores aumentaram um pouco mais e a bolsa estourou. No instante que ela atravessa a porta, estou na sala, estirada no sofá, apertando os olhos quando a segunda contração em menos de cinco minutos me atinge outra vez. É mais intensa que as da última hora.

Ando pela casa, do quarto para a sala, da sala para a cozinha. Meu primo e minha irmã ficam o tempo todo comigo. De hora em hora, uma enfermeira

faz o exame de toque, ouve meus batimentos cardíacos e os de Valentin. A equipe tem um cuidado eficiente comigo, zelando pelo meu bem-estar e do meu filho.

Quando estou com sete centímetros de dilatação, a dor já é algo que me beira o insuportável, e nesse momento estou na minha cama, apertando o rosto contra um travesseiro, tentando suportar a nova onda de contração que me atinge. Adrien está andando de um lado para o outro, e Juliene afaga minhas costas, dizendo que já, já toda a dor passa.

Está dolorido demais para que eu preste atenção no que me diz e nem me importo quando para de me acariciar e se afasta. No segundo seguinte, quando um novo toque sobe pela minha pele das costas despidas, porque uso só um *top* preto, eu reconheço. Reconheço a aspereza dos seus dedos, seu calor, a brandura do seu contato. Reconheço, um instante depois, seu aroma natural, o perfume dos seus cabelos.

Tiro o rosto de encontro ao travesseiro, a contração ainda me atingindo, e encontro os olhos azuis de Pierre.

Ele sorri para mim, o toque nas minhas costas não se desfazendo à medida que sua mão desocupada segura a minha mão direita. Pisco duas vezes só para ter certeza que é ele mesmo aqui, bem diante dos meus olhos, agachado na minha frente, tocando-me como há meses não me tocava, da forma que tanto me fez falta. Meus olhos lacrimejam, um pouco por causa da dor, um pouco porque ele está aqui.

Como ele pode estar aqui?

— Adrien me ligou — sussurra, como se tivesse ouvido meus pensamentos. Ou eu disse em voz alta? — Peguei o primeiro voo, duas horas depois de saber. Não pude vir antes porque precisei falar com o conselho médico, saber se eu podia

vir fazer o seu parto. Isso demorou mais do que previa.

Engulo em seco e nem me vejo me arrastando na cama para ficar mais perto do seu corpo. Ele me envolve com seus braços grandes e quentes, trazendo meu rosto para o seu tórax. Seu cheiro suave adentra minhas narinas e acalma meu coração. Choro baixinho contra sua pele — sua pele que me acalenta, que me dá a sensação de aconchego e proteção. Deus, como amo esse homem.

— Você pode? — pergunto. Mesmo que não possa, já significa demais ele poder acompanhar.

— Posso — responde, e sua afirmativa me faz apertá-lo mais contra mim. — Esse garoto não poderia vir ao mundo por outras mãos senão as minhas — diz, arrastando o nariz nos meus cabelos emaranhados, inspirando fundo o meu cheiro.

Então, ele passa as próximas seis horas do meu lado. Cada significativo segundo. Anda atrás de mim quando estou caminhando pela casa, tentando suportar a dor. Deixa-me apertar sua mão, murmura palavras de acalento, me abraça, beija meu rosto suado, me ajuda a testar posições confortáveis que ao menos diminuam o desconforto das contrações, conversa comigo, tentando manter meu foco nele, ouve o coração de Valentin, me ajuda com alguns banhos quentes na banheira. Ele fica surpreso que meu banheiro agora tenha uma banheira. Não tinha, mas Adrien readaptou o lugar para caber uma depois de ter visto um parto em casa no *Youtube*. Achou que seria uma boa eu fazer o mesmo. Juntamos algumas economias e readaptamos o ambiente.

Agora estou aqui, a água quente me rodeando, o local à meia-luz, com todo aparato necessário para o parto, Pierre dentro da banheira comigo, às minhas costas, rodeando minha barriga com seus braços calorosos, depois que já fiquei em todas as posições possíveis dentro da banheira, enquanto a enfermeira faz o exame de toque e informa em seguida:

— Dez de dilatação, doutor.

Pierre se move com cuidado, colocando-se na minha frente e se sentando na borda da banheira, suas mãos nos meus joelhos dobrados.

— Precisa fazer força, *mon coeur* — diz suavemente. — Valentin quer vir ao mundo agora.

Uma mão quente segura a minha e, ao olhar para o lado, Adrien está aqui, Juliene posicionando-se atrás de mim. As lágrimas começam a descer descontroladamente pelo meu rosto e nem é de dor. Eles estão aqui, todos aqui. Valentin vai vir ao mundo rodeado de uma família que o ama. Juliene segura meus ombros, dando-me a estabilidade que preciso, e faço força. Dói de um jeito que não posso nem mensurar, e me recordo de Pierre fazendo uma comparação horas atrás: a mesma dor de vinte ossos do nosso corpo se quebrando. *Ao mesmo tempo*. Arfo, desistindo, chorando, dizendo que não



consigo.

— Consegue, *chérie* — Pierre incentiva. — Esse momento é seu. Vai conhecer nosso garoto. Só precisa de um pouco mais de força.

Forço, um grito de dor saindo de dentro da minha garganta à medida que atendo os comandos da equipe. Tem uma mão acariciando-me na testa, mas não sei de quem é. São dez minutos intermináveis de carícias e incentivo até que, num último esforço, Valentin nasce, Pierre eufórico dizendo que ele está vindo, que meu filho está vindo. Gemidos de dor e emoção escapam dos meus lábios quando vejo meu menino nas mãos de Pierre, que imediatamente, um segundo depois, o traz para meus braços. Valentin não chora e seu rostinho se aconchega no meu colo.

Ele não chora. Mas eu sim. As lágrimas caem pelo meu rosto sem cerimônia enquanto ouço um monte de vozes ao meu redor, mas não dou atenção a nenhuma delas, concentrada apenas no meu menino. No meu lindo menino. Acaricio sua cabecinha, seu corpinho, suas mãozinhas, e beijo seu rostinho delicado. Ele é tão lindo. E tão cheiroso. Meu garoto é perfeito.

— Parabéns, mamãe — Pierre diz, agora atrás de mim, seu rosto colado no meu, seu indicador grande passando levemente nas bochechinhas do bebê.

Fecho os olhos, jogo a cabeça para trás e sinto a dureza do seu tórax.

É o momento mais perfeito da minha vida.

Estou na minha cama, deitada, recuperando-me do parto, Valentin ao meu lado, depois de nós dois termos feito todo o procedimento pós-parto.

Está vestido, com uma roupinha quente e confortável, e dormindo. Ele mamou sua primeira vez ainda na banheira. Vinte minutos atrás, mamou a segunda. Agora, dorme feito o anjinho que é. Sorrio e acaricio seu rosto, seguindo o contorno do seu rostinho perfeito, como se quisesse gravar cada detalhe dele na ponta dos meus dedos. O quarto está mergulhado na semiescuridão para deixá-lo mais confortável.

Um leve bater na porta interrompe o momento. Pierre para no umbral, colocando as mãos nos bolsos. Está dentro de roupas secas e limpas, e reconheço uma camisa de Adrien.

— Posso? — pergunta, baixinho.

Assinto e ele se aproxima, parando na lateral da cama. Ergo meus olhos na sua direção e não gosto da distância entre nós. Por isso, indico o outro lado do colchão. Pierre hesita, mas, por fim, se deita, deixando o pequeno entre nós dois. Não diz nada por longos segundos, sua atenção totalmente no garotinho que está com o rostinho virado para mim, seu narizinho arrebitado respirando contra meu seio. Ele leva um indicador até a cabecinha de Valentin e o acaricia vagarosamente, em silêncio.

— Prazer em te conhecer, carinha — murmura, inclinando-se sobre o menino, deixando seus lábios a alguns centímetros do ouvidinho dele.

Então, inesperadamente, Valentin sorri. Eu olho para Pierre na mesma hora, e ali vejo toda emoção nos seus olhos.

— Ele reconheceu sua voz? — pergunto, baixinho.

Pierre segura na mãozinha dele, na mesma carícia suave, paternal e amorosa de sempre.

— Talvez. Ou pode ser só um reflexo natural. Ele está dormindo e seu cérebro está em intensa atividade neurológica, que estimula esses sorrisos.

— Pierre… — cicio em advertência. O homem sabe como frustrar alguém.

Ele ri baixinho, notando o que disse.

— *Désolé* — pede, seus olhos encontrando os meus. — Tudo bem. Ele sorriu porque reconheceu minha voz.

Melhor assim. Prefiro assim.

Não dizemos mais nada um ao outro. Nem sei quanto tempo ficamos na cama, observando Valentin dormir, nós dois trocando carinhos no garotinho recém-nascido, beijando-o vez ou outra. Lembro-me de Pierre me dizendo para descansar, dormir um pouco, repor as energias, que ele ia ficar aqui e vigiar o menino. Recordo-me de ter me ajeitado na cama, me aproximado mais do rapazinho e fechado os olhos para descansar. Acordei algum tempo

depois e vi Pierre do meu lado, sereno, cochilando, enquanto Valentin estava todo enroladinho sobre seu peito.

Foi a imagem mais linda que vi naquela noite.

O JOIO DO TRIGO

PIERRE

Puxo o freio de mão da caminhonete estacionada nos fundos da casa do meu pai e solto o cinto de segurança. Desço com um pulo, minhas botas de montaria batendo no barro agora seco. De ginecologista para *cowboy*. Rio de nervoso com meu pensamento, contorno o veículo e puxo o caixote com algumas laranjas que *monsieur* Joseph me fez colher. Não sei se meu pai está me enchendo de trabalho porque quer me ver de saco cheio para que eu volte para Paris, ou se só quer me ajudar a ocupar a cabeça enquanto não posso voltar a exercer minha profissão.

Só faltam mais três meses para acabar meu castigo.

Carrego o caixote de madeira até a cozinha e o deixo no chão. Meu pai vem logo com um copo d’água gelado, que aceito de bom-grado, e bebo tudo em um gole só. Meu velho se aproxima das frutas cítricas, agachando-se para analisá-las melhor.

— É uma boa safra — comenta com uma laranja em mãos, seu olhar analítico sobre ela. — E você escolheu as melhores do pé. A molecada vai se esbaldar — comenta, erguendo-se de novo e se virando para mim.

Meu pai cultiva algumas coisas na fazenda, mais como um passatempo para sua aposentadoria, e na maioria das vezes não vende um pé de alface, mas doa sempre que pode. A propriedade fica na parte rural de Rennes, com quase uma hora de viagem até o centro urbano. Por isso, sempre que um vizinho ou outro precisa de algo, ele cede. Uma laranja aqui, uma alface ali, um tomate acolá. Sempre que colhe frutas em geral, ele vai para a frente da fazenda e distribui para as crianças, que se sentam às margens da estrada e se esbaldam.

— Está desanimado, parece — observa, pegando o caixote e o colocando na despensa.

— Só cansado — digo, o que não é mentira. Não é cansaço físico, contudo. É emocional.

Tenho saudades dela. De Valentin.

Após o parto, fiquei dois dias em Paris, dormindo na sua sala. Tive que ir embora depois disso. Tinha cerca de dezessete semanas que não nos víamos e sabia que ela ainda precisava de mais espaço, por isso voltei para Rennes. Estou aqui desde então, sendo um sacrifício diário não ceder aos meus desejos, pegar o telefone e ligar para ela, saber como ela está, como nosso garoto está.

— Suba, vá tomar um banho e descanse — papai aconselha.

— Acho que preciso mesmo espairecer — contesto. — Tem dias que não vou à cidade. Não me esperem para o café da tarde — digo, aproximando-me dele e deixando um beijo no seu rosto.

Tomo um banho e troco de roupa. Na cidade, ando pelas ruas que passei a conhecer com mais afinco nos últimos seis meses, cumprimento alguns moradores e lojistas com quem fiz amizade e vou até um dos meus restaurantes favoritos. Volto para casa perto de cinco horas, depois de passar a tarde toda no centro urbano, e estou conferindo uma mensagem de Adrien quando adentro a sala de estar.

“Já se deparou com sua surpresa hoje?”

Enrugo o cenho, sem compreender o que ele quis dizer com isso.

— Pierre! — A voz da minha madrasta ressoa pelo cômodo. — Que bom que você chegou. Olha só quem veio te ver!

Ergo o olhar na sua direção e sinto meu coração dar uma batida mais forte quando a vejo parada a menos de dois metros de mim. Está dentro de um jeans lavado e camisa branca. Repicou os cabelos e usa uma maquiagem leve. Pisco uma porção de vezes só para ter certeza de que não é uma ilusão.

— Julie… — murmuro, vencendo o espaço que nos separa.

Não espero por uma resposta sua. Nem me importo com isso. Tomo-a me seus braços assim que a distância entre nós acaba. Aperto-a com força,

pela primeira em muito tempo, escondendo o rosto na curva do seu pescoço, inspirando fundo o aroma da sua pele.

Nunca esqueci o cheiro dela.

Juliette se encaixa no meu abraço com a mesma facilidade de sempre, também pressionando seu corpo contra o meu. Afasto-me e me viro para minha madrasta, que segura um rapazinho loiro nos braços, balançando-o vagarosamente.

— Valentin — digo, sem sair do lugar. — Meu Deus, como ele está grande! — Juliette apenas sorri e faz um leve movimento de cabeça, um incentivo para eu me aproximar. Faço-o, tomando o garotinho para o meu colo. — E pesado — exclamo, enquanto o ajeito nos meus braços e tento absorver cada detalhe dele.

Envolvo seu pequeno corpo com meus braços grandes, arrastando o nariz pelo seu pescocinho. Seu cheiro de bebê é o aroma mais incrível que já senti. Não consigo explicar o que sinto por essa criança. Eu o “conheci” ainda no ventre da mãe, depois só o vi por dois dias, e agora, seis meses depois, mesmo que não tenhamos nenhum laço sanguíneo, sei que amo esse menino como se fosse meu.

— Ei, carinha, bom te ver de novo — digo, apertando suas mãos rechonchudas. O garoto abre um sorriso enorme, chega a gargalhar, e rio junto com ele, contagiado por uma emoção diferente.

— Veja só — minha madrasta protesta. — Faz vinte minutos que estou com esse

rapazinho no colo e ele não me deu *um* sorriso. Mas com você até gargalhou.

Olho para minha madrasta, meio surpreso com a informação, e depois para Juliette, que está apenas sorrindo, acariciando os cabelinhos finos do filho. Procuro por Valentin, que também me olha com um sorriso gostoso.

— Pierre sempre teve o dom de deixar o Valentin agitado — Julie comenta, e seus olhos encontram os meus, seu braço esquerdo no meu braço direito que contorna o pequeno. O toque é suave, gentil, e me traz lembranças, junto da saudade que ainda sinto dela.

Minha madrasta se aproxima de novo, pegando o menino de mim, fazendo-me sentir uma falta imensa dele.

— Vou deixar vocês conversarem — ela diz e, olhando para Julie, indaga: — Posso dar uma voltinha com ele pela fazenda?

Com um sorriso complacente, ela acena em positivo. Um segundo mais tarde, estamos sozinhos, frente a frente. Respiro com um pouco de dificuldade, admirando-a, analisando de novo seu rosto, seu corpo. É

estranho vê-la sem a barriga gestacional. Acostumei-me com ela o tempo todo entre nós. Literalmente. Sorrio com as lembranças doces de cada momento que passamos juntos, de como vi o desenvolvimento de Valentin e de como me sinto estranhamente privilegiado por isso. É uma pena que tive de me afastar no último trimestre.

— Podemos ir até seu quarto? — pergunta, com um sussurro, quebrando minha linha de raciocínio.

Aceno em positivo e, fechando meus dedos nos seus, levo-a até meus aposentos. Fecho a porta atrás de mim. Quando me viro, Juliette está observando meu ambiente, os olhos fixos em um porta-retratos perto da cama. É dela, com Valentin aos quatro meses nos seus braços, os dois com sorrisos estampados. Ela toma a fotografia em mãos e um sorriso doloroso cruza seus lábios.

— Suponho que isso é coisa do Adrien — murmura.

Aproximo-me e me sento na beira da cama.

— *Oui* — confirmo. — Ele me enviou no celular. Só mandei emoldurar.

Ela apenas balança a cabeça em negativo e se vira para mim, depois de recolocar o objeto no lugar. Prendo a respiração. Sinto-a diferente, mas não sei dizer por que ou o que a faz diferente. Não sei, parece-me outra Juliette, uma versão melhor dela mesma. Mais bonita, mais madura, mais confiante. Ela se senta ao meu lado, sobre a perna esquerda.

— Como você está? — pergunto para quebrar o silêncio entre nós.

— Bem, na medida do possível. Estou trabalhando no Recursos Humanos da *Chevalier Arch.* Adrien conseguiu uma vaga para mim.

Abaixo os olhos, mirando sua mão sobre a coxa, deslizando vagarosamente na minha direção. Ela continua me contando as novidades.

Bernardo e Ann-Marie se casaram e estão grávidos, ela acha que a esposa de Dousseau já entrou no oitavo mês. Emilien foi embora do país na noite posterior à festa de casamento do amigo, depois de dormir com Marie, e nem se despediu dela.

— Sei lá, acho que ele gosta da Marie, mas tem medo de relacionamentos e fez essa babaquice — comenta, casualmente. Abano a cabeça em positivo, concordando. — E você? Tudo bem por aqui?

Solto um suspiro longo.

— Sim, mas sinto falta de Paris. — Ela me olha atentamente, esperando que eu diga mais alguma coisa.

De verdade, amo meu pai, gosto do ar fresco e da tranquilidade da fazenda, mas essa vida não é para mim. Se me obriguei a ficar exilado aqui foi simplesmente porque na capital, por mais que seja enorme e cheia de gente, havia a chance de nos encontrarmos. Não queria isso até que ela estivesse pronta para me ver de novo.

— Nenhuma pretendente? — questiona, com um leve tom de brincadeira, seus olhos me espiando.

— Ah não — digo, abrindo um sorriso acanhado. — Bem, teve uma garota, mas

foi coisa do meu velho. Ele simplesmente apareceu com ela aqui e não quis fazer desfeita. Caminhamos pela fazenda, conversamos, jantamos com meu pai e minha madrasta e só. Não rolou mais nada. Fui franco com ela. Disse que estava esperando alguém.

Um sorriso ilumina o rosto dela, seus olhos caindo para as mãos em seu colo, os olhos cabisbaixos denunciando uma timidez que nela é gracioso.

— Quase um ano atrás — murmura — me pediu para te procurar quando tivesse certeza do que sinto por você.

— Sim — confirmo, minha voz saindo trêmula.

Tenho medo, essa é a verdade. Porque na época não disse apenas para me procurar caso gostasse de mim realmente, mas também caso não gostasse.

Agora ela está aqui. Pode ter vindo me dizer que está bem de novo, que apesar de todo abalo psicológico e da ligação que criou comigo, ela me ama, como pode ter vindo dizer que se enganou o tempo todo.

— Pois bem… — cicia, aproximando-se um pouquinho mais de mim.

— Já tem meses que estou em consulta com a psicóloga e trabalhamos muito esse vínculo que inconscientemente criei com você. Foi um processo lento, até doloroso, mas consegui separar o joio do trigo, Pierre — diz, pescando meus dedos e me acariciando.

Sinto isso como um sinal. O seu carinho em mim é um sinal, não é?

Ou ela não faria isso comigo, sabendo que o *que eu sinto* é real. Juliette não se prezaria a me dar falsas esperanças assim com esse toque. Porque ela sabe.

Sabe que me apego nesse contato íntimo mais do que deveria.

— O vínculo foi embora. A visão endeusada que tinha de você foi embora. Minha extrema dependência emocional foi embora. O amor ficou.

Engulo em seco, lágrimas pinicando meus olhos. Meu coração está tão acelerado que desconfio que vou ter uma taquicardia aqui e cair duro nessa cama.

— Aprendi a diferença entre amor e dependência emocional — segue dizendo, seus dedos ainda enroscados amorosamente nos meus. — Na dependência emocional, tinha um medo extremo de te perder, irracional, que me fazia me comportar de um jeito nada saudável. Sentia como… se meu mundo girasse em torno de você, sabe? Que você era o homem da minha vida e eu desaprenderia a respirar se te perdesse.

Ela faz uma pausa aqui, erguendo os olhos para mim. Julie sorri, aproxima sua boca do meu rosto e captura uma lágrima que inesperadamente escorreu dos meus olhos.

— O amor é diferente — sussurra, rente aos meus lábios, seus olhos nos meus, desviando em seguida para minha boca. Meu coração dá outra errada de batida, lembranças do gosto, da textura e da suculência do seu beijo me bombardeando. — Vim para cá sabendo que você simplesmente poderia ter seguido em frente e poderia estar com outra pessoa. Isso doeu. Doeu muito. A ideia de perder você doeu. Mas, ao mesmo tempo, sabia que era capaz de superar isso, de desejar que você fosse feliz e isso seria o suficiente para mim. Ainda te vejo como o homem da minha vida porque nunca amei alguém como amo você, a diferença é que não te ponho mais no centro do meu mundo. Você está nele, como Valentin está, como Adrien, como Juliene, mas não no centro.

Não tenho tempo de responder qualquer coisa. Quando abro a boca, Juliette avança sobre mim, encaixando a sua na minha, seus dedos voando para a minha nuca e se embolando nos meus cabelos. Ela é exigente, buscando minha língua, mais fundo, inspirando com dificuldade. Só leva um quarto de segundo para eu ceder e corresponder, puxando seu corpo para meu colo, minhas mãos subindo por dentro da sua camisa branca. O calor da sua pele me estremece todo e causa uma onda de aflição que não sei explicar, mas que se manifesta nos meus olhos, em forma de lágrimas.

— Ah, Deus, senti tanto a sua falta — digo, demorando a perceber que choro um pouco. — Tive tanto medo de você não sentir o mesmo que sinto por você, Juliette. *Je t’aime* — declaro de repente, pescando sua boca de novo, nem lhe dando tempo de resposta. — *Je t’aime beaucoup* — digo, repetindo mais três vezes. Há meses tenho isso dentro de mim, há meses quis dizer essas palavras, mas não pude.

— *Je t’aime* — responde, abrindo vagarosamente os botões da minha camisa. —

Sempre amei, Pierre. O sentimento só estava escondido, camuflado, mas ele sempre existiu. Nasceu da minha dependência emocional, mas sempre existiu. Precisei desse tempo para encontrá-lo. Não há mais nenhuma dúvida de que amo você — diz, passando minha camisa pelos ombros, depois pelos braços, até meu tronco estar nu.

Seus olhos analisam meu peito desnudo, as palmas escorregando lentamente pela minha pele enquanto diz o quanto teve saudade de me tocar.

Sua boca atrevida desce até meus mamilos, e meu corpo começa a reagir com o simples toque. Ela puxa a camisa pela cabeça, ficando só de sutiã na minha frente, que logo também está no chão. Então, ela esmaga o seu peito no meu, causando-me uma eletricidade incrível de excitação. Suspiro, abraçando-a, curtindo o calor da sua pele na minha.

— Não tenho camisinha aqui — digo quando seus dentes arranham o lóbulo da minha orelha em uma provocação excitante.

— Não precisamos — alega, arrastando suas mordidas pelo meu ombro, retornando em seguida para meu ouvido e cochichando: — Quero sentir seu pau dentro de mim sem nenhuma barreira.

Putain.

Eu a tiro do meu colo na mesma hora, desabotoando sua calça jeans,

livrando-a dela e da sandália de tiras nos pés. Toco sua boceta por cima da calcinha e levanto o olhar de novo em sua direção; Juliette de pé, na minha frente, eu ainda sentado na cama. Faço contato visual enquanto acaricio sua intimidade. Aos poucos, coloco-a de lado e encontro seu clitóris.

— Pierre… — choraminga enquanto movimento para frente e para trás o indicador entre seus lábios vaginais, vez ou outra circundando seu fecho de nervos.

Abaixo sua calcinha até os calcanhares e a trago mais para mim, enfiando o rosto entre suas pernas. Ela coloca um pé na cama, ao meu lado, e eu a chupo, puxando seu quadril em direção aos meus lábios desesperados.

Ela geme baixinho, contorcendo-se à medida que minha língua trabalha no seu

clitóris, e meus dedos, na sua boceta, deslizam vagarosamente para dentro dela.

— Goza na minha boca — peço, rouco, sentindo meu pau apertado na maldita calça jeans. — Sei que você gosta da minha língua na sua boceta. —

Seus dedos se fecham com força nos meus cabelos, forçando meu rosto mais contra o meio das suas pernas.

Ela cantarola, seu quadril movendo-se rapidamente contra minha boca, e sei nesse instante que encontrou o ápice. Não a deixo se recuperar.

Jogo-a na cama, desfazendo-me do meu tênis, da minha calça e cueca, pondo-me entre suas pernas, minha ereção tão dolorida que não sei como estou aguentando.

— Anticoncepcional? — pergunto, antes de entrar nela.

Juliette levanta as pálpebras, seus olhos castanhos em puro deleite.

— Não. Nenhum. Mas pela minha tabelinha, hoje pode — diz, abraçando minha cintura com as pernas, forçando minha bunda com os calcanhares, num claro pedido de que me quer logo dentro dela.

— Veremos isso quando voltarmos a Paris — imponho, um instante antes de deslizar para dentro dela.

A carne úmida e quente da sua boceta me contorna e, de todas as formas que imaginei como seria transar com ela sem o látex nos protegendo, não cheguei nem perto de adivinhar a sensação. Deus, é bom. É tão bom que quero passar o resto da vida aqui, enterrado nela, sentindo sua boceta se

contrair no meu pau à medida que invisto.

— Me coloca de quatro — pede, passando as unhas nas minhas costas.

Meu pau lateja com seu pedido e não leva nem um segundo para estarmos assim. Seguro sua nuca, pressionando seu rosto contra o colchão enquanto me arremeto de forma alucinada atrás dela e toco furiosamente seu clitóris. Ela anuncia o segundo orgasmo, fazendo-me investir com mais dedicação e afinco no meu dedo e nas batidas dos nossos quadris. Juliette goza, abafando o grito no travesseiro, seu corpo tremendo sem cerimônia. Eu me liberto dentro dela

exatamente um segundo mais tarde, segurando o quanto posso meus gemidos roucos.

Caio na cama e a puxo para mim, suas costas no meu tórax, controlando a respiração, inspirando profundamente. Ela se acomoda nos meus braços, roçando os pés nos meus.

— Pierre — me chama, baixinho.

— Hum? — murmuro de volta, olhos fechados, meu corpo ainda assimilando a onda de dopamina, endorfina e oxitocina que foi liberada na minha corrente sanguínea.

— Vem morar comigo e com Valentin?

Viro-a para mim, seu corpo nu e ligeiramente suado grudando no meu. Seus olhos brilhosos combinam com o sorriso nos seus lábios inchados.

— Achei que nunca fosse me pedir isso — brinco, e Juliette ri, aconchegando-se no meu abraço um pouco mais.

Fecho os olhos de novo, apertando-a mais contra mim, ansioso para que, finalmente, nós três sejamos uma família. Do jeito que sempre idealizei.

FAMÍLIA LAURENT

PIERRE

— Atrapalho? — pergunto, dando uma leve batidinha na porta.

Étienne ergue o olhar para mim, tirando a concentração do seu cérebro de mentira. Ele sorri ligeiramente, livrando-se do microscópio acoplado nos seus óculos de proteção. Olho ao redor e vejo que está sozinho, o que é uma novidade, uma vez que sua pesquisa com os estimuladores cerebrais demanda de uma equipe de ao menos mais dois médicos. Parecendo ler meus pensamentos, enquanto repousa o instrumento de trabalho delicadamente sobre um livro aberto, ele diz:

— Cheguei antes de todo mundo.

— Ah — suspiro, adentrando mais na sala e encostando a porta atrás de mim. — Vim perguntar se posso passar o final de semana com Édouard.

Bem, quero dizer, só estarei lá por meio período, mas Juliette pode cuidar dele o restante que eu não estiver. Valentin gosta muito dele.

Meu irmão gira nos calcanhares, indo até uma mesa computadorizada, cheia de livros e papéis, sentando-se na cadeira. Mexe no *mouse* e digita alguma coisa rapidamente, talvez anotando alguma informação da sua pesquisa para não esquecer, uma vez que o interrompi.

Étienne está focado. Nós ficamos longe por um tempo, eu em Rennes, ele aqui em Paris com seus estudos, e mantivemos contato depois que nos entendermos da discussão por conta da guarda do menino, tantos meses atrás.

É claro que ele achou um absurdo eu simplesmente me mudar para Rennes por mais de algumas semanas e todo dia me ligava querendo saber quando eu ia retornar, dizendo que sentia minha falta, que Édouard sentia a minha falta.

Logo após a segunda audiência que determinou que a guarda do garoto continuava comigo, tratei de ter uma conversa séria com meu irmão e disse que, por mais que não fosse nenhum problema ter a custódia do meu

sobrinho, ainda assim não era minha responsabilidade.

Um pouco de burocracia aqui e ali, alguns meses de acompanhamento com a assistente social, e a guarda é de Étienne outra vez, o pai de Édouard, o homem que nunca deveria ter aberto mão desse direito.

Ele está focado. Nunca o vi tão focado assim desde o sumiço da esposa. É claro que existe uma linha muito tênue entre foco e obsessão pelo trabalho, e foi este último o responsável por derrocar seu casamento, mas pelo que vim acompanhando nesses três meses desde que voltei para a capital, é que ele está sabendo muito bem equilibrar a vida. Além do mais, meu irmão está bem. Sozinho, porque ele se nega a ter qualquer relacionamento amoroso. Mesmo com Alizée, soube depois, que nunca passou do jantar daquela noite. Sei muito bem que ele não precisa de ninguém para fazê-lo feliz, seu “casamento” com o trabalho parece tudo o que precisa no momento. Se meu irmão está satisfeito e feliz, eu também estou.

— Não só pode, como inclusive ia te telefonar hoje para saber se poderia cuidar dele para mim na quarta-feira, que não tem aula. Sabe aquele artigo sobre minha pesquisa que publiquei mês passado? — pergunta, e abano a cabeça em positivo. — Surgiram mais alguns interessados em patrocínio. Temos uma reunião na quarta para eu fazer uma apresentação formal de tudo que já foi desenvolvido nessa primeira fase.

Realmente fico feliz por meu irmão. Esse estudo sempre foi um sonho muito pessoal dele, interrompido quando toda sua vida virou de ponta-cabeça. Vendo-o agora animado com a perspectiva de novos apoiadores, que lhe trarão aparatos tecnológicos, bolsas de estudos e financiamento, sinto-me orgulhoso dele.

Étienne suspira, passando a mão pelos cabelos e saindo de trás da sua mesa, sentando-se à beirada. Ele me olha com as sobrancelhas levemente franzidas, o semblante meio duro.

— Não é nada garantido — informa. — A instituição escolhe só os melhores projetos para financiar. Tenho alguns concorrentes, é claro, e Francine está entre eles.

Nem me abalo à menção do nome dessa mulher. Acho que a tranquilidade da fazenda em Rennes me ajudou a colocar a cabeça no lugar e

descarregar toda aflição e angústia que ela me causou um dia. De volta ao Necker-Enfants Malades, é inevitável que, vez ou outra, a gente se esbarre pelos corredores. Limito-me somente a um cumprimento rápido, e ela também não me atormenta mais.

— Deve saber que ela está com uma pesquisa voltada ao mal de Parkinson.

— Eu soube — respondo, desinteressado. — De qualquer maneira —

remanejo o assunto, não querendo me deter em Francine mais do que é necessário —, fico com o garoto na quarta e no final de semana.

Étienne balança a cabeça em positivo, recolocando seu microscópio e voltando para o cérebro-simulador, que está todo conectado aos computadores e é semelhante a um cérebro humano. Não sei exatamente o que está fazendo, porque o equipamento é usado para simular uma neurocirurgia, principalmente as de alto risco. Lembro-me da risada alta de Valentin, no outro dia quando

estive aqui para assinar minha recontratação, que assustou meu irmão, na mesma posição de agora. O movimento abrupto da sua mão firme fez o equipamento apitar: *paciente morto*.

Ele abana a mão, dizendo que precisa voltar a trabalhar e praticamente me expulsa. Rindo, volto rapidamente para minha ala para cumprir o resto do meu turno. Estou terminando de me trocar quando Céline, a chefe da ginecologia, surge, vindo até mim para me cumprimentar. Ela tem um jeito bastante irreverente e espaçoso, o que estranhei logo no meu primeiro dia de volta. De alguma forma, me identifiquei com ela, porque é uma pessoa fácil de se sociar e conversar. A mulher também está encerrando o plantão e, assim que pega todas as suas coisas, deixamos o hospital juntos.

Durante o caminho falamos um pouco sobre uma paciente de doze anos que chegou esses dias. Vítima de estupro. Grávida. Deu entrada no hospital para fazer o aborto. É um assunto que me deixa muito desconfortável, então prefiro falar de outra coisa. Dois minutos depois, estou rindo de uma situação constrangedora que ela passou e me conta.

— Não é a sua namorada? — Céline diz, apontando.

Ergo os olhos, mirando para a direção que aponta. Juliette está a dez metros de mim, perto do meu carro, segurando Valentin nos braços. Despeço-me de Céline, ela indo para outro caminho, e vou ao encontro da minha

namorada, sem entender exatamente a sua presença.

— Oi — digo, apoiando a mão na sua cintura e beijando sua boca delicadamente. Ela sorri contra meus lábios e responde enquanto deixo um selinho em Valentin e o pego para mim. — Adrien não ia ficar com ele hoje?

— pergunto, olhando para o garotinho e enfiando meus dedos grandes nas suas costelinhas. O menino de nove meses se contorce e gargalha do seu jeito gostoso.

— Ia — responde, enfiando a mão no bolso da minha calça e pegando as chaves do carro. — Estaria de folga e por isso não mandei Valentin para creche, mas parece que Ferdinand mudou de ideia e o requereu outra vez.

Será que você pode ficar com ele para mim, Pierre? — pergunta, conferindo as

horas no relógio. Sei que ela começa às nove e são pouco mais de sete. —

Sei que ficou de plantão a noite toda, mas vou tentar cumprir só meio período e…

— Fico — digo imediatamente. Não seria a primeira vez, de qualquer forma. Sábado ou outro ele fica comigo porque a mãe precisa estar no trabalho. Às vezes, preciso levá-lo comigo para o hospital, mas me viro bem me revezando com as enfermeiras que o adoram. — Sabe que nem precisa me pedir assim, como se ficar com ele fosse um problema para mim.

Não queria mesmo que ela tivesse esse tipo de sentimento. Gosto de Valentin. Eu o *amo,* e tudo que faço por ele é de bom coração. Sei que parte disso é culpa minha. Tem três meses que nós começamos uma vida a três e, apesar de em grande parte eu fazer o papel de pai, nunca conversamos sobre essa convivência paternal que tenho com o pequeno. Não tenho nenhuma denominação para esse vínculo com o garoto. Quando estava grávida, ela sempre se referia a mim como "tio Pierre". Claramente não sou tio dele. Nem quero ser. Quero mais do que isso. Hoje, entretanto, não sou tio, nem padrasto. Só apenas "Pierre". Algo que realmente me desagrada e já tem umas semanas que venho trabalhando para mudar isso.

— Sei que não é — responde, molhando o lábio inferior. Sinto que Juliette acha que Valentin me incomoda e por esse motivo sempre tenta fazer tudo sozinha, pedindo minha ajuda o mínimo possível, embora eu me prontifique na maioria das vezes para ajudá-la com um banho, uma troca de fraldas, uma mamadeira na madrugada. — Mas é que não é sua obrigação…

Simplesmente abano a mão no ar e tomo as chaves dela outra vez, desativando o alarme do carro e abrindo a porta. Acomodo Valentin no assento apropriado.

— Já disse que fico com ele, Julie — respondo, mais incisivo, terminando de prendê-lo. Deixo outro selinho nos seus lábios e fecho a porta.

— Entra no carro que vou te levar até o trabalho e depois vou pra casa. —

Um sorriso singelo cruza sua boca gostosa e ela me dá um beijo profundo e gostoso antes de atender meu comando.

A viagem até *Chevalier Arch* leva cerca de meia hora. Levaria menos se não

tivesse parado para comprar um copo de café e um croissant para ela, que saiu de casa sem comer nada. Juliette se despede de mim com um beijo úmido e um abraço apertado. Faz o mesmo com Valentin, deixando um beijo estalado na sua bochecha. Vou para casa, conversando o caminho todo com meu garoto. Ele ri e bate braços e pernas todo o trajeto.

Valentin não é uma criança difícil de cuidar. Em casa, arrumo uma coisa outra, lavo uma louça da noite passada e pego alguns brinquedos do chão. Quando ele tira um cochilo no meio da manhã, aproveito para descansar um pouco. Dormimos juntos, seu rostinho escondido no meu peito, o corpinho aconchegado nos meus braços grandes. Acordamos juntos pouco depois do horário do almoço. Encontro uma papinha congelada, que aqueço no micro-ondas, e o alimento, eu mesmo só forrando o estômago com um sanduíche de frango e queijo. Passamos o resto da tarde brincando e passeando nas redondezas. Perto do horário de Juliette chegar em casa, nós voltamos. Dou um banho quente em Valentin e alguns mililitros de leite.

Penso que com isso o garotinho vai dormir mais um pouco, mas sou terrivelmente contrariado.

— Vou te mostrar uma coisa — digo a ele, terminando de ajeitar a jardineira que coloquei no seu corpinho rechonchudo.

Pego-o no colo e o levo até o meu quarto. Reviro o guarda-roupa, tateando os bolsos do meu paletó até que sinto a firmeza do objeto. Tomo-o em mãos e o coloco na frente dos olhinhos cor de mel. Valentin estica as mãozinhas, querendo pegá-lo. Tiro do seu alcance.

— No momento certo, Valentin — murmuro, abraçando suas costas e deixando um beijo no topo da sua cabeça.

Leva mais algum tempo até que ouço Juliette chegando. A porta da frente abre e fecha com um bater natural, e a voz dela ressoa pela casa, chamando meu nome. Grito um “aqui no quarto” e leva dois minutos para que apareça, o que me dá tempo suficiente para esconder o objeto no bolsinho da jardineira do bebê. Ela surge, afofando os cabelos, descalça.

Deve ter largado os saltos na entrada, o que me deixa possesso porque sempre tropeço naquelas porcarias.

— Oi, meninos — diz, indo até Valentin primeiro e dando um beijinho nele. Tenta pegá-lo de mim, mas não deixo. Sai. É meu. Ela ergue uma sobrancelha e ri, balançando a cabeça em negativo. Por fim, encosta seus lábios nos meus, e suspiro conforme o aroma da sua pele vai tomando conta do meu olfato.

— O que você está aprontando, Pierre? — pergunta, afastando-se apenas o bastante para me olhar nos olhos.

— Bem — digo, dando um passo atrás, e ajeito o menino melhor no meu colo, de modo que fique de frente para a mãe, meus braços por baixo das suas perninhas. — Há algo que Valentin quer te dar.

Juliette olha de mim para o filho, arqueando uma sobrancelha, mãos na cintura. Informo onde está — no bolso da jardineira — e ela se aproxima, enfiando o dedo no espaço. Seu corpo trava na mesma hora quando parece reconhecer pelo tato do que se trata. Vagarosamente, ela o tira do seu esconderijo.

— Pierre — murmura, assustada, os olhos enchendo de lágrimas e fixos na aliança.

— Tivemos uma conversa séria de homem para homem — pronuncio, arrancando dela uma risada em meio às suas lágrimas tímidas. — Disse que só tenho boas intenções com a mãe dele, que, para esse relacionamento dar certo, preciso que esteja de acordo e nos dê a sua benção.

Juliette ri de novo, secando as gotas que escorrem pelo seu rosto, dizendo que não tenho jeito. Sei que está prestes a dizer *sim*, mas há uma segunda coisa que também quero pedir e vou aproveitar o momento. Por esse motivo, antes que diga qualquer coisa, eu tomo a frente:

— Valentin quer saber se você aceita se casar comigo e se me deixa

ser o pai dele.

Os olhos dela se arregalam. A boca, entreaberta, não emite som algum. O instante de silêncio entre nós faz com que eu tenha a impressão de que meu coração vai parar, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, sinto-o bater nos meus ouvidos. Ela nem fica tanto tempo assim sem me dar uma resposta, mas na minha cabeça parece um espaço temporal grande demais para aguentar. Embora minha vontade seja de pedir para, pelo amor de Deus, dizer alguma,

deixo que tome o tempo necessário para processar meu pedido.

Não só o de casamento, visto que, tecnicamente temos pouquíssimo tempo juntos, mas o meu desejo de assumir Valentin, que só carrega o sobrenome dela. Julie precisa concordar que Valentin Laurent soa bem, não melhor do que Gautier, mas soa bem.

— Não sei o que dizer — confessa, baixinho, deitando a cabeça no meu ombro.

— Sou um bom partido, sabe disso — brinco, e outra onda sonora da sua risada invade o quarto, preenchendo-me de uma sensação boa.

— Para a primeira pergunta, é sim. Para a segunda é que não sei o que dizer. — Juliette ergue a cabeça, seus olhos ainda úmidos encarando os meus.

— Diga sim também — murmuro, arrastando meu rosto no seu. —

Amo esse garoto desde muito antes de ele ter nascido, Juliette. Mesmo que esse menino não tenha meu sangue, sinto que sou pai dele. *Quero ser* o pai dele. Mas só se você deixar. Caso você não queira, finjo demência e esqueço que essa conversa aconteceu — gracejo para aliviar um pouco a tensão entre nós.

A resposta que recebo é um beijo profundo, ela quase se pendurando no meu pescoço para procurar mais espaço na minha boca, querendo me devorar, me possuir, buscando tudo de mim. Retribuo na mesma medida até me recordar do garoto no meu colo.

Olha a indecência perto da criança.

— É isso mesmo o que você quer? — pergunta, ligeiramente receosa.

Nem posso julgar o seu medo, mas não sou esse tipo de cara. Se me

permitir assumi-lo, jamais vou jogar na cara dela qualquer coisa relacionada a isso. Assim que registrá-lo, Valentin vai ser meu filho, independente se somos consanguíneos ou não. Ele pode não ter o meu sangue, mas tem o meu amor, o que é mais do que suficiente.

— Nunca tive tanta certeza na minha vida — afirmo, seguro do que realmente quero. — Quero dar meu sobrenome para você e para o seu filho.

Nosso filho. Nosso garoto.

Da melhor maneira que pode, Juliette me abraça apertado, escondendo o rosto no meu pescoço, inspirando fundo o meu cheiro.

Também me aconchego nela, trazendo Valentin para o nosso meio. A mãe joga um braço em torno dele, e então estamos em um abraço triplo.

— Sim e sim — diz, baixinho, a voz ainda carregada de emoção.

Eu os aperto mais contra mim, meu peito transbordando de amor.

Minha mulher. Meu filho. Minha família.

Família Laurent.

Não há nada mais no mundo que eu queira nesse momento.

CONFRATERNIZAÇÃO

PIERRE

Isso é autoflagelo.

Prometi a mim mesmo que não buscaria saber *como* aconteceu, mas aqui estou eu, esperando Othon, mais de um ano depois desde a última vez, às vésperas do meu casamento com Juliette. Meu coração bate igual àquele dia, descompassado, nervoso, quase entalado na garganta. Até parece que vim pedir outro *"favor"*.

Prometi nunca querer saber, mas eu vim. Nos últimos meses, foquei no que realmente interessava para poder lidar com isso. Enquanto estive em Rennes, ocupei a cabeça com o trabalho que meu pai designava, li inúmeros artigos sobre tecnologias e estudos na minha área, eu mesmo escrevendo um breve ensaio sobre a reação do corpo feminino quando tem um orgasmo.

Tentava não pensar muito no que fiz e, sempre que pensava, me convencia de que era Antony ou as pessoas que amo, tentava me convencer de que não hesitei da mesma maneira que ele não hesitaria, que livrei o mundo de alguém perigoso. Pensei que, dentro de alguns anos, Valentin poderia andar em segurança, Juliette poderia andar em segurança. Fiz pensando neles.

Prefiro lidar com a culpa a lidar com qualquer um que eu ame machucado por causa daquele homem.

Quando Juliette me procurou e fomos morar na mesma casa, meu foco foi nela e em Valentin. Joguei tudo para a parte mais obscura da minha mente, me concentrei em ter uma boa vida ao lado dos dois, e segui em frente da melhor maneira que pude. Ainda sigo em frente da melhor maneira que posso.

Meus pensamentos são levados embora quando o agente penitenciário traz Othon e o coloca de frente para mim. Recebo instruções, que não mudaram desde um ano atrás, e somos deixados sozinhos.

O enorme homem me encara por alguns segundos, o semblante demonstrando que não compreende minha visita. Nunca disse que jamais voltaria, mas também não disse que voltaria. Há um traço de hesitação nos seus olhos, que ele desvia de mim, cortando o contato visual por motivos que não compreendo. Othon está ligeiramente estranho, parece nervoso e indeciso. Ou só está enojado de mim.

Tudo bem, porque foi assim que me senti nos primeiros dias.

Amasso a beira do papel pardo que trago comigo, descarregando um pouco da aflição que sinto.

— Trouxe alguns relatórios do dinheiro que investi e… — Quebro o silêncio com um sussurro, não sabendo exatamente como iniciar essa conversa, mas sou logo interrompido.

— Não quero seu dinheiro, Laurent. — Sua voz sai baixa, rouca, mas não ameaçadora, nem desdenhosa. Reconheço uma nota de vergonha.

— Por quê? — questiono, enrugando o cenho.

Othon se vira para mim.

— Não fiz o que me pediu. — Meu coração erra uma batida e fico perdido com sua informação. — Estava esperando os dois meses que me aconselhou. Leclerc arrumou confusão com aquele grupo antes que eu tivesse tempo de planejar qualquer coisa. Ele morreu, mas não foi porque fiz o que combinamos.

De repente, uma onda de alívio perpassa meu corpo, fazendo-me afundar na

cadeira em que estou. Minha boca seca e meus olhos ardem com as lágrimas que ameaçam descer. É hipócrita da minha parte me sentir aliviado porque ele não morreu a mando meu, mas morreu porque procurou seu próprio destino.

— Eu poderia ter dado um jeito de entrar em contato com você —

Othon prossegue —, mas a verdade é que fiquei quieto porque queria o dinheiro. *Preciso* do dinheiro quando sair daqui, Laurent. Eu… Me desculpe

— pede, evitando o contato visual de novo.

Balanço a cabeça em negativo, dispensando suas desculpas e também para afastar as lágrimas de mim. Alivia um pouco saber que Antony se



afundou sozinho, encontrou o que estava procurando; ainda assim, não me exime da culpa de ter vindo comprar sua morte. Mesmo ligeiramente aliviado em saber que não causei a morte dele, vou continuar tendo que lidar que cheguei ao extremo uma vez na vida.

— Mas estava disposto — digo, com um amargo na voz, mais pela minha atitude de pedir algo tão desprezível do que por ele ter se disposto a cumprir. — O dinheiro é seu, Othon.

Ele se volta para mim, lentamente. Antes que me diga qualquer outra coisa, levanto-me, pronto a ir embora.

— Os títulos vão continuar no seu nome — informo apenas.

Do lado de fora do presídio, fecho os olhos e deixo a brisa gelada acertar meu rosto.

— Preciso admitir que ela é uma boa moça — papai diz, ao pé do meu ouvido, enquanto termina de ajeitar alguns petiscos na bandeja. — Tudo bem aquele

garoto ser meu neto.

Sorrio, parando um segundo com a minha tarefa de ajudá-lo com os aperitivos da badeja, e ergo o olhar para Juliette. Minha esposa. Ela está alguns metros longe, papai e eu na área de lazer preparando mais tira-gostos para os convidados. É um dia ameno em Rennes, numa pequena confraternização entre amigos e familiares depois que me casei ontem, em Paris.

Édouard passa correndo por ela, fazendo Valentin gargalhar e querer descer do colo dela, que o mantém sobre suas pernas e volta a conversar animadamente com Juliene e Ann-Marie. Bernardo está ao lado da mulher, mas a atenção está no carrinho de bebê perto dele, conversando com o filho de uns quatro meses.

Estou feliz que tenham vindo. De verdade. São meus amigos e gosto deles por perto num momento feliz como esse. A gargalhada alta de Marie,

conversando com Étienne num outro canto, é trazida pelo vento, fazendo meu pai erguer o olhar em sua direção e balançar a cabeça em negativo. Ele não gosta muito de pessoas escandalosas.

— Ela é — respondo-o, por fim.

No começo, Joseph resistiu um pouco a esse relacionamento. Não tinha só pela questão pela qual passamos meses antes, mas por causa da minha decisão de assumir Valentin. O velho Laurent criou uma resistência boba com Juliette, desde o dia que ela veio aqui “me buscar”. Fez cara feia igual criança, sim, mas entendo que, na cabeça dele, estava pensando no melhor para mim. Mas precisava que ele aceitasse a mulher que amo fazendo parte dessa família, então fui os aproximando aos poucos nesses últimos meses. Pelo menos uma vez por mês vim visitá-lo e trouxe minha namorada e meu filho juntos. No aniversário de um ano de Valentin, duas semanas atrás, meu pai ligou, desejou felicidades, pediu para colocar o garoto na linha, que reconheceu a voz dele e ficou agitado. Dias depois, o correio entregou um presente para ele, com remetente no nome do meu pai.

Faltando uma semana para me casar, Joseph enfiou na cabeça que precisávamos de uma confraternização. Não íamos fazer nada além de um pequeno almoço em família, com os mesmos amigos mais próximos que estão aqui. Meu pai, contudo, insistiu que deveríamos vir para Rennes, passar um final de semana e hospedar esse povo todo na fazenda. Espaço não falta.

Juliette e eu concordamos porque vimos que foi o modo dele de dizer que ela era da família agora. Ela e Valentin.

Meu velho limpa as mãos no pano de prato e se vira para mim, apoiando a direita no meu ombro.

— Sei que não fui muito compreensível no começo, mas entenda que só estava preocupado com você. — Seu olhar se perde um instante no meu irmão, rindo com Juliene de alguma coisa que conversam. — Veja o que uma mulher fez com Étienne.

— Pai…

Ele nem me deixa terminar. Apenas abana a mão, dispensando qualquer comentário que eu pense em fazer.

— O que passou já não importa. Importa somente agora, e agora

estamos comemorando seu casamento — diz, apoiando as duas mãos nos meus ombros, com um sorriso paternal e carinhoso. — Me prometa que vai me visitar com mais frequência agora. Não me faça ir à capital matar a saudade do meu neto caçula.

Sorrio, abanando em positivo, com uma alegria diferente tomando conta de mim. O modo como ele pronuncia *meu neto*. Tem tanto amor e carinho nas suas palavras. Ele considera Valentin seu neto com o mesmo amor que eu o considero meu filho. Avanço sobre meu pai e o abraço forte, prometendo que viremos sempre que possível. Ele me afasta, espanando meus ombros, e sorri outra vez antes do nosso momento ser interrompido pela minha madrasta, que chega elogiando Adrien aos montes, com um sorriso de orelha a orelha, depois de passarem um tempo conversando.

Joseph enruga o cenho severamente, direcionando o olhar para Bourdieu, que agora está com meu filho no colo, brincando com ele. Tem alguém com ciúmes. Meio mal-humorado, papai entrega as bandejas com os petiscos para a esposa e decide ir com ela distribui-los. Olha ele marcando território.

Rio da situação e lavo as mãos, até que sinto braços me contornando.

Os lábios dela pousam no meu rosto e giro no mesmo instante, pressionando sua

boca na minha.

— Oi, marido — murmura, arrastando o nariz no meu pescoço.

— Oi, esposa — devolvo, apertando sua cintura.

— Precisa de ajuda? — oferece, olhando para o balcão cheio de louça para lavar.

Antes que eu responda, ela se prontifica a dar uma organizada na bagunça que Joseph e eu fizemos. Vou secando os copos e pratos enquanto conversamos amenidades. O dia passa de forma agradável, recheado de conversas fáceis, risadas e companheirismo. Valentin é o centro das atenções, como era de se esperar. Ainda mais agora, que está tentando andar. Ele sai escorando em tudo e em todos, nas suas passadas rápidas e desengonçadas.

Em certo momento, até fazemos uma competição. Juliette e eu ficamos lado a lado, meu pai atrás do neto que dá passos cambaleantes, e nós dois o incentivando, ela com “vem para a mamãe”, e eu com “vem para o papai”.

Teve até aposta em dinheiro entre Adrien e Bernardo. Dousseau apostou que

o garoto ia para a mãe, enquanto Bourdieu apostou em mim.

É nesse momento, num fim de tarde em Rennes, com um sol agradável nas nossas peles, enquanto brincamos com o menino, que ele faz duas grandes “primeiras vezes”. Valentin consegue andar sozinho os dois metros que nos separam, suas perninhas aceleradas na minha direção. Vibro quando o vejo ajustando o caminho para mim, o que me faz intensificar mais o meu “vem, garoto!”. Então, quando meu filho está entre meus braços, ele gargalha e solta um:

— Papai.

Ele já diz mamãe. Diz desde os oito meses, mas como tem relativamente pouco tempo que entrei na vida dele como pai, é natural que demorasse um pouco mais para dizer. Mas ele disse. Esperei por esse momento cada segundo desde o dia que decidi que o queria como meu filho.

Incentivei-o sempre que podia, repetindo a palavra. Valentin nunca disse. Até hoje. Até agora. Simplesmente não sei lidar com isso sem ser juntando lágrimas

nos olhos e beijando seu rosto, deixando transbordar toda a emoção que sinto nesse instante.

Juliette se aproxima, envolve-me em seus braços quentes e beija meu rosto, um sorriso nos olhos e nos lábios que revela a mesma emoção minha.

— Agora diz “vovô” — meu pai incentiva, e todos nós rompemos em gargalhadas.

Valentin me abraça, deitando o rostinho no meu ombro, seus bracinhos curtos em torno do meu pescoço. Afago suas costas, deixando um beijo na sua bochecha corada e o apertando mais contra meu peito.

Esse garoto veio ao mundo para ser meu filho.

Ninguém nunca poderá contestar isso.

EPÍLOGO

PIERRE

Ann-Marie me abraça em despedida, apertado. Bernardo não para de buzinar na frente de casa, infernizando a esposa para irem embora.

— Se deixar, passam a tarde tricotando — grita, quando a mulher o manda esperar um pouco. — Até Jean-Luc está entediado.

Ela revira os olhos e ri discretamente, pegando-me pelas mãos e me olhando nos olhos. Nunca vou entender por que ela se aproximou tanto assim de mim a ponto de cultivarmos uma amizade sincera. Nunca vou entender e nem quero. É suficiente que seja minha amiga e tenha perdoado as besteiras que fiz um dia.

— A festa estava linda — elogia, olhando por cima do meu ombro, as bexigas e balões de número dois enfeitando a minha sala atrás de mim. —

Obrigada por tudo.

Balanço a cabeça em negativo. Não há o que agradecer. Valentin fez dois anos. O pai dele quis uma pequena festa entre os familiares, porque nenhum de nós dois gosta de qualquer coisa grandiosa. Ainda mais para um bebê de vinte e

quatro meses. Pierre, contudo, quis comemorar o nascimento dele. Chamei os amigos mais próximos, o que se resume a Ann-Marie e Bernardo, Adrien, Étienne, meu sogro com a esposa, e Juliene que saiu às pressas quinze minutos atrás ou ia perder o voo de volta à Inglaterra, onde está cursando o último semestre do seu curso. Marie também ficou de vir, mas avisou que não poderia por conta do trabalho. Enviou uma lembrancinha por Dousseau que é a coisa mais linda.

Despeço-me da minha última convidada uma última vez antes de fechar a porta e começar a limpar a bagunça. Jogo pratos e garfos descartáveis no lixo, limpo a mesa, o chão, junto brinquedos e balões. Uma hora depois, minha sala está devidamente organizada de novo. Vou até o

quarto de Valentin, a passos cautelosos, e, à medida que me aproximo, posso escutar a voz grossa de Pierre cantando uma canção de ninar. Afasto um pouquinho a porta entreaberta e lá dentro o vejo com o menino no colo, segurando uma mamadeira com a mão direita enquanto o balança preguiçosamente. Nunca vou me acostumar com esse carinho dele com Valentin e sempre vou me sentir boba em vê-lo cuidando do filho. Cada troca de fralda, cada conversa, cada banho, cada madrugada que levanta para acalmar o pequeno chorando no berço, cada vez que prepara a mochila da creche, cada vez que fica em estado de nervos quando o menino está doente.

Nunca vou sentir que ele não faz mais que sua obrigação, porque ele não tem obrigação nenhuma. Mesmo depois de ter assumido Valentin, de ter dado seu sobrenome ao meu filho, não consigo cobrar nada de Pierre. Às vezes, me deixo sobrecarregar de tarefas com o menino por causa disso, por não conseguir pensar que, como pai dele, Pierre tem suas obrigações. É claro que isso gera longas conversas de como ele não gosta que me desdobre para fazer tudo sozinha porque ele tem, sim, seus deveres paternais. Aos poucos, estamos trabalhando isso, e estou me sentindo mais confortável e confiante em deixá-lo cumprir a rotina e as tarefas com o garoto.

Pierre finalmente nota minha presença e se vira para mim, abrindo um sorriso pequeno. Sustenta meu olhar só por um segundo antes de voltar a cantarolar e ninar o filho. Encosto a porta de novo e vou para nosso quarto.

Tomo um banho e preparo um filme para passarmos o restante desse domingo gostoso.

Ele surge dez minutos depois, cabelos desgrenhados e cara de cansado. Veio de um plantão hoje cedo e passou o dia me ajudando a organizar o aniversário de Valentin. Cai na cama, ao meu lado, enfiando o rosto no meu pescoço e jogando os braços pesados por cima de mim.

— Ele dormiu?

— Finalmente — responde. — Nunca vi menino para ter tanta energia.

Rio e acaricio seus cabelos pretos — que até hoje, na verdade, não sei são pretos ou castanho-escuros. Nunca perguntei. Pierre fica um tempo aconchegado em mim, respirando lentamente; acho até que cochilou. De repente, solta “eu te amo muito”, o que nem me surpreende porque ele é

dessas aleatoriedades. Sorrio e giro meu corpo por cima do dele, dizendo que também o amo e massageando seus ombros.

Penso em oferecer sexo, mas desisto porque noto que meu marido já está dormindo. Saio de cima das suas costas, colocando-me ao seu lado, deixando meu rosto rente ao seu. Jogo minhas pernas na sua cintura e com o indicador, começo a traçar o contorno do seu rosto bonito.

— Descanse, *mon amour* — murmuro, beijando seus lábios. — E

obrigada por tudo.

FIM



PECADO IRRESISTÍVEL

Leia agora o prólogo do primeiro volume da série.

ANN-MARIE

Meus passos ecoam assim que adentro a Catedral de Notre-Dame.

Cabisbaixa, me seguro para não desabar antes de chegar ao confessionário, ignorando alguns turistas que aqui estão. Aperto o passo, o barulho dos meus saltos intensifica, gerando um eco capaz de me atormentar. Malditos sapatos.

Eu deveria tê-los arrancado e os jogados no Rio Sena a caminho daqui.

Jamais olharei para eles de novo da mesma maneira. Não olharei mais da mesma maneira para estes saltos, para esta saia ridícula, para esta camisa com um botão faltando no final e a gola com o leve aroma dele.

Eu não me olharei no espelho de novo da mesma maneira.

Alcanço o confessionário — vazio, graças a Deus! — e entro, sentando-me meio bruscamente. Arquejo, cheia de dificuldade em respirar, e nem é por ter cruzado a Catedral, ou pela caminhada de quase quinze minutos até aqui.

Há um instante de silêncio. O padre me espera pacientemente.

— Eu pequei, padre — digo, com a voz falha de emoção. Meus olhos lacrimejam, meu coração descompassa ainda mais.

No caminho, fiz diversas preces a Deus, implorando por perdão enquanto me perguntava o que estava acontecendo comigo. Sempre fui tão devota à igreja, à minha fé, à minha religião, e agora acabei de sair da cama de outro homem. Cometi o pecado da fornicação e do adultério. Sinto-me suja e indigna do amor de Deus, precisando do seu perdão e ato misericordioso para comigo, uma pecadora.

— Qual foi o seu pecado, minha filha? — o padre indaga, em tom calmo e amoroso.

Respiro fundo, sendo-me tão difícil admitir isto em voz alta. Já não me reconheço. Não sou a Ann-Marie fiel a Deus e a Seus mandamentos. Sou uma pecadora, uma transgressora. Logo eu, que passei a vida seguindo à risca as Sagradas Leis, sendo fiel a Ele.

— Eu… traí meu marido, padre. Dormi com outro homem — sussurro, deixando as lágrimas molharem meu rosto.

Há outro instante de silêncio.

— Você cometeu o pecado do adultério, minha filha. Um pecado terrível.

Abano a cabeça em positivo, concordando.

— Sim, padre. Mas este não é meu maior pecado — admito.

— E qual é? — ele quer saber.

— Eu traí meu marido. Cometi um pecado imperdoável… E não estou arrependida.

Continue lendo em: https://amzn.to/2UyxXfg



PAIXÃO IRRESISTÍVEL

Leia agora o prólogo do segundo livro da série.

EMILIEN

São cinco da manhã. Ela dorme profundamente, como um anjo.

Sequer consegui pregar os olhos desde nossa última transa. Minha cabeça me atormenta, meu coração bate acelerado. Sei que não é correto. Vai magoá-la ao extremo. Mas tenho que afastá-la da minha vida porque não posso… não posso deixá-la entrar de maneira alguma.

É tão covarde e egoísta. Mesquinho.

Eu deveria desfazer as malas no meu closet, prontas desde ontem, e cancelar o jatinho particular que me espera. Deveria mesmo. Abrir o jogo com ela, ficar em Paris e sermos bons amigos, *só bons amigos,* sem sexo entre nós. Mas não posso. Se estivermos tão próximos, não vou resistir, sei disso. Vou procurá-la, vamos

conversar, talvez jantar com uma boa garrafa de vinho e, embora devêssemos ser apenas amigos, nós vamos transar, e cada vez mais me verei apaixonado por ela. E não posso me envolver com ninguém… Não de novo. Não quando sou instável — mesmo que ela não saiba desse meu lado, mesmo que esteja sob controle há bastante tempo.

Assim, preciso ir embora. Sem acordá-la, sem me despedir. É melhor para ambos. Ela merece alguém melhor do que eu. E eu não mereço ninguém.

Inclino-me suavemente e a beijo no rosto. Marie não acorda, nem mesmo se mexe. Sorrio para mim mesmo e levanto-me com cuidado. O

vestido bonito dela, que usou no casamento de nosso amigo Bernardo noite passada, está esparramado no chão. Abaixo-me e o pego entre meus dedos

por um instante. Inalo seu perfume delicioso, profundamente, na esperança desesperada de ter uma última memória dessa mulher que não seja eu levantando-me depois de uma noite intensa de sexo e indo embora. Não para sempre, mas por um bom tempo. Tempo o suficiente para ela me esquecer e seguir a vida; tempo o suficiente para eu mesmo a esquecer e seguir a vida.

Deixo o vestido no mesmo lugar, quase obrigando-me a isso, porque minha vontade é de levá-lo comigo… Ter um pedacinho dela sempre ao meu lado. Faria isso, se não fosse sua única vestimenta no apartamento. Tomo um banho longo, quente, relaxante, tentando afastar meus demônios internos e esquecer meu passado, tentando não pensar quem poderia ter vazado informações de minha vida pregressa e suja para Antony Leclerc — alguém que considerei um amigo, mas em um determinando momento ameaçou me expor.

Para minha sorte, Antony não é mais uma ameaça para mim. Ainda assim, fico preocupado. Só existem duas pessoas no mundo que sabem meu segredo. Eu sou uma delas.

Esfrego os cabelos e ergo o rosto para a água, que cai sobre mim e lava minha alma. Não gosto de considerar que a outra única pessoa que conhece meus segredos possa ter me traído dessa maneira, delatando-me. Por que faria isso? É de seu feitio me punir quando eu a contrario, mas há tanto tempo não nos vemos… Parece tão improvável Antony conhecê-la.

Fecho o registro e me enrolo na toalha. Isso não importa mais. Queria telefonar e

perguntar “Por acaso você se encontrou com Leclerc e abriu a boca? Por quê? Porque certamente me odeia. Sempre foi assim. Diz que me ama, mas suas demonstrações de amor parecem apenas me prejudicar. Jamais vou te entender. Não consigo te amar de volta. Me puna por isso.”

Visto-me vagarosamente, apenas querendo adiar o momento o quanto possível. Quando estou pronto, sento-me na poltrona em frente à cama e passo as próximas horas antes do meu voo apenas velando o sono dela, observando-a com atenção, gravando cada detalhe do seu rosto, da sua pele, do seu corpo em minha mente, porque sei… sei que nunca mais vou esquecê-la, por mais que eu tente. E mesmo se pudesse esquecê-la, eu não ia querer.

Marie é esplendida demais para ser esquecida.

São oito da manhã quando finalmente saio da minha poltrona e desço

minhas malas até o hall principal, onde um funcionário as pegará para mim e as levará até meu carro. Enquanto isso, na cozinha, preparo um café da manhã reforçado para ela. Sorrio enquanto separo um pouco do cereal, conhecendo-a o suficiente para saber que Marie não come nada antes das dez da manhã, mas sei que só acordará depois desse horário. Modéstia à parte, eu a cansei bastante noite passada, como ela também me cansou. Foi maravilhoso.

Escrevo um bilhete e deixo junto da bandeja.

Passo longos segundos encarando o rápido recado e o café da manhã.

Dou uma risada esganiçada e baixa. É meio que “*pardon* por te comer a noite toda e depois me mudar de país. Tome um belo café da manhã, isso vai te acalmar e certamente te fará me esquecer”.

Mon Dieu, como isso é errado.

Esforço-me mais para conseguir deixar minha cobertura e entrar no meu carro. Meu motorista não conversa comigo. Quando não cumprimento ninguém — o que é raro —, todos sabem que estou de mau humor ou chateado, então também não falam comigo, exceto pelo estritamente necessário.

Encosto a cabeça no vidro e evito olhar para trás, para o edifício onde morei por um bom tempo, onde na minha cama dorme uma bela mulher.

Que acordará sozinha.

Eu me odeio por isso.

Continue lendo em: https://amzn.to/2IMWzKn

PRÓXIMO LANÇAMENTO

PROIBIDO E IRRESISTÍVEL

(Amores em Paris – Vol. IV)

Sinopse: Desde os treze anos, Adrien Bourdieu é apaixonado pela filha do patrão sete anos mais velha. O sentimento que começou como uma paixão de pré-adolescente nunca morreu dentro dele. Muito pelo contrário.

Contudo, o rapaz sempre foi invisível aos olhos de Marjorie, separados talvez pelas realidades díspares ao qual pertencem e pela diferença de idade.

Agora, um homem adulto e feito, há somente duas coisas que ame mais do que a garota de olhos castanhos: sua família e sua profissão. Embora aos 28 anos seja doutor em arquitetura, Adrien ainda não conseguiu seu lugar ao sol e batalha diariamente para isso. A oportunidade perfeita surge por acaso ao mesmo tempo em que, de repente, seu amor da adolescência está de volta a Paris e finalmente parece notá-lo. Nesse momento, ter a atenção e o amor dela seriam um sonho se realizando se não estivesse sendo obrigado a escolher entre a mulher que ama e a ascensão da sua carreira.

CONTATOS DA AUTORA

Facebook: https://www.facebook.com/acnunesautora

Instagram: https://www.instagram.com/a.c.nunes/

Wattpad: https://www.wattpad.com/user/AC_NUNES

Email: ac.nunes@outlook.com.br

Table of Contents

ÍNDICE

PRÓLOGO

ERRO TERRÍVEL

OBSESSÃO

INSISTÊNCIA

A PACIENTE

SINAIS

DEPOIMENTO

PODERIO

INQUIETA AFLIÇÃO

“L’HABIT NE FAIT PAS LE MOINE”

VERDADEIRA FACE

IMPUNIDADE

DESPEDIDA

SEGUIR EM FRENTE

SITUAÇÃO DELICADA

ENTRE TÚMULOS E MAUSOLÉUS

CEDO DEMAIS

UM PRETEXTO PRA TE VER

CONFIE EM MIM

COMPROMETIDOS

BÔNUS – PLATÔNICO

MALES QUE VÊM PARA O BEM

MALDITOS IMPREVISTOS

BAILE A DOIS

DESEJO IRRESISTÍVEL

PRAZER CONDUZIDO

UNE SURPRISE

MUITAS FORMAS DE AMAR

MUITAS FORMAS DE PRAZER

PASSOS IMPORTANTES

FRATERNO

PERDAS

BOLHA DE AMOR

SÚBITA MUDANÇA

FANTASIA

MEDO IRRACIONAL

CIÚMES

REAÇÃO EXAGERADA

DECISÃO DIFÍCIL

AMEAÇA

ÀS CLARAS

TÉRMINO

AUSÊNCIA

CONSCIÊNCIA

ALGO EM TROCA

VALENTIN

O JOIO DO TRIGO

FAMÍLIA LAURENT

CONFRATERNIZAÇÃO

EPÍLOGO

PECADO IRRESISTÍVEL

PAIXÃO IRRESISTÍVEL

PRÓXIMO LANÇAMENTO

CONTATOS DA AUTORA

Document Outline

- ÍNDICE
- PRÓLOGO
- ERRO TERRÍVEL
- OBSESSÃO
- INSISTÊNCIA
- A PACIENTE
- SINAIS
- DEPOIMENTO
- PODERIO
- INQUIETA AFLIÇÃO
- “L’HABIT NE FAIT PAS LE MOINE”
- VERDADEIRA FACE
- IMPUNIDADE
- DESPEDIDA
- SEGUIR EM FRENTE
- SITUAÇÃO DELICADA
- ENTRE TÚMULOS E MAUSOLÉUS
- CEDO DEMAIS
- UM PRETEXTO PRA TE VER
- CONFIE EM MIM
- COMPROMETIDOS
- BÔNUS – PLATÔNICO
- MALES QUE VÊM PARA O BEM
- MALDITOS IMPREVISTOS
- BAILE A DOIS
- DESEJO IRRESISTÍVEL
- PRAZER CONDUZIDO
- UNE SURPRISE
- MUITAS FORMAS DE AMAR
- MUITAS FORMAS DE PRAZER
- PASSOS IMPORTANTES
- FRATERNO
- PERDAS
- BOLHA DE AMOR

- SÚBITA MUDANÇA
- FANTASIA
- MEDO IRRACIONAL
- CIÚMES
- REAÇÃO EXAGERADA
- DECISÃO DIFÍCIL
- AMEAÇA
- ÀS CLARAS
- TÉRMINO
- AUSÊNCIA
- CONSCIÊNCIA
- ALGO EM TROCA
- VALENTIN
- O JOIO DO TRIGO
- FAMÍLIA LAURENT
- CONFRATERNIZAÇÃO
- EPÍLOGO
- PECADO IRRESISTÍVEL
- PAIXÃO IRRESISTÍVEL
- PRÓXIMO LANÇAMENTO
- CONTATOS DA AUTORA